



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**  
**DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**DULCE VALENTE PEREIRA**

**PRAGMÁTICA E COMPLEXIDADE: ANÁLISE DE TENSÕES CORPÓREO-  
DISCURSIVAS NO DISCURSO DE SENADORES (AS) BRASILEIROS (AS) EM  
HOMENAGEM AO DIA INTERNACIONAL DA MULHER NO CONTEXTO PÓS-  
IMPEACHMENT**



**FORTALEZA- CEARÁ**

**2019**

DULCE VALENTE PEREIRA

PRAGMÁTICA E COMPLEXIDADE: ANÁLISE DE TENSÕES CORPÓREO-  
DISCURSIVAS NO DISCURSO DE SENADORES (AS) BRASILEIROS (AS) EM  
HOMENAGEM AO DIA INTERNACIONAL DA MULHER NO CONTEXTO PÓS-  
IMPEACHMENT

Tese apresentada ao Curso de Doutorado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudiana Nogueira de Alencar

FORTALEZA- CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Pereira, Dulce Valente.

Pragmática e complexidade: análise de tensões corpóreo-discursivas no discurso de senadores (as) brasileiros (as) em homenagem ao dia internacional da mulher no contexto pós-impeachment [recurso eletrônico] / Dulce Valente Pereira. - 2019.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 387 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Tese (doutorado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2019.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Ph.D. Claudiana Nogueira de Alencar .

1. Pragmática. 2. Complexidade. 3. Estereótipo de gênero. 4. Política brasileira. I. Título.

DULCE VALENTE PEREIRA

PRAGMÁTICA E COMPLEXIDADE: ANÁLISE DE TENSÕES CORPÓREO-DISCURSIVAS  
NO DISCURSO DE SENADORES(AS) BRASILEIROS(AS) EM HOMENAGEM AO DIA  
INTERNACIONAL DA MULHER NO CONTEXTO PÓS-IMPEACHMENT

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em  
Linguística Aplicada do Programa de Pós-  
Graduação em Linguística Aplicada do Centro de  
Humanidades da Universidade Estadual do Ceará,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Doutor em Linguística Aplicada. Área de  
Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 30 de janeiro de 2019.

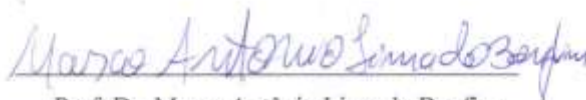
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Gilson Soares Cordeiro  
Instituto Federal do Ceará – IFCE



Prof. Dr. Marco Antônio Lima do Bonfim  
Universidade Estadual do Ceará – MIHL/UECE



Prof. Dra. Maria Helenice Araújo Costa  
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dra. Leticia Adriana Pires Ferreira dos  
Santos  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

À minha mãe amada, Neli, com gratidão por lutar pela minha existencia desde o meu retorno à esta vida até o momento presente, e pelos exemplos de humildade, generosidade e coragem.

À minha irmã querida, Beatriz, com gratidão por me ajudar a reencontrar, muitas vezes, o meu equilíbrio perdido em momentos de arrebatamentos emocionais, e pelos exemplos de firmeza e confiança em si mesmo.

## AGRADECIMENTOS

Á Deus, por seu sopro divino carregado de generosidade, esperança, fé e amor.

À minha mãe querida, a quem eu amo muito, por lutar pela minha vida, incansavelmente, desde que retornei a este mundo.

À minha irmã Beatriz, a quem eu amo muito também, pela sua firmeza e coragem inspiradoras.

Aos seres de luz, queridos no meu coração, Aparecida e Sr. Conde, obrigada por todos os créditos confiados ao meu esforço e dedicação durante o ciclo de transformação intelectual e espiritual.

À querida Profa. Dra. Claudiana, a quem tenho grande admiração por sua coragem, generosidade, inteligência, sabedoria, fé na vida, nas pessoas e num mundo mais humanizado, gratidão por cruzarmos os caminhos há 12 anos, a quem tanto devo por minha formação, não somente acadêmica, mais crítica e humanizada.

À Profa.Dra. Dina, a quem tenho também grande admiração pela intelectual que é e por sua dedicação ao conhecimento, à pesquisa, mas, muito mais do que isso, ao ser humano.

À Profa. Dra. Sandra Gadelha, também por acolher, não somente o meu trabalho, mas por acolher uma aluna completamente fora dos “trilhos” no universo acadêmico, gratidão!

À Profa. Dra. Helenice, por sua generosidade a uma aluna trabalhosa que mal conhecia, não esquecerei jamais o seu acolhimento em dois distintos momentos, numa disciplina ofertada por você e por aceitar o convite para fazer parte da minha banca de professores.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA), por compartilharem comigo o seu conhecimento.

Ao Dr. Dummar, gratidão pelo exemplo de apoio moral em circunstâncias difíceis que exigiam coragem e firmeza para a superação interior.

Ao amigo Marquinhos, obrigada por compartilhar comigo o seu conhecimento, o seu sorriso e a sua alegria.

Aos professores Dra. Letícia e Dr. Gilson, pela compreensão, generosidade e ajuda para que eu pudesse finalmente concluir esse ciclo acadêmico.

Aos meus amigos e amigas, que torcem por mim, apesar da minha distância.

À Marilene, pela alegria, à Jamile, por toda atenção que teve comigo.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), por custear parte desta pesquisa.

“Não só o vento dos acontecimentos me agita conforme sua inclinação, como, além disso, eu mesmo me agito e me atormento pela instabilidade de minha postura; e quem se observa duas vezes de perto raramente se vê duas vezes no mesmo estado. Dou à minha alma ora um aspecto, ora outro, segundo o lado por onde a examino. Se falo de mim de diversos modos é porque me observo de diversos modos. Em mim encontram-se, de um jeito ou de outro, todas as contradições”.

(Montagne)

## RESUMO

O estereótipo consiste numa estratégia discursiva de poder paradoxal, que busca a fixação e também o movimento, porque os sentidos são ansiosos por outros sentidos (BHABHA, 2010). Com este entendimento, a presente pesquisa investigou a reiteração de estereótipos clássicos de gênero nas performances corpóreo-discursivas dos (as) senadores (as) brasileiros (as) na solenidade realizada em 08 de março de 2017 para celebrar o Dia Internacional da Mulher no Senado Federal, no contexto pós-impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff. Para tanto, a investigação esteve apoiada nos princípios da epistemologia da Complexidade (MORIN, 1997) em sua relação com a Pragmática (AUSTIN, 1990; DERRIDA, 1991; 2011), com a teoria performativa de gênero (BUTLER, 1997; 2010), com o entendimento da violência como um fenômeno complexo (ŽIŽEK, 2014) e com os estudos sobre a ambivalência do estereótipo (BHABHA, 2010). O *corpus* coletado e analisado foram os discursos dos (as) senadores (as) brasileiros (as) proferidos na referida data solene, e as categorias analíticas são oriundas da Sociolinguística Interacional e da Antropologia Linguística: “pistas de contextualização” (GUMPERZ, 2013), “reciclagem”, “reenquadramento” e “retransposição” (TANNEN, 2006), *footing* (GOFFMAN, 2013), “esquemas interativos de conhecimento” e “enquadres” (TANNEN; WALLAT, 2013) e “trajetórias de socialização” (WORTHAN, 2005). Desse modo, a metodologia foi constituída pelas etapas de contextualização histórica do Dia Internacional da Mulher, bem como do processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, coleta, seleção e transcrição de dados linguístico-discursivos e vídeos que foram transformados em imagens, codificação de dados somáticos, procedimentos de análise e discussão dos dados. Como resultado, percebemos que as performances corpóreo-discursivas são constituídas por inteligibilidades de gênero complementares, concorrentes e antagônicas.

**Palavras-chave:** Pragmática. Complexidade. Estereótipo de gênero. Política brasileira.



## ABSTRACT

The stereotype consists of a discursive strategy of paradoxical power, which seeks fixation and also movement, because the senses are anxious for other senses (BHABHA, 2010). With this understanding, the present research investigated the reiteration of classic gender stereotypes in the corporeal-discursive performances of the Brazilian senators at the ceremony held on March 8, 2017 to celebrate International Women's Day in the Senate in the post-impeachment context of former President Dilma Rousseff. To do so, the research was supported by the principles of the epistemology of Complexity (Morin, 1997, 2007, 2001, 2011a, 2011b, 2012b, 2013, 2015) in its relationship with Pragmatics (AUSTIN, 1990; DERRIDA, 1991; 2011), with performative gender theory (BUTLER, 1997; 2010), with the understanding of violence as a complex phenomenon (ŽIŽEK, 2014) and with studies on the ambivalence of the stereotype (BHABHA, 2010). The corpus collected and analyzed were the speeches of the Brazilian senators pronounced on that solemn date. The analytical categories come from Interactional Sociolinguistics and Linguistic Anthropology: "clues to contextualization" (GUMPERZ, 2013), "recycling", "reframing" and "retransposition" (TANNEN, 2006), footing (GOFFMAN, 2013), "Interactive knowledge schemas" and "frameworks" (TANNEN; WALLAT, 2013) and "socialization trajectories" (WORTHAN, 2005). Thus, the methodology was constituted by the stages of historical contextualization of International Women's Day and the impeachment process of the former president Dilma Rousseff, with collection, selection, and transcription of linguistic-discursive data and videos transformed into images, data codification somatic procedures and data analysis and discussion procedures. As a result we perceive that the corporeal-discursive performances are constituted by complementary, competing and antagonistic intelligibility of gender.

**Keywords:** Pragmatics. Complexity. Gender stereotype. Brazilian politics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 —</b>	<b>Circuito tetralógico .....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 2 —</b>	<b>Universo estacionário- movimento perpetuo: circulo vicioso</b>	<b>31</b>
<b>Figura 3 —</b>	<b>Universo diaspórico com pequenos grumos temporários de organização .....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 4 —</b>	<b>Universo incerto .....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 5 —</b>	<b>Relação entre o virtual e o atualizado .....</b>	<b>43</b>
<b>Figura 6 —</b>	<b>Categorias analíticas .....</b>	<b>146</b>
<b>Quadro 1—</b>	<b>Homenageados (as) na sessão solene do dia internacional da mulher, em 08 de março de 2017 .....</b>	<b>138</b>
<b>Quadro 2 —</b>	<b>Senadoras brasileiras que participaram da sessão solene para homenagear o dia internacional da mulher, em 08 de março de 2017 .....</b>	<b>138</b>
<b>Quadro 3 —</b>	<b>Senadores brasileiros que participaram da sessão solene para homenagear o dia internacional da mulher, em 08 de março de 2017 .....</b>	<b>139</b>
<b>Quadro 4 —</b>	<b>Deputadas federais brasileiras que participaram da sessão solene para homenagear o dia internacional da mulher, em 08 de março de 2017.....</b>	<b>140</b>
<b>Quadro 5 —</b>	<b>Transcrição de conteúdo.....</b>	<b>144</b>
<b>Quadro 6 —</b>	<b>Convenções de transcrição (codificação) .....</b>	<b>144</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2</b>	<b>COMPLEXIDADE E PRAGMÁTICA</b> .....	23
2.1	A CARÊNCIA DO PRINCÍPIO DE COMPLEXIDADE NO “FAZER” CIENTÍFICO .....	23
2.1.1	A emergência do circuito tetralógico .....	28
2.1.2	Os operadores da complexidade .....	32
2.1.3	Do objeto ao sistema .....	36
2.1.4	Da organização à auto-organização à auto-eco-organização .....	46
2.1.5	Cultura, sociedade e história .....	49
2.1.6	Sujeito, cognição e linguagem: da complexidade à hipercomplexidade do ser humano .....	54
2.2	COMPLEXIDADE NA E DA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA .....	61
2.2.1	Complexidade nos/dos/pelos atos de fala: a relação entre contexto e as propriedades de iterabilidade, recursão e retroação .....	61
<b>3</b>	<b>LINGUAGEM E VIOLÊNCIA</b> .....	71
3.1.	A PROPÓSITO DA VIOLÊNCIA .....	71
3.2.	A COMPLEXIDADE DA VIOLÊNCIA.....	72
<b>4</b>	<b>LINGUAGEM E FEMINISMO</b> .....	77
4.1.	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE A ATUAÇÃO POLÍTICA FEMININA/ FEMINISTA .....	77
4.2.	TEORIA E AÇÃO POLÍTICA FEMINISTA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS DOS ESTUDOS DE GÊNERO .....	87
<b>5</b>	<b>ESTILIZAÇÃO DE GÊNERO E PODER</b> .....	94
5.1	PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO .....	94
5.2	GÊNERO E PODER .....	102
<b>6</b>	<b>ESTEREÓTIPO DE GÊNERO</b> .....	110
6.1	A DICOTOMIA MASCULINO-FEMININO: <i>PER SI, A PRIORI</i> E HIERÁRQUICA .....	110
6.2	ESTEREÓTIPOS: A FORÇA DA AMBIVALÊNCIA .....	115
<b>7</b>	<b>INSTRUMENTAL TEÓRICO-ANALÍTICO PARA ANÁLISE DE</b>	

	<b>PERFORMACES CORPÓREO-DISCURSIVAS DE GÊNERO .....</b>	121
7.1	PERFORMANCES CORPÓREO-DISCURSIVAS .....	121
7.2	TRAJETÓRIAS DE SOCIALIZAÇÃO .....	123
7.3	FOOTING .....	125
7.4	RECICLAGEM, REENQUADRAMENTO E RETRANSPOSIÇÃO.....	126
7.5	ESQUEMAS DE CONHECIMENTO E ENQUADRES INTERATIVOS .....	127
7.6	PISTAS DE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	129
<b>8</b>	<b>TRAJETÓRIA METODOLÓGICA .....</b>	<b>130</b>
8.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	130
8.2	AS ORIGENS HISTÓRICAS DO 08 DE MARÇO COMO O DIA INTERNACIONAL DA MULHER .....	133
8.3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	141
<b>8.3.1</b>	<b>Coleta e seleção de dados .....</b>	<b>141</b>
<b>8.3.2</b>	<b>Procedimentos de transcrição.....</b>	<b>142</b>
8.3.2.1	Transcrição da dimensão linguístico-discursiva e somática .....	143
<b>8.3.3</b>	<b>Procedimentos para análise e discussão dos dados .....</b>	<b>145</b>
8.3.3.1	Instrumental analítico .....	145
8.3.3.2	Articulação do instrumental teórico-analítico.....	146
<b>9</b>	<b>ANÁLISE DAS PERFORMANCES CORPÓREO-DISCURSIVAS DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO DE SENADORES (AS) BRASILEIROS (AS) .....</b>	<b>149</b>
9.1	PRIMEIRO PLANO DE ANÁLISE: PERFORMANCES CORPÓREO- DISCURSIVAS DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO TRADICIONAIS .....	149
<b>9.1.1</b>	<b>“Presidenta ou Presidente”.....</b>	<b>149</b>
<b>9.1.2</b>	<b>“Eu vi hoje aqui algumas pessoas que nem são desta Casa virem aqui com essa gritaria, fazer apitão”.....</b>	<b>151</b>
<b>9.1.3</b>	<b>“Sr. Presidente... Sr<sup>a</sup> Presidenta, não, Presidente mesmo. Negócio de Presidenta, esse trem acabou”.....</b>	<b>156</b>
<b>9.1.4</b>	<b>“porque a mulher tem o coração mais flexível”.....</b>	<b>159</b>
<b>9.1.5.</b>	<b>“uma característica feminina óbvia é o olhar mais atento e detalhista que o do homem”.....</b>	<b>161</b>
9.2	SEGUNDO PLANO DE ANÁLISE: PERFORMANCES CORPÓREO- DISCURSIVAS DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO AMBIVALENTES	

.....	166
<b>9.2.1</b> “Eu estou aqui para falar em nome da Bancada feminina”.....	166
<b>9.2.2</b> “não sou feminista”.....	169
<b>9.2.3</b> “a declaração do Presidente Michel Temer não foi feliz ao dizer que a mulher serve para controlar preços nos supermercados”.....	174
<b>9.3</b> TERCEIRO PLANO DE ANÁLISE: PERFORMANCES CORPÓREO-DISCURSIVAS DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO DESLOCADAS E RESSIGNIFICADAS .....	178
<b>9.3.1</b> “um feminismo para 99% das pessoas”.....	179
<b>9.3.2</b> “nós temos que educar os meninos a também nos ajudarem a cuidar das crianças, a lavar a louça, a varrer”.....	184
<b>9.3.3</b> “Aliás, qualquer homem que prega uma sociedade igualitária tem que, por excelência, nos atos e nas atitudes, ser feminista”.....	190
<b>9.3.4</b> “E a gente viu o que fizeram contra a Presidenta Dilma: machismo, sim; misoginia, sim. Montou um governo só de homens”.....	193
<b>9.3.5</b> “mas dos que eu ouvi, foram poucas as mulheres que se referiram às mães e dos homens que eu tenho escutado, todos reverenciam a genitora”.....	197
<b>9.4</b> RESULTADOS .....	202
<b>10</b> CONCLUSÃO .....	204
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	207
<b>ANEXOS</b> .....	216
ANEXO A- NOTAS TAQUIGRÁFICAS: CONGRESSO NACIONAL- 08 DE MARÇO DE 2017 .....	217
ANEXO B- NOTAS TAQUIGRÁFICAS: CONGRESSO NACIONAL- 09 DE MARÇO DE 2017 .....	323

## 1 INTRODUÇÃO

Em minha pesquisa de mestrado analisei a constituição de sentidos linguístico-discursivos da identidade feminina de Dilma Rousseff, na época, em seu primeiro mandato presidencial. Durante os desdobramentos da investigação veio à tona a questão do estereótipo, pois Dilma ora reiterava, ora contestava, ora ressignificava sentidos clássicos de gênero. Decerto, em suas performances sociais, a ex-presidenta transitava por 03 (três) tipos diferentes de identidade de gênero, a saber, de “legitimação”, de “resistência” e de “projeto” (CASTELLS, 2010) em relação à historicidade do falocentrismo, claro, a depender dos contextos *praxiológicos* nos quais estava situada.

O cenário político brasileiro ainda é marcadamente composto por homens, evidenciando o quanto a questão de gênero é um importante fator na discussão da profunda desigualdade de poder entre homens e mulheres, não somente na representação política, mas em postos de trabalho, principalmente de comando, no cuidado da família e da casa, dentre outros aspectos. O fato é que pude observar que Dilma mobilizava o seu poder público e político em favor do empoderamento feminino, assegurando um número significativo de mulheres em postos de comando, como ocorreu na formação de sua equipe ministerial, e contestando a visão de mundo falocrática em seu estado objetivado e subjetivado nas estruturas sociais e no inconsciente dos sujeitos (BOURDIEU, 2008). Embora o quantitativo de mulheres na política brasileira ainda seja pequeno, fora o fato de algumas destas mulheres perderem de vista a questão de gênero<sup>1</sup>, algo que tem sido comprovado em pesquisas recentes, colabora na ressignificação do contexto social, cultural e histórico brasileiro engendrado pelo viés do “machismo”.

Norteadas pelo interesse em promover visibilidade das tensões de gênero ainda existentes na arena política em pleno século XXI, busco compreender como sentidos categorizados em estereótipos de gênero transitam nas performances corpóreo-discursivas dos(as) senadores (as) brasileiros (as) na ocasião da sessão solene da data de 08 de março de 2017, em homenagem ao dia internacional da mulher, no contexto pós-impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff.

É fato que as lutas e reivindicações de diversas mulheres nos diversos contextos históricos de *práxis* humana têm sido empreendidas para combater o “machismo”, pois não foi uma visão e postura “machista”, “falocrática” e/ou “patriarcal” que alijou, — baseada em

---

<sup>1</sup> Cf. PINTO, Céli Regina, 2012, p. 280-281.

argumentos essencialistas que fundamentaram atributos como se os mesmos totalizassem tudo aquilo que uma mulher e um homem podem “ser” e devem “fazer” —, as mulheres de serem protagonistas nos espaços decisórios de poder público e político, do direito a emancipação intelectual e econômica? O Estado moderno se edificou com base nos construtos de cidadania e igualdade, bem como negando às mulheres o direito de serem reconhecidas como “cidadãs” e de exercerem o direito ao voto e representação política.

Assim, o âmbito político é marcado por tensões não somente partidárias, mas também por tensões de gênero. No Brasil, presenciamos no ano de 2011 a emergência de uma mulher ao mais alto cargo de comando público e político: Dilma Rousseff, primeira mulher eleita por voto popular e democrático à presidência da nação. Tal fato não se trata de um acontecimento histórico isolado, mas algo que temos presenciado, à medida que o século XXI avança, em diferentes nações na América, na Europa e na Ásia. Acontece que o cenário político brasileiro ainda é marcado pelo pensamento ocidental tradicional, ou melhor, por um modo de compreensão filosófico dicotômico, linear, essencialista a respeito da relação do mundo com o sujeito e a linguagem. Enquanto esteve no ‘comando da presidência brasileira, Dilma Rousseff foi alvo de valorações, mais precisamente pela mídia, a propósito do seu jeito de “ser” e de “agir” na condição de mulher, que inclui pela linguagem, como alguém que reiterava e constituía a sua identidade de gênero com sentidos de “propriedade” do masculino. Contudo, na época do seu processo de *impeachment*, revistas de circulação nacional a retrataram como uma mulher histérica, pois estava desestabilizada emocionalmente. É típico dos estereótipos clássicos designarem a mulher como emocional e passiva, enquanto que o homem é racional e ativo no mundo social. Tal relação torna evidente o quanto:

A vida humana, em não importa que discurso — quer seja da religião, da filosofia, da literatura, da poesia, da biologia, da sociologia, da antropologia —, é construída sobre uma dicotomia que se torna fundadora de significações e de simbolismos: o feminino e o masculino (SÁNCHEZ, 2007, p. 249).

A fundação de tais significações tem servido como “categorias descritivas da realidade” (SÁNCHEZ, 2007, p.250), pois “essa construção dicotomizada da ordem social está a tal ponto enraizada em todos os discursos” que “está na base da *ordenação* das diversas sociedades” (SÁNCHEZ, 2007, p.252). Tal modo de compreensão dicotômico é problemático, pois além de considerar a constituição dos sujeitos de maneira autônoma, estabelece uma hierarquia entre os pares que ordenam o mundo social. E o mais problemático é conceber os sentidos de cada elemento das dicotomias como algo natural, uma essência

estável, conseqüentemente “fora de possibilidade de alteração, sem história” (SÁNCHEZ, 2007, p.251). Em suma, o processo de essencialização não somente promove o “congelamento”, bem como a “descontextualização de identidades e diferenças como se fossem entidades fixas” (TOSOLD, 2012, p. 191).

Contudo, o que não é evidente, talvez, no discurso do senso comum e também em alguns discursos científicos, filosóficos e políticos, o quanto as dicotomias são marcadas por um poder, veremos mais adiante, que tanto subordina, quanto constitui os sujeitos. Este entendimento vai além daquele que compreende o poder como algo exterior, que se impõe de fora sobre o sujeito. O falocentrismo concerne em uma “formação discursiva de poder” (BUTLER, 1990; 2010).

O poder da linguagem de impor violentamente, por meio de suas formas, um universo simbólico que estabelece hierarquias entre os sujeitos, adquire força *na e pela* reiteração acrítica de sentidos da referida formação de poder. A reiteração, diga-se de passagem, “orienta entendimentos e exerce controle sobre os significados e ações, ao contribuir para sua estabilização”, conseqüentemente, “cria variedades de consensos”, “organiza percepções”, bem como “posiciona interlocutores” (FABRÍCIO, 2014, p. 158-159), ou seja, constituem “os padrões de normatividade, as ações habituais e os estereótipos” (FABRÍCIO, 2014, p.159). A normatividade constituída passa então a ser a Lei que produz e regula os sujeitos. A criação de consensos produz a “experiência dóxica” (BOURDIEU, 2008, p. 17) que diz respeito à apreensão do “mundo social e suas arbitrarias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes” (BOURDIEU, 2008, p. 17) ou, ainda, “a nossa compreensão da identidade e da alteridade e, portanto, nossos sentidos do que significa ser homem ou mulher” (FABRÍCIO, 2014, p.159). Essa divisão adquire “todo um reconhecimento de legitimação” quando a compreensão do sujeito perde de vista tanto “os mecanismos mais profundos”, quanto “as condições sociais de sua possibilidade” (BOURDIEU, 2008, p. 17).

Embora o essencialismo tenha marcado a constituição do sujeito ocidental, vários deslocamentos ocorreram na concepção dominante que o mesmo é alguém autocentrado, autocontido, autossuficiente, soberano em relação aos processos e relações sociais nos diversos contextos de *práxis* humana, conseqüentemente soberano à alteridade.

Especificamente, argumento que a categorização de significações/sentidos em estereótipos de gênero que apontam para “atributos” típicos de mulheres e de homens se trata de um mecanismo de poder, porque promove tanto a inauguração quanto a subordinação do indivíduo como sujeito. E, muito mais do que isso, impõe violentamente um universo



simbólico hierarquizado, promovendo assimetrias entre os gêneros. Não à toa, a primeira violência simbólica empreendida aos indivíduos, ou melhor, a inauguração do indivíduo como sujeito ocorre no instante em que o mesmo é identificado ao nascer como “menino” ou “menina”, reforçado por sistemas simbólicos diversos por meio de aspectos tais como as cores “azul” e “rosa”<sup>2</sup>.

Acontece que pelas lentes de perspectivas como a pragmática, toda e qualquer categorização não consiste num “produto” saturado, mas num “processo” dinâmico e contingencial, marcado pelo acidente, pelas derivas, bifurcações que emergem provocadas pelo “jogo do devir” histórico. O processo de estilização de gênero mostra o quanto os atributos de “feminilidade” relacionados à mulher e os de “masculinidade” ao homem não são essências asseguradas por categorias como o estereótipo, mas conformados pela reiteração a um dado estilo de “ser”. Compreendo que, antes mesmo de serem categorizadas em estereótipos específicos de cada “sexo”, significações que perfazem a “feminilidade” e a “masculinidade” são categorizadas como tais, ou seja, que antes mesmo de se tornarem estereótipos, tais atributos são categorizados como “femininos” e “masculinos”. Daí o entendimento de Morin quando propõe que em cada sujeito tanto reside o masculino quanto o feminino, que, no final das contas, somos todos e todas meio “hermafroditas”.

Com vista ao entendimento da natureza dinâmica da linguagem em relação ao movimento do corpo, indago quais esquemas interativos de conhecimento identitários de gênero são estilizados nos eventos de fala dos (as) senadores (as) brasileiros (as), — justamente na ocasião de homenagem ao dia internacional da mulher, data simbólica bastante significativa para as mulheres —, se os mesmos sinalizam para “traços” de sentidos do falocentrismo e/ou para uma plataforma feminista ou, ainda, para uma confluência de ambos?

A partir desta questão central, delineio as seguintes questões específicas:

- a) As pistas de contextualização suscitam tensas reciclagens, reenquadramentos e retransposições de esquemas de conhecimento estereotípicos de gênero estilizados *no e pelo* discurso de senadores (as) brasileiros (as)?
- b) As tensões entre esquemas de significações estereotípicas de gênero provocam mudanças de *footing* marcadamente tensas?

<sup>2</sup> Cf. Alusão ao discurso da Ministra de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, do atual governo do presidente Jair Bolsonaro (PSL), eleito em 2018: “É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e menina veste rosa”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/v/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-ministra-damares-alves-em-video/7274727/>>; <<https://exame.abril.com.br/brasil/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares-em-video/>>.

- c) Que discursos históricos são entextualizados nas trajetórias de eventos de fala dos sujeitos?
- d) Os efeitos das tensões suscitadas por divergências entre esquemas interativos de conhecimento identitários de gênero dos parlamentares retroagem sob a forma de (re)negociações, e desencadeiam ressignificações de sentidos clássicos de estereótipos de gênero?

A partir de tais questões, busco identificar as “pistas de contextualização” que sinalizam para sentidos linguístico-discursivos de estereótipos de gênero, para compreender os tipos de “esquemas interativos de conhecimento” que constituem a subjetividade dos sujeitos sobre a condição cultural e social do “ser” mulher e do “ser” homem, e como ocorre o “(re)enquadramento” de “reciclagens” de significações categorizadas em estereótipos de gênero na interação de social, se as mudanças de *footing* e “retransposições” tem relação com mudanças de “enquadres interativos” na “trajetória de socialização” dos parlamentares.

Para perscrutar a dinâmica das performances corpóreo-discursivas de gênero com base nas questões suscitadas, esta tese está composta por 10 (dez) seções, a saber, na seção 02 apresento a epistemologia da complexidade em sua relação com a perspectiva pragmática. Especificamente, relaciono os princípios “dialógico”, “recursivo-retroativo” e “hologramático” aos atos de fala “locucionário”, “ilocucionário” e “perlocucionário” propostos por John L. Austin em sua obra intitulada por *Quando dizer é fazer*, para argumentar que a relação entre tais dimensões da linguagem é marcadamente retroativa e recursiva, complementar, concorrente e antagônica. Mostro também como Edgar Morin desloca como base na ideia de “sistema” a concepção de sujeito e de objeto como algo autocontido, autossuficiente, autocentrado, fechado sobre si mesmo, abstraídos dos trilhos da história, ou seja, nos termos de uma tradição clássica filosófica e científica, que predominou em todo o Ocidente até meados do século XX, quando ocorreu um “acidente” nas ciências exatas, especificamente na termodinâmica, com a emergência da “desordem”, pois anteriormente a “ordem” predominara como “rainha” da ciência. Relaciono à concepção de linguagem como forma de “ação” austiniana aos construtos de “contexto” e à propriedade de “iterabilidade” propostos por Jacques Derrida, para argumentar sobre a historicidade de significações categorizadas em estereótipos de gênero, pois os sentidos não são algo dado *a priori*, mas efeitos provocados pelo modo como os sujeitos mobilizam recursos linguísticos em sua relação com recursos extralinguísticos.

Na seção 03, abordo o tema da violência em sua relação com a linguagem com base no entendimento de Slavoj Žižek, segundo o qual 02 (dois) tipos de violência existem, a

saber, objetiva e subjetiva. Enquanto a violência subjetiva é aquele tipo que vem à tona de imediato na subjetividade dos sujeitos, aquelas “explosões” de atos violentos ostensivamente visíveis, a violência objetiva concerne ao tipo empreendido pela linguagem, cuja força impõe, muitas vezes, violentamente, sobre os sujeitos sistemas simbólicos de significação por meio de suas formas, ou melhor, por meio do modo como os próprios sujeitos mobilizam seus recursos linguísticos, bem como ao tipo empreendido por sistemas tais como o econômico e o político. Portanto, os tipos de violência identificados por Žižek são a violência subjetiva, simbólica e sistêmica. Segundo o autor, os tipos de violência subjetiva e objetiva mantêm entre si uma relação complexa, semelhante ao pensamento de Morin a propósito da relação entre os termos, complementar e antagônica.

Na seção 04, informo sobre a relação entre militância e teoria feminista, ou seja, que o feminismo foi um movimento social autocrítico, reflexivo. Especificamente, discorro sobre as lutas e reivindicações das mulheres engajadas ou não ao feminismo, identificando-se ou não como feministas, no decorrer da transição do regime monárquico e do sistema econômico escravocrata para o regime político republicano e para o sistema econômico capitalista, aliado ao intenso processo de urbanização das grandes capitais brasileiras. Mas, muito mais do que isso, sinalizo para o fato que a construção da modernidade ocorreu à custa da exclusão das mulheres da vida política, ou seja, da negação de direitos políticos como o voto e a representação política. Informo sobre a influência que as formatações sociais e políticas ocorridas na Europa e nos Estados Unidos entre os séculos XIX e XX, com foco sobre a atuação das *sufrajetes* inglesas, francesas e estadunidenses, reverberou entre as *sufrajetes* brasileiras tanto na “primeira onda” quanto na “segunda onda” do feminismo, colocando em relevo a forte influência do livro intitulado por *O segundo sexo*, de autoria da feminista francesa Simone de Beauvoir, que reverberou entre as mulheres, colaborando como a emergência da “segunda onda” do feminismo na década de 1960. Em seguida, apresento os deslocamentos teóricos ocorridos em relação às demandas e ações do movimento feminista, com vista à mudança no estado das relações de subordinação e dominação de mulheres pelos homens.

Na seção 05, debruço-me sobre a teoria performativa de gênero, bem como sobre a dimensão cognitiva do poder empreendida por Judith Butler. Ou melhor, apresento de que modo se dá, nos termos de Butler, a constituição identitária de gênero em sua relação aos regimes discursivos de poder como o “falocentrismo” e a “heterossexualidade compulsória”. Com base no “ato performativo” austiniano, esta teórica feminista propõe a noção de “performatividade de gênero” para argumentar sobre o processo de estilização de gênero. Para

tanto, refuta a ideia de que os atributos de gênero sejam “essências” ou “substâncias”, que a existência do sujeito ocorra anterior ao discurso. Enquanto em sua obra intitulada por *Problemas de gênero*, Butler problematiza a dimensão social do poder, em sua obra *A vida psíquica do poder*, será a dimensão cognitiva do mesmo que será o alvo do escrutínio da referida autora, uma vez que, o sujeito, tampouco o gênero, tem um status ontológico anterior aos processos sociais e históricos, pois a sua formação ocorre no interior de regimes discursivos de poder como o “falocentrismo” e a “heterossexualidade compulsória”, ou melhor, a inauguração do indivíduo como sujeito ocorre por meio do mesmo poder que o subordina.

Na seção 06, argumento que o processo de estilização de gênero é marcado por significações categorizadas em estereótipos, categorizações que, diga-se de passagem, podem ser ressignificadas, ou melhor, nos termos de Mondada e Dubois, “deategorizadas”, bem como que processos de estereotipagem estabelecem relações de poder entre os gêneros, mesmo em contextos de *práxis* humana, por exemplo, nos quais mulheres sejam “empoderadas” intelectualmente, economicamente e politicamente. Enfatizo como problemático o fato que o processo de estereotipagem ocorra com base em dicotomias concebidas de modo hierárquico e abstraídas da história. Se os atributos de gênero são identificados e reproduzidos por meio de estereótipos, estes não dizem respeito à essência, algo tomado como natural, tampouco os atributos de gênero dizem respeito à categoria “sexo”. Tanto o “gênero” quanto o “sexo” e a “sexualidade” consistem em produções empreendidas por discursos como o científico, o médico e o jurídico, no interior de regimes de poder. Por muito tempo, acreditou-se que o “gênero” fosse uma inscrição de significados num corpo passivo e o “sexo” algo dado ou que o “gênero” fosse uma extensão do “sexo”. Assim sendo, o estereótipo teria relação direta com a categoria “sexo”. Judith Butler não aborda diretamente a questão do estereótipo, mas podemos perceber o trânsito de tal questão nas entrelinhas ou quando a mesma diz respeito à construção dos atributos de “masculinidade” e “feminilidade”.

Na seção 07, discorro sobre as categorias teórico-analíticas para análise das performances corpóreo-discursivas dos (as) senadores (as) brasileiros (as) na ocasião do evento de 08 de março em homenagem ao dia internacional da mulher, a saber: “trajetória de socialização” (WORTHAM, 2005), para análise do processo de socialização um indivíduo ou grupo de indivíduos através do encadeamento contingente de eventos de fala, nos quais discursos podem ser descentrados e recentrados; “reciclagem”, “(re)enquadramento” e “retransposição” (TANNEN, 2006), respectivamente para análise do fluxo de um tópico, ou

seja, a temporalidade na qual é retomado, da mudança da força ilocucionária que tem relação ao modo como os sujeitos se localizam na interação social, e da transformação que venha ocorrer no estado emocional, gestual, vocal, dentre outros aspectos, do enunciador; “*footing*” (GOFFMAN, 2013), para investigar as mudanças nos eventos de fala em sua relação ao corpo, pois envolve mudança, por exemplo, na postura e no modo de falar; “esquemas de conhecimento” e “enquadres interativos” (TANNEN; WALLAT, 2013), o primeiro termo para abordar o aspecto cognitivo, uma vez que, diz respeito aos padrões de expectativas e suposições a respeito da realidade e dos sujeitos que vem à tona nos eventos de fala, por conta da força histórica de significações, e o segundo, já abordado anteriormente, refere-se a dinâmica de socialização que ocorre pela interação entre diferentes modos como um tópico é orientado; e as “pistas de contextualização” (GUMPERZ, 2013), aproxima-se do conceito de “esquema de conhecimento”, contudo, diferente deste, as pistas tratam de sentidos implícitos, de pressuposições sociais implicadas numa interação de fala.

Na seção 08, apresento a natureza da pesquisa, o contexto histórico do acontecimento de 08 de março em que se comemora o dia internacional da mulher, bem como o contexto de situação pós-impeachment em 2017, os procedimentos metodológicos de coleta, seleção e transcrição de dados, os procedimentos de análise das performances corpóreo-discursivas dos senadores (as) brasileiros (as), tendo em vista o fluxo da relação dos mesmos com regimes discursivos de poder como o “falocentrismo”, conseqüentemente com estereótipos de gênero.

Na seção 09, empreendo a análise e discussão dos dados, iniciada pelas “pistas de contextualização” para identificar sentidos linguístico-discursivos históricos implícitos categorizados em estereótipos de gênero, e para que tipos de inteligibilidade de gênero tais estereótipos sinalizam, ou seja, para quais “esquemas de conhecimento” a respeito da condição do “ser mulher” e do “ser homem”. Identificado estes aspectos micros, busco compreender de que modo ocorrem alterações nas performances corpóreo-discursivas dos parlamentares, mudanças na postura, gestuais, tom de voz, ou seja, de “*footing*” e “retransposições”, se tais alterações têm haver com mudanças de “enquadres interativos”, ou melhor, reenquadramento de força ilocucionária, bem como se estão relacionadas à retomada de tópicos a respeito de padrões de conhecimento de gênero citados na mesma ocasião ou numa outra ocasião recente ao contexto de situacional, ou melhor, à “reciclagens”, para compreender se a trajetória de socialização dos eventos de fala dos sujeitos são marcadas pela reflexividade a propósito de “traços” de sentidos de estereótipos de gênero, sinalizando para descentramentos-recentramentos de discursos *ad infinitum*.

Por fim, na seção 10 teço as considerações finais sobre as inteligibilidades de gênero em jogo na interação entre eventos de fala nas performances corpóreo-discursivas dos (as) senadores (as) brasileiros (as), com vista para a relação entre a força histórica de sentidos do 08 de março como Dia Internacional da Mulher, no contexto pós-impeachment, durante a sessão solene destinada a homenagem desta data simbólica pelo Congresso Nacional Brasileiro.

## 2 COMPLEXIDADE E PRAGMÁTICA

Se produzir conhecimento ocorre pela mobilização de recursos linguísticos, então toda teoria e todo conceito se constitui na “alteridade” de modo situado, bem como se caracteriza pela incompletude ou, em termos derridianos, pela “falta”, embora algumas teorias e conceitos produzidos *numa e por* uma área específica do conhecimento científico advoguem o *status* de soberanas em relação aos demais campos disciplinares. Acontece que, ao modo austiniano, se o “fazer” científico depende da linguagem ou, melhor, de uma metalinguagem, acontece que esta última para se constituir depende dos recursos linguísticos da linguagem que lança mão para promover a sua existência na ciência. Com este entendimento, o que quero argumentar é sobre a característica da complexidade das teorias aqui mobilizadas. Contudo, como podemos compreender a complexidade de uma teoria/ um conceito?

Com base no paradigma complexo, proposto por Edgar Morin, compreendo que a complexidade de uma teoria/conceito se caracteriza, primeiramente pela relação que estabelece com outros termos de outras áreas do conhecimento; segundo, uma vez estabelecida tal relação, esta relação entre os termos não ocorre somente de modo complementar, mas de maneira concorrente e antagônica; assim sendo, a sua estabilidade, embora tenha uma força de coesão, não está totalmente assegurada, pois é ameaçada pelas derivas, pelos acontecimentos, pela contingência existente nos diversos contextos de *práxis* humana.

Norteadas por essa compreensão, arrisco-me, nas linhas que se seguem, relacionar a perspectiva pragmática à epistemologia da complexidade. Especificamente, retenho de ambas as propostas, a saber, da primeira a noção de “ato performativo” (AUSTIN, 1990), de “iterabilidade” e “contexto” (DERRIDA, 1991; 2011), e da segunda a noção de “dialogismo”, “recursividade” e “retroação” (MORIN, 1997; 2001; 2007; 2011a; 2011b; 2012a; 2012b; 2013; 2015), para compreender não somente o caráter constante, fixo e “sacralizado” (RAJAGOPALAN, 2010) de certos significados, mas também a mutabilidade dos mesmos; com efeito, para argumentar sobre o quanto a significação é ambivalente, conseqüentemente os estereótipos.

### 2.1 A CARÊNCIA DO PRINCÍPIO DE COMPLEXIDADE NO “FAZER” CIENTÍFICO

A epistemologia da complexidade proposta por Edgar Morin brota do incômodo deste autor com o modo como a Ciência, desde sua emergência, tem abordado a realidade, o

sujeito e o objeto no mundo. Especificamente Morin refuta o procedimento de mutilação do método cartesiano, inaugurado pelo “pai” da Modernidade René Descartes, o qual procede com base no princípio de disjunção, e perde de vista as interações e as articulações que ocorrem no mundo físico, biológico e antropossocial. Contudo, a proposta da complexidade não descarta a “rainha” da Ciência, a saber, a “ordem”, mas a coloca em relação com a “desordem”. Dessa forma, o mundo e as relações, interações e articulações que ocorrem entre os sujeitos e os objetos são marcados tanto pela ordem, quanto pela desordem:

A complexidade é a união da simplicidade com a complexidade; é a união dos processos de simplificação que são de seleção, hierarquização, separação, redução, com os outros contraprocessos que são a comunicação, que são a articulação do que foi dissociado e distinguido; e é a maneira de escapar à alternância entre o pensamento redutor, que só vê os elementos, e o pensamento globalizado, que só vê o todo (MORIN, 2011, p. 103).

O argumento *supra* citado sinaliza para o quanto é problemático a alternância entre o holismo e o reducionismo. Dessa forma, o que se observa é que a simplicidade não foi descartada, mas, antes, apreendida de outra forma, não em termos clássicos, não nos termos da dualidade cartesiana. A relação entre o simples e o complexo não se trata de uma simples união, mas de uma relação ao mesmo tempo complementar, concorrente e antagônica, pois o uno não se reduz ao complexo e vice-versa, mas são interdependentes:

[...] a complexidade não é apenas a união da complexidade e da não complexidade (a simplificação): a complexidade está no coração da relação entre o simples e o complexo; porque uma tal relação ao mesmo antagônica e complementar (MORIN, 2011a, p. 103).

Morin (2011a) reconhece como problemático o modo como o conhecimento científico tem sido mobilizado com base na ideia que os fenômenos obedeciam a uma ordem simples. Dessa forma, o conhecimento científico procedia de maneira mutiladora, pois tinha em vista dissipar a complexidade dos fenômenos. A realidade era mutilada, pois a Ciência tradicional procedia selecionando e rejeitando dados. Salientamos que tal procedimento se assenta sobre os princípios de *disjunção*, de *redução* e de *abstração*, os quais têm suas raízes históricas em Descartes:

Pode-se diagnosticar, na história ocidental, a hegemonia de um paradigma formulado por Descartes. Descartes separou de um lado o campo do sujeito, reservado à filosofia, à meditação interior, de outro lado o campo do objeto em sua extensão, campo do conhecimento científico, da mensuração e da precisão. Descartes formulou muito bem esse princípio de disjunção, e essa disjunção reinou



em nosso universo. Ela separou cada vez mais a ciência e a filosofia. Separou a cultura humanista, a da literatura, da poesia e das artes, da cultura científica. A primeira cultura, baseada na reflexão, não pode mais se alimentar nas fontes do saber objetivo. A segunda cultura, baseada na especialização do saber, não pode refletir nem pensar a si própria (MORIN, 2011a, p. 76).

O paradigma simplificador, assentado no princípio da disjunção, procedia na busca de uma ordem perfeita que dirigia os fenômenos no mundo. Além de podermos observar o isolamento dos campos do conhecimento científico, — a física, a biologia e a ciência do homem —, também podemos observar a separação que se deu entre o sujeito, que foi transcendentalizado, eliminado do mundo objetivo, e objeto, que, igualmente, foi eliminado metafisicamente do universo subjetivo. Descartes, com base no princípio de disjunção, promoveu a emergência da dualidade entre o universo objetivo e o *cogito* subjetivo, e seria tal dualidade que marcaria não somente a ação da ciência, mas as culturas e as sociedades no Ocidente moderno.

Decerto, segundo Morin (2011a), assentadas na metafísica ocidental, 1) a ontologia se baseava na ideia que as entidades seriam fechadas, detentoras de uma substância, bem como num sistema de oposições, que operavam pela repulsão ou anulação de termos/conceitos uns em relação aos outros, tais como se deu entre sujeito e objeto; 2) a metodologia se caracterizava pelo aspecto reducionista, que norteado pelo princípio de disjunção, buscava chegar as unidades elementares não decomponíveis, e pelo aspecto quantitativo, que serviria de base para outras operações; 3) a lógica, por sua vez, operava pela expulsão do erro e da contradição, pois, somente por meio de tal procedimento, tinha-se o equilíbrio do discurso, bem como orientava todo o pensamento; e 4) a epistemologia “desempenhava sempre o papel verificador do aduaneiro, ou proibidor do policial” embora seja “o lugar ao mesmo tempo da incerteza e da dialógica” (MORIN, 2011a, p. 46). O que acontece é que o problema da ciência clássica foi rejeitar “o acidente, o acontecimento, o acaso, o individual” (MORIN, 2011a, p. 52).

Para Morin, o paradigma simplificador busca colocar ordem no universo, o qual é reduzido a uma lei, a um princípio. Para tanto, tal paradigma expulsa desse mesmo universo toda a desordem, ou seja, podemos observar que, nos termos do referido paradigma, uma vez que, assenta-se sobre os princípios de disjunção, de redução, de abstração, de anulação recíproca, o uno não pode ser também, ao mesmo tempo, o múltiplo. Dessa forma, “nessa vontade de simplificação, o conhecimento científico tinha por missão desvelar a simplicidade escondida por trás da aparente multiplicidade e da aparente desordem dos fenômenos” (MORIN, 2011a, p. 59). É contra esse modo metafísico de proceder ontologicamente,

metodologicamente e epistemologicamente que o autor questionará o modo clássico como tem sido produzido o conhecimento.

Ordem e desordem foram concebidas no pensamento grego em oposição, a saber, enquanto *Dike* significava “a lei e o equilíbrio”, a *Ubris* significava “a louca desmedida”, e na ciência clássica ocidental a ordem era rainha (MORIN, 2013, p. 79) até a emergência da noção de entropia que diz respeito não ao desperdício, mas a perda de aptidão para realizar um trabalho, ou, mais precisamente, a degradação.

De modo geral, segundo Morin (2011a, p. 100), a ideia de desordem no universo físico surge no século XIX. Enquanto os físicos argumentavam e propagavam ao mundo um “princípio de desordem”, o mesmo não se dava para os historiadores e os biólogos, os quais revelavam um “princípio de progressão das coisas organizadas”. Consequentemente se o mundo físico seria a destruição, o mundo biológico seria o progresso. O fato é que o universo deveria enfrentar um paradoxo, a saber, se por um lado o segundo princípio da termodinâmica indicava uma tendência do universo para a desordem, por outro lado, argumentava-se sobre a tendência desse mesmo universo para a ordem, a organização das coisas, e foi justamente nesse ponto que Morin viu a possibilidade de sua proposta, ao indagar de que modo esses dois aspectos poderiam fazer parte de uma mesma realidade, ordem e desordem (MORIN, 2011).

De modo específico, cronologicamente, primeiro a desordem emerge na ciência, no século XIX, no âmbito da termodinâmica, no qual predominava o princípio segundo o qual a energia era considerada uma entidade indestrutível, garantindo ao universo físico eternidade e autossuficiência, por meio da ideia de “degradação”, que ao invés de “desperdício, tratava-se da “energia que toma forma calorífica não se pode reverter inteiramente, perdendo uma parte de sua aptidão para efetuar um trabalho” (MORIN, 2013, p. 53). Esta diminuição de energia para transformar e realizar um trabalho foi denominada por Clausius, na década de 1850, de entropia. Num segundo momento, precisamente na década de 1900, a desordem desabrocha nos fundamentos microfísicos da ordem com a noção descontínua de *quantum* de energia de Max Planck. Acontece que nesse período, a ordem microfísica era concebida como simétrica a ordem macrocômica. Até aqui podemos observar que a ordem microfísica foi deslocada, enquanto a ordem macrocômica permanece inalterada. Contudo, a partir da década de 1920, e mais precisamente na década de 1960, o pilar da “ordem cósmica imperial, absoluta e eterna” será desestabilizado, e a terceira desordem, não somente integrará as duas desordens anteriores, a saber, de degradação de energia e microfísica da material, será de gênese e criação. Especificamente o termo complexidade, no contexto da segunda metade do século XX, emerge:

[...] num domínio que se manteve impermeável tanto às ciências humanas e sociais como às ciências naturais propriamente ditas. Foi no seio de uma espécie de nebulosa em espiral de matemáticos e engenheiros onde surgiram, e imediatamente se ligaram, nos anos 1949-1950, a teoria da informação, a cibernética e a teoria dos sistemas (MORIN, 2007, p. 40).

Contudo, Morin adverte que a complexidade emergiu no referido contexto de maneira restrita, pois mobilizada pela teoria dos sistemas complexos para designar somente como sistemas complexos aqueles empiricamente constatados como sistemas que “se apresentam numa multiplicidade de processos inter-relacionados, interdependentes e retroactivamente associados” devido ao “grande número de interações e retroações, no interior dos quais se desenrolam processos muitos difíceis de prever e controlar”, Morin argumentará que “todo o sistema, qualquer que ele seja, é (ou pode ser entendido como sendo) complexo na sua própria natureza” (MORIN, 2007, p. 40-41).

Saliento, pois julgo pertinente, pois mais adiante abordarei a noção de sistema, que a primeira desordem que diz respeito à noção de entropia, ou seja, ao princípio de degradação de energia da termodinâmica, concebido por Carnot, Kelvin e Clausius, foi transformado em princípio de degradação de ordem no decorrer do século XIX, por Boltzmann, Gibbs e Plack. Dessa forma, o universo concebido como um megassistema fechado, por Clausius, foi contestado por Maxwell, pois não teria como um sistema fechado ter “predileção pela homogeneização e pelo equilíbrio”, uma vez que, tal sistema não teria contribuição alguma de “energia exterior” (MORIN, 2013, p. 55), ou seja, não afetado pelo ambiente, um sistema se mantém constante e imutável. Para Morin não será *sine qua non* a noção de sistema fechado, mas de sistema aberto. Mas importa reter é o fato que “a verdadeira mensagem que nos trouxe a desordem, em sua viagem da termodinâmica à microfísica e da microfísica ao cosmos, é de nos ordenar de partir em busca da complexidade” (MORIN, 2013, p. 65), pois ao invés da compreensão que a evolução ocorreria de maneira simplista, impõe-se outra perspectiva, a saber, a de que a evolução do universo ocorre num mesmo lance através dos processos de “degradação e construção, dispersão e concentração” (MORIN, 2013, p. 65). Portanto, se a desordem não é somente degradação, mas também gênese e criação, advirto que tal noção no esboço e no estabelecimento da epistemologia da complexidade não passa a ser considerada central, um termo mestre, pois:

A ordem, a desordem, a potencialidade organizadora, devem ser pensadas juntas, ao mesmo tempo, em seus caracteres antagônicos bem conhecidos e seus caracteres

complementares bem desconhecidos. Esses termos se remetem um ao outro e formam uma espécie de circuito em movimento (MORIN, 2013, p. 65).

Os termos ordem e desordem não se reduzem um ao outro, mas estabelecem uma relação, algo que para a ciência clássica era inviável, pois a mesma eliminava tudo aquilo que era ambíguo, impreciso, contraditório. Desse modo, Morin (2011a; 2013) irá argumentar em favor da imprecisão, não somente dos fenômenos, mas também dos próprios conceitos. Para o mentor da complexidade, a ciência necessita de certa ambiguidade, e isso inclui conceber de modo ambíguo a relação entre sujeito e objeto, bem como carece reconhecer a existência de fenômenos de liberdade ou criatividade, os quais o paradigma simplificador não é capaz de explicar, pois não os reconhece em sua matriz. A questão não é submeter um termo ao outro, fazer de um termo mestre dos demais, mas colocá-los em relação.

Com vista a promover a conjunção daquilo que foi separado, isolado pelo paradigma simplificador, a saber, o uno e o complexo, Morin (2011a, p.107) argumentará que o simples consiste num momento entre as mais diversas complexidades, ou seja, “o cerne da complexidade é a impossibilidade de homogeneizar e de reduzir, é a questão do *Unitas Multiplex*”.

### 2.1.1 A emergência do circuito tetralógico

A ideia que norteia a epistemologia da complexidade é a de circuito, pois a constituição das sociedades sejam elas biológicas e antropossociais ocorrem por meio da interação entre a ordem, desordem e organização. Segundo Morin, no universo existe mais desordem do que ordem, pois esta última é minoritária. Contudo, embora minoritária, a ordem tem uma força de coesão que assegura a sua permanência no universo em meio às derivas, às turbulências, aos imprevistos e aos acasos.

[...] a ordem não significa apenas as leis, mas também as estabilidades, as regularidades, os ciclos organizadores, e que a desordem não é somente a dispersão, a desintegração, mas pode ser também o tamponamento, as colisões, as irregularidades (MORIN, 2007, p. 42)

Com esse entendimento, ao conceber a complexidade como princípio, Morin refuta o *modus operandi* do pensamento simplificador, a saber, idealizar, racionalizar e normatizar, em favor da ideia de “circularidade”. Esta ideia recusa, conseqüentemente, “a redução de um dado complexo a um princípio mutilante”, “o discurso linear”, bem como “a

simplificação abstrata”, e sinaliza para a possibilidade de “um conhecimento que reflete sobre si mesmo”, que “duas verdades” possam ser concebidas como “duas faces de uma verdade complexa” e que os “círculos viciosos”, os quais significam acúmulo, sejam transformados em “círculos virtuosos”, os quais, ao contrário dos tipos anteriores, significam ciclos “refletidos e geradores de um conhecimento complexo”, ou seja, ciclos que comportam a sua própria reflexividade (MORIN, 2013, p. 32). Para tanto, Morin fia-se na ideia de organização, uma vez que, compreende que exista solidariedade entre os termos, concebendo-a como “um princípio organizador do conhecimento” (MORIN, 2013, p. 34). Em face de tal entendimento, a organização consiste numa ideia capital para a complexidade, pois implica conjunção, associação, relação, entre as ciências e entre as dimensões/ realidades física, biológica e antropossocial:

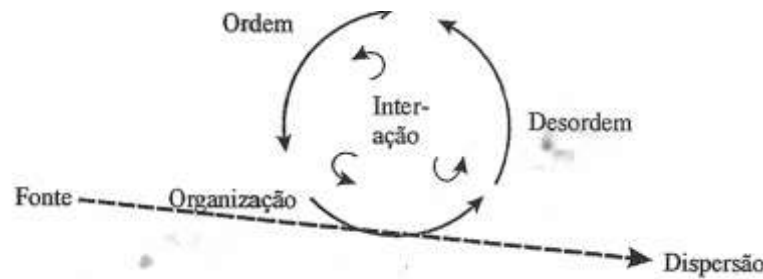
[...] **a organização é o encadeamento de relações entre componentes ou indivíduos que produz uma unidade complexa ou sistema**, dotada de qualidades desconhecidas quanto aos componentes ou indivíduos. A organização liga de maneira inter-relacional os elementos ou acontecimentos ou indivíduos diversos que desde então se tornam os componentes de um todo. Ela assegura solidariedade e solidez relativa a estas ligações, assegurando então ao sistema uma certa possibilidade de duração apesar das perturbações aleatórias. **A organização, portanto: transforma, produz, religa, mantém** (MORIN, 2013, p. 134, grifo nosso).

As noções desordem/organização/interação/ordem adquirem sentido na relação umas com as outras de maneira complementar, concorrente e antagônica, e é justamente tal relação que constitui o circuito tetralógico, o qual, diga-se de passagem, trata-se de um ciclo em espiral. Portanto, a inteligibilidade do circuito é ocorre não na alternativa, na exclusão de uma noção por outra, mas na interação, inter-relação, interdependência. Assim, enquanto ordem e organização são produzidas pela desordem, a desordem é produzida pelas transformações que ocorrem na ordem e na organização. Ordem e desordem são relacionais e relativas, nascem juntas, não se tratam de conceitos absolutos e substanciais. Mas, reitero, a relação entre ordem e desordem ocorre por meio de noções mediadoras, a saber, interação, transformação. A propósito da interação:

[...] **noção intermediária entre desordem, ordem e organização**. Isso significa que esses termos de desordem, ordem, organização são, de agora em diante, ligados *via* interações, em um circuito solidário, em que nenhum desses termos pode ser concebido além da referência aos outros e onde eles estão em relações complexas, ou seja, complementares, concorrentes e antagônicas (MORIN, 2013, p. 73-74, grifo nosso)

Portanto, o circuito tetralógico adquire forma com a noção de interação e, assim sendo, tratando-se de um círculo de coprodução mútua, enquanto as interações são inconcebíveis sem desordem, ordem e organização são inconcebíveis sem interações. Este movimento que ocorre pela interação entre ordem, desordem e organização não consiste num movimento perpétuo, num círculo vicioso, pois no mesmo ocorrem transformações, gêneses e criações. Mais que isso, o circuito é alimentado pela ruptura de uma forma antiga, e tal desestabilização consiste num processo constitutivo de uma nova forma. Num mesmo lance se trata de um processo de desintegração e gênese de forma.

**Figura 1 — Circuito tetralógico**

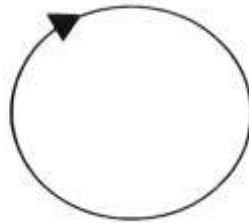


Fonte: Morin (2013)

Norteados pela ideia de circuito, mas intervindo outras noções como catástrofe, caos, diversidade, desigualdade, ambas em relação à desordem, jogo e interação, mas fundamental a de organização, Morin dá forma ao “Tetrálogo”. Como entender a relação entre tantas noções? Explico: enquanto a ideia de catástrofe significa “ruptura/mudança de forma”, e implica “a ideia de Acontecimento e de cascatas de acontecimentos”, mais precisamente provoca a ruptura de uma forma antiga e o advento de uma forma nova, já que “a organização e a ordem do mundo se edificam em e por desequilíbrio e instabilidade” (MORIN, 2013, p. 64); as ideias de diversidade e desigualdade têm estreita relação, uma vez que, a diversidade emerge das desigualdades de condições, processos, encontros, transformações, dentre outras, as quais se superamplificam e se superdesenvolvem por meio de “diversas retroações positivas” (MORIN, 2013, p.70); retroações positivas que significam “acentuação/amplificação/aceleração de um desvio” (MORIN, 2013, p. 68), possíveis pelos jogos de interações; já que as interações consistem em “ações recíprocas” as quais supõem elementos, seres ou objetos materiais e condições de encontro, nos quais as determinações/imposições que dizem respeito aos elementos, objetos ou seres, poderão

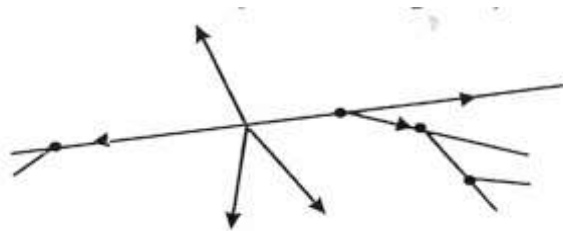
promover associações, combinações, ligações, comunicações, tornando-as inter-relações, as quais, por sua vez, promoverão a emergência de fenômenos de organização (MORIN, 2013, p. 72). Informo que a emergência da desordem, da dispersão, da desintegração de energia, conseqüentemente de degradação de ordem desloca a ideia de universo autossuficiente, ordenado e determinista, pois a desordem concebida como “princípio de dispersão” estará associada a “um princípio contrário de ligação e de organização” (MORIN, 2007, p. 38).

**Figura 2 — Universo estacionário- movimento perpetuo: circulo vicioso**



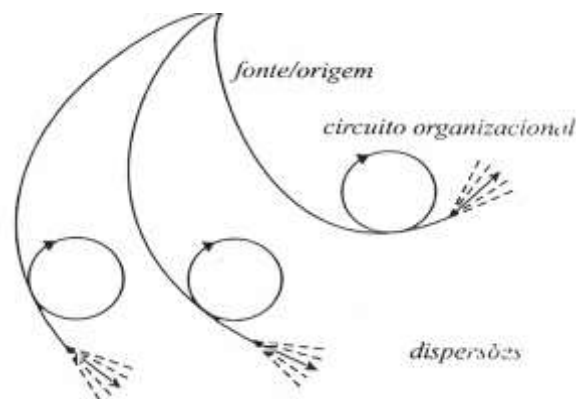
Fonte: Morin (2013)

**Figura 3 — Universo diaspórico com pequenos grupos temporários de organização**



Fonte: Morin (2013)

**Figura 4 — Universo incerto**



Fonte: Morin (2013)

### 2.1.2 Os operadores da complexidade

Entendo que o próprio caminho do rascunho ao projeto da complexidade foi marcadamente complexo, pois a sua edificação sofreu várias bifurcações, encontros e distanciamentos entre distintas teorias, ora sinalizando aspetos produtivos, virtudes, ora sinalizando insuficientes, reducionismos, carências. Não à toa a complexidade operar por meio de 03 (três) princípios que assinalam não somente para uma causalidade linear, mas também para uma causalidade circular retroativa e uma causalidade recursiva. Contudo, primeiramente, detenho-me nos princípios citados anteriormente, para depois adentrar nas referidas causalidades.

Já sabemos que a relação que se estabelece no circuito tetralógico entre os termos desordem, interação, organização e ordem é orientada pelos princípios *supra* citados. Certamente, a relação entre as ideias de interação, transformação e organização, uma vez integrada às noções de desordem e ordem, ocorre no circuito tetralógico de maneira dialógica, ou melhor, a ligação entre os termos é de natureza dialógica, dado entendimento que “o dialógico significa unidade simbiótica de duas lógicas que ao mesmo tempo se alimentam, competem entre si, parasitam-se mutuamente, se opõem e se combatem até a morte” (MORIN, 2013, p.105). Uma ressalva: o dialógico deriva da ideia de dialética. Contudo, enquanto o dialógico está situado no nível do princípio, a dialética que ocorre entre ordem e desordem está situada no nível dos fenômenos (MORIN, 2013). Para tanto, para que ordem e desordem sejam concebidas dialogicamente é fundamental que sejam apreendidas por um princípio complexo, ao contrário do princípio disjuntivo/ simplificador que mutila a realidade, os fenômenos, bem como o sujeito:

Efetivamente, para conceber a dialógica da ordem e da desordem, é preciso deixar em suspenso o paradigma lógico em que ordem exclui desordem e inversamente que desordem exclui ordem. É preciso conceber uma relação fundamentalmente complexa, ou seja, ao mesmo tempo complementar, concorrente, antagonista e incerta entre estas duas noções. Assim, ordem e desordem são, sob um certo ângulo, não apenas distintas, mas em oposição absoluta; sob outro ângulo, apesar das distinções e oposições, as duas noções são *uma* (MORIN, 2013, p. 105, grifo do autor).

O princípio dialógico diz respeito a um processo no qual 02 (duas) lógicas distintas se encontram de maneira não somente antagonica, mas complementar, duas lógicas que, diga-se de passagem, apreendidas em termos clássicos tanto pela filosofia quanto pela ciência, excluem-se mutuamente, pois são absolutas. A dialógica é um processo marcado pela



tensão entre uma lógica e outra. Contudo, também é um processo constituído *na/pela* alteridade. Dessa forma, podemos pensar a relação entre ordem e desordem, ou seja, ambos os termos ao mesmo tempo são antagônicos e concorrentes, também complementam um ao outro.

O princípio recursivo, por sua vez, trata-se de um processo relacionado à noção de organização, bem como ao conceito de retroação, uma vez que, os produtos e os efeitos num mesmo lance são transformados em causas e produtores do que os produziu (MORIN, 2011a):

A sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida, retroage sobre os indivíduos e os produz. [...]. Ou seja, os indivíduos produzem a sociedade que produz os indivíduos. Somos ao mesmo tempo produtos e produtores. A ideia recursiva é, pois, uma ideia de ruptura com a ideia linear de causa/efeito, de produto/produzidor, de estrutura/superestrutura, já que tudo o que é produzido volta-se sobre o que produz num ciclo ele mesmo autoconstitutivo, auto-organizador e autoproduzidor (MORIN, 2011a, p. 74).

Interessante observar a relação entre a ideia de recursão, organização e retroação. Se a recursividade consiste num processo no qual os produtos e os efeitos são transformados em causas e produtores, isto se deve à organização a qual dá forma à dispersão provocada pela ruptura, ou melhor, pela recursividade. Assim sendo, uma vez desencadeada a ruptura de um processo finalizado, o que foi produzido e os efeitos provocados organizados retroagem iniciando outro ciclo ininterruptamente. Entendo que é o que sobra, o que transborda na recursividade que retroage constituindo produtos e efeitos em produtores. Contudo, ainda a propósito do processo de retroação implicado na recursão:

Todo sistema cuja organização é ativa é, na verdade, um sistema no qual antagonismos são ativos. As regulações supõem um mínimo de antagonismos em alerta. **A retroação que mantém a constância de um sistema ou regula uma performance é chamada negativa (*feedback* negativo),** termo bastante esclarecedor: ativada pela variação de um elemento, ela tende a cancelar esta variação. **A organização tolera então uma margem de flutuações que, se não estivessem inibidas aquém de um certo limite, desenvolveriam-se de maneira desintegradoras em retroação positiva.** A retroação negativa é então uma ação antagônica sobre uma ação que por si mesma atualiza forças antiorganizacionais. Pode-se conceber a retroação negativa como um antagonismo do antagonismo, uma antidesorganização ou antiorganização. A regulação em seu conjunto pode ser concebida como um acoplamento de antagonismos nos quais a ativação de um potencial antiorganizational desencadeia o seu rival, que se reabsorve quando a ação antiorganizational se reabsorve (MORIN, 2013, p. 153, grifo nosso).

Portanto, ao contrário do conceito de retroação que é satélite, o conceito de recursividade passa a ser central na epistemologia da complexidade, tendo em vista a organização viva, uma vez que, enquanto o circuito retroativo consiste no processo em que as

interações dão forma organizacional ao disperso, ou seja, organizam e regulam os desvios, o circuito recursivo diz respeito ao processo de produção de estados iniciais ou causas iniciais a partir de estados ou efeitos finais. Assim, a importância da recursividade é que a mesma significa “generatividade, produção-de-si, re-generação e (em consequência) reorganização” (MORIN, 2013, p. 232). A propósito da produção-de-si significa a operação de produção ininterrupta do sistema *no e pelo* circuito retroativo-recursivo; a regeneração significa que quando uma forma organizacional desestabilizada se desorganiza, perdendo a aptidão para se transformar completamente, pois algo se dispersa, conseqüentemente degenera-se, necessita de generatividade para se regenerar; e a reorganização consiste na organização em estado de equilíbrio/desequilíbrio e de estabilidade/instabilidade cujos desvios, os fluxos, ou seja, os elementos em trânsito tornam-se formas organizacionais. De modo específico, a generatividade consiste em “gênese indefinidamente recomeçada, organizada e regulada”, ou melhor, num circuito generativo ininterrupto que “transforma interações em retroações” que produzem no mesmo movimento “ser, existência, organização produtiva” (MORIN, 2013, p. 277). Em suma, trata-se de um processo de geração de circuitos operada por outros circuitos. Contudo, a generatividade ou gênese caracterizada pela repetição que visa assegurar o controle de um estado estacionário de uma organização, que elimina a complexidade, porque elimina os desvios sofre insuficiências e carências, pois:

A gênese adormece, perde toda *poiesis* quando o generativo vira puramente repetitivo, quando as regulações são apenas controle e eliminação dos desvios, quando a produção é apenas fabricante. Mas, ... , a gênese pode se despertar, na mutação genética como na transformação social, e esta regressão rumo à turbulência e ao caos ressuscita uma nova gênese, a qual se torna fonte de um novo circuito generativo. A criação é sempre uma irrupção da gênese na generatividade (MORIN, 2013, p. 277).

O mais importante a reter é a compreensão que a existência de toda e qualquer forma organizacional, realidade, objeto, ou melhor, sistema não parte do “nada”, pois “nada isoladamente é generativo” (MORIN, 2013, p. 232). Circuitos ou ciclos são produtores de outros circuitos. Circuitos geram e regeneram outros circuitos. Circuitos, ciclos, reiterações, recomeços, sempre estarão presentes nos processos recursivos, pois “tudo o que é existência, tudo o que é organização ativa faz a roda” (MORIN, 2013, p. 279).

Por fim, o princípio hologramático assinala a unidade na totalidade, o uno no múltiplo e vice-versa, ou seja, a relação entre as partes constituintes da totalidade. A ideia hologramática desloca o holismo, cuja atenção está voltada somente para o todo, e o

reducionismo, cujo foco reside somente nas partes. Se observarmos atentamente, no princípio hologramático ocorre a confluência dos demais princípios, uma vez que, a relação entre as partes ocorre de maneira complementar, concorrente e antagônica, pois as mesmas não são iguais, caracterizam-se pela diversidade, pois a interação entre elas são marcadas pela desigualdade de encontros, de associações, de combinações, nos quais as partes produzem efeitos que retroagem sobre as mesmas, bem como sobre a totalidade.

Os operadores da complexidade estão presentes em todos os níveis de organizações complexas, como também 03 (três) diferentes tipos de causalidades, a saber, a causalidade linear, a causalidade circular retroativa e a causalidade recursiva. Assim, compreendo que tais causalidades são provocadas pela operação dos princípios expostos acima e caracterizam o modo como as interações, ações, transformações, emergências, ocorrem no circuito tetralógico.

Portanto, enquanto a causalidade linear diz respeito ao processo de transformação, por exemplo, de uma dada matéria-prima em um produto; a causalidade circular retroativa se refere ao processo de retorno do que foi produzido, o qual poderá suscitar ou não a produção de outros produtos ou efeitos; e a causalidade recursiva, por sua vez, refere-se à continuidade do processo de produção, ou seja, ao momento no qual os efeitos e produtos transformados em produtor produzem o que os produziu. Decerto, tanto a sociedade quanto o indivíduo são marcados por tais causalidades, constituem-se ininterruptamente de maneira dialógica, retroativa e recursiva e, assim sendo, jamais são fechados, saturados:

A sociedade, por exemplo, é produzida pelas interações dos indivíduos que a constituem. A própria sociedade, como um todo organizado e organizador, retroage para produzir os indivíduos pela educação, a linguagem, a escola. Assim os indivíduos, em suas interações, produzem a sociedade, que produz os indivíduos que a produzem. Isso se faz num circuito espiral através da evolução histórica (MORIN, 2011a, p. 87).

Considero o circuito tetralógico algo insaturado, e se o mesmo consiste no processo que ocorre na constituição dos contextos *praxiológicos*, das sociedades, das diferentes culturas, bem como do próprio sujeito, então nada está assegurado definitivamente, como supôs toda uma tradição filosófica ocidental e a ciência também ocidental que todo ser, todo objeto, toda realidade seriam essências ou substâncias produzidas fora da materialidade histórica, e asseguradas pelo fechamento dos mesmos.

### 2.1.3 Do objeto ao sistema

Com a noção de organização, Morin desloca e complexifica a noção de sistema concebida e operacionalizada na teoria dos sistemas de maneira simplista, e provoca uma mudança na compreensão de objeto como unidades simples e elementares, uma vez que, “o objeto não é mais uma forma-essência e/ou uma matéria substância”, como previu “o modelo aristotélico (forma/substância) e o modelo cartesiano (objetos simplificáveis e decomponíveis)” (MORIN, 2013, p. 156-157). Ao invés do entendimento que o objeto consiste numa “forma-molde”, “a forma deixa de ser uma essência para se tornar uma ideia de existência e de organização”, pois o mesmo “não pode ser captado nem como unidade pura ou identidade absoluta, nem como composto decomponível”, daí a necessidade de um “conceito sistêmico que exprima ao mesmo tempo unidade, multiplicidade, totalidade, diversidade, organização e complexidade” (MORIN, 2013, p. 156-157). Dessa forma, “a materialidade deixa de ser uma ideia substancial, uma ontologia opaca e plena fechada na forma” (MORIN, 2013, p. 156-157), pois “nosso mundo organizado é um arquipélago de sistemas no oceano da desordem. Tudo que era objeto tornou- sistema” (MORIN, 2013, p. 129):

Encontram-se na natureza concentrações, agregados de sistemas, fluxos inorganizados de objetos organizados. Mas o que é extraordinário é uma impressionante **arquitetura de sistemas se edificando uns sobre os outros, uns entre os outros, uns contra os outros, implicando-se e imbricando-se uns nos outros, com um grande jogo de concentrações**, plasmas, fluidos de microssistemas circulando, flutuando, envolvendo as arquiteturas de sistemas. Assim, **o ser humano faz parte de um sistema social**, no seio de um ecossistema natural, que está no seio de um sistema solar, que está no seio de um sistema galáctico: ele é constituído de sistemas celulares, que são constituídos de sistemas moleculares, que são constituídos de sistemas atômicos. Há nesse encadeamento sobreposição, confusão, superposição de sistemas [...] (MORIN, 2013, p. 129, grifo nosso).

Não se trata mais de conceber o objeto como simples e substancial, mas como sistema, pois “o encadeamento de sistemas de sistemas rompe com a ideia de objeto fechado e autossuficiente” (MORIN, 2013, p. 130). Portanto, não consiste em conceber o sistema de maneira “holista”, nem “reducionista”, mas sempre tendo em vista a inter-relação que se estabelecem entre as partes de um sistema, bem como entre o todo e tais partes que o constituem como Todo. Um sistema é algo paradoxal, ou seja, *Unitas Multiplex*, assim sendo Todo não poderá ser reduzido às partes, nem as partes ao Todo. O Todo enquanto Todo é homogêneo, os constituintes enquanto partes são heterogêneos, daí a necessidade da relação

entre o Todo e as partes para não cair nem na armadilha do “holismo”, que só vê o Todo, nem tampouco na do “reducionismo”, que só vê as partes, é precisa complexificar:

A primeira é fundamental complexidade do sistema é associar em si a ideia de unidade, por um lado, e a de diversidade ou multiplicidade do outro, que, em princípio, se repelem e se excluem. O que é preciso compreender são as características da unidade complexa: **um sistema é uma unidade global, não elementar, já que ele é formado por partes diversas e inter-relacionadas.** É uma unidade original, não original: **ele dispõe de qualidades próprias e irreduzíveis, mas ele deve ser produzido, construído, organizado.** É uma unidade individual, não indivisível: pode-se decompô-lo em elementos separados, mas então sua existência se decompõe. É uma unidade hegemônica, não homogênea: é constituído de elementos diversos, dotados de características próprias que ele tem em seu poder (MORIN, 2013. p. 136, grifo nosso).

Especificamente, a ideia de sistema foi mobilizada por von Bertalanffy na década de 1960, que propôs uma Teoria geral dos sistemas. No entanto, para Morin, a referida teoria mostrou ser insuficiente, pois a mesma não aprofundou os fundamentos do próprio conceito de sistema. Assim, tendo em vista a noção de organização no esboço da epistemologia da complexidade, a definição de sistema proposta por Ferdinand Saussure pareceu mais produtiva, uma vez que, assinala para a existência de uma relação solidária entre os elementos no interior de uma totalidade. Diga-se de passagem, a noção saussuriana de sistema o considera como uma totalidade. A partir de então, Morin sugere articular as noções de inter-relação e totalidade à ideia de organização, ao reconhecer o quanto a organização esteve ausente, ou mesmo sufocada entre as noções de inter-relação e totalidade, na maioria das definições de sistema. Acontece que a organização possibilita a associação, não puramente uma adição, entre as noções de inter-relação e totalidade. Dessa forma, torna-se possível conceber o conceito de sistema como “uma unidade global organizada de inter-relações entre elementos, ações ou indivíduos” (MORIN, 2013, p. 133). Importante reter que a noção de sistema não será uma Palavra-Mestre na proposta moriniana, porque:

[...] quanto mais se ultrapassa o sistema, mais se precisa dele. *É quando a teoria do sistema se verifica menos suficiente que ela se torna cada vez mais necessária.* Com efeito, **a teoria do sistema se anima quando há jogo ativo das interações, retroações, emergências, imposições, quando os antagonismos entre as partes, entre as partes e o todo, entre o emergente e o imerso, o estrutural e o fenomenal, se põem em movimento.** A teoria do sistema ganha vida onde há vida, e seu maior interesse teórico se desenvolve ao nível das sociedades humanas, que por outro lado seria grosseiro e mutilante reduzir à noção de sistema (MORIN, 2013, p. 190, grifo nosso).

O entendimento *supra* citado promove uma mudança ainda inicial na noção de sistema que começa adquirir um sentido complexo concebida em relação aos termos inter-relação e organização. Presenciamos o quanto a ideia de organização é capital para a compreensão do modo como o conceito de sistema adquire um sentido mais produtivo, uma vez que, “a organização liga, transforma, produz, mantém” os elementos em um sistema, bem como promove a produção e manutenção deste mesmo sistema, ou seja, assegura o processo retroativo tanto das partes quanto do todo (MORIN, 2013, p. 165). A respeito da natureza das ligações entre os elementos, entre os elementos e o todo, entre o todo e os elementos, estas podem ser diversificadas a depender do modo como são combinadas no processo organizacional. A organização pode ser caracterizada como 1) transformação, processo que diz respeito à mudança de um todo através da mudança das partes que o constituem e a mudança de um estado de dispersão ou de uma diversidade em trânsito para uma forma global, ou 2) morfogênese, processo organizacional que constitui uma realidade nova, a saber, uma unidade complexa ou sistema (MORIN, 2013, p. 165). Decerto, entendo que organização é ambivalente, porque tanto forma quanto transforma o que produziu. Dessa forma, importante reter da ideia de organização:

**A ideia de organização [...] deve ser concebida necessariamente em função do macroconceito trinitário sistema/inter-relação/organização no qual ela se insere: ela** deve ser pensada de maneira não reducionista, mas articuladora, não simplificante, mas multiramificada; ela comporta de maneira nuclear as ideias de reciprocidade de ação e de retroação; esta última, que fecha o sistema em si mesmo em um todo voltado às suas partes, fecha também a organização em si mesma; a partir daí a organização surge como uma realidade quase recursiva, ou seja, cujos produtos finais se fecham nos elementos iniciais; daí a ideia de que a organização é sempre também, ao mesmo tempo organização da organização.

É uma noção circular que, remetendo ao sistema, remete a si mesma; com efeito, ela é constitutiva de relações, formações morfostases, invariâncias, etc., que circularmente a constituem. A organização deve então ser concebida como organização de sua própria organização, o que quer dizer também que ela se encerra em si mesma e encerra o sistema com relação ao seu meio ambiente (MORIN, 2013, p. 169, grifo nosso).

Em relação à ordem, a ambivalência da noção de organização reside no fato que uma ordem organizacional não apenas pode ser “a armação ou o esqueleto de todo sistema”, como também o desdobramento de novas organizações a partir desta armação sistêmica. Este desdobramento poderá se amplificar e se desenvolver num *continuum* constituindo outras organizações, promovendo o desenvolvimento de sistemas de sistemas de sistemas (MORIN, 2013, p.167). Se o jogo das interações possibilita que um sistema seja num mesmo movimento autônomo e dependente em relação ao seu exterior, este duplo jogo de abertura-

fechamento e vice-versa é alimentado pelo “devir”, que mesmo apesar da sua ânsia pela estabilidade, um sistema também anseia a regeneração, a vitalidade. Assim, do ponto de vista do “devir”, um sistema é “um sistema-aprendiz” que se desdobra, prolifera-se pelo jogo da recursão-retroação em polissistemas (MORIN, 2013, p. 93). Identifico como “desdobramento” o processo de proliferação de um sistema provocado pela ruptura, ou seja, pela recursão num circuito constituído e constituindo outros circuitos. Dessa forma, à medida que um circuito entra na fase de desestabilização provocada pelo jogo do “devir”, a desorganização de um sistema tende à entropia, que diz respeito a “uma tendência irreversível para a desorganização” (MORIN, 2013, p. 94).

Contudo, uma vez que, esse mesmo circuito entra novamente numa fase de organização, que implica seleção e regulação de elementos, conseqüentemente de ordem, este processo contrário à entropia é denominado neguentropia. O fato é que nenhum sistema pode se regenera sozinho, por isso é imprescindível considerá-lo não isoladamente, mas em relação ao meio ambiente.

A articulação entre as noções de organização e inter-relação, assinalada por Morin, ao conceito de sistema possibilitou conceber as estabilidades ou regularidades que asseguram a ordem organizacional em relação ao jogo do “devir”. Especificamente, enquanto a ideia de inter-relação significa a relação que se estabelece entre os elementos e o todo, ou seja, a ligação entre os elementos ou indivíduos, bem como a ligação entre estes e o todo, adquirindo um caráter organizacional; a ideia de sistema diz respeito à inter-relação entre “a unidade complexa do todo” com as “suas características e propriedades fenomenais” (MORIN, 2013, p. 135); a ideia de organização consiste no modo como as partes estão dispostas umas em relação às outras na unidade global complexa através das inter-relações entre as mesmas. O que caracteriza um sistema, diz Morin (2013), é a sua organização, a unidade global, bem como as qualidades e propriedades que surgem das inter-relações entre as partes e a unidade complexa do todo. Não podemos reduzir nem o todo às partes, nem as partes ao todo, porque tal relação entre tais aspectos de um sistema carecem ser concebidas de modo complementar e antagônico. Assim, enquanto a organização e as qualidades ou propriedades caracterizam o todo, o todo e as emergências consistem em produtos da organização. A propósito das emergências:

A emergência é uma qualidade nova com relação aos componentes do sistema. Ela tem, portanto, virtude de *acontecimento*, já que ela surge de maneira descontínua uma vez que o sistema já está constituído; ela tem o caráter de *irreducibilidade*; é uma qualidade que não se deixa decompor, e que não se pode deduzir de elementos anteriores (MORIN, 2013, p. 140, grifo do autor).

A organização produz a emergência, que marcada pelo dialogismo, tanto pode ser relativa quanto absoluta. Relativa em relação ao sistema, absoluta na condição de novidade. Assim, a emergência tanto está presente no plano da unidade complexa do todo, quanto no plano dos componentes que constituem o todo. De modo específico, a emergência, uma vez produzida pela organização, tem caráter de produto; se tem virtude de acontecimento, caracteriza-se como qualidade, se é indissociável do todo, liga-se a globalidade; e se consiste numa qualidade nova, deve-se ao fato que o seu surgimento se dá em relação às qualidades anteriores dos elementos de um sistema. Contudo, enquanto as retroações positivas suscitam qualidades emergentes as quais “sobem umas sobre as outras, a cabeça de umas se tornando os pés das outras” ou, em outros termos, “como o fruto, produto final, é também o ovário portador das virtudes reprodutoras” colaborando para produzir e reproduzir aquilo que a produziu (MORIN, 2013, p. 142), as retroações negativas inibem ou fazem perder qualidades ou propriedades, pois em todo sistema existem também “coerções sobre as partes, que impõem restrições e servidões” (MORIN, 2013, p. 145). Em suma, o desenvolvimento da organização é marcado tanto por um princípio de emergência, quanto por um princípio de imposição:

O determinismo interno, as regras, as regularidades, a subordinação dos componentes ao todo, o ajuste das complementaridades, as especializações, a retroação do todo, a estabilidade do todo e, nos sistemas vivos, os dispositivos de regulação e de controle, a ordem sistêmica enfim, se traduzem em imposições. Toda associação implica imposições: imposições exercidas pelas partes independentes umas sobre as outras, imposições das partes sobre o todo, imposições do todo sobre as partes. Mas enquanto as imposições das partes sobre o todo estão ligadas em primeiro lugar às características materiais das partes, as imposições do todo sobre as partes são em primeiro lugar organização (MORIN, 2013, p. 145).

Enquanto o desenvolvimento de certos sistemas se complexifica com retroações positivas, outros marcadamente hierárquicos, especializados, opressores, inibidores de liberdade, de escolha, de decisão e de desenvolvimentos complexos são subdesenvolvidos, porque as imposições coagem, sufocam as possibilidades existentes no próprio sistema, ou seja, as retroações negativas inibem o desdobramento de ciclos, a reorganização do que transborda dos produtos finalizados, os seus efeitos para se tornarem produtores do que os produziu, inibem o desencadear de emergências de emergências de emergências, conseqüentemente de sistemas de sistemas de sistemas. No meu entendimento, emergências e



imposições definem o tipo de ordem constituída pelo processo organizacional, assim sendo, num sistema poderão existir diversos tipos de ordens, a saber:

**Os verdadeiros e múltiplos desenvolvimentos da ordem se efetuam junto com a organização: ordem de junção (estrutura);** ordem de imposições internas e externas; ordem de simetria; ordem de estabilidade; ordem de regularidade; ordem de ciclo; ordem de repetição; ordem de desdobramento; ordem de trocas; ordem de regulações; ordem de homeostase; ordem de controle; ordem de comando; ordem de programa; ordem de reparação e de regeneração; ordem de reprodução idêntica; *ordem de multiplicação que é a multiplicação de tal ordem.*

Assim, a ordem apresenta uma face interessante, rica, ambígua, estranha, completamente ausente da antiga noção simples, clara, evidente, obtusa.

A ordem cessou de ser *uma*. Há ordem no universo, não há *uma* ordem (MORIN, 2013, p. 102-103, grifo nosso, itálico do autor, grifo nosso).

A propósito da noção de estrutura, ou melhor, da ordem caracterizada como estrutura significa “o conjunto de regras de junção, de ligação, de interdependência, de transformações” (MORIN, 2013, p. 169). Acontece que, segundo Morin, a estrutura em relação ao conceito de organização perde em complexidade. Esta compreensão será útil nas seções seguintes nas quais abordo a teoria performativa de gênero, proposta por Judith Butler, em relação à teoria da dominação masculina, proposta por Pierre Bourdieu. Em ambas as teorias a constituição do sujeito ocorre no interior de uma estrutura, no entanto, enquanto aquela mostra de que modo podem ocorrer subversões de gênero no interior da mesma, consequentemente a emergência de posições identitárias que escapam a regulação implicado no processo organizacional, esta não vê como o sujeito pode transbordar a estrutura. Dessa forma, com base na complexidade moriniana, argumento que a estrutura segundo Bourdieu se trata de uma ordem organizacional pobre, estática, enquanto a estrutura para Butler consiste numa ordem organizacional um pouco mais dinâmica, apesar da sua força de coesão e estabilidade que assegura a sua permanência aparentemente imutável no nível da organização social.

Assim, compreendo que se o delineamento de uma concepção complexa de sistema iniciou *na e pela* relação entre as noções de inter-relação e organização, a mesma começa a se estabelecer pelo entendimento que um sistema tanto é marcado por emergências, que significam ganhos, enriquecimento, quanto por imposições, que significam perdas, empobrecimento em seu interior. Saliento que são tais aspectos que diferenciam os sistemas, ou seja, o modo como as imposições e as emergências são produzidas:

Enquanto as emergências desabrocham em qualidades fenomenais dos sistemas, as imposições organizacionais imergem os caracteres inibidos, reprimidos e

comprimidos no nível das partes em um mundo de silêncio. Todo sistema comporta assim sua zona imersa, oculta, obscura, em que pululam as virtualidades sufocadas. A dualidade entre o imerso e o emergente, o virtualizado e a atualidade, o reprimido e o expresso, é fonte de cisões e dissociações nos grandes polissistemas vivos e sociais, entre universo das partes e universo do todo, inclusive entre múltiplas esferas internas e a esfera do próprio todo (MORIN, 2013, p. 161).

Enquanto o predomínio de intensa diversidade, por sua vez, impossibilita um estado constante dentro de um sistema, o predomínio de “uma ordem repetitiva” inibe a emergência da diversidade, caracterizando “sistemas pobremente organizados e pobremente emergentes” (MORIN, 2013, p. 149). Para que ocorra “o desenvolvimento da complexidade” é preciso que ao mesmo tempo exista “uma maior riqueza na diversidade e uma maior riqueza na unidade” (MORIN, 2013, p. 149).

Se num mesmo movimento um sistema adquire a forma de um todo ao passo que seus elementos são transformados, deve-se ao processo recursivo-retroativo que promove a ambivalência entre estados paradoxais equilíbrio-desequilíbrio, estabilidade-instabilidade, regulação-desvios, enfim, entre o todo sistêmico e os componentes que o constituem (MORIN, 2011a, 2013). Certamente, este movimento de formação e transformação ininterrupto, mais precisamente, no nível da organização viva traz à tona “um princípio sistêmico-chave”, a saber, “tudo o que forma transforma” (MORIN, 2013, p. 148). Com efeito, a organização implicada no processo recursivo-retroativo promove a transformação da diversidade em unidade. É o paradoxo do uno e do múltiplo em todo sistema, pois a diversidade é imprescindível à unidade complexa do todo. Contudo, no momento em que a diversidade é transformada em unidade, ela não é anulada, porque a relação estabelecida entre os diferentes tipos de partes ocorre não somente de maneira complementar, mas também concorrente e antagônica. A meu ver, o mais interessante, uma vez que, a diversidade não é anulada, é a organização promover a emergência de diversidade *na e pela* unidade, porque a unidade em termos essencialistas ou substanciais jamais poderá suscitar mudanças, transformações, emergências, pois é algo fechado sobre si, autocontida, autossuficiente. Lembrando que as emergências têm um caráter de novidade. Interessante informar a identidade das partes em relação ao todo evidenciada por Morin:

As partes, o que não se percebeu, têm dupla identidade. Elas têm sua identidade própria e participam da identidade do todo. Por mais diferentes que eles possam ser, os elementos ou indivíduos constituindo um sistema têm pelo menos uma identidade comum de vinculação à unidade global e de obediência às suas regras organizacionais (MORIN, 2013, p. 149).

Importante salientar o quanto a identidade das partes, apesar de serem dependentes da unidade complexa do todo, não são irreduzíveis com relação ao sistema. Ou seja, as partes são paradoxais, uma vez que, não somente devem ser concebidas “em função do todo”, mas também “em isolamento” (MORIN, 2013, p. 159). Tal modo de apreensão rompe com a “armadilha” de deslizar entre o “holismo” e o “reducionismo”, bem como com o procedimento de simplificação, reducionista, formalista, típico do paradigma ocidental clássico, em favor de uma operacionalização norteada pelo princípio de conjunção, ou melhor, pelo princípio da complexidade. Mais ainda, sobre as partes, importante reter a existência de qualidades ou propriedades inibidas no interior do sistema, devido às imposições, coerções, seleções, exclusões, regulações implicadas no processo organizacional. Com vista a tais propriedades ou qualidades sufocadas, Morin (2013) sugere que buscando conhecê-las, simultaneamente, conhecemos também as imposições que asseguram certo estado de ordem no processo organizacional. Acontece que “todo sistema apresenta então uma face diurna emersa, que é associativa, organizacional, funcional, e uma face sombria, imersa, virtual que é o negativo dela” (MORIN, 2013, p. 153). A relação entre tais “faces” é marcadamente antagonista entre “o que é atualizado e o que é virtualizado” (MORIN, 2013, p. 153):

**Figura 5 — Relação entre o virtual e o atualizado**



Fonte: Morin (2013)

A inter-relação organizacional sistêmica é marcada tanto por um princípio de complementaridade quanto por um princípio de antagonismo. Dessa forma, enquanto o primeiro princípio indica um estado de solidariedade no interior de um sistema, o segundo evidencia um estado de tensão no mesmo, a inscrição da contradição entre umas partes e outras, e entre as partes e a unidade complexa do todo, promovendo *no e pelo* jogo das inter-relações e interações organização e, paradoxalmente, desorganização, emergências, diversidade. É o jogo da ordem e da desordem, o jogo do encontro e da repulsão, o jogo da normatividade e da subversão, da reiteração e da irrupção da reflexividade, estes dois últimos no nível do ser humano e no nível das sociedades antropossociais. O “princípio de antagonismo sistêmico”, Morin (2013, p. 153) argumenta, trata-se da criação e do rechaçamento empreendidas, simultaneamente, num mesmo lance, pelo todo sistêmico complexo.

De modo específico, o antagonismo desabrocha quando ocorre alguma falha na regulação e no controle das contradições e complementaridades, promovendo crise no sistema. Tal crise é caracterizada pela mudança de diferenças que se colocam umas perante as outras em estado de oposição, bem como pelas complementaridades em estado de antagonismo. Contudo, se um processo organizacional sistêmico é marcado por rica complexidade, correndo risco de crise, este mesmo processo poderá suscitar um desenvolvimento cada vez mais complexo do sistema, à medida que o próprio sistema for capaz de superar o estado de crise. Se a alta complexidade coloca o todo e as suas partes em estado de crise, resulta que a unidade complexa do todo é caracteriza pela incerteza, indicando o quanto é problemático conceber um sistema de modo isolado e fechado, sem a promoção da abertura, principalmente quanto se trata de conceber “os sistemas de alta complexidade biológica” e o “monstro trissistêmico”, a saber, o ser humano cuja constituição ocorre *no e pelo* jogo das “inter-relações e interações entre espécie, indivíduo, sociedade” (MORIN, 2013, p. 163). Advirto que o “fechamento” de um sistema que ocorre no processo recursivo-retroativo difere em relação ao tipo de organização, ou melhor, “a organização fechada se distingue radicalmente da organização bloqueada”, pois “quanto mais complexo é um sistema, mais ampla é a sua abertura, mais forte é o seu encerramento” (MORIN, 2013, p. 171). Portanto, o paradoxo abertura-fechamento e vice-versa mostra o quanto a autonomia de um sistema é relativa, porque o desenvolvimento da complexidade do mesmo depende não somente da sua relação com o meio exterior, mas também da sua relação com o sujeito:

Sempre há, portanto, na extração, no isolamento, na definição de um sistema, algo de incerto ou arbitrário: sempre há decisão e escolha, o que introduz, o que introduz no conceito de sistema a categoria do *sujeito*. O sujeito intervém na definição de sistema através e por seus interesses, suas seleções e finalidades, ou seja, ele traz ao conceito de sistema, pela sua determinação subjetiva, a superdeterminação cultural, social e antropológica.

Assim, o sistema requer um sujeito que o isole no burburinho polissistêmico, o recorte, o qualifique, o hierarquize. Ele remete não apenas à realidade física no que ela tem de irredutível ao espírito humano, mas também às estruturas deste espírito humano, aos interesses seletivos de observador/sujeito e ao contexto cultural e social do conhecimento científico.

Do caráter subjetivo do sistema decorrem duas consequências extremamente importantes.

A primeira é um princípio de incerteza quanto à determinação do sistema no seu contexto e seu complexo polissistêmico.

A segunda consequência é um princípio de arte [...] (MORIN, 2013, p. 177).

Considerando o objeto não mais como uma entidade absoluta, fechada, autossuficiente, mas como sistema, a proposta epistemológica moriniana, no desenvolvimento de uma noção complexa de sistema, promove a confluência, o encontro de diversos aspectos, ou seja, atravessamentos sociais, culturais, subjetivos, dentre outros. Enriquece a noção de sistema, a qual está na base do desenvolvimento da complexidade ao promover a relação entre as dimensões física, biológica e antropossocial, especificamente a relação dialógica, recursiva e retroativa entre as operações da linguagem e as operações cognitivas com as atividades sociais e culturais e estas em relação àquelas. De fato, perdeu-se de vista a complexidade da vida mutilada pelo paradigma simplificador ocidental, e, vez ou outra ao logo das sociedades históricas, busca-se colocá-la numa camisa de força, ou em termos morinianos, num “espartilho”, algo típico dos sistemas totalitários. Portanto, Morin enriqueceu a ideia de sistema apreendida como circuito tetralógico, caracterizado como um processo de formação e transformação de forma, de ruptura e de reorganização, de emergências e imposições, e deu origem ao conceito sistêmico complexo:

De agora em diante, o sistema, ou unidade complexa organizada, surge-nos como um conceito-piloto, resultando das interações entre um observador/conceituador e o universo fenomenal; ele permite representar e conceber unidades complexas, constituídas de inter-relações organizacionais entre elementos, ações ou outras unidades complexas; a organização que liga, mantém, forma e transforma o sistema, comporta seus princípios, regras, imposições e efeitos próprios; o efeito mais notável é a constituição de uma unidade global retroagindo sobre as partes e a produção de qualidades emergentes, tanto no nível global quanto no das partes; a noção de sistema não é nem simples nem absoluta; ela comporta, na sua unidade, relatividade, dualidade, multiplicidade, cisão, antagonismo; o problema de sua inteligibilidade abre uma problemática da complexidade (MORIN, 2013, p. 187).

#### 2.1.4 Da organização à auto-organização à auto-eco-organização

No desenvolvimento de sua proposta epistemológica complexa, Morin (2013, p. 188), ao mobilizar o conceito de sistema chega-se ao conceito de “máquinas naturais”, uma vez que, o sistema consiste num “conceito complexo de base”. Assim, a partir da ideia de sistema complexificada pela apreensão da mesma em relação ao circuito tetralógico, por meio do qual ocorre o desenvolvimento de todo e qualquer sistema *na e pela* relação entre os termos desordem/interação/organização/ordem os quais, por sua vez, interagem dialogicamente, recursivamente e retroativamente, chega-se a uma concepção de ser humano, de linguagem, de cultura e sociedade como “máquinas vivas”, as quais diferem das “máquinas artificiais”. Portanto, longe de ser uma Palavra-Mestre, a concepção de sistema operacionalizada na epistemologia complexa moriniana, trata-se da “raiz da complexidade” (MORIN, 2013, p. 188).

Dessa forma, com a emergência da noção de “máquina viva” ocorre uma mudança produtiva na ideia de organização pela inclusão da noção de “autos”, tendo em vista o aspecto da autonomia presente em todo e qualquer sistema, seja no sistema da linguagem, da vida, nos sistemas culturais e sociais, no “monstro trissistêmico”, que é o ser humano, e no “conceptor hipercomplexo”, o cérebro. Contudo, com base no entendimento que o ser, a existência, a vida, não se regeneram sozinhos, de maneira autossuficiente, autocontida, mas em relação ao meio exterior, alimentam-se, desenvolvem-se, complexificam-se na interação com o contexto, a noção de “auto-organização” passa a ser concebida como “auto-eco-organização” (MORIN, 2007; 2011a; 2013). Paradoxalmente, a noção “autos” sinaliza para a autonomia e para a dependência do indivíduo-sujeito em relação ao meio no qual esteja situado. Percebemos o quanto a organização é um conceito capital para uma proposta que visa integrar o que foi dissociado pelo paradigma disjuntivo, reducionista, simplificador, e situada no sistema, com vista a integrar a realidade física e realidade biológica à antropossocial e vice-versa, Morin mobiliza a noção de “autos” com a finalidade de:

[...] compreender o ser vivo, que adquire o caráter *indivíduo-sujeito*. Não há *autos* sem indivíduo-sujeito, não há indivíduo-sujeito sem *autos*. *Autos* e indivíduo-sujeito são distintos, irreduzíveis um ao outro, e ao mesmo tempo implicam-se mutuamente; melhor, cada um contém o outro; o indivíduo-sujeito contém o *autos* que o contém (MORIN, 2015, p. 283, grifo do autor).

Historicamente, a noção de auto-organização emergiu na teoria dos autômatos autorreprodutores com von Neumann, bem como no esboço de uma teoria metacibernética,

mais precisamente nas décadas de 1950 e 1960, com Ahsby, von Foerster, Gottard Gunther, dentro outros. Posteriormente, no âmbito das ciências biológicas, o referido termo foi retomado na década de 1970 por Henri Atlan. Contudo, na cibernética, o projeto estancou, definhou em seu estado inicial, porque a proposta restava muito abstrata, muito formal para conceber a vida, uma vez que, a teoria da auto-organização fora feita para compreendê-la (MORIN, 2011a). Retomemos: o surgimento da ideia de desordem no âmbito das ciências dito “duras” foi marcado por altos e baixos, pois em toda ciência ocidental predominava o paradigma da ordem. Acontece que a desordem reverberou em outros domínios da ciência, com base na ideia que um estado de ordem se dispersa, degrada-se no meio exterior, bem como se reorganiza, apesar da dispersão não ser totalmente apreendida no processo de criação de uma nova forma, unidade complexa. É a aplicação do segundo princípio da termodinâmica de degradação de ordem, é a relação entre entropia e neguentropia o motor de uma proposta de uma teoria da auto-organização viva no âmbito das ciências biológicas. Portanto, Morin intervém com a noção de auto-organização no desenrolar de sua proposta epistemológica complexa com a seguinte finalidade:

Chamei de auto-organização à organização viva, de acordo com a ideia de que a auto-organização depende do seu ambiente para nele se alimentar de energia e de informação: com efeito, como ela constitui uma organização que trabalha para seu automanter, degrada energia com o seu trabalho e, por consequência, deve retirar energia do seu ambiente. Além disso, deve procurar os seus alimentos e defender-se do que a ameaça, logo deve comportar um mínimo de capacidades cognitivas. Chega-se ao que chamo logicamente o complexo autonomia-dependência. Para que um ser vivo seja autônomo, é preciso que dependa do seu ambiente em matéria e energia, e também em conhecimento e informação. Quanto mais se desenvolver a autonomia, mais se vão desenvolver as dependências múltiplas (MORIN, 2007, p. 45).

Especificamente, de acordo com Morin (2007; 2011a; 2013), von Neumann foi quem estabeleceu a diferença entre a máquina viva e a máquina artificial/artefato. Ele postulou que enquanto na primeira máquina os componentes, ao contrário do conjunto, seriam pouco confiáveis, na segunda seria o conjunto confiável, e não os elementos. A confiabilidade dizia respeito à vitalidade tanto dos elementos quanto do conjunto. Contudo, mais importante reter é o modo como cada máquina poderia se regenerar. Ao contrário da máquina viva com capacidade de autorregeneração, a máquina artefato necessita da intervenção humana. Assim, com base no entendimento inicial que os seres vivos, diferentemente das máquinas artificiais, são máquinas vivas, Morin aprofunda a ideia de máquina viva, ao relacioná-la a noção de sistema, no desenvolvimento de sua proposta epistemológica complexa, e estende a referida

noção para conceber a linguagem, o cérebro, as sociedades e as culturas. Desta relação, emerge a noção de autonomia com a ideia de “Si”, uma vez que, “com a vida, o si se torna produtor-de-si (ciclo das reproduções) e, nos seres individuais, o si dá lugar ao *autos*: auto-organização, autoprodução, autorreferência, de onde nascerá o Ego” (MORIN, 2013, p. 263).

A ideia de Si é capital. Ela constitui o fechamento original e fundamental do sistema aberto. Ela é a ideia nuclear de autonomia dos seres-máquinas (não artificiais). Estamos com o si na fonte do que se tornará o *autos* próprio ao ser vivo (auto-organização, autorreorganização; ou melhor: auto-eco-reorganização), noção que será preciso colocar no coração de toda individualidade existencial. E, de circuito em circuito, chegaremos ao circuito recursivo ao mesmo tempo o mais fechado e o mais aberto: a consciência do homem (MORIN, 2013, p. 262).

O “autos” consiste num macroconceito multidimensional já que está associado uma série de outros conceitos. Com vista à trindade humana espécie/indivíduo/sujeito, a ideia de “autos” articulada ao circuito tetralógico desordem, interação, organização, ordem, associa de maneira complementar, concorrente e antagônica o meio social e cultural para compreender a relação entre os termos da referida tríade. Compreendo que os termos que constituem a trindade humana, a saber, enquanto a espécie significa à dimensão da vida, ao enraizamento do indivíduo-sujeito na vida, e rompe com a concepção de sujeito transcendental; o indivíduo significa que a autonomia do sujeito é relativa, pois como tal depende para se constituir do contexto *praxiológico* no qual está situado para se produzir, regenerar, enriquecer-se, e desloca a ideia de autonomia como essência e substância; o sujeito significa o enraizamento do ser humano, do indivíduo-espécie, na cultura e na sociedade, ou melhor, na história.

Certamente, a autonomia do sujeito é constituída *na e pela* relação de dependência com diversos fatores, dentre eles, o da linguagem. A noção de “Si” ao ceder lugar à ideia de “autos” para conceber o processo dialógico, recursivo e retroativo no nível das “máquinas vivas”, a saber, do se humano, da linguagem, do cérebro, desloca a concepção clássica de autonomia como autossuficiente, autocontida, fechada sobre si mesmo. Acontece que tal autonomia é paradoxal, pois é marcada pelo processo de abertura-fechamento e vice-versa de um sistema, pois a estabilidade é assegurada no fechamento, mas enriquecida na abertura, nas interações entre diversos aspectos, atravessamentos no nível das sociedades e das culturas.

**A noção de autonomia humana é complexa, já que ela depende de condições culturais e sociais. Para sermos nós mesmos precisamos aprender uma linguagem, uma cultura, um saber, e é preciso que essa própria cultura seja bastante variada para que possamos escolher no estoque das ideias existentes e refletir de maneira autônoma. Portanto, essa autonomia se alimenta de**



**dependência:** nós dependemos de uma educação, de uma linguagem, de uma cultura, de uma sociedade, dependemos claro de um cérebro, ele mesmo produto de um programa genético, e dependemos também de nossos genes (MORIN, 2011a, p.66, grifo nosso).

Decerto, a ideia de “auto-eco-organização” complexifica o sistema, e provoca um deslocamento no “estatuto ontológico do objeto” metafísico (MORIN, 2011a, p.32), pois inscreve o paradoxo autonomia-dependência no interior do mesmo. Assim, esta relação dá forma a uma noção de sistema auto-eco-organizador, tendo em vista que a sua autonomia é constituída em sua relação com o meio exterior, com o contexto, paradoxalmente, no movimento de abertura-fechamento e vice-versa. Este paradoxo indica o quanto é problemático conceber o objeto/sistema de modo autossuficiente, autocontido, fechado sobre si, uma vez que, o mesmo necessita se regenerar ininterruptamente, principalmente no nível do ser humano e das sociedades históricas, que evoluem *no* e *pelo* jogo do “devir”. Diga-se de passagem, que tal regeneração ocorre *nas* e *pelas* inter-relações e interações que desencadeiam o processo de ordem organizacional dialógico, recursivo e retroativo.

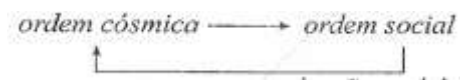
### 2.1.5 Cultura, sociedade e história

Na ciência clássica, a ordem esteve garantida até o século XIX, momento no qual irrompeu a desordem. A ordem pressupunha a existência de uma Lei absoluta e imutável que governava todos os fenômenos no universo físico, biológico e antropossocial, ou seja, enquanto às Leis da Natureza obedeceria todo fenômeno físico/natural, à Lei da Espécie todo indivíduo, e à Lei da Cidade todo humano. O antigo universo concebido, — tanto pela ciência clássica quanto pela cosmologia—, como autossuficiente, racional, ordenado, incriado, capaz de automanter-se infinitamente, apoiava-se em “conceitos claros e distintos do Determinismo, da Lei, do Ser” (MORIN, 2013, p. 85), assim era essencialista ou substancial, uma vez que, nele tudo “participava de uma essência ou substância” (MORIN, 2013, p. 85). Portanto, todo e qualquer fenômeno, objeto e o próprio indivíduo-sujeito seria algo imutável, inalterado, sem história.

Acontece que, após o surgimento da desordem no âmbito da ciência clássica, a ordem antes soberana, eterna, absoluta e central, não se impõe mais com a mesma evidência, e torna-se contextual, relativa, relacional e provincial (MORIN, 2013, p. 103). Não há mais Ordem, mas ordens no universo, no mundo físico e biológico e nas sociedades antropossociais. O novo universo não é marcado por uma ordem soberana, pois o mesmo não

tem mais centro, este é “policêntrico, acentrado, descentrado, disseminado, diaspórizado” (MORIN, 2013, p. 109). Decerto, o desmoronamento da ordem cósmica imperial, soberana e absoluta, bem como a desestabilização da ordem física na ciência clássica são acontecimentos que estão relacionados com o deslocamento de uma antiga ordem social. Assim, enquanto nas sociedades antigas existia uma relação direta/ linear, entre a organização social e a organização cósmica, esta superior, claro, àquela, o mesmo não ocorre nas sociedades históricas.

Havia nas sociedades antigas não apenas um jogo de espelhos, mas havia uma relação recursiva entre ordem cósmica e ordem social:



Assim, para se regenerar, a organização social devia obedecer, de maneira mimética, por cerimônias, ritos e sacrifícios, à organização cósmica da qual ela depende, mas tais cerimônias, ritos e sacrifícios eram eles mesmos necessários à regeneração da ordem cósmica. Apenas subsistem em nossa sociedade formas residuais desta relação. Não há mais relação direta cosmos-sociedade, mas há uma relação indireta, intermediada principalmente pela ciência [...] (MORIN, 2013, p. 117).

Portanto, as sociedades históricas diferem bastante das sociedades arcaicas, pois enquanto estas se caracterizavam pela existência de “pequenos agrupamentos móveis de caçadores-coletores policompetentes” (MORIN, 2015, p. 274), ou seja, “indivíduos com qualidades politécnicas, mestres na arte de fabricar e manejar instrumentos e armas, *experts* em estratégias de caça”, e, muito mais do que isso, “seres ‘livres’, sem Estado, livres mas submetidos à tabus e a normas culturais” (MORIN, 2012b, p. 274), aquelas são constituídas por milhões de indivíduos espalhados nas cidades e nos campos, marcados pela divisão de classes sociais e pela especialização do trabalho, e dirigidas por “um aparelho central de Estado” (MORIN, 2015, p. 274), que “põe em movimento uma dialógica de sujeições e de emancipações, de desenvolvimento e de subdesenvolvimento humanos” (MORIN, 2015, p. 275). Certamente, as sociedades históricas consistem em megamáquinas antropossociais originadas por metamorfoses históricas em relação às sociedades antigas. A propósito da autonomia do indivíduo humano a qual “*afirma-se* na sua qualidade de sujeito” (MORIN, 2012b, p. 272) nas sociedades históricas:

As sociedades históricas provocaram esmagamentos inauditos e desenvolvimentos prodigiosos da individualidade humana. O indivíduo encontrou na cultura não só coerção e limitações, mas também o seu caldo de cultura. O desenvolvimento social não é apenas o da especialização, da hierarquia, da sujeição e da exploração, mas também o das comunicações, dos alimentos psicológicos e afetivos. O

desenvolvimento do Estado/nação sujeita o indivíduo, mas lhe dá seguranças e liberdades (MORIN, 2015, p. 279).

Contudo, como mostra o próprio Morin em sua obra intitulada por *O método V: a humanidade da humanidade*, a relação entre o indivíduo-sujeito e as sociedades é marcadamente ambivalente “no sentido em que mantém o antagonismo na complementaridade e a complementaridade no antagonismo” (MORIN, 2012b, p.168). Assim, a sociedade possui o sujeito que a possui, ou melhor, a sociedade está no indivíduo-sujeito que está na sociedade:

A sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida, retroage sobre os indivíduos e os produz. Se não houvesse a sociedade e sua cultura, uma linguagem, um saber adquirido, não seríamos indivíduos humanos. Ou seja, os indivíduos produzem a sociedade que produz os indivíduos. Somos ao mesmo tempo produtos e produtores. A ideia recursiva é, pois, uma ideia em ruptura com a ideia linear de causa/ efeito, de produto/ produtor, de estrutura/ superestrutura, já que tudo o que é produzido volta-se sobre o que produz num ciclo ele mesmo autoconstitutivo, auto-organizador e auto-produtor (MORIN, 2011a, p. 74).

Especificamente, a relação entre indivíduo e sociedade é hologramática, que significa que o indivíduo está contido na sociedade que está contida no indivíduo; recursiva, que indica como se caracteriza a referida relação *supra* citada, a saber, se a sociedade é um todo organizado, suas qualidades retroagem sobre os indivíduos ininterruptamente num processo circular interativo, o qual produz/transforma o indivíduo que, por sua vez, produz/transforma a sociedade, através de inúmeras rupturas e desvios em relação ao que se encontra estabelecido, formado, normatizado, provocados pelo jogo do “devir” histórico; e dialógica, que assinala de que modo ocorre as interações entre o todo organizado da sociedade, as qualidades emergentes e o indivíduo, ou seja, de maneira complementar, concorrente e antagônica. Dessa forma, podemos observar o quanto as sociedades humanas são complexas, pois são dotadas de capacidades de autoconstituição, autorregeneração e auto-organização, quando a sua ordem organizacional é abalada por “desvios provocados pelo curso acidentado e tormentoso da história” (MORIN, 2012b, p. 277):

A história avança, não de frente, como um rio majestoso, mas por desvios que suscitam acontecimentos externos ou internos. É um curso incessantemente perturbado, modificado e contrariado.

Qualquer evolução é o fruto de um desvio bem-sucedido, cujo desenvolvimento transforma o sistema de onde é oriundo: desorganiza-o e reorganiza-o transformando-o (MORIN, 2012b, p. 212).

É a “ecologia da ação” implicada no jogo do devir histórico que “assim que começa num determinado meio, toda ação entra num jogo de inter-retro-ações que modificam, desviam, ou mesmo invertem o curso dela” (MORIN, 2012b, p. 212), ou seja, “diz-nos que toda ação corre o risco de ser desviada e mesmo de tomar o sentido contrário ao da sua intenção” (MORIN, 2012b, p. 277), uma vez que, “o acontecimento é inesperado, imprevisto, novo” (MORIN, 2012b, p. 206). Desse modo, todo e qualquer desvio ocorre a partir de um estado de ordem organizacional, a partir de determinismos, normas, regulações, provocando desordem organizacional. É a relação complexa ordem, desordem, interação e organização, que caracteriza a história.

Por mais que a cultura inscreva no indivíduo-sujeito o seu *imprinting* “que fixa o prescrito e a interdição, o santificado e o maldito, implanta crenças, ideias, doutrinas, que dispõem da força imperativa da verdade ou da evidência”, por ser um “registro matricial” normalizado (MORIN, 2012b, p. 272) inscrito na infância e aprofundado, nos termos de Bourdieu, por meio das estruturas sociais, a saber, da educação familiar, escolar, religiosa, “que cala qualquer dúvida ou contestação das normas, verdades e tabus” (MORIN, 2012b, p.273), em todas as sociedades existem indivíduos-sujeitos “reticentes ao *imprinting* e à normalização” (MORIN, 2012b, p. 276). Especificamente, a cultura gera e rege a complexidade das sociedades humanas, portanto é, simultaneamente, aberta e fechada. Constituída tanto por um capital identitário e mitológico, a saber, por crenças, rituais, lendas, tabus, valores, normas, quanto por um capital cognitivo e técnico, a saber, por práticas, saberes, regras, a cultura forma e normatiza o indivíduo. Este duplo processo de formação e normatização do indivíduo empreendido pela cultura ocorre por outro duplo processo de integração e de desenvolvimento, respectivamente na “complexidade social” e da “complexidade individual” (MORIN, 2012a, p. 242). Desta forma, a relação entre a cultura e o indivíduo é de autonomia-dependência, pois a sua autonomia é constituída na relação com a cultura e a sociedade. Assim, a cultura consiste na “emergência maior da sociedade humana” (MORIN, 2012b, p. 165). Contudo, importante assinalar o quanto cada cultura é diversa, pois não existe “a” cultura, mas “culturas”, embora o seu fundamento seja válido para todas:

Diz-se justamente “a cultura”, pois se pode definir a cultura humana pelos traços fundamentais já indicados, mas se diz justamente “as culturas”, pois a cultura só existe através das culturas. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, sem cultura, mas cada cultura é singular. O vínculo entre a unidade e a diversidade das culturas é crucial. A cultura constitui a herança social do ser humano; as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico. Por isso, as culturas podem mostrar-se incompreensíveis ao olhar das outras culturas, incompreensíveis umas para as outras (MORIN, 2012b, p. 64).

A cultura complexifica tanto a sociedade quanto o indivíduo que a complexifica, e ao reproduzir-se em cada indivíduo, desencadeia o processo de geração e regeneração da complexidade social. O que promove a ligação, o elo, “o nó” entre a cultura e a sociedade é a linguagem (MORIN, 2012b). Especificamente, a complexidade da linguagem está no fato que as dimensões biológicas, cognitivas, sociais e culturais integram a linguagem que os integra, ou melhor, “a linguagem é uma parte da totalidade humana que, por sua vez, está contida na linguagem” (MORIN, 2012b, p. 37). Esta compreensão coaduna com a concepção de linguagem inaugurada por Wittgenstein (2009) como “forma de vida” e a de Austin (1990) como “forma de ação”:

Continuando a perspectiva aberta por Wittgenstein, Austin situa a linguagem humana no seio do processo comunicativo. **Os atos que executamos por meio dos enunciados performativos executam ações convencionais, ou seja, são executados na medida em que cumprem normas intersubjetivamente estabelecidas.** Eles são atos precisamente na medida em que cumprem essas normas e não em virtude de intenções próprias do sujeito (OLIVEIRA, p. 154, grifo nosso).

Ou seja, essa perspectiva aberta pelo “segundo” Wittgenstein e por Austin assinalam para o quanto a linguagem não se trata de um instrumento objetivo por meio do qual a cultura e a sociedade são objetivadas, mas, como diz Morin, com base no princípio hologramático, uma parte semelhante a tantas outras partes que constituem o todo humano, a saber, o aspecto biológico, físico, cultural, social, subjetivo, afetivo, dentre outros, mas cuja autonomia se constitui de maneira contraditória na sua dependência com relação à todos estes aspectos. Se o *uno*, ou as partes, “comporta alteridade, cisões, diversidade, negação, antagonismos” (MORIN, 2012b, p. 94), então tais características comportam a linguagem, a cultura e a sociedade.

A meu ver, a linha que demarca a relação entre cultura e sociedade é bastante tênue. Decerto, as culturas se diferenciam umas das outras por suas concepções de mundo, sensibilidades e técnicas, conseqüentemente as sociedades. Entendo que enquanto a cultura consiste nas “águas barrentas” da sociedade, esta emergência da primeira, ambas se complexifica por diversas metamorfoses. As qualidades emergentes que despontam nas sociedades provocando mudanças no estado de regulação das mesmas, retroagem sobre “as águas barrentas” também provocando redemoinhos e transformações mesmo que lentas. O que provoca tais retroações na relação cultura-sociedade e vice-versa é o jogo do devir histórico, implicado na interação e inter-relação entre as mesmas.

### 2.1.6 Sujeito, cognição e linguagem: da complexidade à hipercomplexidade do ser humano

A proposta de uma concepção complexa de ser humano refuta a concepção filosófica tradicional e humanista, pois “o sujeito metafísico é privado de vida, de raízes e encontra seu próprio fundamento em si mesmo” (MORIN, 2015, p. 313). Com base na ideia de circularidade, a realidade, os fenômenos e, claro, o sujeito são apreendidos, não de maneira mutilada, operação que caracteriza o paradigma simplificador por meio do princípio de disjunção, mas de modo associativo. Para tanto, o fundamento que alicerça o conceito de ser humano como trindade humana é o entendimento do quanto é necessário conceber o “ser individual” em relação ao “ser societal” (MORIN, 2015, p. 492). Assim, a emergência do aspecto biológico rompe com a noção de sujeito abstrato, autocentrado, autocontido, fechado sobre si mesmo, e “*desmetafísica-o*”, ou seja, rejeita a abstração metafísica “privada daquilo que se julgava soberana” (MORIN, 2015, p. 313), a saber, da dimensão biológica, da vida. Dessa forma, a questão não se trata de “arrancar o sujeito ao céu transcendental: é preciso dar-lhe vida, restituir-lhe a vida, devolvê-lo ao mundo da vida” (MORIN, 2015, p. 314), pois:

Cada um desses termos contém os outros. Não só os indivíduos estão na espécie, mas também a espécie está nos indivíduos; não só os indivíduos estão na sociedade, mas a sociedade também está nos indivíduos, inculcando-lhes, desde o nascimento deles, a sua cultura.

Os indivíduos são os produtos do processo reprodutor da espécie humana, mas esse processo deve ele mesmo ser produzido pelos indivíduos.

As interações entre indivíduos produzem a sociedade e esta, retroagindo sobre a cultura e sobre os indivíduos, torna-os propriamente humanos. Assim, a espécie produz os indivíduos produtores da espécie, os indivíduos produzem a sociedade produtora dos indivíduos; espécie, sociedade, indivíduo produzem-se; cada termo gera e regenera o outro. (MORIN, 2012b, p. 52).

É importante salientar que a realidade do indivíduo, a realidade da sociedade e a realidade da espécie biológica estão em relação, na qual nenhum termo é mestre dos outros, tendo em vista que tal encontro ocorre de maneira dialógica, uma vez que, nenhum dos termos se reduz ao outro, ainda que dependa dos outros. É justamente a relação antagônica e complementar, a imbricação de um termo no outro, que “constitui a base da complexidade humana” (MORIN, 2012b, p. 52), complexidade a qual podemos melhor compreendê-la no que se segue:

Nossas atividades biológicas mais elementares, como comer, beber, dormir, defecar, acasalar-se, estão estritamente ligadas a normas, interdições, valores, símbolos,

mitos, ritos, prescrições, tabus, ou seja, ao que há de mais estritamente cultural. Nossas atividades mais espirituais (refletir, meditar) estão ligadas ao cérebro, e as mais estéticas (canta, dançar) estão ligadas ao corpo. O cérebro, pelo qual pensamos, a boca, pela qual falamos, a mão, com a qual escrevemos, são totalmente biológicos e, ao mesmo tempo, culturais (MORIN, 2012b, p. 53).

Esse entendimento diz respeito à existência do aspecto genético, cerebral, mental, subjetivo cultural e social em toda *práxis* empreendida pelo ser humano, pois “somos seres organizador biologicamente, dispondo de um aparelho cerebral bastante útil para considerar nosso ambiente local”, bem como “somos seres culturais e sociais” (MORIN, 2013, p. 116). Reitero que não existe uma relação hierárquica, justaposta ou superposta entre tais aspectos, pois a relação entre os mesmos ocorre de maneira dialógica, ou seja, complementar e antagônica, em conjunção num circuito (anel), ou seja, num “processo cíclico recomeçado e regenerado incessantemente” (MORIN, 2012b, p. 55).

**A noção de autonomia humana é complexa**, já que ela depende de condições culturais e sociais. Para sermos nós mesmos precisamos aprender uma linguagem, uma cultura, um saber, e é preciso que essa própria cultura seja bastante variada para que possamos escolher no estoque das ideias existentes e refletir de maneira autônoma. Portanto, **essa autonomia se alimenta de dependência**: nós dependemos de uma educação, de uma linguagem, de uma cultura, de uma sociedade, dependemos claro de um cérebro, ele mesmo produto de um programa genético, e dependemos também de nossos genes (MORIN, 2011a, p. 66, grifo nosso).

O aspecto biológico evidencia o aparelho cerebral, ou melhor, o aparelho cognitivo que permite que a dimensão cognitiva seja concebida como uma qualidade, bem como a origem própria de sujeito vivo. Portanto, a dimensão cognitiva possibilita que a qualidade de indivíduo-sujeito humano seja enraizada na sua origem e no seu fundamento biológico, bem como que o conceito de sujeito vivo seja apreendido como o produto de sujeitos situados tanto em uma cultura, quanto em uma sociedade, mas, muito mais fundamental, em uma história (MORIN, 2015). Em outros termos, o sujeito vivo é produzido pelo sujeito humano, o qual, por sua vez, é produzido por uma evolução biológica, e tal produção acontece em condições culturais e sociais específicas (MORIN, 2015):

[...] a consciência se converte em *práxis* quanto retroage para as suas condições de formação, as sobredetermina e cria novos comportamentos. Seria, portanto, o desenvolvimento recíproco inteligência → consciência

que permitiria revelar a ilusão e a mentira no âmago das nossas próprias verdades, e que permitiria à inteligência/ consciência retroagir sobre a conduta das nossas vidas. Assim, a consciência é simultaneamente atoe e aposta do devir-sujeito do homem. Mas precisamente, também, saber que: os desenvolvimentos da inteligência/

consciência dependem de processos das profundidades, quer no ser individual quer no coletivo, que são inconscientes. *Portanto, tudo vai jogar-se na interface do gênio inconsciente da humanidade e da tomada de consciência* (MORIN, 2015, p. 490, grifo do autor).

A propósito do cérebro, o mesmo consiste, não em um sistema complexo, mas em um complexo de sistemas complexos, e tal complexo é caracterizado como um sistema hipercomplexo, cujos os princípios de inteligibilidade são o princípio dialógico, o princípio autogerativo e o princípio hologramático. Trata-se do *Unitas Multiplex* que não somente designa a unidade cerebral e uma multiplicidade de níveis disposto de modo hierárquico, bem como a multiplicidade dos sistemas complexos que constituem o sistema hipercomplexo (MORIN, 2012a). Especificamente, no “monstro trissistêmico” ou no “conceptor hipercomplexo” não existe nenhum centro de comando, porque este é, ao mesmo tempo, acêntrico e policêntrico; repleto de antagonismos e de possibilidades de bloqueio e de erro estimulados por desordens e ruídos, fantasias, sonhos, imaginações e delírios; produz ideias gerais e as mais especializadas competências; e que entre todos os seus componentes existe cooperação intramodular sem hierarquia, mas ao mesmo tempo hierarquias temporárias entre os dois hemisférios, as três instâncias, os dois feixes; e uma associação entre circuitos elétricos e químicos (MORIN, 2012a; 2013).

Com efeito, a complexidade do “conceptor hipercomplexo” pode ser compreendida à luz dos 03 (três) princípios de inteligibilidade *supra* citados. Desse modo, enquanto que *a) o princípio dialógico* sinaliza para a relação complementar e antagônica presente em todos os níveis da organização cerebral, implicando, assim, uma associação complexa. Acontece que tais níveis em conjunto são imprescindíveis para a existência, o funcionamento e o desenvolvimento da organização, uma vez que, esta emerge *na e pela* desordem; *b) o princípio autogerativo ou recursivo* possibilita, no meu entendimento, compreender a reflexividade, pois a ideia de recursividade caracteriza um processo que torna os efeitos ou produtos, num mesmo lance, causadores e produtores de outros efeitos, ou seja, trata-se de estados finais possibilitando a emergência de outros estados iniciais num ciclo marcado pela regulação, ou seja, retroação. Assim, importante frisar que a propriedade de retroação caracteriza um processo organizador imprescindível para que possamos conceber tanto a organização da percepção quanto a organização do pensamento, já que a propriedade de recursividade caracteriza o transbordamento dos efeitos ou produtos finais cuja transformação que os tornam produtores e causadores de outros efeitos sofre um processo de regulação, ou melhor, retroação; e, por fim, *c) o princípio hologramático* possibilita



compreender a relação intrínseca entre o todo e as partes e entre as partes e o todo, ou seja, que a complexidade do todo carece da complexidade das partes, as quais não estão associadas num sentido acumulativo, mas dialogicamente. Dessa forma, entendo que a relação dialógica entre as partes desencadeia processos recursivos e retroativos e vice-versa num ciclo ininterrupto, e à medida que as partes sofrem transformações, o todo também é transformado. Em suma, os princípios dialógico, recursivo e hologramático:

[...] recorrem uns aos outros, ao menos num certo nível de complexidade organizacional, e podemos toma-los em conjunto para considerar a máquina cerebral, cujo funcionamento resulta de dialógicas, recursões, implicações, sobreposições, como se todo momento ou elemento do processo implicasse, de certo modo, todos os outros e como se tudo acontecesse e fosse construído nas interferências entre todos os momentos ou elementos do processo (MORIN, 2012a, p. 116-117)

Esse processo ininterrupto evidencia o quanto as atividades cerebrais ou cognitivas são dinâmicas, bem como para a existência de um estado de ordem/ fixidez temporários, por conta do advento da desordem. Se a cognição, a linguagem e as sociedades antropossociais são marcadas pela recursividade/ retroação e pelo dialogismo, então o próprio sujeito, as suas identificações e projeções identitárias são marcadas pelo equilíbrio e pelo desequilíbrio, ou seja, em termos gregos, pela *Dike* e pela *Ubris*, a depender dos contextos de *práxis* nos quais estejam situados.

Contudo, se a consideração à vida do ponto de vista da sociedade promove uma concepção triúnica, do ser humano, a consideração à humanidade dá forma a uma concepção tetralógica do mesmo. Ou seja, o desenvolvimento de uma compreensão complexa da relação indivíduo-sociedade desemboca numa hipercomplexa, e resulta na transformação da trilogia para uma tetralogia, porque “a hipercomplexidade destina-se ao devir” (MORIN, 2015, p. 495). Se “o *homo* é, ao mesmo tempo, *sapiens e demens*, afetivo, lúdico, imaginário, poético, prosaico, se é um animal histérico, possuído por sonhos e, contudo, capaz de objetividade, de cálculo, de racionalidade, é por ser *homo complexus*” (MORIN, 2012b, p. 140), e se a qualidade de humanidade “pode e deve constitui um quarto termo, complementar ao indivíduo/espécie/sociedade” é porque “a ideia de humanidade é, simultaneamente, o mais intensivo e o mais extensivo dos conceitos constelados no macroconceito de homem [de mulher, de gênero]” (MORIN, 2015, p. 494):

Esta ideia está polarizada, por um lado na experiência individual do *alter ego*, por outro lado na totalidade planetária tornada comunidade de destino. A ideia de humanidade englobaria a ideia de espécie na sua realidade biológica, mas se reduzir-

se a ela, pois já constitui de *facto* uma entidade bioantropossocial. A humanidade englobaria todas as sociedades, particularmente os Estados-Nações e, respeitando a sua originalidade, deveria, necessária e vitalmente, suprimir a onipotência, refreá-la e regulá-la. A humanidade poderia, assim, constituir o termo de referência indispensável aos três termos. Mas não é o termo superior, a finalidade geral, suprema. Não pode ser o novo ídolo, a última religião. A humanidade é aquilo que transformaria o conceito de complexo de homem em conceito hipercomplexo – e por isso abriria as vias a um novo nascimento do homem:



A propósito da linguagem, a epistemologia da complexidade apreende a mesma em relação à “engrenagem da maquinaria cerebral dos indivíduos”, bem como à “maquinaria cultural da sociedade”, uma vez que, ela consiste na “encruzilhada essencial do biológico, do humano, do cultural, do social” (MORIN, 2012b, p. 37). Ou, “em termos marxistas, a linguagem é parte organizadora da infraestrutura”, que corresponde ao processo de coorganização do próprio ser da sociedade na qual está integrada, “ao mesmo tempo que é parte organizadora da superestrutura social”, que, por sua vez, diz respeito ao processo de coorganização dos mitos e das ideias (MORIN, 2011b, p. 202). Dessa forma, a emergência do espírito humano ocorre por meio da linguagem, e tal emergência é necessária tanto às operações cognitivas quanto às operações práticas inerentes a toda e qualquer organização social (MORIN, 2012b). Fundamental é o aspecto da reflexividade nas operações cognitivas:

A consciência é a mais extraordinária emergência da mente humana. Produto/produtora de uma atividade reflexiva do espírito sobre si mesmo, sobre as suas ideias, sobre os seus pensamentos, a consciência se confunde com essa reflexividade ativa. O indivíduo humano pode dispor da consciência de si, capacidade de se considerar como objeto sem deixar de ser sujeito. O pleno desenvolvimento do pensamento comporta a sua própria reflexividade: consciência pode atuar sobre o ser humano refletindo sobre si mesmo, ou atuar sobre o próprio conhecimento, tornando-se conhecimento do conhecimento (MORIN, 2012b, p. 39).

Dessa forma, o sujeito e o objeto são marcados pela ordem e pela desordem, e não consistem em entidades saturadas, mas em constante mudança, pois diversos são os atravessamentos sociais e culturais que os constituem na intensidade das ações na vida diária, principalmente pelo uso da linguagem, a qual não se trata de uma estrutura estável, mas que

transborda o sistema abstrato da língua. A propósito da natureza da linguagem, inspirado no pensamento do segundo Wittgenstein<sup>3</sup>, Morin compreende:

A língua vive. As palavras nascem, deslocam-se, enobrecem-se, pervertem-se, degradam-se, morrem. A língua vive como uma grande árvore, cujas raízes encontram-se nas profundezas das vidas social e cerebral e cujos galhos se espalham pela noosfera. Há certamente ramos práticos, utilitários, técnicos, onde as palavras denotam e remetem com precisão aos objetos ou atos que designam. Há também ramos poéticos, onde as palavras murmuram, gozam, embriagadas com as conotações que evocam e invocam, ramos de gírias e familiares, onde as frases saltam em liberdade. Em nossas vidas cotidianas, em nossas conversas coloquiais, misturamos os ramos, as palavras, e nossa língua “vulgar” resulta de fato em um amálgama de complexidade inusitada, como seria reconhecido, sob outro ângulo, pelo último Wittgenstein (MORIN, 2011b, p. 207).

A linguagem concebida *na* e *pela* ideia de circularidade evidencia o seu caráter complexo ocultado pela própria Linguística, em sua ânsia de tornar-se uma ciência. Tal complexidade é caracterizada pela relação da linguagem com as realidades bioantropossociais. Precisamente, a linguagem está contida na realidade que está, por sua vez, contida na linguagem, da mesma forma, o sujeito está na linguagem que está no sujeito, ou seja, “fazemos a linguagem que nos faz” (MORIN, 2011b, p. 212). Ou melhor, a nossa existência é inaugurada *na* e *pela* linguagem, pois somos abertos e fechados *pelos* e *nas* palavras para o outro, para as ideias, para o mundo. Paradoxalmente, “somos prisioneiros daquilo que nos liberta e libertos por aquilo que nos cerca” (MORIN, 2011b, p. 213). Certamente, a linguagem está presente em “todas as operações cognitivas”, nos processos que asseguram a “conservação, transmissão, inovação culturais”, bem como na “organização de toda sociedade” (MORIN, 2011b, p. 199).

Em termos austinianos, a linguagem é capaz de produzir diversos atos de fala ilocucionários e provocar os mais diversos efeitos, diga-se de passagem, imprevisíveis, e tais atos podem se associar, repelirem-se, combaterem-se, divergirem-se entre si, uma vez que, a linguagem é polivalente e polifuncional (MORIN, 2011b). Se a linguagem foi transcendentalizada por “um processo de doutrinação e ideologização” pela filosofia analítica e pela própria linguística, e reverberou nas ciências humanas, deveu-se ao entendimento que a estrutura da linguagem forneceria “a chave das estruturas sociais” ou, mais problemático, que toda e qualquer realidade poderia ser encerrada na linguagem (MORIN, 2011b, p. 200). Em linhas gerais, a linguagem tem sido apreendida ora como “um simples instrumento de

---

<sup>3</sup> O termo “segundo Wittgenstein”, refere-se às reflexões filosóficas de Ludwig Wittgenstein sobre a linguagem as quais foram objetivadas na obra intitulada por *Investigações Filosóficas*, representado uma ruptura nos fundamentos de uma tradição filosófica ocidental essencialista sobre a língua/linguagem.

transmissão” ora como “a realidade humana-chave, hipostasiando-a” (MORIN, 2011b, p. 199). Uma concepção complexa de linguagem não perde de vista a relação dialógica que a mesma tem com o cérebro humano, o sujeito e as condições culturais e sociais. Portanto, a língua[gem] concebida como um objeto autônomo e abstrato consiste num entendimento simplista e redutor, tendo em vista que:

[...] para que a língua se modifique em sua “evolução”, não pode ser entendida como um sistema fechado. Pois, se assim fosse, como seus dados poderiam se movimentar? Esse tal sistema precisaria de resiliência, ou seja, espaço não preenchido para que os dados possam se movimentar. E nesses movimentos portas estão abertas, mesmo no que se chama sistema. Logo, não há sistemas fechados e como tal não são controláveis por suas regras autônomas e abstratas, sejam elas responsivas ao nível extralinguístico ou propriamente ao linguístico (FERREIRA; ALENCAR, 2014, p. 196-197).

Esse entendimento sinaliza para o quanto é problemático apreender a língua como um sistema fechado, pois consiste num modo redutor, simplista, abstrato, e que perde de vista que a evolução das palavras ocorre porque a linguagem é dotada de “vida”, e coaduna com o argumento que “toda língua evolui de maneira extraordinária ao longo de algumas décadas; uma língua pode até mesmo se transformar no transcorrer de um ou dois séculos, modificando as suas formas gramaticais e mesmo, por vezes, a sua sintaxe” (MORIN, 2011, p. 203).

A natureza polivalente e polifuncional da linguagem pode ser melhor entendida do ponto de vista do sentido, o qual caracterizado como algo que está sempre escapulindo em busca de tantos outros sentidos, bem como algo que mantém uma relação complementar, concorrente e antagônica em relação também a tantos outros sentidos, evidencia, assim como pudemos observar nas operações cognitivas e nas interações/organizações culturais e sociais, o quanto o sentido, ou melhor, a linguagem é marcada pelo dialogismo e recursividade/retroação que, associadas, dão forma ao caráter hologramático do sentido/da linguagem:

Em outras palavras, há interdependência, em cadeia, dos sentidos: o sentido de uma palavra é, naturalmente, concebível sob a forma de unidade de sentido descontínua e passível de isolamento, mas a definição dessas unidades é construída de palavras e frases dotadas de outros sentidos e, *nesse sentido*, o sentido é inseparável de um *continuum* e do seu conjunto sistêmico organizador. [...] as palavras usuais são polissêmicas, isto é, comportam, na maioria, uma pluralidade de sentidos diferentes que se sobrepõem produzindo como que franjas de interferência (metáfora que nos remete novamente ao holograma); segundo o contexto (da situação, do discurso, da frase), um dos seus sentidos exclui os outros e impõe-se ao enunciado; uma vez mais, o todo contribui para dar sentido às partes, a qual contribui para sentido ao todo (MORIN, 2011b, p. 209-210, grifo do autor).

Se o sentido inserido numa cadeia de tantos outros sentidos é recursivo/retroativo e hologramático, é porque enquanto as propriedades de recursão e retroação dizem respeito aos processos de desordem, organização, interação, ordem, transformação, emergência; a propriedade hologramática consiste no modo como o sentido estabelece relação entre outros sentidos, que considerados como partes de um todo, ininterruptamente transbordam (recursividade), conflituosamente ou em complementaridade estão em relação uns com os outros, organizando-se (retroação), constituindo-se em circuito, o qual marcado pela desordem como ruptura de ordem e de organização, origina tantos outros circuitos. Ou seja, “as palavras definem-se mutuamente, melhor, dialogicamente, em circuito infinito” (MORIN, 2011b, p. 209).

## 2.2 COMPLEXIDADE NA E DA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA

A epistemologia moriniana argumenta em favor de um princípio que possibilite a relação entre os termos, e não a sua dissociação, disjunção, procedimento típico do método cartesiano, inaugurado por René Descartes, que predominou no Ocidente no “fazer” epistemológico de “representação-modelização” dos fenômenos/dados de interesse (LE MOIGNE, 2007, p. 27) tanto nas/das ciências naturais quanto nas/das ciências humanas. Portanto, se o princípio da complexidade não perde de vista as associações, conjunções, solidariedades, bem como os acasos e imprevistos existentes no universo e nas sociedades antropossociais e na constituição da subjetividade do sujeito, então a perspectiva Pragmática é caracterizada pela complexidade, pois advoga sobre o quanto o contexto é imprescindível para a compreensão dos modos de uso da linguagem, da emergência de certos sentidos e outros não e dos efeitos que asseguram a permanência de entendimentos sobre a realidade ou a sua desconstrução. Dessa forma, Pragmática e Complexidade nos convidam “a não reduzir a inteligência ao formalmente simplificado” (MORIN; LE MOIGNE, 2007, p. 13), pois “a necessidade de contextualização é extremamente importante. Diria até que é um princípio de conhecimento” (MORIN, 2007, p. 51)

### **2.2.1 Complexidade nos/dos/pelos atos de fala: a relação entre contexto e as propriedades de iterabilidade e recursividade/ retroação**

No quadro de uma ontologia metafísica, a linguagem concebida como mero instrumento designador de significados, produzidos numa instância soberana ao mundo social,

a saber, no interior de um *logos*, assegurou a polaridade, ou melhor, as dicotomias por meio das quais garantiram a existência e a sobrevivência de uma ordem social hierarquizada, principalmente entre os gêneros.

Contudo, a virada linguística ocorrida tanto na filosofia quanto nas ciências humanas postulou a linguagem como uma forma de ação, tendo em vista o caráter problemático da concepção clássica da mesma, segundo a qual a realidade seria algo “dado” de antemão ao mundo, e competia, portanto, as formas linguísticas revelar, declarar ou descrever a realidade expressa. Acontece que “a linguagem não é espelho do mundo” (SILVA; ALENCAR, 2014, p. 262), pois a produção de todo e qualquer significado ocorre em circunstâncias sociais e culturais históricas em relação aos recursos linguísticos empregados pelos sujeitos. Assim, as formas linguísticas não consistem em “residências” nas quais a significação habita, nem a realidade é algo dado *a priori*, uma vez que, a produção do significado se dá de modo situado nos diversos contextos de *práxis* humana.

Do incômodo com a compreensão de uma tradição filosófica a propósito da natureza da linguagem, Austin (1990) sinaliza para a existência de um tipo específico de proferimento que pronunciado nas circunstâncias apropriadas não estaria descrevendo um estado de coisas ou declarando um fato de maneira verdadeira ou falsa, mas realizando uma ação. Enquanto os filósofos clássicos sinalizaram para uma concepção de linguagem redutora, simplista, pois tinham em mente que a função da linguagem seria declarar ou descrever um estado de coisas ou um fato, os gramáticos deram indícios de uma concepção um pouco mais produtiva, ou seja, colocaram em evidência, timidamente, ao contrário dos filósofos, a complexidade da linguagem. A meu ver, os gramáticos trouxeram à tona, ao argumentarem sobre a existência de outras sentenças, para além de uma declaração, a saber, caracterizadas como perguntas, exclamações, ordens, desejos, etc. uma dimensão da linguagem que, mais tarde, Austin iria denominar por “ilocução”.

Assim, o proferimento que não se reduz a descrever ou relatar, mas consiste numa ação denominada por *sentença performativa*, *proferimento performativo* ou, ainda, simplesmente, de maneira abreviada, *performativo*. Este termo deriva do verbo inglês *to perform* o qual tem correlação com o substantivo “ação”, indicando que “ao se emitir o proferimento está se realizando uma ação, não sendo, conseqüentemente, considerado um mero equivalente a dizer algo” (AUSTIN, 1990, p. 25). Se os proferimentos empreendidos *na* e *pela* linguagem humana podem ser múltiplos, não se restringem a declarações, deve-se à natureza polissêmica das palavras, conseqüentemente a diversidade de sentidos.

Ao conceber a linguagem como “forma de ação”, Austin (1990) argumenta sobre a existência de 03 (três) dimensões no ato de fala, a saber, enquanto que o “ato locucionário” diz respeito ao significado em termos de língua, o “ato ilocucionário” diz respeito à diferentes tipos de finalidades sejam ordenar, informar, prevenir, dentre outras, e o “ato perlocucionário”, por sua vez, refere-se aos efeitos provocados pelo uso da linguagem numa determinada situação:

Sempre que estamos em presença de um símbolo — uma palavra, uma letra, um desenho, um esquema, o sorriso da Gioconda ou a representação de uma flor —, estamos de facto em presença de uma forma de que nos sabemos capazes de lhe dar pelo menos um sentido: se essa forma foi criada, foi-o propositadamente (pelo menos, tem esse sentido) e foi-o para e com o fim de provocar um acto. Simetricamente, quando crio ou recopio esse sistema de símbolos, crio uma forma que tem, para mim, o objetivo de transmitir um sentido e suscitar um acto. Que o sentido entendido e o acto provocado pelos <<reconhecimentos dessa forma>> não sejam sistematicamente os que eu desejava ao emití-la não a impede de conservar a sua função simbolizadora (LE MOIGNE, 2007, p. 28)<sup>4</sup>.

A compreensão acima demonstra a relação entre as diferentes dimensões do ato de fala performativo, e sinaliza para o fato que nem sempre a força ilocucionária poderá provocar os efeitos que tinha em vista. No meu entendimento, entre o ato ilocucionário e o ato perlocucionário existe a possibilidade da reflexividade, pois a finalidade, a depender do contexto social e de suas contradições sociais, poderá provocar efeitos, os quais ao tornarem-se produtores, poderão constituir sentidos ressignificadores do aspecto reiterado no ato de fala ilocucionário. Por exemplo, no contexto político se ocorre o proferimento de um performativo que reitera sentidos históricos clássicos de estereótipos de gênero, numa dada situação específica, marcadamente tensa, mesmo que o ato ilocucionário tenha como finalidade “elogiar”, os efeitos provocados pelo mesmo, ao invés de suscitar um agradecimento, poderão retroagir contrapondo o elogio com um questionamento. Nesse intervalo, argumento, entre o ato ilocucionário e o ato perlocucionário, a reflexividade poderá possibilitar não o caráter constante de tais estereótipos, mas a sua desestabilização.

Em suas reflexões a respeito do quanto é problemático o alcance de uma linguagem nos termos de uma tradição filosófica ocidental, ou melhor, da metafísica ocidental caracterizada por uma ontologia imutável, descontextualizada, abstraída dos trilhos da história ou de uma linguagem formal, científica não conseguir dá conta daquilo que julga indizível, Austin argumenta em favor de uma ética da ação, ao invés de uma ética do indizível, pois

---

<sup>4</sup> A tradução do original *Intelligence de la complexité* realizada pelo Instituto Piaget foi feita no idioma português de Portugal.

compreende que “diante do indizível, só nos resta uma única resposta, continuar agindo” (RAJAGOPALAN, 2010, p. 15). Tal compreensão sinaliza para “a recursividade da própria noção de performatividade”, porque “dizer que x é um enunciado performativo é, ele mesmo, pronunciar outro performativo” (RAJAGOPALAN, 2010, p. 15):

A disposição semântica da linguagem é, do seu jeito, hologramática: quando nos referimos ao dicionário de uma língua, vemos que uma palavra se define através de outras palavras, elas mesmo se definindo por outras palavras e, por associação, a definição de cada palavra implica a maioria das palavras dessa língua. Se lemos um texto, a formação do sentido é um processo dialógico/ retroativo [...] (MORIN, 2012, p. 117).

Portanto, a propriedade de recursividade da linguagem sinaliza para o fato de que a produção de significação transborda a língua[gem] formal, abstrata, a qual, diga-se de passagem, é reducionista, pois não dá conta da contingência, de compreender e tornar inteligível fenômenos, dados, acontecimentos, acasos, imprevistos constituídos na “complexidade e no dinamismo dos múltiplos sistemas de signos envolvidos na atividade de significação” (FABRÍCIO, 2014, p. 150), bem como para consequências devastadoras para uma série de crenças sacralizadas (RAJAGOPALAN, 2010).

A propósito do ato ilocucionário, faço intervir um questionamento empreendido por Derrida. Para tanto, faz-se necessário, primeiramente, entender o seu argumento em relação à historicidade dos sentidos. Este, diga-se de passagem, *sine qua non* para a compreensão do que assegura a reprodução acrítica de estereótipos clássicos de gênero nas diversas interações sociais, nos mais diferentes contextos *praxiológicos*.

Derrida (2011, p. 16) opõe-se ao lugar reservado a linguagem pela referida tradição de pensamento que era de serventia em relação ao um *logos*, o qual consistia na instância fundadora de toda significação. A fala seria aquele tipo de ‘uso da linguagem’ que mais estaria próximo de tal instância, ou seja, seria a que mais fielmente revelaria a “presença plena” de tal instância fundadora. A escrita, por sua vez, seria o meio pelo qual a “presença” do *logos* seria revelada ao mundo, mas de modo deformado. Por isso, o privilégio da *phoné* em relação à escrita (escritura). Foi justamente sobre o problema da “presença plena em si” do “ser” e do “ente” ou da “essência” que Derrida elaborou sua crítica.

O signo, para Derrida (2011), teve a sua emergência no período teológico, pois a diferença estabelecida, por exemplo, pela Semiologia, entre significado e significante esteve alinhada a diferença entre o sensível e o inteligível. Nestes termos, a inteligibilidade de um significado é remetida a uma instância fundadora, ou seja, a um *logos* absoluto, o qual, na



teologia medieval, consistia numa “subjetividade criadora infinita”. Em outros termos, enquanto o significado teria uma relação imediata com o *logos*, o mesmo não se dava para o significante, pois “todo significante, e em primeiro lugar o significante escrito, seria derivado”, ou seja, “seria sempre técnico e representativo”, assim sendo, “não teria nenhum sentido constituinte”. Dessa forma, “esta derivação é a própria origem da noção de ‘significante’” (DERRIDA, 2011, p. 14).

Apoiando-se sobre a compreensão que a linguagem é ação, movimento, experiência, tanto a noção de significante quanto a de significado foram reconceitualizados por Derrida (1991; 2011). Para tanto, o modo como o significado é constituído, ou seja, na interioridade de um *logos*, que o torna um “significado transcendental”, cuja “essência formal” é a sua “presença plena em si” na fala e de modo derivado na escrita é refutado. Especificamente será o modo de compreensão clássico sobre como ocorre a constituição do significado, a saber, no plano da idealidade ou da universalidade, fora do plano social concreto que será rejeitado pelo filósofo. Com foco sobre os “limites” da linguagem, Derrida mobiliza a noção de “jogo”, pois compreende que a significação não escapa ao movimento da linguagem:

**A secundariedade**, que se acreditava poder reservar à escritura, **afeta todo significado em geral**, afeta-o desde sempre, isto é, desde o *início do jogo*. Não há significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo das remessas significantes, que constitui a linguagem. O advento da escritura é o advento do jogo; o jogo entrega-se hoje a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação dos signos, arrastando consigo todos os significados tranquilizantes, reduzindo todas as praças-fortes, todos os abrigos do fora-de-jogo que vigiavam o campo da linguagem (DERRIDA, 2011, p. 08, grifo nosso).

O significado não consiste em algo puro, mas em algo atravessado pelas contradições existentes no plano social, no mundo real, em condições sociais reais de existência, nas relações sociais entre os sujeitos. Dessa forma, o próprio significante não se reduz a função da representação de uma “ideia”, de um “pensamento” puro elaborado numa instância idealizada, transcendental. O significado não é transcendental, ao contrário, é constituído pela possibilidade da repetição do significante. Norteados por essa compreensão, Derrida (1991) argumenta sobre a propriedade de “iterabilidade” da linguagem, a qual diz respeito à possibilidade da repetição da “marca” ou do “traço” de qualquer signo para além do instante em que foi inscrito, bem como para além de quem o inscreveu:

Um significante é, de início de jogo, a possibilidade de sua própria repetição, de sua própria imagem ou semelhança. É esta a condição de sua idealidade, o que o faz

reconhecer como significante e o faz funcionar como tal, referindo-o a um significado que, pelas mesmas razões, não poderia nunca ser uma “realidade única e singular”. Desde que o signo aparece, isto é, desde sempre, não há nenhuma oportunidade de encontrar em algum lugar a pureza da “realidade”, da “unicidade”, da “singularidade” (DERRIDA, 2011, p. 115).

O significado não escapa ao movimento da linguagem, pois o mesmo não consiste numa entidade fechada sobre si mesmo, não compreende uma verdade absoluta, imutável. Observamos que Derrida (1991, p. 355) refuta a compreensão linear que marcou a relação ideia/ signo, ou seja, toda uma tradição filosófica ocidental “dominada pela evidência da *ideia* (*eidós/ idea*)”, conseqüentemente a teoria do signo como “representação da ideia que representa ela própria a coisa percebida”.

Assim, a historicidade de um sentido não está na sua expansão, no seu alargamento linear através de “um meio por natureza contínuo e igual a si próprio, num elemento homogêneo através do qual a unidade, a integridade do sentido não seria essencialmente afetada” (DERRIDA, 1991, p. 352), mas na possibilidade de sua ruptura em relação tanto a quem o produziu, quanto ao contexto no qual ocorreu a sua inscrição. Para tanto, Derrida questiona as “pressuposições filosóficas muito determinadas”, bem como o “conceito rigoroso e científico” da noção de contexto, pois ambos asseguram uma concepção homogênea e saturada, assim sendo, simplista e estática, conseqüentemente, problemática de contexto. Entendo, com base na epistemologia da complexidade, que uma noção de contexto determinada de maneira absoluta, assegurada e homogênea sinaliza para a “metafísica da ordem”, que perde de vista a desordem, as derivas, as bifurcações, os acidentes, o acontecimento ou, em termos morianiano, cascatas de acidentes, ou seja, a contingência histórica, principalmente dos sentidos, do significado. Norteada pela compreensão que a configuração de um contexto não ocorre anteriormente ao sujeito para que o mesmo possa habitá-lo (FABRÍCIO, 2014), mas por suas ações, que inclui a ação da linguagem, entendo que:

Os contextos de uso não podem ser vistos como cenas isoladas de um eterno presente, onde dois ou mais indivíduos intencionais interagem; os contextos são, ao contrário, atos históricos e sociais onde dois ou mais agentes sociais interagem por meio da linguagem (SILVA; ALENCAR, 2014, p. 260).

Ao entender que os contextos não se fecham sobre si mesmo, não são determinados rigorosamente de modo absoluto, mas que os mesmos são insaturados, Derrida (1991) argumenta sobre a operação de “suplementação”, a qual não consiste, como quis a

metafísica ocidental, numa pura adição, numa exterioridade simples de uma “presença pura” de um significado, mas na ruptura de presença. Para que um signo seja legível necessita que seja repetível, repetido, ou seja, iterável para além da presença de quem o inscreveu. Nestes termos, o signo se trata de uma “marca” ou “traço”, pois o mesmo tem em si uma força de ruptura com o seu contexto:

[...] é preciso entender a linguagem não como um sistema estático e fechado cujos enunciados são funcionalmente assegurados antecipadamente pelas “posições sociais” as quais eles [atos de fala] estão relacionados mimeticamente. A força e o significado de um enunciado não são determinados exclusivamente por contextos ou “posições” anteriores; um enunciado pode ganhar sua força precisamente em virtude da ruptura com o contexto que ele executa. Essas rupturas com o contexto anterior, ou, de fato, com o uso comum, são cruciais para a operação política do performativo (BUTLER, 1997, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Dessa forma, a ruptura consiste no intervalo que surge pela retirada de um dado signo da cadeia contextual. É neste intervalo que emerge o “traço” ou a “marca”. Tal operação de retirada, de ruptura, é acompanhada por outra, a saber, pela operação de “citationalidade”, ou seja, qualquer signo, seja ele de natureza linguística ou não linguística, falado ou escrito, “pode romper com todo o contexto dado, engendrar infinitamente novos contextos, de forma absolutamente não saturável” (DERRIDA, 1991, p. 362). É a “citationalidade” que torna possível o surgir do “traço”:

Se a iterabilidade é uma característica estrutural de toda marca, então não há marca sem sua própria iterabilidade; isto é, para que uma marca seja uma marca, ela deve ser repetida e ter essa repetibilidade como uma característica necessária e constitutiva de si mesma. Anteriormente neste mesmo ensaio, Derrida sugere que “comunicar-se, no caso do performativo ..., seria o mesmo que comunicar uma força através do ímpeto (impulsão) de uma marca”. (13) Essa força está associada ao rompimento de uma marca. contexto, a cena em que, através da repetição, a fórmula estabelece sua independência estrutural de qualquer dos contextos específicos em que aparece. A "força" não é derivada de condições que estão fora da linguagem,

---

<sup>5</sup> Tradução livre do excerto: To account for such speech acts, however, one must understand language not as a static and closed system whose utterances are functionally secured in advance by the “social positions” to which they are mimetically related. The force and meaning of an utterance are not exclusively determined by prior contexts or “positions”; an utterance may gain its force precisely by virtue of the break with context that it performs. Such breaks with prior context or, indeed, with ordinary usage, are crucial to the political operation of the performative.

como Bourdieu sugere, mas resulta da iterabilidade do signo grafemático (BUTLER, 1997, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Em suma, esta operação de ruptura de “marca” ou “traço” caracteriza a operação de suplementação, que possibilita o deslocamento de um signo para além de 04 (quatro) aspectos: autor, destinatário, tempo e espaço. Portanto, o valor de “ausência” é justamente o que torna legível um signo, e a propriedade de iterabilidade da linguagem é o que assegura a operação de “citacionalidade” do mesmo. A iterabilidade, a qual etimologicamente “iter” significa “de novo”, torna o momento repetido, repetível, na ausência absoluta de qualquer um dos fatores *supra* citados. Ou seja, ao contrário do entendimento de toda uma tradição filosófica ocidental, segundo a qual o signo seria uma “representação” da ideia, tendo em vista a pressuposição que as formas da linguagem caberia transportar o conteúdo significativo de modo contínuo e homogêneo, ou seja, que toda e qualquer derivação ocorreria de maneira linear, simplista e contínua, Derrida assinala para a existência de algo que caracteriza toda e qualquer linguagem em geral, a saber, o “valor de ausência” como ruptura. Assim, enquanto que termos clássicos a noção de “ausência” seria uma modificação contínua, uma reparação homogênea, em termos derridianos, o valor de “ausência” consiste na ruptura de “presença” de um signo que continua legível, continua a produzir efeitos, para além do emissor e do destinatário, bem como do “presente” no qual ocorreu sua inscrição.

Ainda com relação à “força de ruptura”, Derrida sinaliza para uma importante distinção entre 02 (dois) diferentes tipos de contexto: o contexto “real” e o contexto “semiótico e interno”. Enquanto o primeiro se trata do “presente” da inscrição, que inclui a presença do autor, sua experiência, o ambiente, bem como a sua intenção que animou o seu “querer-dizer”, o segundo diz respeito à cadeia de sintagmas. Assim sendo, enquanto no contexto “real”, a “força de ruptura” consiste em ruptura de presença, que é o que possibilita que o signo seja legível para além de todo “presente” em que se deu a sua inscrição, a “força de ruptura” do contexto semiótico e interno, por sua vez, trata-se da operação de retirada, isolamento e enxerto de um signo em outras cadeias de signos, tendo em vista que nenhum contexto, tampouco nenhum código podem fechar-se sobre si mesmo.

---

<sup>6</sup> Tradução livre do excerto: If iterability is a structural characteristic of every mark, then there is no mark without its own proper iterability; that is, for a mark to be a mark, it must be repeatable, and have that repeatability as a necessary and constitutive feature of itself. Earlier in this same essay, Derrida suggests that “communicating, in the case of the performative ... would be tantamount to communicating a force through the impetus (impulsion) of a mark.”(13) This force is associated with the break from context, the scene in which, through repetition, the formula establishes its structural independence from any of the specific contexts in which it appears. The “force” is not derived from conditions that are outside of language, as Bourdieu suggests, but results from the iterability of the graphematic sign.

De posse de toda essa compreensão, retomo o aspecto problemático indicado por Derrida a propósito da locução e da ilocução austiniana, bem como a respeito do contexto.

Derrida evidencia na teoria dos atos de fala que Austin perdeu de vista considerar na dimensão locucionária a operação de “citationalidade” da “marca” ou “traço” de qualquer signo que tenha sido inscrito num “presente” histórico específico, ou seja, para além de quem o inscreveu e do contexto no qual ocorreu a sua inscrição, ao argumentar que “devemos notar que o ato ilocucionário é um ato convencional: um ato realizado em conformidade com uma convenção” (AUSTIN, 1990, p. 92). Embora, particularmente, penso eu, Austin tenha ponderado quando diz “o ato ilocucionário e até mesmo o ato locucionário podem estar ligados a convenções” (AUSTIN, 1990, p. 93), estou de acordo com Derrida quanto a Austin não ter considerado o “rito”, a “convecção” ou, melhor, a “historicidade”, conseqüentemente a alteridade na “marca” ou “traço” de um signo inscrito num “presente Outro”, trazida pela iterabilidade, na dimensão locucionária do ato de fala performativo, pois sinaliza para uma origem pura, simplista, a partir da qual emergiram as dimensões ilocucionária e perlocucionária. “ “rito” não é uma eventualidade, é, enquanto iterabilidade, um traço estrutural de qualquer marca” (DERRIDA, 1991, p. 363).

Austin não tomou em conta o que, na estrutura da locução (portanto antes de qualquer determinação ilocutória ou perlocutória), comporta já este sistema de predicados que chamo *grafemáticos em geral* perturbando com isso todas as oposições posteriores de que Austin em vão procurou fixar a pertinência, a pureza, o rigor (DERRIDA, 1991, p. 363, grifo do autor).

Assim, Austin negligenciou, segundo Derrida, o fato que todo e qualquer ato de fala locucionário é marcado pela historicidade, pela ruptura de “presença”, de outros contextos de *práxis* humana, antes mesmo que a ilocução e a perlocução sejam determinadas. Assim sendo, entendo que nenhum ato de fala é puro, nenhum contexto seja “real” ou “semiótico” é puro, pois são marcados, desde já, desde sempre, pela diferença, pela alteridade trazida pelo movimento de iterabilidade possível pela insaturação do contexto e do código. E a respeito do outro aspecto problemático identificado por Derrida na proposta de Austin consiste na ideia de “contexto total”:

Para que um contexto seja exaustivamente determinável, no sentido requerido por Austin, seria necessário pelo menos que a intenção consciente fosse totalmente presente e atualmente transparente a si própria e aos outros, na medida em que constitui um foco determinante do contexto (DERRIDA, 1991, p. 369).

Ou seja, a concepção *supra* citada inviabiliza a possibilidade de que nenhum “resto” de significação transborde, movimente-se, possa escapular do contexto “presente” no qual se deu a sua inscrição, e seja legível para além da intenção e da experiência de seu autor e de seu destinatário em outros contextos históricos de *práxis* humana, ou, melhor, “a possibilidade de toda a enunciação performativa (e a *priori* de qualquer outra) de ser “citada”, pois “Austin exclui esta eventualidade” (DERRIDA, 1991, p. 366).

Acrescento a tudo o que foi discutido anteriormente, — se a propriedade de iterabilidade da linguagem, num mesmo lance, garante tanto a estabilidade quanto a instabilidade das significações—, o argumento que no movimento do estável para o mutável, a iterabilidade torna possível a recursividade/ retroação de sentidos históricos os quais poderão, a depender das contradições sociais e se um determinado contexto é marcado por agudas tensões sociais, muito mais do que assegurar o caráter constante, promover a destruição de tais sentidos. Destruição como ressignificação, pois o movimento de retroação assegurado pela iterabilidade possibilita que os efeitos produzidos se tornem produtores de outros efeitos. Mas o que possibilita que produtos se tornem produtores de outros efeitos, os quais, por sua vez, sinalizam para a emergência de sentidos subversivos de uma matriz cultural e ordem social estabelecida historicamente? A reflexividade. Em meio a esse processo de subordinação e constituição e vice-versa, a reflexividade é a volta sobre si mesmo que o sujeito realiza subjetivamente no interior de uma ordem social estabelecida, constituindo-se e reiterando ou ressignificando as significações históricas de tal ordem que diz respeito a uma formação discursiva de poder (BUTLER, 2017).

### 3 LINGUAGEM E VIOLÊNCIA

A violência das/nas palavras não é um tipo autônomo, mas atravessada por contradições sociais de gênero, raça/etnia, classe, etc. Compreendo que a violência de gênero empreendida pelo uso da linguagem poderá ser tanto ostensiva quanto sutil. A propósito deste último aspecto, argumento que a reprodução acrítica de sentidos categorizados em estereótipos clássicos de gênero, em contextos marcados por fortes tensões sociais, a saber, nas esferas de exercício do poder público e político, sinaliza para a existência de um estado de inteligibilidade “machista”, que a todo custo insiste na permanência de assimetrias entre os gêneros com base nos atributos de “feminilidade” e “masculinidade” tomados como características “naturais” de mulheres e homens, e que perfazem os aspectos identitários de cada indivíduo. Portanto, o estereótipo, ao contrário do entendimento que o mesmo designa a essência, diga-se de passagem, de modo linear, do masculino em relação ao homem, do feminino em relação à mulher, trata-se de um poderoso mecanismo que estabelece assimetrias entre os gêneros, pois entendo que a (re)produção do mesmo ocorre no interior de uma formação discursiva de poder, a saber, falocentrismo, e quando reiterado nos contextos de *práxis* humana promove tanto a subordinação quanto a constituição do sujeito (BUTLER, 2010; 2017). Portanto, a reiteração de estereótipos em contextos marcados por acentuadas tensões sociais de gênero consiste num tipo específico de violência de gênero, a saber, a violência simbólica.

Nesta seção, apresento uma concepção de violência complexa, com base no entendimento de Žižek (2014), a saber, a violência física, simbólica e sistêmica, categorizadas, a primeira, em “violência subjetiva” e, as duas últimas, “violência objetiva”.

#### 3.1 A PROPÓSITO DA VIOLÊNCIA

Se a violência assume formas diversas, e se a linguagem é uma forma de ação semelhante a tantas outras ações no mundo, então “uma das formas que essa ação pode assumir é a da violência” (SILVA; ALENCAR, 2014, p. 262). A violência não se trata de um fenômeno que brota de um sujeito autocentrado, autocontido, autossuficiente em relação ao mundo social, pois muitas contradições sociais e culturais históricas que marcam a sua existência tais como de raça/etnia, gênero, classe, por isso consiste em “um aspecto da vida social e cultural” (SILVA; ALENCAR, 2014, 2014, p. 263). Daí a violência consistir num

fenômeno complexo, porque muitos são os fatores que a atravessam e a constituem, e diversas são as suas formas de existência no mundo, que inclui a linguagem:

Fazemos coisas com linguagem, produzimos efeitos com a linguagem e fazemos coisas com a linguagem, mas a linguagem também é o que fazemos. Linguagem é um nome para o nosso fazer: tanto “o que” nós fazemos (o nome da ação que caracteristicamente desempenhamos) quanto aquilo que realizamos, o ato e suas consequências (BUTLER, 1997, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Silva e Alencar (2014) comentam sobre a existência de alguns entendimentos sobre determinados tipos de violência serem irrepresentáveis *na* e *pela* linguagem, por exemplo, violência extremas como aquelas que assumem a forma de hecatombe. Sobre este aspecto da representação, compreendo que ocorre o seguinte, a saber, um tipo como esse de violência ou qualquer outro tipo jamais será representado pelas formas da linguagem de modo absoluto, totalizante, linear, pois os sentidos de um evento sempre irão em busca de outros sentidos de outros eventos marcadamente contingenciais. Reconstituir um acontecimento traumático por meio da linguagem não é designar o acontecimento em si mesmo, mas reiterar “traços” de sentidos dando forma, por exemplo, àquelas explosões de atos de violência física, a um universo simbólico de sentidos da violência.

### 3.2 A COMPLEXIDADE DA VIOLÊNCIA

Žižek (2014) argumenta sobre a existência de uma interação complexa entre 03 (três) tipos de violência que juntas constituem aquilo que ele denomina por “triumvirato”, a saber, a “violência subjetiva”, que consiste na mais visível, pois quando pensamos em violência de imediato nos vem à mente as mais diversas manifestações da mesma: crimes, conflitos, confrontos, guerras, homicídios, etc.; a “violência simbólica”, que tem relação com a linguagem e com suas formas; e a “violência sistêmica”, que tem relação com o sistema econômico e o político. Ao reconhecer a diversidade da violência, o autor coloca uma questão:

As violências subjetiva e objetiva não podem ser percebidas do mesmo ponto de vista: a violência subjetiva é experimentada enquanto tal contra o pano de fundo de um grau zero de não violência. É percebida como uma perturbação do estado de

<sup>7</sup> Tradução livre do excerto: We do things with language, produce effects with language, and we do things to language, but language is also the thing that we do. Language is a name for our doing: both “what” we do (the name for the action that we characteristically perform) and that which we effect, the act and its consequences.



coisas “normal” e pacífico. Contudo, a violência objetiva é precisamente aquela inerente a esse estado “normal” de coisas. A violência objetiva é uma violência invisível, uma vez que é precisamente ela que sustenta a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento. Assim, a violência sistêmica é de certo modo como a célebre “matéria escura” da física, a contrapartida de uma violência subjetiva (demasiado) visível (ŽIŽEK, 2014, p. 17-18).

O problema da violência não é algo simples, mas complexo, pois os 03 (três) tipos identificados por Žižek (2014) mantêm relação entre si. Ao que parece, a violência subjetiva está na superfície, enquanto as demais se encontram numa camada mais profunda na sociedade. A violência “sistêmica” e a “simbólica” consistem em 02 (dois) diferentes tipos de violência objetiva. De modo específico, de acordo com o autor, a “violência sistêmica” é aquela oriunda das consequências advindas do modo regular como funcionam os nossos sistemas econômicos e políticos. Já a “violência simbólica” é aquela localizada na linguagem e em suas formas. A ação desta última é dupla, a saber, tanto atua na reprodução das relações de dominação quanto na imposição de um universo de sentido. Em suma, estamos nos confrontando com a dupla natureza da violência, a saber, objetiva e subjetiva. E se o aspecto subjetivo da violência é visível, os demais carecem vir à tona, precisamos torná-los também visíveis.

A respeito da violência “simbólica”, a partir do entendimento que é o acordo entre as estruturas objetivas e as estruturas subjetivas que constitui aquilo que ele denominou por “atitude natural” ou ainda “experiência *dóxica*”, e que tais estruturas produzem e reproduzem disposições ou *habitus*<sup>8</sup>, os quais, por sua vez, constituem esquemas de percepção, de avaliação e de ação, Bourdieu (2010) argumenta que a violência simbólica é instituída por meio da adesão do dominado aos instrumentos de conhecimento dos dominantes, ou seja, na falta de instrumentos de conhecimento próprios forjados a partir do ponto de vista dos dominados para refletirem e avaliarem a sua relação com os dominantes, os primeiros aderem aos segundos, pois os instrumentos existentes são partilhados por ambos.

Desse modo, na perspectiva adotada por Bourdieu (2010), os dominados sem opções para pensarem a relação que se estabelece com os dominantes se valem de

---

<sup>8</sup> Bourdieu (2007, p. 62) retoma a noção de *hexis* aristotélica, transformada pela escolástica em *habitus*, com a finalidade de romper com o paradigma estruturalista, refutando deste a sua filosofia da ação, bem como “sair da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construções de objeto”. Especificamente, a noção de *habitus* foi mobilizada para “pôr em evidência as capacidades criadoras, activas, inventivas, do *habitus* e do agente (que a palavra *hábito* não diz), embora chamando a atenção para a ideia de que este poder gerador não é o de um espírito universal, de uma natureza ou de uma razão humana como em Chomsky — o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural — mas sim o de um agente em ação [...]” (*Ibidem*, p. 61).

instrumentos de conhecimento próprio da dominação. Tais instrumentos compartilhados consistem na forma incorporada da relação de dominação, a qual é naturalizada, tornando possível a invisibilidade e o desconhecimento da “violência simbólica”. Os dominados avaliam a si e a sua relação com os dominantes apoiando-se nos esquemas de percepção, de avaliação e de ação forjados a partir da perspectiva da dominação. Em suma, o efeito da dominação simbólica é exercido por meio dos referidos esquemas de pensamento, e a força simbólica consiste numa forma de poder a qual se exerce sem a necessidade da violência física.

Bourdieu concentra sua análise da violência no aspecto “simbólico”, embora não deixe de mostrar de que modo o referido fenômeno está objetivado no mundo social, semelhante à Crettiez.

Contudo, enquanto Žižek argumenta sobre a necessidade de serem explorados os 02 (dois) tipos de violência objetiva “sistêmica” e “simbólica”, Crettiez (2011, p.09) argumenta, ao compreender que o que está em jogo no problema da violência não é somente a “intensidade das práticas”, mas a sua “finalidade e natureza”, que a compreensão que se tem da violência como um ato de coerção empreendido pelo uso da força é simplista demais, insuficiente e incompleta, pois:

[...] retém a apenas a dimensão objetiva da violência. A violência não é somente uma ação de coerção; é também uma pulsão que pode ter como finalidade apenas sua expressão, satisfazendo assim certa cólera, ódio, um sentimento negativo, que buscam se concretizar. O objetivo não é constranger, mas exatamente aviltar, destruir ou se construir pela passagem ao ato. Enfim, embora a violência implique a existência de um algoz e de uma vítima, nem sempre é fácil distingui-los claramente (CRETTEZ, 2011, p. 11).

Crettiez sugere levarmos em consideração na definição da violência, não somente o seu estado objetivado, ao contrário de Žižek, mas também o seu estado subjetivado que consiste na “intenção da vontade do outro”. O que aproxima o pensamento de ambos teóricos é a preocupação com aquele tipo de violência que se encontra nas entrelinhas, e não na superfície na sociedade.

É interessante observar que para Crettiez (2011, p.10) o fenômeno da violência tem um aspecto em comum a tantos outros fenômenos sociais, a saber, o da luta travada entre os atores sociais. Levando-se em consideração o fato que a violência consiste num produto de um “contexto”, bem como de uma “luta de poder”, o autor adverte sobre as divergências de interesses e de recursos que marcam a luta entre os atores sociais. No entanto, o seu foco recai sobre o aspecto subjetivo: a pulsão, não sobre a linguagem.

Entretanto, um aspecto importante particulariza o pensamento de Crettiez (2011, p. 31) sobre o fenômeno da violência, a saber, o da naturalização da violência. Segundo o autor, “ninguém nasce violento, torna-se”. Dessa forma, antes de ser uma escolha, o contexto oferece vários estímulos, dentre eles: um político, outro cultural. O estímulo político diz respeito à relação entre o Estado e certos grupos sociais que, ao se encontrarem, como argumenta Castells (2010), nas “trincheiras de resistência”, reivindicam reconhecimento e acesso ao poder. Já o estímulo cultural se refere aos determinismos culturais:

Se as causas políticas ou econômicas da violência são geralmente as mais apontadas, convém não subestimar a importância do ambiente cultural que, mais ainda, oferece aos violentos um quadro de legitimação de seus atos que pode às vezes chegar a tornar totalmente natural o exercício da violência (CRETTEIZ, 2011, p. 39).

Podemos observar que enquanto Crettiez argumenta que o aspecto político e econômico são os mais visíveis, Žižek advoga em favor que tais aspectos sejam trazidos à tona nos estudos sobre a violência.

No entendimento de Žižek (2014), a violência “objetiva” em sua forma “sistêmica” e “simbólica” é abstraída dos contextos de *práxis* humana onde se dá, por exemplo, a ocorrência da violência física. Segundo o autor, enquanto os agentes da violência física são identificáveis, o mesmo não se dá com os agentes dos demais tipos de violência aqui discutidos. A sua sugestão é que ao invés de sermos arrebatados pelo imediatismo, ao invés de promovermos ações imediatas, devemos indagar sobre o que provoca a explosão da violência física cuja ocorrência se dá no cotidiano da vida social.

Norteados por essa compreensão, Žižek (2014) faz um apelo, a saber, o de que não podemos perder de vista a interação complexa que existe entre a violência “subjetiva” e “objetiva”, pois uma provoca a outra desencadeando perturbações no fluxo normal dos acontecimentos na vida diária. A violência “sistêmica” e “simbólica” engendra a violência “subjetiva”, ou seja, atos violentos, relações sociais violentas.

A violência “sistêmica”, por exemplo, concebida como uma abstração não é responsabilizada pelos atos maléficos que provoca na vida de milhões de sujeitos, como é o caso do capitalismo que consiste num “monstro autogenerativo” (Žižek, 2014, p. 25), pois são “os agentes da violência estrutural que criam as condições das explosões da violência subjetiva”, cujas ações que visam a solucionar “os aspectos disfuncionais do sistema global” (Žižek, 2014, p. 42) não são em nada atos de gentileza, pois “o problema, evidentemente, é que para darmos, temos primeiro de tomar- ou, como alguns diriam, de criar” (Žižek, 2014,

p.30). Afirmar que o capitalismo consiste numa “abstração ideológica” é simplista demais, pois perde de vista a sua ação real na sociedade:

Vivemos numa sociedade em que existe uma espécie de identidade especulativa hegeliana dos opostos. Certos traços, atitudes e normas de vida deixaram de ser percebidas como ideologicamente marcados. Parecem ser neutras, não ideológicas e naturais questões de senso comum. Chamamos ideologia aquilo que não se inscreve nesse pano de fundo: o zelo religioso extremo ou a dedicação a uma orientação política particular. Em termos hegelianos, o importante aqui seria o fato de que é precisamente a neutralização de certos traços num pano de fundo espontaneamente admitido o que marca a nossa ideologia em seu grau mais puro e eficaz. A dialética “coincidência dos contrários” consiste no seguinte: a atualização de uma ideia ou de uma ideologia em seu grau mais puro coincide com, ou, mais precisamente, manifesta-se como o seu contrário- como não ideologia. *Mutatis mutandis*, o mesmo vale para a violência. A violência simbólica social na sua forma mais pura manifesta-se como o seu contrário, como a espontaneidade do meio que habitamos, do ar que respiramos. (ŽIŽEK, 2014, p. 41).

Ao que parece, segundo Žižek (2014), ao estabelecer uma relação com a ideologia, concebida como abstração, entende que a violência “sistêmica” e a violência “simbólica” são concebidas como não violência, pois é negada a materialidade das mesmas, ou seja, o estado objetivado delas no mundo social. Já a violência “física” não se trata de um simples ato espontâneo, mas num ato oriundo de uma relação dialética complexa entre a violência “objetiva” e “subjetiva”. Decerto, tanto a violência “sistêmica” quanto a violência “simbólica” se tratam de formas sutis de coerção, pois as mesmas estabelecem, impõem, promovem, sustentam relações de dominação e exploração, conseqüentemente desencadeiam “explosões” de atos de violência física.

Com base no princípio da complexidade “hologramático”, “recursivo-retroativo” e “dialógico”, compreendo que cada tipo específico de violência consiste em “partes” que configuram o fenômeno da “violência” como um “todo”, partes cuja relação se dá de modo complementar, concorrente e antagônico, pois nenhum tipo se reduz ao outro, uma vez que, uma está contida na outra. O pensamento de Žižek se assemelha ao de Morin, porque ambos não concebem a realidade de modo simplista, redutor, abstraído da história.

## 4 LINGUAGEM E FEMINISMO

Nesta seção, primeiramente discorro sobre os desdobramentos das reivindicações e lutas que muitas mulheres travaram para que fossem reconhecidas como sujeito político tanto na Europa, Estados Unidos quanto no Brasil, e em seguida apresento os desenvolvimentos que ocorreram na teoria feminista, os quais se deram a partir da compreensão que a subordinação da mulher e a dominação e predomínio do homem na sociedade se tratava de uma questão de poder, que resultou na emergência de importantes trabalhos sobre a questão de gênero como os de Gayle Rubin, Joan Scott, Heleieth Saffioti e Judith Butler. Saliento que as mudanças ocorridas nos estudos de gênero tiveram estreita relação com as ações e demandas do feminismo.

Contudo, as ações do movimento feminista tiveram que enfrentar, não somente a lógica dos regimes de discurso/poder falocêntrico, patriarcal, machista, que impediam as mulheres de participarem da vida pública e política, mas a discriminação, sobretudo, das próprias mulheres em relação ao rótulo “feminista”. Tanto é que encontramos na literatura mais atuais reflexões que assinalam para tensões e ambivalências entre mulheres que não se identificavam com as demandas e ações políticas do feminismo, mas, muito mais do que isso, não se identificavam como “feministas”, porque a esta categoria foram acrescentadas uma carga semântica que as identificavam como “masculinas, lésbicas e feias”. Hoje, argumentos existem em favor da existência de uma “quarta” onda do feminismo. No entanto, tratarei de abordar somente as duas ondas, colocando em destaque importantes nomes de mulheres que foram arautos do empoderamento político, profissional, intelectual, dentre outros aspectos, de tantas outras mulheres.

### 4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE A ATUAÇÃO POLÍTICA FEMININA/ FEMINISTA<sup>9</sup>

O fluxo dos acontecimentos sócio-históricos sempre foi marcado pelo “jogo do devir”, ou seja, por bifurcações nos processos sociais, ocasionando “acidentes” históricos. E, como tal, não foi diferente para as lutas empreendidas pelas mulheres contra a subordinação e a opressão impostas por regimes de discurso/poder/verdade denominados ora “patriarcado”, ora “falocentrismo”, ora “machismo”. O alinhamento entre razão/mente e masculinidade e

---

<sup>9</sup> Oportuno discorrer sobre o acontecimento histórico de 08 de março, contudo, destino à seção “trajetória metodológica”, pois o contexto situacional está relacionado a esta data histórica.

entre corpo e feminilidade não é algo novo, mas bastante antigo, pois tem suas raízes filosófica, científica e histórica no dualismo platônico retomado, mais adiante, por René Descartes *ad hoc* pai da modernidade, e resultou como base para o estabelecimento de tais regimes, os quais tem justificado o alijamento das mulheres da vida pública, principalmente da arena política, bem como as assimetrias de poder entre homens e mulheres nos espaços não somente públicos, mas também no espaço privado, do lar, da casa. Ou seja, com base nas dicotomias ocidentais masculinidade/ feminilidade, razão/ emoção, mente/ corpo, cultura/ natureza, dentre outras, sendo cada termo de um par superior ao outro, os termos masculinidade, razão, mente, cultura têm sido concebidos como superiores aos termos feminilidade, emoção, corpo, natureza, conseqüentemente, justificado o estabelecimento e a permanência de assimetrias históricas entre mulheres e homens.

O movimento feminista desde a sua primeira “onda” tem lutado contra a dominação e opressão impostas às mulheres por discursos e práticas que a todo custo quiseram deixá-las à margem dos acontecimentos públicos e políticos nas sociedades nas quais estavam situadas. Data que o primeiro movimento feminista nas sociedades ocidentais ocorreu na França. Com base nos princípios do Iluminismo, as mulheres francesas “colocaram contra os homens os argumentos que usaram com tanta ênfase em sua luta contra o que – ideologicamente – perceberam como “a tirania aristocrática” do Ancien Régime” (AMORÓS, 2008, p. 17), pois aproveitaram a ocasião para reivindicarem participação na vida pública, uma vez que, muitas delas participaram ativamente de tal processo revolucionário como, por exemplo, do famoso evento histórico, a saber, a tomada da Bastilha. A Revolução Francesa representou não somente um movimento de ruptura com o Antigo Regime que sofria uma “crise de legitimação”, mas também envolveu “uma crise da legitimação patriarcal” (AMORÓS, 2008, p. 15). Certamente, as mulheres francesas se valeram do discurso da filosofia Iluminista para promoverem seus interesses que passavam pelo questionamento do “sistema gênero-sexo hierarquizado”, ou melhor, ressignificaram os ideais revolucionários para serem reconhecidas também como cidadãs:

[...] as mulheres revolucionárias, enquanto oprimidas, fazem uso da linguagem iluminista para descrever-se a si mesmas como tais: interpelam ao opressor com os termos denotativos que este – no caso que nos ocupa, os varões revolucionários – empregava para deslegitimar e irracionizar o poder dos estamentos dominantes do *Antigo Regime*. ... Mediante tais ressignificações as oprimidas *politizam*, ao mesmo tempo que *desnaturalizam*, as designações dos opressores [...] (AMORÓS, 2008, p. 24, grifo do autor).

Podemos observar no argumento *supra* citado o quanto tem sido problemático as designações feitas às mulheres e homens, o quanto determinadas categorias sociais como o estereótipo tem servido ao propósito de deslegitimar as mulheres frente ao homem tanto no âmbito da vida privada quanto na vida pública e política.

No Brasil, a literatura mais atual tem o registro que a primeira mulher feminista tenha sido Nísia Floresta, ainda nos tempos da monarquia brasileira. Nísia Floresta advogou em prol do direito à educação e da capacitação intelectual das mulheres, bem como protagonizou intervenções em debates que giraram em torno de tensas questões nacionais e internacionais como a abolição da escravidão e a unificação da Itália. Nísia era nordestina, nasceu num povoado no Rio Grande do Norte, filha de um advogado português, residiu em vários estados brasileiros como também na Europa (PRADO; FRANCO, 2018). Alinhada com o pensamento positivista do filósofo francês Augusto Comte, segundo o qual “sendo as mulheres quem primeiro educavam os homens, elas deviam ser muito bem informadas” (PRADO; FRANCO, 2018, p. 207), Nísia no ensaio intitulado por *A mulher* “reafirma valores consolidados, como a modéstia, que devem pautar a conduta das mulheres, e associa a mulher às tarefas domésticas, sobretudo, à educação dos filhos” (PRADO; FRANCO, 2018, p. 206). Acontece que Nísia, — quiçá semelhante a muitas mulheres de sua época com receio de que sofressem represálias, publicaram textos, no uso contemporâneo do termo, “ambivalentes”, porque convergiam propostas convencionais e radicais a respeito do comportamento feminino —, via como estratégia a formação intelectual da mulher como um meio para desnaturalizar os preconceitos que os homens tinham em relação às mulheres e, conseqüentemente, subverter “a hierarquia de poder presente nas relações entre os sexos” (PRADO; FRANCO, 2018, p. 207).

Acontece que no período colonial brasileiro, muitas mulheres não se intimidaram com os preconceitos da época em relação a elas, e lutaram em nome de causas políticas bastante acirradas e, diga-se de passagem, marcadas pela violência das armas. É o caso de Bárbara de Alencar, — cujos créditos pela biografia são devidos a Inês Sabino —, nascida em Pernambuco no ano de 1760, guiada pelas ideias republicanas, participou da Revolução Pernambucana no ano de 1817, juntamente com o seu irmão e seus 03 (três) filhos, sendo um deles Martiniano de Alencar, pai do escritor cearense José de Alencar, tendo em vista o desejo pela independência brasileira em relação aos domínios da monarquia portuguesa. Semelhante ao período da ditadura militar no Brasil, Bárbara foi presa com o seu irmão pelo regime político da época, e libertada em 1820. Mas ainda teve fôlego para se engajar num outro movimento revolucionário, a saber, a Confederação do Equador no ano de 1824. Ao relatar tal

fato, na transição do regime monárquico para o republicano, não posso deixar de citar, o engajamento político de muitas mulheres brasileiras que se debruçaram para promover visibilidade à atuação política de tantas outras mulheres por meio de suas produções culturais, como a elaboração de dicionários biográficos que tinham como objetivo forjar outra identidade nacional para a nova nação brasileira emergente, que se deu após a proclamação da República em 1889 (PRADO; FRANCO, 2018).

Na segunda metade do século XIX, importantes acontecimentos históricos ocorreram no Brasil, o advento da República, e na Europa, a emergência da primeira onda feminista. O cenário parecia favorável para que fossem promovidos outros arranjos nas relações culturais, sociais, políticas, dentre outras, na sociedade brasileira, mas não foi o que aconteceu. Em 1891, ano da promulgação da Constituição, a Assembleia Constituinte rejeitou emendas que visavam reconhecer o direito das mulheres protagonizarem politicamente, semelhantes aos homens, nas esferas de poder por meio do voto. No entanto, tais emendas foram rejeitadas com base no argumento de que o direito da mulher ao voto seria algo inconstitucional, apesar de outros tantos alegarem que as mulheres estavam incluídas na categoria “cidadãos brasileiros” (SOIHET, 2018, p. 219). Contudo, semelhante às revolucionárias francesas, as sufragistas brasileiras buscaram dar forma ao seu discurso reivindicatório subvertendo o próprio discurso constitucional:

O código deixava de fora uma menção explícita em relação às mulheres. Essa ausência foi lamentada pelas sufragistas, que ao mesmo tempo tentaram utilizá-las como um trunfo: se não lhes estavam reservados os assentos nos mecanismos oficiais da política, por outro lado, nenhuma menção explícita as excluía. Aliado a isso, o fato de haver permissão aos alfabetizados abria as condições para que ao menos as “mulheres cultas” pleiteassem o direito de votar e ser votadas (PRADO; FRANCO, 2018, p. 210).

É certo que o estabelecimento do Estado moderno foi marcado pela exclusão das mulheres de protagonizarem nas esferas públicas e de poder, negando-lhe o reconhecimento da condição de “cidadãs”. Aliás, se a exclusão das mulheres dos domínios de poder é um dos fatos que constituem a história ocidental, isso se deu com base na separação das esferas privada e pública, mas, principalmente, na relação de tais esferas com a categoria “sexo”. Ou seja, “qualidades”, “aptidões” e “padrões comportamentais” bastante específicas para homens e mulheres foram forjados com base em tal categoria, e tais atributos relacionados às esferas privada e pública serviram como justificativa para legitimar o homem como cidadão, e negarem tal reconhecimento às mulheres (ARAÚJO, 2012).



Especificamente, compreendo que o Sufrágio feminista que ocorreu na Inglaterra no final do século XIX foi movido pelos mesmos ideais que impulsionaram as mulheres revolucionárias francesas no século XVIII. No Brasil, não que nos demais lugares no mundo tenha sido uma luta fácil, mas as reivindicações empreendidas pelas mulheres que buscaram garantir o direito ao exercício da cidadania estiveram atravessadas por outras demandas sociais, por outros aspectos sociais bastante problemáticos como, por exemplo, no século XIX, a abolição de pessoas que foram escravizadas, que ficariam à margem, semelhante às mulheres, excluídas do exercício à cidadania nos primórdios do regime republicano seria um aspecto também relevante para muitas mulheres como foi para Nísia Floresta, e no século XX, as mulheres também tiveram que se engajar na luta contra a ditadura militar.

Enquanto no Reino Unido, as mulheres conquistaram o direito ao voto em 1918, no Brasil, tal direito só viria ser adquirido em 1932, com a promulgação do novo Código Eleitoral Brasileiro:

Em 1932, o Brasil finalmente ganhou um novo Código Eleitoral. Com o Decreto 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, estabeleceu-se no país o voto secreto e o voto feminino. Com isso o Brasil tornou-se o segundo país da América Latina (depois do Equador) a estender às mulheres o direito de voto; nisso também foi pioneiro com relação a países da Europa tidos, em outros aspectos, como mais desenvolvidos, como França e Itália (SOIHET, 2018, p. 226).

O contexto social brasileiro da década de 1920 esteve marcado por diversos descontentamentos e críticas em relação aos “privilégios concedidos aos grandes proprietários de terra, especialmente cafeicultores, em detrimento de outras atividades econômicas, sobretudo industriais”, à “corrupção que caracterizava o sistema eleitoral vigente”, bem como aos “arraigados preconceitos raciais e a inferiorização de manifestações populares, como o samba, vistas como símbolo de atraso”, bem como “as concepções vigentes acerca da fragilidade física e das limitações intelectuais das mulheres” (SOIHET, 2018, p. 224). Consequentemente, em 1930, no governo de Getúlio Vargas, tendo em vista o estado decadente no qual se encontrava a política da época, diversos setores da sociedade passaram a reivindicar “moralização na política e o aperfeiçoamento do sistema eleitoral” (SOIHET, 2018, p. 225). Em meio às turbulências sociais e políticas na transição da República Velha para o Estado Novo que um novo Código Eleitoral foi aprovado, apesar do voto secreto e do voto feminino serem efetivamente incorporados na Constituição de 1934. A propósito das concepções que desqualificam e deslegitimavam as mulheres para o exercício de atividades profissionais e políticas, tiveram o endosso do discurso da ciência da época que considerava

“as mulheres, por suas supostas fragilidade e menor inteligência, inadequadas para as atividades públicas, afirmando que o lar era o local apropriado à sua inserção social e o cuidado com a família, sua ocupação prioritária” (SOIHET, 2018, p. 219).

Dentre as mulheres brasileiras feministas, importantes nomes se destacaram como, por exemplo, na transição do século XIX para o XX, o de Josefina Álvares de Azevedo, e, especificamente, no século XX, o de Bertha Lutz. Ambas desempenharam vigorosa atividade intelectual e política. Enquanto a primeira fundou em 1888 o periódico intitulado por *A Família*, em São Paulo, que seria um dos mais radicais da época, posicionando-se, não somente em defesa de direitos políticos para as mulheres, mas a favor da emancipação feminina, do divórcio, da autonomia financeira e de formação intelectual, porque para Josefina “a premissa de que o conhecimento intelectual habilita a mulher a participar politicamente e exercer os mesmos cargos que os homens” (PRADO; FRANCO, 2018, p. 212), tendo em vista que as mulheres não poderiam ficar à margem das responsabilidades morais e legais, bem como passivas frente às decisões tomadas pelo governo. Fato interessante que vale a pena informar diz respeito “as acusações que circulavam em jornais da época de que as mulheres andavam interferindo indevidamente nos negócios masculinos”, Josefina prontamente “argumentou que os homens eram incapazes de colocar ordem numa casa e que as mulheres deviam, sim, competir com eles, atuando tanto ‘no governo da família como na direção do Estado’” (PRADO; FRANCO, 2018, p. 211). Já a segunda, por sua vez, no seu retorno da Europa ao Brasil em 1918, engajou-se avidamente na luta por emancipação feminina. Embora Bertha Lutz tivesse como prioridade a conquista do voto feminino, a mesma também militou em defesa do acesso ao mercado de trabalho para as mulheres, para que as mesmas tivessem os meios necessários de subsistência para não mais dependerem dos homens, e também por acreditar que a profissionalização colaboraria com “o amadurecimento da personalidade feminina” (SOIHET, 2018, p. 220); em defesa das mulheres que trabalhavam no comércio que tinham que enfrentar uma pesada carga horária de trabalho que perfazia de 13 a 14 horas, para que tal rotina de trabalho fosse reduzida para 08 diárias, inspirada na Revolução Russa ocorrida em 1917, dentre outras ações.

No desenrolar do século XX, a partir da década de 1930, o feminismo não tinha mais o vigor de antes na Europa, nos Estados Unidos, bem como no Brasil, ressurgindo com vitalidade na década de 1960, quando da publicação da obra intitulada por *O segundo sexo*, de autoria da escritora feminista francesa Simone de Beauvoir, publicado em 1949, acontecimento significativo para a emergência da “segunda onda” do feminismo. Vale dizer que a emergência da referida obra provocou deslocamento nos estudos feministas, já que o

próprio feminismo consistia num movimento político reflexivo, ou seja, militância e teoria estabeleciam intenso diálogo, algo relacionado ao tipo de sujeito político que integrou o movimento da época, a saber, “mulheres de classe média educadas, principalmente nas áreas das humanidades, da crítica literária e da psicanálise” (PINTO, 2012, p. 269).

Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força; as mulheres, pela primeira vez, falam diretamente da questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher no trabalho, na vida pública, na educação, mas também luta por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que a mulher tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (PINTO, 2012, p. 271).

Decerto, a década de 1960 foi marcada por intensos acontecimentos históricos como, por exemplo, nos Estados Unidos, o mundo presenciava o seu envolvimento na Guerra do Vietnã, que demandou a participação de um contingente grande de jovens, bem como a emergência do movimento *hippie* no estado da Califórnia, que se opunha ao consumismo e aos valores morais norte-americanos; na Europa, especificamente na França, o maio de 1968, que representou o questionamento da antiga ordem acadêmica que se arrastava por muitos anos; na Alemanha e nos Estados Unidos, o surgimento da pílula anticoncepcional, dentre outras “acidentes” no curso da história. Já no Brasil, em 1964, o Estado foi alvo de um golpe militar que estabeleceu uma ditadura militar, a qual, em 1968, viria a ser uma das mais cruéis por meio do Ato Institucional n. 5 (doravante AI5). Em tão pouco tempo que havia sido proclamado o regime republicano, devendo o comando central do Estado-Nação ser dirigido por um presidente eleito por voto popular e democrático, o Estado brasileiro presenciou a emergência não de um Presidente da República, mas de ditadores que a todo custo tentaram colocar a sociedade e, claro, o povo numa “camisa de força”, ou nas palavras de Morin, a contingência social num “espartilho”, algo típico dos regimes totalitários (PINTO, 2012).

Portanto, no Brasil, no período da ditadura militar, muitas mulheres se engajaram na luta pela anistia, como Terezinha Zerbini que lançou o movimento feminino de luta pela anistia, algo que viria ocorrer em 1979. Em meio à opressão imposta pelo regime ditatorial militar, as feministas não se intimidaram e promoveram manifestações na década de 1970, vistas, claro, com bastante desconfiança pelos militares, porque para estes tais manifestações eram “política e moralmente perigosas” (PINTO, 2012, p. 272).

Oportuno pontuar o protagonismo das mulheres negras brasileiras atuantes no feminismo, embora suas lutas tenham iniciado no período “pós-Abolição da escravatura”

(NEPOMUCENO, 2018, p. 383), contra a discriminação racial imposta pela emergente sociedade moderna brasileira “aburguesada” e “europeizada” na transição do século XIX para o XX. O fato é que se a população negra buscou dar forma as suas reivindicações através da fundação de movimentos sociais organizados como o de 1931 denominado Frente Negra Brasileira (FNB), que mais tarde viria ser um partido político cassado pelo governo de Getúlio Vargas, e o de 1978 intitulado Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNU), as mulheres negras brasileiras, como as ativistas intelectuais Lélia González e Beatriz Nascimento, norteadas pelo entendimento que a experiência das afrodescendentes consistia em algo específico, pois além da questão de raça/etnia inclui a questão sexista, buscaram “trilhar uma trajetória própria de autodeterminação política” (NEPOMUCENO, 2018, p. 400):

As mulheres negras estabeleceram seu próprio espaço de luta tanto no movimento feminista quanto no movimento negro, mas logo iriam contestar as ações e discursos desses dois organismos ao atentar para a especificidade da experiência histórica das afrodescendentes, no caso do primeiro, e exigir uma agenda que incluísse a dimensão gênero no trato da questão racial, no caso do segundo, denunciando ainda as atitudes sexistas no interior do grupo (NEPOMUCENO, 2018, p. 400).

Mais que oportuno é justo discorrer sobre a atuação política e teórica das mulheres negras brasileiras, uma vez que, o movimento feminista jamais foi homogêneo, ou melhor, as demandas femininas/feministas jamais foram simples, mas complexas, tendo em vista que a sociedade brasileira sempre foi marcada por contradições sociais, culturais e políticas.

O certo é que na década de 1960, a “segunda onda” do feminismo colocou em pauta na sua agenda política o questionamento de aspectos mais insidiosos, — decorrentes, claro, da “primeira onda” que lutou para que as mulheres tivessem acesso às esferas públicas e políticas de poder, que implicou o reconhecimento delas como cidadãs e o direito ao exercício do voto e de representação política—, “tratou-se de evidenciar o papel das instituições e da estrutura social como reprodutoras de desigualdade e dominação”, bem como “procurou também conferir visibilidade à articulação entre o público e o privado na reprodução das relações de gênero” (ARAÚJO, 2012, p. 246), tendo em vista que os direitos legais, conquistados pelas mulheres no início do século XX, não estavam dando conta de deslocar e ressignificar as assimetrias históricas de gênero. Assim, ainda na mesma década, o slogan “o pessoal é político” seria a bandeira em nome da qual o feminismo reivindicaria uma nova concepção de vida social, não mais como algo segmentado, mas como um todo articulado (ARAÚJO, 2012, p. 246), porque o espaço privado, da casa, do lar, da família e o

espaço público, do mercado de trabalho, das esferas políticas, de formação intelectual, não são lugares isolados, autossuficientes, fechados sobre si mesmo, impermeáveis um ao outro, espaços que nada tem haver um com o outro, pelo contrário, as demandas do espaço privado são também demandas políticas, como é o caso, por exemplo, do problema da violência doméstica e a sobrecarga de tarefas, pois as mulheres, ainda no século XXI, tomam para si a responsabilidade do lar, dos filhos, da família:

Mecanismos *domésticos* de reprodução das relações de gênero, como a construção subjetiva da feminilidade e da masculinidade e a divisão sexual do trabalho na produção e reprodução da vida material, os mecanismos públicos, o papel das instituições sociais e do próprio Estado como legitimador dessa relação, foram repensados como parte de um mesmo processo de dominação. O poder institucionalizado é criticado pelo movimento feminista não apenas pela ausência numérica feminina, mas também por sua associação entre o masculino e as suas limitações e aporias. Esse processo implicou em duas manifestações paralelas de exercício de poder, a saber: de um lado, o exercício da dominação masculina, a capacidade de mando, o poder patriarcal, legitimado e regulado publicamente, sobre as mulheres e a família em geral; de outro, o poder político, cujo exercício foi reservado aos homens e cujas instituições representativas permanecem marcadas pela pequena presença feminina (ARAÚJO, 2012, p. 246-247, grifo do autor).

Tendo em vista que “a igualdade entendida como submissão à hegemonia do masculino encontra uma primeira contestação” (OLIVEIRA, 2012, p. 64), por compreenderem que “é justamente nessa tentativa de integração em pé de igualdade ao mundo dos homens que elas vão esbarrar em obstáculos que transformarão a reivindicação de igualdade em uma armadilha” (OLIVEIRA, 2012, p. 63), uma vez que:

No esforço de se ajustarem ao novo perfil que emerge da ruptura de sua antiga identidade, as mulheres se veem obrigadas a tentar tornar compatíveis dois estilos de vida, dois registros intelectuais e afetivos, dois modelos de conduta cotidiana. Definidas por uma norma e um modelo que lhes são impostos, elas têm de aceitar o paradoxo do universal e do particular, colocado por uma sociedade que as universaliza como produtoras e as particulariza como mulheres. Dilaceradas por pertencerem, simultânea e conflituosamente, ao espaço privado, ao mundo do lar e da família regido pelas emoções, pelos sentimentos e pela afetividade, e ao espaço público, ao mundo regido pela agressão, pela competitividade e pelo princípio do rendimento, as mulheres descobrem que o acesso às funções masculinas não basta para assentar a igualdade e que a igualdade, compreendida como integração unilateral no mundo dos homens não é a liberdade (OLIVEIRA, 2012, p. 63-64).

Norteadas por esse entendimento, na década de 1970-1980, a agenda feminista coloca em pauta a necessidade de politizar as questões que dizem respeito à esfera privada, ainda na década de 1980, o feminismo estabelece uma interação mais próxima com o Estado, reivindicando mudanças nos mecanismos que ainda dificultam um maior acesso de mulheres

às arenas públicas e políticas do próprio Estado. Em 2000, reivindicam a incorporação de políticas públicas de gênero e de igualdade também ao Estado brasileiro. É fato é que a “segunda onda”, especificamente do feminismo brasileiro esteve caracterizado por:

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo brasileiro entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres. Há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões, tratando de uma gama muito ampla de temas: violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Esse grupos se organizavam, algumas vezes muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que se localizavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento básico, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Esse encontro acabou sendo muito importante para ambos os lados, já que o movimento feminista brasileiro — cujas origens residiam na classe média intelectualizada — teve uma interface com as classes populares, que provocou novas percepções, discursos e ações em ambos os movimentos (PINTO, 2012, p. 273-274).

A historicidade do feminismo é reconstituída por Castells (2010) que aponta para os vários tipos de feminismos que eclodiram em diversos contextos *praxiológicos*, mobilizados por interesses plurais. Contudo, julgo pertinente reter dessa reconstituição a existência de um tipo específico de feminismo denominado “pragmático”, a saber:

Escolhi propositadamente um tema controverso, *feminismo pragmático*, para me referir à mais ampla e profunda corrente das lutas femininas no mundo moderno, especialmente nos países em desenvolvimento, mas também entre mulheres da classe operária e organizações comunitárias em países industrializados. É claro que todas as feministas são pragmáticas, no sentido de que solapam a cada dia, e de muitas formas, as fundações do patriarcalismo, seja lutando pelos direitos da mulher, seja desmitificando o discurso patriarcal. **É possível, porém, que muitas mulheres sejam feministas na prática embora não reconheçam o rótulo** nem tenham consciência de que se opõem ao patriarcalismo. Assim, vemo-nos diante da seguinte pergunta: *pode o feminismo existir sem conscientização feminista? Não serão, no mundo inteiro, as lutas e organizações de mulheres em defesa de suas famílias (principalmente de seus filhos), suas vidas, seus empregos, seus abrigos, sua saúde, sua dignidade, uma forma pragmática de feminismo?* (CASTELLS, 2010, p. 236, grifo nosso).

O fato é que resistências femininas não dizem respeito somente àquelas ligadas aos movimentos feministas, mas podemos observar a historicidade desse movimento na subjetividade daquelas mulheres, sejam elas de classe média, baixa, intelectualizada, trabalhadoras, dentre outros perfis identitários, que não se reconhecem como feministas, mas que estilizam, talvez, inconscientemente, significações que sinalizam para performances corpóreo-discursivas de militância quando se opõem à subordinação, opressão, violência

doméstica, desigualdade salarial, dupla jornada de trabalho, e desejam uma sociedade não mais marcada pelo machismo.

#### 4.2 TEORIA E AÇÃO POLÍTICA FEMINISTA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS DOS ESTUDOS DE GÊNERO

As mudanças ocorridas nos aportes teóricas e metodológicas das Ciências Sociais e Humanas tiveram estreita relação com os questionamentos, demandas e reivindicações empreendidas pelo movimento feminista a respeito da condição de submissão da mulher na sociedade e em relação ao homem, o qual teve sua emergência:

Ao questionar o corte hierárquico do mundo, ao afirmar que o pessoal é político e que a política se enraíza na vida cotidiana e nos sentimentos privados, ao opor ao modelo único a ser imitado, uma pluralidade de projetos e identidades a serem inventadas, essas novas protagonistas sociais atacam princípios sagrados da ordem estabelecida. A expressão coletiva desse questionamento de normas, valores e modos de organização ficou conhecida como Movimento Feminista (OLIVEIRA, 2012, p. 65).

Certamente, identifiquei na literatura mais atual relatos sobre a historicidade do modo como se deram, — do século XIX até os dias atuais do século XXI —, as transformações ocorridas tanto nas hipóteses do feminismo quanto nas pesquisas realizadas no âmbito das disciplinas sociais e humanas sobre as condições de marginalidade, exclusão, preconceito, submissão, dentre outras desagradáveis, nas esferas públicas e privadas, identificamos 05 (cinco) deslocamentos, os quais os dois primeiros foram marcados pelas pesquisas do psicanalista Sigmund Freud e da feminista Simone de Beauvoir.

Enquanto Freud advogou que “as divisões de gênero na vida adulta não eram fixadas no início da vida” e que “os padrões dos adultos eram construídos em um processo de desenvolvimento dirigido pelo conflito ao longo da vida (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 128-129), Simone de Beauvoir, na França, com a publicação de sua obra em 1949 intitulada por *O segundo sexo*, refutou o essencialismo na polaridade entre masculino e feminino. A subordinação das mulheres foi o objeto de sua crítica política. Para tanto, as suas influências foram a psicanálise, a literatura e a filosofia ativista propostas por Jean-Paul Sartre. A proposta teórica de Beauvoir emergiu no momento em que o conservadorismo predominava na psicanálise e nos fundamentos da teoria dos papéis sexuais. A construção na consciência dos homens sobre a mulher enquanto “outro”, bem como o modo como as próprias mulheres poderiam responder tanto a tal constituição, quanto ao modo como elas mesmas poderiam

empreender a constituição delas mesmas foram as questões exploradas por Beauvoir (CONNELL; PEARSE, 2015, 2015).

Sobre a terceira mudança, Barbieri (1993) e Connell e Pearse (2015) estão de acordo a respeito da emergência histórica de uma nova onda do feminismo na década de 1970 denominado por: Movimento de Libertação das Mulheres. Nesse período, a Organização das Nações Unidas – ONU declarou o ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher, e na promulgação da Declaração dos Direitos humanos as mulheres foram reconhecidas como sujeitos de direitos inalienáveis e imprescritíveis. Salientamos que tais ações empreendidas pela ONU são consequência das ações da segunda onda do Movimento feminista que começou a eclodir no final da década de 1960.

Com a emergência do novo feminismo, diversas teorias de gênero emergiram, especificamente em 1975, como, por exemplo, a proposta pioneira da feminista marroquina Fátima Mernissi, que se debruçou para investigar a situação dos homens e as dinâmicas da masculinidade, bem como a proposta do modelo abstrato denominado “sistema sexo/ gênero” da antropóloga Gayle Rubin, que empreendeu um diálogo entre Antropologia e feminismo. Depois vieram as teorizações de Julia Kristeva, em 1974, e de Luce Irigaray, em 1977, que inspiradas pelo pensamento de Lacan, detiveram-se sobre a questão da linguagem com o objetivo de investigar “um nível da realidade humana que escapasse à estrutura falocêntrica da linguagem ordinária e da consciência” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 137).

Contudo, Barbieri (1993) nos informa mais precisamente que quando o movimento feminista despontou na década de 1970, o foco inicial era obter informações históricas sobre as condições de subordinação de vida das mulheres com a preocupação de entender a gênese e o desenvolvimento da dominação e predomínio dos homens sobre as mulheres, pois identificaram a ausência de tais informações tanto nas disciplinas das Ciências Sociais quanto das Ciências Humanas. O fato é que as feministas, mobilizadas pela preocupação com a subordinação das mulheres, empreenderam uma primeira hipótese, a saber, que a subordinação das mulheres se tratava de uma questão de poder.

Norteadas por tal questionamento, advieram 02 (duas) distintas propostas teóricas: uma que advogava que o problema da subordinação era produto do ordenamento patriarcal, outra buscou produzir conhecimento sobre as condições de vida das mulheres. Esta segunda postura mais empirista se desdobrou em 02 (duas) diferentes posturas de investigação sobre as mulheres: enquanto o foco de uma residiu especificamente nas mulheres, ou melhor, sobre os determinantes de suas condições sociais, o foco da outra pôs o olhar sobre a sociedade, ou melhor, sobre as suas formas de organização e funcionamento, pois se acreditava que seria a



sociedade a geradora do referido aspecto problemático: a subordinação feminina. Acontece que tais posturas investigatórias que ramificaram da segunda proposta teórica citada anteriormente estiveram preocupadas com a construção de objetos de análise a partir de recortes da própria realidade empiricamente observados.

Grosso modo, segundo Connell e Pearse (2015), o primeiro avanço teórico do novo movimento emergiu no Brasil em 1969, e se deu pelo surgimento do trabalho proposto por Heleieth Saffioti intitulado por *A mulher na sociedade de classes*. Saffioti, influenciada pelo marxismo estruturalista de Paris, advogou que o sexo consistia numa forma de estratificação social, e situou tanto a subordinação quanto a emancipação das mulheres nos trilhos da história. É central no seu pensamento a noção de “patriarcado”, a qual tomou de empréstimo da Antropologia. Para esta teórica de filiação Marxista, sujeito e objeto não são dados *a priori*, porque são constituídos *na e pela* práxis social:

[...] sujeito-objeto não é dado, ou sujeito e objeto não são dados, mas derivam da atividade, ou seja, do viver a vida, do produzir e re-produzir a vida em todas as suas dimensões. Quando os seres humanos, seja individualmente, seja coletivamente, se apropriam do resultado de sua práxis procedem a subjetivação, tornando-se sujeitos que, por sua vez, se objetivam por meio de sua atividade (SAFFIOTI, 1997, p. 60).

Para Saffioti, os processos de subjetivação-objetivação ocorrem situadamente nas relações sociais por meio das práticas sociais, pois a existência do sujeito não consiste em algo produzido de maneira autônoma. Além do mais, para esta teórica marxista, o sujeito é marcado por contradições sociais, antagonismos de classe, raça/etnia e gênero os quais estão entrelaçados. O seu foco de análise estivera principalmente na violência empreendida pelo homem contra a mulher.

Ao que parece, de acordo com Barbieri (1993), a segunda proposta teórica que despontou a partir da hipótese do feminismo que a submissão da mulher consistia numa questão de poder foi mais complexa, pois com o entendimento que o objeto de análise seria mais amplo, uma ruptura epistemológica importante ocorreu nas Ciências Sociais: o problema desigualdade social entre mulheres e homens deixou de ser tratado como um subtema da dimensão econômica. O mais importante reter é que as mudanças epistemológicas que ocorreram provocaram, posteriormente, o surgimento do conceito de gênero como categoria social, inicialmente compreendida como a construção social do sexo, que passou a substituir no início da década de 1990 ora a noção “sexo”, ora a noção “mulheres”.

No seu uso mais recente, o “gênero” parece ter aparecido entre as feministas americanas que queriam insistir na qualidade fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O “gênero” sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos feministas centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. Segundo esta opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado (SCOTT, 1995, p.01).

É certo que a emergência da segunda onda do feminismo na década de 1970 provocou mudanças significativas nos estudos sobre as mulheres, um alargamento do entendimento sobre o que constitui, estabelece e perpetua as relações assimétricas entre mulheres e homens na sociedade.

Desses deslocamentos epistemológicos provocados pelas demandas e ações do feminismo, após o surgimento da primeira provocação política, a saber, a hipótese que a subordinação das mulheres seria uma questão de poder e das distintas propostas e posturas teóricas advindas de tal provocação, Barbieri (1993, p. 151) identifica o delineamento de 03 (três) perspectivas e orientações teóricas que tinham como foco de pesquisa a condição de vida das mulheres: uma privilegiou a divisão social do trabalho, pois fundamentada no Marxismo<sup>10</sup>, argumentava que tal divisão seria o “núcleo motor da desigualdade”<sup>11</sup>, a segunda apostou no estudo da diferenciação de gênero, devido a compreensão que a referida divisão consistia num sistema hierarquizado de status e prestígio social, e a terceira focou sobre a questão do poder, dado entendimento que os sistemas de gênero seriam sistemas de poder consequência dos conflitos sociais. A análise pioneira de Gayle Rubin sobre o sistema sexo/gênero está filiada a terceira perspectiva:

[...] os sistemas de gênero-sexo são os conjuntos de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboram a partir da

<sup>10</sup> Em linhas gerais, segundo Marcondes (2001), o termo “Marxismo” diz respeito ao jurista, ativista político e revolucionário alemão Karl Marx (1818-1893), fundador, juntamente com Friedrich Engels, do Partido Comunista em 1848. O mais importante a reter sobre o protagonismo filosófico e teórico de Marx é a sua crítica à filosofia de Hegel, pois embora para este a origem e a formação da consciência ocorreria por meio de um processo histórico, para aquele tal entendimento perdia de vista as bases materiais da sociedade, restringindo-se ao plano das ideias e representações a propósito do saber e da cultura. Marx refutou o “idealismo” advogado por toda uma tradição filosófica ocidental em favor da ideia de “materialismo histórico”, pois, ao contrário de Hegel, ele entendeu que “o processo autoformativo da espécie humana é condicionado” (*Ibid.*, p. 229) pela contingência da natureza, consequentemente, ao invés do “Espírito” consistir no fundamento absoluto da natureza é esta que fundamenta o “Espírito”. Nas análises de Marx, a categoria “trabalho” é central, daí o seu argumento em favor de uma análise e reflexão filosófica que possibilite a emergência de uma prática revolucionária e transformadora da sociedade.

<sup>11</sup> Tradução livre do excerto: “núcleo motor de la desigualdade”.

diferença sexual-anatomo-fisiológica e que dão sentido à satisfação dos impulsos sexuais, a reprodução da espécie humana e, em geral, a relação entre as pessoas. Em termos durkheimianos, são as teias das relações sociais que determinam as relações dos seres humanos como pessoas sexuadas (BARBIERI, 1993, p. 149-150)<sup>12</sup>.

O fato é que posteriormente a emergência do novo feminismo, diversas teorias de gênero emergiram, especificamente em 1975, como, por exemplo, a proposta pioneira da feminista marroquina Fátima Mernissi, que se debruçou para investigar a situação dos homens e as dinâmicas da masculinidade, bem como a proposta do modelo abstrato denominado “sistema sexo/ gênero” da antropóloga Gayle Rubin, que empreendeu um diálogo entre Antropologia e feminismo. Depois vieram as teorizações de Julia Kristeva, em 1974, e de Luce Irigaray, em 1977, que inspiradas pelo pensamento de Lacan, detiveram-se sobre a questão da linguagem com o objetivo de investigar “um nível da realidade humana que escapasse à estrutura falocêntrica da linguagem ordinária e da consciência” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 137).

É nesse cenário que as contribuições de Joan Scott também emergem em 1986. Esta teórica argumenta em seu artigo intitulado por *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica* que é imprescindível darmos “atenção aos sistemas de significação, isto é, as maneiras como as sociedades representam o gênero, utilizam-no para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência”, pois “sem o sentido não há experiência; sem processo de significação não há sentido” (SCOTT, 1995, p.08). O foco da referida teórica feminista recai sobre a linguagem, bem como sobre o poder, semelhante ao que veremos mais adiante em Judith Butler. Ambas refutam o essencialismo e a ideia de “fixidez” das significações das categorias:

[...] homem e mulher são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendententes; transbordantes porque, mesmo quando parecem fixas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas (SCOTT, 1995, p. 15.).

Especificamente, no campo da linguagem, os estudos empreendidos sobre a questão da mulher foram influenciados inicialmente pela Sociolinguística na década de 1970, que resultou na produção de uma obra pioneira de autoria de Robin Lakoff. Contudo, na

---

<sup>12</sup> Tradução livre do excerto:[...] los sistemas de género-sexo son los conjuntos de prácticas, símbolos, representaciones, normas y valores sociales que las sociedades elaboran a partir de la diferencia sexual anátomo-fisiológica y que dan sentido a la satisfacción de los impulsos sexuales, a la reproducción de las especie humana y en general al relacionamiento entre las personas. En términos durkheimianos, son las tramas de relaciones sociales que determinan las relaciones de los seres humanos en tanto personas sexuadas.

Pragmática, a produção de conhecimento acerca da relação entre linguagem e a construção social de homens e mulheres somente se estabeleceu com o advento dos estudos de atos de fala, os quais viriam a influenciar outras áreas do conhecimento como, por exemplo, a teoria feminista e os estudos sobre o corpo e a sexualidade (PINTO, 2014).

Certamente, “o aporte mais poderoso e impactante dos últimos anos” na teoria feminista e nos estudos sobre o corpo e a sexualidade tem sido a obra intitulada por *Problemas de gênero*<sup>13</sup> da filósofa feminista Judith Butler, que se debruçou especificamente sobre a linguagem, influenciada pelo pensamento de filósofos como John L. Austin e de Jacques Derrida, caracterizando a quarta mudança nos estudos de gênero na década de 1990:

Isso significa afirmar que o percurso teórico vai de Austin aos estudos feministas, dos estudos feministas aos estudos linguísticos e só depois dos estudos linguísticos aos estudos pragmáticos, ou seja, os estudos pragmáticos da relação entre linguagem e gênero, apesar de utilizarem predominantemente a noção de performativo e os estudos de ato de fala, só chegam a estes mediados pelos estudos linguísticos feministas (PINTO, 2014, p. 209).

O pensamento da referida teórica feminista tem sido influente tanto para as pesquisas desenvolvidas no âmbito acadêmico quanto para nortear as ações de diversos movimentos sociais preocupados com questões relativas ao gênero, e que buscam desafiar as convenções definidas por regimes de poder como a heterossexualidade compulsória e o falocentrismo:

Butler defendeu que não há fundamentos fixos das categorias de gênero e, portanto, também na estratégia feminista. O gênero é “praticável”, trazendo à existência as identidades por meio de ações repetitivas, em vez de serem a expressão de uma realidade preexistente. Na abordagem de Butler, o radicalismo de gênero consiste não na mobilização em torno de uma identidade como “mulher”, mas em ações que subvertam essa identidade, quebrando a dicotomia de gênero e deslocando as normas de gênero (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 141).

Posteriormente aos estudos desenvolvidos por Butler, o que caracteriza a última e atual mudança é a preocupação de alguns/algumas intelectuais com uma possível apropriação acrítica de modelos teóricos eurocêntricos para o entendimento de importantes situações problemáticas existentes na, por exemplo, na América Latina. É o caso de Gayatri Chakravorty Spivak que tem como foco “mulheres na pobreza em situações extremamente marginalizadas” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 147).

---

<sup>13</sup> Cf. Título original: *Gender trouble*

Há tempos que o mundo, o sujeito e a linguagem têm sido concebidos dicotomicamente não somente pela Ciência, mas também pelo senso comum, e tal compreensão se deve ao predomínio de toda uma tradição de pensamento que marcou o Ocidente, principalmente os desdobramentos que ocorreram na construção do conhecimento seja pelas Ciências humanas, exatas ou sociais. Contudo, após a virada filosófica que deslocou o valor da linguagem de simples instrumento designador da significação, — produzida num *logos* soberano em relação aos processos e às relações sociais no mundo social—, para a compreensão que a linguagem se trata de uma “forma de vida” (WITTGENSTEIN, 2009) e “forma de ação” (AUSTIN, 1990), tal deslocamento foi decisivo nos estudos de gênero.

## 5 ESTILIZAÇÃO DE GÊNERO E PODER

A concepção de linguagem como ato performativo possibilitou uma mudança significativa nos estudos de gênero com a emergência da noção de performatividade de gênero. De modo específico, a virada linguística tem relação tanto com a virada somática quanto com a virada performativa. De uma concepção de linguagem de objeto autônomo, para uma como “forma de vida” (WITTGENSTEIN, 2009) e “forma de ação” (AUSTIN, 1990), as pesquisas, principalmente as empreendidas pelo feminismo, presenciaram o deslocamento do paradigma cartesiano que ao estabelecer uma hierarquia entre o *logos* e o corpo, rebaixou este último em favor do primeiro. Portanto, a virada somática significa “uma virada em direção ao corpo” (PENNYCOOK, 2006, p.78), conseqüentemente “o corpo retornou com um lugar significativo de interesse” (PENNYCOOK, 2006, p.79). Diga-se passagem que tal movimento está relacionado com a rejeição ao idealismo logocêntrico, à filosofia racionalista, bem como com as demandas do movimento feminista (PENNYCOOK, 2006).

A propósito da virada performativa, esta tem estreita relação com a virada linguística e somática, pois a noção de “performatividade de gênero” proposta por Judith Butler possibilitou o questionamento de categorias tomadas como dadas *a priori* e fundadoras da identidade de gênero como, por exemplo, a categoria sexo que por muito tempo predeterminou e fixou a identidade do sujeito ao seu sexo. Acontece que o sujeito não preexiste à linguagem, mas, antes, a sua existência ocorre no interior de uma formação discursiva de poder. A performatividade “ênfata a força produtiva da linguagem” (PENNYCOOK, 2006, p. 81), e tal força tanto constitui quanto assegura a sedimentação de subjetividades ao longo dos contextos *praxiológicos* por meio de “atos linguísticos regulados” (PENNYCOOK, 2006, p.82).

### 5.1 PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

A *teoria performativa de atos de gênero* proposta por Judith Butler nasce da rejeição ao essencialismo e da problematização do conceito de gênero, com foco sobre o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória entendidos como regimes/ formações específicas de poder/discurso. A compreensão da autora é que as categorias de sexo, gênero, desejo e sexualidade consistem em efeitos produzidos por tais instituições definidoras do sujeito.

O pensamento filosófico ocidental dicotômico tem marcado os paradigmas, teorias e perspectivas das Ciências humanas, sociais e exatas. Dessa forma, os regimes de poder falocrático e heteronormativo consistem em estruturas binárias. A dicotomização estabelece hierarquias entre os sujeitos e os objetos no mundo, para tanto carece do procedimento de classificação:

Classificar consiste nos atos de incluir e excluir. Cada ato nomeador divide o mundo em dois: entidades que respondem ao nome e todo o resto que não. Certas entidades podem ser incluídas numa classe — *tornar-se uma classe* — apenas na medida em que outras entidades são *excluídas*, deixadas de fora. Invariavelmente, tal operação de inclusão/ exclusão é um ato de violência perpetrado contra o mundo e requer o suporte de uma certa dose de coerção. Ela pode durar na medida em que o volume de coerção aplicada continuar adequado à tarefa de superar a extensão da discrepância criada. A insuficiência de coerção revela-se na manifesta relutância de entidades postuladas pelo ato de classificação em encaixar-se nas classes determinadas e no aparecimento de entidades sub ou superdefinidas, com significado insuficiente ou excessivo, que não enviam sinais legíveis para a ação ou enviam sinais que confundem os receptores por serem mutuamente contraditórios (BAUMAN, 1999, p. 11).

O pensamento de Bauman ilustra o problema das dicotomias objetivadas e subjetivadas no mundo social, conseqüentemente ilustra também o incômodo de Butler com a normatividade e o falocentrismo que ao longo dos contextos praxiológicos tem estabelecido hierarquias entre os gêneros pela classificação de quem seja superior e inferior na relação. Tal procedimento classificatório, ou como argumenta Morin, de disjunção, procede da filosofia clássica que marcou o Ocidente, principalmente a Ciência:

Na tradição filosófica que se inicia em Platão e continua em Descartes, Husserl e Sartre, a distinção ontológica entre corpo e alma (consciência, mente) sustenta, invariavelmente, relações de subordinação e hierarquia políticas e psíquicas. A mente não só subjuga o corpo, mas nutre ocasionalmente a fantasia de fugir completamente à corporificação. As associações culturais entre mente e masculinidade, por um lado, e corpo e feminilidade, por outro, são bem documentadas nos campos da filosofia e do feminismo. Resulta que qualquer reprodução acrítica da distinção corpo/mente deve ser repensada em termos da hierarquia de gênero que essa distinção tem convencionalmente produzido, mantido e racionalizado (BUTLER, 2010, p. 32).

Certamente, as dicotomias estabelecem relações de hierarquia entre os termos, algo que podemos observar em estado objetivado nas relações sociais entre homens e mulheres, entre heterossexuais e homossexuais, entre o feminino e o masculino, entre brancos e negros, e assim por diante. Butler com o entendimento que tais dicotomias seriam interpretações de formações específicas e/ou regimes de poder/ discurso, pois estabelecem relações de subordinação.

De modo semelhante a Jacques Derrida, que refuta a “metafísica da presença”, a Edgar Morin, que refuta a “metafísica da ordem”, Judith Butler (2010, p. 29) refuta a “metafísica da substância” em sua teoria social do gênero, pois compreende que “as concepções humanistas do sujeito tendem a presumir uma pessoa substantiva, portadora de vários atributos essenciais e não essenciais”. O seu foco está nas instituições definidoras do falocentrismo e da heterossexualidade compulsória, pois as mesmas são concebidas em sua obra como formações específicas e/ou regimes de poder/ discurso. Portanto, a respeito da “metafísica da substância”:

A metafísica da substância é uma expressão associada a Nietzsche na crítica contemporânea do discurso filosófico. Num comentário sobre Nietzsche, Michel Haar argumenta que diversas ontologias filosóficas caíram na armadilha das ilusões do “Ser” e da “Substância” que são promovidas pela crença em que a formulação gramatical de sujeito e predicado reflete uma realidade ontológica anterior, de substância e atributos. Esses construtos, argumenta Haar, constituem os meios filosóficos artificiais pelos quais a simplicidade, a ordem e a identidade são eficazmente instituídas. Em nenhum sentido, todavia, eles revelam ou representam uma ordem verdadeira das coisas (BUTLER, 2010, p. 43).

Supor uma realidade ontológica anterior, ou seja, um “antes” abstraído da história tem consequências problemáticas, pois garante uma “ontologia pré-social de pessoas” (BUTLER, 2010, p. 20).

Butler (2010) refuta a ideia que o gênero seja uma inscrição cultural de significado num sexo previamente estabelecido, em favor da compreensão que o sexo não é algo dado, pois tal estabelecimento consiste numa produção realizada por um aparato discursivo. Assim sendo, desmorona o argumento que o gênero está para a cultura, e que o sexo está para a natureza. Salientamos que a relação entre esses termos seria linear. A construção de uma “natureza sexuada” ou de um “sexo natural” resulta de uma produção que estabelece o sexo como algo que antecede ao discurso, como algo anterior à própria cultura. A ideia que o gênero se trata de uma inscrição cultural, pressupõe que o mesmo consista numa superfície politicamente neutra, cuja significação é dada pela cultura. Ao contrário de uma relação linear, a “distinção entre sexo/ gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos” (BUTLER, 2010, p. 24). Tal descontinuidade revela a dinâmica da constituição do gênero em relação ao sexo e da sua própria significação, a qual se dá de modo situado em diversos contextos específicos.

O entendimento que o gênero se trata de uma inscrição cultural, pressupõe que o corpo seja um “recipiente passivo”, no qual são inscritos significados determinados por uma



lei cultural. O entendimento de Butler (2010, p. 26) é que “o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino”. No caso da relação entre o gênero e a cultura, “não a biologia, mas a cultura se torna o destino”.

Enfatizamos o quanto é problemático descontextualizar os sentidos que assumem o gênero, ou seja, compreender que a constituição da significação do gênero ocorre fora dos contextos *praxiológicos*, fora das relações sociais reais, bem como sem relação alguma com as estruturas sociais, com as formações sociais específicas de poder. Butler (2010, p. 21) reforça que “a especificidade do feminino”, por exemplo, tanto é descontextualizada analiticamente quanto politicamente, caso essa especificação ocorra nos termos do binarismo masculino-feminino. Resulta que tal descontextualização perde vista os atravessamentos de diversos “eixos de relações de poder”, tais como de classe e raça/ etnia. Salientamos que no entendimento dessa autora, tais “eixos relação de poder” constituem a identidade, e caso esta seja concebida como singular, os referidos eixos permitem trazer à tona a existência equivocada da mesma.

Como ponto de partida de uma teoria social do gênero, entretanto, a concepção universal da pessoa é deslocada pelas posições históricas ou antropológicas que compreendem o gênero como uma *relação* entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis. Este ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa “é” — e a rigor, o que o gênero “é” — refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada. Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente, convergentes (BUTLER, 2010, p. 29).

Em favor do aspecto contextual e relacional, a metafísica da substância é refutada no pensamento de Butler, ou seja, a ideia de que o gênero consiste numa substância, numa essência. Tal compreensão tem sua origem numa tradição de pensamento filosófica ocidental que abstraiu da história a constituição do sujeito. O essencialismo perde de vista a complexidade do sujeito e do mundo social, cultural e histórico, perde de vista a dinâmica das transformações ininterruptas que ocorrem a todo instante nos mais diversos contextos de *práxis* humana, perde de vista, também, os diversos atravessamentos que constituem o sujeito, bem como nos leva a supor que as relações sociais ocorrem sem tensões, sem negociações.

Para uma teoria social que advoga a noção de contexto, e que este é diverso, plural, dinâmico, insaturado, e que a constituição do sujeito e de sua identidade, bem como de sua subjetividade ocorre em relação aos sentidos inscritos ou reinscritos no contexto em que se encontram situados, um conhecimento que negligencie ou refute a referida noção é

simplista e problemático demais. É o caso do sistema binário, por exemplo, que concebe a língua, os sujeitos e os objetos de maneira abstrata e hierarquizada:

Dicotomias e metáforas revelam, pois, de maneira privilegiada, algo não dito de maneira explícita, algo, porém, que embasa a própria lei de constituição do discurso. As grandes dicotomias do pensamento filosófico, que se erige em logos contra mythos, as separações entre inteligível e sensível, forma e matéria, alma e corpo são, certamente, distinções preciosas em muitos aspectos; mas não seriam elas também, talvez em primeiro lugar, tentativas de interpretação e explicação da primeira grande divisão, a divisão sexual, essa divisão que precede qualquer forma de linguagem e de apreensão conceitual? Se não conseguem abarcar e explicitar essa sua secreta origem, tais categorias realizam o estabelecimento de uma hierarquia “falologocêntrica” que, simultaneamente, ocultam e manifestam essa origem (GAGNEBIN, 2008, p. 175-176).

Posto isso, Judith Butler (1990; 2010) compreende que o gênero consiste numa “performance social”, com base na teoria dos atos de fala proposta por Austin que argumenta sobre a existência do ato de linguagem denominado “ato performativo”. Para Austin (1990), o referido “ato de fala performativo” se trata de uma “ação” semelhante a tantas outras ações existentes no mundo social. Semelhante à Derrida e ao segundo Wittgenstein, Austin refuta os fundamentos de toda uma tradição filosófica ocidental que reduziu a linguagem a um instrumento que compete designar a significação produzida fora dos processos, interações e articulações existentes no mundo de maneira situado entre os sujeitos. Dessa forma, Butler radicaliza a noção de “ato performativo” e propõe a noção de “performatividade de gênero”. O impacto de tal noção sobre o entendimento tradicional sobre o feminino e o masculino será significativo:

Essa concepção amplia a visão feminista tradicional de que gênero não é “natural”, mas socialmente construído, conforme expresso na famosa frase de Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Butler afirma que “tornar-se mulher (ou homem) não é algo que se consegue realizar de uma vez por todas, no início de nossas vidas”. Gênero é algo que precisa ser constantemente reafirmado e publicamente exibido pelo desempenho repetido de ações específicas ajustadas a normas culturais (elas próprias histórica e socialmente construídas e, conseqüentemente, variáveis) que definem “masculinidade” e “feminilidade” (CAMERON, 2010, p. 132).

Para Cameron (2010, p. 131-132), esse “modelo performativo”, tratando-se de uma “abordagem pós-moderna”, desloca o foco de “uma simples catalogação de diferença entre homens e mulheres” para a indagação sobre o modo como os recursos linguísticos são mobilizados pelos sujeitos “para produzir a diferença de gênero”, pois, conforme esta autora, para Butler as características “feminina” e “masculina” não são dadas *a priori*, mas efeitos da

repetição do corpo. Decerto, “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância” (BUTLER, 2010, p.59). A propósito do termo *stylization* que define o processo performativo de gênero se trata de “uma nominalização do verbo *stylize*”, e significa tornar convencional um dado estilo (PINTO, 2014, p. 213). Assim, Butler não perde de vista a “força da estrutura” na constituição do sujeito, apesar da crítica feita por Bourdieu:

O trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente *performativa* de nominação que oriente e estructure as *representações*, a começar pelas representações do corpo (o que ainda não é nada); ele se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que impõe uma *definição diferencial* dos usos legítimos do corpo, sobretudo sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero ... , para produzir este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina (BOURDIEU, 2010, p. 33, grifo do autor).

No meu entendimento, para Bourdieu, não é a *performatividade de gênero* que constitui o sujeito. Ao que parece, a ênfase de Bourdieu está no inconsciente, embora não perca de vista a as condições sociais que possibilitam a existência tanto das estruturas sociais quanto das estruturas cognitivas. A constituição de tais estruturas situadas em condições históricas de produção rompe com a ideia de essência ou substância metafísica imposta aos sujeitos. No entanto, argumentar que a força das palavras advém da força histórica do princípio falocêntrico no inconsciente dos sujeitos, penso eu, sinaliza para uma concepção de linguagem como instrumento por meio do qual os sentidos deste princípio vêm à tona. Concordo com Bourdieu quanto ao aspecto do inconsciente, contudo, não concordo com o modo como a linguagem é considerada, ou seja, não é pela linguagem que os sentidos adquirem força histórica, porque tal força antecede a linguagem.

Em resposta, Butler argumenta que o *habitus* constitui uma forma de *performatividade*, ou seja, em termos derridianos, uma “circularidade”. Para tanto, compreende que Bourdieu perde de vista a lógica da “iterabilidade”, ao conceber as instituições sociais como estáticas. Esta mesma lógica é perdida de vista no ato de fala locucionário austiniano. Decerto, Butler reconhece que o sujeito e o seu corpo são formados no interior de uma estrutura social, no entanto:

Os corpos são formados por normas sociais, mas o processo corre o risco. Assim, a situação de contingência restrita que governa a formação discursiva e social do

corpo e suas (re)produções não é reconhecida por Bourdieu. Esse descuido tem consequências para sua explicação da condição e possibilidade da ação discursiva. Ao afirmar que os enunciados performativos só são eficazes quando são falados por aqueles que já estão numa posição de poder social para exercer palavras como ações, Bourdieu inadvertidamente exclui a possibilidade de uma agência que emerge das margens do poder (BUTLER, 1997).<sup>14</sup>

Entendo que a ação da linguagem, não mobilizada por Bourdieu em sua obra *A dominação masculina*, constitui tanto as estruturas sociais quanto as estruturas cognitivas da ordem social falocrática, uma vez que, a mesma “está vinculada à engrenagem da maquinaria cerebral dos indivíduos e da maquinaria cultural da sociedade” (MORIN, 2012b, p. 37). Nestes termos, a linguagem “depende de uma sociedade, de uma cultura, de seres humanos que, para se realizar, dependem da linguagem” (MORIN, 2012b, p. 37). Portanto, tendo em vista que os sujeitos não mobilizam os recursos linguísticos, embora aparentemente, somente com a finalidade de empreender uma declaração para relatar ou descrever a realidade, compreendo que “o homem [a mulher, o gênero] faz-se na linguagem que o faz”, pois “a linguagem está em nós e nós estamos na linguagem” (MORIN, 2012b, p. 37). Desse modo, a linguagem consiste na “encruzilhada essencial do biológico, do humano, do cultural, do social” (MORIN, 2012b, p. 37).

Dessa forma, o gênero consiste no efeito de uma prática reguladora, bem como a identidade. Com efeito, o gênero não se trata de uma substância, pois esse efeito de substância não é dado, mas *performativamente* produzido por tais práticas reguladoras no interior de uma formação discursiva de poder. Assim sendo, “a ação do gênero requer uma *performance repetida*”, e essa repetição tanto é “encenação e nova experiência” (BUTLER, 2010, p. 200). Dito de outro modo:

[...] atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na *superfície* do corpo, por meio do jogo de ausência significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2010, p. 194).

<sup>14</sup> Tradução livre do excerto: Bodies are formed by social norms, but the process of that formation runs its risk. Thus, the situation of constrained contingency that governs the discursive and social formation of the body and its (re)productions remains unacknowledged by Bourdieu. This oversight has consequences for his account of the condition and possibility of discursive agency. By claiming that performative utterances are only effective when they are spoken by those who are (already) in a position of social power to exercise words as deeds, Bourdieu inadvertently forecloses the possibility of an agency that emerges from the margins of power.

Com efeito, o gênero e a identidade de gênero são produzidas por práticas discursivas, que também são práticas de poder, no interior de uma matriz cultural heteronormativa. Aqueles gêneros que não se conformam a normatividade de tal matriz são gêneros ininteligíveis. Tais gêneros eclodem do interior dessa matriz, subvertendo-a, dando forma a matrizes culturais subversivas. Certamente, o gênero, o sujeito e a identidade não existem previamente ao discurso, pois a existência de ambos ocorre por meio de práticas de significação.

Estamos de acordo com a compreensão que o processo de “estilização de gênero” é complexo, pois além de ser atravessado por inúmeras contradições sociais tais como a de raça/etnia e classe, ocorre de modo situado em diferentes contextos:

[...] o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2010, p. 20)

Se as sociedades sociais são marcadamente complexas, constituídas por estruturas sociais também complexas, então o sujeito e sua identidade, bem como sua subjetividade são instáveis, abertos, insaturados, pois o que caracteriza a complexidade é a confusão e a incerteza, é o movimento ininterrupto de reiteração, recursividade e retroação e de desordem, interação, organização, ordem.

Se para Butler o gênero está situado numa estrutura social de poder heteronormativa altamente rígida constituída pelo poder e pelo discurso, com base no entendimento que a linguagem consiste numa “ação” (AUSTIN, 1990) e é caracterizada pela propriedade de “iterabilidade” (DERRIDA, 1991; 2011), então tanto o gênero quanto a referida instituição normativa são marcadas pela reiteração que fixa, mas também que promove o movimento de “traços” de significações. Assim sendo, nem o gênero, tampouco os regimes discursivos de poder estão assegurados, fixados, saturados. Daí a possibilidade de subversões promovidas por gêneros ininteligíveis em relação ao falocentrismo e a heteronormatividade compulsória.

Acrescentamos à noção de “performatividade de gênero” (BUTLER, 1990; 2010), a compreensão que o referido processo é marcado pela ordem e pela desordem, ou seja, trata-se de um processo complexo recursivo e retroativo de significações históricas, cujos efeitos podem ou não ser ressignificados, tornando-se sentidos Outros, os quais, por sua vez,

reiterados produzirão Outros efeitos de sentidos. A repetição de atos do corpo e de “traços” de sentidos históricos (DERRIDA, 1991; 2011) garantem a fixidez e o movimento de estereótipos de gênero. Argumentamos, portanto, sobre a existência das causalidades linear, recursiva e retroativa nas performances sociais de gênero. Decerto, a “estilização de gênero” configura-se como um processo marcadamente complexo de reiteração de sentidos históricos que transbordam a categoria do estereótipo.

Portanto, a questão, para os estudos da linguagem e gênero, não é saber como os homens e mulheres falam diferentemente, como se os homens e mulheres preexistissem a seus usos da linguagem como categorias dadas de identidade, mas, em vez disso, compreender como as pessoas desempenham o gênero com palavras. Isso não quer dizer que constantemente desempenhamos identidades generificadas por meio da linguagem, mas que constituímos por meio da linguagem a identidade que ela reivindica ser. É no desempenho que fazemos a diferença (PENNYCOOK, 2006, p. 81).

## 5.2 GÊNERO E PODER

Enquanto que na obra intitulada por *Problemas de gênero*, Butler argumenta que a constituição do sujeito ocorre no interior de formação discursiva de poder considerada como uma formação de poder ou, mais precisamente, que a produção do gênero ocorre situada nas formações de poder, a saber, identificadas por “falocentrismo” e “heterossexualidade compulsória”, na obra intitulada por *A vida psíquica do poder*, esta mesma teórica advoga que tal processo também ocorre em relação à dimensão psíquica. Ou seja, o sujeito é constituído pelo mesmo poder que o subordina. Observo que esta relação de dependência do sujeito a um poder subordinador coaduna com o entendimento de Morin a respeito da formação do indivíduo-sujeito que ocorre por meio do circuito complexo autonomia-dependência, pois, segundo o mesmo, é na dependência em relação a diversos fatores/aspectos e ao contexto que o sujeito adquire autonomia.

“O sujeito” costuma ser interpretado por aí como se fosse intercambiável com “a pessoa” ou “o indivíduo”. A genealogia crítica do sujeito como categoria crítica, no entanto, sugere que o sujeito, em vez de ser identificado estritamente com o indivíduo, deveria ser descrito como categoria linguística, um lugar-tenente, uma estrutura em formação. Os indivíduos passam a ocupar o lugar do sujeito (o sujeito surge simultaneamente como um “lugar”) e desfrutam de inteligibilidade somente se, por assim dizer, estabelecerem-se primeiro na linguagem. O sujeito é a ocasião linguística para o indivíduo atingir e reproduzir inteligibilidade, a condição linguística de sua existência e ação. Nenhum indivíduo se torna sujeito sem antes se

tornar subjetivado ou passar por “subjetivação” (tradução do *assujettissement* francês) (BUTLER, 2017, p. 19-20, grifo do autor).

A posição de Butler (2017, p. 09-10), igualmente a de Morin, também se assemelha a de Žižek este a propósito da violência. Enquanto a primeira argumenta não somente sobre a existência de uma ação do poder “como algo que pressiona o sujeito de fora”, ou seja, exterior, mas também de uma ação que submete o sujeito sem que o mesmo perceba, o segundo defende a existência de um tipo de violência menos visível, ao contrário da violência física, a saber, a violência simbólica e sistêmica. Assim, enquanto Butler assinala para a existência de um aspecto mais insidioso do poder, Žižek faz o mesmo em relação à violência. Para tanto, a referida teórica articula a teoria do poder a uma teoria da psique, com o objetivo de mostrar o quanto o poder é ambivalente.

Especificamente, a sujeição é concebida como uma espécie de poder paradoxal, pois se trata de um duplo processo, a saber, de subordinação e de constituição do sujeito, que em termos moriniano, trata-se de uma relação circular de dependência-autonomia. Se o processo de subordinação é mais visível, o processo de constituição é mais insidioso, porque ocorre sem que o sujeito perceba a sua dependência primária ao poder que o subordina. Esta dependência primária ao poder subordinador é o que possibilita tanto a formação política, quanto a regulação dos sujeitos (BUTLER, 2017, p.16). Dessa forma, se a condição de existência do sujeito, a trajetória de seu desejo, ainda mais, a sua ação são, respectivamente, inaugurada, determinada e iniciada/sustentada, deve-se ao fato que a subordinação não somente forma o sujeito, mas fornece “a condição de possibilidade contínua” do mesmo (BUTLER, 2017, p.16).

Portanto, o poder que na sua forma externa subordina o sujeito, na sua forma insidiosa, ou melhor, psíquica inaugura a existência, normatiza o desejo e orienta a ação do sujeito, ou seja, “o poder que a princípio aparece como externo, imposto ao sujeito, que o pressiona à subordinação, assume uma forma psíquica que constitui a identidade pessoal do sujeito” (BUTLER, 2017, p. 11). Desse modo, Butler, sem perder de vista que a constituição do sujeito ocorre no interior de uma formação discursiva de poder, indaga qual seria a forma psíquica que o poder assume, e ao percorrer o pensamento de Nietzsche, Hegel, Althusser, Foucault e Freud, argumenta que a inauguração tropológica do sujeito ocorre por um movimento de “retorno”, ou seja, “pela imagem de retorno, de uma volta sobre si mesma ou até *contra* si mesma” (BUTLER, 2017, p. 11, grifo do autor). Informo que o termo “volta” é apreendido como “tropa” por Butler. Contudo, entendo que tal “volta” consiste num processo

recursivo-retroativo por meio do qual ocorre a formação do sujeito, pois a ruptura possibilita que os efeitos assumam a forma de produtores e, assim sendo, iniciem outro processo que bifurcado poderá constituir um contraprocessos.

Grosso modo, “tropo” tem sentido de mudança, desvio. Historicamente, nos séculos XVII e XVIII, “tropo” significava a palavra inglesa *turn*, ou melhor, “volta”, “virada”, referindo-se às diversas figuras sintáticas de linguagem. Etimologicamente, o sentido de “volta” é remetido ao “sentido grego de ‘tropo’”, ou melhor, segundo Butler, enquanto que a palavra *trópico*, de tropo, identificada por Hayden White, trata-se de uma derivação da palavra *trópikos*, *tropos*, que na língua grega clássica assume o sentido de “desvio”, posteriormente no discurso do autor citado, a palavra “tropo” é associada à palavra inglesa *style*, que significa, por sua vez, estilo (BUTLER, 2017, p. 12-13). Tal definição se aproxima, por exemplo, da que foi postulada por Richard Lanham, segundo o qual um tropo se trata de uma figura específica que provoca mudança no significado de uma palavra; por Quintiliano que assinalou a diferença entre tropo e figura, porque, segundo o mesmo, enquanto um tropo consistia na mudança de significado, o termo “figura” dizia respeito à mudança de “forma”, tendo em vista alguns argumentos em favor do entendimento que “figura” diria respeito aos termos que provocassem alteração no significado de diversas palavras. Entretanto, diferentemente das postulações anteriores, observo que Nietzsche evidenciou que um tropo tanto assinala para um aspecto estável quanto instável, uma vez que, dado processo de recirculação, conseqüentemente de sedimentação dos tropos, estes seriam uma espécie de substância que possibilita o surgimento da linguagem habitual, seja literal e conceitual (BUTLER, 2017).

O que interessa à Butler é o fato que o termo “volta” é produtivo se considerado como algo que gera ou produz para, nestes termos, considerar a produção ou geração do sujeito. Contudo, relevante informar o quanto um tropo é imprescindível para o entendimento do processo de geração que o produz. Dessa forma, com base no pensamento de Nietzsche, se “o sujeito é formado por uma vontade que se volta sobre si e assume uma forma reflexiva; então o sujeito é a modalidade de poder que se volta sobre si”, portanto “o sujeito é o efeito do poder em recuo” (BUTLER, 2017, p. 15). Se tal recuo significa que a subordinação que possibilita a autonomia do sujeito é reprimida, então a inauguração do sujeito ocorre associada ao inconsciente (BUTLER, 2017, p. 15). Se o “vir a ser do sujeito” ocorre pela subordinação que implica submissão, muito mais do que necessária, mas obrigatória, e que tal dependência primária consiste num apego à forma de poder que é a sujeição que “deve tanto a *vir a ser* quanto *ser negado*” (BUTLER, 2017, p. 17), deve-se ao



fato que o “ ‘eu’ surge com a condição de negar sua formação na dependência, de negar as condições de sua própria possibilidade” (BUTLER, 2017, p. 18). Contudo, se o “eu” se recusa a reconhecer a sua dependência ao mesmo poder que subordina e condiciona a formação e a regulação do sujeito, ocorre que o “eu” não é algo totalmente assegurado, porque o que foi relegado ao inconsciente ameaça esse “eu” de trazer à tona os cenários primários que foram negados, por meio de reiteraões, através da linguagem. É a historicidade que funda o sujeito que é negada ao inconsciente, mas que irrompe no uso que o sujeito faz da linguagem.

Reitero, a sujeição como um tipo de poder paradoxal é marcada pela descontinuidade provocada no momento em que o sujeito assume o poder exercido sobre ele, tornando-o a sua própria ação. Ou seja, a ambivalência do poder está na transição de seu status como algo que possibilita a condição de existência do sujeito, para algo que se torna a própria ação do mesmo, de “um poder *exercido sobre* o sujeito”, para “um poder *assumido pelo*” mesmo (BUTLER, 2017, p. 20). A propósito da descontinuidade assinalada que caracteriza o processo de transição da condição de um sujeito submetido ao poder, para um sujeito de poder, torna evidente o quanto a sua ação não permanece presa às condições que possibilitaram o seu surgimento, mesmo que tais condições sejam retomadas e reiteradas no próprio agir do sujeito, pois as mesmas fazem parte do processo de formação do mesmo (BUTLER, 2017):

O ato de apropriação pode envolver uma alteração do poder, de modo que o poder assumido ou apropriado atue contra o poder que lhe possibilitou ser assumido. Na medida em que as condições de subordinação tornam possível a assunção do poder, o poder assumido permanece ligado a essas condições, mas de forma ambivalente; com efeito, o poder assumido deve conservar essa subordinação e ao mesmo tempo se opor a ela. Não devemos pensar essa conclusão como (a) uma resistência que na verdade é uma recuperação do poder, ou (b) uma recuperação que na verdade é uma resistência. Ela é as duas coisas ao mesmo tempo, e essa ambivalência forma o vínculo da ação (BUTLER, 2017, p. 21).

Esse ato de apropriação assinala o quanto o poder é temporalmente duplo, a saber, primeiro como algo que antecede o sujeito, momento no qual opera a inauguração do indivíduo como sujeito no interior de uma formação discursiva de poder, segundo como algo que o sujeito se apropria possibilitando a sua própria ação, a qual, também, poderá ser dupla, a saber, de reiteração e/ou de resistência e oposição aos sentidos inauguradores da referida formação de poder. No caso da condição de existência de gênero, este, primeiramente, sofre um processo de subordinação aos regimes de poder falocêntrico e heterossexual compulsório, cujo efeito resulta na formação de sua identidade de gênero, e apropriando-se do mesmo

poder que possibilitou a sua existência, apropriando-se do que excede da ação de subordinação, constitui e inicia a sua própria ação. A meu ver, “o poder que age sobre o sujeito, um atuar que também é pôr em ato” (BUTLER, 2017, p. 23), caracteriza-se um processo recursivo-retroativo, pois de efeito, o sujeito se torna produtor de outros efeitos num ciclo ininterrupto, como já assinalai, de reiteração e/ou resistência e oposição aos sentidos dos referidos regimes de poder *supra* citados:

[...] o que o sujeito põe em ato é viabilizado, mas não terminantemente determinado pelo funcionamento prévio do poder. **A ação excede o poder que a possibilita.** Pode-se dizer que os propósitos do poder nem sempre são os propósitos da ação. Na medida em que estes diferem daqueles, a ação supõe a assunção de um propósito *não projetado* pelo poder, um propósito que não poderia ser derivado lógica ou historicamente, que opera numa relação de contingência e inversão com respeito ao poder que o torna possível, e ao qual, não obstante, ele pertence. Essa é, por assim dizer, a cena ambivalente da ação, que não está limitada por nenhuma necessidade teleológica (BUTLER, 2017, p. 24, grifo nosso).

A ação não permanece a mesma, inteira, saturada, pois transborda a forma assumida pelo poder no momento em que determina o surgimento do sujeito, transformando-se num tipo específico de poder, claro, constituído por “traços” do poder anterior que possibilitou a sua condição de existência. De acordo com Butler (2017), a transformação que ocorre na ação consiste numa operação dissimulada pelo próprio poder constituinte do “vir a ser do sujeito”. Contudo, para que ocorra tal dissimulação é necessário que “as condições do poder persistam, elas devem ser reiteradas; o sujeito é justamente o local de tal reiteração, uma repetição que nunca é meramente mecânica” (BUTLER, 2017, p. 24). Portanto, esta operação de reiteração que transforma a ação do poder que passa de *efeito* para *a própria ação* do sujeito, consiste num processo de inversão e, conseqüentemente de ruptura, ou seja, recursivo-retroativo, lembrando que enquanto a recursividade consiste no momento de ruptura, a retroação diz respeito ao momento em que os efeitos se tornam produtores de outros processos e efeitos. No caso do poder que produz o sujeito, tal operação é marcada pela ruptura e pela dissimulação, pois “a temporalização realizada pela reiteração segue a rota pela qual a aparência do poder se desloca e se inverte: ... daquilo que sempre age sobre nós ... para o que constitui o sendo de ação nos nossos atos presentes e a futura extensão de seus efeitos” (BUTLER, 2017, p. 25). Dessa forma, este entendimento assinala um processo de fechamento necessário para que a ação anterior seja transformada e adquira outra forma, mas também de abertura *sine qua non* para afluir para outros processos. Assim, tratando-se de um processo

ininterrupto, ocorre que a subordinação primária não perfaz aquilo que caracteriza o sujeito/ o gênero:

Se o sujeito não é totalmente determinado pelo poder, *tampouco* é totalmente determinante do poder (mas é significativa e parcialmente as duas coisas), isso significa que ultrapassa a lógica da contradição – é uma excrescência da lógica, por assim dizer. Afirmar que o sujeito ultrapassa essa dicotomia não é dizer que ele vive em alguma zona livre de sua própria feitura. **Exceder não é escapar, e o sujeito excede precisamente aquilo a que está vinculado. Nesse sentido, o sujeito não poder suprimir a ambivalência que o constitui. Dolorosa, dinâmica e promissora, essa vacilação entre o “já existente” e o “ainda por vir” é uma encruzilhada que religa cada passo que a atravessa, uma reiterada ambivalência bem no cerne da ação.** O poder rearticulado se “re”- articula no sentido de que já está feito e no sentido de que se refaz, faz-se de novo, mais uma vez (BUTLER, 2017, p. 26-27, grifo do autor, grifo nosso).

O excesso assinalado por Butler é o que possibilita a subversão dos regimes de poder no interior dos quais o sujeito é constituído por meio de categorias, termos, nomes e classificações reiteradas historicamente assegurando, — como a mesma afirmou em sua obra intitulada por *Problemas de gênero* —, uma aparência de substância, como se aquilo que o sujeito significa remetesse a uma essência que perfaz a sua identidade de gênero. Contudo, como o poder é múltiplo, e opera de diferentes maneiras, a relação entre as normas sociais e a dimensão psíquica do poder não ocorre por meio de um processo de internalização linear, mecanicista, previsível. O duplo processo de constituição do sujeito, a saber, social e psíquico é marcado pela reflexividade que opera na consciência a qual, por sua vez, é o resultado da “volta” que o sujeito realiza contra si mesmo impulsionado por anseios, desejos ou pulsões primárias que produzem atos de autocensura. A reiteração de tais atos é o que produz e consolida a consciência como “o meio pelo qual o sujeito se torna objeto para si mesmo, refletindo sobre si mesmo, estabelecendo a si mesmo como refletivo e reflexivo” (BUTLER, 2017, p. 31), uma vez que, a reflexividade consiste no “meio pelo qual o desejo se transmuda para o circuito da autorreflexão”, ou seja, o desejo se volta sobre si mesmo ou contra si mesmo culminando na reflexividade que desencadeia outro processo de produção de “uma nova ordem de desejo” ansioso “pelo próprio circuito, pela reflexividade e, por fim, pela sujeição” (BUTLER, 2017, p. 31) durante o processo de constituição da própria alteridade, pois “somente ao persistir na alteridade é que se persiste em seu ‘próprio’ ser” (BUTLER, 2017, p. 37).

[...] na medida em que as normas operam como fenômenos psíquicos, restringindo e produzindo o desejo, elas também regem a formação do sujeito e circunscrevem o campo de uma socialidade habitável. A operação psíquica da norma oferece uma via

mais insidiosa para o poder regulatório do que a coerção explícita, cujo sucesso permite sua operação tácita dentro da esfera social. Por ser psíquica, no entanto, a norma não apenas reintegra o poder social – ela se torna formativa e vulnerável de maneiras altamente específicas. As categorizações sociais que estabelecem a vulnerabilidade do sujeito à linguagem são elas mesmas vulneráveis a mudanças tanto psíquicas quanto históricas. Essa perspectiva refuta a compreensão de uma normatividade psíquica ou linguística (como se dá em algumas versões do Simbólico) que seja anterior ao social ou que o restrinja. Assim como o sujeito é derivado das condições de poder que o precedem, a operação psíquica da norma é derivada de operações sociais anteriores, embora não de maneira mecânica ou previsível (BUTLER, 2017, p. 30).

O entendimento de Butler está apoiado nos estudos empreendidos por Freud e Nietzsche a propósito da formação do sujeito. Embora ambos tenham divergências quanto ao modo de descrição da formação do sujeito, tanto um quanto outro confluem para um mesmo ponto, a saber, que a consciência é o resultado de uma dupla proibição internalizada que tanto é privativa quanto produtiva. Esta proibição assinalada nos discursos freudiano e nietzschiano provoca a pulsão, e a “volta” que o sujeito realiza contra si mesmo nada mais é que a pulsão que se volta sobre si mesma, e possibilita a criação de uma dimensão interna que é o lugar da “avaliação-de-si e da reflexividade” (BUTLER, 2017, p. 31). Portanto, a “volta” da pulsão, que entendo ser um “desvio”, retroage precipitando a formação do sujeito. Podemos observar o quanto as reflexões de Butler coadunam com as de Morin, pois aquela semelhante a este assinala para a ideia de “circuito”, tão cara *na* e *para a* epistemologia da complexidade. Entretanto, relevante destacar que a formação da consciência ocorre em relação ao inconsciente, pois “há cisão entre o psiquismo profundo, inconsciente, e a consciência, oriunda, entretanto dele; a consciência ignora, com frequência, o fato de ser copilotada por forças inconscientes, as quais ignoram a natureza e a existência da consciência” (MORIN, 2012b, p. 87).

Argumento com base no princípio “hologramático” moriniano o quanto o poder, que será abordado numa seção seguinte, é complexo, pois tanto é múltiplo em suas formas de atuação que não são as mesmas espacialmente e temporalmente. Ou seja, a complexidade do poder está no fato que o mesmo é uno e múltiplo ao mesmo tempo, uma vez que, o mesmo tipo de poder num determinado contexto e num momento histórico específico poderá assumir formas diversas, tendo em vista que o processo de recursão-retroação marcadamente complementar, concorrente e antagônico, alimentado por atravessamentos diversos existentes no ambiente no qual ocorre, poderá constituir bifurcações, desvios, numa forma específica de poder como, por exemplo, o poder político. Assim, além de um tipo de poder assumir outras formas, num mesmo espaço e tempo, poderes diversos poderão estabelecer relação uns com

os outros como, por exemplo, o poder econômico em relação ao poder político, o poder do Estado em relação ao poder dos movimentos sociais, todos entrelaçados assimetricamente, remetendo-o uns aos outros em circuito, também num mesmo espaço e tempo. A ação do poder se amplia, bifurca-se, desvia-se, consiste num acontecimento histórico.

## 6 ESTEREÓTIPO DE GÊNERO

Com base nas reflexões que antecederam a respeito da linguagem e de gênero, argumento que o estereótipo não se trata de “declarações” que revelam, por meio de recursos linguísticos mobilizados pelo sujeito, essências cuja existência se deu *per si* no interior de um *logos* soberano, nem tampouco os significados do masculino e do feminino mantêm uma relação linear com, respectivamente o homem e a mulher, ou seja, tais significados não são inscrições realizadas no corpo de um homem e de uma mulher, pois, assim sendo, o corpo não passaria de um recipiente vazio e passível. Além do mais, os sentidos do masculino e do feminino também não são dados *a priori*, mas constituídos em relação um ao outro no interior de uma formação discursiva de poder, a saber, o falocentrismo.

Orientando-me pela sugestão feita por Bourdieu, a saber, a de que devemos perceber os mecanismos profundos por meio dos quais ocorre o acordo entre as estruturas sociais e as estruturas cognitivas no mundo social como, por exemplo, a lógica reprodutora do sistema educacional, a lógica da família, da igreja, bem como do Estado, que asseguram a permanência de uma ordem social falocêntrica ou, nos termos de Butler, de uma matriz cultural normativa de gênero, argumento que o estereótipo se trata de um mecanismo do senso comum, que tanto tem estabelecido quanto assegurado as assimetrias entre os gêneros nos diversos contextos históricos de *práxis* humana.

Nesta seção, busco relacionar a ideia da “ambivalência” (BHABHA) com a de “(de) categorização” (MONDADA; DUBOIS) de estereótipos, tendo em vista a ordem/fixidez, bem como a desordem/movimento de sentidos, para além dos contextos históricos nos quais foram produzidos e para além da ausência de quem os produziu.

### 6.1 A DICOTOMIA MASCULINO-FEMININO: *PER SI*, *A PRIORI* E HIERÁRQUICA

As dicotomias ocidentais estabelecidas de modo *per si*, *a priori* e de forma hierárquica são construções realizadas metafisicamente, ou seja, descontextualizadas dos contextos de *práxis* humana. Cada termo de um par dicotômico é produzido de maneira isolada um do outro, concebidos como autocontidos, portadores, cada qual, de uma essência ou substância que dizem respeito ao significado de tudo aquilo que existe no mundo. Além dos aspectos anteriores, cada termo de uma dicotomia é estabelecido um em relação ao outro hierarquicamente, enquanto que um polo é concebido como positivo, o outro é negativo. Foi justamente tal dualidade que estabeleceu uma hierarquia entre a mente e o corpo, entre o

masculino e o feminino, entre a cultura e a natureza. Consequentemente, no universo social e cultural presenciamos o alinhamento entre a mente-cultura-masculino, superiores, e entre o corpo-natureza-feminino, inferiores em relação aos termos anteriores.

Dessa forma, resulta o entendimento que a razão superior à emoção, as quais alinhadas, respectivamente ao homem e a mulher, promovem a superioridade do masculino em relação ao feminino tanto em estado objetivado no mundo social, quanto em estado subjetivo no inconsciente dos sujeitos:

**Naturalizadas, as mulheres não foram incorporadas ou tornadas significativas na cultura humana/masculina.** O confinamento do sexo feminino em uma relação limitada com apenas alguns aspectos do meio ambiente, fruto da **diferença sexual, traduziu-se em desigualdade de status de poder**, tornando-se hierarquia que, por seu caráter invariante, passou a ser percebida como um dado do comportamento humano, inscrita no corpo e por ele ditado, e que as representações mitológicas e ideológicas só fizeram confirmar (OLIVEIRA, 2012, p. 56, grifo nosso).

Acontece que tanto o masculino quanto o feminino são produções que ocorrem de modo relacional, e não isoladamente, de maneira autossuficiente, autocontida. Cada termo carrega a marca da alteridade, da diferença, bem como não se tratam de algo fechado sobre si mesmo, pois eles são também marcados pela falta, por isso a incompletude dos mesmos, pois as suas fronteiras não são engessadas, mas permeáveis. Acrescento, ainda, o entendimento que a constituição dos sentidos do masculino e do feminino ocorre no interior de uma formação discursiva de poder, a qual também se trata de uma formação de poder. Assim sendo, a questão do poder ocultada no estabelecimento hierárquico entre cultura e natureza, mente e corpo e masculino e feminino, viabiliza a existência de uma “atitude *doxa*” (BORDIEU, 2010) no mundo social:

**Permanência e regularidade** pautaram desde sempre a existência feminina, **legitimadas em nome de injunções naturais** que serviram de explicação à relação de poder e hierarquia em que as mulheres representam o polo dominado. É sobre o pano de fundo dessa dominação que o humano se constrói em oposição à Natureza, ao passo que **o feminino se constrói pela assimilação das mulheres à Natureza**. Esse decreto de imutabilidade pesou sobre as mulheres, constituindo-se em uma espécie de ponto cego no combate espetacular e sem tréguas que **a cultura humana ofereceu aos determinismos e limitações de sua biologia** (OLIVEIRA, 2012, p. 56, grifo nosso).

A “*doxa*” consiste num estado de naturalização sustentado pela reprodução acrítica que garante tanto a permanência quanto a regularidade de algo, problematicamente, concebido como dado *a priori* ao mundo social. Essa “atitude *dóxica*”, segundo Bourdieu,

ocorre *na e pela* relação estabelecida e acordada entre as estruturas sociais e as estruturas cognitivas. Enquanto que as estruturas sociais dizem respeito ao estado objetivo, as estruturas cognitivas dizem respeito ao estado subjetivado de uma “ordem social” masculina. Tal ordem tem por base o “princípio falo-narcísico” inculcado na mente e no corpo dos sujeitos. A relação entre as estruturas sociais e as estruturas cognitivas produzem disposições as quais são denominadas por “*habitus*”:

O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma oposição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas.

Assim como as posições das quais são o produto, **os *habitus* são diferenciados**; mas são também diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles são também **operadores de distinções: põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comuns** (BOURDIEU, 2011, p. 21-22, grifo nosso).

Portanto, o “princípio falo-narcísico” colocado em prática pelos *habitus* operacionalizam distinções, a partir do aspecto biológico, entre o homem e a mulher na “ordem social” falocêntrica, pois os *habitus* são “princípios geradores de práticas distintas e distintas”, bem como “esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes”. Dessa forma, as diferenças estabelecidas em conjunção com bens, práticas e maneiras constituem, em cada sociedade, sistemas simbólicos (BOURDIEU, 2011, p. 22). Dessa forma, no mercado de bens simbólicos, argumenta Bourdieu, enquanto o homem é sujeito, a mulher é o objeto da visão falocêntrica, enquanto o homem é caracterizado pela força, virilidade, razão, a mulher é caracteriza pela “arte de se fazer pequena”. É o primado da masculinidade inscrito tanto nas estruturas sociais quanto nas estruturas cognitivas, ou seja, nos corpos, nas estruturas sexuais e nas estruturas econômicas. Certamente, “o princípio falo-narcísico” é algo confirmado pelas culturas na história:

As culturas estabelecem, fixam, mantêm e amplificam uma diferenciação entre homens e mulheres em papéis sociais, especializando-os nas tarefas cotidianas; sobredeterminam as diferenças psicológicas. Instituem um poder masculino que, salvo exceções, atuou continuamente na história das civilizações. Só recentemente começou a atenuar-se no mundo ocidentalizado. As emancipações femininas não se realizam somente na obtenção de direitos cívicos, mas também na aquisição de espaço e de tempo, de acesso às possibilidades de libertação das consequências da procriação [...] (MORIN, 2012b, p. 82)

Os significados do conceito de “feminino” e “masculino” ou do “ser” mulher e do “ser” homem, nos termos da teoria performativa de gênero proposta por Butler, adquirem a



aparência de natural dada a reificação dos mesmos no interior de uma estrutura binária denominada pela teórica por “falocentrismo” e “heterossexualidade compulsória”. De modo específico, tanto o falocentrismo quanto a heterossexualidade compulsória consistem em regimes específicos de poder que produzem os sujeitos de maneira essencializada, fora dos processos e relações que ocorrem no mundo social em sua relação com as operações cognitivas e com a força da “iterabilidade” da linguagem. Para Butler, nos passos de Nietzsche, os referidos regimes de poder se assentam numa ontologia essencialista identificada por “metafísica da substância”.

Acontece que a dualidade masculino-feminino apreendida no fundamento da complexidade, a saber, do uno no múltiplo e do múltiplo no uno, o qual concebe cada indivíduo como singular e, ao mesmo tempo, plural, promove o entendimento que “o masculino está no feminino e vice-versa” (MORIN, 2012b, p. 83). Tal compreensão rompe com o fundamento ontológico essencialista e substancial o qual tem estabelecido uma hierarquia entre os gêneros nos mais diversos contextos históricos, bem como promovido o fechamento de cada termo da dualidade *supra* citada. A complexidade da relação masculino-feminino é marcadamente dialógica, ou seja, complementar e antagônica, uma vez que, “há intimidade extraordinária na diferença irreduzível e, enfim, há presença, escondida, recalcada ou invisível do outro sexo no interior de cada um” (MORIN, 2012b, p. 84). Dessa forma, se “cada ser humano, homem e mulher, contém a presença mais ou menos marcada, mais ou menos forte, do outro sexo”, se cada gênero “carrega essa dualidade na sua unidade”, então “cada um é de certa maneira hermafrodita” (MORIN, 2012b, p. 84). É a alteridade trazida à tona pela relação entre o uno e o múltiplo:

Outro significa, ao mesmo tempo, o semelhante e o dessemelhante; semelhante pelos traços humanos ou culturais comum; dessemelhante pela singularidade individual ou pelas diferenças étnicas. O outro comporta, efetivamente, a estranheza e a similitude. A qualidade do sujeito permite-nos percebê-lo na semelhança e dessemelhança. O fechamento egocêntrico torna o outro estranho para nós; a abertura altruísta o torna simpático. O sujeito é por natureza fechado e aberto (MORIN, 2012b, p. 77).

A questão é que, inspirando-me nas reflexões de Butler acerca do gênero e do sexo em relação à epistemologia complexa proposta por Morin, busco problematizar a questão do estereótipo nas relações de gênero marcadamente tensas como as que são desenvolvidas nos contextos públicos e políticos, para argumentar que tal aspecto consiste numa “estratégia discursiva” (BHABHA, 2010) e numa “estratégia psíquica e social” de poder (BUTLER,

2017) que busca subordinar à mulher [ todos os gêneros] aos regimes de poder falocrático e heteronormativo ou, em termos bourdieuano, ao primado da masculinidade.

No quadro teórico da teoria performativa de gênero, se o estereótipo caracteriza a identidade do sujeito, e se a identidade e o sujeito são construções discursivas em sua relação com uma estrutura social masculina e heteronormativa, então a produção do estereótipo,— considerado uma estratégia discursiva, ou seja, um elemento no mundo social produzido *na e pela* linguagem em sua relação com o aspecto cognitivo—, ocorre também situadamente nas mesmas estruturas sociais ou matriz cultural de gênero semelhante ao sujeito e à identidade, que por conta da reiteração para além da “presença” das conjunturas históricas nos quais foram inscritos, adquirem a aparência de algo natural, uma substância intrínseca ao sujeito.

O estereótipo não se trata de uma substância produzida no interior de um *logos* soberano, nem tampouco se trata de significados inscritos num corpo em relação direta/linear a um sexo. O estereótipo também não é uma interpretação dos sexos anatomicamente distintos, até mesmo porque, Butler questiona se a própria categoria “sexo” não seria também uma produção empreendida pelos regimes de poder anteriormente citados como, por exemplo, o discurso médico-científico com finalidades políticas. Portanto, observo que o estereótipo não é diretamente abordado no discurso de Butler, encontra-se nas entrelinhas quando a mesma faz referência aos sentidos do masculino e do feminino ao trazer à tona o problema e categorias tais como “sexo”, “sexualidade” e “desejo”, bem como, claro, “gênero”.

Para esta pesquisa, a questão da “categorização” interessa, principalmente à luz da teoria social de gênero situada na complexidade moriniana, pois se o estereótipo se trata de uma categoria, pergunto se a mesma é fechada sobre si mesmo, e se, semelhante à categoria de “mulheres”, como questiona Butler, encerra toda a significação sobre o ser “mulher”, o “ser” homem, o “masculino” e o “feminino” (?). Respondo que não! Uma vez que são ambivalentes:

**Categorias** compreendidas como naturais tais como homem, mulher, classe, raça, etnia, nação, identidade, consciência, emancipação, linguagem e poder **devem ser compreendidas como contingentes, dinâmicas e produzidas no particular**, em vez de serem entendidas como dotadas de um *status* ontológico anterior (PENNYCOOK, 2006, p. 71).

## 6.2 ESTEREÓTIPOS: A FORÇA DA AMBIVALÊNCIA

Se para alguns projetos de políticas da diferença o processo de essencialização, talvez, seja viável para que os sujeitos possam ser representados nas esferas de poder públicas e políticas, o certo é que os efeitos colaterais negativos desencadeados por tal processo são a estereotipagem e a homogeneização dos indivíduos (TOSOLD, 2012). Entendo que a estereotipagem, nos termos de uma tradição de pensamento ocidental, designa “essências” ou “substâncias” as quais encerram o sujeito num modo de identificação simplista, redutor e problemático, pois tais essências, designadas pela linguagem, tratam-se de uma atribuição de sentidos identitários que fixam, pela reiteração constante para além do instante em que emergiram, significados que perfazem o “ser” mulher e o “ser” homem.

Portanto, o estereótipo pode ser produtivo para a identificação e compreensão inicial do Outro na interação social. Contudo torna-se algo problemático quando compreendido como verdade absoluta, como uma essência intrínseca ao sujeito, algo natural, dado *a priori* ao mundo. Por isso, entendo que o estereótipo não consiste numa categoria assegurada, com significações fixadas, engessada, sem possibilidade de mudança de “status” como, por exemplo, alguns estereótipos têm sido identificados como “clássicos da masculinidade” e “clássicos da feminilidade”. Afirmar que as significações do feminino e do masculino estão concentradas cada qual num estereótipo específico é negar que tais sentidos possam transbordar e deslocarem-se. Mas na perspectiva aqui adotada, os sentidos escapolem, procuram outros sentidos, e isso inclui a constituição do sujeito, de sua identidade e subjetividade.

Dessa forma, argumento que os estereótipos são constituídos *no e pelo* processo de estilização de gênero, pois é no movimento da linguagem em relação ao corpo e vice-versa que a significação de gênero tanto é objetivada quanto subjetivada no sujeito e no mundo social.

A propósito do sentido etimologia do estereótipo, a saber, *stereo* significa algo sólido, firme. Assim, enquanto “no final do século XVIII, o uso corrente desse termo estava reservado à tipografia e designava uma chapa com caracteres metálicos fixos que possibilitavam estereotipar páginas de texto para produzir cópias repetidas”, na década de 1920, “psicólogos sociais americanos empreenderam estudos sobre o conceito de estereótipo, tomando-o como esquema mental ou fórmula fixa” (MUSSALIM; FONSECA-SILVA, 2011, p. 140). Contudo, a definição de estereótipo como “representação” ou “imagem mental” foi

deixada de lado até a década de 1950 por inúmeras pesquisas de natureza empírica, pois as mesmas:

[...] caracterizaram os estereótipos como um tipo inferior de pensamento, situando-os no domínio do patológico, ou seja, como projeções de fantasias indesejáveis, deslocamentos de tendências agressivas para os membros de outros grupos, ou subprodutos de síndromes de personalidade associadas ao autoritarismo e à intolerância. Por esse motivo, os estudos sobre estereótipo só ganharam novo fôlego a partir dos trabalhos de Allport [1954] 1979, que liga explicitamente os estereótipos aos processos de categorização; de Bruner (1957), que faz uma análise sistemática da concepção de inevitabilidade dos estereótipos; e de Tajfel (1981) e Tajfel e Wilkes (1963), que explicitam suas funções cognitivas e sociais, integrando-as num modelo explicativo das relações intergrupais, com o objetivo de facilitar a compreensão dos acontecimentos sociais complexos, justificar as ações coletivas dirigidas a determinados grupos sociais e criar ou manter diferenciações valorizadas positivamente de um grupo em relação a outro (MUSSALIM; FONSECA-SILVA, 2011, p. 140).

Podemos observar que semelhante à Mondada e Dubois (2003), Allport [1954] 1979 sinaliza sobre os processos de categorização de significações em estereótipos. Entendo a categorização-decategorização como um processo ambivalente, pois não somente garante a fixidez, mas a mobilidade, o transbordamento de significações. Por isso, argumento que ambivalência se trata de uma característica da complexidade, pois promove o ordenamento e o deslocamento de sentidos.

No entendimento de Bhabha (2010, p. 105), o estereótipo se trata de uma “estratégia discursiva” “ambivalente”, ou seja, paradoxal, pois tanto reivindica a fixação quanto o movimento. Segundo o autor, a ambivalência é quem valida as propriedades do estereótipo, a saber: 1) a repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas, 2) os efeitos de verdade que carrega, e 3) as estratégias de individuação e marginalização que opera. O estereótipo consiste em uma “crença dividida e múltipla”, que reivindica “uma cadeia contínua e repetitiva de outros estereótipos” (BHABHA, 2010, p. 120). Enquanto a “fixação” diz respeito à ordem/à estabilidade, o “movimento” diz respeito à desordem/ ao caos das significações categorizadas em estereótipos.

Em outros termos, Bhabha (2010, p. 116) concebe o estereótipo como “fetiche”, pois o mesmo se trata de um “jogo” entre “afirmações de totalidade/similaridade” e a “ansiedade associada com a falta e a diferença”. Decerto, “o estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo” (p.110). O referido “jogo” ocorre entre as seguintes posições: metafóricas/narcísicas e metonímicas/ agressivas, cujos funcionamentos ocorrem de modo simultâneo e estratégico, pois são colocadas em relação umas às outras. Enquanto a

“metáfora” diz respeito ao mascaramento da ausência e da diferença, a “metonímia” desempenha a função de registrar a falta percebida. E enquanto as formas de identificação, a saber, a “narcísica” se refere à dominação e ao prazer, a “agressiva” se trata da ansiedade e da defesa. Em suma, estereótipo, como fetiche, possibilita uma identidade baseada nas posições anteriormente citadas:

Há uma amarração entre a função metafórica ou mascaradora do fetiche e o objeto-escolha narcísico e uma aliança oposta entre a figuração metonímica da falta e a fase agressiva do imaginário. Um repertório de posições conflituosas constitui o sujeito ... . A tomada de qualquer posição, dentro de uma forma discursiva específica, em uma conjuntura histórica particular, é portanto sempre problemática – lugar tanto da fixidez como da fantasia (BHABHA, 2010, p. 119-120).

Como podemos observar a concepção de estereótipo acima põe em destaque o conflito. O estereótipo não se trata de um dado *a priori*, com existência anterior ao discurso, e sua reiteração não se dá por meio de um esquema mental partilhado assegurado e fixo por sujeitos de determinada comunidade de *práxis*, mas consiste em algo “impossível”, pois é ansioso (BHABHA, 2010, p. 125). Dessa forma, julgamos importante reter, do pensamento do referido autor, o entendimento que o referido objeto discursivo não se trata de um “ponto seguro de identificação” (BHABHA, 2010, p. 110) na interação entre os sujeitos. E não sendo um ponto seguro, certas identificações, por exemplo, discriminatórias, preconceituosas que estabelecem relações de poder entre os sujeitos podem ser contestadas.

A concepção de estereótipo advogada por Bhabha é bastante produtiva, e se assemelha ao entendimento de Mondada e Dubois:

[...] as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. Neste caso, as categorias e objetos de discurso são marcadas por uma instabilidade constitutiva observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro da interação (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17).

Os sentidos que constituem o estereótipo não estão assegurados, pois a sua fixidez se deve a “iterabilidade” (DERRIDA, 1991; 2011) de “práticas que exercem um efeito estabilizador observável, por exemplo, na sedimentação das categorias em protótipos e em estereótipos, nos procedimentos para fixar a referência no discurso” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17).

Observamos que o “princípio da escassez do significante”, proposto por Salomão (1999; 2012), aproxima-se da ideia de “traço” ou “marca”, advogada por Derrida, para quem

os sentidos estão sempre escapulindo, pois tanto o referido princípio quanto a referida ideia confluem para um mesmo ponto, a saber, refutam a compreensão que o signo carrega a totalidade da significação. Dito de outro modo, um “sistema de signos” não é algo determinado, mas algo marcado pela indeterminação em vários níveis, a saber, sintático, semântico, morfológico e pragmático, pois a “língua” não tem como propriedade “uma semântica imanente” (MARCUSCHI, 2007, p. 138). Em suma, a forma linguística é marcada pela falta, pela escassez de sentidos.

A força das significações está na reiteração, na “iterabilidade” das mesmas, movimento este tornado possível devido à propriedade de insaturação dos “contextos” sociais, culturais e históricos (DERRIDA, 1991, 2011), e não por carregarem a “verdade” a respeito dos referentes devido ao pressuposto de uma relação direta, linear entre a linguagem e o mundo:

[...] no lugar de pressupor uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 19).

Na compreensão acima observamos que o próprio processo de estabilização está relacionado à instabilidade. Se existem categorias sedimentadas em estereótipos, deve-se ao fato de que os sujeitos estão sempre designando, pelo modo como mobilizam os recursos linguísticos disponíveis, “os eventos, os fatos, os indivíduos, os objetos físicos, os estados de espírito etc.”, por meio de “nomes” (MARCUSCHI, 2007, p. 140) ou “rótulos” (KOCH, 2015, p. 63), que reiterados no curso dos acontecimentos linguísticos, cognitivos, sociais, culturais e históricos, adquirem força e se tornam algo em comum, ou seja, passam a ser partilhados entre os indivíduos pertencentes a uma dada comunidade específica que vivenciaram as mesmas experiências de vida (MARCUSCHI, 2007, p. 140).

Esclarecemos que tanto os nomes quanto os rótulos correspondem aos “protótipos e contribuem para sua estabilização no fio dos processos discursivos”, e os “protótipos”, por sua vez, correspondem a “unidades linguísticas discretas”, as quais garantem a “invariância” do mesmo, pela possibilidade de serem “descontextualizados” (KOCH, 2015, p. 63), pois, como dissemos anteriormente, um “sistema de signos” não se trata de algo fechado sobre si mesmo, não tem a sua determinação garantida, nem tampouco as formas linguísticas, devido à “escassez do significante” (SALOMÃO, 2012). Portanto, o protótipo uma vez nomeado e compartilhado por “inúmeros indivíduos através da comunicação linguística”, comunicação

marcada pela propriedade de “iterabilidade” (DERRIDA, 1991; 2011), se tornará “um objeto socialmente distribuído”, conseqüentemente algo estável no “seio de um grupo de sujeitos”, e será “este protótipo partilhado, que evolui para uma “representação coletiva” que irá constituir o estereótipo” (KOCH, 2015, p. 63).

Embora Modanda e Dubois não se refiram ao protótipo ou ao estereótipo como algo paradoxal, ou seja, embora tais categorias não sejam diretamente conceituadas como ambivalentes, percebemos e argumentamos, com base em Bhabha, que as mesmas são marcadas pela “força da ambivalência” no discurso das referidas autoras:

[...] pode-se dizer que **uma categoria prototípica ou estereotípica** é primeiro considerada como **a base mais disponível e compartilhável** para a comunidade; em seguida, **são operadas modificações** que fazem a entidade passar de um ponto central de seu domínio semântico para um ponto periférico, ou que provoca uma recategorização radical (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.32, grifo nosso)

Dessa forma, a compreensão de Modanda e Dubois a respeito de que as categorias podem ser “deategorizadas” é bastante produtiva e coaduna com a perspectiva da ambivalência proposta por Bhabha. De modo específico, os pontos estáveis de categorias como o protótipo e o estereótipo sofrem desestabilizações:

Para resumir, quer se trate de objetos sociais ou de objetos “naturais”, observa-se que o que é habitualmente considerado como um ponto estável de referência para as categorias pode ser “deategorizado”, tornado instável, evoluir sob o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista. Nosso argumento consiste em dizer que a “estabilidade” resulta, de fato, de um ponto de vista realista que relaciona as categorias às propriedades do mundo — como se a objetividade do mundo produzisse a estabilidade das categorias — no lugar de relacioná-los aos discursos sócio-históricos e aos procedimentos culturalmente ancorados (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 26-27).

Decerto, para Bhabha e Mondada e Dubois o estereótipo é marcado pela estabilidade e pela instabilidade. Diga-se de passagem, o estereótipo não sendo, portanto, uma essência ou uma representação que traz em si a verdade sobre os objetos “no” mundo e sobre os sujeitos, não tem uma relação de linearidade, ou seja, as significações categorizadas em estereótipos não tem uma relação direta com as formas linguísticas, com os referentes, com os sistemas simbólicos no mundo. Os estereótipos, conforme argumentam Mondada e Dubois (2003, p.32), consistem na “base mais disponível e compartilhável” para sujeitos situados num dado contexto *praxiológico* social e histórico.

Ao que parece, a força das estruturas sociais e cognitivas da antiga ordem social falocêntrica não se impõem com a mesma evidência nas relações de gênero, dada a força histórica do feminismo que transborda os contextos *praxiológicos* nos quais ocorreu a sua emergência. Contudo, mesmo com os avanços da teoria e da política feminista, avanços não sentido acumulativo, avanços não como evolução linear, avanços num sentido transformador, ou seja, que tem promovido rupturas com velhos ciclos nos quais sistemas de crença orientados pelos essencialismo e pela simplificação marginalizaram diversas realidades históricas por não serem inteligíveis a tais sistemas como, por exemplo, é o caso do falocentrismo e da heterossexualidade compulsória, os quais, respectivamente, por muito tempo promoveram a exclusão das mulheres dos espaços públicos de poder, negando direitos políticos as mesmas, e marginalizaram [e ainda querem marginalizar] violentamente aqueles e aquelas cujo gênero, a sexualidade e o desejo não são compatíveis com o sexo, a saber, os homossexuais, gays e lésbicas.



## 7 INSTRUMENTAL TEÓRICO-ANALÍTICO PARA ANÁLISE DE PERFORMANCES CORPÓREO-DISCURSIVAS DE GÊNERO

Para análise das performances corpóreo-discursivas dos (as) senadores (as) brasileiros (as) no evento do dia 08 de março de 2017, fio-me nas seguintes categorias analíticas: “trajetórias de socialização” (WORTHAM, 2005), “*footing*” (GOFFMAN, 2013), “enquadres” interativos e “esquemas de conhecimento” (TANNEN; WALLAT, 2013), “reciclagem” (*recycling*), “reenquadramento” (*reframing*) e “retransposições” (*keying*) (TANNEN, 2006), bem como “pistas de contextualização” (GUMPERZ, 2013).

Contudo, antes de discorrer sobre tais categorias, retomo a questão do corpo para justificar a utilização do termo “performances corpóreo-discursivas” como categoria também de análise. Aliás, na análise busco investigar a relação entre as dimensões sociais, culturais, cognitivas e históricas em performances corpóreo-discursivas por meio das categorias analíticas *supra* citadas, tendo em vista regimes de inteligibilidade a respeito das relações de gênero que (re)produzem acriticamente estereótipos clássicos de gênero como algo saturado, fechado sobre si mesmo assegurando a “essência” que perfaz a “feminilidade” e a “masculinidade”. Para tanto, retomo o percurso histórico em que ocorreram os desdobramentos dos estudos sobre atos de fala, empreendido pelo filósofo inglês J.L. Austin, a respeito da relação do corpo com a linguagem tanto na Linguística quanto na Antropologia Linguística.

### 7.1 PERFORMANCES CORPÓREO-DISCURSIVAS

As incursões filosóficas de J.L. Austin sobre a linguagem objetivadas em atos de fala reverberou em vários domínios da Ciência, como na Linguística Aplicada e na Antropologia Linguística, suscitando “controversas interpretações e apropriações, apontando para a complexidade de seu texto e sua contribuição sempre produtiva” (PINTO, 2009, p. 120). Mas, não somente nos referidos domínios científicos, também no âmbito de estudos feministas, a partir do questionamento empreendido por Jacques Derrida ao sujeito intencional consciente pressuposto por Austin na realização do ato de fala.

De modo específico, Derrida questionará tanto a pressuposição de um sujeito intencional consciente quanto o entendimento de contexto saturado, completamente determinável, ao argumentar sobre a força do ato de fala residir na repetição para além do contexto e de uma intenção, ou melhor, para além da “ausência” de um autor intencional. A

ideia de “citationalidade” da estrutura de qualquer signo para além da “presença” do autor e do contexto no qual ocorreu a inscrição do ato de fala determinado intencionalmente provoca uma ruptura na concepção de um sujeito essencialista em favor de um sujeito histórico. Este entendimento, aliado ao questionamento das dicotomias ocidentais, das oposições binárias ocidentais que estabelecem uma relação de hierarquia entre os pares como, por exemplo, natureza/cultura, mulher/homem, emoção/razão, dentre outras, será mobilizado por teóricas feministas da desconstrução como Shoshana Felman e Judith Butler, trazendo à tona a questão do corpo como um importante aspecto nos processos de subjetivação. (PINTO, 2009). O fato é que a apropriação feita por Butler da noção de “ato performativo” austiniiano em sua relação com a ideia de *stylization*, oriunda da nominalização do verbo *stylize*, que diz respeito à convenção de um estilo, que culminou no conceito de “estilização de gênero”, ou melhor, a ideia de “performance” implicada na “estilização” não se detém ao campo de estudos feministas, pois tem trafegado entre distintas áreas do conhecimento, uma vez que, as fronteiras disciplinares não são engessadas, impermeáveis, apesar de fiscalizadas por atentos “aduaneiros”, como é o caso dos estudos realizados com foco sobre a relação entre linguagem e sociedade pela Antropologia Linguística e pela etnografia da fala, com vista:

Embora as formas de comunicação possam incluir meios não linguísticos, como gestos miméticos ou olhares fixos, são os componentes e padrões formais da organização textual, incluindo registros especiais, partículas iniciais, fala formulaica, paralelismo gramático, discurso direto, padrões métricos, contornos entonacionais, timbre, pausas na respiração e assim por diante, que têm chamado preponderantemente a atenção enquanto indicadores metapragmáticos de performance na antropologia linguística e no folclore. A investigação da organização formal da performance tem estimulado várias linhas relacionadas de pesquisa [...] (BAUMAN, 2014, p. 733).

Portanto, justifico o uso da noção de “performance corpóreo-discursiva” como categoria de análise para a investigação de estereótipos de gênero no discurso dos (as) parlamentares brasileiros (as), porque enquanto Butler não perde de vista a questão do corpo e do poder, esta imprescindível para o entendimento das assimetrias de gênero na sociedade, os pesquisadores da Antropologia Linguística e da Sociolinguística Interacional não perdem de vista, no estudo da performance, importantes aspectos que estão implicados também na “estilização” identitária de gênero como contornos entonacionais, pausas, aumento de voz, ênfases, hesitações, enquadres, dentre outros.

## 7.2 TRAJETÓRIAS DE SOCIALIZAÇÃO

Trajетórias de socialização consistem numa série de eventos conectados de modo contingente por meio dos quais os indivíduos interagem numa situação social específica (WORTHAM, 2005).

Informo que a referida noção emergiu com base nos estudos realizados sobre intertextualidade e interdiscursividade<sup>15</sup>, bem como no deslocamento dos estudos clássicos sobre socialização da linguagem, nos quais uma concepção de cultura como algo estável e delimitado estava implicada, consequentemente caracterizando grupos de indivíduos limitados, pois compartilhavam crenças e práticas fechadas sobre si mesmo. Tais estudos clássicos tinham em vista somente tipos recorrentes de eventos característicos de determinada cultura. Para além da investigação de tipos recorrentes de eventos de fala, os estudos contemporâneos, principalmente sobre intertextualidade e interdiscursividade suscitaram outra abordagem mais produtiva para a análise da socialização da linguagem com foco nos pressupostos sociais, culturais e interacionais da fala. Especificamente, ao contrário de investigações que privilegiaram tipos recorrentes de eventos de fala com base numa concepção de cultura como algo isolado, os estudos atuais passaram a focar as ligações entre os eventos ao longo de uma trajetória de um indivíduo ou grupo de indivíduos, tendo em vista que trajetórias de eventos de fala são marcadas por indeterminações. Tal mudança também se deu em decorrência do deslocamento da concepção clássica de cultura de algo estável e fechado sobre si mesmo para algo dinâmico, ou seja, marcado por fluxos mais circulantes de cadeias de signos (WORTHAM, 2005).

Portanto, segundo Wortham (2005), a socialização se trata de um processo intertextual, cuja emergência dos eventos de fala ocorre de modo contingente, pois tanto recursos locais quanto recursos mais amplos em circulação confluem no desenvolvimento de trajetórias identitárias, cujos propósitos e a natureza das ligações entre os eventos podem

---

<sup>15</sup> Segundo Brandão (2012), a noção de “interdiscursividade” está alicerçada na ideia de heterogeneidade, a qual, por sua vez, fundada no princípio do dialogismo, trata-se de uma propriedade subjacente a todo discurso. Ao contrário do entendimento que cada discurso é homogêneo, saturado, fechado em si mesmo, a noção de heterogeneidade possibilita entendermos a “identidade do discurso” como algo complexo, porque todo e qualquer discurso é constituído na interação com Outros discursos seja de modo complementar, concorrente e/ou antagônico. E a especificidade dessas interações pode ser compreendida à luz da noção de “intertextualidade”, ou seja, esta diz respeito aos tipos de relações estabelecidas entre formações discursivas. Enquanto a “intertextualidade interna” consiste na relação entre formações discursivas que estão situadas numa num mesmo campo discursivo como, por exemplo, o campo religioso, a “intertextualidade externa” compreende a interação entre formações discursivas de campos distintos como, por exemplo, entre o campo religioso e o da filosofia. As noções de “campo discursivo”, bem como “universo discursivo” e “espaços discursivos” foram propostas por Dominique Maingueneau.

variar no decorrer de seus desdobramentos. Dessa forma, apoiado na noção de “cadeias de fala” (AGHA<sup>16</sup>, 2003 *apud* WORTHAM, 2005), as quais consistem numa série de eventos interconectados por meio da qual ocorre a fluidez de um signo, possibilitando, assim, a compreensão do modo como tais eventos possam estar vinculados, Wortham propõe a noção “trajetórias de socialização” para perscrutar o modo como ocorre o processo de socialização de um indivíduo em uma série de eventos de fala, e como o mesmo produz significações identitárias.

Especificamente, “trajetórias de socialização” concernem numa categoria de análise produtiva para investigação da dinâmica de estilizações identitárias de gênero, uma vez que, a mesma possibilita identificar eventos de fala estereotipados e previsíveis, ou melhor, a entextualização de um signo temporariamente mais estável, bem como a descontextualização e recontextualização do mesmo, ou seja, o “descentramento” do discurso, o afrouxamento entre os eventos de fala e o seu contexto:

No cerne do processo de descentrar o discurso está o processo mais fundamental – a *entextualização*. Em termos simples, apesar disto estar longe de ser simples, é **o processo de tornar o discurso passível de extração**, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade – um *texto* – que pode ser extraído de seu cenário interacional. Um texto, então, nesta perspectiva, é **discurso tornado passível de descontextualização**. Entextualização pode muito bem incorporar aspectos do contexto, de tal forma que o texto resultante carregue elementos da história de seu uso consigo.

Fundamental para **o processo de entextualização é a capacidade reflexiva do discurso**, capacidade que este compartilha com todos sistemas de significação [...] (BAUMAN; BRIGGS, 2006, p. 206, grifo nosso).

Para Bauman e Briggs (2006; [1990] 2010), a capacidade reflexiva do discurso consiste em objetificar o próprio discurso para submetê-lo a revisões, avaliações constantes. Ao considerar a performance como um “enquadre”, os autores argumentam que tal processo intensifica a “entextualização”, embora não seja o único mecanismo. Interessante observar o quanto a caracterização do processo de entextualização, descontextualização (descentramento) e recontextualização (recentramento) coaduna com a ideia de “iterabilidade”, proposta por Derrida (1991; 2011), propriedade da linguagem de reiterar “traços” ou “marcas” de signos para além do instante de sua inscrição e da presença de quem os inscreveu, ou seja, de serem extraídos e citados em diversos contextos de *práxis* humana. A “iterabilidade” é a propriedade que promove e assegura a historicidade de significações. E o “suplemento” em relação à

---

<sup>16</sup> Cf. AGHA, Asif. **In press Language and Social Relations**. New York: Cambridge University Press, 2003. The Social Life of Cultural Value. *Language and Communication*, 23(3-4):231–273.

“iterabilidade” diz respeito à cadeia de “traços” de signos que suplementam outros signos, não no sentido de uma adição linear. Junto a isso, justo observar que o processo de “entextualização” é marcado pela reflexividade também coaduna com o entendimento de Butler a respeito da dupla função do poder psíquico, a saber, inaugurar o indivíduo como sujeito e subordiná-lo. Para tanto, esta teórica entende que, apesar da inauguração ser um processo imprescindível que promove a existência do indivíduo enquanto sujeito, este poderá, através da reflexividade, voltar-se sobre si mesmo, tornando-se sujeito da ação. Enfim, o processo de descentramento e recentramento do discurso marcadamente reflexivos caracterizam trajetórias de socialização:

A investigação dos processos inter-relacionados de entextualização, descontextualização (descentramento), e recontextualização (recentramento), construída a partir dos *insights* acumulados pelas análises de performances anteriores, abre caminho para a construção de histórias de performances; para iluminar as estruturas sistêmicas mais amplas nas quais as performances desempenham um papel constitutivo; e para a ligação da performance com outros modos de uso da linguagem, já que performances são descentradas e recentradas, tanto dentro como através de eventos de fala — referidas, citadas, avaliadas, contadas, refletidas, refeitas, e de outras maneiras transformadas na produção e reprodução da vida social (BAUMAN; BRIGGS, 2006, p. 216).

### 7.3 FOOTING

Tendo em vista a relação do corpo com a linguagem e vice-versa, com foco sobre a dinâmica entre estados aparentemente assegurados e estado moventes de significações e sentidos em trânsito numa série de eventos de fala conectados, não somente de modo complementar, mas também concorrente e antagônico, recorro às noções de enquadre e *footing*. Informo que *footing* consiste num desdobramento da noção de enquadre, esta introduzida nas ciências sociais por Gregory Bateson, e retomada por Erving Goffman, com vista a explorar o caráter dinâmico de enquadres. Contudo, apoio-me na noção de enquadre interativo, proposto por Deborah Tannen, que consiste numa revisão do construto goffmaniano.

Assim, *footing* concerne em “mudanças significativas de alinhamento entre falantes e ouvintes” (GOFFMAN, 2013, p. 113), ou melhor, em mudanças no porte, posicionamento, postura e projeção pessoal dos participantes na situação social específica de fala, mudanças estas que podem ser asseguradas pela duração de “um trecho de comportamento” o qual poderá transbordar “uma frase gramatical”, pois poderá ser mais longo ou mais curto do que esta última. O movimento de *footing* deverá ser considerado num

*continuum*, não linear, homogêneo desde sempre, mas marcado por posicionamentos ostensivos, bem como sutis, que poderão ser provocados por “alternância de código” ou “marcadores de som” (GOFFMAN, 2013, p. 113). Interessante notar que a ocorrência de um evento intenso, intensidade esta que promove a excrescência do mesmo, poderá ocasionar uma delimitação bastante marcada na interação, uma fronteira no fluxo dos eventos de fala. Especificamente, *footing* significa:

Uma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução. **Uma mudança em nosso *footing* é um outro modo de falar de uma mudança em nosso enquadre dos eventos** (GOFFMAN, 2013, p. 113, grifo nosso),

Ao que parece, *footing* e enquadre são noções cujas fronteiras são permeáveis uma a outra, ou melhor, consistem em termos cuja relação parece indissociável. Eu diria, apoiada no princípio “hologramático” da complexidade, *footing* e enquadre são partes complementares, concorrentes e antagônicas de uma mesma ideia. Contudo, argumento, com base no entendimento de Austin, que enquanto o termo enquadre sinaliza para a dimensão “ilocucionária” da linguagem, *footing* tem relação com mudanças somáticas e performativas, claro, mudanças “muito comumente vinculadas à linguagem” (GOFFMAN, 2013, p. 114).

#### 7.4 RECICLAGEM, REENQUADRAMENTO E RETRANSPOSIÇÃO

Já categorias analíticas “reciclagem” (*recycling*), “reenquadramento” (*reframing*) e “retransposições” (*keying*) (TANNEN, 2006) dizem respeito, a primeira ao fluxo de um tópico, ou seja, à sua mobilidade que se dá por reinscrições em situações posteriores, que podem ser num dia posterior, ou ainda no mesmo dia, ou dias depois. É preciso sinalizar que a reciclagem se aproxima da ideia de “iterabilidade” derridiana, pois tem haver não com o modo como um determinado tópico foi, por exemplo, enquadrado, mas no seu aparecimento para além do instante e da presença de quem o inscreveu. Embora a noção de “iterabilidade” tenha haver com a força da “historicidade” de sentidos que foram inscritos em contextos de *práxis* humana que chegam a ser temporalmente bastante distante uns dos outros, a reciclagem sinaliza para uma emergência temporal mais imediata, digamos assim. A segunda consiste na mudança de enquadre de um determinado tópico em relação ao modo como os participantes se localizam na interação social. A meu ver, um reenquadramento consiste num processo recursivo-retroativo que transforma uma força ilocucionária em outra, pois, por

exemplo, apoiando-me nos próprios exemplos concedidos por Tannen (2013) que concernem numa interação social entre uma pediatra com uma criança, a mãe da criança e com os futuros profissionais que irão prestar serviços no Centro Médico, contexto no qual ocorreu a investigação da autora, que atende crianças com algum tipo de deficiência. A médica, algumas vezes, chega a mudar ostensivamente, por exemplo, do enquadre “exame da criança”, marcado por um “registro de brincadeira”, para o enquadre “encontro social”, marcado por um “registro de relato”, ou seja, enquanto atende a criança, a médica interage com a ela por meio de brincadeiras, ao passo que, quando se volta para relatar o problema da criança para a equipe de profissionais se localiza na situação de outra forma, que envolve uma mudança de *footing*, pois a sua performance de brincadeira, mais descontraída, assume outra forma, a saber, uma performance marcadamente científica, mais formal, pelo uso de termos próprios do jargão dos profissionais da saúde. Já retransposições, por sua vez, significam transformações na posição emocional do enunciador que implica mudança no tom de voz, na amplitude, na ênfase lexical, no ritmo, nos contornos entonacionais, dentre outros aspectos (TANNEN, 2006). Entendo que tal mudança tenha relação com os efeitos provocados pela mudança de enquadres, e dizem respeito aos efeitos perlocucionários austinianos.

Reciclagens, reenquadramentos e retransposições vinculam-se, assim, às microalterações ao longo dos processos de negociação semântica na organização da experiência social. Elas ocorrem em meio à repetição de pistas indexicais multimodais padronizadas, que enquadram metapragmaticamente um discurso (FABRÍCIO, 2014, p. 162).

Interessante observar, com base nos princípios da epistemologia da complexidade, a relação entre os eventos reciclagem, reenquadramento e retransposição, os quais, no meu entendimento, são “partes” de um “todo” cujo trânsito, a dinâmica, os fluxos entre tais “partes” ocorrem de modo recursivo-retroativo, ou melhor, ruptura da fase de “efeitos” para assumir outra “forma” novamente, ruptura que desencadeia mudança de “forma” de enquadres e *footing* ininterruptamente.

## 7.5 ESQUEMAS DE CONHECIMENTO E ENQUADRES INTERATIVOS

Esquemas de conhecimento e enquadres interativos são concebidos por Tannen e Wallat (2013) como estruturas de expectativas. Pertinente registrar que enquanto a primeira teórica é uma linguista, a segunda é psicóloga, tendo em vista que relações interdisciplinares e multidisciplinares enriquecem o entendimento acerca da relação entre distintas dimensões que

constituem um dado fenômeno/objeto, neste caso, a interação entre as operações da linguagem e as operações cognitivas.

Assim sendo, enquanto a noção de esquemas de conhecimento diz respeito à dimensão cognitiva implicada na construção de discursos diversos *nas* e *pelos* interações entre os indivíduos, uma vez que, consistem em padrões de expectativas e suposições a respeito do mundo, de aspectos culturais, sociais e históricos identitários sejam de raça/etnia, classe, gênero, região, dentre outros, do modo como são os sujeitos, as relações e os objetos e fenômenos culturais e sociais no mundo, a noção de enquadre, — primeiramente introduzida por Gregory Bateson e desenvolvida por Erving Goffman, no campo da Sociologia, e por John Gumperz, no campo da Antropologia Linguística, dentre outros —, é submetida a uma revisão por Tannen e Wallat (2013, p. 188), a partir do entendimento que noções afins como script, protótipo, atividade de fala, dentre outras, mobilizadas nas áreas de estudo tais como Linguística, Antropologia Artificial, Antropologia e Psicologia, sinalizam estruturas de expectativa, concebendo-a como algo que “se refere à definição do que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (ou movimento ou gesto) poderia ser interpretada”. Especificamente, enquanto a noção de esquemas de conhecimento é caracterizada como sendo as “expectativas dos participantes acerca de pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo, fazendo distinção, portanto, entre o sentido desse termo e os alinhamentos que são negociados em uma interpretação específica”, a noção de enquadre interativo diz respeito “à percepção de qual atividade está sendo encenada, de qual sentido os falantes dão ao que dizem”, (TANNEN ; WALLAT, 2013, p.189), assim sendo, entendendo-se que “esse sentido é percebido a partir da maneira como os participantes se comportam na interação, os enquadres emergem de interações verbais e não-verbais e são por ela constituídas” (TANNEN ; WALLAT, 2013, p.189). Saliento, porque inicialmente a noção de esquemas foi concebida por Tannen e Wallat (2013, p. 188), como uma estrutura de conhecimento estática, que tanto a noção interativa de enquadre, quanto de esquemas são, ambas, dinâmicas.

Nos termos da epistemologia da complexidade, a relação entre esquemas e enquadres nem sempre é complementar, mas concorrente e antagônica, pois discrepâncias entre esquemas de conhecimento podem gerar conflitos e, necessariamente, requererem mudanças de enquadres. Enquadre, tem relação com a noção de *footing*, proposta por Erving Goffman, trata-se, para além do que as elocuições significam, do modo como as mesmas são orientadas, posicionadas na interação, ou melhor, para além do que as palavras significam, diz



respeito a maneira como as palavras são proferidas. A emergência de enquadres se dá a partir de interações verbais e não-verbais.

Entendo que a relação entre enquadres e esquemas seja marcadamente recursivo-retroativa, porque se diferenças de esquemas de conhecimento podem provocar o surgimento, dada necessidade da interação, de reenquadramentos, tal mudança sinaliza para um processo no qual os efeitos suscitados, por expectativas diferentes enquadradas de certa maneira, ao romperem com o quadro estabelecido retroagindo e desencadeando a formação de outros enquadres ininterruptamente a depender do jogo das interações.

## 7.6 PISTAS DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Com base no entendimento que esquemas de conhecimentos e estereótipos relativos aos diferentes modos de posicionar a linguagem e se posicionar por meio do uso da linguagem, tais aspectos concernem num conjunto imprescindível para que os interlocutores possam manter a interação de fala, porque “a diversidade linguística funciona como um recurso comunicativo nas interações verbais do dia-a-dia” dos interlocutores (GUMPERZ, 2013, p. 149). Decerto, as pistas de contextualização têm significados implícitos, por isso não podem ser compreendidas de modo descontextualizado, pois tais significados constituem parte do processo de interação social, uma vez que, são sinalizadores por meio dos quais ocorre o processo interpretativo. Especificamente, os significados de pistas de contextualização podem desencadear entendimentos entre os processos interpretativos dos indivíduos situados num contexto social específico ou divergências, caso algum participante da interação não reaja ou não reconheça os significados implícitos nas pistas contextualizadas. Precisamente, pressuposições sociais estão implicadas numa atividade de fala, e a partir delas é que deve ocorrer a interpretação de uma mensagem:

[...] é através de constelações de traços presentes na estrutura de superfície das mensagens que os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam qual é a atividade que está ocorrendo, **como o conteúdo semântico deve ser entendido e como cada oração se relaciona ao que a precede ou sucede**. Tais traços são denominados *pistas de contextualização* (GUMPERZ, 2013, p. 152, grifo nosso).

Pistas de contextualização são complexas, pois podem se manifestar de distintas maneiras a depender do repertório linguístico marcadamente histórico de cada indivíduo. Os traços linguísticos implicados em tais pistas servem para sinalizar pressupostos contextuais.

## 8 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

“Os que se empenham em examinar as ações humanas jamais ficam tão atrapalhados como para juntá-las e apresentá-las sob a mesma luz, pois comumente elas se contradizem de modo tão estranho que parece impossível que venham da mesma matriz”.

(Montagne)

### 8.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

Se o ocidente foi marcado por uma tradição científica positivista, ou melhor, pelo paradigma simplificador, que advogou a neutralidade ideológica e política no “fazer” científico, orientada pelo *modus operandi*, a saber, idealizar, racionalizar e normatizar a pluralidade de fenômenos sejam naturais, biológicos e antropossociais, a ciência contemporânea, — como vimos na seção 02 na qual foi apresentada a epistemologia da complexidade —, ao começar pelas ciências ditas “duras”, como as ciências físicas, foram surpreendidas pela desordem na Ordem que imperava em seus domínios desde a ascendência do paradigma cartesiano. As ciências sociais e humanas, especificamente a sociologia e a antropologia que são filhas da crise do antigo mundo no qual imperou o paradigma religioso, também estiveram marcadas por procedimentos típicos do cientificismo, assim perdendo de vista aspectos relevantes para o entendimento da complexidade das dimensões antropossociais que constituem a vida no mundo e o próprio mundo, tendo vista que “a cientificidade de uma teoria se mede pelo distanciamento que ela mantém em relação ao senso comum- ou, equivalente, o brilho de uma teoria científica consiste na dificuldade que o leigo terá em compreendê-la” (RAJAGOPALAN, 2014, p. 119).

A Linguística, por sua vez, conseguiu obter o status de “Ciência” por meio de exclusões e hierarquias produzidas no seu próprio interior “tudo em nome de um cientificismo cego e dogmático que havia varrido todas as áreas humanas, de meados do século XIX em diante, e que se tornou um dos gritos de guerra do positivismo lógico que imperou na primeira metade do século XX” (RAJAGOPALAN, 2014, p. 102). A cientificidade exigia que fossem descartados aspectos subjetivos, no caso da Linguística, aspectos extralinguísticos como o contexto ficaram à margem das investigações e, pior, o próprio sujeito, como bem colocou

Morin, que enquanto a ciência apoderou-se do objeto, a filosofia apoderou-se do sujeito. Tais exclusões, do sujeito e do contexto, realizaram-se com base no argumento da neutralidade científica.

Graças aos diversos deslocamentos operados nos fundamentos da ciência ocidental moderna, nas mais diversas áreas de conhecimento, como a Linguística, em sua relação com deslocamentos ocorridos nos fundamentos da filosofia clássica, na atualidade, pesquisadores engajados politicamente tendo em vista consequências de ordem ética acreditam:

[...] nossas teorias sejam tentativas de fazer sentido para um mundo real que, na ausência de tais teorias, deixar-nos-ia embaraçados diante de tantos fenômenos que escapam ao nosso senso comum, ou seja, nós seres humanos somos por força de nossa própria natureza criaturas que teorizam compulsivamente. Ora, dentro dessa perspectiva, é perfeitamente possível que embora partam de uma necessidade imposta pela própria natureza humana, as teorias que defendemos reflitam os anseios do momento histórico em que propomos e defendemos as nossas ideias. Em outras palavras, percebe-se a perfeita compatibilidade entre ciência e um posicionamento político-ideológico. Melhor ainda, percebe-se que mesmo por trás das teorias que possam ostentar uma aparência de mais alto nível de isenção e neutralidade podem estar presentes propostas de cunho político-ideológico (RAJAGOPALAN, 2003, p. 18).

Decerto, a Linguística ascendeu ao status de “Ciência” ao adotar os procedimentos do paradigma simplificador marcadamente racionalizador. Especificamente, elegeu como seu objeto de estudo a “língua”, concebido como um sistema abstrato, e projetou-se como uma área do conhecimento científico pouco se importando com “o contexto maior da linguagem” (RAJAGOPALAN, 2014, p. 102), descartando e relegando a um segundo plano fatores caracterizados como “extralinguísticos” (RAJAGOPALAN, 2014, p. 101). É típico do paradigma inaugurado pelo *ad hoc* pai da modernidade René Descartes descartar dimensões de um fenômeno que podem causar embaraços, buscando desvendar uma Lei a qual todos os fenômenos obedeceriam, tendo em vista um estado de ordem. No caso do campo de estudos da linguagem, todos aqueles fatores e fenômenos que não se encaixam no “espartilho”<sup>17</sup> que é o sistema abstrato da língua são descartados na “lata de lixo”, por exemplo, da pragmática. Portanto, ao contrário de uma concepção idealista e abstrata a qual não existe “espaço algum para qualquer consideração ética ou política” (RAJAGOPALAN, 2014, p. 108), a perspectiva pragmática, em sua relação com a epistemologia da

---

<sup>17</sup> O referido termo foi tomado de empréstimo de Edgar Morin.

complexidade, entende “a língua como um fato social, produto de ações de seres humanos organizados em comunidade etc.” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 16):

A diferença, portanto, entre um estudioso de linguagem social e politicamente compromissado e outro que terminantemente rechaça qualquer interesse em ou envolvimento com tais compromissos não está no grau de comprometimento de cada um ou na presença *versus* ausência de tal comprometimento. Pois o fato é que, de uma forma ou de outra, todos estão igualmente comprometidos, uns conscientemente, outros velada e sub-repticiamente. A diferença consiste justamente na honestidade intelectual de admitir que eles existem e, mais ainda, na prontidão e na ancoragem de defender as posições ideológico-políticas que invariavelmente subjazem a suas análises e propostas (RAJAGOPALAN, 2014, p. 110).

Portanto, argumento, com base na epistemologia da complexidade, que nossas ações enquanto sujeitos epistemológicos retroagem, e tal retroação são as consequências de nossas decisões paradigmáticas, ontológicas, epistemológicas e metodológicas. Assim, tendo em vista o estudo da linguagem, não como algo que descreve ou designa um estado de coisas ou a verdade sobre a realidade, mas como algo situado contextualmente, e que ao mesmo tempo assegura uma rede de significados compartilhados historicamente, mas, muito mais do que isso, possibilita resistências e ressignificações, portanto mudanças antropossociais. Assim, para a investigação da estabilidade e instabilidade dos processos de estereotipagem em estilizações de gênero no discurso de senadores (as) brasileiros (as), tendo em consideração a questão do poder que inaugura o indivíduo como sujeito, bem como o subordina, mas que dado a reflexividade, poderá ser deslocado, elegi a pesquisa qualitativa do tipo interpretativista, uma vez que “a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Especificamente, o pesquisador qualitativo-interpretativista considerado como um *bricoleur* consiste num “indivíduo que confecciona colchas” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 18), ou melhor:

Existem muitos tipos de *bricoleurs* — interpretativo, narrativo, teórico, político. **O *bricoleur* interpretativo produz uma *bricolage*** — ou seja, um conjunto de representações que reúne peças montadas que se encaixam nas especificidades de uma situação complexa (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 18, grifo nosso).

Dessa forma, a *bricolage* consiste num produto complexo, resultado do trabalho do *bricoleur* interpretativista cujo *modus operandi* se caracteriza como uma tessitura constituída por informações a respeito dos diversos paradigmas interpretativos e pelo

manuseio de diversos métodos de análise, sem perder de vista as emergências, as derivas, as bifurcações, que ocorrem no curso dos processos sociais e históricos, subjetivos e identitários, dentre outros, e os atravessamentos culturais e sociais, a saber, gênero, classe, raça/etnia, regionalidade, formação intelectual, etc. A *bricolagem* considerada uma estrutura interpretativa é semelhante a “uma colcha, um texto de *performance*, uma sequência de representações que ligas as partes ao todo” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 20), uma vez que:

O *bricoleur* interpretativo entende que a pesquisa é um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça e pela etnicidade dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário. O *bricoleur* político sabe que a ciência significa poder, pois todas as descobertas da pesquisa têm implicações políticas. Não existe nenhuma ciência livre de valores (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 20).

Podemos observar o quanto os entendimentos *supra* citados a propósito do quanto o “fazer” científico é complexo, pois muitas são as contradições antropossociais implicadas nos fenômenos e nos objetos que elucidamos e submetemos ao escrutínio dos paradigmas e métodos que elegemos para a investigação dos mesmos, cujos os resultados/produtos, ou melhor, a *bricolagem* têm consequências advindas do movimento recursivo-retroativo, também não podemos perder de vista que se trata de algo situado contextualmente e historicamente, e que tais resultados/produtos não são algo saturado, que carregam a “verdade” sobre os fenômenos e os aspectos neles implicados. É com vista às consequências de nosso “fazer” científico que a questão “ética” deve ser considerada a partir do “rascunho” de nossos interesses de pesquisa.

## 8.2 AS ORIGENS HISTÓRICAS DO 08 DE MARÇO COMO O DIA INTERNACIONAL DA MULHER

O contexto histórico no qual ocorreu o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, — primeira mulher brasileira eleita para o mais alto cargo público e político do executivo, a saber, de Presidente (a) da República, por voto popular e democrático em 2011—, fez parte da constituição da teia de acontecimentos ocorridos no dia 08 de março em Brasília-DF, e em várias partes no mundo, não somente para homenagear as mulheres por suas conquistas sociais ao longo dos séculos, mas, muito mais do que isso, para contestar a realidade atual, em pleno século XXI, da condição social, emocional, psicológica, física, econômica, em que vivem muitas mulheres, por exemplo, que sofrem violência doméstica, o

número de homicídios de mulheres que resultaram de tal violência praticada por seus próprios companheiros, a diferença salarial entre homens e mulheres, a pequena representativa feminina na política, bem como em cargos de comando em instituições públicas ou em empresas privadas, a responsabilidade pelo cuidado da casa e dos filhos que ainda recai sobre os ombros de muitas mulheres que enfrentam uma dupla jornada de trabalho, a exploração sexual, o assédio, a cultura do estupro, o racismo, e, claro, a discriminação de gênero por meio de mecanismos como estereótipos de gênero. Portanto, imprescindível informar sobre a data simbólica de 08 de março como o Dia Internacional da Mulher.

Mulheres de diferentes nações sacudiram o *status quo* das sociedades modernas e industrializadas entre os séculos XIX e XX, movidas pelo interesse de serem reconhecidas como sujeitos políticos, mas, mais importante enfatizar, contra a subordinação da mulher em relação ao homem, seja na família, em casa, no mercado de trabalho, enfim, hierarquia fundamentada no aspecto biológico, na categoria “sexo”.

A realidade é tecida por diversos “acontecimentos”, tendo em conta que o “jogo do devir” histórico é dinâmico, ininterrupto, ambivalente, daí a ocorrência de “acidentes” no curso dos acontecimentos, dada a força histórica de significações inquietas, incompletas, assim ansiosas pelo “suplemento” (DERRIDA, 1991; 2011), ou seja, por outros sentidos, outras “cadeias de signos” (DERRIDA, 1991; 2011). Entendo que a ansiedade que marca os sentidos reside no desejo pelo estabelecimento numa matriz cultural e ordem social para, conseqüentemente, adquirirem o *status* de regularidades. Assim sendo, entre os séculos XIX e XX, as lutas travadas pelas mulheres feministas ou não feministas foram marcadas por “acidentes” históricos, como foi o caso do incêndio ocorrido numa fábrica em Nova York em 1911, no qual a vida de 125 mulheres e 21 homens foi ceifada abruptamente. No Brasil, este “acidente” histórico é lembrado como o fundamento que estabeleceu o dia 08 de março como data simbólica para homenagear todas as mulheres por suas conquistas sociais e políticas, principalmente no século XX. Contudo, segundo a socióloga Blay (2001), o Dia Internacional da Mulher tem suas raízes históricas bem antes do referido incêndio nos Estados Unidos.

O período em que ocorreram as intensas manifestações empreendidas por mulheres contra a subordinação, a hierarquização e a desigualdade entre homens e mulheres, em diversos países na América e na Europa, foi constituído por uma gama de acontecimentos sociais e históricos como a Revolução Industrial, a Revolução de Outubro na Rússia, a Primeira Guerra Mundial, seguida da Segunda Grande Guerra também Mundial. E no Brasil, a transição do regime monárquico para o republicano e a ascensão de ditadores que iria findar

com a Redemocratização do país na década de 1985. Portanto, se o próprio cenário mundial esteve marcado pela complexidade de diferentes acontecimentos relacionados uns aos outros de modo complementar, concorrente e antagônico, não foi diferente para o movimento de mulheres ou de feministas. Enquanto mulheres operárias reivindicavam melhores condições de trabalho nas fábricas, melhores salários, inclusive salários iguais para homens e mulheres que desempenhavam a mesma tarefa, mulheres feministas reivindicavam o direito ao voto, mulheres burguesas estendiam suas reivindicações para a questão da sexualidade, mulheres comunistas em favor do empoderamento do proletariado, mulheres anarquistas contestavam o sistema partidário como local também de reprodução das assimetrias de poder entre homens e mulheres. Assim, as diferentes demandas não estiveram isoladas umas das outras, porque as próprias mulheres, operárias, militantes comunistas, anarquistas, burguesas, em maior ou menor medida, compartilhavam, em algum momento, dos mesmos interesses.

Assim, a proposta de criação de um Dia Internacional da Mulher partiu de uma militante comunista alemã Clara Zetkin, na ocasião do II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, sediado em Copenhagem, em 1910 (BLAY, 2001), contrapondo o entendimento que tem relação ao incêndio ocorrido no dia 25 de março de 1911, na fábrica *Triangle Shirtwaist Company*, na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. A referida fábrica era composta por 600 trabalhadores e trabalhadoras. Dentre este quantitativo, um total de 146 pessoas morreram, 125 mulheres e 21 homens, diga-se de passagem, a grande maioria judeus. Ao que parece, o ocorrido tem relação com a estratégia empreendida pelos donos de fábricas para impedir a continuidade das reivindicações dos operários e das operárias por melhores condições de trabalho, que implicava a diminuição das horas trabalhadas que iam de 12 a 14 horas, não menos que isso, a proibição do trabalho infantil e melhores salários. Então “para desmobilizar o apelo das organizações e controlar a permanência dos trabalhadores/as, muitas fábricas trancavam as portas dos estabelecimentos durante o expediente, cobriam os relógios e controlavam a ida aos banheiros” (BLAY, 2001, p. 603). Na época em que ocorreu o incêndio, o interior da fábrica era quase todo composto por madeira, o chão e as divisórias, e como se tratava de um ramo fabril havia um grande número de tecidos e retalhos, e com péssimas instalações elétricas. Cenário interior favorável, junto ao fato que algumas portas da fábrica estariam fechadas no momento em ocorreu a tragédia. Após o ocorrido, no lugar onde antes era a fábrica foi edificada a Universidade de Nova Iorque (BLAY, 2001). Reitero:

No Brasil vê-se repetir a cada ano a associação entre o Dia Internacional da Mulher e o incêndio na Triangle, quando na verdade Clara Zetkin o tenha proposto em 1910, *um ano antes do incêndio*. É muito provável que o sacrifício das trabalhadoras da

Triangle tenha se incorporado ao imaginário coletivo da luta das mulheres. Mas o processo de instituição de um Dia Internacional da Mulher já vinha sendo elaborado pelas socialistas americanas e europeias há algum tempo e foi ratificado com a proposta de Clara Zetkin (BLAY, 2001, p. 605, grifo do autor).

Importante trazer à tona outras mulheres que foram os arautos da transformação social da condição de subordinação ao homem e da desigualdade social e política de tantas outras mulheres, a saber: Alexandra Kollontai, líder do movimento comunista com Clara Zetkin, Emma Goldman, líder do movimento anarquista, Simone Weil, dentre outras, colaboraram com a formatação posterior do movimento que eclodiria como “feminismo”. Aproveito a ocasião, apoiando-me nos escritos de Eva Blay (2001), importante socióloga brasileira, que no interior dos movimentos sociais, os homens fizeram resistência para que não fossem colocadas na pauta de demandas as questões trazidas pelas mulheres.

Se os créditos pela proposta de institucionalização do Dia Internacional da Mulher são devidos à líder comunista alemã Clara Zetkin, os créditos pela consagração do referido dia são devidos à Organização das Nações Unidas (ONU), que se deu em 1975, tonando o 08 de março internacionalmente instituído como o Dia da Mulher.

E justo 40 anos após a institucionalização do Dia Internacional da Mulher pela ONU, não somente o Brasil, mas o cenário internacional, presenciou um 2º processo de impeachment de um presidente brasileiro, neste caso presidenta. O primeiro foi de Fernando Collor de Melo, o segundo de Dilma Rousseff. A particularidade do processo de impeachment da primeira mulher eleita por voto popular e democrático em 2011, e reeleita em 2015, para o mais alto cargo de comando público e político brasileiro, a saber, a presidência do Brasil, deve-se ao fato de ter sido acompanhado por inúmeras avaliações que diziam respeito à sua condição de “mulher”, e não de “política”. A revista “Isto é”, por exemplo, reproduziu a velha caricatura fundamentada numa tradição discursiva e social dicotomizada “machista” da mulher “histórica”. Ou seja, o velho paradigma que o “homem” é racional e a mulher “emotiva”, publicando que Dilma Rousseff, na época do andamento do processo de impeachment, teria “perdido o equilíbrio e as condições emocionais para conduzir o país”<sup>18</sup>.

Finalizado o processo de impeachment, o vice-presidente Michel Temer (PMDB) assume a liderança do país em 2016, finalizando o mandato em 2018. Oportuno registrar que o partido de Michel Temer “decolou” do governo petista, ou seja, rompeu a aliança política

---

<sup>18</sup> Fonte: <[http://istoe.com.br/450027\\_uma+presidente+fora+de+si/](http://istoe.com.br/450027_uma+presidente+fora+de+si/)>



com o Partido dos Trabalhadores (PT) antes mesmo do fim do processo que abortaria o 2º mandato da ex-presidenta Dilma Rousseff.

Norteadas pela tese que identificações identitárias de gênero que sinalizam para significações categorizadas em estereótipos produzidas numa formação discursiva e social, a saber, o falocentrismo, quando reiteradas, mesmo em contextos nos quais existe paridade de poder entre os gêneros, consiste num mecanismo de poder que tem assegurado velhas dicotomias entre mulheres e homens, conseqüentemente assimetrias na esfera pública e na esfera privada. Dessa forma, para análise de tensões, negociações e ressignificações, de sentidos de estereótipos em performances corpóreo-discursivas identitárias de gênero no contexto pós-impeachment, elegi o contexto político, especificamente a sessão solene destinada à homenagem ao Dia Internacional da Mulher realizada no Senado Federal brasileiro, ocasião que inclui a entrega do diploma Bertha Lutz,<sup>19</sup> instituído pela Resolução do Senado Federal nº 2, de 2001, cuja finalidade é agraciar pessoas que, no País, tenham oferecido contribuição relevante à defesa dos direitos da mulher e questões de gênero, bem como a sessão deliberativa realizada no dia 09 de março de 2017, também no Senado Federal, ocasião em que ocorreram desdobramentos referentes aos eventos realizados no dia anterior, que tiveram a finalidade de homenagear a data simbólica do dia 08 de março, tornando-se questão de pauta.

Portanto, os sujeitos da pesquisa são além de senadores (as) brasileiros (as), bem como alguns convidados como deputados (as) federais que interagiram na ocasião da sessão solene na data de 08 de março de 2017 em homenagem ao dia internacional da mulher, meses depois do processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff. Diga-se de passagem, tal evento histórico tem valor simbólico significativo, uma vez que, mulheres de diversos segmentos sociais travaram intensas lutas por direitos políticos, que inclui o direito ao voto e a representação feminina nas esferas públicas e políticas do Estado brasileiro. Segue abaixo o nome, primeiramente dos homenageados (as) com o diploma Bertha Lutz, seguido da identificação dos (as) senadores (as) brasileiros (as) e deputados (as) federais convidados, organizada em ordem alfabética, com suas respectivas filiações partidárias e federativas, que participaram da referida sessão solene, distribuídos por gênero:

---

<sup>19</sup> Bertha Lutz foi uma feminista que lutou ativamente pelo exercício do direito ao voto pelas mulheres no início do século XX, dentre outras demandas. Para maiores detalhes conferir seção Linguagem e feminismo, bem como a obra intitulada por *Nova história das mulheres no Brasil*, organizada por Carla P. Bassanezi e Joana M. Pedro.

**Quadro 1 — Homenageados (as) na sessão solene do dia internacional da mulher, em 08 de março de 2017**

<b>Homenageados (as)</b>
1. Isabel Cristina de Azevedo Heyvaert Embaixadora do Brasil junto à República da Sérvia – homenageada
2. Denise Santiago Santos do Rosário Major da Polícia Militar do Estado da Bahia e comandante da Operação Ronda Maria da Penha - homenageada
3. Diza Gonzaga Representante da Fundação Thiago de Moraes Gonzaga – homenageada
4. Raimunda Luzia de Brito Mestra em Serviço Social e Doutora em Ciência da Educação – homenageada
5. Tatiane Bernardi Teixeira Pinto Jornalista, romancista e cronista

Fonte: Elaborado pelo autor

**Quadro 2 — Senadoras brasileiras que participaram da sessão solene para homenagear o dia internacional da mulher, em 08 de março de 2017**

<b>Senadoras brasileiras</b>
1. Ana Amélia, PP-RS
2. Ângela Portela, PT-RR
3. Fátima Bezerra, PT-PI
4. Gleisi Hoffman, PT - PR.
5. Kátia Abreu, PMDB-TO
6. Lídice da Mata, PSB-BA
7. Lúcia Vânia, PSB-GO
8. Maria do Carmo, DEM-SE
9. Marta Suplicy, PMDB-SP

10. Regina Sousa, PT-PI
11. Rose de Freitas, PMDB-ES
12. Simone Tebet, PMDB – MS
13. Vanessa Grazziotin, PCdoB-AM

Fonte: Elaborado pelo autor

**Quadro 3 — Senadores brasileiros que participaram da sessão solene para homenagear o dia internacional da mulher, em 08 de março de 2017**

<b>Senadores brasileiros</b>
1. Antonio Carlos Valadares, PSB-PE
2. Armando Monteiro, PTB-PE
3. Eduardo Amorim, PSDB-SE
4. Eunício Oliveira, PMDB - CE
5. Fernando Bezerra Coelho, PSB-PE
6. Garibaldi Alves Filho, PMDB-RN
7. Hélio José, PMDB-DF
8. Humberto Costa, PT-PE
9. Ivo Cassol, PP-RO
10. João Capiberibe, PSB-AP
11. Jorge Viana, PT-AC
12. José Agripino, DEM-RN
13. José Medeiros, PSD-MT
14. Lasier Martins, PSD-RS
15. Lindbergh Farias, PT-RJ
16. Magno Malta, PR-ES
17. Paulo Paim, PT-RS
18. Pedro Chaves, PSC-MS
19. Raimundo Lira, PMDB-PB
20. Randolfe Rodrigues, Rede-AP
21. Renan Calheiros, PMDB-AL
22. Roberto Rocha, PSB-MA
23. Ronaldo Caiado, DEM-GO

24. Wellington Fagundes, PR-MT
--------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor

**Quadro 4 — Deputadas federais brasileiras que participaram da sessão solene para homenagear o dia internacional da mulher, em 08 de março de 2017**

<b>Deputadas Federais</b>
1. Benedita da Silva, Deputada PT-RJ
2. Jandira Feghali, Deputada PCdoB-RJ
3. Laura Carneiro, Deputada PMDB-RJ
4. Luciana Santos, Deputada PCdoB-PE
5. Professora Marcivânia, Deputada PCdoB-AP

Fonte: Elaborado pelo autor

Com base na tese informada, esta pesquisa busca responder, primeiramente a uma questão mais central, a saber, com vista ao entendimento da natureza dinâmica da linguagem em relação ao movimento do corpo, indago quais esquemas interativos de conhecimento identitários de gênero são estilizados nos eventos de fala de senadores (as) brasileiros (as), — justamente na ocasião de homenagem ao dia internacional da mulher, data simbólica bastante significativa para as mulheres —, se os mesmos sinalizam para “traços” de sentidos do falocentrismo e/ou para uma plataforma feminista ou, ainda, para uma confluência de ambos? A partir desta questão central, delinheio as seguintes questões específicas:

- a) As pistas de contextualização suscitam tensas reciclagens, reenquadramentos e retransposições de esquemas de conhecimento estereotípicos de gênero estilizados *no e pelo* discurso de senadores (as) brasileiros (as)?
- b) As tensões entre esquemas de significações estereotípicas de gênero provocam mudanças de *footing* marcadamente tensas?
- c) Que discursos históricos são entextualizados nas trajetórias de eventos de fala dos sujeitos?
- d) Os efeitos das tensões suscitadas por divergências entre esquemas interativos de conhecimento identitários de gênero dos parlamentares retroagem sob a forma de (re)negociações, e desencadeiam ressignificações de sentidos clássicos de estereótipos de gênero?

A partir de tais questões, busco identificar as “pistas de contextualização” que sinalizam para sentidos linguístico-discursivos de estereótipos de gênero, para compreender os tipos de “esquemas interativos de conhecimento” que constituem a subjetividade dos sujeitos sobre a condição cultural e social do “ser” mulher e do “ser” homem, e como ocorre o “(re)enquadramento” de “reciclagens” de significações categorizadas em estereótipos de gênero na interação de social, se as mudanças de *footing* e “retransposições” tem relação com mudanças de “enquadres interativos” na “trajetória de socialização” dos parlamentares.

### 8.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para análise de estilizações de gênero com foco sobre sentidos categorizados em estereótipos de gênero, a primeira etapa consiste na coleta, seleção, transcrição e codificação de dados, e a segunda etapa na análise e discussão dos dados.

#### 8.3.1 Coleta e seleção de dados

Os dados coletados foram extraídos do site [www12.senado.leg.br](http://www12.senado.leg.br) a partir do tópico “atividades parlamentares” seguido do tópico “plenário: pronunciamentos: senado multimídia”, e consistem em 02 (duas) notas taquigráficas disponíveis para download, contendo o nome, a legenda partidária e a unidade federativa representada pelos (as) senadores (as), acompanhadas do registro do horário no qual ocorreram cada pronunciamento. Na referida fonte não temos acesso somente, e a possibilidade de download, ao pronunciamento dos parlamentares no formato de “notas taquigráficas”, as quais concernem nas transcrições da fala dos parlamentares, mas também no formato de “áudio” e “vídeo”, o primeiro consiste na gravação da fala o segundo na gravação de imagens e falas dos parlamentares na situação social específica. Para análise, apoio-me tanto nas notas quanto nos vídeos. A propósito dos vídeos, realizei o download por parlamentar, já que estão disponíveis dessa forma e também por horários. No entanto, no primeiro contato com o material, preferi o acesso das notas taquigráficas de todos os (as) senadores (as) na íntegra, nas quais os pronunciamentos estão organizados na sequência exata em que ocorreram e identificados pelo horário. Quanto aos vídeos, realizei o download dos mesmos, com base no critério que fossem selecionados estilizações de gênero indicativas de estabelecimentos, tensões e negociações de atributos clássicos de gênero, ou que tivessem relação com os eventos históricos discriminados logo mais, ainda nesta mesma subseção.

Especificamente, as 02 (duas) notas taquigráficas dizem respeito uma 1) 2ª sessão solene que homenageia o dia internacional da mulher com a entrega do diploma Bertha Lutz em sua 16ª edição, da 3ª sessão legislativa ordinária, da 55ª legislatura, realizada no dia 08 de março de 2017, quarta-feira, às 11 horas da manhã, outra<sup>20</sup> 2) 20ª sessão deliberativa extraordinária, da 3ª sessão legislativa ordinária, da 55ª legislatura, realizada no dia 09 de março de 2017, quinta-feira, às 11 horas da manhã<sup>21</sup>. A escolha das notas taquigráficas referente ao ano legislativo de 2017 ocorreu orientada por 02 (dois) acontecimentos históricos, a saber: o primeiro diz respeito ao contexto pós-impeachment e o segundo ao pronunciamento do presidente Michel Temer, — na época do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff era vice-presidente —, também realizado no dia 08 de março de 2017, a propósito do dia internacional da mulher, em Brasília-DF. Acontece que o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016, e o pronunciamento do então presidente Michel Temer, motivaram discussões entre os (as) senadores (as) brasileiros (as) a respeito de atributos clássicos de gênero reiterados na fala de alguns parlamentares.

A propósito dos vídeos, ao serem baixados, — para o meu computador, e organizados numa “pasta” específica intitulada por “*Corpus*” no interior da qual distribuí os vídeos em 02 (duas) subpastas nomeadas com o título da sessão “solene” e “deliberativa”, seguida da data em que ocorreram —, já estavam identificados pela própria fonte de pesquisa com o nome do parlamentar. Saliento ainda que o material coletado e as formas disponibilizadas do mesmo, a saber, notas taquigráficas, áudios e vídeos são realizados pela Secretaria de Registro e Redação Parlamentar. Contudo, tudo indica que, os pronunciamentos podem ser submetidos para revisão pelos próprios parlamentares, que escolhem fazê-la ou não.

### 8.3.2 Procedimentos de transcrição

O processo de transcrição tanto do material linguístico-discursivo quanto somático ocorrem com base nas convenções de transcrições adaptadas de Rose (2008) e por Fabrício (2014) de Atkinson e Heritage da obra intitulada por *Structures of social action: studies in conversation analysis*.

---

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/s/23005#quarto119>

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/s/4043>

### 8.3.2.1 Transcrição da dimensão linguístico-discursiva e somática

O Senado Federal disponibiliza notas taquigráficas que consistem nas transcrições dos pronunciamentos dos parlamentares, as quais são identificadas pelo nome, legenda partidária e unidade federativa do parlamentar, bem como pelo horário em que ocorreram. Para análise, acrescentei uma numeração nas linhas para ajudar na identificação quando for preciso consultar na íntegra o *corpus* coletado, disponibilizados nos anexos deste trabalho.

Especificamente, para análise das dimensões linguístico-discursiva e somática, apoio-me na proposta de transcrição de Rose (2008, p. 348), segundo a qual “a finalidade da transcrição é gerar um conjunto de dados que se preste a uma análise cuidadosa e a codificação. Ela translada e simplifica a imagem complexa da tela”. A propósito da complexidade dos meios audiovisuais, a autora argumenta que seja imprescindível não perder de vista tal aspecto quando nos propomos analisar tanto o conteúdo quanto a estrutura dos mesmos, uma vez que, “os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais” (ROSE, 2008, p. 343). O processo de transladação não consiste num movimento linear que origina, nas palavras da mesma, “simples cópias”, pois no mesmo estão implicadas decisões e escolhas, diga-se de passagem, embora teoricamente e conceitualmente orientadas, são contingenciais, conseqüentemente, o referido processo produz de modo interativo um novo resultado. Ainda a respeito da simplificação, marcada, claro, por decisões e escolhas, consiste “num conjunto de extratos ilustrativos” (ROSE, 2008, p. 345). Portanto, com base neste entendimento, procedi escolhendo excertos que sinalizassem para descrições identitárias de gênero em termos essencialistas, “machistas”. As escolhas feitas devem estar orientadas eticamente, ou seja, não podemos perder de vista as conseqüências que exclusões na simplificação dos dados para dar forma ao *corpus* poderão suscitar.

Portanto, orientada pelo interesse de questionar e ressignificar relações assimétricas de gênero, uma vez que, as mulheres foram, por muito tempo, alijadas das arenas decisórias de poder político, os discursos analisados serão tanto de senadores, para promover visibilidade a existência de “traços” de sentidos que sinalizam para a reiteração de regimes discursivos de poder “machista” dirigidos mesmo às mulheres empoderadas politicamente, quanto de senadoras, para identificar se as mesmas estão situadas em plataformas feministas. Não se trata de conceber “machismo” e “feminismo” dicotomicamente, mas compreender como os efeitos de esquemas interativos de conhecimento retroagem uns sobre os outros, e quais outros efeitos são provocados. Assim,

para transcrição e análise do aspecto verbal em sua relação com aspecto somático, apoio-me no seguinte recurso metodológico:

### Quadro 5 — Transcrições de conteúdo

Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática <sup>22</sup>

Fonte: Adaptada de Rose (2008).

Interessante na proposta de transcrição é que junto existe a necessidade de um referencial de codificação dos dados. Para o delineamento de tal referencial, o pesquisador precisa de fontes teóricas, bem como realizar uma leitura preliminar dos dados (ROSE, 2008). Para tanto, apoio-me nas convenções de transcrição adaptadas por Fabrício (2014) de Atkinson e Heritage da obra intitulada por *Structures of social action: studies in conversation analysis*.

### Quadro 6 — Convenções de transcrição (codificação)

(( ))	Comentários do analista
[	Conversa simultânea/ sobreposta
<b><u>sublinhado</u></b>	Ênfase
<b>CAIXA ALTA</b>	Voz alta
=	Engatamento, indicando falta de interrupção no fluxo da conversa
<b>(0,3)</b>	Pausa (em segundos)
(.)	Micropausa
´	Entonação contínua
.	Entonação descendente
?	Entonação ascendente

<sup>22</sup> Rose (2008) define a primeira dimensão como “visual” e a segunda como “verbal”. Escolhi substituir os termos tendo em vista o referencial teórico-conceitual adotado nesta pesquisa como, por exemplo, a teoria performativa de gênero a qual coloca no centro de seus questionamentos a questão de como o corpo tem sido concebido, ou seja, marginalizado e excluído pelo discurso de toda uma tradição filosófica e científica clássica ocidental. Penso que o termo “somático” seja mais complexo que o termo “visual”, pois tem em vista a dinâmica dos atos corporais. Junto a isso, adotei o formato “pontilhado” para a linha divisória das dimensões, porque concebo, também com base na epistemologia da complexidade, tais dimensões como “partes”, não fechadas sobre si mesmo, de um “todo”.



>texto<	Texto falado rapidamente
<texto>	Texto falado devagar
:	Som estendido
°texto°	Segmento em tom mais baixo do que a conversa ao redor
-	Interrupções abruptas
@ @ @	Riso
...	Hesitação

Fonte: Adaptada por Fabrício (2014) de Atkinson e Heritage da obra intitulada por *Structures of social action: studies in conversation analysis*.

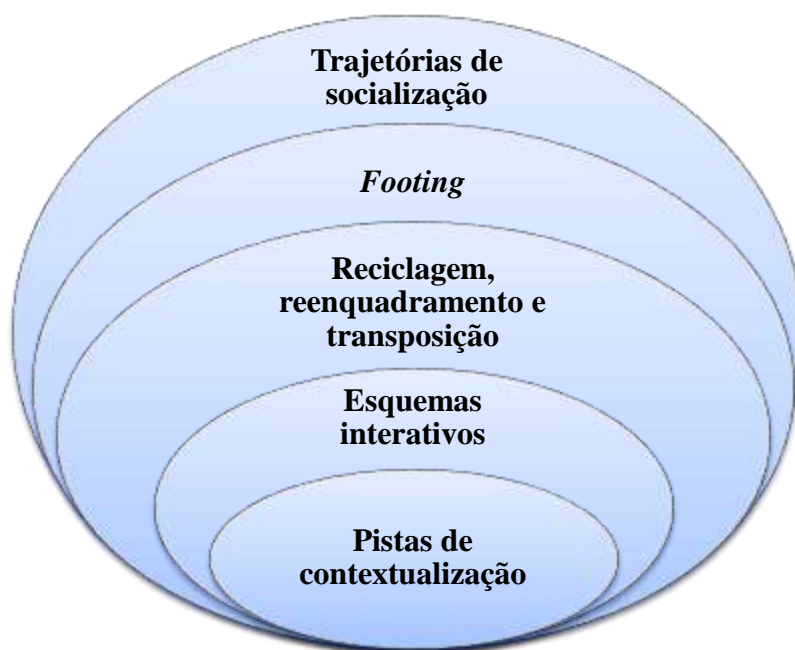
### 8.3.3 Procedimentos para análise e discussão dos dados

Para análise do fenômeno do estereótipo nas estilizações de gênero no discurso de senadores (as) brasileiros (as), fio-me em categorias tomadas de empréstimo tanto da área de estudos da Sociolinguística Interacional quanto da Antropologia Linguística.

#### 8.3.3.1 Instrumental analítico

Tendo em vista a natureza ambivalente de categorias como o estereótipo (re) produzidos *nas* e *pelos* performances corpóreo-discursivas de gênero dos parlamentares que compõem o Senado Federal brasileiro, fio-me em categorias que possibilitam a investigação tanto da estabilidade quanto da mobilidade, dos fluxos, das dinâmicas de significações que sinalizam para atributos históricos de gênero, a saber: “trajetórias de socialização” (WORTHAM, 2005), “*footing*” (GOFFMAN, 2013), “enquadres” interativos e “esquemas de conhecimento” (TANNEN; WALLAT, 2013), “reciclagem” (*recycling*), “reenquadramento” (*reframing*) e “retransposições” (*keying*) (TANNEN, 2006), bem como “pistas de contextualização” (GUMPERZ, 2013).

**Figura 6 — Categorias analíticas**



Fonte: Elaborado pelo autor

#### 8.3.3.2 Articulação do instrumental teórico-analítico

Num primeiro momento, inicio a análise buscando identificar “pistas de contextualização” que possam sinalizar para sentidos linguístico-discursivos históricos categorizados em estereótipos de gênero.

Num segundo momento, identificado estes aspectos linguístico-discursivos, procedo com a discussão, com base em tais “pistas”, busco compreender quais “esquemas de conhecimento” a respeito da condição do “ser mulher” e do “ser homem” caracterizam a subjetividade dos sujeitos; se as alterações nas performances corpóreo-discursivas dos parlamentares, mudanças na postura, gestuais, tom de voz, ou seja, de “*footing*” e “retransposições”, têm relação com mudanças de “enquadres interativos”, ou melhor, reenquadramento de força ilocucionária, bem como se estão relacionadas à retomada de tópicos a respeito de padrões de conhecimento de gênero citados na mesma ocasião, ou numa outra ocasião recente ao contexto de situacional, ou melhor, à “reciclagens”, para compreender se a trajetória de socialização dos eventos de fala dos sujeitos são marcadas pela reflexividade a propósito de “traços” de sentidos de estereótipos de gênero que transitam no fluxo da interação social.

Para tanto, a análise é dividida em 03 (três) planos de análise: 1) performances corpóreo-discursivas de estereótipos de gênero tradicionais ; 2) performances corpóreo-discursivas de estereótipos de gênero ambivalentes; 3) performances corpóreo-discursivas de estereótipos de gênero deslocadas e ressignificadas . Como resultado, almejo identificar os regimes de inteligibilidade de gênero que predominam entre os (as) senadores (as) brasileiros (as) em sua relação com o significado simbólico e histórico de 08 de março consagrado como o Dia Internacional da Mulher, com vista a Outros regimes de inteligibilidade de gênero frente à clássica tradição dicotômica idealista ocidental.

Como resultado, busco identificar os regimes de inteligibilidade de gênero que constituem a interação social, se apontam para uma plataforma feminista ou uma falocrática se a interação entre tais inteligibilidades ocorre de modo complementar, concorrente e/ou antagônico.

## **9 ANÁLISE DAS PERFORMANCES CORPÓREO-DISCURSIVAS DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO DE SENADORES (AS) BRASILEIROS (AS)**

Nesta seção, procedo com a análise das performances corpóreo-discursivas dos (as) senadores (as) brasileiros (as), com foco sobre “traços” estereotípicos de gênero no fluxo de encadeamento dos eventos de fala, na ocasião de homenagem ao dia internacional da mulher, promovido pelo Congresso Nacional, especificamente pela câmara do Senado Federal brasileiro.

Para tanto, traço 03 (três) planos de análise, a saber, no primeiro plano estão concentradas as performances corpóreo-discursivas de estereótipos tradicionais de gênero, no segundo plano estão situadas as performances que embora estilizam significações de estereótipos clássicos de gênero, sinalizando para o movimento da ambivalência, ou seja, num mesmo lance são reiterados e deslocados tais sentidos históricos, e no terceiro plano estão localizadas aquelas performances identitárias de gênero subversivas e ressignificadas em relação aos “traços” de sentidos produzidos no interior de uma matriz cultural heteronormativa de gênero e de uma ordem social falocêntrica ou, ainda, nos termos de Butler, de uma formação discursiva de poder. Como resultado, busco identificar os regimes de inteligibilidade de gênero que constituem a interação social, se apontam para uma plataforma feminista ou uma falocrática se a interação entre tais inteligibilidades ocorre de modo complementar, concorrente e/ou antagônico.

### **9.1 PRIMEIRO PLANO DE ANÁLISE: PERFORMANCES CORPÓREO-DISCURSIVAS DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO TRADICIONAIS**

Neste primeiro plano de análise busco investigar a reprodução de performances corpóreo-discursivas de estereótipos de gênero que apontem para “traços” de sentidos clássicos que reiteram velhas dicotomias ocidentais naturalizadas que trasbordam de seus contextos históricos de *práxis* humana nas quais foram inscritas, e que ainda sustentam assimetrias entre os gêneros.


### 9.1.1 “Presidenta ou Presidente”

**Excerto 1- Pronunciamento do Senador, Presidente do Senado Federal, EUNÍCIO OLIVEIRA, PMDB – CE, em 08 de março de 2017.**

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
11h40	<p>02. = &lt; Declaro aberta a sessão solene do Congresso Nacional destinada a comemorar o Dia Internacional da Mulher e entregar o Diploma Bertha Lutz em sua 16ª edição &gt; =.</p> <p>07. = &lt; Eu gostaria de registrar também aqui, neste plenário, a presença da ex-Senadora Emília Fernandes, autora do projeto de resolução que instituiu o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz (0,3). Seja bem-vinda, Senadora. <i>(Palmas.)</i></p> <p>08. &lt; Eu convido, para compor a Mesa com esta Presidência, a Senadora Simone Tebet, <i>Presidenta ou Presidente @</i> do Conselho Bertha Lutz &gt; =.</p>	
12h	<p>41. &lt;Ao saudar as ganhadoras do Diploma Bertha Lutz, cujo talento e dedicação <u>enchem este País de orgulho</u>, quero homenagear <u>todas as mulheres brasileiras, guerreiras célebres ou anônimas</u> na luta cotidiana pela vida &gt; =.</p> <p>45. = &lt; Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup> e Srs. Deputados, homenageados e autoridades aqui presentes, <i>há, no olhar feminino, uma reserva de ternura, segurança e humanismo</i> (.) que faz a diferença quando se sonha em construir um País melhor e um País mais justo &gt; =.</p>	

(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
12h	<p>46. = &lt; Por isso, quero também cumprimentar a ela, a <i>Mônica, minha mulher @</i>, e agradecê-la (.), não somente (.) por sua presença nesta solenidade, mas em todos dias, em todos os momentos importantes da minha vida. <i>A nossa convivência sedimentou em mim exatamente esses princípios humanísticos, igualitários e de segurança que só recebemos no seio de nossas famílias de origem e que me fazem, a cada dia, cada vez mais <u>convicto</u> do quão importante é o papel feminino nas nossas vidas</i> &gt;=.</p>	


No excerto acima, podemos observar, no 8º parágrafo, uma entextualização do termo “presidenta” em conflito com a palavra “presidente” na trajetória de socialização do senador Eunício Oliveira. Os efeitos de tal conflito retroagiram e provocaram um realinhamento na postura do mesmo, de centrada/ séria para mais descontraída, seguida de risos. Argumento que o evento de fala “entextualização” sinaliza para a força da historicidade de “traços” sentidos inscritos em outros contextos de *práxis* humana para além da presença de quem os inscreveu, neste caso a ex-presidenta Dilma Rousseff. Mesmo o presidente do Senado Federal brasileiro apoiando o movimento realizado pelas senadoras, e por alguns senadores, e convidados (as), que inclui algumas deputadas federais, na ocasião da sessão solene do dia internacional da mulher, — marcadamente tenso por conta do anúncio da proposta de reforma trabalhista e previdenciária nas quais as mulheres serão as mais prejudicadas, do processo de impeachment da primeira mulher eleita por voto popular e democrático à Presidência do Estado-Nação brasileiro, bem como por uma nova “onda” feminista manifestada no referido dia em vários lugares no mundo —, no 41º parágrafo tenhamos a seguinte pista de contextualização, a saber, “*guerreira*” sinalizando um deslocamento de estereótipos clássicos de gênero, no 45º parágrafo podemos observar um esquema de conhecimento interativo ambivalente, tendo em vista que a pista de contextualização “*ternura*”, evidencia uma concepção de mulher nos termos, como diria Bourdieu, de uma “ordem social” falocrática, na qual, enquanto a característica de ser

“aguerrido” perfaz identificações masculinas, “ternura” perfaz identificações femininas. Ou, nos termos de Butler, compreendo que as concepções de “ser” mulher, mesmo na condição de “política”, transitam entre identificações de estereótipos de gênero essencialistas, dicotômicos, sem historicidade, e identificações ressignificadas.


**9.1.2 “Eu vi hoje aqui algumas pessoas que nem são desta Casa virem aqui com essa gritaria, fazer apitação”.**

**Excerto 2- Pronunciamento do Senador JOSÉ MEDEIROS, Bloco/PSD – MT, em 08 de março de 2017.**

(continua)


Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h28	<p>1092. Quero, de início, já cumprir meu objetivo aqui, que é parabenizar e homenagear a todas as mulheres &gt; =</p> <p>1093. = &lt; Mas queria lamentar, Sr<sup>a</sup> Presidente, que hoje, o Dia Internacional da Mulher, o dia que era para serem feitas aqui homenagens às mulheres (.), com raras exceções (.), foi usado para fazer ataques. <i>O Dia Internacional da Mulher foi usado simplesmente como biombo .</i></p> <p>&gt; =</p> <p>1095. = &lt; <u>Ora</u> ? , ouvi hoje o dia inteiro aqui pessoas dizendo: "AS MULHERES TÊM, INCLUSIVE, DE RECEBER SALÁRIO A MAIS, porque elas trabalham fora e trabalham em casa!" E eu quero que um venha me dizer aqui em qual casa neste Brasil que as mulheres não administram tudo (.) . Cuidam dos filhos, sim ? (.) , preocupam-se até com os adolescentes maiores, com os jovens. Aliás, qual mãe não se preocupa? &gt; Quantas mães que não ficam, Senadora Lúcia Vânia,</p>	

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h28	<p>acordadas até que o último filho chegue em casa &lt; . , que a galera hoje vai para a balada, e a mãe fica ali preocupada? <i>É próprio da mãe</i> &lt; =</p> <p>1096. = &gt; <i>E o discurso do Presidente era nessa linha de que (.), se o lar está bem estruturado, deve-se muito às mulheres. E é uma verdade</i> &lt; =</p> <p>1097. = &lt; Mas (.) tiraram a frase do contexto e disseram que ele falou que a mulher ... serve para fazer a compra no supermercado. Não foi verdade. Eu estava lá e ele fez tudo dentro de um contexto&gt; =. Citou todas as qualidades das mulheres e falou: "E tem mais...", no sentido de que quem mais entende de economia neste País hoje não são os economistas (.); quem mais tem o <i>feeling</i> (.) de tudo que está acontecendo são as mulheres. <u>É mentira?</u> ?Não é mentira ? &lt; =</p> <p>1098. = &lt; Lembro-me do Dilson Funaro, quando lançou um dos planos ... econômicos, ele dizia o seguinte: "Nós temos que pegar a economia ... da dona de casa, nós temos que ter as nossas donas de casa fiscalizando." Por quê? = &gt; <i>Não vamos fugir à realidade</i> &lt;, <i>tomara que mude, que a gente veja os homens fazendo compra, mas não vejo ninguém, homem nenhum fazendo compra, não. Quem faz é a mulher, sim, quem fica fazendo as compras são as mulheres. Espero que mude</i> . &lt; =</p>	



(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h28	1099. = > <i>Lá em casa é diferente, porque há uma japonesa muito brava, e ela me arrasta e faz eu ir fazer junto. A minha utilidade lá é pagar e carregar as compras @@@ &lt; =</i>	
18h32	<p>1105. = &gt; <i>O que eu sinto é que quiseram passar que a Presidente caiu, porque era mulher. Não é verdade ?. Não é verdade ?. Aliás, a Presidente, durante muito tempo (.), foi tida como a gerentona, uma mulher competente &gt; =</i></p> <p>1106. = &gt; <i>Eu vi hoje aqui algumas pessoas que nem são desta Casa virem aqui com essa gritaria, fazer apitação, dizer que foi misoginia, que foi isso e que foi aquilo. NÃO FOI. "Ah! A Presidente honesta caiu, porque era mulher e sem ter cometido nenhum crime." Não é verdade ?. O crime da Presidente foi um crime administrativo, foi uma falha administrativa, um ato infracional gravíssimo ? &lt; =</i></p>	

Incluo no segundo plano de análise a trajetória de socialização do senador José Medeiros, porque o mesmo estilizou uma performance contestatória, não em defesa das mulheres, mas em defesa do pronunciamento do ex-presidente Michel Temer, o qual foi alvo de inúmeros questionamentos por seu caráter marcadamente machista. Mais que isso, a defesa ora promovida foi em favor do regime de poder falocrático.

Portanto, no excerto acima, muitas são as pistas de contextualização que sinalizam para o contraste de seu discurso em relação à maioria dos que foram pronunciados não somente por mulheres, mas também por homens em favor das lutas femininas/feministas, como, por exemplo, “*cuidam dos filhos*”, “*é próprio da mãe*”, “*lar bem estruturado*”, “*donas de casa*”, “*gritaria*”, “*não vejo homem nenhum fazendo compra não*”, dentre outras. Tais pistas apontam para um esquema interativo de conhecimento produzido nos termos de uma formação de poder falocêntrica, na qual o mesmo foi inaugurado como sujeito. O parlamentar recicla as palavras do então presidente da época no contexto da solenidade em homenagem ao

dia internacional da mulher, solenidade esta marcada por intensas tensões sociais, econômicas, políticas, ideológicas, enfim, históricas, tendo em vista uma reforma trabalhista e previdenciária, algo que foi reiterado inúmeras vezes por diversos parlamentares, que prejudica diretamente, e muito, as mulheres, que, em pleno século XXI, ainda são responsabilizadas pelos cuidados do lar, dos filhos, da família, da administração orçamentária doméstica, dentre outras imposições, desdobrando-se para conciliar a rotina profissional com a rotina da vida privada. Tal reciclagem é reenquadrada com força ilocucionária de defesa, cujos efeitos poderiam ter retroagido dando forma a uma reação mais violenta por parte de seus interlocutores como, por exemplo, um bate-boca. A reciclagem realizada no contexto social específico foi contraditória, desencadeando uma ruptura no curso da série de eventos de fala que foram pronunciados em defesa da luta e das reivindicações que estavam sendo travadas naquele momento. As pistas de contextualização “*gritaria*” e “*apitação*” foram enquadradas pelo parlamentar de modo pejorativo, ao contrário do modo como foi enquadrada a palavra “*gritando*” pelas senadoras Gleisi Hoffman e Vanessa Grazziotin como um gesto político, uma forma de agir politicamente contra a cultura machista, sexista e misógina, contra a cultura do estupro, contra os efeitos do neoliberalismo<sup>23</sup>, sistema econômica e ideológico marcadamente falocrático o qual se impõe violentamente sobre os mais pobres, ainda mais sobre as mulheres, e as mulheres pobres.

Interessante observar outra contradição na trajetória de eventos de fala do senador José Medeiros entre as seguintes pistas contextuais “*não vejo nenhum home fazendo compra não*”, “*lá em casa é diferente, porque há uma japonesa muito brava, e ela me arrasta e faz eu ir fazer junto*” e continua “*a minha utilidade lá [supermercado] é pagar e carregar as compras*” com a pista “*Espero que mude*”. Tais pistas estão identificadas nos parágrafos 1098 e 1099. Ora, o parlamentar enquadra as 03 (três) primeiras pistas com força ilocucionária polêmica e a última pista com uma entonação marcadamente descendente, ou seja, sua estilização favorece estereótipos categorizados de modo essencialista, dicotômico. Ainda a propósito da pista contextual “*espero que mude*”, o modo como foi enquadrada, sinaliza para uma trajetória de socialização não reflexiva, uma vez que, ele se assume como “provedor” de sua família, algo que caracteriza a cultura “patriarcal”, quando afirma que a sua serventia é “pagar” as compras no supermercado, indicando ser alheio a uma tarefa “doméstica”. Outra pista que evidencia “traços” de sentidos reiterados e categorizados em estereótipos clássicos de gênero é “*brava*” semelhante a “*zangada*”. Nos termos de uma

---

<sup>23</sup> Outra forma de denominar “Capitalismo”, nas atuais sociedades contemporâneas.

“matriz cultural” ou de uma “estrutura social” falocêntrica (BUTLER, 2010), Tais predicados perfazem atributos de “feminilidade”, enquanto “*cabeça quente*” perfazem os de “masculinidade”.


A propósito do *footing* do senador Medeiros, a estilização de sua performance foi marcadamente acelerada, instigadora, ou seja, o modo como o discurso do ex-presidente Michel Temer foi entextualizado sinalizou uma trajetória de fala e o movimento de um corpo tensos. Compreendo que o pronunciamento do parlamentar ora analisado consistiu numa violência “simbólica” às mulheres que lá estavam ou estiveram e foram agraciadas pelo diploma Bertha Lutz, pela relevância de seus trabalhos, de sua atuação profissional, intelectual, política, bem como à historicidade das lutas e reivindicações das mulheres contra a exclusão que o Estado Moderno promoveu as mesmas, à memória do feminismo e da feminista cujo nome leva o prêmio. A respeito da ex-presidenta Dilma Rousseff, pode-se observar, ainda, outra reciclagem de significações que foram constantemente reproduzidas, principalmente, pela imprensa nacional, a saber, “*gerentona*”. Na época em que estive no comando do país, especificamente em seu primeiro mandato em 2011, para a imprensa nacional, o perfil identitário de Dilma Rousseff era típico do mundo empresarial, a “executiva”, pois performativizava “traços” de sentidos de atributos considerados “masculinos” como capacidade de “comando”, fala “firme”. Tal fato mostra o quanto o universo profissional pressupõe uma cultura machista, sexista, falocrática, pois na época do processo de *impeachment*, essa mesma imprensa procurou mostrar uma mulher emocionalmente desequilibrada, portanto sem condições para continuar no comando do país. Mulheres são “emotivas”, homens são “racionais” para certa ordem social masculina.

Por fim, o senador José Medeiros reforça o seu argumento em defesa do então ex-presidente Temer no momento em que entextualiza o discurso de Dilson Funaro que pode ser confirmado no parágrafo 1098, na pista de contextualização “*nós temos que pegar a economia das donas de casa*”. Ou seja, a responsabilidade pelo gerenciamento da casa destinado às mulheres é concebida como algo “natural”. O fato é que nada tem de “natural”, mas de algo que foi e ainda é “naturalizado” por discursos que não são submetidos à reflexividade.



**9.1.3 “Sr. Presidente... Sr<sup>a</sup> Presidenta, não, Presidente mesmo. Negócio de Presidenta, esse trem acabou”**

**Excerto 3- Pronunciamento do Senador MAGNO MALTA, Bloco/PR – ES, em 08 de março de 2017.**

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h52	<p>1158. &lt; <i>Sr. Presidente... Sr<sup>a</sup> Presidenta, não, Presidente mesmo. Negócio de Presidenta, esse trem acabou, só o Lindbergh que estava lembrando aqui agora.</i></p> <p>&gt; =</p> <p>1159. = &lt; <i>Sr<sup>a</sup> Presidente, ficou bem nessa cadeira, no Dia Internacional da Mulher, Senadora Marta Suplicy.</i></p> <p>1160. <i>Srs. Senadores, Deputado Eros, aqueles que nos veem nas redes sociais, nos ouvem na Rádio Senado, na TV Senado (.), é <u>uma sessão solene</u> (.) de homenagem às mulheres, dia 8 (.), Dia Internacional da Mulher (.). <i>Eu jamais cometeria o erro (.) de politizar este momento.</i>&gt; =</i></p> <p>1161. = &lt; <i>Eu quero usar este momento para falar de minha mãe (.), D. Dadá (.), para falar das mulheres deste País, <u>das dadás</u> do Brasil (.), das guerreiras (.), das anônimas.</i></p> <p>&gt; =</p> <p>1164. = &lt; <i>[...]porque a dádiva de uma mulher <u>é o útero</u>. Hoje é o Dia Internacional da Mulher, por que nós vamos politizar? Evocar a memória de lixos passados (.) para justificar posição política? (.) <i>Eu quero falar hoje é de quem dá à luz.</i>&gt;</i></p> <p>=</p>	

(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h56	<p>1165. = &lt; <i>O útero foi a grande diferença quando Deus criou o homem e a mulher (.). Essas mulheres que (.) geraram (.), deram à luz (.) e investiram a sua vida na criação dos seus filhos (.), mesmo iletradas (.) ou letradas – quando eu falo iletradas, eu estou homenageando as milhares de dadás deste Brasil sem letra. &gt; =</i></p> <p>1166. = &lt; <i>Eu quero homenagear essas que ensinaram os seus filhos a amar a Deus (.); que ensinaram os filhos a cantar o Hino Nacional (.); a dar a bênção às pessoas, aos mais velhos (.); que ensinaram aos filhos que o vício faz mal (.). É para essas que eu quero falar.&gt; =</i></p> <p>1169. <i>A referência de uma criança começa no útero (.), em primeiro plano; no segundo plano, no peito (.), quando se é amamentado, essa ligação <u>no seio da mãe (.); em seguida, com a disciplina . &gt; =</u></i></p>	
19h00	<p>1180. = &lt; Neste Dia Internacional da Mulher (.)... Eu sei que você conhece mulheres famosas, grandes mulheres, e os programas de televisão estão aí mostrando, chamando-as de heroínas. <i>Há uma menina que agora largou o marido ... e casou com outra mulher e virou heroína da <u>Nação; da Nação, da Nação!</u> Mamãe, me acode!</i> Tudo que eu preciso ver daqui para a frente é chover para cima, porque o resto eu já vi. &gt; =</p> <p>1181. = &lt; Mas hoje é dia, meu amigo... &gt; =</p> <p>1183. = &lt; ... de você lembrar da sua mãe. &gt; =</p>	

A performance do senador Magno Malta provoca uma ruptura na série de eventos de fala no contexto da sessão solene destinada a homenagear o dia internacional da mulher no momento em que diz no 1158º parágrafo “*Eu jamais cometeria o erro de politizar este momento*”. Ora, a própria ocasião agracia aqueles (as) com um diploma que leva o nome de uma mulher, Bertha Lutz, que buscou politizar muitas questões problemáticas invisíveis para a sociedade e o Estado que diziam respeito às mulheres.

A trajetória de socialização do senador é uma excrescência na série de eventos de fala dos (as) senadores (as) que o antecederam, pois, diferentemente das estilizações anteriores que (re)enquadraram as suas falas que foram de elogios às mulheres que, com muita dificuldade, conseguem brilhar na sociedade por sua atuação profissional, formação intelectual e engajamento político, à reivindicações contra o machismo e o avanço de retrocessos que comprometem direitos adquiridos pelas mulheres através de muitas lutas, o senador Malta reenquadra sua fala para homenagear a mulher, exclusivamente, na condição de “mãe”, “genitora”. A série de eventos que dão forma à trajetória de socialização do senador Magno Malta sinaliza para um esquema interativo de conhecimento nos termos de uma ordem social falocrática pelas pistas de contextualização tais como “útero”, “filhos”, “amamentando”, bem como pela ausência de pistas que evidenciem as conquistas e lutas empreendidas pelas mulheres em busca de direitos iguais aos dos homens na política, na vida profissional, ou seja, nas esferas públicas, principalmente naquelas decisórias, como assembleias legislativas, câmaras municipais e no congresso nacional. Com exceção de alguns pronunciamentos que também evidenciaram o aspecto da “maternidade”, deslocando em alguns momentos os eventos de fala que na sua maioria foram (re)enquadrados como protesto em relação ao *status quo* predominantemente machista na sociedade brasileira em pleno século XXI, os efeitos da trajetória de socialização do senador Malta romperam com a série de eventos contestatórios, ou seja, os efeitos produzidos pela iterabilidade de “traços” de sentidos históricos clássicos de gênero retroagiram sob a forma de um discurso machista que só reconhece na mulher a sua vocação para a maternidade.



Interessante observar que enquanto os efeitos de sua fala, — não que a maternidade não seja algo honroso, algo que devemos relegar a um segundo plano, pelo contrário—, empreendiam certa violência simbólica ao contexto de situação em questão, deslocando os significados que foram sendo tecidos pela fala de todas as mulheres e homens que subiram na tribuna do Senado Federal para questionar a sociedade machista, sexista e misógina, principalmente objetivada, por exemplo, no próprio governo da época que, inicialmente, montou a sua equipe de governo marcadamente pela figura masculina, ao

contrário do que fez a ex-presidenta Dilma Rousseff, que destinou o comando de muitos ministérios do governo às mulheres, a sua postura manteve-se, quase por toda a trajetória de sua fala, tranquila, marcada por um tom de voz pausado.


#### 9.1.4 “porque a mulher tem o coração mais flexível”.

**Excerto 4- Pronunciamento do Senador IVO CASSOL, Bloco/PP – RO, em 08 de março de 2017.**

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
19h52	<p>1307. = &lt; Então, o que precisamos, nesse projeto de lei, é <u>consolidar ?</u> (.), desde as câmaras municipais (.), desde as prefeituras (.), pois &gt; só há uma vaga, não há como escolher se é homem ou mulher, quem escolhe é a sociedade &lt; (.), mas nós precisamos é que <u>mais mulheres participem</u> (.), <u>que mais mulheres venham ao encontro</u> no atendimento, na <u>aclamação da população ?</u>, <i>porque a mulher tem o coração mais flexível</i> (.), <i>a mulher tem o coração, não é que seja mais doce, mas o seu coração, por ser <u>mãe</u>, por ser <u>avó</u>, por ser <u>tudo</u> ?</i>, <i>ela compreende muito mais quando nós, homens, muitas vezes somos muito rápidos e muitos práticos.</i>&gt;=</p>	
19h56	<p>1308. = &lt; Portanto, é fundamental, Senadora Marta, nós começarmos, aqui pelo Senado, a fazer campanhas (.), a fazer algum caminho em que as mulheres participem mais. Porque a política ... , a administração de uma empresa, &gt; a administração de um Município, no Legislativo ou no Judiciário ou no Ministério Público &lt;, não têm que ser pautadas somente por ... maioria de homens. Não! Que ocupem mais espaços! &gt; =</p>	

(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
19h56	1309. E por que ocupem mais espaços? <i>Porque a quantidade e a qualidade da capacidade das mulheres são idênticas às dos homens. Nós somos seres humanos? (.), e cada um com as suas potencialidades.&gt; =</i>	

No excerto acima, podemos observar na trajetória de fala do senador Ivo Cassol certa ambivalência de significações identitárias de gênero, pois enquanto o mesmo sinaliza para o problema da pouca presença de mulheres nos espaços decisórios de poder político, e reenquadra a identificação de tal problema propondo mecanismos e estratégias que possam reverter o quadro atual, — a posição do Brasil no ranking mundial como um dos países cuja presença feminina perde para tantos outros que não tem a extensão territorial e o quantitativo de mulheres que constituem a população brasileira, mais da metade em relação aos homens —, faz reiterando significações estereotípicas clássicas de gênero nos termos de uma ordem social falocrática, como diz Bourdieu, ou situado numa formação discursiva de poder falocêntrica e heteronormativa, como argumenta Butler, evidenciadas nas pistas de contextualização tais como “*a mulher tem um coração mais flexível .... por ser mãe ....*” e prossegue “*a mulher ... compreende muito mais quando nós, homens, muitas vezes somos muito rápidos e muito práticos*”. Ou seja, a trajetória de fala do senador Cassol sinaliza para um esquema de conhecimento interativo marcadamente falocrático, pois as suas identificações estereotípicas de gênero são típicas daquelas que perfazem o “ser” mulher como alguém sensível, emotivo, tomando por base o aspecto da maternidade, dos cuidados com os filhos e com o lar.

O senador Ivo Cassol constitui sua trajetória de fala no evento de homenagem ao dia internacional da mulher, num contexto marcadamente tenso, pois além das evidentes tensões acirradas no Congresso Nacional entre parlamentares que apoiaram e contestaram o processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff que ainda ecoem com muita intensidade nas tribunas tanto da Câmara dos Deputados quanto no Senado Federal em Brasília-DF, na ocasião ocorria um movimento de mulheres nas ruas em diferentes partes do planeta, paralisando, inclusive, as atividades domésticas, para questionarem a cultura machista, sexista e misógino que ainda se impõe violentamente seja no lar, na relação




conjugal, na força produtiva do trabalho, nos âmbitos de poder públicos e políticos, aos corpos, dentre outros aspectos, sem falar no ocorrido com a deputada Maria do Rosário que foi simbolicamente violentada em sua moral por um deputado federal na época dessa sessão solene. Foi observado nos eventos de fala do referido senador um alinhamento marcado pelo movimento dos braços e das mãos que davam ênfase ao que ele estava propondo e questionando no momento, a inexpressiva participação de mulheres nas esferas decisórias de poder público e político.

O fato é que as identificações identitárias do senador ora analisadas sinalizam para um esquema interativo estereotípico situado numa formação discursiva falocêntrica, que concebe mulheres e homens de modo hierárquico e essencialista, como se a “ternura” e a “flexibilidade” não fossem um atributo também de homens, e a “praticidade”, “objetividade”, “racionalização” e a “rapidez” para tomar decisões e lidar com tensos processos, fatos e aspectos sociais também não fossem atributos das mulheres.


### 9.1.5 “uma característica feminina óbvia é o olhar mais atento e detalhista que o do homem”.

**Excerto 5- Pronunciamento do Senador ATAÍDES OLIVEIRA, Bloco Social Democrata/PSDB – TO, em 09 de março de 2017.**


(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
12h28	<p><i>119. &lt; Venho hoje à esta tribuna (.) para falar um pouco (.) sobre o discurso ? (.) que o Presidente Michel Temer (.) &lt; fez no dia de ontem &gt; com relação (.) ao Dia Internacional da Mulher ? , que virou uma verdadeira celeuma (.) na imprensa ? (.) e também (.) junto à oposição ? aqui no Senado Federal e também na Câmara Federal &gt; ..</i></p>	


(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
12h28	<p>. 120. Sr. Presidente (.), eu começo dizendo que (.) as palavras (.) do Presidente (.), <i>destacando o papel da mulher ? (.) nos afazeres domésticos (.) e na fiscalização dos preços nos supermercados (.), não foram apenas mal interpretados (.) pela chamada "patrulha feminista" ?</i> . Se assim fosse (.), seria até compreensível (.), em um dia em que a luta pela igualdade de gênero faz com que esse debate se torne mais acirrado . .</p> <p>121. O grande problema (.) é <u>a má-fé</u> ? política ? (.) na distorção do discurso do Presidente Temer (.) , que (.), <i>em momento algum – repito, em momento algum ? (.) – menosprezou o papel feminino e a força crescente ? das mulheres no mercado de trabalho (.), na política (.), na cultura e também em outras áreas . . Longe de ser um discurso machista (.), as palavras do &lt; Presidente da República &gt; apontam, isso sim, a dura jornada de trabalho enfrentada pela maioria esmagadora das mulheres brasileiras (.), obrigadas a se desdobrar entre tarefas domésticas e profissionais (.), porque a grande carga de trabalho doméstico ainda recai ? , lamentavelmente ? (.), sobre as mulheres (.)</i> . .</p>	 <p>The image consists of four sequential frames showing a man in a dark suit and red tie speaking at a podium. He is gesturing with his hands while speaking. The background features the Brazilian flag and a sign that reads 'SESSÃO PLENÁRIA DO SENADO FEDERAL'. The frames capture different moments of his speech, showing his facial expressions and hand movements.</p>
12h32	<p>126. Portanto, nossos jovens (.) – não só os <u>nem-nem</u> ? (.), <i>mas as nossas mulheres (.), que querem &lt; entrar no mercado de trabalho &gt; – precisam de uma oportunidade, de um</i></p>	

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
12h32	<p><i>curso profissionalizante (.), caso contrário, elas terão, lamentavelmente, que cuidar da casa . .</i></p> <p>127. &gt; Pois bem &lt;. <i>Vivemos num País machista ? ? Vivemos, sim ? , não dá para negar isso. É impossível. &gt; Isso vai mudar, evidentemente, e precisa mudar rapidamente &lt; . Mas vivemos, sim. Não cabe a governo algum negar essa realidade. Pelo contrário &gt;, é preciso encarar essa cultura machista de frente para tentar mudá-la na prática, no dia a dia &lt;.</i></p> <p>128. Num País dividido por paixões políticas (.), todo cuidado é pouco para não se deixar levar pela má-fé que costuma movimentar o jogo do poder. &gt; <i>Ou não é pura má-fé negar o papel feminino na fiscalização dos preços ? ? Porque o Presidente disse (.) que a mulher (.) é um <u>termômetro</u> (.) dessas &gt; variações de preço no supermercado &lt; – isso é fato ?, não há como negar ? ; são as maiorias (.), conforme o próprio Ipea disse ? (.), que vão, sim, aos supermercados (.) , mas de produtos e serviços em geral também.</i></p>	
12h36	<p>130. &lt; <i>Não é porque elas frequentam mais os supermercados &gt;, não! (.) É porque <u>uma característica feminina óbvia</u> é o olhar mais atento e detalhista que o do homem.</i></p>	

(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
12h36	<p>131. Por exemplo, na minha casa (.), <i>a minha esposa</i> (.), <i>extremamente ativa</i> ? (.), <i>é empresária</i> (.), <i>está fazendo o seu segundo curso superior</i> ? (.). <i>Quando as pessoas vão ao supermercado fazer as compras – as nossas funcionárias</i> (.) –, <i>ela acompanha rigorosamente</i>, Senador Lasier, <i>essas compras junto aos supermercados</i> . . <i>Isso é normal, porque a mulher, eu repito, é detalhista, é criteriosa nos seus afazeres. Então, não foi pecado nenhum ? o Presidente Temer ter colocado, em seu discurso, que as mulheres são o termômetro ... dessa verificação de preço junto a supermercado.</i> Eu queria, Sr. Presidente, deixar isto muito claro (.): que não vejo pecado algum na fala do Presidente Temer.</p> <p>132. E, para encerrar, &gt; quero ressaltar que &lt; é puro preconceito, <i>é puro machismo relegar ? a segundo plano, a administração de uma casa</i> (.), <i>a criação dos filhos</i> (.), <i>as tarefas que sustentam o dia a dia de uma família</i> . . E, por acaso (.), donos de casa (.) são cidadãos (.), <u>cidadãs</u> (.) de segunda categoria ? ? Essa é a minha indagação.</p>	

No discurso do senador Ataídes Oliveira ocorrido no dia 09 de março de 2017 foram identificadas as seguintes “pistas de contextualização” que sinalizam para sentidos de estereótipos de gênero: patrulha feminista, cuidar da casa, o papel feminino na fiscalização dos preços, o olhar mais atento e detalhista, criteriosa nos seus afazeres, supermercado. Embora o pronunciamento do senador em questão seja marcado por reivindicações a

propósito da cultura “machista”, de que seja um aspecto cultural e social problemático que precisa mudar, ele não se inclui ativamente no que propõe, diferentemente de outros parlamentares que tiveram seus discursos analisados como, por exemplo, Randolfe Rodrigues e Lindbergh Farias. As pistas “olhar atento” e “detalhista” apontam para uma subjetividade fundamentada na velha dicotomia de gênero que sustenta a compreensão que as mulheres são mais “subjetivas” e os homens “objetivos”, “racionais”. Ou seja, o estereótipo que a mulher seja “detalhista” é típico de uma ordem social fundada no “princípio falo-narcísico” (BOURDIEU, 2008). Portanto, o “esquema de conhecimento” a respeito da questão de gênero é marcado pela força histórica do “machismo”, este que o senador sugere combater, mas que o subordina. Se o indivíduo somente tem a sua formação assegurada na sujeição, a sua condição de existência e a trajetória de seu desejo determinadas *na e pela* subordinação a um regime de poder discursivo e social, o parlamentar em questão aponta para uma subjetividade constituída por normas sociais de uma formação discursiva de poder falocrática. E o movimento da reflexividade, no caso em questão, levando-se em conta o contexto de situação e as demandas históricas na agenda dos movimentos femininos e feministas levantadas no dia 08 de março, mostra uma retroação subjetiva que reencena o fundamento falo-narcísico inculcado no inconsciente ocidental.

Durante o seu pronunciamento o qual se trata de uma “reciclagem” de um tópico que emergiu no dia anterior, 08 de março, o qual se trata do pronunciamento do então presidente, na época, Michel Temer, que sustentou o quanto a mulher é importante para a economia, porque é muito comum o argumento que a mulher tem uma habilidade “natural” para lidar com aspectos do cotidiano da esfera privada. Ou seja, o modo como foi colocado por Temer aponta para a habilidade que a mulher tem para administrar a casa, cuidar da família, dos filhos. Ao que parece, o senador Oliveira coaduna com o entendimento de Michel Temer. Com uma performance corpóreo-discursiva marcadamente pausada, algumas “retransposições” por meio de entonações ascendentes foram percebidas na constituição de sua “trajetória de socialização”, especificamente quando advoga em favor do discurso de Michel Temer: “que a mulher é um termômetro dessa variações de preço no supermercado – isso não é fato, não há como negar”. Neste caso, as “pistas” nas quais ocorrem as referidas entonações são “fato” e “negar”. O encadeamento de eventos de fala de Ataídes Oliveira é marcado por diferentes forças ilocucionárias, elogiar, contestar e reivindicar, cujos sentidos rompem e retroagem assegurando a historicidade do falocentrismo.

## 9.2 SEGUNDO PLANO DE ANÁLISE: PERFORMANCES CORPÓREO-DISCURSIVAS DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO AMBIVALENTES

Neste segundo plano de análise busco identificar performances corpóreo-discursivas, que embora sinalizem para a iterabilidade de sentidos de estereótipos de gêneros nos termos de uma ordem social falocrática ou de uma matriz cultural heteronormativa, estejam transitando, escapulindo, para além das margens de tal ordem ou matriz. Ou seja, inteligibilidades de gênero que sinalizem para um movimento ambivalente, uma ansiedade de sentidos por sentidos Outros.



### 9.2.1 “Eu estou aqui para falar em nome da Bancada feminina”

**Excerto 1- Pronunciamento da Deputada Federal BENEDITA DA SILVA, PT – RJ, em 08 de março de 2017.**

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
13h32	<p>352. &lt; <i>Eu estou aqui para falar em nome da Bancada feminina</i> do Partido dos Trabalhadores &gt;.</p> <p>353. Nós estamos no Dia Internacional da Mulher (.). E eu fiz questão de estar <u>nesta tribuna</u>, porque (.), há um ano, aqui estava eu nesta tribuna, quando a <u>Presidenta Dilma Rousseff</u> ? veio a esta Casa prestigiar exatamente o Dia Internacional da Mulher e também as agraciadas do Diploma Bertha Lutz. Eu me lembro de que aqui estava também o Vice-Presidente da República, Michel Temer (.). E eu disse uma coisa – <i>algumas feministas se manifestaram na hora @, mas depois elas foram entender</i>. Eu me virei para o Vice-Presidente da República e disse (.): "Tome conta dela ? (.) para</p>	

(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
13h32	<p>que ela tome conta do País". Pareceu uma praga, porque, de repente, eu vejo que ESSE HOMEM, QUE TINHA O PAPEL DE ZELAR COM RESPONSABILIDADE PELA DEMOCRACIA QUE DEU OS VOTOS LEGÍTIMOS À PRESIDENTA DILMA, deu um golpe neste País. . Eu não posso, no Dia Internacional da Mulher ?(.), esquecer QUE NÓS VOTAMOS EM UMA MULHER PARA PRESIDIR ESTE PAÍS E QUE ELA NÃO CONCLUIU O SEU MANDATO. E EU ME SINTO TRAÍDA COM O MEU VOTO! (<i>Palmas.</i>)</p> <p>354. Até agora, <u>nenhum homem provou que essa mulher é uma delinquente, que ela foi contra os interesses da população brasileira e que cometeu algum ilícito</u> ?. Portanto, COMO MULHER, PRINCIPALMENTE COMO MULHER, seria para mim uma farsa (.) chegar a esta tribuna e não, memoravelmente, fazer este comentário..</p>	
(13h40	<p>365. = &lt; De toda forma, quero <u>homenagear</u> essas mulheres que têm nos orgulhado. Esta Casa faz uma boa lembrança, trazendo para nós esta comemoração do dia (.) 8 de março (.) e dando esse Diploma <i>Bertha Lutz, uma mulher de garra, uma mulher de fibra! Uma mulher que soube como nunca estar como Parlamentar para defender os direitos ? , sem temer (.), porque é isso que nós fazemos, como a voz de Che Guevara: "Endurecer sem perder a ternura."</i>&gt;=</p> <p>366. = &lt; <i>Somos rosas, mas os nossos espinhos, de vez em quando, têm que dar algumas espetadas</i>&gt;=.</p>	

No excerto acima, os eventos de fala da deputada federal Benedita da Silva provocam realinhamentos em sua postura e em seu tom de voz, pois, respectivamente de uma postura tranquila podemos observar a fluidez para uma de indignação, e de um tom de voz mais pausado para um mais firme. Ou seja, de uma postura mais contida para uma mais dinâmica. A mudança de *footing* se deve ao reenquadramento que de relato, “*Eu me lembro de que aqui estava também o Vice-Presidente da República, Michel Temer. E eu disse uma coisa – [...]Eu me virei para o Vice-Presidente da República e disse: "Tome conta dela para que ela tome conta do País"*”, transformou-se num enquadre de protesto: “*Eu não posso, no Dia Internacional da Mulher, esquecer que nós votamos em uma mulher para presidir este país e que ela não concluiu o seu mandato e eu me sinto traída com o meu voto!*”. Se concebidas de modo dicotômico, enquanto as pistas de contextualização “*garra*”, “*fibra*” e “*espinhos*” sinalizam para identificações com estereótipos que subvertem uma ordem social falocêntrica, as pistas “*ternura*” e “*rosas*” sinalizam para estereótipos clássicos de gênero. Contudo, sob a ótica da epistemologia da complexidade, tanto as primeiras quanto as segundas pistas consistem em “partes”, dispostas de modo complementar, concorrente e antagônico, de um “todo”. Ou seja, “*garra*”, “*fibra*” e “*espinhos*” e “*ternura*” e “*rosas*” não consistem em significações que perfazem especificamente o masculino e o feminino, mas que podem retroagir umas sobre as outras a depender, dentre tantos fatores, como os atravessamentos de raça/etnia e classe, do contexto social específico. Contudo, um aspecto peculiar sinaliza para um conflito histórico, a saber, que nem todas as mulheres, mesmo engajadas em lutas sociais tendo em vista o “empoderamento” das mesmas, não se reconhecem feministas, e tal conflito pode ser observado no 352º parágrafo pela pista de contextualização “*bancada feminina*” e no 353º parágrafo pela pista “*algumas feministas*”.




A trajetória de estilização de gênero da deputada Benedita da Silva é constituída também por eventos de reciclagem e retransposição, algo que podemos conferir no quando a mesma diz “*Tome conta dela para que ela tome conta do País*”. A reciclagem é marcada pela reflexividade no momento em que diz “*Pareceu uma praga*”, pois retroage sobre a deputada que estiliza um *footing* mais tenso e provoca uma retransposição para um tom de voz mais alto, um ritmo em sua fala mais acelerado e ostensivo.




### 9.2.2 “não sou feminista”

**Excerto 2- Pronunciamento da Senadora KÁTIA ABREU, PMDB – TO, em dia 08 de março de 2017.**





(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
14h 28	<p>496. = &lt; Eu quero comemorar isso ? . Eu posso comemorar ? . Independentemente do mérito, do que cada um tenha feito – não quero aqui entrar nesse mérito –, quero louvar e saudar, <i>porque as mulheres, além de competência na gestão administrativa, no desempenho político, as mulheres também cuidam muito da sua <u>história</u>, do seu CPF, da sua <u>vida</u> e do seu nome</i> &gt; =.</p>	 <p>O Senado entrega o Diploma Bertha Lutz a cinco mulheres que contribuíram para a defesa dos direitos das mulheres no Brasil</p>
14h32	<p>497. = &lt; Quero também, amigos (.) , declarar a todos vocês e a todas as mulheres do Brasil (.) que <u>não sou feminista</u>. <u>Nunca participei de movimento feminista</u>, mas eu não voto a igualdade por limite de idade para homens e mulheres. Por um simples motivo (.) : <i>sei que existem mulheres muito mais fortes do que muitos homens (.) , mas não podemos, <u>num país machista como o Brasil</u>, deixar de considerar o trabalho extra que as mulheres fazem em casa</i> &gt; =.</p> <p>498. = &lt; Eu sou mulher, sou <u>Senadora da República</u>, sou mãe, sou avó, e</p>	 <p>SEN. KÁTIA ABREU – PMDB/TO katia.abreu@senadora.leg.br</p>  <p>SEN. KÁTIA ABREU – PMDB/TO katia.abreu@senadora.leg.br</p>





(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
14h32	<p>tenho o meu trabalho extra na minha casa. Não é justo! <i>Não é porque somos frágeis nem moles não!(!) Não é porque somos melhores do que os homens! É porque nós trabalhamos mais do que os homens! Nós trabalhamos!</i> ^&gt;=</p> <p>501. =&lt; Não vai ser mais uma vez que nós vamos fazer um enfeite na Mesa do Senado, mas, <i>em todas as reuniões da Mesa do Senado, é importante que haja o gênero feminino, para dar a sua opinião, porque mulheres e homens pensam de forma diferente</i> _&gt;=_</p> <p>503. = &lt; Portanto, eu inicio dizendo que hoje é um dia especial, pois celebramos a luta de décadas pela igualdade de gênero. A história dessa igualdade, ainda distante, vem sendo lutada dia a dia, <i>há décadas, por mulheres em todos os cantos possíveis, por mulheres que não aceitam a cultura machista, a opressão e a violência contra a mulher</i> (.) [...] &gt; =</p> <p>504. = &lt; No último Carnaval, a agressão física às mulheres foi uma triste notícia. <i>Homens que se sentem donos da mulher e se comportam com uma brutalidade desprezível!</i> &gt; =</p>	

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
14h36	<p>505. = &lt; Todas as estatísticas provam que <i>as mulheres trabalham mais do que os homens, pois, além do trabalho externo, precisam cuidar da casa e dos filhos, pois, para a cultura machista, esta é uma obrigação da mulher. Há homens que adoram dizer que não sabem fazer um ovo, que não sabem fazer um café, como se isso fosse atestado de masculinidade.</i> &gt;=</p> <p>507. = &lt; A participação da mulher na política ainda é pequena, mas está longe de ser frágil, pois nós, eleitas pelo voto popular, nos firmamos dia a dia. <i>Talvez, pela grande maioria dos homens, inclusive aqui, deste Parlamento – a ausência das mulheres na Mesa diz isso –, devêssemos cuidar de assuntos tido por eles como maternais ou caseiros, mas não aceitamos este papel e, apesar de sermos <u>uma minoria em número</u>, estamos em todos os espaços e estamos debatendo todos os assuntos, pois não existe essa história <u>de assunto de mulher, não existe tarefa de mulher, não existe um cotidiano reservado às mulheres.</u></i> . &gt; =</p> <p>508. = &lt; O Brasil elegeu e reelegeu <u>sua primeira mulher</u> Presidente da República, 121 anos depois da <u>Proclamação da República</u>...&gt; =</p>	   

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
	<p>510. =&lt; ... e não tenham dúvidas de que <i>um dos fortes motivos de Dilma Rousseff não estar do outro lado da Praça dos Três Poderes (.) tem muito a ver com o <u>machismo</u> e o preconceito contra o papel da mulher na política.</i> &gt; =</p> <p>512. = &lt; <i>Se nós, mulheres, cuidamos de nossos filhos ou de nossas casas, nós o fazemos por responsabilidade e, muitas vezes, por uma opressão profundamente machista</i> &gt; =.</p> <p>517. = &lt; <i>Somos donas de casa, somos mães, somos filhas, avós, somos trabalhadoras, empreendedoras, <u>mas não nos queiram outorgar o título de recatada e nem do lar [...]</u></i> &gt; =</p> <p>523. = &lt; <i>A cultura do machismo não vai sobreviver (.). Dia a dia ela vai perder sua força, pois <u>não estamos mais dispostas a sermos tratadas como complementação ? do homem</u>, e sim com a nossa própria identidade .</i> &gt;</p>	  
14h40	<p>524. = &lt; <i>Atrás de um grande homem não há uma grande mulher (.) , pois essa mulher está ao lado e, muitas vezes, até na frente deles</i> &gt; =</p> <p>529. = &lt; <i>Eu celebro hoje as nossas conquistas – pequenas, mas conquistas. Eu reafirmo hoje nossos compromissos e desafios, mas reafirmo também que todo dia é dia de mulher</i> &gt; =</p>	

(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
14h40	<p>524. = &lt; <i>Atrás de um grande homem não há uma grande mulher (.) , pois essa mulher está ao lado e, muitas vezes, até na frente deles</i> &gt;=</p> <p>529. = &lt; Eu celebro hoje as nossas conquistas – pequenas, mas conquistas. Eu reafirmo hoje nossos compromissos e desafios, mas reafirmo também que todo dia é dia de mulher &gt;=</p> <p>530. = &lt; Termino com uma frase histórica da luta pela igualdade de gênero da escritora Simone de Beauvoir: "Ninguém nasce mulher; torna-se mulher." &gt;=</p>	

A trajetória de socialização da senadora Kátia Abreu na sessão solene do dia 08 de março de 2017 aponta para várias direções problemáticas a propósito da relação entre mulheres e homens nos termos daquilo que ele identifica por “cultura machista, sexista e misógina”.

No excerto acima, as pistas de contextualização são diversas, — lembrando que tais pistas são sinalizadores, pressuposições sociais implicadas em eventos de fala —, que sinalizam para um esquema interativo de conhecimento de plataforma feminista como, por exemplo, nas seguintes passagens: “*Não é porque somos frágeis nem moles não!*”; “*Homens que se sentem donos da mulher*”; “*Há homens que adoram dizer que não sabem fazer um ovo, que não sabem fazer um café, como se isso fosse atestado de masculinidade*”; “*mas não nos queiram outorgar o título de recatada e nem do lar*”, dentre outros. As pistas de contextualização “*frágeis*”, “*donos da mulher*”, “*não sabem fazer um ovo*” e “*atestado de masculinidade*” indicam uma estilização de gênero marcadamente feminista, ou seja, “traços” de sentidos históricos de discursos feministas entextualizados nos eventos de fala da senadora. Tais pistas apontam para antigos problemas que as mulheres, em pleno século XXI, ainda enfrentam, quando tentam conciliar o espaço profissional com o espaço privado, que inclui cuidados com os filhos, afazeres domésticos, combater a ideia que a mulher é objeto do olhar

masculino, a violência doméstica, a disparidade salarial, o essencialismo que determina quais são as “tarefas” das mulheres e quais são as dos homens, dentre outros aspectos. Contudo, a senadora Kátia Abreu deixou bem claro que “não” é feminista, porque nunca esteve integrada a um movimento social feminista. Entretanto, recorre à Castells (2010, p. 236), quando diz é “possível, porém, que muitas mulheres sejam feministas na prática embora não reconheçam o rótulo”, ao se referir a um tipo específico de feminismo “pragmático”. Embora na performance da senadora não ocorram diferentes tipos de realinhamentos em sua postura, seu tom de voz é forte, sinalizando algumas retransposições como, por exemplo, ênfase em determinadas expressões nos parágrafos 496 e 507 quando a mesma diz que as mulheres cuidam do seu “CPF” e quando ela questiona o predomínio de homens nas esferas públicas e políticas.

Decerto, na performance da senadora Kátia Abreu ocorrem reenquadramentos de “traços” de sentidos de discursos feministas entextualizados em seus eventos de fala que sinalizam ressignificações de estereótipos clássicos de gênero. Ao que parece, a senadora questiona a cultura machista, sexista e misógina com o entendimento que a mesma promove à mulher diferentes tipos de violência, como podemos observar na seguinte passagem de seu discurso: *“Se nós, mulheres, cuidamos de nossos filhos ou de nossas casas, nós o fazemos por responsabilidade e, muitas vezes, por uma opressão profundamente machista”*.



### 9.2.3 “a declaração do Presidente Michel Temer não foi feliz ao dizer que a mulher serve para controlar preços nos supermercados”

**Excerto 3- Pronunciamento do Senador RENAN CALHEIROS, PMDB – AL, em 08 de março de 2017.**


(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h04	1021. = < Sr <sup>a</sup> Presidente, Sr <sup>as</sup> Senadoras, Srs. Senadores, é comum (.), Senadora Lúcia Vânia, comum e recomendável (.) que as instituições promovam anualmente <u>atos e solenidades</u> em homenagem <u>ao Dia Internacional das Mulheres. Apoio enfaticamente todos eles</u> , e não é de hoje, Senadora Lúcia	

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h04	<p>Vânia (.), mas <i>desde as mobilizações contra a carestia (.), dos movimentos de mulheres nos anos finais da ditadura (.), até hoje</i> &gt; =</p> <p>1022. = &lt; Por falar em carestia (.), eu queria dizer que (.) a <i>declaração do Presidente Michel Temer não foi feliz</i> &gt; ao dizer que a mulher serve para controlar preços nos supermercados &lt;. (Palmas.)</p> <p>1023. = &lt; <i>Ela serve também para isso, mas não apenas para isso</i> ´&gt; =</p>	
18h12	<p>1037. = &lt; <i>Somos a terra de mulheres que lutaram pela liberdade, contra a ditadura e sofreram as perseguições da época, como Selma Bandeira, Gastone Beltrão, Maria Yvone Loureiro e Alba Correia</i> ´&gt; =</p> <p>1038. = &lt; São muitas as mulheres alagoanas que servem, como dizia, de exemplos históricos, mas <i>permitam-me sintetizar as homenagens em uma delas: uma mulher de aparência pequenina e frágil, que foi uma gigante de persistência, de fibra e de amor ao próximo. Estou falando da Dr<sup>a</sup> Nise da Silveira</i> ´&gt; =</p> <p>1040. = &lt; – Já termino.&gt; =</p> <p>1041. = &lt; <i>Nise da Silveira é espantosamente pioneira, <u>atrevida</u>, desbravadora</i> &gt; =</p>	

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h12	<p>1042. = &lt; Com apenas 16 anos, Senadora Lúcia Vânia, Nise da Silveira saiu de um colégio de freiras, em Maceió, e, <i>corajosamente, meteu-se onde não era chamada: foi cursar Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia (.) – e isso em 1921.</i> Nise da Silveira era a única moça entre os 157 homens da turma que se formou em 1926. Foi uma das primeiras <u>graduadas em Medicina no Brasil</u>. Sua vida profissional e a contribuição para a ciência, sobretudo a humanização do tratamento psiquiátrico ... , estabelecem o seu papel na história no Brasil e nos cinco continentes ´&gt; =</p> <p>1043. = &lt; <i>Nise da Silveira é revolucionária pela criação do Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952, no Rio de Janeiro, e da Casa das Palmeiras, também no Rio de Janeiro, de 1956; pelo pioneirismo na pesquisa das relações emocionais entre pacientes e animais; pelos livros escritos, pela pintura, pela quantidade de conhecimento que disseminou ´&gt; =</i></p> <p>1044. = &lt; <i>Nise da Silveira sofreu na pele o tacho do arbítrio. Foi presa política na ditadura do Estado Novo, durante um ano e meio. Na prisão, conheceu um sertanejo conterrâneo chamado</i></p>	



(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h12	Graciliano Ramos, e ficaram amigos, muito amigos. A convivência é relatada em <i>Memórias do Cárcere</i> > =	

As pistas de contextualização estilizadas na trajetória de eventos de fala do senador Renan Calheiros indicam um esquema interativo de conhecimento ambivalente, pois não está fixado numa ordem social de significações falocrática, masculina, masculinista.

O parlamentar reconhece nas mulheres a existência de atributos, que nos termos de um regime discursivo de poder que apreende a realidade de modo dicotomizado, seriam de exclusividade dos homens como é o caso da pista contextual “desbravadora”. Nos termos de uma concepção essencialista, a qualidade de “desbravar” é algo típico dos homens, ou melhor, da “natureza” dos homens, da “essência” dos homens, quando na verdade consiste num atributo que também caracteriza muitas mulheres como, por exemplo, Nise da Silveira. Decerto, considerando o fato que Nise ingressou num curso predominantemente masculino, sendo a única mulher de uma turma de 157 homens, é algo que evidencia alguém que desbravou um território até então alheio às mulheres. Várias outras pistas contextuais evidenciam um processo de “de categorização” de significações de atributos do “ser” mulher e “ser” homem, que nos termos de uma tradição de pensamento clássica ocidental são tomadas como radicalmente opostas e hierárquicas, como é o caso, por exemplo, das pistas “persistência”, “fibra”, “atrevida” e “corajosamente” atribuídos à Nise da Silveira. Para a tradição ora citada, a essencialização de mulheres e homens é marcada por um processo de categorização sufocante de sentidos, pois, ao serem concebidos como mais um par dicotômico, os seus respectivos atributos identitários são fechados sobre si mesmo, saturados em cada termo da dicotomia. Outra pista contextual que indica um esquema interativo de conhecimento ambivalente é quando o senador Calheiros refuta os predicados destinados às mulheres pelo então presidente na época Michel Temer, a saber, “*a declaração do presidente Michel Temer não foi feliz ao dizer que a mulher serve para controlar preços nos supermercados*”. Contudo, o que me leva a argumentar que o senador em questão não está fixado, mas está situado no regime discursivo de poder falocrático é quando em seguida o mesmo diz “*ela serve também para isso, mas não apenas para isso*”. Por mais que a reciclagem dos eventos de fala do ex-presidente Michel Temer na fala do senador tenha suscitado um enquadre com força ilocucionária de avaliação negativa, Calheiros escorregou

na mesma armadilha do essencialismo, uma vez que, reiterou que a mulher servia sim para controlar preços nos supermercados, embora tenha reconhecido que a capacidade da mulher estivesse além dessa rotina de administrar as tarefas de casa, que inclui o orçamento doméstico. Ao contrário, o parlamentar poderia ter dito que os homens também serviriam para realizar a mesma atividade, e não somente as mulheres. Entendo que, os efeitos de sua avaliação negativa a propósito da identificação identitária das mulheres nos eventos de fala do então ex-presidente Temer retroagiram sob a mesma forma inicial.

Os eventos de reciclagem e reenquadramento não suscitaram mudanças de *footing* significativas, pois o senador se manteve com uma postura formal, sem rupturas provocassem um realinhamento, por exemplo, de uma postura mais contida para uma mais intensa, como foi observado nos eventos de fala da deputada federal Benedita da Silva, que iniciou sua fala estilizando uma performance calma, marcadamente pausada, para uma mais dinâmica, marcadamente indignada, algo sinalizado, por exemplo, por pistas contextuais somáticas, ao erguer o seu olhar para cima, impetuoso.

O processo de estilização de gênero do senador Renan Calheiros sinaliza para um esquema interativo de conhecimento ambivalente, pois (de)categoriza atributos ditos “masculinos” para identificar o perfil identitário de muitas mulheres de sua terra natal Alagoas. Ao que parece, o parlamentar transita “diplomaticamente” entre o falocentrismo e entre uma ordem social feminista. Lembrando que, segundo Morin, não existe uma Ordem, mas ordens no mundo que tentam sobreviver no jogo do devir histórico.



### 9.3 TERCEIRO PLANO DE ANÁLISE: PERFORMANCES CORPÓREO-DISCURSIVAS DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO DESLOCADAS E RESSIGNIFICADAS

Por fim, neste terceiro plano de análise pretendo identificar nas performances corpóreo-discursivas sentidos de estereótipos de gênero deslocados, ressignificados, que transbordaram as clássicas categorizações essencialistas de gênero.






### 9.3.1 “um feminismo para 99% das pessoas”

**Excerto 1- Pronunciamento da Senadora GLEISI HOFFMANN, Bloco/PT – PR, em 08 de março de 2017.**



(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
12h24	<p>160. = &lt; Mas eu não posso começar o meu pronunciamento antes que a gente possa ter <i>um ato simbólico de solidariedade às mulheres que estão hoje, no Brasil inteiro, organizadas pelos movimentos sociais, no 8 de março, gritando para que os seus direitos não sejam atingidos por nenhum direito a menos.</i>&gt; =</p> <p>161. = &lt; Quero aqui dizer que nós, neste momento, <i>vamos nos solidarizar com o apitaco, ao meio-dia e meia, que já está prestes a acontecer</i> (.), <i>em solidariedade à parada geral das mulheres do 8 de março, a parada internacional.</i>&gt; =</p>	
12h28	<p>175. = &lt; <i>Hoje é um 8 de março diferenciado</i> [...].Mas este 8 de março especificamente, a forma como ele foi chamado <i>é para trazer a atenção de nós, mulheres, e da sociedade a pautas de lutas nossas que são muito importantes.</i> E eu gostaria de falar sobre elas.&gt; =</p> <p>176. = &lt; Hoje nós estamos tendo um movimento internacional. Mais de 50 países estão mobilizados com suas mulheres e uma grande agenda em favor dos direitos das mulheres [...] &gt; =</p> <p>177. = &lt; [...] <i>é uma nova onda de lutas feministas. Não é só o chamado feminismo protagonista da oportunidade pessoal.</i> Esse</p>	


(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
12h28	<p><i>movimento que surge é um feminismo que quer para todos, para 99% das pessoas, um feminismo de base, um feminismo solidário com as trabalhadoras e suas famílias, uma aliança internacional contra o neoliberalismo.&gt; =</i></p>	
12h32	<p>181. = &lt; <i>O feminismo do "Faça Acontecer", esse que muitas vezes nos envolve no dia a dia, e outras variantes do feminismo empresarial infelizmente falharam para a esmagadora maioria das mulheres, principalmente as pobres, que não têm acesso à autopromoção e ao avanço individual, cujas condições de vida só podem ser melhoradas através de políticas que defendam a distribuição de renda, a equidade, o equilíbrio social, os direitos trabalhistas e a saúde. &gt; =</i></p> <p>182. = &lt; <i>Por isso é desse feminismo que nós falamos, um feminismo para 99% das pessoas. E isso está emergindo no mundo inteiro: na greve na Polônia, nas grandes manifestações da América Latina, como vimos na Argentina, na Itália, na Coreia do Sul, na Irlanda, protestos e greves pelos direitos das mulheres. São lutas combinadas contra a pauta conservadora que avança nesses países, lutas combinadas (.) contra a violência masculina, a informalização do trabalho, a desigualdade salarial, a oposição que nós queremos à homofobia, à xenofobia, à transfobia, à misoginia. É uma nova agenda também. Por isso, esse feminismo</i></p>	   

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
12h32	<p><i>para 99% das mulheres está inspirado nessas coalizões que nós tivemos em diversos países. &gt; =</i></p> <p><i>183. = &lt; A violência contra as mulheres tem muitas facetas (.). É a violência praticada pelos homens, masculina, a violência contra os nossos corpos, contra a nossa dignidade, a violência doméstica, mas também é a violência do mercado, é a violência da dívida, das relações, da propriedade, das políticas discriminatórias, da repressão, dos movimentos migratórios. Por isso nós queremos nos opor a estes ataques contra as mulheres, ataques institucionais, políticos, culturais e econômicos.&gt; =</i></p>	
12h36	<p><i>188. = &gt; <u>Nós queremos um Brasil para todos e para todas! Nós queremos um Brasil de direitos e de dignidade. É isso que as mulheres querem. Por isso, nós queremos um feminismo para 99% da população, porque, quando as mulheres são respeitadas, quando as mulheres têm a sua dignidade considerada, a população brasileira também é respeitada e também tem sua dignidade respeitada.</u> &lt; =</i></p> <p><i>189. = &gt; <u>Parabéns, mulheres! É dessa coragem que nós precisamos, porque, se não formos para a rua, ficamos invisíveis; e os que estão atentando contra os nossos direitos serão vencedores.</u> &lt; =</i></p>	

(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
12h36	<p>188. = &gt; <u>Nós queremos um Brasil para todos e para todas! Nós queremos um Brasil de direitos e de dignidade. É isso que as mulheres querem. Por isso, nós queremos um feminismo para 99% da população, porque, quando as mulheres são respeitadas, quando as mulheres têm a sua dignidade considerada, a população brasileira também é respeitada e também tem sua dignidade respeitada.</u> &lt; =</p> <p>189. = &gt; <i>Parabéns, mulheres! É dessa coragem que nós precisamos, porque, se não formos para a rua, ficamos invisíveis; e os que estão atentando contra os nossos direitos serão vencedores.</i> &lt; =</p> <p>191. = &gt; <i>Parabéns, mulheres! Nós vamos fazer a diferença e vamos puxar esse movimento no Brasil, também conscientizando os homens do que está acontecendo com os direitos conquistados.</i> &lt; =</p>	

A trajetória de socialização da senadora Gleisi Hoffman é marcada por uma plataforma feminista, pois a mesma se mostra comprometida com um feminismo que ela reivindica não somente para que mulheres estejam engajadas, mas homens também quando argumenta no 191º parágrafo “*vamos puxar esse movimento no Brasil, também conscientizando os homens do que está acontecendo com os direitos conquistados*”. Especificamente, a parlamentar argumenta em favor de um feminismo para 99% da população.

Contudo, interessante pontuar que, ao contrário das identificações do início do século XX, quando estourou a primeira “onda” do feminismo na Europa e nos Estados Unidos, sacodindo também no Brasil a cultura machista da época, inclusive objetivada nas leis do Estado, que feministas seriam mulheres masculinizadas, os eventos de fala da senadora ora analisados são costurados por reivindicações, contestações, não somente à cultura

machista, mas ao neoliberalismo que penaliza os mais pobres, ainda mais as mulheres, e as mulheres negras, estilizam uma performance marcada por atributos de “feminilidade”, nos termos da cultura machista, pois o alinhamento de Gleisi Hoffman é tranquilo e descontraído, embora, mas ao final de seu pronunciamento, possamos observar um realinhamento mais tenaz, firme e altivo, por meio de uma retransposição no seu tom de voz de contido para mais agressivo. O protagonismo da senadora sinaliza para um esquema interativo de conhecimento subversivo, como argumentou Bourdieu, ao princípio falo-narcísico pressuposto numa ordem social masculina existente tanto em estado objetivado quanto subjetivado no mundo social. Hoffman é contundente ao questionar a cultura sexista e misógina, diferentemente das demandas da “primeira onda” e da “segunda onda feminista”, a “nova onda” de lutas feministas levanta várias bandeiras que inclui os homens e o questionamento, nos termos de Žižek (2014), da violência empreendida tanto pelo sistema político quanto econômico. No contexto brasileiro, esse feminismo para 99% das pessoas consiste numa reação à violência das propostas de reforma trabalhista e previdenciária do governo, na época, do presidente Michel Temer, ao neoliberalismo que atinge aos mais pobres, principalmente, como a mesma diz *“feminismo empresarial infelizmente falharam para esmagadora maioria das mulheres, principalmente as pobres, que não têm acesso à autopromoção e ao avanço individual”*. Mas, muito mais do que isso, a violência simbólica, a qual tem relação com a violência econômica e política, também é alvo de contestações feitas pela senadora.

Decerto, as pistas de contextualização como, por exemplo, no 160º parágrafo, “gritando” que diz respeito aos movimentos sociais que estouraram naquela ocasião do dia 08 de março de 2017, em distintos lugares no mundo contra a cultura machista pressuposta no sistema econômico e político, inclusive brasileiro, remete-nos ao contexto do sufrágio feminista ocorrido na Inglaterra, bem como ao período que eclodiu os efeitos da “primeira onda” feminista no Brasil, e as pistas “greve”, “protestos” e a seguinte passagem de seu discurso *“se não formos para a rua, ficamos invisíveis”* são “traços” de sentidos históricos reiterados na fala da senadora, contudo ressignificados para o contexto histórico atual. As pistas de contextualização implicam entextualizações de discursos que foram descentrados, deslocados, extraídos e recontextualizados em outros contextos de *práxis* humana. A reciclagem consiste na retomada de um tópico numa escala de tempo mínima e a iterabilidade se trata de uma propriedade da linguagem que promove a citacionalidade de sentidos históricos inscritos para além do contexto histórico específico no qual ocorreu a sua inscrição, bem como para além da presença de quem os inscreveu. O que ocorre na trajetória de eventos de fala da parlamentar é a iterabilidade de sentidos históricos reiterados, reiteráveis, que


retroagem dando forma à rede de significações que caracterizam o movimento social feminista, neste caso, do século XXI, ressignificado pela reflexividade, pois inclui não somente a participação das mulheres, mas também dos homens.

Diga-se de passagem, reflexividade que promove o voltar-se contra si mesmo, fazer de si um objeto de reflexão, revisão, para deslocar o poder inaugurador e subordinador que promove a inauguração do indivíduo como sujeito na sociedade, pois enquanto nos eventos de fala analisados anteriormente observamos uma reiteração essencialista, que a todo custo tentam engessar acriticamente os atributos de masculinidade e feminilidade, respectivamente para homens e mulheres, com exceção ao da senadora Kátia Abreu que foi enfático, ou melhor, crítico aos pressupostos filosóficos que fundamentam os pressupostos culturais e sociais essencialistas, dicotomizados, hierárquicos, os eventos de fala de Gleisi Hoffman são reenquadrados com força ilocucionária contestatória e reivindicatória, mas também de conscientização para promover a reflexividade dos homens a propósito do estado objetivado e subjetivado do machismo, do sexismo, ou melhor, de uma ordem social masculinista.

### 9.3.2 “nós temos que educar os meninos a também nos ajudarem a cuidar das crianças, a lavar a louça, a varrer”.


**Excerto 2- Pronunciamento da Senadora VANESSA GRAZZIOTIN, Bloco/PCdoB – AM, em 08 de março de 2017.**

(continua)



Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
13h24	327. = < Eu quero aqui dizer que <i>esta data de 8 de março</i> (.) <i>já está sendo bastante diferente dos 8 de março anteriores.</i> São (.) <i>vários países que estão parando, são vários países</i> (.) <i>onde as mulheres estão gritando</i> (.), <i>porque nós já estamos cansadas</i> (.) <i>de falar da discriminação e reivindicar nossos direitos.</i> <i>Estamos cansadas, porque ninguém <u>ouve</u> as nossas reivindicações, ninguém ouve as nossas falas</i> ’> = E,	







(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
13h24	<p>quando infelizmente falamos sem que aqueles que detêm o poder nos ouçam, <u>é preciso que falemos mais alto, é preciso que falemos mais alto e é preciso que falemos cada vez mais alto.</u> Este 8 de março representa um <u>volume significativo</u> na voz não só das mulheres brasileiras, mas de todo o mundo, que não aguentam mais, que não suportam mais conviver com situações que são vergonhosas não só para as mulheres, mas que deveriam ser vergonhosas para os homens, principalmente, vergonhosas para o País ^&gt;=</p> <p>328. = &lt; Eu me refiro ao fato de o Brasil conviver como se fosse normal, Senadora Fátima, com um Parlamento onde mais da metade da população, mais da metade do eleitorado só ocupam 10% das cadeiras, que são as mulheres, seja nas câmaras de vereadores, seja nas assembleias legislativas, seja na Câmara Federal, seja aqui mesmo no Senado ^&gt;=</p> <p>335. = &lt; <i>Não apenas é preciso que usemos dos apitos, da voz forte que nós temos, mas é preciso que chacoalhemos a sociedade e que mostremos para os homens que esse não é um espaço exclusivo deles. Esse é um espaço que tem que ser dividido, equalizando com toda a sociedade</i> ^&gt; =</p> <p>336. = &lt; Se o mundo inteiro tem razões para lutar (.), nós no Brasil temos razões ainda maiores (.), porque, além de tudo o que nos</p>	


(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
13h24	<p>tiram permanentemente, além dos espaços, além do reconhecimento, além da violência crescente no Brasil... E é bom que se diga que <i>há dois mapas (.) em que o Brasil está colocado no mundo que são exatamente o inverso um do outro: um é o da presença no Parlamento das mulheres, em que nós estamos lá embaixo; outro é o da violência, em que nós estamos lá em cima. Eles têm tudo a ver, porque a falta do empoderamento da mulher faz com que a violência cresça a cada dia.</i>&gt; =</p>	
13h28	<p>337. = &lt; <i>Nós temos que pôr fim àquela sociedade em que ele manda e ela obedece. Infelizmente, é assim (.): eles decidem e nós cumprimos a decisão deles. A hora em que vamos ser reconhecidas e respeitadas é na hora em que, ao lado deles, nós decidirmos também (.). Por que muitas mulheres que têm independência financeira sofrem violência doméstica? Porque os maridos ainda veem aquela mulher como um objeto seu, como uma propriedade sua. É contra isso que nós temos de lutar.</i>&gt; =</p> <p>343. = &lt; <i>Mais do que isso, nós temos que fazer, sim, nós temos que educar os meninos a também nos ajudarem a cuidar das crianças, a lavar a louça, a varrer. Isso não tem nenhum demérito, porque, na hora em que o Brasil se industrializou, em que o</i></p>	

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
13h28	<p><i>o mundo viveu a revolução industrial, a mulher tirou a saia, vestiu a calça, colocou a bota e foi para a rua trabalhar. Nesse mesmo instante, o homem tinha que colocar o avental e ir para dentro de casa ajudar suas companheiras, que saíram para ajudar a sustentar suas famílias, mas os homens não fizeram assim. (Palmas.)</i></p> <p>344. &lt; É preciso, sim, que digamos que não existe divisão de gênero no mundo do trabalho, porque a mulher não é melhor para uma coisa do que para outra. Nós somos diferentes fisiologicamente, somos diferentes, sim, mas não podemos ser tratadas com diferença, <i>devemos ser tratadas com igualdade.</i>&gt; =</p> <p>345. = &lt; <i>Querem tirar não os bônus, pois eu escuto muita gente falar de um bônus que as mulheres têm hoje, que é o direito de se aposentar cinco anos antes do homem. Isso não é um bônus, isso é uma pequena compensação por tudo o que a sociedade nos impõe; uma jornada de trabalho maior, com salários menores, um trabalho que substitui o Estado brasileiro, sem qualquer remuneração. Então, querer igualar o tempo de aposentadoria... &gt; =</i></p> <p>347. = &lt; dizendo que a mulher vive mais é a maior injustiça que nós já vimos sendo cometida, porque a mulher trabalha mais. <i>Boa parte da jornada de trabalho dela, que</i></p>	   

(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
13h28	<p><i>é em casa, a doméstica, é sem nada de remuneração. A mulher vê a <u>sua carreira</u> prejudicada por cumprir a função mais nobre da humanidade, que é a <u>maternidade!</u></i></p> <p>?</p>	

No excerto acima, muitas são as pistas de contextualização que sinalizam para um esquema de conhecimento de plataforma feminista. Por exemplo, semelhante à senadora Gleisi Hoffman, a senadora Vanessa Grazziotin estiliza uma performance aguerrida quando diz “*é preciso que falemos mais alto, é preciso que falemos mais alto e é preciso que falemos cada vez mais alto*”, mesmo com um alinhamento formal, contido, delicado.

A parlamentar recicla o termo “*gritando*” pronunciado na mesma ocasião, instantes antes, fazendo referência ao movimento de mulheres que estourou, na época, em vários países contra a opressão machista, a discriminação sexista. De fato, as feministas da “primeira onda” foram marcadamente aguerridas, muitas até perderam a vida tragicamente em nome dos ideais inaugurados pelo Iluminismo, no período da Revolução Francesa em 1789, que formatava as antigas sociedades, dando forma ao Estado Moderno. Interessante observar que passado mais de 100 anos, o Estado Moderno ainda se impõe com muita força, ainda mais aliado ao neoliberalismo, sobre as mulheres, pois junto ao seu estabelecimento, advieram uma nova forma de “ser” mulher e de “ser” homem, uma nova forma de civilização, de sociedade marcada por um intenso processo de urbanização das cidades e de divisão do espaço público e privado. Compreendo que a parlamentar enquadra a pista de contextualização “falemos alto” com força ilocucionária destinada a conscientizar os valores e as crenças inauguradas pela divisão entre o espaço público e privado os quais estão fortemente relacionados a uma “essência” feminina e a uma “essência” masculina. Ainda na ocasião do pronunciamento da expressão “*falemos mais alto*”, a senadora Grazziotin tem em vista promover a reflexividade sobre o poder subordinador implicado na inauguração da existência do indivíduo enquanto sujeito. A reflexividade seria em relação ao poder falocrático implicado desde a edificação do Estado Moderno. Ou não seria uma questão de poder alijar as mulheres do direito ao exercício de algo tão caro para a modernidade: a cidadania? Isso se confirma quando, mais adiante, ela reenquadra a força ilocucionária de seu discurso para outra força que promova nos homens

“vergonha” pelo *status quo* da sociedade brasileira em pleno século XXI, assinalado pela mesma em referência aos dados identificados por dois mapas, a saber, que enquanto num o Brasil está no topo da lista entre os países em que mulheres mais sofrem violência dos homens, noutra está lá embaixo como um dos países com poucas mulheres no Parlamento.

Os eventos de fala da senadora Grazziotin são constituídos pela reciclagem de expressões pronunciadas na mesma sessão solene como, por exemplo, “*gritando*” que em nada sofreu alterações, pelo contrário, foi reforçada pela mesma, por reenquadramentos de forças ilocucionárias, — já que relaciono enquadre ao ato de fala ilocucionário austiniano — que visam provocar efeitos de conscientização e de vergonha aos homens, bem como por retransposições em seu tom de voz que fica mais alterado em momentos quando a parlamentar mostra não concordar, não engolir mesmo, o fato de a mulher ser objeto do olhar masculino, ao sofrer violência doméstica, mesmo financeiramente independente. É o que podemos observar por meio das pistas de contextualização: “*uma propriedade sua*” e “*ele manda e ela obedece*”. Interessante observar a força da historicidade de sentidos, de significações inscritas em contextos Outros que transbordam, algo assinalado nas pistas contextuais “*educar os meninos*” para que possamos subverter a ordem social falocêntrica estabelecida, que determina que os afazeres de uma casa como “varrer”, “cuidar das crianças” e “lavar louça” são de responsabilidade exclusiva das mulheres. A força ilocucionária do enquadre alerta para o quanto é necessário promover mudanças no cotidiano, nas “águas barrentas” da sociedade, e não esperar que as mesmas venham de cima para baixo, que implica mudanças na forma de educar os homens ainda na infância. A sugestão de Grazziotin se trata de algo que também foi proposto por Nísia Floresta, considerada a primeira feminista brasileira, no período colonial. Nísia argumentou em defesa da formação intelectual das mulheres, para emancipação das mesmas, mais como estratégia para deslocar o falocentrismo que determinava a subordinação da mulher ao homem, pois via na mudança intelectual feminina a possibilidade mudança na formação dos homens, uma vez que, a educação dos filhos competia às mulheres.


As pistas contextuais na trajetória de socialização dos eventos de fala na performance da senadora ora analisada sinalizam outro reenquadramento de uma força ilocucionária que almeja efeitos, talvez, de “constrangimento” para os homens, pois se a mulher, no período da revolução industrial, “*tirou a saia, vestiu a calça, colocou a bota e foi para a rua trabalhar*”, esse ato de coragem não se deu para os homens que “*tinham que colocar o avental e ir para dentro de casa ajudar suas companheiras*”. A propósito das mudanças de *footing*, elas ocorrem por meio de retransposições no seu tom de voz, apesar de seu discurso ser pronunciado devagar, marcado por micropausas, entonação contínua e

ascendente, ao passo que ênfases lexicais como, por exemplo, em *”sua carreira prejudicada”* assinala para uma mudança de *footing* mais tensa e aguerrida. Por fim, semelhante ao pronunciamento da senadora Kátia Abreu, no momento em que a senadora Vanessa evidencia o quanto a carreira profissional de uma mulher é prejudicada pela maternidade. Compreendo que para a senadora, a maternidade não se trata de um fardo, mas, como bem colocou Kátia Abreu, *“se nós, mulheres, cuidamos de nossos filhos ou de nossas casas, nós o fazemos por responsabilidade e, muitas vezes, por uma opressão profundamente machista”*.



### 9.3.3 “Aliás, qualquer homem que prega uma sociedade igualitária tem que, por excelência, nos atos e nas atitudes, ser feminista”.

**Excerto 3- Pronunciamento do Senador RANDOLFE RODRIGUES, Bloco/REDE – AP, em 08 de março de 2017.**


(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
17h16	<p>910. Sr<sup>a</sup> Presidente, Senadora Gleisi Hoffman, Senadora Fátima, Senadora Ângela Portela, em especial as Sr<sup>as</sup> Senadoras, senhoras e senhores que assistem a esta sessão, é <u>fundamental</u>, na data de hoje (.) , em especial para ser destacado na data de hoje, não só ressaltar o papel, a função, a atribuição das mulheres na sociedade; aliás, o princípio da data de hoje é <u>o reconhecimento de uma sociedade desigual que temos ?</u>. <i>A condição de ser feminista não é condição apenas para as mulheres (.), é uma condição também para os homens. Aliás ?, qualquer homem que prega uma sociedade igualitária (.) tem que, por excelência, nos atos e nas atitudes, ser feminista ? &gt; =</i></p>	

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
17h20	<p>913. = &lt; <i>Nós temos um país de traço patriarcal ?, um país legatário ?da herança portuguesa ?, um país que, na sua primeira ordem jurídica civil ?, viu-se, as Ordenações Filipinas tratavam a mulher e o escravo negro como coisa. Aliás, o crime de adultério, para a mulher, era apenado com a morte; e, para o homem, era perdoado. Era assim o trato das Ordenações Filipinas, a primeira ordenação jurídica civil existente &lt; = 914. = &gt; <i>Nós temos por legado um machismo intrínseco à sociedade brasileira, que é legatária de uma tradição patriarcal e patrimonialista portuguesa. São traços profundos em nossa sociedade. Assim também são legados disso as reformas propostas pelo Governo do Senhor Michel Temer, em especial, Senadora Gleisi, a reforma previdenciária. EIS AÍ UMA REFORMA MACHISTA, MISÓGINA E SEXISTA, porque o princípio elementar que está consoante na nossa Constituição, que assegura às mulheres terem aposentadoria diferente dos homens e jornada de trabalho diferente dos homens, é constante no caput do art. 5º &lt; =</i></i></p>	
18h24	<p>1088. É que o Sr. Presidente Renan Calheiros destacou ainda há pouco, e muito bem o fez (.), lamentou (.), a frase triste (.) ainda há pouco (.) &gt; do Senhor Presidente da República&lt;. &gt;Ocorre, Srª Presidente&lt;, que (.) cada vez piora <u>mais</u> ?. O medievalismo (.) &gt;do Presidente da República&lt; (.) foi capaz de (.), numa só tarde (.)</p>	

(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h24	<p>&gt; do Dia Internacional da Mulher&lt;, fazer (.), pronunciar (.) <u>duas manifestações</u> amplamente sexistas . . A última está agora na <i>Folha</i> (.), o <i>Senhor Presidente da República, Senador Lindbergh, diz</i> – &gt; abre <u>aspas</u> &lt;: "<i>Tenho convicção do que a mulher faz pela casa</i>", <u>diz</u> <i>Temer no Dia da Mulher. Ou seja, o medievalismo, o sexismo, o machismo do Senhor Presidente da República</i> (.), <u>no Dia da Mulher</u> ? , cada vez só piora. É lamentável, Presidente, é lamentável.</p>	

As pistas de contextualização (re)produzidas na trajetória de eventos de fala do senador Randolfe Rodrigues evidenciam um esquema interativo de conhecimento marcado por uma plataforma feminista, provocando um deslocamento de “traços” de significações sexistas, uma vez que, o contexto histórico e o contexto de situação no qual o parlamentar pronuncia o seu discurso é composto por uma maioria de parlamentares homens e, muito mais do que isso, com posicionamentos que sinalizam para a força da historicidade de sentidos de uma cultura machista secular.

A primeira pista contextual que confirma um deslocamento e ressignificação de sentidos num contexto social ainda marcado por uma maioria esmagadora de homens é o entendimento do parlamentar sobre a condição de “ser” feminista como algo que se trata de “*uma condição também para os homens*”. O termo “feminista” é reenquadrado logo em seguida, no parágrafo 910, com uma força ilocucionária que chama a responsabilidade daqueles que se pronunciaram e se pronunciam em favor de uma sociedade simétrica para homens e mulheres quando diz “*Aliás, qualquer homem que prega uma sociedade igualitária tem que, por excelência, nos atos e nas atitudes ser feminista*”. Feminismo consiste num posicionamento político contra uma cultura e estruturas sociais orientadas, nos termos de Bourdieu (2010), pelo princípio “falo-narcísico”. A trajetória de eventos de fala do parlamentar sinaliza para um esquema interativo de conhecimento reflexivo, ou seja, subversivo do poder de uma ordem cultural e social falocrática estabelecida há séculos nos mais diversos contextos *praxiológicos*. Compreendo que os efeitos dos eventos de fala do




então presidente, na época, Michel Temer retroagiram assumindo outra forma de enquadre, com outra força ilocucionária, pois enquanto este ao dizer que “*tenho convicção do que a mulher faz pela casa*” indica um enquadre de reconhecimento da função da mulher no lar, na família, na educação dos filhos, na administração do orçamento doméstico, aquele reenquadra com força ilocucionária que avalia negativamente o evento de fala ora citado.

O senador Rodrigues retranspõe seu tom de fala de um inicialmente tranquilo, marcado por pausas breves, em vários momentos, para um mais acelerado, com ênfase lexical nas pistas contextuais como “*abre aspas*”, “*duas manifestações*” e “*lamentou*”. Quanto a fala acelerada foi possível observar nas seguintes pistas “*Ocorre, senhora presidente*”, “*do dia internacional da mulher*”, “*do senhor presidente da república*”, algo que indica a performance de um *footing* dinâmico, ou seja, de uma postura, alinhamentos dinâmicos. Mas não é o que acontece, pois a postura do senador não é marcada por rupturas nas formas do movimento de seu corpo, pelo contrário, a sua fala é dinâmica, mas a sua postura não é marcada por diferentes movimentos, mas sinaliza um alinhamento firme.

#### 9.3.4 “E a gente viu o que fizeram contra a Presidenta Dilma: machismo, sim; misoginia, sim. Montou um governo só de homens”.

**Excerto 4- Pronunciamento do Senador LINDBERGH FARIAS, Bloco/PT – RJ, em 08 de março de 2017.**





(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h40	1131. < Eu quero começar neste dia de hoje (.) homenageando a <i>Presidenta Dilma Rousseff</i> > (.) <sub>2</sub> que, para mim (.), continua sendo uma Presidenta eleita democraticamente pelo povo brasileiro. E > NÃO ADIANTA PROTESTAREM AQUI <, porque esse golpe contra a Presidenta Dilma (.) foi um golpe recheado de <u>MACHISMO E DE MISOGINIA.</u>	

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h40	<p>1132. Eu quero aqui homenagear <u>todas as mulheres</u> ? de todos os partidos, <i>mas a resistência a esse golpe que houve aqui no nosso País</i> (.) <i>teve a cara de Senadoras mulheres</i> (.), <u>valentes</u> (.), <u>bravas</u> (.), <i>e tenho muito orgulho</i> (.) <i>de fazer parte da Bancada com elas</i> (.) <i>e de conviver aqui no Senado.</i></p> <p>1133. &gt; Eu sei que tem muita gente arrependida &lt; (.) do que houve no País, do que a gente está enfrentando (.), o aprofundamento da crise econômica (.). <i>Agora</i> (.), <i>não é natura</i> (.)<i>l, num dia como este</i> (.), <u>O PRESIDENTE DA REPÚBLICA</u> <i>fazer um pronunciamento, o Presidente Temer... Está aqui ?</i> (.) <i>na Folha de S.Paulo, como falou o Senador Randolfe, a declaração é a seguinte</i> (.): "<i>Tenho convicção</i> (.) <i>do que a mulher faz pela casa</i>". <i>Essa é uma declaração do século XIX, que não entende o que nós somos hoje</i> (.), <u>os avanços, as conquistas das mulheres.</u> E tem outra que eu tiro do jornal <i>O Globo</i>, &gt; Senador Armando Monteiro:&lt; &lt;"Na economia também (.) a mulher tem grande participação (.). Ninguém mais é capaz de indicar &gt; &gt;<u>os desajustes de preços dos supermercados</u>&lt; do que a <u>mulher</u>".</p>	

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h40	1134. <u>Esse é o Presidente da República</u> que assumiu depois de um golpe (.). E a gente viu o que fizeram contra a Presidenta Dilma ? : > machismo, sim; misoginia, sim <. <i>Montou um governo só de homens</i> (.). <i>Foi preciso uma pressão gigantesca &gt; para colocarem a Ministra da AGU agora &lt; ?, depois de tudo . .</i>	
18h44	1137. E aqui eu me recordo de <i>uma outra declaração extremamente machista</i> (.), desta vez do <i>Ministro da Saúde</i> (.), <i>Ricardo Barros</i> ?, que, em determinado momento (.), deu a seguinte declaração (.): < “ <i>Os homens trabalham mais</i> (.), <i>são os maiores provedores das famílias</i> (.) e, <i>por isso, cuidam menos da saúde</i> ” >. Não, Sr. Ministro da Saúde @@@, <u>as mulheres trabalham 7,5 horas a mais por semana do que os homens</u> . É a dupla jornada ?	 
18h48	1149. <i>É importante</i> ? (.) <i>que essa luta pelo feminismo</i> (.), <i>pela liberdade ? das mulheres</i> . . , <i>seja uma luta também assumida por homens</i> ?, que têm que entender (.) que <u>A LIBERDADE ? DAS MULHERES ?</u> é fundamental para construirmos um mundo diferente, com mais justiça.	

(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
18h52	<p>1151. &gt; E eu trago aqui – e encerro novamente &lt; ? –, com muito orgulho, desta Tribuna ?, <u>EU HOMENAGEIO ESSA MULHER GUERREIRA, VALENTE E HONESTA ? : DILMA VANA ROUSSEFF. ELA MERECE, SIM, ser lembrada neste dia de hoje ? , porque ela foi vítima de UM GOLPE ? MACHISTA, BASEADO EM MISOGINIA, como está claro nas declarações desse PRESIDENTE IMPOSTOR ?</u>, Michel Temer (.) . , &gt; que, no dia de hoje, mostra &lt; ...</p> <p>1153. ...<u>QUE, NO DIA DE HOJE, mostra a sua limitação . &lt; com declarações (.) que parecem vir do século XIX &gt; . .</u></p> <p>1154. Viva o dia 8 de março!</p>	


Na performance corpóreo-discursiva do senador Lindbergh Farias, na ocasião da sessão solene ocorrida em 08 de março para homenagear o Dia Internacional da Mulher, as “pistas de contextualização” que sinalizam para uma reflexividade marcada pela recursão-retroação, ou seja, para rupturas com significações clássicas de estereótipos de gênero, e a constituição de ressignificações identitárias de gênero são: “machismo e misoginia”, “declaração do século XIX”, “mulheres valente, bravas”, “um governo só de homens”, “a liberdade das mulheres”, “mulher guerreira e valente”, “essa luta pelo feminismo [...] seja uma luta também dos homens”. A “trajetória de socialização” do parlamentar é constituída pela “reciclagem” que consiste nas identificações culturais e sociais de gênero de Michel Temer, na época, presidente do Brasil, a propósito do “ser” mulher. Diga-se de passagem, entendimento este sobre o “ser” mulher fundamentado no “princípio falo-narcísico” (BOURDIEU, 2008). O encadeamento de eventos de fala ocorre com muitas ênfases, voz alta, entonação descendente e ascendente, pausas, risos irônicos, e alguns momento o texto é falado rapidamente, outros devagar. As “retransposições” sinalizam para mudanças de

“*footing*”, ou seja, para mudanças corporais relacionadas ao modo como enquadra a sua fala quando aborda, principalmente o tema do “impeachment” da ex-presidenta Dilma Rousseff. Ao contestar o discurso de Temer, Lindbergh Farias alinha seu discurso de diferentes modos, por exemplo, no momento em que diz “e não adianta protestarem não” consiste num alinhamento em relação aos adversários dos governos petistas de Lula e Dilma, e numa performance corporal e discursiva mais ostensiva, justamente marcada pela ênfase e a voz alta. A “trajetória de socialização” do parlamentar é constituída por contestações que giram em torno do modo como a ex-presidenta Dilma Rousseff foi retratada na época de seu processo de impeachment, bem como em torno do discurso proferido por Michel Temer, na condição de presidente, na ocasião do Dia Internacional da Mulher sobre a importância da própria mulher na sociedade reconhecida de modo simplista, redutor e tradicional. As performances corpóreo-discursivas do senador são marcadas por rupturas e retroações, ou seja, rupturas com o paradigma ocidental tradicional de gênero que dão forma a ressignificações identitárias de gênero na “pista de contextualização” “essa luta pelo feminismo [...] seja uma luta também dos homens”, momento em que se refere a luta secular feminista contra a subordinação da mulher na sociedade, não somente ao homem, mas a uma ordem social machista idealizada, essencialista.



**9.3.5 “mas dos que eu ouvi, foram poucas as mulheres que se referiram às mães e dos homens que eu tenho escutado, todos reverenciam a genitora”.**

**Excerto 5- Pronunciamento da Senadora MARTA SUPLICY, PMDB – SP, em 08 de março de 2017.**



(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
19h12	1212. < Está acontecendo uma coisa interessante, porque <i>eu não ouvi todos os depoimentos das mulheres (.) e nem todos os dos homens, mas dos que eu ouvi (.) , foram poucas as mulheres que se referiram às mães (.) e dos homens que eu tenho= =escutado, todos reverenciam a genitora. Isso é motivo para a gente pensar (.) no</i>	


(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
19h12	<p>sentido que foi colocado mais em relação (.) a uma reverência à figura materna, ao carinho. Eu ... estou aqui porque <i>minha mãe foi quem me ensinou o amor dado pela mãe, o aconchego da família e (.) menos foi colocado (.) em relação às conquistas das mulheres.</i> &gt; Não estou dizendo que é certo ou errado &lt; . É uma constatação que eu estou fazendo do pouco que eu ouvi das mulheres e dos homens que aqui falaram. ((TEXTO FALADO DEVAGAR, MAS ININTERRUPTAMENTE))</p> <p>1213. &lt; Agora vamos (.) ter a palavra do Senador Armando Monteiro (.) e <i>vamos ver se continua com essa ênfase @@@ ou se vamos ter uma outra abordagem @@@</i> &gt;. ((TEXTO FALADO DEVAGAR, MAS ININTERRUPTAMENTE))</p>	
20h	<p>1333. &lt; Eu gostaria de dizer uma palavra. Logo que V. Ex<sup>a</sup> mencionou a questão da... Como foi uma sessão muito informal, houve uma conversa com o Senador Rocha, com o Senador Paim, que estava presidindo, e aí V. Ex<sup>a</sup> entrou também na conversa. E (.) foi muito bom @@@ (.), <i>porque nos propiciou uma reflexão (.) que é algo muito comum que nós, mulheres, escutamos dos políticos (.): "Vocês não querem." V. Ex<sup>a</sup> até mencionou a sua filha, que se dedicou a buscar candidatas, mas as mulheres não queriam.</i> Eu acredito que isso é absolutamente verdadeiro. <i>A maioria das</i></p>	

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
20h	<p><i>mulheres não quer ' &gt; <u>E ELAS TÊM TODA A RAZÃO EM NÃO QUERER</u> ? . Sabe por quê? (.) Porque elas vão concorrer para <u>não ganhar</u> ? . Elas vão concorrer para fazer número. Elas não têm oportunidade igual, <u>NÃO TÊM O RECURSO DOS CANDIDATOS, NÃO TÊM O APOIO DO PARTIDO</u> &lt; e elas realmente, passado o tempo, perceberam isso. E com as cotas – fui eu que fiz as cotas, vinte anos atrás – nós achamos que isso tenderia a mudar. <i>O que nós percebemos é que as mulheres não são tontas. Elas não querem mais fazer esse papel. Elas querem ter o direito de concorrer e poder ganhar ' &gt;.</i></i></p> <p>((TEXTO FALADO DEVAGAR, MAS ININTERRUPTAMENTE))</p>	
20h04	<p>1334. &lt; Como nós percebemos que fizemos <u>VÁRIAS TENTATIVAS</u> e <u>isso não foi possível nesta sociedade, que ainda é bastante machista, nós resolvemos ter outra atitude, <u>Senadoras e Deputadas. Estamos propondo essa possibilidade de cadeiras.</u></u> Não é mais cota para poder concorrer, porque isso <u>nós vimos na prática ? por mais de uma década</u> . : não funciona ' &gt;.</p> <p>((TEXTO FALADO DEVAGAR, MAS ININTERRUPTAMENTE))</p> <p>1335. &lt; Agora, quero que V. Ex<sup>a</sup> volte a <u>Rondônia e pergunte a <u>essas mulheres</u> se, com garantia de cadeiras, <u>elas não vão se</u></u></p>	

(continua)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
20h04	<p><i><u>matar</u> ? para saber quem vai entrar – <u>vão</u> ? . Vão porque aí é alguma coisa em que elas têm certeza que vão ter uma oportunidade, uma oportunidade de concorrer com seus pares, com as mesmas oportunidades. Isso vai fazer <u>uma enorme diferença</u>. E as pesquisas mostram que, se não fizermos uma ação afirmativa, que é o nome que se dá a isso, nós vamos demorar no Senado para ter... Do jeito que a coisa anda, nós vamos demorar @@@ até 2118 para termos não uma equidade de 50%, mas 30% de mulheres @@@ – e isso não quer dizer que sejamos melhores ou piores &gt; .</i></p> <p>((TEXTO FALADO DEVAGAR, MAS ININTERRUPTAMENTE))</p> <p>1336. &lt; Eu acho que V. Ex<sup>a</sup> mencionou – e eu gostei muito dessa parte – que <i>a mulher tem outra experiência</i> (.). <i>A mulher tem outra experiência: nós cuidamos nos idosos, nós cuidamos das crianças, nós cuidamos dos doentes. Essa experiência – que não é de uma geração, é uma experiência de séculos – nos faz trazer <u>para o Senado Federal</u> alguma coisa diferente da <u>experiência masculina</u>. Nem melhor, nem pior: <u>diferente</u> . . É isso que nós queremos &gt; .</i></p> <p>((TEXTO FALADO DEVAGAR, MAS ININTERRUPTAMENTE))</p>	



(conclusão)

Horário	Dimensão linguístico-discursiva	Dimensão somática
20h04	<p>1337. &lt; Quando V. Ex<sup>a</sup> diz: "Tem que começar nas câmaras, tal...", (.) Senador, o senhor provavelmente não estava aqui no dia da votação. Nós votamos o projeto, o projeto que dá agora <u>cadeiras às mulheres Deputadas</u>. Passou neste Senado, está na Câmara. Nós vamos ter no primeiro ano 10% de cadeiras – <u>cadeiras</u> ? , não é mais vaga para concorrer – para as Deputadas; depois de quatro anos, 12%; depois de mais quatro anos, 16%; e, aí, a gente espera que as mulheres prossigam já com <u>uma possibilidade muito mais forte</u> do que tivemos até hoje. Acredito, Senador, que essas discussões vão ... correr aqui no Parlamento e espero que nós possamos criar (.) uma sensibilidade na Casa &gt; .</p> <p>((TEXTO FALADO DEVAGAR, MAS ININTERRUPTAMENTE))</p> <p>1338. &lt; Agora nós estamos fazendo um debate @@@, mas está muito bom, acho que aqui ninguém está reclamando @@@. Então, nós podemos ouvir V. Ex<sup>a</sup>. Deixa eu pôr o tempo aqui. Vou pôr quatro minutos e...</p> <p>((TEXTO FALADO DEVAGAR, MAS ININTERRUPTAMENTE))</p>	

Na “trajetória de socialização” da senadora Marta Suplicy, as “pistas de contextualização” identificadas foram: “mães”, “reverenciam a genitora”, “uma reverência à figura materna”, “carinho”, “conquista das mulheres”, “nós mulheres escutamos dos políticos: vocês não querem”, “oportunidade igual, não tem recurso dos candidatos, não tem o apoio do

partido”, “as mulheres não são tontas”, “elas não querem mais fazer esse papel”, “o direito de concorrer e poder ganhar”, “sociedade machista”, “a mulher tem outra experiência”, “cuidamos dos idosos”, “cuidamos das crianças”, “cuidamos dos doentes”. As “pistas” linguístico-discursivas demonstram o quanto a subjetividade da parlamentar é constituída por “esquemas interativos de conhecimento” ressignificados em relação a uma matriz cultural heteronormativa de gênero e a uma ordem social falocêntrica, machista. Se as relações culturais e sociais de gênero, ao longo dos contextos de *práxis* humana ocidentais, estão fundamentadas no “princípio falo-narcísico” (BOURDIEU, 2008), que pressupõe a superioridade do homem frente à mulher, justificando a subordinação feminina como algo “natural”, e se o indivíduo é constituído como sujeito na subordinação, ou melhor, se mulheres e homens são constituídos como sujeitos *na* e *pela* sujeição imposta por uma formação discursiva de poder, como é o caso do falocentrismo, os “esquemas interativos de conhecimento” da parlamentar, por mais que tenham sido fundados pelo poder assujeitador falocrático, sinalizam um movimento reflexivo que subverte as significações de tal poder. Ao que parece, ela reitera e enquadra sentidos de estereótipos clássicos de gênero, ao entextualizar discursos históricos ao dizer “cuidamos das crianças”, com força ilocucionária contestadora. Ao argumentar com o senador Ivo Cassol a respeito do seu entendimento que as mulheres não querem se arriscar na política é nítida a mudança de *footing* e a “retransposição” performativizada pela senadora. Ou seja, Marta Suplicy realinha a sua postura, projetando-se para o senador Cassol com ênfase, voz alta e voz acelerada, como, por exemplo, quando diz “elas tem toda razão em não querer”, “elas vão se matar” e “uma enorme diferença”, embora ao longo de sua performance corpóreo-discursiva, o seu pronunciamento seja marcadamente devagar, mas ininterrupto, com raras pausas.

#### 9.4 RESULTADOS

Como resultado, busquei identificar os tipos de regimes de inteligibilidade dos (as) senadores (as) que interagiram na sessão solene de 08 de março em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, se sinalizavam para a predominância de uma formação discursiva de poder falocêntrica, masculinista, machista, ou para uma plataforma feminista, ou para ambas de modo complementar, ou seja, com foco na relação dos parlamentares com sentidos históricos categorizados em estereótipos de gênero.

Dessa forma, as performances corpóreo-discursivas analisadas sinalizaram para relações concorrentes, contraditórias e complementares entre inteligibilidades de gênero

falocrática e/ou feminista, e para um contexto histórico *praxiológico* marcadamente tenso, não somente pelas divergências partidárias e interesses específicos, mas constituídos por significações que asseguram o *status quo* de uma ordem cultural e social machista, mas também por significações subversivas de gênero em relação a “naturalidade” de sentidos da referida ordem histórica.

<b>Performances corpóreo-discursivas de estereótipos de gênero</b>	
Inteligibilidade marcadamente falocêntrica: Concorrente e antagônica em relação às significações de uma plataforma feminista.	Senador Eunício Oliveira Senador Ataídes Oliveira Senador Ivo Cassol Senador José Medeiros Senador Magno Malta
Inteligibilidade marcadamente feminista: Concorrente e antagônica em relação às significações machistas, falocráticas.	Senadora Gleisi Hoffman Senadora Vanessa Grazziotin Senadora Marta Suplicy Senador Randolfe Rodrigues Senador Lindbergh Farias
Inteligibilidade ambivalente: Concorrente, antagônica e complementar entre significações históricas falocêntricas e feministas.	Deputada Federal Benedita da Silva Senadora Kátia Abreu Senador Renan Calheiros

## 10 CONCLUSÃO

A sessão solene de 08 de março de 2017 para comemorar o Dia Internacional da Mulher, —consagrado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975, e agraciado com o diploma Bertha Lutz, instituído pela Resolução do Senado Federal nº 2, de 2001, cuja finalidade é agraciado pessoas que, no País, tenham oferecido contribuição relevante à defesa dos direitos da mulher e questões de gênero, realizada no Congresso Nacional, especificamente no Senado Federal, em Brasília- DF —, esteve marcada por tensões sociais e políticas, tendo em vista o processo de impeachment, ocorrido no ano anterior, da ex-presidenta Dilma Rousseff, primeira mulher eleita por voto popular e democrático na história brasileira, após mais de 100 anos de República, bem como as diversas manifestações femininas/feministas que estouraram em vários lugares do mundo.

Na referida ocasião, observei nas performances corpóreo-discursivas dos (as) senadores (as) brasileiros (as), apoiada na categoria “pistas de contextualização”, a ocorrência de inteligibilidades acerca da questão de gênero complementares, concorrentes e antagônicas, pois umas retroagiam sobre as outras, ora deslocando, ora assegurando, ora ressignificando sentidos linguístico-discursivos e somáticos de estereótipos de gênero. Os discursos “reciclados” como, do então presidente na época, Michel Temer, que em rede nacional argumentou de modo simplista e redutor o quanto a mulher é importante para a economia brasileira pelo compromisso dela com as tarefas cotidianas do lar, neste caso, com a alimentação, a subsistência da família, provocou intensas reações favoráveis e contra ao seu entendimento sobre a competência da mulher reduzida aos domínios da esfera privada.

Em tais “reciclagens” como ocorreram nos discursos dos senadores Renan Calheiros (PMDB-AL), Lindbergh Farias (PT-RJ) e Randolfe Rodrigues (REDE-AP), contrários à inteligibilidade de Temer a respeito do papel da mulher na sociedade em pleno século XXI, ocorreram “retransposições” marcadas por ênfases, voz alta e entonações ascendentes, algo semelhante ocorrido nos discursos dos senadores José Medeiros (PSD-MT) e Ataídes Oliveira (PSDB-TO), neste caso, favoráveis ao pronunciamento de Temer. “Reciclagens” também ocorreram nas performances corpóreo-discursivas a propósito do modo como foi conduzido o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, a saber, atravessado pelo machismo e pela misoginia, no discurso da deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ) e das senadoras Kátia Abreu (PMDB-TO), Gleisi Hoffman (PT-PR) e Vanessa Grazziotin (PC do B-AM). Os (re) alinhamentos nas performances da senadora Kátia Abreu e

da deputada Benedita da Silva foram constituídas por ávidas ênfases, tonalidade alta de voz, entonações ascendentes e engatamentos ininterruptos na cadeia de fala, estes nos momentos de ênfase, movidas de indignação contra a cultura e a sociedade machista brasileira em pleno século XXI, e pelo modo como esta dita cultura e sociedade conduziram o processo de impeachment, não de um homem, mas de uma mulher. Ou seja, a fala tanto da deputada quanto da senadora foram (re)enquadradas com força ilocucionária de questionamento e reivindicação, semelhantes aos eventos de fala do senador Lindbergh Farias (PT-RJ), já mencionado aqui.

Já a performance corpóreo-discursiva do senador Magno Malto (PR-ES) sinaliza para um inteligibilidade de gênero machista, semelhante ao do senador José Medeiros (PSD-MT), também já mencionado aqui. Magno Malta sugere um desprezo pelas significações performativizadas no discurso de Dilma Rousseff na época em que foi presidenta, perdendo de vista a importância histórica de ressignificar a cultura machista e misógina brasileira, inclusive na política nacional e regional, através do uso da linguagem, desprezo este percebido nas “pistas de contextualização” “Sr. Presidente ... Sra. Presidenta, não, presidente mesmo. Negócio de presidenta, esse trem acabou”. O discurso de Malta é marcado por pausas, pronunciado num ritmo devagar, com ênfases que colocam em relevo estereótipos clássicos de gênero, bem como ênfases que desprezam a importância do dia 08 de março como data simbólica de luta das mulheres, femininas e feministas contra a subordinação ao homem, à hierarquização no plano da casa, do lar, da família, e no plano das instituições públicas, das esferas de poder público e político, algo evidenciado na “pista de contextualização” “Eu jamais cometeria o erro de politizar este momento”. A fala de Magno Malta não corresponde ao contexto de situação, trata-se de um discurso concorrente ao significado do Dia Internacional da Mulher.

Em suma, o cenário político brasileiro não é constituído somente por tensas relações sociais partidárias, mas por tensas relações de gênero. A análise mostrou que as mulheres não querem mais ser reconhecidas na sociedade pelo papel de boa “dona de casa”, algo observado também no discurso de alguns parlamentares homens. A teia de acontecimentos políticos na ocasião da sessão solene, diga-se de passagem, num espaço de poder público e político, no qual podemos dizer que existe paridade entre os gêneros que lá estão situados, esteve atravessada por “acidentes” históricos que eclodiram como contraprocessos para dismantelar o curso dos acontecimentos que têm sido construídos por meio de muitas lutas e embates empreendidos por mulheres militantes, ativistas, negras, burguesas, proletárias, intelectuais, agricultoras, dentre tantas outras, ao longo dos contextos

de *práxis* humana, e, mais especificamente, desde a emergência das sociedades modernas, do Estado Moderno, edificado com o alijamento das mulheres do direito ao exercício do poder público e político.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Claudiana Nogueira de; FERREIRA, Dina Maria Martins. Noção de contexto: uma canseira conceitual ad infinitum e ad nauseam. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, DF, v.13, n.1, p. 187-202, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/11613/10223>>. Acesso em: 20 jun. 2013.
- ALMEIDA, Fabio Sampaio de. **Uma docente em prova de seleção**: entextualizações de performances corpóreo-discursivas. 2014. 254 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Faculdade de Letras, Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- AMORÓS, Célia. Movimentos feministas e ressignificações linguísticas. In: TIBURI, Marcia; VALLE, Bárbara (Orgs.). **Mulheres: filosofia ou coisas do gênero**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2008. p. 12-39.
- ANDREUCCI, Ana Claudia Pompeu Torezan; BERTOLIN, Patrícia Tuma Martins; (Orgs.). **Mulher, sociedade e direitos humanos**. São Paulo: Rideel, 2010.
- ARAÚJO, Clara. Feminismo e poder político, uma década depois. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe (Orgs.). **Teoria política e feminismo: abordagens brasileiras**. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2012. p. 243-267.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.
- BARBIERI, Teresita de. Sobre la categoria gênero: una introduccion teorico-metodologica. **Debates en Sociología**, São Paulo, SP, n. 18, p.145-169, 1993. Disponível em: <<http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/debatesensociologia/article/view/6680/6784>>. Acesso em: 18 jul.2016.
- BAUMAN, Richard. Fundamentos da performance. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 29, n. 3, p. 727-746, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/sociedade/article/view/5920>>. Acesso em: 24 dez. 2018.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. **Annual Reviews of Anthropology**, Columbia, v. 19, p. 59-88, 1990. Disponível em: <<https://arjournals.annualreviews.org>> . Acesso em: 18 maio. 2017.
- \_\_\_\_\_. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, SC, v. 8, n.1 e 2, p. 185-229, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/issue/view/141>>. Acesso em: 24 dez. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BHABHA, Homi. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso colonial. In: \_\_\_\_\_. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2010. p. 105-128.

BLAY, Eva Alterman. 8 de março: conquistas e controvérsias. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, v.9, n.2, p. 601-607, 2001. Seção Ensaio. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200016>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

BLOMMAERT, Jan. Contexto é/ como crítica. Tradução Daniel do Nascimento e Silva e Clara Dornelles. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Situar a linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 91-115.

BLOMMAERT, Jan; RAMPTON, Ben. Language and superdiversity: a position paper. **Working Papers in Urban Language & Literacies**, Londres, Reino Unido, paper 70, p.1-22, 2011. Disponível em: < <https://www.kcl.ac.uk/ecs/research/research-centres/ldc/publications/workingpapers/the-papers/70.pdf> >. Acesso em: 08 jan. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 8. ed. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 11. ed. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 11. ed. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 2011.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

\_\_\_\_\_. **Excitable Speech: a politics of the performative**. London: Routledge, 1997.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3. ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CAMERON, Deborah. Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (Orgs.). **Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 129-149.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda., 2010.



CHABAUD-RYCHTER, Danielle *et al.* (Org.). **O gênero nas ciências sociais: releituras de Max Weber a Bruno Latour.** Tradução Lineimar Pereira Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

COLLINS, James. Indexicalities of language contact in an era of globalization: engaging with John Gumperz's legacy. **Working Papers in Urban Language & Literacies**, Londres, Reino Unido, paper 48, p.1-12, 2007. Disponível em: <<https://www.kcl.ac.uk/ecs/research/research-centres/ldc/publications/workingpapers/the-papers/48.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global: compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – no mundo contemporâneo.** Tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dirs.). **História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI.** Tradução Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CRETTEZ, Xavier. **As formas da violência.** Tradução Lara Christina de Malimpensa e Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

DEL PRIORI, Mary (Org.). **Historia das mulheres no Brasil.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2. ed. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DERRIDA, Jacques. Assinatura, acontecimento, contexto. In: \_\_\_\_\_. **Margens da filosofia** Tradução Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. São Paulo: Papyrus, 1991. p. 349-373.

\_\_\_\_\_. **Gramatologia.** 2. ed. Tradução Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUBOIS, Danièle; MONDADA, Lorenza. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CIULLA, Alena; RODRIGUES, Bernadete Biasi (Orgs.). **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

ESMERALDO, Gema Galgani. Ressignificações do feminismo e da política em práticas de mulheres assentadas. In: VALE, Alexandre Fleming Câmara Vale.; PAIVA, Antonio Crístian Saraiva Paiva (Orgs). **Estilísticas da Sexualidade.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. p. 95-113.

ESTRADA, Adrian Alvarez. Os fundamentos da teoria da complexidade em Edgar Morin. **Akrópolis Umarama**, Umarama, PR, v. 17, n. 2, p. 85-90, abr./ jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/2812>>. Acesso em: 13 maio. 2015.

FABRÍCIO, Branca F. *Transcontextos* educacionais: gêneros e sexualidades em trajetórias de socialização na escola. Tradução de Ive Brunelli. In: SILVA, Daniel do Nascimento;

FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (Orgs). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p.145-189.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FERREIRA, Dina Maria Martins. **Discurso feminino e identidade social**. 2. ed. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GAGNEBIN, Jeanne M. No feminino plural. In: TIBURI, Marcia; VALLE, Bárbara (Orgs.). **Mulheres: filosofia ou coisas do gênero**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2008. p. 167-178.

GOFFMAN, Erving. *Footing*. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p.107-148.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GUIMARÃES, Thayse Figueira. **Embates entre Performances Corpóreo-Discursivas em trajetórias textuais: uma etnografia multissituada**. 2014. 200 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Faculdade de Letras, Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

GUMPERZ, John. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p.149-182.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAROCHE, Claudine. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dirs.). **História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Tradução Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 15-34.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do Outro**. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. **A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/ Pontes, 1992.

LE MOIGNE, Jean-Louis. Sobre a epistemologia da complexidade, entrelaçando epistemologia e pragmática. In: MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis (Orgs.). **A inteligência da complexidade: epistemologia e pragmática**. Tradução João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 2007. p. 19-35.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n.80, p. 71-114, 2008. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/rccs/695>>. Acesso em: 25 jul.2013.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio . A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e organização. In: \_\_\_\_\_. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 124-145.

MEY, Jacob L. Sequencialidade, contexto e forma linguística. Tradução de Ive Brunelli. In: SILVA, Daniel do Nascimento; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (Orgs). **Nova Pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014. p.129-144.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Tradução Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2011a.

\_\_\_\_\_. **O método I**: a natureza da natureza. 3. ed. Tradução Illana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. **O método II**: a vida da vida. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

\_\_\_\_\_. **O método III**: o conhecimento do conhecimento. 4. ed. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2012a.

\_\_\_\_\_. **O método IV**: as ideias: habitat, vida, costumes, organização. 6. ed. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

\_\_\_\_\_. **O método V**: a humanidade da humanidade. 5. ed. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: 2012b.

\_\_\_\_\_. Complexidade restrita, complexidade geral. In: MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis (Orgs.). **A inteligência da complexidade**: epistemologia e pragmática. Tradução João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 2007. p. 36-78.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massas no século XX**: neurose. 9. ed. Tradução: Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massas no século XX**: necrose. 3. ed. Tradução: Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

MUSSALIM, Fernanda; FONSECA-SILVA, Conceição. Estereótipos de gênero e cenografias em anúncios publicitários. In: MOTA, Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011. p.139-150.

NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres negras: protagonismo ignorado. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p.82-409.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

PEDRO, Joana Maria. O feminismo de “segundo onda”: corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 238-259.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

PEREIRA, Dulce Valente. **A construção do feminino no discurso de Dilma Rousseff: identidade, performatividade e ethos**. 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

PINTO, Célia Regina J. Feminismo, história e poder. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (Orgs.). **Teoria política e feminismo: abordagens brasileiras**. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2012. p.269-287.

PINTO, Joana Plaza. Linguagem, feminismo e efeitos do corpo. In: SILVA, Daniel do Nascimento; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (Orgs.). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 207-230.

PINTO, Joana Plaza. **Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem**. 2002. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PINTO, Joana Plaza. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. **Cadernos Pagu**, Unicamp, SP, n.33, p. 117-138, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644923>>. Acesso em: 17 jul. 2012.

PRADO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Cultura e política: participação feminina no debate público brasileiro. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p.194-217.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A nova pragmática: fases e feições de um fazer: relato de uma trajetória pessoal. In: \_\_\_\_\_. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 07-19.

\_\_\_\_\_. A irreduzibilidade do ato ilocucionário como fator inibidor do êxito das tentativas taxonômicas. In: \_\_\_\_\_. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 45-65.

\_\_\_\_\_. A pesquisa política e socialmente comprometida em pragmática. In: SILVA, Daniel do Nascimento; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (Orgs). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 101-126.

\_\_\_\_\_. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. **Análise de discurso crítica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica e etnografia: o movimento nacional de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil**. 2008. 332 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. A lógica da complementaridade. In: FERREIRA, Élide; OTTONI, Paulo (Orgs.). **Traduzir Derrida: políticas e desconstruções**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006. p. 197-206.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7.ed. Tradução Pedrinho A. Gareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 343-364.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. **Lutas sociais**, São Paulo, SP, n. 2, p. 59-79, 1997. Disponível em: <[http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v2\\_artigo\\_saffioti.pdf](http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v2_artigo_saffioti.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2014.

SALOMÃO, Maria Margarida. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, MG, v. 3, p. 61-79, 1999. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo35.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

SALOMÃO, Maria Margarida. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: BENTES, Anna Christina; KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria (Orgs). **Referenciação e Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p.151-168.

SÁNCHEZ, Ana. Inato-adquirido: a construção dialógica do feminino e do masculino. In: MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis (Orgs.). **A inteligência da complexidade: epistemologia e pragmática**. Tradução João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 2007. p. 249-260.

SCOTT, Joan Wallach. Gender: a useful category of historical analyses. In: \_\_\_\_\_. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica. S.O.S. corpo: gênero e cidadania**. 2. ed. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife, PE: Instituto Feminista para a Democracia, 1995. p. 01-19.

SILVA, Daniel do Nascimento. **Pragmática da violência: o nordeste da mídia brasileira**. 2010. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SILVA, Daniel do Nascimento; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Violência e significação: uma perspectiva pragmática. In: SILVA, Daniel do Nascimento; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (Orgs.). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 259-283.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. \_\_\_\_\_. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 73-102.

SOIHET, Rachel. Movimento de mulheres: a conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 218-259.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TANNEN, Deborah. Intertextuality in interaction: reframing family arguments in public and private. **Text & Talk**, v.26, n. 4-5, p. 597-617, 2006. Disponível em: <<https://static1.squarespace.com/static/5523ffe4e4b012b2c4ebd8fc/t/5627ea1ee4b0f238d38ada7a/1445456414512/intertextuality+in+interaction.pdf>>. Acesso em: 23 abr.2017.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 183-214.

TOSOLD, Léa. Do problema do essencialismo a outra maneira de fazer política. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe (Orgs.). **Teoria política e feminismo: abordagens brasileiras**. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2012. p. 189-209.

VALLE, Bárbara. Quando calar é dizer. Sobre a linguagem do silêncio em Walter Benjamin. In: TIBURI, Marcia; VALLE, Bárbara (Orgs.). **Mulheres: filosofia ou coisas do gênero**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2008. p.74-86.

VIRGILI, Fabrice. Virilidades inquietas, virilidades violentas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dirs.). **História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Tradução Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 82-115.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. 6. ed. Tradução Marcos G. Montagnoli; revisão da tradução e apresentação Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2009.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reinvindicação dos direitos das mulheres: o primeiro grito feminista**. Tradução e notas de Andreia Reis do Carmo. São Paulo: EDIPRO, 2015.

WORTHAM, Stanton. Socialization beyond the speech event. **Journal of Linguistic Anthropology**, Pennsylvania, EUA, v. 15, n.1, p. 95-112, 2005. Disponível em: <[https://repository.upenn.edu/gse\\_pubs/48/](https://repository.upenn.edu/gse_pubs/48/)>. Acesso em: 25 dez.2018.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Tradução Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

**ANEXOS**



ANEXO A- Notas Taquigráficas<sup>24</sup>: Congresso Nacional- 08 de março de 2017



**CONGRESSO NACIONAL**  
**SECRETARIA-GERAL DA MESA**  
**SECRETARIA DE REGISTRO E REDAÇÃO PARLAMENTAR**  
**3ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA**  
**55ª LEGISLATURA**  
 Em: 8 de março de 2017  
 (quarta-feira)  
 Às 11 horas  
**2ª Sessão Solene**

Horário	(Texto com revisão.)
11:40 <b>R</b>	5. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos. 6. Declaro aberta a sessão solene do Congresso Nacional destinada a comemorar o Dia Internacional da Mulher e entregar o Diploma Bertha Lutz em sua 16ª edição. 7. O Diploma Bertha Lutz, instituído pela... 8. Está sem som? Eu pediria para subir um pouquinho o som aqui. 9. O Diploma Bertha Lutz, instituído pela Resolução do Senado Federal nº 2, de 2001, destina-se a agraciar pessoas que, no País, tenham oferecido contribuição relevante à defesa dos direitos da mulher e questões de gênero. 10. O nome do diploma é uma homenagem à ex-Deputada Federal Bertha Maria Júlia Lutz, líder da luta pelos direitos políticos das mulheres, que se empenhou pela aprovação da legislação que deu a elas o direito de votar e de ser votadas. 11. Eu gostaria de registrar também aqui, neste plenário, a presença da ex-Senadora Emília Fernandes, autora do projeto de resolução que instituiu o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz. Seja bem-vinda, Senadora. ( <i>Palmas.</i> ) 12. Eu convido, para compor a Mesa com esta Presidência, a Senadora Simone Tebet, Presidenta ou Presidente do Conselho Bertha Lutz. 13. Senadora Simone Tebet. ( <i>Palmas.</i> ) 14. Convido, ainda, para compor a Mesa, a agraciada Srª Denice Santiago Santos do Rosário. ( <i>Palmas.</i> ) 15. Convido também, para compor a Mesa, a Srª Diza Gonzaga. ( <i>Palmas.</i> ) 16. Convido, ainda, para compor a Mesa, a Embaixadora do Brasil junto à Etiópia, Srª Isabel Cristina de Azevedo Heyvaert. ( <i>Palmas.</i> )
11:44	17. Convido, ainda, para compor a Mesa, a Srª Raimunda Luzia de Brito. ( <i>Palmas.</i> )

<sup>24</sup> **Fonte:** <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/s/23005#quarto119>

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p style="text-align: center;"><i>18. (Soa a campanha.)</i></p> <p>19. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Registro, com prazer, a presença das Sr<sup>as</sup> e Srs. Deputados Federais: Deputada Alice Portugal; Deputado Arnaldo Faria de Sá; Deputado Assis Melo; Deputada e ex-Senadora Benedita da Silva, ex-Governadora do Rio; Deputada Iracema Portella; Deputada Jandira Feghali; Deputada Jô Moraes; Deputada Laura Carneiro; Deputada Professora Marcivanira; Deputado Rômulo Gouveia; e Deputada Zenaide Maia.</p> <p>20. Diretora-Geral do Senado Federal, que está aqui conosco também, a Sr<sup>a</sup> Ilana Trombka; Secretária Especial de Políticas para as Mulheres do Ministério da Justiça e Cidadania, Sr<sup>a</sup> Fátima Lúcia Pelaes; Presidente Nacional da Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais de Brasília, Sr<sup>a</sup> Mara Regina Dall Negro; Presidente do Fórum de Mulheres do Mercosul Brasil e autora do projeto do Diploma Bertha Lutz, Senadora Emília Fernandes, já mencionada; Vice-Presidente do Instituto Brasileiro de Direito da Família, Sr<sup>a</sup> Maria Berenice Dias, Advogada; Secretária Nacional de Mulheres da União de Negros pela Igualdade (Unegro), Sr<sup>a</sup> Santa Alves; Diretor de Assuntos Parlamentares do Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil, Sr. José Devanir de Oliveira; Diretora do Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, Sr<sup>a</sup> Adele Benzaken.</p> <p>21. Familiares das pessoas aqui agraciadas.</p> <p>22. Representando aqui o Ministro de Estado da Cultura, a Sr<sup>a</sup> Debora Fernanda Pinto Albuquerque; representando o Governador do Estado de Santa Catarina, em exercício, o Sr. Acélio Casagrande; representando a Associação dos Magistrados Brasileiros, a Sr<sup>a</sup> Julianne Freire Marques; representando a Presidente Nacional da Liga das Mulheres Eleitoras do Brasil, a Sr<sup>a</sup> Gracita Santos Barbosa.</p> <p>23. Sr<sup>as</sup> e Srs. Membros do Corpo Diplomático dos países: Canadá, Emirados Árabes Unidos, Japão, República da Nicarágua, Reino dos Países Baixos, República do Benin, República da Croácia, República Democrática Federal da Etiópia e República da Eslovênia.</p> <p>24. Senhoras e senhores integrantes das seguintes instituições: Aeronáutica, Exército Brasileiro, Fórum de Mulheres do Mercosul Brasil, Partido da República do Distrito Federal, Marinha do Brasil, União de Negros pela Igualdade (Unegro).</p>
11:48 R	<p>25. Também registro com alegria a presença da Sr<sup>a</sup> Zilda Paes de Andrade e da minha mulher, Mônica Oliveira, que está ali, conversando com a Senadora Vanessa Grazziotin. Registro, com alegria, a sua presença nesta data e digo que não é apenas hoje o dia da comemoração lá em casa; são os 365 dias em que comemoro o dia das mulheres, em homenagem à D. Mônica.</p> <p>26. Durante os 16 anos de existência, o Diploma Bertha Lutz já foi entregue a 78 mulheres e apenas a um homem. Na sessão de hoje, serão agraciadas...</p> <p style="text-align: center;"><i>27. (Soa a campanha.)</i></p> <p>28. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Na sessão de hoje, serão agraciadas cinco mulheres: Denice Santiago Santos do Rosário, Diza Gonzaga, Isabel Cristina de Azevedo, Raimunda Luzia de Brito e Tatiane Bernardi Teixeira Pinto.</p> <p>29. A agraciada Tatiane Bernardi comunicou que não poderá estar presente, por motivos profissionais.</p> <p>30. Convido a todos para, de pé, em posição de respeito, ouvirmos o Hino Nacional Brasileiro, que será cantado pelo Coral do Senado Federal, sob a regência da maestrina Glicínia Mendes, e, logo após, a música Clareana, composição de Joyce Moreno e arranjo de Glicínia Mendes.</p> <p>31. Todos de pé, para ouvirmos o Hino Nacional Brasileiro.</p> <p style="text-align: center;"><i>32. (Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas.)</i></p>
11:52	<p style="text-align: center;"><i>33. (Procede-se à execução musical.) (Palmas.)</i></p>

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>34. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Senhoras e senhores, ilustres homenageadas, senhoras e senhores convidados, senhoras e senhores de todo o Brasil e do meu querido Ceará, que acompanham o nosso trabalho por meio dos canais de comunicação do Senado Federal e por outros canais aqui hoje representados, é com imensa alegria e convicção que presido esta sessão solene, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, também destinada a entregar o Diploma Bertha Lutz, conferido a personalidades que se destacam na defesa dos direitos das mulheres.</p>
11:56 R	<p>35. O Dia Internacional da Mulher, instituído no início do século passado, é mais uma oportunidade para enaltecermos a importância do papel que elas exercem na sociedade e na vida de todos nós. Mais do que enaltecer, inclusive, o dia 8 de março leva-nos a reafirmar a necessidade de apoio permanente às iniciativas que têm como finalidade conquistar direitos ainda hoje sonegados às mulheres.</p> <p>36. Assim, como Presidente do Congresso Nacional e do Senado Federal, reafirmo o meu compromisso de estar junto com as mulheres na luta por mais igualdade de oportunidades e de participação em toda e qualquer atribuição social e profissional.</p> <p>37. Parabéns a todas as mulheres! E contem com o meu pleno apoio e o meu trabalho aqui nesta Casa do Congresso Nacional.</p> <p>38. Senhoras e senhores, o Diploma Bertha Lutz é um tributo que o Senado Federal presta à causa feminina e às questões de gênero.</p> <p>39. Bertha Lutz foi uma das pioneiras na luta pelo voto feminino e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres em todo o nosso País. Foi responsável pela criação da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, entidade que tinha como principal bandeira a luta pela extensão de direito de voto às mulheres.</p> <p>40. Como Deputada Federal, Bertha Lutz dedicou seu mandato à defesa de mudança na legislação, referente ao trabalho da mulher e dos menores de idade. Foi pioneira na proposição da igualdade salarial para homens e mulheres na mesma função, da licença de três meses para gestante e da redução da jornada de trabalho, então de 13 horas à época.</p> <p>41. Sua luta pelo reconhecimento do valor do papel feminino na sociedade qualifica a iniciativa do Senado em instituir o Diploma Mulher Cidadã Bertha Lutz. As homenageadas desta 16ª edição são: Denice Santiago Santos do Rosário, Diza Gonzaga, Isabel Cristina de Azevedo Heyvaert, Raimunda Luzia de Brito e Tatiane Bernardi Teixeira Pinto.</p> <p>42. A cada uma delas os meus efusivos cumprimentos nesta data: a Denice Santiago, que, como Chefe da Sessão de Valorização da Mulher Policial Militar da Bahia e Comandante da Ronda Maria da Penha, se dedica com amor a proteger as mulheres vitimadas pela violência doméstica; a Diza Gonzaga, fundadora da Fundação Thiago de Moraes Gonzaga, entidade responsável pelo programa Vida Urgente, que conta com 18 mil voluntários dedicados à prevenção de acidentes de trânsito na cidade de Porto Alegre; à Embaixadora do Brasil na Sérvia, Isabel Cristina de Azevedo Heyvaert, que sempre se sobressaiu nas reflexões sobre as questões de raça e de gênero nos diversos postos ocupados em sua brilhante carreira diplomática. (<i>Palmas.</i>)</p>
12:00 R	<p>43. À Dr<sup>a</sup> Raimunda Luzia de Brito, que, como Presidente do Projeto Coletivo de Mulheres Negras do Mato Grosso do Sul, trabalha com o monitoramento das políticas públicas na área da saúde da população negra, principalmente no que diz respeito à saúde da mulher.</p> <p>44. E à jornalista, romancista, cronista Tatiane Bernardi Teixeira Pinto, autora de várias telenovelas, roteiros de programas de televisão e de filmes que nos remetem a reflexões sobre a necessidade de valorização da mulher.</p> <p>45. Ao saudar as ganhadoras do Diploma Bertha Lutz, cujo talento e dedicação enchem este País de orgulho, quero homenagear todas as mulheres brasileiras, guerreiras célebres ou anônimas na luta cotidiana pela vida.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>46. Hoje as mulheres, sozinhas, dirigem um em cada quatro lares brasileiros e ocupam, cada vez mais, postos importantes. São trabalhadoras habilidosas, empreendedoras criativas, artistas, cientistas, sindicalistas e políticas.</p> <p>47. Com o passar dos anos e o avanço da sociedade, já podemos assinalar o aumento na escolaridade das mulheres urbanas; o crescimento do nível de ocupação, ainda tímido, mas já presente; e a diminuição das históricas e injustas diferenças salariais entre homens e mulheres.</p> <p>48. Ainda há muito a ser feito, e é por isso que este dia de homenagens é também um dia de luta de todas as mulheres brasileiras. Luta permanente contra a desigualdade, contra a violência nas relações de poder entre homens e mulheres, que ainda persiste, apesar dos grandes esforços em contrário.</p> <p>49. Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup> e Srs. Deputados, homenageados e autoridades aqui presentes, há, no olhar feminino, uma reserva de ternura, segurança e humanismo que faz a diferença quando se sonha em construir um País melhor e um País mais justo.</p> <p>50. Por isso, quero também cumprimentar a ela, a Mônica, minha mulher, e agradecê-la, não somente por sua presença nesta solenidade, mas em todos os dias, em todos os momentos importantes da minha vida. A nossa convivência sedimentou em mim exatamente esses princípios humanísticos, igualitários e de segurança que só recebemos no seio de nossas famílias de origem e que me fazem, a cada dia, cada vez mais convicto do quão importante é o papel feminino nas nossas vidas.</p> <p>51. Muito obrigado a todos. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>52. Passamos agora à entrega do Diploma Bertha Lutz, que será feita em frente à Mesa, neste recinto.</p>
12:04 <b>R</b>	<p>53. Para iniciar a entrega dos diplomas, dos prêmios, chamo agora para participar desta sessão a Sr<sup>a</sup> Zilda Paes de Andrade, que foi Embaixatriz em Portugal. D. Zilda, como nós a chamamos carinhosamente, é uma mulher forte, atenta aos acontecimentos políticos do Brasil. Por isso, D. Zilda, eu a chamo para fazer a entrega do Diploma Bertha Lutz para a agraciada Isabel Cristina de Azevedo Heyvaert, Embaixadora do Brasil na República da Sérvia. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>54. Isabel Heyvaert, natural de Aimorés, Minas Gerais, formou-se em Administração de Empresas pela Universidade de Brasília; atualmente, é Embaixadora do Brasil junto à República da Sérvia e junto a Montenegro; foi Embaixadora do Brasil junto à Etiópia e observadora junto à União Africana. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>55. (<i>Procede-se à entrega da placa e do Diploma Bertha Lutz à Sr<sup>a</sup> Isabel Cristina Correa de Azevedo Heyvaert.</i>)</p> <p>56. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Convido a Senadora Emília Fernandes para fazer a entrega do diploma, da placa, à Sr<sup>a</sup> Denice Santiago Santos do Rosário. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>57. Denice Santiago é Major da Polícia Militar da Bahia e Comandante da Operação Ronda Maria da Penha; fundou o Centro Maria Felipa, primeiro núcleo de gênero da polícia militar do País, que possibilitou que as policiais militares gestantes não mais fossem escaladas em serviço operacional. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>58. Para entregar o prêmio, a Senadora Emília Fernandes. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>59. (<i>Procede-se à entrega da placa e do Diploma Bertha Lutz à Sr<sup>a</sup> Denice Santiago Santos do Rosário.</i>)</p> <p>60. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Para fazer a entrega do diploma e da placa à Sr<sup>a</sup> Diza Gonzaga, eu convido a Senadora Ana Amélia. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>61. A gaúcha Diza Gonzaga criou a Fundação Thiago de Moraes Gonzaga, nome do filho dela morto em acidente de trânsito. A fundação desenvolve programas educativos para crianças, adolescentes e adultos, para promover a humanização do trânsito. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>62. (<i>Procede-se à entrega da placa e do Diploma Bertha Lutz à Sr<sup>a</sup> Diza Gonzaga.</i>)</p>

Horário	(Texto com revisão.)
<p>12:08</p> <p>R</p>	<p>63. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Eu registro, com prazer, a presença da Deputada Rosinha da Adefal, que está aqui entre nós.</p> <p>64. Convido para fazer a entrega do diploma e da placa à Sr<sup>a</sup> Raimunda Luzia de Brito a nossa Presidente do Conselho Bertha Lutz, a Senadora Simone Tebet. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>65. Raimunda Luzia é natural de Aquidauana, Mato Grosso do Sul, graduada em Direito, mestra em Serviço Social e doutora em Ciência da Educação. Foi professora durante 29 anos na Universidade Católica Dom Bosco, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>66. (<i>Procede-se à entrega da placa e do Diploma Bertha Lutz à Sr<sup>a</sup> Raimunda Luzia de Brito.</i>)</p> <p>67. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Em homenagem a todas as mulheres do Brasil e do mundo, eu convido, a partir de agora, a Senadora Simone Tebet, que é Presidente do Conselho Bertha Lutz, para presidir esta sessão, em continuidade aos nossos trabalhos.</p> <p>68. Senadora Simone Tebet. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>69. (<i>O Sr. Eunício Oliveira, Presidente, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Sr<sup>a</sup> Simone Tebet.</i>)</p> <p>70. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Simone Tebet. PMDB - MS) – Agradeço a oportunidade que me é dada pelo Presidente desta Casa, o Senador Eunício de Oliveira, ao tempo em que agradeço o fato de ter dado preferência na ordem de inscrição às Deputadas e Senadoras. Então, quero dizer que, por determinação do Presidente do Senado, nós estamos fazendo uma ligeira inversão na ordem de inscrição, colocando aqui, por ordem, Senadoras e Deputadas inscritas – não são tantas, não se preocupem os Senadores – e, em seguida, passando a palavra aos Senadores inscritos.</p> <p>71. Quero cumprimentar todas as mulheres que aqui se encontram, as autoridades e também os homens. Digo aos homens, principalmente àqueles de alma feminina, que eles também são homenageados hoje, porque os homens que hoje entendem e defendem o direito à igualdade das mulheres também precisam ser homenageados e saudados nesta manhã. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>72. Eu gostaria, antes de passar a palavra às colegas, de fazer uma pequena justificativa. O atraso desta sessão solene por 40 minutos deu-se por uma causa nobre. O que são 40 minutos diante de uma espera de projetos da pauta feminina que ficaram dormindo nos escaninhos do Senado por quatro ou cinco anos? Foram seis anos, em alguns casos, como disse a Senadora Vanessa. Nós estávamos na Comissão de Constituição e Justiça desta Casa, talvez a mais importante comissão desta Casa, aprovando em caráter terminativo – portanto, já prontos para ir à Câmara de Deputados – cinco projetos de Senadoras, Senadores, Deputadas ou Deputados.</p> <p>73. Entre esses projetos – é interessante isto, porque temos uma homenageada aqui justamente pela Patrulha Maria da Penha –, está um projeto que aprovamos por unanimidade agora, da Senadora Gleisi Hoffmann, relatado pela Senadora Ângela Portela, que altera a Lei Maria da Penha para instituir a obrigatoriedade da Patrulha Maria da Penha por todo o País, em todos os Municípios brasileiros, claro, dando um prazo para a efetivação junto aos Municípios e aos Estados. (<i>Palmas.</i>)</p>
<p>12:12</p> <p>R</p>	<p>74. Da mesma forma, aprovamos projeto da Senadora Marta Suplicy regulamentando a união estável.</p> <p>75. Aprovamos um projeto da Senadora Maria do Carmo Alves, que determina que, a partir do ano que vem até 2022, teremos que ter 30% de mulheres nos conselhos de administração das nossas empresas públicas e sociedades de economia mista. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>76. Da mesma forma, aprovamos um projeto de autoria do Deputado Anibal Diniz – imaginem, um projeto antigo, que depois, no Senado, veio com um número de</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>2014 –, relatado pelo Senador Paulo Paim, que altera o Código Eleitoral para reservar candidaturas de mulheres Senadoras na proporcionalidade dos homens quando nós tivermos aqui a disputa por duas vagas. Então, a partir do ano de 2026, os partidos terão que colocar, se aprovado o projeto e não for vetado, na proporção do número de homens candidatas mulheres ao Senado.</p> <p>77. E, por fim, um projeto de minha autoria que altera uma lei de 2012 que instituiu o Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública. Essa lei hoje exige o armazenamento, a sistematização, o estudo de toda a área criminal dentro do Ministério da Justiça no que se refere a tráfico de drogas e atividades criminais. Nós aprovamos hoje também que, a partir de agora, esse Sistema Nacional de Informações terá que ter também um banco de dados oficial organizado, disponível à sociedade, no que se refere aos dados da violência, do enfrentamento da violência contra a mulher.</p> <p>78. Essa é a pauta que nos exigiu um tempo pela manhã. Estou dizendo isso para justificar o atraso da nossa sessão – talvez aí mais do que justificado.</p> <p>79. Enfim, senhoras e senhores, estamos hoje aqui prontos para celebrar o Dia Internacional da Mulher e homenagear cinco personalidades femininas que se destacaram e se destacam na luta pelos nossos direitos com o Diploma Bertha Lutz. São muitos os exemplos de mulheres que mereceriam e merecem estar aqui neste momento.</p> <p>80. Bertha é um exemplo disso. Pioneira, foi uma árdua defensora dos nossos direitos, principalmente do direito de mulheres poderem votar e serem votadas. É dela a frase – abre aspas: "Recusar à mulher a igualdade de direitos em virtude do sexo é negar justiça à metade da população".</p> <p>81. Eu poderia citar diversos outros nomes. Gosto aqui sempre de invocar Madre Teresa de Calcutá pelo exemplo de fraternidade e de solidariedade. Para ela – abre aspas: "A falta de amor é a maior de todas as pobreza".</p> <p>82. Ainda Simone de Beauvoir não acreditava – abre aspas – "que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas."</p>
<p>12:16</p> <p><b>R</b></p>	<p>83. No Brasil, Zilda Arns, Maria da Penha, Ellen Gracie, Lya Luft.</p> <p>84. Enfim, muitos anos se passaram, e a luta das mulheres por direitos iguais continua. Em pleno século XXI, ainda temos de discutir igualdade de gênero, igualdade no mercado de trabalho, igualdade de salários ocupando a mesma função e o mesmo cargo. Na política, luta por uma maior participação das mulheres, pois ainda somos menos de 15% das mulheres com mandato eletivo, contando de vereadoras até Senadoras da República. E o mais grave, esta mancha vergonhosa da nossa humanidade: ainda temos que lutar no enfrentamento à violência contra a mulher, uma mancha vergonhosa da nossa história, que não é uma luta de todas nós, mas de todos nós, da humanidade. O Brasil está entre os cinco países mais violentos do mundo em relação às suas mulheres.</p> <p>85. O Congresso Nacional tem procurado fazer a sua parte. Sou Presidente da Comissão Mista de Combate à Violência contra a Mulher. Junto com todas as Senadoras e Deputadas Federais, muito avançamos, mas muito ainda há por fazer. Estamos apenas no começo.</p> <p>86. Tenho a honra de presidir o Conselho do Diploma Bertha Lutz, que já está na sua 16ª edição. Hoje, temos que destacar aqui a figura de cinco valorosas mulheres, já mencionados os seus atributos. Apenas vou nominá-las: Major Denice Santiago Santos do Rosário, Diza Gonzaga, Embaixadora Isabel Cristina de Azevedo Heyvaert, jornalista Tatiane Bernardi Teixeira Pinto e Raimunda Luzia de Brito, do meu Estado, minha conterrânea, que teve o privilégio de estar aqui representando todas as mulheres de Mato Grosso do Sul.</p> <p>87. Permitam-me apenas, para finalizar, homenageando todas as mulheres</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>agraciadas e, com isso, homenagear todas as mulheres do Brasil, dizer que Raimunda é o exemplo da mulher sul-mato-grossense. Se perguntarem para mim o que ela faz, é difícil dizer, porque ela faz de tudo um pouco. Ela é mestre em Assistência Social, é doutora em Educação, participa de todos os conselhos e movimentos do meu Estado, conselhos estaduais e municipais de direitos do índio, da mulher negra, da assistência social. Em todos os programas de políticas públicas que envolvem os direitos das minorias, lá está Raimunda Luzia de Brito. Por isso, numa enquete, numa pesquisa feita no meu Estado, perguntando qual é a cara que representa a mulher negra de Mato Grosso do Sul, o nome de Raimunda foi quase uma unanimidade, tanto que há um coletivo de mulheres negras de Mato Grosso do Sul que leva o seu nome, em função disso.</p> <p>88. Enfim, ao cumprimentar todas as mulheres, se me permitirem mais um pouco da minha fala, eu gostaria apenas de dizer que eu as homenageio citando um trecho, um trecho muito pequeno, de um poema de uma mulher que teve de enfrentar dificuldades e superar desafios, que é Cora Coralina. Ela escreveu o seu primeiro livro aos 76 anos de idade, tendo apenas a antiga quarta série primária, ensino fundamental. Acho que este poema representa o que vai na alma de todas as mulheres. O título é Todas as Vidas, porque, no fundo, nós mulheres sentimos a dor de outras mulheres e somos um pouquinho o que é cada uma das mulheres.</p>
<p>12:20</p> <p><b>R</b></p>	<p>89. Todas as vidas  90. Vive dentro de mim  91. uma cabocla velha  92. de mau-olhado,  93. acorada ao pé do borralho,  94. olhando para o fogo.  95. Benze quebranto.  96. Bota feitiço...  97. Ogum. Orixá.  98. Macumba, terreiro.  99. Ogã, pai-de-santo...  100. Vive dentro de mim  101. a lavadeira do Rio Vermelho.  102. Seu cheiro gostoso  103. d'água e sabão.  104. Rodilha de pano.  105. Trouxa de roupa,  106. pedra de anil.  107. Sua coroa verde de são-caetano.  108. Vive dentro de mim  109. a mulher cozinheira.  110. Pimenta e cebola.  111. Quitute bem feito.  112. Panela de barro.  113. Taipa de lenha.  114. Cozinha antiga  115. toda pretinha.  116. Bem cacheada de picumã.  117. Vive dentro de mim  118. a mulher do povo.  119. Bem proletária.  120. Bem linguaruda,  121. desabusada, sem preconceitos,  122. de casca-grossa,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>123. de chinelinha,  124. e filharada.  125. Vive dentro de mim  126. a mulher roceira.  127. – Enxerto de terra,  128. meio casmurra.  129. Trabalhadeira.  130. Madrugadeira.  131. Analfabeta.  132. De pé no chão.  133. Bem parideira.  134. Bem criadeira.  135. Seus doze filhos,  136. Seus vinte netos.  137. Vive dentro de mim  138. a mulher da vida.  139. Minha irmãzinha...  140. tão desprezada,  141. tão murmurada...  142. Fingindo ser alegre seu triste fardo.  143. Todas as vidas dentro de mim:  144. Na minha vida –  145. a vida mera das obscuras.  146. – Cora Coralina  147. Eu gostaria de conceder a palavra neste momento às oradoras inscritas pela Ordem.  148. Senadora Gleisi Hoffmann, que também falará pela Liderança do PT.  149. <b>A SRª VERA FONSECA DE PAIVA</b> – Posso fazer uma observação?  150. A Embaixadora Isabel Weigert é vítima de preconceito do Ministério das Relações Exteriores. Ela é meramente uma Embaixadora Comissionada, apesar de ter uma história de vida que poucas pessoas neste país tiveram, de menina de rua a diplomata.  151. Quantas pessoas conseguiram isso? Ela é meramente uma Embaixadora Comissionada que já foi colocada no quadro especial, onde é muito mais difícil de ser promovida ao cargo de Ministro de Primeira Classe. Mas, quando o Brasil precisa mostrar que é um país multirracial, lá vai Isabel para Moçambique, Haiti e qualquer posto onde haja maioria racial negra. Etiópia? Lá vai Isabel, que fala francês melhor do que o marido, que é belga, que é impecável em tudo o que faz.  152. Conheço Isabel há quarenta anos. Ela é impecável, mas o Ministério das Relações Exteriores não reconhece o valor de Isabel, tanto que hoje a indicou como Embaixadora, coisa que ela não é. Ela é Embaixadora Comissionada, porque ela não é Ministra de Primeira Classe. (<i>Palmas.</i>)  153. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Simone Tebet. PMDB - MS) – Eu agradeço a sua intervenção.  154. <b>A SRª VERA FONSECA DE PAIVA</b> – É uma vítima do preconceito dentro do Ministério das Relações Internacionais.  155. (<i>Manifestação da galeria.</i>)  156. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Simone Tebet. PMDB - MS) – Eu agradeço muito a sua intervenção. Embora o evento não permita intervenções, esta é uma plenária democrática. Para que não atrapalhem o andamento dos processos, no final poderemos colocar o microfone à disposição de todas.</p>
12:24	<p>157. Quero dizer que a sua – eu diria – indignação não deixa de ser indignação de todas nós.  158. Estarei encaminhando, juntamente com as Senadoras, essa pauta para a</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Procuradoria da Mulher do Senado. Nós temos ainda a Senadora Vanessa Grazziotin como nossa eterna Procuradora. Estaremos apurando e, quem sabe, confirmando e vendo a irregularidade do ato. Estaremos fazendo a nossa proposição junto ao Ministério e ao Governo Federal.</p> <p>159. Muito obrigada.</p> <p>160. Com a palavra a Senadora Gleisi Hoffmann. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>161. <b>A SRª GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco/PT - PR. Como Líder. Sem revisão da oradora.) – Obrigada, Senadora Simone Tebet.</p> <p>162. Cumprimento V. Exª e também a Senadora Vanessa. Em nome delas, cumprimento todas Parlamentares aqui presentes, Senadoras, Deputadas, todas as mulheres aqui presentes, os homens presentes e as nossas homenageadas.</p> <p>163. O Prêmio Bertha Lutz é um reconhecimento do Senado Federal aos que se destacaram na defesa dos direitos da mulher e das questões de igualdade de gênero. Nesse sentido, quero aqui render minhas homenagens a Denice Santiago Santos do Rosário, a Diza Gonzaga, a Raimunda Luzia de Brito, a Tati Bernardi e também a Isabel Cristina.</p> <p>164. É um prazer muito grande tê-las neste evento, que é o reconhecimento de mulheres que colaboram para a emancipação e para os direitos das mulheres. Mas eu não posso começar o meu pronunciamento antes que a gente possa ter um ato simbólico de solidariedade às mulheres que estão hoje, no Brasil inteiro, organizadas pelos movimentos sociais, no 8 de março, gritando para que os seus direitos não sejam atingidos por nenhum direito a menos.</p> <p>165. Quero aqui dizer que nós, neste momento, vamos nos solidarizar com o apito, ao meio-dia e meia, que já está prestes a acontecer, em solidariedade à parada geral das mulheres do 8 de março, a parada internacional.</p> <p>166. Nós sabemos que o que está em jogo hoje são os direitos que as mulheres conquistaram, principalmente na Constituição de 1988. E o movimento de 8 de março, no Brasil e em mais 50 países, é um movimento de luta específica dos direitos das mulheres, mas também é um movimento de defesa dos direitos conquistados, dos direitos sociais, dos direitos trabalhistas.</p> <p>167. Portanto, eu queria chamar todas nós estamos neste plenário a nos solidarizar com essas mulheres e, por um minuto, fazermos um apito que vai ecoar por todo o Brasil.</p> <p>168. Viva as mulheres brasileiras! Viva a nossa luta contra a PEC 287!</p> <p>169. (<i>Manifestação da galeria.</i>)</p>
12:28 <b>R</b>	<p>170. <b>A SRª GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco/PT - PR) – Viva as mulheres! Viva a luta das mulheres! (<i>Palmas.</i>)</p> <p>171. E não à PEC 287!</p> <p>172. (<i>Manifestação da galeria.</i>)</p> <p>173. (<i>Soa a campanha.</i>)</p> <p>174. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Simone Tebet. PMDB - MS) – Eu gostaria de pedir a compreensão das mulheres.</p> <p>175. (<i>Soa a campanha.</i>)</p> <p>176. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Simone Tebet. PMDB - MS) – Eu gostaria de pedir a compreensão das mulheres. Aqui ninguém vai tolher, pelo menos enquanto eu presidir, o direito de ninguém se manifestar. Nós não estamos em uma sessão plenária onde não se permitem manifestações. Enquanto eu estiver aqui, essas manifestações serão permitidas. Eu pediria só... Em um acordo que nós fizemos com as colegas Deputadas e Senadoras – eu havia falado aqui –, assim que as colegas falarem, esta plenária vai ter um espaço, e nós poderemos continuar essas manifestações. Só para que nós possamos dar continuidade. Nós temos uma Senadora. Inclusive, o acordo foi combinado com a Senadora Gleisi Hoffmann. Obrigada, Senadora.</p> <p>177. Com a palavra.</p> <p>178. <b>A SRª GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco/PT - PR) – Eu que agradeço,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>cumprimentando novamente todas que estão aqui.</p> <p>179. Hoje é um 8 de março diferenciado. Nós fazemos todos os anos, aqui no Senado, a entrega do Prêmio Bertha Lutz, em conjunto com a Câmara dos Deputados, para reconhecer mulheres que trabalham pelos direitos das mulheres e que fazem a diferença na nossa sociedade por esses direitos. Mas este 8 de março especificamente, a forma como ele foi chamado é para trazer a atenção de nós, mulheres, e da sociedade a pautas de lutas nossas que são muito importantes. E eu gostaria de falar sobre elas.</p> <p>180. Hoje nós estamos tendo um movimento internacional. Mais de 50 países estão mobilizados com suas mulheres e uma grande agenda em favor dos direitos das mulheres, da população, dos seus povos. Hoje é um dia de greve em todos os lugares, um dia de paralisação, um dia de marcha, um dia de bloqueios de estradas, pontes e praças, de greve no trabalho doméstico, de greve dos cuidados, da denúncia de empresas e autoridades que são misóginas. E por que fazemos isso? Porque, infelizmente, nós estamos tendo, sim, um retrocesso em relação aos direitos das mulheres.</p> <p>181. Essa marcha que fazemos hoje, internacionalmente, que reúne 50 países – e aqui no Brasil temos movimentos em todos os Municípios –, foi inspirada pelo dia 21 de janeiro, por um movimento que houve nos Estados Unidos, onde milhões de mulheres foram às ruas manifestarem-se contra a posse de Trump, e também pelas manifestações da Argentina, de "Nenhuma a menos", contra a violência contra as mulheres. Enfim, é uma nova onda de lutas feministas. Não é só o chamado feminismo protagonista da oportunidade pessoal. Esse movimento que surge é um feminismo que quer para todos, para 99% das pessoas, um feminismo de base, um feminismo solidário com as trabalhadoras e suas famílias, uma aliança internacional contra o neoliberalismo.</p> <p>182. Hoje há uma reação violenta aos direitos conquistados pelas mulheres, aos direitos trabalhistas, à saúde, à segurança na velhice. Nós vivemos, na sociedade brasileira – e não só na brasileira –, o sexismo, o racismo, a xenofobia e a transfobia, que estão articulados para retirar direitos e garantias, aumentando a violência na nossa sociedade contra a mulher e contra os diferentes.</p> <p>183. Essa greve internacional, essa parada internacional é para isso, para que mulheres de diferentes partes do mundo estejam nas ruas contra todas essas violências.</p>
<p>12:32</p> <p><b>R</b></p>	<p>184. Por isso, não basta nos opormos às políticas misóginas, homofóbicas, racistas que nós estamos vendo ser incentivadas, inclusive por este Governo que está aí, um Governo de homens brancos, que retirou a presença feminina dos cargos de comando. Nós temos que atacar também a política neoliberal contra os direitos sociais, contra os direitos trabalhistas, contra a deterioração das condições de vida das mulheres, das mulheres negras, das mulheres trabalhadoras, das donas de casa, das agricultoras. Nós temos que nos colocar contra a financeirização da economia. É esse o movimento internacional.</p> <p>185. O feminismo do "Faça Acontecer", esse que muitas vezes nos envolve no dia a dia, e outras variantes do feminismo empresarial infelizmente falharam para a esmagadora maioria das mulheres, principalmente as pobres, que não têm acesso à autopromoção e ao avanço individual, cujas condições de vida só podem ser melhoradas através de políticas que defendam a distribuição de renda, a equidade, o equilíbrio social, os direitos trabalhistas e a saúde.</p> <p>186. Por isso é desse feminismo que nós falamos, um feminismo para 99% das pessoas. E isso está emergindo no mundo inteiro: na greve na Polônia, nas grandes manifestações da América Latina, como vimos na Argentina, na Itália, na Coreia do Sul, na Irlanda, protestos e greves pelos direitos das mulheres. São lutas combinadas contra a pauta conservadora que avança nesses países, lutas combinadas contra a violência masculina, a informalização do trabalho, a</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>desigualdade salarial, a oposição que nós queremos à homofobia, à xenofobia, à transfobia, à misoginia. É uma nova agenda também. Por isso, esse feminismo para 99% das mulheres está inspirado nessas coalizões que nós tivemos em diversos países.</p> <p>187. A violência contra as mulheres tem muitas facetas. É a violência praticada pelos homens, masculina, a violência contra os nossos corpos, contra a nossa dignidade, a violência doméstica, mas também é a violência do mercado, é a violência da dívida, das relações, da propriedade, das políticas discriminatórias, da repressão, dos movimentos migratórios. Por isso nós queremos nos opor a estes ataques contra as mulheres, ataques institucionais, políticos, culturais e econômicos.</p> <p>188. Aqui no Brasil, eu não tenho dúvida de que a principal pauta que nós temos é contra o ataque aos direitos que nós conquistamos na Constituição de 1988. Nesse ataque a esses direitos, as mulheres são as mais penalizadas. A reforma da previdência que este Congresso recebeu deste Governo a que nós não creditamos legitimidade é uma reforma perversa, que ataca principalmente as mulheres, as agricultoras, as professoras, retira de nós, mulheres, dez anos de salários - no caso das professoras, são quinze anos de salário – e de benefícios previdenciários, iguala a idade para aposentadoria de homens e mulheres, não leva em consideração a diferença dos trabalhos feitos. É um retrocesso. Aquele avanço da Constituição de 1988, de Dr. Ulysses, aliás, porta-voz do PMDB, o Partido que ajudou a fazer a Constituição cidadã, está sendo agora enterrado por esse mesmo Partido.</p> <p>189. Eu queria lamentar.</p>
<p>12:36</p> <p><b>R</b></p>	<p>190. Queria manifestar a minha solidariedade para com as trabalhadoras que estão aqui, neste momento, contra a PEC 287, e dizer que todas nós, todas nós que estamos aqui, todas as mulheres – e inclusive os homens – vamos perder com essa reforma da Previdência, vamos perder com a retirada de direitos, e isso vai afetar os mais pobres, as pessoas mais pobres.</p> <p>191. Portanto, temos de nos unir para que a gente tenha os direitos das mulheres, para que tenhamos a representatividade. Para que possamos vir a este plenário comemorar uma data importante, não podemos deixar os nossos direitos retroagirem. Não à reforma da Previdência! Não à reforma trabalhista! Nós já lutamos aqui para que a PEC 55 não fosse aprovada. Não a essas políticas de desmonte do Estado brasileiro e de entrega das nossas riquezas!</p> <p>192. Nós queremos um Brasil para todos e para todas! Nós queremos um Brasil de direitos e de dignidade. É isso que as mulheres querem. Por isso, nós queremos um feminismo para 99% da população, porque, quando as mulheres são respeitadas, quando as mulheres têm a sua dignidade considerada, a população brasileira também é respeitada e também tem sua dignidade respeitada.</p> <p>193. Portanto, quero aqui manifestar a solidariedade a todas as mulheres que estão por todos os Municípios do Brasil, hoje protestando contra a retirada de direitos. Aquelas que estão ocupando as agências do INSS, que estão paradas em praças públicas, que estão ocupando as rodovias, que estão nas prefeituras. Parabéns, mulheres! É dessa coragem que nós precisamos, porque, se não formos para a rua, ficamos invisíveis; e os que estão atentando contra os nossos direitos serão vencedores.</p> <p>194. Aqui também quero prestar a minha solidariedade a todas as mulheres de todos os países que hoje pararam, principalmente na América Latina e especialmente na Argentina, onde temos um grande movimento de professores que paralisou a capital argentina.</p> <p>195. Parabéns, mulheres! Nós vamos fazer a diferença e vamos puxar esse movimento no Brasil, também conscientizando os homens do que está acontecendo com os direitos conquistados.</p> <p>196. Por isso, por essa greve internacional militante, no 8 de março, nós dizemos</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>"sim". É para o além do faça acontecer. É por um feminismo para 99% das pessoas.</p> <p>197. Viva as mulheres! Viva a nossa luta! Não à reforma da Previdência! (<i>Palmas.</i>)</p> <p>198. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Simone Tebet. PMDB - MS) – Obrigada, Senadora Gleisi, por ter inclusive atentado ao tempo regimental.</p> <p>199. Peço a compreensão dos oradores. Nós estamos dando dez minutos porque temos uma lista interminável de oradores.</p> <p>200. Aqui, para falar em nome da Liderança do PCdoB na Câmara dos Deputados... A Deputada Alice fez uma alternância com a Deputada Jandira Feghali.</p> <p>201. Enquanto a Deputada se aproxima do plenário, eu gostaria de convidar para compor a Mesa a nossa eterna Procuradora da Mulher no Senado Federal, Senadora Vanessa Grazziotin. A cadeira estava vazia aguardando V. Exª. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>202. Com a palavra a Deputada Jandira.</p> <p>203. <b>A SRª JANDIRA FEGHALI</b> (PCdoB - RJ. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Quero, em primeiro lugar, cumprimentar todas as Senadoras, Parlamentares. Minha homenagem também às homenageadas do Prêmio Bertha Lutz, mulheres que, nos seus campos de atuação, nos orgulham muito.</p> <p>204. Quero cumprimentar todas as entidades e mulheres do campo e da cidade, que aqui estão, o pessoal da Contag, do MST, as mulheres trabalhadoras rurais que aqui estão.</p> <p>205. Cumprimento as civis e militares, na medida em que hoje temos uma militar homenageada no Prêmio Bertha Lutz, e dizer, em nome da Bancada do Partido Comunista do Brasil, da Câmara dos Deputados, porque aqui ainda estão presentes a Deputada Professora Marcivania e a Deputada Jô Moraes... A Deputada Alice precisou ir para a reunião dos Líderes, que está definindo, inclusive, a pauta da Câmara, hoje, para que a gente se concentre nos projetos vinculados às questões de gênero. Esse é o esforço que estávamos fazendo lá, no qual a Deputada Alice continua.</p>
12:40 <b>R</b>	<p>206. Quero cumprimentar a Senadora Emília Fernandes, criadora do prêmio e que muito nos orgulha, e dizer que, de fato, este 8 de março tem algumas peculiaridades.</p> <p>207. Há uma tomada de consciência nova na movimentação que nós fazemos. Quando o <i>slogan</i> do dia é "Eu Paro", o que se quer é chamar a atenção da sociedade mundial e, particularmente, da sociedade brasileira para a importância que temos no dia a dia, no cotidiano das nossas vidas e do nosso trabalho, inclusive o trabalho doméstico, que não é reconhecido pela sociedade. Então, "Eu Paro" é para dizer o seguinte: sintam falta, entendam a importância do dia a dia sem nós, e qual é a falta que fazemos. Esse é o sentido do <i>slogan</i> e do estímulo, da indução que foi feita para a paralisação das atividades cotidianas das mulheres.</p> <p>208. Porém, na política, a gente não para, a gente amplifica, a gente dá voz, a gente ocupa os microfones, a gente ocupa os plenários para amplificar essa luta e para trazer, de alguma forma, parte desses gritos de socorro, de apelo e, ao mesmo tempo, de luta, de guerra e de reivindicação das mulheres brasileiras.</p> <p>209. É óbvio que nós já avançamos muito. Disso nós não temos dúvida alguma. Eu estava relendo alguns materiais e vendo. Imaginem que, em 1916, no Código Civil, as mulheres casadas eram tratadas como relativamente incapazes. Mesmo no Estatuto da Mulher Casada, que veio depois, a mulher era colaboradora do homem. Quando nós conquistamos o voto feminino, conquistamos com limite, porque as mulheres casadas precisavam ter autorização de seus maridos para irem a voto. No Código Civil, ainda éramos vítimas de assassinato com a absolvição dos homens pela insígnia da legítima defesa da honra. Isso nós não vemos mais hoje.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>210. São conquistas importantes que nós temos, é óbvio, na medida em que nós fomos evoluindo e construindo atuações suprapartidárias, que se expressaram na Constituinte, na Bancada do Batom; no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher; na luta que se fez em todos os Estados brasileiros; aqui, em 2006, quando nós conseguimos aprovar e ter a sanção do Presidente Lula à Lei Maria da Penha. Eu me orgulho muito de ter sido Relatora, na Câmara, da Lei Maria da Penha. Foi uma experiência absolutamente rica e importante, como pessoa, como mulher e como Parlamentar. São conquistas fundamentais que vimos construindo.</p> <p>211. E, dentro dos nossos governos, de Lula e Dilma, tínhamos construções, programas, e a Secretaria da Mulher tinha <i>status</i> de Ministério. Esta é uma primeira denúncia importante a se fazer: depois de dez anos da 2ª Conferência das Mulheres, quando Nilcéa Freire era Ministra da Mulher, cadê a Secretaria da Mulher com <i>status</i> de Ministério? Cadê? Não é uma pergunta?</p> <p style="text-align: center;">212. (Manifestação da galeria.)</p> <p>213. <b>A SRª JANDIRA FEGHALI</b> (PCdoB - RJ) – Cadê a Secretaria? Cadê o Pacto pelo Enfrentamento à Violência contra a Mulher? Está onde?</p> <p>214. Nós colocamos aqui dois simples exemplos.</p> <p>215. Eu acho que o 8 de março significa também hoje um imenso risco de retrocessos nas conquistas e na vida das mulheres. Nós estamos enfrentando um Governo ungido por uma ruptura constitucional e que aposta hoje em uma agenda absolutamente regressiva, de gênero, mas regressiva para a sociedade brasileira.</p> <p>216. Na questão de gênero, eu destaco aqui a reforma da previdência, a PEC 287. Eu sou a única mulher da Comissão sobre a Reforma da Previdência, e temos enfrentado ali um embate duríssimo, porque é importante convencer os homens do Congresso Nacional de que as grandes prejudicadas dessa reforma são as mulheres, e as mulheres do campo serão excluídas do benefício previdenciário se essa reforma passar, porque há ali artigos, há ali conceitos que obviamente impedem o acesso, reduzem os benefícios e fazem um conluio visível com o sistema financeiro, com o mercado e com a previdência privada.</p>
12:44 <b>R</b>	<p>217. Então, é essa agenda de retrocessos que nós estamos sendo chamadas no 8 de março a enfrentar, porque o risco que nós temos no 8 de março de 2017 é o de vermos nossas conquistas, de forma acelerada, sendo perdidas e sendo levadas para uma situação de absoluta inexistência.</p> <p>218. Tivemos aqui uma situação, sim, no <i>impeachment</i>, um conteúdo de preconceito misógino com uma Presidenta mulher. Isso nós sabemos que existiu. E, nesse momento, nós temos um Governo machista, atrasado, com um grande número de delatados por corrupção e que não respeita as conquistas da sociedade brasileira, particularmente das mulheres brasileiras.</p> <p>219. Neste 8 de março, ouço algumas mulheres dizendo assim: "Ah, mas dia de mulher é todo dia". Claro, óbvio, e essa é a nossa luta cotidiana. No entanto, nós temos de valorizar os gestos, os símbolos e as nossas possibilidades de pautar as nossas questões. Esse discurso é muito machista, porque ele diz o seguinte: "Se o dia da mulher é todo dia, para que chamar a atenção sobre a pauta de vocês?"</p> <p>220. Ora, a negação dos símbolos, dos dias, das marcas e das nossas pautas é permanente. Isto é o que tem acontecido todo dia: a negação das pautas das mulheres, das mulheres que superam obstáculos, que enfrentam problemas e que acabam assumindo posições de destaque nas diversas áreas de atuação. Por isso, hoje, a homenagem Bertha Lutz a essas mulheres incríveis que estão sendo aqui premiadas.</p> <p>221. Mas eu quero também aqui deixar marcado que neste 8 de março, para além da resistência, continuamos levantando bandeiras fundamentais: a bandeira da luta contra a violência às mulheres, seja ela doméstica e familiar, que é o maior</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>número, mas existem outras violências no mundo do trabalho, violências no mundo das relações humanas, e são violências que nós precisamos enfrentar, porque fome também é uma forma de violência, desemprego também é uma forma de violência.</p> <p>222. Nós precisamos levantar a bandeira bem alto contra a cultura do estupro, contra a cultura que submete as mulheres não numa relação sexual, mas numa relação de poder. Nós precisamos levantar as bandeiras da garantia dos nossos direitos civis; a garantia das mulheres trans; a garantia de que a diversidade e a pluralidade sejam respeitadas no Brasil; a garantia de que o Estado permaneça laico. Aliás, o Estado laico apareceu na Constituição de 1890. Não é possível que, em 2017, nós tenhamos, inclusive, este retrocesso, que impõe às mulheres a sua saúde reprodutiva, a sua liberdade, a sua pluralidade, a sua forma diversa de manifestação, retrocessos, limites e impossibilidades.</p> <p>223. Nós somos capazes, sim. Não houve um momento da história do Brasil, seja luta armada, luta libertária, luta de independência, luta contra a carestia, luta pela anistia, luta pela liberdade, luta contra a ditadura, luta contra todas as possibilidades de opressão em que as mulheres não estivessem à frente desse processo – poderia citar aqui o nome de muitas –, a luta pela reforma agrária, mas, na hora de ocupação dos espaços da política, nós somos absolutamente minoritárias.</p> <p style="text-align: center;">224. <i>(Soa a campanha.)</i></p>
<p>12:48</p> <p><b>R</b></p>	<p>225. <b>A SR<sup>a</sup> JANDIRA FEGHALI</b> (PCdoB - RJ) – Por isso, relevo a importância da votação que vocês fizeram hoje na CCJ do Senado sobre a cota das mulheres no Senado. Precisamos aprovar essa reserva de cadeiras na Câmara dos Deputados, porque, na hora da decisão, precisamos ter mulheres no plenário do Parlamento brasileiro, seja no Senado, seja na Câmara. <i>(Palmas.)</i></p> <p>226. Quero render aqui as minhas homenagens às mulheres brasileiras, às mulheres que, no mundo inteiro, hoje, se manifestam, aos homens feministas – que espero que cresçam em número, porque ainda são muito poucos, mas esperamos que isso aumente bastante –, homens que defendam também a causa dos direitos humanos das mulheres, porque defendemos os direitos humanos que são os direitos das mulheres. E que nós possamos, sinceramente, em curto espaço de tempo, resistir, avançar e ter conquistas importantes. Apesar das rupturas constitucionais, das tentativas de retrocesso, eu confio nas ruas, confio no povo, confio nas mulheres, e confio na nossa</p> <p style="text-align: center;">227. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>228. <b>A SR<sup>a</sup> JANDIRA FEGHALI</b> (PCdoB - RJ) – Muito obrigada. <i>(Palmas.)</i></p> <p>229. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Simone Tebet. PMDB - MS) – Obrigada, Deputada Jandira. Agradeço pela pontualidade. Estamos todos cumprindo o prazo regimental.</p> <p>230. Com a palavra a Senadora Lídice da Mata.</p> <p>231. Enquanto a Senadora Lídice ocupa a tribuna, apenas fazendo uma retificação. Eu preciso me penitenciar. Dos cinco projetos que aprovamos, o único que, infelizmente – cometi um lapso aqui, mas estamos atentos –, recebeu pedido de vista foi o da cota.</p> <p>232. Deputada Jandira, foi bom V. Ex<sup>a</sup> ter mencionado, porque...</p> <p>233. <b>A SR<sup>a</sup> JANDIRA FEGHALI</b> (PCdoB - RJ) – A cota do Senado.</p> <p>234. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Simone Tebet. PMDB - MS) – A cota do Senado. Houve um pedido de vista, mas estaremos em cima para a sua aprovação.</p> <p>235. Senadora Lídice com a palavra.</p> <p>236. <b>A SR<sup>a</sup> LÍDICE DA MATA</b> (Bloco/PSB - BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup> e Srs. Deputados, senhoras e senhores convidados para esta nossa sessão do Bertha Lutz, ilustres homenageadas com o Diploma Bertha Lutz, as quais cumprimento, e um cumprimento especial àquela que propôs esta homenagem, à Senadora,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Deputada e Governadora também Emília Fernandes, pelo Rio Grande do Sul. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>237. Antes de iniciar o meu discurso, Senadora Simone, devo dizer que sempre, quando se trata do poder, dá-se logo um jeitinho de se criar uma polêmica sobre a participação das mulheres.</p> <p>238. Quero lamentar que, na sessão de hoje, com as mudanças do protocolo, eu terminei não tendo a oportunidade de entregar a minha homenagem àquela que trouxe como agraciada para este prêmio, hoje, aqui, em nome das mulheres baianas, em nome das associações de mulheres da Bahia. Por isso mesmo, depois, falarei um pouco sobre a Denice.</p> <p>239. É com satisfação que participo, mais uma vez, da entrega do Diploma Bertha Lutz, momento de grande simbolismo neste dia, cuja origem da data internacional resulta de uma greve de mulheres no século XIX, em luta por melhores e mais igualitárias condições de trabalho, cuja efetivação ainda está por vir.</p> <p>240. Neste Dia Internacional da Mulher, em especial, convoca-se uma paralisação das mulheres em todo o mundo, num movimento chamado "As Mulheres Vão Parar". Aqui no Brasil, um dos principais pontos das manifestações é a atual proposta de reforma da previdência, que afetará todos os trabalhadores brasileiros, em especial as mulheres.</p>
<p>12:52</p> <p>R</p>	<p>241. Por isso, aqui as manifestações se organizaram sob o lema "Mulheres em luta, nada a Temer". Não aos 65 anos de aposentadoria; nenhum direito a menos.</p> <p>242. Junto com a reforma da Presidência, ou melhor, da previdência – um dia será da Presidência novamente –, a marcha de mulheres busca sensibilizar e alertar a população sobre a violência de gênero, o machismo, a homofobia e o racismo.</p> <p>243. Mas, Sr<sup>a</sup> Presidente, queridas homenageadas, esta é a 16<sup>a</sup> vez que homenageamos com o Diploma Bertha Lutz pessoas que se destacam em realizações significativas na dura caminhada de luta de tantas gerações de mulheres que nos antecederam, cujas pautas permanecem desafiadoras em pleno século XXI.</p> <p>244. Começo meu reconhecimento a todas essas que receberam o prêmio e, se formos olhar a vida de cada uma delas, será sempre uma vida de superação. Quero dizer da minha alegria de ter todas vocês aqui. Que todas as mulheres anônimas deste País um dia possam estar aqui representadas em sua invisibilidade em cada uma dessas mulheres que hoje nós estamos agraciando.</p> <p>245. Começo esse reconhecimento pela Major da Polícia Militar da Bahia Denice Santiago Santos do Rosário, comandante da Ronda Maria da Penha – projeto de segurança que não existe apenas na Bahia, mas, na Bahia, é motivo de alegria, porque significa um destaque e a efetivação de uma política pública que tem sido vitoriosa. Essa política é dedicada à prevenção da violência contra a mulher no nosso Estado.</p> <p>246. Denice representa a força, a garra das baianas: mulher, negra, integrante de uma instituição composta exclusivamente por homens durante 165 anos de existência, num Estado com altos índices de violência contra as mulheres.</p> <p>247. A minha homenagem a Denice e a nossas mulheres é uma homenagem a todas as mulheres que trabalham na segurança pública, um ambiente extremamente machista em geral, com condições de trabalho também muito diferenciadas. Às mulheres, portanto, das Forças Armadas, da Polícia Militar, da Polícia Civil, da Polícia Federal, em todas as áreas de segurança.</p> <p>248. O principal mérito de Denice é sua contribuição no enfrentamento da violência sexista, evidenciada na sua vida pessoal e profissional. Suas realizações vêm despertando interesse de pesquisadores e se tornando referência no rompimento de conceitos e práticas discriminatórias, homofóbicas, patriarcais e racistas, ainda dominantes e enraizadas na vida social, desde o mundo afetivo e privado ao mundo público.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>249. Seu currículo revela uma formação rica em conteúdos relacionados à sua atuação: Major Denice é graduada em Psicologia, pós-graduada em Desenvolvimento Gerencial Integrado e Gestão de Recursos Humanos, entre outras áreas de formação. Ela inaugurou o debate sobre gênero numa instituição de forte conteúdo machista, deu início a novas práticas no tratamento da corporação com o sexo feminino e ampliou o espaço das mulheres na Polícia Militar da Bahia.</p>
<p>12:56</p> <p>R</p>	<p>250. A Operação Ronda Maria da Penha atua em Salvador e região metropolitana e, ainda, nos Municípios de Paulo Afonso, Serrinha, Juazeiro e Feira de Santana, em acompanhamento de mulheres vítimas de violência sob medida protetiva instaurada.</p> <p>251. Ela também recebe hoje, cara Presidente e companheiras, outro prêmio, um selo dado pelo Fórum Brasileiro de Segurança, que ela receberá daqui a algumas horas em São Paulo.</p> <p>252. Na pessoa dessa minha conterrânea baiana Major Denice, saúdo igualmente as demais homenageadas de hoje com o Diploma Bertha Lutz e todas as mulheres que estão trabalhando, como disse antes hoje, na segurança pública. Quero referenciar, portanto, em seu nome, Diza Gonçalves, Isabel Cristina de Azevedo Heyvaert, Prof<sup>a</sup> universitária Raimunda Luzia de Brito e a jornalista e escritora Tati Bernardi.</p> <p>253. Lembro que o Diploma Bertha Lutz, criado por Emília Fernandes, já homenageou 79 personalidades de várias áreas de atuação, sendo que leva o nome da Deputada Federal Bertha Lutz, uma das principais líderes da luta pelos direitos das mulheres brasileiras. Zoóloga de profissão, ela se empenhou pela aprovação da legislação que outorgou o direito às mulheres de votar e de ser votadas.</p> <p>254. Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. convidados, Deputados e Senadoras, a realidade da desigualdade entre mulheres e homens no Brasil, motivo da criação desta homenagem, permanece sem mudanças significativas no que se refere aos índices da vida cotidiana das brasileiras.</p> <p>255. Em casa, permanece o trabalho doméstico sob sua responsabilidade, assim como a frequência de violência dos seus parceiros. Esta semana, o Ipea divulgou resultado de um levantamento que mostra que as mulheres brasileiras trabalham, em média, sete horas e meia a mais por semana do que os homens, devido à dupla jornada de tarefas domésticas e trabalho remunerado, embora a taxa de escolaridade delas seja mais alta. Por essa razão, não à reforma da previdência.</p> <p style="text-align: center;">256. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>257. <b>A SR<sup>a</sup> LÍDICE DA MATA</b> (Bloco/PSB - BA) – Vou finalizar, Presidente.</p> <p>258. Apesar de trabalharem mais horas que os homens, elas ganham menos. É o relatório divulgado pela OCDE, com dados de 46 países, que mostra que o salário médio de uma mulher brasileira com educação superior representa apenas 62% do salário de um homem com o mesmo grau de ensino no Brasil.</p> <p>259. No trabalho, também permanece maior concentração de desemprego entre as mulheres. Segundo o IBGE, em 2015, a taxa de desemprego entre elas era de 11,7%, enquanto, para os homens, foi de 7,9%. Naquele ano, as mulheres representaram 53,6% do total de 10 milhões de desempregados.</p> <p>260. Nos poderes e nas representações políticas, temos apenas 10% de mulheres na Câmara dos Deputados e 14% no Senado.</p> <p style="text-align: center;">261. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p style="text-align: center;">262. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>263. <b>A SR<sup>a</sup> LÍDICE DA MATA</b> (Bloco/PSB - BA) – Também permanecem reivindicações em outras áreas que comprometem a autonomia, a liberdade, a dignidade e a vida das mulheres.</p>
13:00	<p>264. O Brasil é o quinto país em índices de feminicídio – que é o assassinato de</p>



Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>mulheres pela condição de serem mulheres –, com média de 4,6% assassinadas a cada 100 mil. Ainda assim, temos, em nosso País, iniciativas e realizações para transformar este quadro, com a promoção de mudanças que já estavam em curso em todo o mundo e se fortaleceram nos últimos anos.</p> <p>265. No entanto, temos que perseverar, atentas a esta atual situação e à conjuntura política, que é de retrocesso.</p> <p>266. Usando, mais uma vez, meu conterrâneo Caetano Veloso e corrompendo um pouco seu texto, diria que "muita coisa está fora da ordem dentro da nova ordem nacional".</p> <p style="text-align: center;">267. <i>(Interrupção do som.)</i> 268. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>269. <b>A SRª LÍDICE DA MATA</b> (Bloco/PSB - BA) – São muitos os retrocessos que infelizmente já são efetivados pelo Poder Executivo, como a fragilização das Secretarias Especiais de Mulheres e de Negros, e também pelo Congresso Nacional, que, recentemente, com o PLC 5.069, de 2013, dificulta a atenção qualificada às meninas e mulheres vítimas de violência sexual.</p> <p>270. Finalizando, Srª Presidente, "trabalho igual, salário igual", "nosso corpo nos pertence", "maior participação política das mulheres" são algumas das bandeiras de lutas feministas muito batidas no ocidente desde os anos 70 que ainda hoje têm indiscutível atualidade e sofrem ameaças. No Brasil, repercutiram nos anos 70, se intensificaram nos anos 80, passaram pela mobilização das mulheres pela redemocratização. Tiveram campo aberto para...</p> <p style="text-align: center;">271. <i>(Interrupção do som.)</i> 272. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>273. <b>A SRª LÍDICE DA MATA</b> (Bloco/PSB - BA) – Hoje a lentidão ou a omissão na Justiça quanto à violência contra a mulher continuam inviabilizando medidas protetivas de urgência contra a violência de gênero e frequentemente culpabilizam a mulher pelo estupro. O quadro é de fortalecimento das velhas resistências, que preservam e fazem avançar a "cultura do estupro".</p> <p>274. Depois de tantos retrocessos, neste 8 de março, o não à reforma da previdência se torna a principal bandeira das manifestações em todo o Brasil; o não aos 65 anos para as mulheres de aposentadoria. Os brasileiros e brasileiras não podem perder direitos tão duramente conquistados. Precisamos continuar na luta!</p> <p>275. Mulheres do mundo inteiro se unem e no Brasil nos unimos para dizer que nenhum direito...</p> <p style="text-align: center;">276. <i>(Interrupção do som.)</i> 277. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>278. <b>A SRª LÍDICE DA MATA</b> (Bloco/PSB - BA) – É a última frase.</p> <p>279. Como diria Caetano: "A língua é minha pátria, e eu não tenho pátria, tenho mátria, e quero frátria".</p> <p>280. Assim pensam as mulheres brasileiras.</p> <p>281. Muito obrigada. <i>(Palmas.)</i></p> <p>282. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Simone Tebet. PMDB - MS) – Obrigada, Senadora Lídice da Mata.</p> <p>283. Passo a palavra à Deputada Laura Carneiro, aproveitando para passar a Presidência à Senadora Vanessa Grazziotin, numa alternância de poderes aqui. Retorno em breve, mas estamos sempre aqui passando a Presidência a todas as companheiras.</p> <p>284. Com a palavra a Deputada Laura Carneiro.</p> <p>285. <i>(A Srª Simone Tebet deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Srª Vanessa Grazziotin.)</i></p> <p>286. <b>A SRª LAURA CARNEIRO</b> (PMDB - RJ. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Srª Presidente, Vanessa Grazziotin, Senadora Simone Tebet, Senadora Marta Suplicy, Srªs Senadoras, Srs. Senadores, companheiras Deputadas, amigos, mulheres maravilhosas que estão hoje neste plenário, trago</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>os cumprimentos do Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Rodrigo Maia, ao Presidente do Congresso Nacional, Senador Eunício Oliveira, pela realização desta sessão solene do Congresso Nacional no Dia Internacional da Mulher; e, claro, a todas as mulheres aqui presentes; e a homens, como diria meu pai, com alma feminina.</p>
<p>13:04</p> <p>R</p>	<p>287. Oito de março de 2017. Faz 107 anos que esta data passou a celebrar o Dia Internacional da Mulher. A covardia inominável da violência contra a mulher, no entanto, ainda é uma realidade em pleno século XXI. E com números espantosos. No meu Estado, o Rio de Janeiro, no último Carnaval, Senadora Vanessa, uma mulher foi agredida a cada quatro minutos. A polícia atendeu a 15.943 solicitações em apenas cinco dias, enquanto em todo o Brasil os relatos de violência sexual também aumentaram cerca de 90% em relação ao Carnaval do ano passado.</p> <p>288. O Brasil mantém, há dois anos, o posto de um dos cinco países do mundo onde mais se mata: 4,8 a cada 100 mil mulheres. Em 2013, o País estava em sétimo lugar <i>no ranking</i> de assassinatos no mundo, o que significa que nós aumentamos na estatística, essa estatística vergonhosa em tempos contemporâneos.</p> <p>289. E, mesmo assim, avançamos. O número de assassinatos de mulheres poderia ser 10% maior, se este Congresso Nacional não tivesse aprovado, em 2006, a Lei Maria da Penha. É uma das melhores legislações do gênero no mundo. Na França, por exemplo, Deputada Carmen Zanotto, a violência doméstica atinge uma em cada dez mulheres. No Reino Unido, em 2013, foram registrados 1,3 mil casamentos forçados. Estou dizendo no Reino Unido.</p> <p>290. Sim, avançamos, senhoras e senhores. Mas ainda há muito a realizar. Vivemos em uma sociedade que, de várias maneiras, limita a oportunidade de crescimento individual, educacional e profissional das mulheres. Por vezes, até mesmo os direitos básicos declarados em lei são negados a muitas mulheres deste País.</p> <p>291. Neste momento, discutimos a reforma da previdência, alguns esquecendo que as mulheres, sem pensar na questão da dupla jornada, ainda são discriminadas salarialmente. Eu disse isso ontem na reunião da Bancada do PMDB, Senadora Emília, ao Ministro Meirelles, dizendo do absurdo e de como essa reforma da previdência, ao cabo, penaliza muito mais as mulheres do que os próprios homens.</p> <p>292. A representatividade feminina, seja como representante eleita, seja como cidadã detentora de direitos, é o que poderá derrotar a discriminação, a exclusão e a desigualdade que ainda hoje se impõem sobre todas as brasileiras. Somos 51,5% da população, 43,8% da força de trabalho e infelizmente 54,1% entre os desempregados na época desta grande recessão.</p> <p>293. Muitos obstáculos ainda afastam as mulheres dos espaços de poder e lhes negam a voz.</p>
<p>13:08</p> <p>R</p>	<p>294. No topo das hierarquias, tanto no serviço público quanto no privado, somos minoria: 37% dos cargos de direção e gerência. Na direção das grandes empresas, somos apenas 10%. No Senado Federal, 16%. Na Câmara, incríveis 9,9%!</p> <p>295. Temos trabalhado intensamente para diminuir essas distâncias, na construção de uma legislação renovadora. Para implementá-la, precisamos de parcerias sólidas. O Senado agora vai analisar os projetos que acabamos de aprovar na Câmara: o que trata do inédito sistema de garantia de direitos de crianças e adolescentes vítimas e testemunhas de violência, da Deputada Maria do Rosário, e o que criminaliza a divulgação, na internet – ou outro meio –, de cenas privadas de nudez e sexo sem o consentimento das pessoas envolvidas, garantindo também a aplicação da Lei Maria da Penha nos casos de violação de intimidade, do Deputado João Arruda. Fui Relatora, no plenário da Câmara dos</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Deputados, das duas propostas e agradeço imensamente a todos os envolvidos no processo de tramitação.</p> <p>296. Aproveito para pedir às Sr<sup>as</sup> Senadoras e aos Srs. Senadores que votem essas duas matérias com a brevidade necessária. Temos uma oportunidade.</p> <p>297. Na luta de décadas pela aprovação da Lei do Divórcio nesta Casa, meu pai, o Senador Nelson Carneiro, ensinou: "O principal é atacar sempre, por todos os flancos, a teimosia legal, numa batalha sem descanso num quartel." É dele também a lei que proibiu a discriminação entre sexos no provimento de cargos. Hoje, esse revolucionário dos costumes estaria de cabelos em pé. Isso foi apenas o começo.</p> <p>298. Hoje, devemos ir muito além, ainda com mais coragem, como as cinco agraciadas do dia de hoje, com o Prêmio Bertha Lutz: a policial baiana Denice do Rosário, a embaixadora Isabel Heyvaert, a romancista Tatiane Bernardi, Diza Gonzaga, do Programa Vida Urgente, e a advogada Raimunda Luzia de Brito e sua luta sem tréguas contra a desigualdade racial. Elas são a prova de que a realidade de exclusão dos espaços de poder, ainda experimentada por muitas brasileiras, pode ser modificada, se lutarmos essa batalha sem descanso. Afinal, o exercício da cidadania feminina vem sendo conquistado por exemplares e admiráveis mulheres que se esforçam, não somente para superar os muros que nos atravancam o caminho, mas para derrubá-los no chão.</p> <p>299. Parabéns a todas.</p> <p>300. Vou terminar com uma pequena frase de Rosa Luxemburgo: "Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres."</p> <p>301. Muito obrigada. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>302. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Vanessa Grazziotin. Bloco/PCdoB - AM) – A Mesa cumprimenta a Deputada Laura Carneiro pelo pronunciamento. Agora chamo, com muita alegria, a inscrita para falar, Senadora Fátima Bezerra.</p> <p>303. A Senadora Fátima Bezerra é a próxima inscrita, e, na sequência, teremos uma palavrinha de uma de nossas agraciadas que, infelizmente, vai ter que sair, porque tem outro compromisso.</p> <p>304. Senadora Fátima, com a palavra V. Ex<sup>a</sup>.</p> <p>305. <b>A SR<sup>a</sup> FÁTIMA BEZERRA</b> (Bloco/PT - RN. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Senadora Vanessa Grazziotin, que preside os trabalhos, quero aqui abraçar as companheiras Parlamentares, as mulheres dos movimentos sociais, populares, aqui presentes. Quero aqui cumprimentar rapidamente as nossas homenageadas: Denice, Diza, Isabel, Raimunda Luzia, Tati Bernardi, todas elas merecedoras dessas justas homenagens e do Prêmio Bertha Lutz.</p>
13:12 <b>R</b>	<p>306. O meu abraço muito especial, caloroso, a todas as mulheres do mundo, em especial do Brasil, que, desde as primeiras horas da manhã, tomam as ruas pelo País afora, denunciando os ataques, as afrontas aos direitos das mulheres, e também, mais do que nunca, neste momento, protestando contra a agenda de retirada de direitos.</p> <p>307. Na verdade, Senadora Vanessa, como já foi mencionado aqui, o 8 de março de 2017 reveste-se de um caráter muito especial não só no Brasil como no mundo. São mais de 60 países onde as mulheres estão unificadas, dizendo não às desigualdades de gênero, à violência sexista, ao machismo. Ou seja, as mulheres estão dizendo não a todas as injustiças que secularmente afetam a vida delas. E aqui no Brasil também não é diferente. São as mulheres do campo, são as mulheres da cidade, dizendo não a todas essas injustiças.</p> <p>308. O 8 de março de 2017 no Brasil, repito, ainda tem um caráter ainda muito mais especial, porque é o primeiro 8 de março pós-golpe. Refiro-me a um processo de <i>Impeachment</i> fraudulento que, ironicamente, afastou do poder a primeira mulher a ser eleita Presidenta deste País. E, no nosso caso, foi um golpe sim, porque no nosso entendimento não houve, definitivamente, comprovação de</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>crime de responsabilidade. Por isso consideramos que aquele foi um momento de ruptura democrática, foi um golpe parlamentar. E emergiu com esse pós-golpe um governo ilegítimo, que não reconhecemos, um governo, aliás, que disse que era preciso tirar uma Presidenta honesta, porque era preciso acabar com a corrupção, porque era preciso resolver o problema da economia. Passados esses meses, o que a gente tem visto é que a corrupção só aumentou e que a crise na economia só se agravou mais.</p> <p>309. Quanto à corrupção, basta um dado: são oito, nove meses de Governo. Já caíram 8 ministros do Governo que aí está. E a queda desses Ministros se deve a denúncias por atos de corrupção.</p> <p>310. No campo da economia a situação só piorou, com desemprego, corte de investimentos e, como se não bastasse, a agenda de retirada de direitos, cruel, tendo à frente a reforma trabalhista e a reforma da previdência. E, no caso da reforma da previdência, não é à toa que as mulheres, hoje, em todo o Brasil, estão fortemente mobilizadas, mandando um recado ao Governo, no sentido de que eles não ousem fazer isso. As mulheres, inclusive, estão mandando um recado ao Congresso Nacional, de que os Parlamentares não coloquem suas assinaturas aprovando uma proposta de reforma da previdência que é de uma violência, de uma crueldade sem tamanho, na medida em que ela é um atentado aos interesses do conjunto do povo trabalhador brasileiro e, em especial, à vida de nós, mulheres, pelo quanto ela se propõe a elevar a idade mínima para 65 anos, sem distinção de idade entre homens e mulheres. E, ainda por cima, exige 49 anos de contribuição para se ter direito à aposentadoria integral.</p>
<p>13:16</p> <p>R</p>	<p>311. Ora, quanta insensibilidade, quanta injustiça um governo querer, agora, igualar a idade de aposentadoria de nós, mulheres, com os homens, desconhecendo toda a realidade do mundo do trabalho. É fato que as mulheres adentraram o mundo do trabalho – é fato. Mas é fato que elas ganham salários menores. É fato, por exemplo, que, entre o conjunto dos desempregados, nós somos mais da metade. E some-se a isso dupla, a tripla jornada de trabalho.</p> <p>312. Quem é que cuida dos filhos? Quem é que cuida da casa? Quem é que cuida dos idosos que lá estão? São exatamente as mulheres. Por isso mesmo que, em boa hora, a Constituição cidadã de 1988 assegurou regime especial de aposentadoria para as mulheres, por considerar todas essas especificidades.</p> <p>313. No caso do magistério, a categoria da qual eu faço parte, é um escândalo também, é um atentado. Simplesmente, o Governo acaba com a aposentadoria especial da professora. Uma categoria formada majoritariamente por mulheres. E eu não estou falando aqui dos professores e professoras da educação básica. Eu estou falando dos meus colegas professores que, neste momento, estão nas redes municipais e nas redes estaduais pelo País afora, da creche ao ensino fundamental e ensino médio. Salas superlotadas, precárias condições de trabalho, como se não bastassem ainda os salários aviltantes. E o que é que o Governo ilegítimo faz? Simplesmente, acaba com a aposentadoria especial que, no nosso caso também, não é privilégio, é proteção, que temos desde quando a Constituição nos deu o direito de nos aposentarmos – as mulheres – aos 50 anos, com 25 anos de contribuição.</p> <p>314. A questão da trabalhadora rural, da camponesa, é um duro golpe, porque desconhece o quanto essas mulheres começam a trabalhar bem cedo, desconhece a sua realidade de sol a sol. Eu venho de uma região, que é a Região Nordeste. Nós sabemos muito bem das dificuldades, do drama da Região Nordeste, como das demais regiões do País. Nós estamos falando de uma trabalhadora rural que também teve o seu regime especial por uma questão não de privilégio, mas de direito. E o Governo agora, simplesmente, quer que a trabalhadora rural trabalhe mais tempo.</p> <p>315. Aliás, o Governo, com essa proposta de reforma da previdência, na prática, está acabando exatamente com a previdência rural, seja para as trabalhadoras</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>rurais, seja para os trabalhadores, quando quer exigir, a partir de agora, uma contribuição mensal dos trabalhadores e trabalhadoras.</p> <p>316. Por fim, Senadora Vanessa, outro grito que nós temos que dar aqui também, Senadora Gleisi, é no que diz respeito à questão da participação política das mulheres. Isso é uma vergonha! Nós somos mais da metade da população, precisamente 52,2% dos eleitores e eleitoras aptos a votar. E qual é o nosso espaço? Chegamos à segunda metade do século XXI com a mais completa invisibilidade feminina.</p> <p>317. Das 81 cadeiras aqui, quantas são de mulheres Senadoras? Catorze. Das 513 cadeiras na Câmara dos Deputados, quantas são de mulheres Deputadas? Umas 46, 47, 48. Nas câmaras municipais, nas assembleias legislativas, enfim, no geral, seja no Poder Legislativo, no Poder Executivo ou no Poder Judiciário, a nossa participação não chega, em média, a 15%.</p>
<p>13:20</p> <p>R</p>	<p>318. E por que tudo isso? Isso se deve a vários fatores. E um deles é este Parlamento brasileiro, que tem a cara do conservadorismo, que tem a cara, exatamente, do machismo. Hoje mesmo houve mais uma demonstração disso na Comissão de Constituição e Justiça, onde conseguimos aprovar alguns projetos importantes que dizem respeito à luta das mulheres, mas, quando chegou a hora...</p> <p style="text-align: center;">319. <i>(Soa a campainha.)</i></p> <p>320. <b>A SRª FÁTIMA BEZERRA</b> (Bloco/PT - RN) – ... dos espaços de decisão política do poder, nós fomos derrotados. Pediram vista. Ou seja, na verdade, o que não falta nesta Casa são propostas legislativas para promover a participação política das mulheres, para dar empoderamento às mulheres, mas elas não avançam – repito – porque este Parlamento tem, sobretudo, a cara do conservadorismo, a cara do machismo.</p> <p>321. Concluo, Senadora Vanessa, portanto, desejando que este 8 de março, pelo seu caráter especial, deixe como saldo uma consciência cada vez maior da sociedade brasileira e de nós, mulheres, no sentido de que é preciso avançarmos e muito – e muito – para que possamos ter um mundo onde a opressão, o preconceito e a violência sejam banidos.</p> <p style="text-align: center;">322. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>323. <b>A SRª FÁTIMA BEZERRA</b> (Bloco/PT - RN) – Não à reforma da previdência, por nenhum... <i>(Fora do microfone.)</i></p> <p>324. ... direito a menos. Fora Temer! E eleições diretas já, com a participação das mulheres. <i>(Palmas.)</i></p> <p>325. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Vanessa Grazziotin. Bloco/PCdoB - AM) – Parabéns à Senadora Fátima Bezerra pelo pronunciamento.</p> <p>326. Neste momento, passo a direção dos trabalhos para a nossa querida Senadora Gleisi.</p> <p>327. <i>(A Srª Vanessa Grazziotin deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Srª Gleisi Hoffmann.)</i></p> <p>328. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Com a palavra a Senadora Vanessa Grazziotin.</p> <p>329. <b>A SRª VANESSA GRAZZIOTIN</b> (Bloco/PCdoB - AM. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Muito obrigada, Senadora Gleisi, Srªs Deputadas, Senadoras, companheiros e companheiras.</p> <p>330. Neste 8 de março, data que representa não só uma justa homenagem a mulheres americanas que morreram pela simples razão de lutar por melhores trabalhos, aqui no Senado Federal, já há 16 anos, estamos fazendo a sessão do Dia da Mulher juntamente com uma sessão em homenagem a mulheres que lutam pelo direito das mulheres – ou homens, porque homens também podem receber o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz. Basta que tenham participação efetiva na luta pelos direitos das mulheres e contra a discriminação.</p>
13:24	331. Eu quero aqui dizer que esta data de 8 de março já está sendo bastante

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>diferente dos 8 de março anteriores. São vários países que estão parando, são vários países onde as mulheres estão gritando, porque nós já estamos cansadas de falar da discriminação e reivindicar nossos direitos. Estamos cansadas, porque ninguém ouve as nossas reivindicações, ninguém ouve as nossas falas. E, quando infelizmente falamos sem que aqueles que detêm o poder nos ouçam, é preciso que falemos mais alto, é preciso que falemos mais alto e é preciso que falemos cada vez mais alto. Este 8 de março representa um volume significativo na voz não só das mulheres brasileiras, mas de todo o mundo, que não aguentam mais, que não suportam mais conviver com situações que são vergonhosas não só para as mulheres, mas que deveriam ser vergonhosas para os homens, principalmente, vergonhosas para o País.</p> <p>332. Eu me refiro ao fato de o Brasil conviver como se fosse normal, Senadora Fátima, com um Parlamento onde mais da metade da população, mais da metade do eleitorado só ocupam 10% das cadeiras, que são as mulheres, seja nas câmaras de vereadores, seja nas assembleias legislativas, seja na Câmara Federal, seja aqui mesmo no Senado. Na Câmara Federal, são 9,9% de mulheres, e o Brasil convive com isso como se fosse normal. Em todo o continente latino-americano, em todo o continente americano, o Brasil só tem, Senador Paim – V. Ex<sup>a</sup> domina muito bem os dados –, mais mulheres no Parlamento do que o Haiti, do que Belize, do que uma ilhazinha chamada Saint Kitts. Nós ganhamos desses; perdemos para a Venezuela, o Paraguai, a Argentina, os Estados Unidos, o México, o Panamá, a Colômbia. Perdemos para todos. Por que não muda? Porque a mudança tem que ocorrer na legislação eleitoral, e quem detém 90% do poder das mudanças são os homens, porque ocupam 90% das cadeiras.</p> <p>333. Falávamos, há pouco, a respeito da sessão de hoje pela manhã da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania em que conseguimos construir uma pauta exclusivamente de temas relativos às mulheres. Falamos que o único projeto que não avançou foi exatamente aquele que reservava vagas nas cadeiras do Senado Federal para as mulheres, mas, Deputada Carmen, conseguimos outro avanço, que foi o estabelecimento...</p> <p>334. <b>O Sr. Paulo Paim</b> (Bloco/PT - RS) – Só para dizer...</p> <p>335. <b>A SR<sup>a</sup> VANESSA GRAZZIOTIN</b> (Bloco/PCdoB - AM) – Pois não.</p> <p>336. <b>O Sr. Paulo Paim</b> (Bloco/PT - RS) – ... que o Senador Roberto Rocha pediu vista e não deixou que isso acontecesse. Todos têm que saber.</p> <p>337. <b>A SR<sup>a</sup> VANESSA GRAZZIOTIN</b> (Bloco/PCdoB - AM) – Pediram vista exatamente do projeto, e não conseguimos votar.</p> <p>338. Votamos, por outro lado, um projeto de cotas importantes que é a presença obrigatória das mulheres nos conselhos das empresas estatais – são 30%, gradativamente, começando em 2018 e indo até 2022. Esse projeto deverá ir brevemente à Câmara dos Deputados. Da mesma forma, a Câmara dos Deputados luta para aprovar uma cota de cadeiras que começa com 10%, vai a 12% e chega a 16,5%, e temos dificuldade, Senadora Emília, de chegar a esse percentual.</p> <p>339. Não apenas é preciso que usemos dos apitos, da voz forte que nós temos, mas é preciso que chacoalhemos a sociedade e que mostremos para os homens que esse não é um espaço exclusivo deles. Esse é um espaço que tem que ser dividido, equalizando com toda a sociedade. Nós somos a maioria da população brasileira e temos o direito, sim, de trabalhar e estar ao lado dos homens construindo as leis deste País, contribuindo para que este País se desenvolva. Nada explica.</p> <p>340. Se o mundo inteiro tem razões para lutar, nós no Brasil temos razões ainda maiores, porque, além de tudo o que nos tiram permanentemente, além dos espaços, além do reconhecimento, além da violência crescente no Brasil... E é bom que se diga que há dois mapas em que o Brasil está colocado no mundo que são exatamente o inverso um do outro: um é o da presença no Parlamento</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>das mulheres, em que nós estamos lá embaixo; outro é o da violência, em que nós estamos lá em cima. Eles têm tudo a ver, porque a falta do empoderamento da mulher faz com que a violência cresça a cada dia.</p>
<p>13:28</p> <p>R</p>	<p>341. Não basta nós termos um nível maior de escolaridade, não basta nós estarmos só no mercado de trabalho, é preciso que estejamos ocupando o poder. Nós temos que pôr fim àquela sociedade em que ele manda e ela obedece. Infelizmente, é assim: eles decidem e nós cumprimos a decisão deles. A hora em que vamos ser reconhecidas e respeitadas é na hora em que, ao lado deles, nós decidirmos também. Por que muitas mulheres que têm independência financeira sofrem violência doméstica? Porque os maridos ainda veem aquela mulher como um objeto seu, como uma propriedade sua. É contra isso que nós temos de lutar.</p> <p>342. E dizia eu...</p> <p>343. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Senadora Vanessa, a nossa homenageada está aqui pedindo para fazer um aparte.</p> <p>344. <b>A SRª VANESSA GRAZZIOTIN</b> (Bloco/PCdoB - AM) – Pois não.</p> <p>345. <b>A Srª Raimunda Luzia de Brito</b> – Pequeninho. Eu, como professora há quase 50 anos – estou hoje com 78 anos, graças a Deus –, sei que tem que começar na escola a ensinar para a menina o que é a mulher, o que a mulher faz, o que nós devemos fazer, para a menina crescer e saber que tem de votar em mulher. Senão, vamos ficar sempre batendo que mulher não vota em mulher, e a mulher não tem voto. Obrigada. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>346. <b>A SRª VANESSA GRAZZIOTIN</b> (Bloco/PCdoB - AM) – Eu que agradeço à senhora, que engrandece muito o meu pronunciamento.</p> <p>347. Mais do que isso, nós temos que fazer, sim, nós temos que educar os meninos a também nos ajudarem a cuidar das crianças, a lavar a louça, a varrer. Isso não tem nenhum demérito, porque, na hora em que o Brasil se industrializou, em que o mundo viveu a revolução industrial, a mulher tirou a saia, vestiu a calça, colocou a bota e foi para a rua trabalhar. Nesse mesmo instante, o homem tinha que colocar o avental e ir para dentro de casa ajudar suas companheiras, que saíram para ajudar a sustentar suas famílias, mas os homens não fizeram assim. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>348. É preciso, sim, que digamos que não existe divisão de gênero no mundo do trabalho, porque a mulher não é melhor para uma coisa do que para outra. Nós somos diferentes fisiologicamente, somos diferentes, sim, mas não podemos ser tratadas com diferença, devemos ser tratadas com igualdade.</p> <p>349. Enfim, para concluir, eu quero apenas aqui resgatar o que várias companheiras que me antecederam falaram. Nós no Brasil temos razões maiores ainda para lutar, para nos mobilizar, porque, além de tudo que nos tiram, agora querem aprovar reformas no âmbito do trabalho, principalmente, a reforma trabalhista e a reforma previdenciária, que prejudicam todos os trabalhadores e trabalhadoras, mas que prejudicam em especial as mulheres. Querem tirar não os bônus, pois eu escuto muita gente falar de um bônus que as mulheres têm hoje, que é o direito de se aposentar cinco anos antes do homem. Isso não é um bônus, isso é uma pequena compensação por tudo o que a sociedade nos impõe: uma jornada de trabalho maior, com salários menores, um trabalho que substitui o Estado brasileiro, sem qualquer remuneração. Então, querer igualar o tempo de aposentadoria...</p> <p style="text-align: center;">350. (<i>Soa a campanha.</i>)</p> <p>351. <b>A SRª VANESSA GRAZZIOTIN</b> (Bloco/PCdoB - AM) – ... dizendo que a mulher vive mais é a maior injustiça que nós já vimos sendo cometida, porque a mulher trabalha mais. Boa parte da jornada de trabalho dela, que é em casa, a doméstica, é sem nada de remuneração. A mulher vê a sua carreira prejudicada por cumprir a função mais nobre da humanidade, que é a maternidade!</p>
13:32	352. Companheiros e companheiras, é exatamente por essas razões que nós temos

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>que dizer "não" a essa PEC da reforma da previdência, dizer "não" às reformas que suprimem os nossos direitos. Eu tenho certeza absoluta disso e quero concluir fazendo um apelo aos nossos colegas, companheiros, Senadores homens, assim como aos Deputados: não tirem o que a mulher com muita dificuldade conquistou há algum tempo, não tirem o direito do trabalhador que mais precisa da mão do Estado.</p> <p>353. Muito obrigada, Sr<sup>a</sup> Presidente. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>354. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR. <i>Fazendo soar a campanha.</i>) – Com a palavra, agora, a Deputada Benedita da Silva.</p> <p>355. <b>A SR<sup>a</sup> BENEDITA DA SILVA</b> (PT - RJ. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>as</sup> Senadoras, Srs. Senadores, Deputadas, Deputados, eu queria cumprimentar as agraciadas neste dia nas pessoas – vou dizer o nome – de Denice Santiago, que já não está conosco, Diza Gonzaga, Raimunda Luzia, Tati Bernardi e Isabel Cristina.</p> <p>356. Eu estou aqui para falar em nome da Bancada feminina do Partido dos Trabalhadores. Por isso, faço questão de citá-las: Erika Kokay, Ana Perugini, Maria do Rosário, Margarida Salomão, Luizianne Lins.</p> <p>357. Nós estamos no Dia Internacional da Mulher. E eu fiz questão de estar nesta tribuna, porque, há um ano, aqui estava eu nesta tribuna, quando a Presidenta Dilma Rousseff veio a esta Casa prestigiar exatamente o Dia Internacional da Mulher e também as agraciadas do Diploma Bertha Lutz. Eu me lembro de que aqui estava também o Vice-Presidente da República, Michel Temer. E eu disse uma coisa – algumas feministas se manifestaram na hora, mas depois elas foram entender. Eu me virei para o Vice-Presidente da República e disse: "Tome conta dela para que ela tome conta do País". Pareceu uma praga, porque, de repente, eu vejo que esse homem, que tinha o papel de zelar com responsabilidade pela democracia que deu os votos legítimos à Presidenta Dilma, deu um golpe neste País. Eu não posso, no Dia Internacional da Mulher, esquecer que nós votamos em uma mulher para presidir este País e que ela não concluiu o seu mandato. E eu me sinto traída com o meu voto! (<i>Palmas.</i>)</p> <p>358. Até agora, nenhum homem provou que essa mulher é uma delinquente, que ela foi contra os interesses da população brasileira e que cometeu algum ilícito. Portanto, como mulher, principalmente como mulher, seria para mim uma farsa chegar a esta tribuna e não, memoravelmente, fazer este comentário.</p>
13:36 R	<p>359. Eu quero cumprimentar ainda a nossa Senadora Emília, que também foi nossa Ministra das Mulheres. Tenho como memorável o seu trabalho, que deu o pontapé inicial, e nós implantamos neste País a política para as mulheres.</p> <p>360. Eu gostaria que vocês pudessem compreender que não estamos fazendo um discurso amargo. Nós estamos apenas lembrando a luta da mulher brasileira. É isto que eu faço neste momento: lembrar que nós estamos correndo um risco de perder todas as nossas conquistas, conquistas que duraram para nós décadas e décadas, séculos e séculos.</p> <p>361. Eu pontuei cada uma das nossas agraciadas para chamar a atenção para o que está acontecendo neste momento. Nós vimos que precisamos combater a discriminação racial. Ouvimos o que falou aqui a nossa Embaixadora. Eu não posso fazer um discurso do 8 de março pura e simplesmente negando a realidade deste País e a responsabilidade desta Casa de ter leis que possam verdadeiramente respaldar essas iniciativas.</p> <p>362. Este nosso 8 de março brasileiro soma-se com todas as demais mulheres internacionalmente para dizer "não" a uma reforma que traz prejuízo, seja a reforma trabalhista, seja a reforma previdenciária. Dizer isso no dia 8 de março é chamar a atenção para a maioria da população brasileira, que somos nós mulheres.</p> <p>363. Eu quero fazer outro registro que compreendo ser importante fazer agora: nós estamos com uma reforma trabalhista, mas há um ano desde que, nesta Casa e</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>na Câmara dos Deputados, nós aprovamos os direitos das trabalhadoras domésticas baseados na CLT. Pois este Governo está mandando uma reforma trabalhista que, além de tirar os direitos de todos os trabalhadores, pega também os 7,5 milhões de trabalhadoras domésticas que saíram da senzala da casa-grande e vieram agora para usufruir dos direitos conquistados após décadas e décadas. Pois bem, elas não poderão usufruir. Nós estamos trabalhando, principalmente as mulheres, que têm tripla jornada de trabalho, essas mulheres que nós sabemos que, desde a casa-grande, eram reconhecidas no seu trabalho, e hoje elas perdem essa oportunidade.</p> <p>364. Nós sabemos que as mulheres ganham menos que os homens, exercendo a mesma função. Estamos cansadas desse diagnóstico, porque nós sabemos também que as mulheres negras ganham 40% menos que os homens brancos. Se nós mulheres como um todo ganhamos menos que os homens, as mulheres negras ganham muito menos.</p>
<p>13:40</p> <p>R</p>	<p>365. Esse é o nosso 8 de março. Por isso, não à reforma trabalhista, porque a reforma trabalhista vai voltar ao Século XVIII, vai voltar à casa grande e à senzala para os trabalhadores e trabalhadoras deste País, sem contar os benefícios de prestação continuada, que vão atender uma população de idosos, de pessoas com deficiência e da nossa juventude que terão o seu orçamento pela metade, abaixo do salário mínimo.</p> <p>366. Então, como é que nós podemos ter alguma coisa para comemorar neste 8 de março, senão ir para a rua e dizer que não queremos essa reforma previdenciária? Ela é cruel!</p> <p>367. Queremos também dizer que agora os professores, que sabemos perfeitamente que têm defendido a educação no nosso País, que cuidam dos nossos filhos, que cuidam do futuro deste País, porque a educação é principal, primordial... Ela é estratégica. Ela é revolucionária na vida dos seres humanos! Essas professoras não terão mais a sua aposentadoria especial! Elas vão perder a sua aposentadoria especial!</p> <p>368. No entanto, se nós tivéssemos tempo, daríamos números concretos para dizer que a Previdência não é deficitária. Provaríamos que falta, além de uma fiscalização, impor que se cumpra a Constituição brasileira, porque ela garante os recursos para a Seguridade Social. Vamos observar que os recursos parcos que tivemos até então foram suficientes para atender milhões e milhões de trabalhadores e trabalhadoras, daqueles que devem ser os seus beneficiários.</p> <p>369. De toda forma, quero homenagear essas mulheres que têm nos orgulhado. Esta Casa faz uma boa lembrança, trazendo para nós esta comemoração do dia 8 de março e dando esse Diploma Bertha Lutz, uma mulher de garra, uma mulher de fibra! Uma mulher que soube como nunca estar como Parlamentar para defender os direitos, sem temer, porque é isso que nós fazemos, como a voz de Che Guevara: "Endurecer sem perder a ternura."</p> <p>370. Somos rosas, mas os nossos espinhos, de vez em quando, têm que dar algumas espetadas.</p> <p>371. Esperamos que a reforma não venha – a reforma previdenciária e a trabalhista –, porque nós, mulheres, não queremos nenhum direito a mais.</p> <p>372. Obrigada. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>373. (<i>Durante o discurso da Srª Benedita da Silva, a Srª Gleisi Hoffmann deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Srª Fátima Bezerra.</i>)</p> <p>374. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Queremos saudar a Deputada Benedita da Silva pelo belo e importante pronunciamento que acaba de fazer, em nome da Bancada do PT na Câmara dos Deputados.</p> <p>375. Vamos passar imediatamente a palavra à Senadora Ana Amélia, que fala pela Liderança do PP no Senado Federal.</p> <p>376. <b>A SRª ANA AMÉLIA</b> (Bloco/PP - RS. Como Líder. Sem revisão da oradora.) – Muito obrigada, Srª Senadora Fátima Bezerra, que preside esta sessão.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	377. Queria cumprimentar essas agraciadas batalhadoras, valorosas, talentosas que nos representam, representam as mulheres. Dizer que todos os pronunciamentos aqui abordaram, de uma ou de outra forma, questões políticas.
13:44 R	<p>378. A Senadora Fátima Bezerra me diz que estou aqui como Líder, representante da Bancada do PP, mas o orgulho maior é o de estar aqui para homenagear Diza Gonzaga, cuja indicação eu tive a honra de fazer, pelo trabalho que ela faz, e vou abordar isso como tema central.</p> <p>379. Antes, quero dizer que muito se falou aqui sobre determinados tipos de violência que são assacadas contra as mulheres. Quero agora, com toda sinceridade, manifestar a minha solidariedade a uma Deputada que, politicamente, é minha adversária no meu Estado, a Deputada Maria do Rosário.</p> <p>380. A filha adolescente foi vítima de uma das maiores violências que se podem fazer com o uso das redes sociais, assacando mentiras, inverdades. E o que isso pode representar, como o chamado <i>bullying</i> ou o efeito emocional sobre essa adolescente?</p> <p>381. Nós temos que ver que a violência contra a mulher... E a Senadora Emilia Fernandes, criadora do Bertha Lutz, sabe bem, porque foi uma batalhadora nessa causa, a causa da violência contra as mulheres. E sou de um Estado considerado, como você sabe bem, Diza Gonzaga, politizado, mas os níveis de violência contra a mulher são extraordinariamente elevados.</p> <p>382. Eu também queria, já que falamos sobre discriminação, fazer uma manifestação a essas mulheres militares que disciplinadamente estão aqui. A elas e a uma militar que foi aqui indicada pela Senadora Lídice da Mata, da Bahia, a Denice Santiago Santos do Rosário. Ela é uma das mulheres brilhantes na carreira militar do Estado da Bahia.</p> <p>383. A vocês, mulheres, eu reconheço que existe, sim, um grau de discriminação, porque toda vez que você diz "sociedade civil" você está excluindo as mulheres. E essa é uma forma sutil de preconceito e discriminação, porque você não fala sobre as religiões, as etnias, mas fala "sociedade civil".</p> <p>384. Por que, se nós festejamos o ingresso e o acesso das mulheres a carreiras que eram predominantemente militares, exercidas por homens, agora, quando as mulheres ascendem à área militar, nós continuamos falando em sociedade civil? Por que, se temos de um lado, que festejar, por outro, usamos do preconceito? Então, a vocês todas, mulheres, a minha solidariedade.</p> <p>385. Tenho muito orgulho de ver uma mulher envergando uma farda da Força Aérea, do Exército. Vejo também comandantes de aviões da aviação civil em várias companhias. Isso representa também uma mudança do comportamento, primeiro das mulheres, que se dispuseram a vencer essas barreiras e a lutar pelos seus direitos.</p> <p>386. Então, a todas vocês, a minha manifestação de apoio. Vejo também a Marinha. Falei das outras armas, Aeronáutica e Exército. Então, a Marinha, do uniforme branco.</p> <p>387. Então, a vocês todas o meu registro da forma como eu vejo e enxergo essas coisas, com a transparência que temos que ter e, sobretudo, com a coerência com que nós tratamos dos diversos temas.</p> <p>388. Ainda sobre a Previdência Social, quero reafirmar: não só assinei a CPI para investigar a Previdência Social, requerida pelo Senador Paim, que aqui está presente, mas também a CPI do Senado e a CPI da Câmara do Deputados. Assinei as duas.</p> <p>389. Entendo e tenho reafirmado... Sexta-feira, em Não-me-Toque, estarei debatendo com a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do meu Estado esse tema extremamente sensível, porque não podemos comparar a atividade de uma mulher que trabalha de sol a sol na área rural com o trabalho em uma loja ou em uma indústria.</p>
13:48	390. É muito diferente. Ela não tem sábado, ela não tem domingo, ela não tem

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>feriado, faça chuva ou faça sol, faça geada ou caia neve. O meu Estado é muito frio, um Estado que tem invernos muito rigorosos, e lá está ela trabalhando para alimentar os animais, para colher a sua safra, para cuidar dos seus filhos, para cuidar do marido. Nós temos que ver essa mulher também de forma diferente. É isso que estou fazendo nessa audiência pública que vamos realizar em Não-Me-Toque, com milhares de trabalhadores e trabalhadoras rurais na próxima sexta-feira.</p> <p>391. Quero agora falar sobre essas mulheres que venceram, Embaixadora, que venceram preconceitos, que foram ousadas, que foram talentosas, que foram corajosas, às vezes saindo de lugares dos quais jamais se imaginaria uma mulher sair para chegar à diplomacia brasileira, que tanto nos orgulha, de uma mulher que faz e transforma a dor num trabalho de salvar vidas. Ou da Luiza, que, com essa idade, com essa roupa, nos encanta com seus cabelos brancos, vinda lá do Mato Grosso do Sul. São essas, e também as demais que já saíram, a nossa querida Denice, de quem já falei, militar lá da Bahia, e também a Isabel, nossa Embaixadora, a Tati, que não está aqui presente conosco, a Raimunda Luzia e a Diza Gonzaga, que eu tive a honra de indicar.</p> <p>392. Há mais de 20 anos, a Diza, que tem seis filhos com o marido Régis Gonzaga, professor, numa madrugada, é sobressaltada com a notícia de que o filho, que havia tomado carona com um amigo, está morto. Dezoito anos de idade. Dezoito anos! Na flor da idade! Essa mãe não pôde ver o filho entrar na faculdade, não pôde ver o filho que... Às vezes, ela dizia que via o filho como uma borboleta. Uma borboleta, porque um jovem nessa idade às vezes tem dúvida: "Vou seguir a carreira militar, vou ser engenheiro, vou ser artista, vou ser desenhista, vou ser atleta?" Assim são as borboletas: elas pousam, elas saem, elas voam. E é exatamente essa falta de fixação que deu a inspiração à Diza, para que...</p> <p>393. Quando ela viu o filho morto nos braços, vieram duas palavras à mente dessa mulher: vida urgente, vida urgente. Este foi o primeiro símbolo dessa campanha da Fundação Thiago Gonzaga: vida urgente. E por que vida urgente? Porque você precisa correr contra o tempo para salvar vidas de maneira urgente, de maneira apressada, porque é também de maneira muito veloz que a vida vai embora para jovens que estão dirigindo embriagados ou sob efeito de outras drogas, ou porque excedem a velocidade ou porque querem demonstrar o seu machismo, a sua coragem. E chega até a dizer que, sob o efeito de drogas, ele dirige melhor. Olha que contradição! Nada é mais contraditório do que bebida alcoólica e direção.</p>
13:52 R	<p>394. Dessa tragédia que nós temos diariamente, a Diza Gonzaga e o Régis, marido dela, pais de seis filhos, tratam dia a dia, com uma fundação que em maio fará 21 anos. Vinte e um anos de luta persistente, de várias maneiras, criativamente.</p> <p style="text-align: center;">395. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>396. <b>A SR<sup>a</sup> ANA AMÉLIA</b> (Bloco/PP - RS) – Criando o Pai Carona, que é a última criação da Fundação Diza Gonzaga. São 20 mil voluntários. Ela não faz sozinha. E como ela conseguiu 20 mil voluntários para essa missão extraordinária que é salvar vidas, impedir que outras mães, como ela, chorem ao ver nos braços um filho morto, vítima de um acidente?</p> <p>397. É exatamente por isso que eu louvo a coragem dessa mulher, que transformou a dor, o drama da perda de um menino de 18 anos numa energia extraordinariamente forte, humana, solidária e generosa, convertendo a dor na vitamina, na força, na coragem para evitar que outras mães, como ela, hoje, amanhã, depois, percam seus filhos em acidentes.</p> <p style="text-align: center;">398. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>399. <b>A SR<sup>a</sup> ANA AMÉLIA</b> (Bloco/PP - RS) – Estou concluindo, Senadora.</p> <p>400. Diza, você me orgulha, você me representa e você está aqui hoje pela indicação, tenho certeza, do Senador Paim, que é do nosso Estado, e do Senador Lasier, que festejaram essa indicação. Você nos representa.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>401. Continue essa batalha. Os seus 20 mil voluntários estão aderindo a essa causa e aderiram por razão muito simples, porque ela é de um valor extraordinariamente inalcançável para imaginar, porque é o valor que tem uma vida. O valor de uma vida é inalcançável, não se paga com dinheiro, não se paga com nada. A vida é a vida. E ela nos foi dada, acredito que por Deus.</p> <p>402. Então, Diza, em homenagem a você, ao seu marido, aos seus filhos, a sua coragem, pelo que você vem fazendo para que muitos jovens não morram como o Thiago morreu.</p> <p>403. Parabéns aos 20 mil voluntários.</p> <p>404. O que eu posso mais fazer como gesto é colocar no meu peito essa campanha da borboleta, "Vida Urgente". Em cada acidente em que uma morte acontece, é colocado um desenho naquele local de uma borboleta, que é exatamente o símbolo dessa campanha.</p> <p>405. Diza, parabéns! Continue. Que Deus continue te dando a coragem que você teve até agora para vencer a dor e dela fazer o alicerce, a coragem para você continuar ajudando mães a não perderem os seus filhos.</p> <p>406. Muito obrigada. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>407. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Nós queremos parabenizar a Senadora Ana Amélia pelo bonito pronunciamento que acaba de fazer, a homenagem dela a todas as agraciadas, em especial a bela homenagem que faz a Diza, gaúcha e arquiteta.</p> <p>408. Queremos também nos associar à solidariedade que a Senadora Ana Amélia aqui expressou à Deputada Maria do Rosário.</p>
13:56 <b>R</b>	<p>409. Deputada Maria do Rosário, neste exato momento em que presido aqui a sessão solene do Dia Internacional da Mulher no Congresso Nacional, quero mandar o nosso abraço, todo o nosso afeto e toda a nossa solidariedade diante dos ataques covardes, das calúnias de que você, sua filha Laurinha e toda sua família têm sido vítimas.</p> <p>410. Nós todos estamos sofrendo muito com isso e queremos afirmar a necessidade, bem como cobrar, Senador Paim, que os órgãos de investigação, que os órgãos policiais apurem tudo isso com todo rigor e toda profundidade.</p> <p>411. A Deputada Maria do Rosário é uma das Parlamentares mais brilhantes não só da Bancada gaúcha, mas do Congresso Nacional. Ministra que foi do governo da Presidenta Dilma, dignificou e muito aquele cargo pelo quanto ela e sua equipe se empenharam na promoção e na defesa dos direitos humanos das mulheres e da cidadania em geral. Rosário, todo o nosso afeto. Estamos ao seu lado, porque este Congresso, mais do que nunca, precisa muito de Parlamentares com seu perfil de coragem, de seriedade e de compromisso.</p> <p>412. Bom, vamos agora imediatamente passar a palavra a uma das nossas homenageadas que é a Isabel Cristina, que pediu. Passamos a palavra a ela. E, imediatamente depois, vamos dar continuidade à nossa lista.</p> <p>413. Com a palavra Isabel Cristina, uma das agraciadas com o Prêmio Bertha Lutz.</p> <p>414. <b>A SRª ISABEL CRISTINA CORREA DE AZEVEDO HEYVAERT</b> – Ex<sup>ma</sup> Srª Presidente da Mesa, Ex<sup>mos</sup> Srs. Senadores e Senadoras, Ex<sup>mos</sup> integrantes da Mesa.</p> <p>415. Eu sei que o tempo está escapando – no Senado, a sessão ainda deve continuar – e quero agradecer especialmente à Srª Presidente da Mesa por ter me concedido a palavra neste momento.</p> <p>416. Em primeiro lugar, eu gostaria de exprimir minha imensa satisfação e sentimento de honra por receber esse prêmio de reconhecimento por minha atuação profissional na questão da promoção de gênero. Minha satisfação é ainda ampliada pelo fato de eu ser a primeira mulher da carreira diplomática a receber um prêmio que porta o nome de uma personalidade feminina brasileira que teve entre outros papéis destacados o de diplomata, no qual ela deu uma contribuição única e impressionante que foi a inclusão da perspectiva de gênero</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>na Carta da ONU. Recordo que Bertha Lutz foi integrante da delegação do Brasil enviada a São Francisco em 1945 para participar da elaboração da referida carta.</p> <p>417. Não posso deixar de mencionar ainda a imensa relevância pessoal de tal prêmio para mim, cidadã brasileira afrodescendente. Acredito que me atribuir o prêmio contribui para quebrar estereótipos, bem como para estimular o interesse de uma nova geração de mulheres afrodescendentes para a possibilidade de exercer profissões como a diplomacia ou outras também com elevado grau de exigência acadêmica.</p> <p>418. Sinto-me particularmente feliz por ser este prêmio concedido pelo Senado Federal. Ao concedê-lo anualmente, desde 2001, às mulheres que vêm se distinguindo no exercício de suas funções profissionais de toda natureza, acadêmicas, políticas e ou sociais, esta Casa reforça e imprime sustentabilidade às políticas públicas de gênero, assim como sinaliza à sociedade, de modo inequívoco, o interesse, a importância e seu compromisso ao longo do tempo com a referida questão.</p>
<p>14:00</p> <p>R</p>	<p>419. A cerimônia de hoje, Dia Internacional da Mulher, de entrega do Prêmio Mulher Cidadã Bertha Lutz, é igualmente uma oportunidade para recordar a importância da igualdade de gênero e de empoderamento das mulheres e meninas para efetivar, em escala global, a Agenda de Desenvolvimento Sustentável até 2030, adotada, com o apoio do Brasil, pela ONU em 2015.</p> <p>420. Gostaria de acrescentar que, para mim, receber o Prêmio Bertha Lutz é ainda uma oportunidade para transmitir a mensagem de que homens e mulheres devem ser parceiros e aliados, e não adversários, nesta crucial questão para o desenvolvimento econômico e social de todos os países. Tal desafio, o de inclusão econômica, social, educacional e política, de mulheres e meninas, foi expresso pelo Presidente Barack Obama, em 2015, em sessão plenária à qual estive presente na União Africana, com as seguintes palavras: "Como pode um time de futebol esperar ganhar um campeonato, se ele deixar 50% de seus jogadores no banco de reserva?"</p> <p>421. Aliás, o reconhecimento da necessidade de parceria entre homens e mulheres no espírito da campanha de solidariedade <i>He for She</i>, lançada em 2014 pela Agência Nações Unidas - Mulheres, está crescendo.</p> <p>422. Devo registrar aqui que me impressionou profundamente o comprometimento expresso pelo Presidente do Senado, Senador Eunício Oliveira, declarando, com toda a transparência, o seu engajamento na questão da promoção de gênero. Eu acho que isso é mais um exemplo dessa contribuição e desse espírito do que acabei de falar, do <i>He for She</i>, homens pelas mulheres, todos juntos.</p> <p>423. Tal reconhecimento de minha parte me leva também a agradecer, de modo abrangente, a homens e a mulheres desta Casa, assim como aos amigos aqui presentes, que, no exercício de suas funções, sempre demonstraram compromisso com essa questão.</p> <p>424. No caso específico desta premiação, não posso, no entanto, deixar de me referir ao nome do Senador Hélio José, que, tendo tido oportunidade de conhecer o meu trabalho, recomendou meu nome à Comissão do Diploma Bertha Lutz, gesto que de <i>per se</i> reflete esse novo espírito de solidariedade que está norteando as relações de homens e mulheres em prol do desenvolvimento holístico de nossas sociedades. Ao Senador que não está aqui, gostaria de transmitir o meu muito obrigada pelo seu apoio.</p> <p>425. Outra pessoa à qual gostaria de agradecer é o meu marido Renaud, aqui presente, que lida com bom humor e segurança com a inversão dos tradicionais papéis atribuídos a homens e mulheres. Ele lida, sem nenhum problema, com a situação de ser o marido da Embaixadora. Sou-lhe muito grata ainda pelo seu apoio e incentivos constantes, associados a uma boa disposição para me acompanhar pelo mundo afora. Tudo isso foi fundamental para o meu progresso</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>na carreira e para que eu estivesse aqui hoje recebendo tal distinção.</p> <p>426. Há também uma figura feminina que gostaria de mencionar, que foi fundamental para despertar minha sensibilidade para a promoção do papel da mulher na sociedade. Trata-se de minha mãe, <i>in memoriam</i>.</p>
<p>14:04</p> <p>R</p>	<p>427. Sou-lhe muito grata por sempre ter estimulado, de um lado, a minha autonomia e independência por meio do estudo e, de outro, por ter infundido confiança em mim mesma.</p> <p>428. Enfim, reconheço nessas pessoas que mencionei a encarnação do espírito <i>He for She</i>, que norteia, como disse antes, a campanha da Agência Nações Unidas - Mulheres.</p> <p>429. Assim sendo, gostaria de encerrar esta minha fala com um convite endereçado a todos os homens e mulheres que assim o desejarem, aqui presentes ou que estejam acompanhando esta sessão através da televisão, a exprimirem o seu apoio à causa acessando a página da campanha mundial <i>He for She</i>, pois estou certa de que, desse modo, o Brasil pode não só vir a ocupar um lugar mais elevado no <i>ranking</i> dos países mais engajados na questão de gênero e do empoderamento de mulheres e meninas, mas também confirmar o seu papel de um dos países de referência na matéria no sistema mundial.</p> <p>430. Muito obrigada pela atenção. (<i>Palmas</i>.)</p> <p>431. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Queremos parabenizar a Isabel Cristina pelo belo pronunciamento que acaba de fazer e, mais uma vez, dizer o quanto ela e as demais agraciadas são merecedoras desta homenagem.</p> <p>432. Passo agora, imediatamente, a palavra à Deputada Marcivania.</p> <p>433. <b>A SRª PROFESSORA MARCIVANIA</b> (PCdoB - AP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Boa tarde a todas e a todos presentes. Eu queria cumprimentar a Presidenta, Senadora Fátima Bezerra, por estar presidindo esta sessão extremamente importante, e cumprimentar todas as agraciadas pelo prêmio. Isso demonstra que a luta de vocês não foi em vão, está sendo reconhecida e só continua.</p> <p>434. Eu não poderia fazer um pronunciamento hoje sem lembrar que este é um momento histórico: é o primeiro 8 de março depois do <i>impeachment</i> da primeira Presidenta legitimamente eleita no Brasil, a Presidenta Dilma Rousseff. Não dá para a gente achar, mesmo os opositores, que não havia, no <i>impeachment</i> da Presidenta, um caráter misógino, um caráter sexista. Basta lembrarmos dos adesivos que foram feitos para colocar em carros, basta lembrarmos das palavras que eram utilizadas para se referir à Presidenta. Eu quero dizer que as pessoas que faziam isso são filhos ou filhas de mulheres, pessoas que foram educadas ou mal educadas a fazer isso, porque as pessoas não nascem intransigentes, as pessoas não nascem sexistas, misóginas, elas aprendem a ser. Então, quando ofendem uma mulher com palavras de natureza tão baixa, tão vil, ofendem a todas nós, mulheres. Todas as mulheres e todos os homens aqui presentes também devem se sentir ofendidos, porque significa que estamos falhando na nossa arte de educar. Essas pessoas foram educadas para isso.</p>
<p>14:08</p> <p>R</p>	<p>435. A minha colega Deputada Maria do Rosário foi xingada no Parlamento brasileiro. Disseram que ela não merecia ser estuprada. E nós temos de conviver todos os dias com o Deputado que falou isso. Nenhuma mulher merece ser estuprada! Nenhuma mulher merece ser diminuída em sua honra, diminuída em sua atividade como mulher.</p> <p>436. E aí a gente reflete neste 8 de março: que País nós temos hoje? O Brasil é tido como um país harmônico, um país que trata bem as pessoas, que tem boas relações, mas nós não estamos vivenciando isso no nosso dia a dia, na nossa sociedade quando vemos as redes sociais se transformarem em palco de absoluto irracionalismo.</p> <p>437. Eu queria dizer aqui que nós temos um desafio muito grande pela frente que é</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>o de humanizar as pessoas. Para além das disputas eleitorais, das disputas políticas, nós temos valores que precisam e merecem preservados. Nós temos este dever de transformar o Brasil naquilo que nós dizemos que ele é: um país que trata bem as pessoas, um país que recebe muito bem. E vemos isso se transformando dia a dia. Então, nós temos este desafio de transformar as pessoas num ser humano melhor. E aqui eu estou falando como mulher, como mãe. A gente faz isso em casa com os nossos filhos, quando não admitimos que nosso filho seja machista.</p> <p>438. Neste 8 de março, eu quero dizer que, às vezes, criticamos algumas congratulações e celebrações que reforçam o estereótipo da mulher "bela, recatada e do lar". Não é porque sejamos contra a beleza, não é porque sejamos contra a discrição e o cuidado doméstico, que, aliás, não devem ser atributos somente das mulheres, devem ser atributos dos homens também. O cuidado com o lar, por exemplo, deve ser também um dever do homem, um dever masculino. E a beleza? De que beleza nós falamos? Da beleza física tão superficial e tão fugaz? Uma das mulheres mais belas que este País já conheceu explodiu em sua beleza depois dos 70 anos de idade. Eu falo de Cora Coralina. Por outro lado, o recato, o equilíbrio e a sensatez não são atributos aconselháveis apenas às mulheres, mas a todos os seres humanos.</p> <p>439. Quando se destacam esses atributos como características exclusivamente ou mesmo preponderantemente femininas, o que se reforça, afinal, é a milenar submissão da mulher ao homem, a inferiorização da intelectualidade feminina e a segregação da mulher ao mundo privado.</p>
14:12 R	<p>440. Quando, por ocasião do 8 de março, destaca-se o perfil feminino fútil e submisso, traímos o sentido original e inquietamente atual desta data. Pervertemos o seu significado. Esta é uma data para celebrar as conquistas femininas contra a opressão em todos os âmbitos: o econômico, o social, o político, o cultural, mas é também para lembrar que ainda temos muito a lutar e a travar.</p> <p>441. Com uma taxa de cinco assassinados por grupo de 100 mil mulheres, o Brasil está entre os cinco países mais feminicidas do mundo. O Brasil tem menos mulheres no Legislativo que qualquer país do Oriente Médio: 9% de representação feminina na Câmara dos Deputados e 13% aqui nesta Casa. Isso nos coloca entre os países de menor representação política feminina do mundo. É o 116º no <i>ranking</i> de 190 países.</p> <p>442. A desigualdade de gênero no âmbito econômico no Brasil é escandalosa. Pesquisa do Fórum Econômico Mundial indica que, em 2015, o salário médio das trabalhadoras era de US\$12 mil, enquanto, no caso dos homens, era de US\$20,6 mil, uma diferença de US\$8,5 mil. Podíamos ficar dias aqui destilando indicadores da opressão, da desigualdade e da inferiorização feminina no nosso País.</p> <p>443. Portanto, meus nobres colegas, não se trata de sectarismo feminista quando nos incomodamos com celebrações infantilizantes que destacam a futilidade e o servilismo da mulher. O fato é que, se temos conquistas a destacar no processo de emancipação feminina – e temos algumas significativas –, temos muito mais opressões e desigualdades a trazer a lume.</p> <p>444. Que o 8 de março seja apropriado por nós mulheres, mas também pelos homens, como oportunidade de reflexão e construção de ações que apontem para uma sociedade efetivamente justa e libertária.</p> <p>445. E, quando chamamos os homens a cerrar fileiras na luta pela emancipação e igualdade das mulheres, não o é para efeito meramente retórico. Acreditamos, como Paulo Freire, que "ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão".</p> <p>446. Então, queremos conclamar todos os homens feministas a travar essa luta por igualdade, uma luta que não deveríamos travar. Deveria ser um direito tão</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>natural o direito à igualdade. Deveria ser um direito natural. E tudo para nós mulheres sempre foi conquistado com muita luta. Tudo o que nós tivemos sempre foi com muita luta: o direito ao voto, o direito a ter salários iguais, que até hoje não temos.</p> <p style="text-align: center;">447. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>448. <b>A SRª PROFESSORA MARCIVANIA</b> (PCdoB - AP) – Nós temos mulheres que ocupam os mesmos cargos que os homens e ganham salários inferiores. Mas vamos mudar isso se tivermos mais mulheres nos espaços de poder, mais mulheres nos nossos Legislativos brasileiros, nas Câmaras Municipais, nas Assembleias Legislativas, na Câmara Federal e no Senado. Para isso, é importante, sim, fazer uma reforma política que garanta isso, porque só vamos conseguir se tratarmos os desiguais de forma desigual. Se tratarmos os iguais de forma igual, estamos aprofundando a injustiça e não vamos conseguir isto, que seria natural termos no Parlamento brasileiro: a representação realmente do povo brasileiro.</p> <p>449. Muito obrigada.</p> <p>450. Que no próximo 8 de março nós tenhamos mais motivos a comemorar. Eu quero reafirmar aqui o nosso comprometimento de derrotar a PEC que retira direito de todos os trabalhadores e trabalhadoras do Brasil...</p> <p style="text-align: center;">451. <i>(Interrupção do som.)</i></p>
<p>14:16</p> <p><b>R</b></p>	<p>452. <b>A SRª PROFESSORA MARCIVANIA</b> (PCdoB - AP. <i>Fora do microfone.</i>) – ... mas, em especial, atinge a todos...</p> <p>453. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Só um momentinho.</p> <p>454. <b>A SRª PROFESSORA MARCIVANIA</b> (PCdoB - AP) – A PEC retira direito de todos os trabalhadores e trabalhadoras brasileiros. Sabemos que essa reforma não é para reformar, é para acabar com a previdência pública no nosso País. Então, todos nós...</p> <p style="text-align: center;">455. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>456. <b>A SRª PROFESSORA MARCIVANIA</b> (PCdoB - AP) – ... devemos estar unidos contra a reforma que atinge a todos, mas, em especial, a mulher brasileira. Então, não à reforma da previdência, não à reforma trabalhista, nenhum direito a menos. <i>(Palmas.)</i></p> <p>457. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Queremos aqui também cumprimentar a Deputada Marcivania, que, com muita dignidade e competência, representa o povo do Amapá.</p> <p>458. Vamos passar agora a palavra imediatamente à Senadora Regina, do PT, do Piauí; e, em seguida, à Senadora Kátia.</p> <p>459. <b>A SRª REGINA SOUSA</b> (Bloco/PT - PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Srª Presidenta, Srs. Senadores, Srªs Senadoras, telespectadores da TV Senado, ouvintes da Rádio Senado, convidados que ainda estão com paciência de estar por aqui, quero parabenizar as homenageadas de hoje.</p> <p>460. O que faz nós ficarmos até 2h30 da tarde falando, insistindo numa sessão solene que é para homenagear pessoas, mulheres que têm destaque na luta feminina? É que o dia 8 de março é o único dia que é nosso, em que ocupamos, de fato, este microfone o dia todo. Portanto, vale a pena – mesmo que as pessoas não fiquem assistindo, há gente do lado da telinha assistindo –, porque é o momento que temos para falar. E precisamos falar, precisamos gritar sobre a nossa condição, sobre o que queremos conquistar.</p> <p>461. A pauta não devia ser feminina, tinha que ser de homens e mulheres, porque igualdade é princípio que todo mundo diz que defende, mas, na hora de demonstrar isso, nós vemos. Primeiro, a maioria não vem sequer ouvir qual é a pauta que estamos apresentando. Só para lembrar, na Mesa do Senado, não há nenhuma mulher – na Mesa desta Casa. Na liderança dos partidos – acho que são 18 partidos aqui –, só há duas mulheres líderes: a Gleisi, do PT; e a</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Vanessa, do PCdoB. Então, já é uma demonstração, na questão do empoderamento da mulher, de como é a distância que há. São 10% do Parlamento, uma governadora. E aí temos que aproveitar o 8 de março para olhar também o percentual de prefeitas eleitas: só 12% de prefeitas, 33% de vereadoras.</p>
<p>14:20 R</p>	<p>462. Temos que aproveitar para impor a nossa pauta. Fazemos quase uma chantagem. Hoje, na CCJ, fizemos praticamente uma pequena chantagem para dizer que só iríamos dar quórum se a pauta fosse os nossos projetos. E, mesmo assim, houve homens que pediram vista. Uma pauta simples. Aquela pauta da cota: no ano em que houver eleição com duas vagas, que uma seja para mulheres. Seria um grande avanço. Era a nossa expectativa, mas alguém achou de pedir vista.</p> <p>463. Foi lamentável, porque está demonstrando que não quer dividir espaço, até porque muita gente aqui guarda lugar. Já tem alguém preparado – filho, sobrinho –, que está na política para vir ocupar este lugar. Então, não pode abrir para as mulheres. Isso é muito chato, é ruim batermos na mesma tecla, mas é preciso. Se fizermos um recorte de cor, de raça na representação feminina, aí é que vamos ver a desigualdade.</p> <p>464. Então, a questão do empoderamento é uma campanha permanente. Viajamos este País – muitos homens Senadores, inclusive, viajaram conosco –, pela campanha Mais Mulheres na Política.</p> <p>465. Nós temos o que comemorar, sim, se olharmos para trás. Há 85 anos, mulher nem votava. Então, avançou. Mas ainda falta muito! Como alguém falou aqui, do time de futebol, a metade está no banco de reserva. Nós somos mais da metade da população.</p> <p>466. Se você vai para a questão das políticas públicas, para a criação de instrumentos pequenos, simples, é preciso toda uma luta! Delegacias da mulher. Quase todos os Estados devem isso para nós. São muito poucas as delegacias; no máximo nas capitais.</p> <p>467. Para a direção de penitenciárias os governadores nomeiam homens. Nada contra os homens, se eles estiverem preparados para essa pauta. Mas não estão, ainda. Então, temos que reivindicar que em direção de penitenciária haja uma mulher, porque as presidiárias se sentem melhor conversando com uma mulher. São coisas muito simples que deveriam ser iniciativas.</p> <p>468. Eu estou com um projeto que é lamentável, mas precisa... Eu falei com prefeito, com governadores, com o Governador do Piauí, com o prefeito. As mulheres pobres saem da maternidade após 24 horas de paridas, com o menino num braço, a sacolinha no outro, e pegam um ônibus alto, no qual elas sobem para ir para casa, ou, então, vão na garupa de uma moto, equilibrando uma sacola e um bebê, para ir para casa. Então, estamos com um projeto para obrigar que a maternidade mande deixar essas mulheres em casa!</p> <p>469. Lá no meu Estado foi criado o Núcleo de Femicídio. Um grupo de delegadas se revezam 24 horas por dia para dar atendimento à mulher vítima de violência, uma coisa que todo mundo poderia fazer. Uma creche nos presídios femininos! As mães têm crianças lá e não há um espaço para as crianças. Então, tudo isso são políticas e os governos poderiam ter essa iniciativa, mas, se as mulheres não baterem... Apesar de batermos muito nisso, é bem pouco o que se tem.</p> <p>470. O processo legislativo é lento. Quando é que vamos ter votado alguma coisa? Se, em 8 de março, não aprovamos, agora só daqui a um ano vamos pautar esses mesmos assuntos. O processo é lento, porque vai para a Câmara, volta, e não vemos essas coisas se efetivarem. Então, é preciso dizer.</p> <p>471. Aí vem a questão da reforma da previdência. Tanto lutamos por igualdade, que o Presidente que está aí nos igualou, homens e mulheres, na idade, como se as mulheres tivessem vencido as desigualdades, começando pela jornada. Nós não vencemos isso, então não pode ser igual.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
<p>14:24</p> <p>R</p>	<p>472. Se você olhar essa reforma da previdência, todo mundo perde, mas as mulheres perdem mais. Professoras vão ganhar mais 15 anos de trabalho. Isso para sair com metade, pouco mais da metade do salário, porque, se quiserem sair com salário integral, são 49 anos. Pensem em uma professora com 75 anos de idade – porque se passa em concurso com 25, 26, 30 anos –, em uma sala de aula, com crianças, dando aula ainda. Então, é muito cruel com as mulheres. Com todo mundo, mas principalmente com as mulheres.</p> <p>473. Também com o trabalhador rural, com a mulher rural, que, com 50 anos, está envelhecida por conta do sol que leva. Não tem mais condições de trabalhar na roça e vai contribuir como, se não tem renda? A renda que entra na casa do trabalhador rural da agricultura familiar é quando ele se aposenta. É uma festa quando se aposenta. A família inteira fica feliz, porque pelo menos uma pessoa tem renda na casa. Então, é muito cruel, principalmente com as mulheres.</p> <p>474. Mas esse Governo já demonstrou isso desde a posse, com aquela foto célebre da posse sem nenhuma mulher, que provocou reação no mundo inteiro. Depois tentou fazer alguns remendos, mas não satisfaz, porque as políticas não vemos acontecerem. Isso sem falar da reforma trabalhista com que nos brindam.</p> <p>475. Então, não temos que abrir mão disto aqui. Acho que temos que insistir. Hoje será um dia inteiro de luta. Hoje já foi bem melhor do que no ano passado, e vamos continuar com essa luta. Quero conclamar todas as mulheres, porque hoje ainda há muita luta. Ainda há caminhada, passeatas, e temos que ir lá dar força aos movimentos sociais que estão nas ruas. E vamos, sim. Já combinamos com algumas Senadoras de sair juntas daqui para encontrar a marcha.</p> <p>476. Mas é isso. Temos muito ainda para fazer. Se os homens ajudassem, seria muito bom. Recebemos homenagens, discursos bonitos, flores, chocolates, mas isso só não basta. Eu gosto de receber flores, mas elas murcham, vão para a lata do lixo. Chocolate comemos e acabou!</p> <p style="text-align: center;">477. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>478. <b>A SRª REGINA SOUSA</b> (Bloco/PT - PI) – É preciso ter atitude, começando em casa, ensinando para o menino que ele não é melhor que a menina, não é maior que ela, não manda nela por ser mais velho. Mas os pais dizem assim: "Você é o homem da casa. Na minha ausência, é você". Está errado. Então, comecem educando as crianças corretamente, que já estão ajudando. Então, homens, esperamos de vocês atitude em relação à condição feminina neste País.</p> <p>479. Eu queria dedicar esta fala a uma mulher que foi violentada no dia 13 de maio de 2016, arrancada da sua cadeira, conquistada com o voto de mais de 54 milhões de brasileiros, Dilma Rousseff, que disse hoje que lutamos pela democracia e que a democracia é o lado certo da história.</p> <p>480. Eu também queria homenagear uma mulher, Nise da Silveira. Já fiz aqui uma homenagem a ela, uma mulher fantástica que, lá nos anos 40, formou-se médica...</p> <p style="text-align: center;">481. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>482. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Um momentinho, Senadora.</p> <p style="text-align: center;">483. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>484. <b>A SRª REGINA SOUSA</b> (Bloco/PT - PI) – Ela se formou médica no meio de 157 homens. Só ela era mulher. Psiquiatra, revolucionou o tratamento psiquiátrico no Brasil. A ela também a minha homenagem.</p> <p>485. Eu até quis criar um prêmio aqui. Não sei como anda o processo, mas há um processo criando o Prêmio Nise da Silveira, para as boas práticas de tratamento de doenças mentais.</p> <p>486. Muito obrigada. <i>(Palmas.)</i></p>
<p>14:28</p> <p>R</p>	<p>487. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Senadora Regina, queremos também saudá-la pelo belo e importante pronunciamento.</p> <p>488. A Senadora Regina tem tido um mandato aqui muito atuante, inclusive na luta</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>em prol da cidadania das mulheres.</p> <p>489. Passamos agora a palavra, imediatamente, à Senadora Kátia Abreu.</p> <p>490. Em seguida, a Deputada Luciana e, em seguida, a Senadora Marta Suplicy.</p> <p>491. Com a palavra a Senadora Kátia Abreu.</p> <p>492. <b>A SRª KÁTIA ABREU</b> (PMDB - TO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Obrigada, Srª Presidente. Eu gostaria, antes, de apresentar... (<i>Fora do microfone.</i>)</p> <p>493. ... este presente que ganhei, gostaria, antes do meu pronunciamento, primeiro, de agradecer esta lembrança que eu ganhei, hoje, de uma organização de mulheres negras, aqui de Brasília, militantes negras, a Rainha Teresa de Benguela. Elas produzem artesanato e todo o artesanato é em homenagem à raça negra. São coisas maravilhosas, lindíssimas, com um extremo bom gosto e ainda com uma bandeira extraordinária.</p> <p>494. Parabéns a vocês pelo trabalho e obrigada pelo lindo presente, que uso com muito orgulho.</p> <p>495. Eu gostaria de me solidarizar também com Maria do Rosário, Deputada Federal do Rio Grande do Sul, que está sendo massacrada, ofendida, humilhada por grupos reacionários de extrema direita, que eu acho que nem são de extrema direita. Eu acho que isso não tem nome. Eu respeito todos os lados da política, dos partidos, e eu quero até reiterar: não é de extrema direita. Isso não tem lado. É o lado nojento, é o lado do covarde, de quem não tem procedência, de quem não tem compaixão, de quem não tem solidariedade e que não tem respeito pelo ser humano.</p> <p>496. Maria do Rosário, não tenho proximidade grande com você, mas quero, como mulher, como política, como mãe, dizer do meu horror em acompanhar o que estão fazendo com você e com sua filha. É por causa desse tipo de comportamento que nós queremos, às vezes, sem muita vontade, mas todos os anos, falar sobre o preconceito.</p> <p>497. O caso de Maria do Rosário é o exemplo claro do que as mulheres passam pelo Brasil afora. Isso, porque é uma Deputada Federal. Imaginem aquelas anônimas, de quem ninguém sabe o nome, que ninguém conhece o rosto e que não têm ninguém para defendê-las no mundo.</p> <p>498. Quero lembrar um episódio muito menor que o de Maria do Rosário, mas em que também fui vítima, de um político, de um homem, do Estado de São Paulo, que é um Estado politizado, que tem um nível intelectual alto. Também fui vítima de gracejos desagradáveis e ofensivos. Agora há pouco, no ano passado.</p> <p>499. Nós temos que dizer um basta a tudo isso, mas não posso deixar de louvar aqui também e de comemorar, Brasil, comemorar que, em todas essas denúncias de corrupção e de investigação que estão ocorrendo no Brasil, com muitos inocentes que deverão provar a sua inocência e com alguns outros serão culpados e ficarão presos... Vamos somar quantas mulheres foram citadas na Lava Jato? Quantas mulheres estão sendo investigadas na Lava Jato? Com uma exceção, que é uma aberração, no Rio de Janeiro, a esposa do ex-Governador, que também ainda tem o seu direito de defesa. Mas qual a outra mulher que foi pega e está sendo fortemente investigada?</p> <p>500. Eu quero comemorar isso. Eu posso comemorar. Independentemente do mérito, do que cada um tenha feito – não quero aqui entrar nesse mérito –, quero louvar e saudar, porque as mulheres, além de competência na gestão administrativa, no desempenho político, as mulheres também cuidam muito da sua história, do seu CPF, da sua vida e do seu nome.</p>
14:32 <b>R</b>	501. Quero também, amigos, declarar a todos vocês e a todas as mulheres do Brasil que não sou feminista. Nunca participei de movimento feminista, mas eu não voto a igualdade por limite de idade para homens e mulheres. Por um simples motivo: sei que existem mulheres muito mais fortes do que muitos homens, mas não podemos, num país machista como o Brasil, deixar de considerar o trabalho

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>extra que as mulheres fazem em casa.</p> <p>502. Eu sou mulher, sou Senadora da República, sou mãe, sou avó, e também tenho o meu trabalho extra na minha casa. Não é justo! Não é porque somos frágeis nem moles não! Não é porque somos melhores do que os homens! É porque nós trabalhamos mais do que os homens! Nós trabalhamos! Ontem, saiu na televisão, no Jornal Nacional: segundo o IBGE, as mulheres trabalham sete horas e meia a mais do que os homens. Não sou eu que estou dizendo isso, nem o movimento feminista. É o IBGE, um instituto de pesquisa do Brasil.</p> <p>503. Então, nós temos sim, enquanto não houver igualdade total entre homens e mulheres no trabalho – sem triscar no salário, não é, gente? E sem falar na remuneração –, enquanto houver diferenças, nós temos que ter diferença no tratamento: três anos, quatro anos, cinco anos... Mas alguma diferença precisa haver. Nós não merecemos ser tratadas de forma igual, porque somos tratadas de forma desigual, com relação ao trabalho.</p> <p>504. Quero deixar o meu protesto, junto com outras amigas e colegas, pelo fato de a Mesa do Senado não ter uma mulher na representação. Isso é um absurdo! Parece corriqueiro, parece que não é nada demais, parece que nós somos minoria, mas minoria cabe em qualquer lugar!</p> <p>505. Não vai ser mais uma vez que nós vamos fazer um enfeite na Mesa do Senado, mas, em todas as reuniões da Mesa do Senado, é importante que haja o gênero feminino, para dar a sua opinião, porque mulheres e homens pensam de forma diferente.</p> <p>506. Então, a nossa ausência na Mesa do Senado é lamentável! Nós pelejamos! Nós insistimos! Nós lutamos para que algumas colegas Senadoras ocupassem um lugar na Mesa do Senado, mas não obtivemos sucesso.</p> <p>507. Portanto, eu inicio dizendo que hoje é um dia especial, pois celebramos a luta de décadas pela igualdade de gênero. A história dessa igualdade, ainda distante, vem sendo lutada dia a dia, há décadas, por mulheres em todos os cantos possíveis, por mulheres que não aceitam a cultura machista, a opressão e a violência contra a mulher, desde a menina Malala, que colocou sua frágil voz em defesa de que meninas possam estudar, passando por pensadoras extraordinárias, como Simone de Beauvoir, bem como a nossa querida Maria da Penha, um símbolo nacional na luta contra a violência à mulher. Mas a cultura do machismo, no Brasil, existe. E ainda é muito forte. Estão aí as Marias do Rosário, para testemunhar.</p> <p>508. No último Carnaval, a agressão física às mulheres foi uma triste notícia. Homens que se sentem donos da mulher e se comportam com uma brutalidade desprezível!</p>
<p>14:36</p> <p><b>R</b></p>	<p>509. Todas as estatísticas provam que as mulheres trabalham mais do que os homens, pois, além do trabalho externo, precisam cuidar da casa e dos filhos, pois, para a cultura machista, esta é uma obrigação da mulher. Há homens que adoram dizer que não sabem fazer um ovo, que não sabem fazer um café, como se isso fosse atestado de masculinidade.</p> <p>510. Todas as estatísticas mostram que as mulheres ganham menos do que os homens, apenas por serem mulheres. E, se forem negras – está aí o IBGE, mais uma vez –, ganham menos ainda do que as mulheres brancas.</p> <p>511. A participação da mulher na política ainda é pequena, mas está longe de ser frágil, pois nós, eleitas pelo voto popular, nos firmamos dia a dia. Talvez, pela grande maioria dos homens, inclusive aqui, deste Parlamento – a ausência das mulheres na Mesa diz isso –, devêssemos cuidar de assuntos tido por eles como maternais ou caseiros, mas não aceitamos este papel e, apesar de sermos uma minoria em número, estamos em todos os espaços e estamos debatendo todos os assuntos, pois não existe essa história de assunto de mulher, não existe tarefa de mulher, não existe um cotidiano reservado às mulheres.</p> <p>512. O Brasil elegeu e reelegeu sua primeira mulher Presidente da República, 121</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>anos depois da Proclamação da República...</p> <p style="text-align: center;">513. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>514. <b>A SRª KÁTIA ABREU</b> (PMDB - TO) – ... e não tenham dúvidas de que um dos fortes motivos de Dilma Rousseff não estar do outro lado da Praça dos Três Poderes tem muito a ver com o machismo e o preconceito contra o papel da mulher na política.</p> <p>515. Ainda hoje li uma matéria na <i>Folha de S.Paulo</i>, uma senhora dizendo que a mulher tem um jeito diferente de fazer política. A mulher não faz política fazendo reuniões à noite, tomando vinho ou participando de jantares – não estou criticando. São formas de trabalhar –, porque, à noite, a maioria delas tem um marido e filhos para cuidar. E tem ainda a administração da casa. A mulher não tem o hábito de fazer política fazendo jantares de amigos, e nós temos que respeitar essa forma diferente de a mulher fazer política.</p> <p>516. Se nós, mulheres, cuidamos de nossos filhos ou de nossas casas, nós o fazemos por responsabilidade e, muitas vezes, por uma opressão profundamente machista.</p> <p>517. Eu não posso desperdiçar este tempo sem...</p> <p style="text-align: center;">518. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p style="text-align: center;">519. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>520. <b>A SRª KÁTIA ABREU</b> (PMDB - TO) – ... falar e reafirmar que vivemos em um País altamente machista.</p> <p>521. Somos donas de casa, somos mães, somos filhas, avós, somos trabalhadoras, empreendedoras, mas não nos queiram outorgar o título de recatada e nem do lar, pois estamos indo aonde o machismo jamais imaginou que fôssemos. Talvez por isso mesmo ele tenta ganhar força nos últimos tempos.</p> <p>522. Estamos brilhando na política, na ciência, no esporte, na cultura, no mundo empresarial, cada dia mais, e a cada dia ganhando mais e mais espaço. Devagarinho chegaremos lá – poderia ser bem mais rápido. São espaços, reafirmo, lutados com bravura e coragem, pois, se dependesse da linha do tempo, estaríamos apenas lavando e passando a roupa e lavando a louça para homens...</p> <p style="text-align: center;">523. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>524. <b>A SRª KÁTIA ABREU</b> (PMDB - TO) – ... brilharem. <i>(Fora do microfone.)</i></p> <p>525. Para encerrar, Srª Presidente. Eu prometo.</p> <p>526. Este tempo está passando, e a roupa que lavamos e passamos agora é a nossa roupa.</p> <p>527. A cultura do machismo não vai sobreviver. Dia a dia ela vai perder sua força, pois não estamos mais dispostas a sermos tratadas como complementação do homem, e sim com a nossa própria identidade.</p>
14:40 R	<p>528. Atrás de um grande homem não há uma grande mulher, pois essa mulher está ao lado e, muitas vezes, até na frente deles.</p> <p>529. Todo dia é dia de mulher; todo dia é dia de lutarmos contra todo tipo de violência contra as mulheres. Todo dia é dia de exigirmos nada mais do que igualdade e respeito. Todo dia é dia de sufocar a cultura machista.</p> <p>530. Eu pude ir além da minha mãe, Dona Vera Lúcia Feresin, nas liberdades e oportunidades; orgulho-me que minha filha Iana esteja indo além de mim. E tenho certeza...</p> <p style="text-align: center;">531. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>532. <b>A SRª KÁTIA ABREU</b> (PMDB - TO) – ... de que minhas netas Maria Eduarda e Beatriz vão poder, livremente, ir aonde quiserem e como quiserem.</p> <p>533. Eu celebro hoje as nossas conquistas – pequenas, mas conquistas. Eu reafirmo hoje nossos compromissos e desafios, mas reafirmo também que todo dia é dia de mulher.</p> <p>534. Termino com uma frase histórica da luta pela igualdade de gênero da escritora Simone de Beauvoir: "Ninguém nasce mulher; torna-se mulher."</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>535. Muito obrigada, Sr<sup>a</sup> Presidente.</p> <p>536. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Queremos parabenizar a Senadora Kátia por esse belo pronunciamento que fez, por essa bela reflexão, e o fez com tanta paixão, com tanta sabedoria e com tanta verdade.</p> <p>537. Que todas essas falas e reflexões que estão sendo feitas, no dia de hoje, a exemplo da que vai fazer agora a Deputada Luciana, possam de fato contribuir para avançar a conscientização, no que diz respeito à luta para acabar com as desigualdades de gênero, violência, preconceito etc.</p> <p>538. Parabéns, Senadora Kátia.</p> <p>539. Com muito prazer, passamos a palavra agora à Deputada Luciana Santos. Em seguida, vamos ouvir a Senadora Marta Suplicy.</p> <p>540. <b>A SR<sup>a</sup> LUCIANA SANTOS</b> (PCdoB - PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Senadora Fátima Bezerra, que aqui preside esta sessão, já na sua fase final: a Senadora Kátia aqui disse que não era feminista. Imagine se fosse, com um discurso tão contundente, consistente, em defesa das mulheres.</p> <p>541. Cumprimento a nossa Senadora Marta Suplicy e a Senadora Regina – que também aqui se pronunciou.</p> <p>542. Quero saudar de maneira especial todas as homenageadas nesta sessão solene de hoje, do Prêmio Bertha Lutz, o qual esta Casa, este Congresso, há tantos anos procura realçar, pelo papel importante que Bertha Lutz teve como protagonista no País, em relação ao sufrágio das mulheres, o direito ao voto, que infelizmente é uma conquista muito recente das mulheres no Brasil.</p> <p>543. Quando olhamos, no tempo e no espaço, é que percebemos o quão desigual é a situação da mulher no País, até em um direito básico, que é o direito de cidadania, o direito de determinar os rumos do País. As mulheres só conquistaram isso na década de 30, graças à luta de tantas e tantas mulheres que foram às ruas e que, com todo desprendimento, se colocaram à disposição dessa batalha.</p> <p>544. Se hoje temos o direito de ser eleitas e votar, é exatamente por causa dessas gerações que fizeram muito para a conquista desse direito básico, que é o direito de decidir, que é o direito de eleger os representantes do nosso povo no País.</p>
14:44 <b>R</b>	<p>545. Por isso, quero parabenizar Denice Santiago Santos do Rosário, Diza Gonzaga, Raimunda Luzia de Brito, Tati Bernardi, Isabel Cristina – que são as homenageadas do ano de 2017 do Prêmio Bertha Lutz –, todos os seus familiares e os Senadores. Estou vendo ali o Senador Paulo Paim, que é um desses que está aqui desde cedo, que não arredou da cadeira ouvindo todas as falas, os depoimentos e os discursos das mulheres nesta sessão de hoje.</p> <p>546. Quero, a exemplo de outras Parlamentares que aqui registraram, dizer que 8 de março deste ano, de fato, se reveste de uma importância ainda maior, porque nós estamos na iminência de ver ameaçados direitos conquistados com muito suor, com muitas lágrimas e até com a perda de vida de muitas mulheres que lutaram para que tivéssemos direitos básicos de uma reforma de previdência mais justa, uma reforma trabalhista e tantas outras ameaças que nós estamos sofrendo.</p> <p>547. Aliás, essa foi uma marca deste Governo ilegítimo de Temer. Uma das suas primeiras atitudes foi exatamente extinguir a Secretaria Especial da Mulher e, como consequência, todas as políticas públicas que foram frutos de luta das mulheres de muitas gerações para garantir o mínimo de política de assistência integral à saúde da mulher, para garantir que, nas escolas, houvesse o debate de igualdade entre homens e mulheres; para garantir, portanto, que houvesse melhores condições para desenvolver o debate contra a opressão de gênero.</p> <p>548. Infelizmente, nós estamos marcando o 8 de março também como o primeiro 8 de março com a ausência de uma Presidenta, a primeira da história do Brasil,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>que foi usurpada do poder, não havendo até hoje nenhum crime de responsabilidade imputado a ela, o que é exatamente uma ameaça à democracia. De fato, como disse aqui a Deputada Marcivania, isso dificilmente aconteceria se não houvesse esse caráter também machista, misógeno, que caracterizou essa luta do processo contra <i>oimpeachment</i> no Brasil, porque todos nós assistimos, estarrecidos, à forma como era tratada nossa ex-Presidenta Dilma – aliás, a nossa Presidenta legítima, porque foi eleita pelo povo com milhões de votos –, como foi tratada nas redes sociais, como foi tratada em panfletos, como foi tratada de maneira rebaixada, de maneira agressiva. Isso não aconteceria se não fosse a condição de mulher que a Presidenta Dilma tem e, mais do que isso, pela forma como ela abraçou a perspectiva e a política de enfrentamento à desigualdade das mulheres no nosso País.</p>
<p>14:48 R</p>	<p>549. Eu quero também aqui aproveitar esta data para lembrar a história de uma grande Parlamentar do meu Estado: a ex-Deputada Cristina Tavares. Há 35 anos, ela vinha a esta tribuna defender o 8 de março como o Dia Internacional da Mulher, até porque, à época em que ela exerceu seu mandato, que foi de 1978 a 1986, existia um projeto de lei que tramitou para que o dia 30 de abril fosse o Dia da Mulher no Brasil. Ela foi contra, porque defendia o caráter internacionalista dessa data, e denunciou a tentativa de esvaziar o conteúdo ideológico que continha essa data comemorativa. E 30 de abril acabou sendo aprovado como Dia Nacional, mas felizmente não conseguiu ter força, exatamente porque havia uma intenção de diluir, de fazer perder o significado do 8 de março, que é exatamente em referência a mulheres operárias que foram assassinadas por lutarem por melhores condições de emprego em Nova York. E foi num encontro das mulheres socialistas que essa data virou uma data internacional. Então, desde cedo, Cristina Tavares, muito vigilante aos aspectos simbólicos, subjetivos da luta da mulher, reagiu à altura e fez com que pudéssemos até hoje carregar como um grande fator de mobilização nacional e internacional o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher.</p> <p>550. Nesta data em que exaltamos aqui a memória dessa brava Parlamentar pernambucana, quero também dizer que, no dia 6 de março, nós comemoramos os 200 anos da Revolução Pernambucana. A Revolução Pernambucana teve como protagonista uma das grandes mulheres pernambucanas e brasileiras que é exatamente Bárbara Alencar. Bárbara Alencar foi protagonista, como primeira presa política da história brasileira, e participou de um bravo momento da história pernambucana, que foi um governo provisório, de 75 dias, que tinha o caráter de defender o interesse nacional, que era um governo anticolonialista. Nada mais contemporâneo, nada mais atual do que a defesa do Estado nacional brasileiro, porque nós estamos vivendo um momento no País de entrega do Estado brasileiro, de um Governo entreguista, que ameaça conquistas de Estado no Brasil, que fazem com que o BNDES, a Petrobras, que são esteios de indução do desenvolvimento nacional, estejam ameaçados. É por isso que aqui resgato esse momento da história pernambucana, porque também é um momento brasileiro e porque estava ali uma questão de Estado.</p> <p>551. E está mais do que nunca na ordem do dia que as mulheres, para além da luta, da denúncia...</p> <p style="text-align: center;">552. (Soa a campanha.)</p> <p>553. <b>A SRª LUCIANA SANTOS</b> (PCdoB - PE) – ... da desigualdade, da violência doméstica, da desigualdade no mercado de trabalho, da dupla jornada de trabalho, da bruta violência como expressão mais cruel da opressão a que as mulheres são acometidas, nós precisamos dizer que mulher debate sobre tudo. Assunto de mulher é assunto do País, é assunto da educação, é assunto das desigualdades regionais.</p> <p>554. Inclusive, debati hoje com o Ministro do Tribunal Superior Eleitoral exatamente para poder afirmar que a presença das mulheres na propaganda eleitoral</p>

Horário	(Texto com revisão.)
14:52 R	<p>significa serem mulheres capazes de defender as questões do Brasil, de debater e propor questões para o País e para o futuro.</p> <p>555. Por isso, gente, em momentos como este, vamos acender bem... 556. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>557. <b>A SRª LUCIANA SANTOS</b> (PCdoB - PE) – ... cedo <i>(Fora do microfone.)</i></p> <p>558. a bandeira da esperança, a bandeira de que é possível outro mundo, um mundo de igualdade, em que a mulher possa exatamente protagonizar esses momentos de transformação, como a história brasileira marca – apesar de a história oficial não revelar –, para que, de fato, possamos abrir um novo tempo de esperança, de igualdade e de justiça social.</p> <p>559. Um grande beijo para todos. E firme na luta. <i>(Palmas.)</i></p> <p>560. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Quero parabenizar a Deputada Luciana Santos, do PCdoB, de Pernambuco, Presidente do Partido Comunista do Brasil, por mais essa importante reflexão no pronunciamento que faz alusivo ao Dia Internacional da Mulher.</p> <p>561. Imediatamente, vamos passar agora a palavra à Senadora Marta Suplicy – em seguida, nós vamos chamar os Senadores para fazerem uso da tribuna. Com a palavra a Senadora Marta Suplicy.</p> <p>562. <b>A SRª MARTA SUPLICY</b> (PMDB - SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Quero, primeiro, parabenizar as homenageadas de hoje: Denice Santiago Santos do Rosário, Major da Polícia Militar da Bahia, responsável pela criação e pela implantação da corporação de um núcleo de gênero; Diza Gonzaga, criadora da Fundação Thiago de Moraes Gonzaga, que luta para reduzir acidentes e mortes no trânsito; Isabel Cristina de Azevedo Heyvaert, diplomata, Embaixadora do Brasil na Sérvia; e Raimunda Luzia de Brito, professora e doutora em educação, com luta por direitos humanos amplamente reconhecida.</p> <p>563. Eu indiquei Tati Bernardi. Tati não pôde vir aqui hoje, e vou falar um pouco dela. Tati me chamou a atenção por ser uma escritora e jornalista muito jovem. Ela escreve semanalmente na <i>Folha</i> e colabora com alguns programas de televisão. Eu sempre sinto que, nos seus escritos e nas suas interlocuções, ela se coloca como uma pessoa que fala do cotidiano da mulher. Ela fala das humilhações, ela fala da fragilidade, ela fala das dificuldades que nós mulheres enfrentamos. Agora, o mais forte sobre ela e que me levou a colocar o seu nome para votação, para o prêmio, é que ela é extremamente corajosa, Senadora. Ela não fala da mulher, ela fala dela. Como problemas que ela cita são problemas nossos, fica universal, como toda boa obra. O particular se torna universal. Aí ela vai propiciando reflexões sobre o cotidiano contemporâneo. Isso me pareceu muito instigante, porque é um trabalho de mídia, que atinge milhões de pessoas, por uma pessoa que está se expondo e fazendo reflexões, quando começamos a pensar: "Mas eu nunca pensei nisso. Isso é muito importante". Então, parabéns à Tati. Eu vou levar o seu prêmio pessoalmente a São Paulo.</p> <p>564. Nós sabemos que, milenar e sistematicamente, foi negado às mulheres o direito à sexualidade, à educação, à liberdade, à opinião, ao voto, à representação e, mais recentemente, tragicamente, até a viver. É a nossa luta.</p>
14:56 R	<p>565. Eu vou dar um painel, pois que eu considero que nós temos quatro etapas no feminismo.</p> <p>566. Nós começamos no século XIX, em que ainda era uma luta de direitos iguais, voto – estava tudo muito distante.</p> <p>567. No século XX, nós atingimos o voto, em 1932, mas, depois, eu acredito que só nos anos 70 é que nós fomos, realmente, através da luta contra a ditadura, depois, da luta das mulheres pela anistia... Depois, as mulheres começaram a se organizar. Também houve o TV Mulher, que eu considero que foi um antes e um depois para a questão da sexualidade, que caminha junto com o poder. Então, nós tivemos aí um movimento muito forte.</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>568. Agora, há o terceiro momento, que foi extremamente diferente e importantíssimo, quando a mulher negra e as mulheres lésbicas e transgêneros entraram no movimento. Até então, esse era um movimento de mulher branca heterossexual, que lutava por direitos. Esse movimento começou a ser chacoalhado com muita força pelas mulheres negras, exigindo direitos, querendo também estar nas pautas, querendo participação, e também pelas mulheres homossexuais e mulheres transgêneros. Isso criou uma turbulência – eu não vejo nada como negativo – que eu vejo como extremamente positiva, porque nós temos de agregar. Nós estamos todas juntas. Nós temos que trabalhar. Não somos iguais também. As pautas não são necessariamente as mesmas todo o tempo, mas essa união é que vai fazer com que nós consigamos para todas o que hoje poucas têm.</p> <p>569. Depois, há a coisa mais moderna, que é essa quarta fase, que estamos vivendo, da era digital, que começa já no final da terceira e coloca uma nova geração que estava totalmente fora. A nova geração não se interessava muito por feminismo. Era como um pouco antes, pois eu lembro que, quando se dizia feminista, nos anos 80, as pessoas diziam: "Credo! Mas o que é isso? Eu sou feminina". Era uma confusão danada. Depois, as gerações seguintes passaram a não achar nada, a achar que os direitos estavam meio adquiridos, que já se podia ter tudo, que já éramos iguais. Ficou meio sem luta, sem uma participação. A internet possibilitou uma participação extraordinária das novas gerações. Outro dia, fiquei de queixo caído. Liguei para saber como estava minha neta. Liguei para a mãe, porque era aniversário dela, e perguntei sobre a neta, que tem 13 anos. E a mãe falou assim: "Marta, você sabe que agora ela fez um grupo de empoderamento para meninas mais jovens que ela". Com 13 anos de idade! Nunca imaginei. Aliás, ela nunca falou disso comigo. E a mãe disse: "Você sabe que sua avó tem um trabalho nisso?" E ela disse: "Sei, já li os livros, mãe. Já li". Então, eu percebo que essa possibilidade é uma coisa nova que está acontecendo. Nós não vamos para trás. Aqui, não tem mais volta; só tem ido para frente.</p> <p>570. Também há essa criação tão importante do He for She. Acredito que toda essa juventude esteja participando. É uma nova mentalidade. O momento hoje no movimento feminista, o novo no movimento, é o homem estar junto. Nós temos de agregar. No que nós podíamos fazer sós, nós cumprimos um grande papel até aqui. Tem que vir o resto. Tem que vir o homem de mão dada. E esse homem está preparado. As novas gerações já entendem muito mais do que antigamente. Elas já compartilham o serviço doméstico, e eles estão junto. Claro, há uma parcela enorme que não está nisso que eu estou colocando, mas, se formos pensar – e estou falando de décadas –, o movimento é outro. Está tudo maduro para acontecer e está acontecendo. E, nessas mudanças, a internet tem ajudado enormemente.</p>
15:00 R	<p>571. Nós temos que continuar a crescer. Esse crescimento vai implicar muitas mudanças, porque essa cidadania plena, nós temos na lei, mas vimos pela manhã, com tantas votações que fizemos na Comissão de Justiça, como tem muita lei ainda para ser feita. Tem uma lei que proponho votar, a PEC da Natalidade, que vai mudar bastante. Espero que tenhamos maturidade no Congresso para aprová-la. O que é isso?</p> <p>572. Hoje, temos direito à maternidade e temos direito à paternidade. O que acontece? Não é só maternidade. O filho tem pai e mãe. Essa é uma lei de cinco décadas atrás, quando a mãe amamentava, ficava em casa, cuidava das crianças, fazia comida, no máximo saía para levar a criança na escola. Não é mais assim. Então, a licença natalidade tem que ser para homem e mulher. Não tem que ser uma para homem e outra para mulher; que que ser junto. E fizemos a proposta de ampliar para 180 dias essa licença. O homem pode tirar 15 dias, a mulher pode tirar 10, tira toda a licença natalidade o homem, se quiser tira toda a</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>licença a mulher. Depende do que cada um estiver fazendo e da necessidade que cada um tiver de cuidar daquela criança, da possibilidade de criar e alternar. É um grande avanço nessa mudança de mentalidade, que tem a ver com o Século XXI.</p> <p>573. Então, quando digo que a lei está pronta, ela está, mas temos que rever muita coisa que ficou para trás, e nós, em 1988, nem percebemos. São detalhes importantíssimos que não são detalhes. Essa lei que estou fazendo, da natalidade, também vale para quem é pai adotivo e para casais homoafetivos, vale para casais, para que a gente possibilite esse direito a todos.</p> <p>574. A outra é uma proposta de emenda à Constituição que garante a participação de ambos os sexos nas listas tríplexes e sêxtuplas destinadas à escolha dos membros dos tribunais judiciários...</p> <p style="text-align: center;">575. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>576. <b>A SRª MARTA SUPLYCY</b> (PMDB - SP) – ...dos tribunais de conta e dos procuradores gerais do Ministério Público.</p> <p>577. Na sabatina que tivemos aqui com o Ministro Alexandre de Moraes, eu questioneei sobre a falta de indicações. Ele disse que é fato e que tem aumentado expressivamente a aprovação de mulheres nos concursos destinados ao ingresso nas carreiras de magistratura, do Ministério Público e de auditores dos tribunais de contas, mas fica por aí. Falta o acesso a níveis superiores. São poucas as mulheres que se tornam procuradoras gerais no âmbito do Ministério Público. O Ministro comentou, de forma muito espontânea. Ele levou até um susto, porque não tinha pensado nisso. E eu respondi: nunca se pensa em relação à mulher. Por isso a gente não vai a canto algum.</p> <p>578. Mas nós estamos indo a todos os cantos. Nós vamos ocupar todos os cantos por direito e por merecimento. Homens e mulheres iguais com respeito à diferença. Esse é o ponto. <i>(Palmas.)</i></p> <p>579. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Queremos parabenizar a Senadora Marta pelo importante pronunciamento que faz, contribuindo para o debate, a reflexão, para os homens e as mulheres que são responsáveis pela construção de um mundo de igualdade, sem preconceitos, sem opressão.</p>
15:04 <b>R</b>	<p>580. Por falar nisso, quero também saudá-la pela aprovação hoje, na CCJ. Dentre os quatro projetos que conseguimos aprovar na Comissão de Constituição e Justiça, movimento liderado pelas Senadoras, quero aqui destacar o Projeto de Lei nº 612, de autoria da Senadora Marta Suplicy, relatado pelo Senador Roberto Requião. É o projeto que trata do reconhecimento legal da união estável entre pessoas do mesmo sexo, um debate que já vem se arrastando aqui há muito tempo e que hoje, finalmente, foi aprovado na CCJ. Portanto, uma legislação que diz respeito à cidadania da comunidade LGBT.</p> <p>581. Agora, com muita satisfação, passamos a palavra aos Senadores, começando pelo Senador Humberto Costa, Líder da oposição aqui no Senado. Em seguida é o Senador Paim.</p> <p>582. <b>O SR. HUMBERTO COSTA</b> (Bloco/PT - PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Na verdade, Presidenta, é importante explicar que havia uma lista na qual, inclusive, eu era o primeiro inscrito. Por uma decisão correta do Presidente, todas as mulheres, Deputadas e Senadoras, falaram antes. Portanto, entre os homens, eu sou o primeiro a falar, por ter me inscrito como primeiro. Então, não é nenhuma concessão. Apesar de V. Exª ser muito generosa, não é nenhuma concessão o que está fazendo por mim.</p> <p>583. Srª Presidenta, Srs. Senadores, Srªs Senadoras, telespectadores da TV Senado, ouvintes que nos acompanham pela Rádio Senado, mulheres de todo o Brasil de modo especial, o dia de hoje é um dia de luta. Antes de tudo, um dia de luta. Estamos aqui não para simplesmente prestar uma homenagem às mulheres no seu Dia Internacional. Estamos aqui para nos associarmos</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>integralmente a esta luta, nos associarmos integralmente a todas as mulheres. Estamos aqui para reafirmar o nosso compromisso histórico com a sua luta, com a sua história e com todas elas. Elas que são maioria no Brasil, quase 52% da população brasileira, 6,3 milhões a mais que homens. Elas que também constituem maioria do eleitorado nacional, representando 53% dos mais de 76 milhões de eleitores. Elas que ampliam a cada dia o seu raio de ação, a sua importância, a sua presença no mercado de trabalho e nas funções antes destinadas quase que exclusivamente aos homens. Elas que, a cada dia, conferem sentido e razão à noção de fortalecimento de sua luta.</p> <p>584. Infelizmente, por mais que tenhamos avançado, ainda compomos uma sociedade que, em sua maioria, não dá às mulheres o valor e o respeito que elas merecem. Os números, significativamente majoritários, não são suficientes para que tenhamos uma sociedade igualitária, equitativa, que respeite a diversidade de gênero. Pelo contrário, ainda estamos muito longe disso. Temos, sim, uma sociedade estranha onde aquelas que são maioria em tudo são tratadas como minoria, principalmente quando se fala em salários, cargos, direitos e igualdade de tratamento. Uma sociedade que faz ainda pior: que permite a violência, os maus tratos, a dominação e o desrespeito para com as mulheres.</p>
<p>15:08</p> <p>R</p>	<p>585. No mundo inteiro, são incontáveis os exemplos exitosos de mulheres que assumem postos de lideranças, que presidem grandes conglomerados econômicos, que governam grandes países. Aqui no Brasil também, apesar de ser quase um nadar contra a corrente, infelizmente como exceção, não é, portanto, a regra, o que corrobora o quadro de discriminação pelo qual as mulheres deste País passaram historicamente e ainda passam.</p> <p>586. Provas desse paradoxo que nos envergonha e depõe contra nós são as imensas discrepâncias que ainda reinam quando o assunto são as relações trabalhistas com homens e com mulheres.</p> <p>587. Esta semana foi divulgado o "Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça", levantamento feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, com dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios – PNAD, do IBGE. Esse estudo nos dá uma ideia do tamanho desse fosso. Ao mesmo tempo, aponta o Ipea, em que o número de lares chefiados por mulheres cresceu de 23% para 40% em 20 anos, elas ainda são obrigadas a uma jornada de trabalho superior à dos homens em 7,5 horas por semana, ganhando muito menos.</p> <p>588. Diz um trecho do estudo do Ipea:</p> <p>589. <i>A escala de remuneração manteve-se inalterada em toda a série histórica: [portanto,] homens brancos têm os melhores rendimentos, seguidos de mulheres brancas, homens negros e mulheres negras.</i></p> <p>590. Um exemplo pronto e acabado da discriminação contra a mulher no Brasil é o caso também da Presidenta Dilma, vítima de um golpe parlamentar sem precedente na história brasileira, um caso com componentes muito fortes de machismo e de misoginia.</p> <p>591. Personagem única até agora no País, Dilma Rousseff foi apeada do cargo sem que, até hoje, ficasse provado contra ela qualquer crime de responsabilidade. Uma Presidenta que, assim como o seu antecessor, o ex-Presidente Lula, teve como marcas de governo a inclusão social e a defesa das minorias e majorias por meio da adoção de políticas públicas voltadas para elas.</p> <p>592. A campanha do <i>impeachment</i> da Presidenta Dilma ficará marcada para sempre como uma nódoa em nossa história, pelos motivos frágeis apresentados, pelo processo ilegítimo, pelas agressões que foram feitas e levadas ao plenário num processo de votação que coroou o circo de horrores que houve no Legislativo, no Judiciário, na imprensa, com a participação decisiva de um Vice-Presidente usurpador, sendo desse conjunto alguns dos seus atores mais nefandos.</p>
15:12	593. A prova do caráter machista e misógino desse processo foi o próprio governo

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>que foi colocado pelos seus patrocinadores no lugar da gestão de Dilma. Sai um governo eleito por 54 milhões de brasileiros que, pela primeira vez na história, teve à frente uma mulher, e uma mulher honesta. Em seu lugar, entrou um governo sem voto e eminentemente de homens, homens brancos e ricos, como está sendo comprovado até agora, um governo que, marcado logo de início pela completa ausência de mulheres no seu alto escalão, superou até mesmo o governo do generalíssimo Ernesto Geisel, em plena ditadura militar.</p> <p>594. Dilma Rousseff é, pois, um retrato, em proporções trágicas, de como o Brasil ainda trata mulheres que ascendem ao que machistas consideram inconvenientes postos-chave.</p> <p>595. É também um momento importante para reafirmarmos que direitos que foram duramente conquistados pelos trabalhadores, pelas trabalhadoras e pelas mulheres em especial precisam ser respeitados. É inadmissível, por exemplo, uma proposta de reforma da previdência social que tente elevar a idade mínima de homens e mulheres a um mínimo de 65 anos para ter direito à aposentadoria e mais ainda para as mulheres, que, todos nós sabemos, têm uma jornada de trabalho...</p> <p style="text-align: center;">596. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>597. <b>O SR. HUMBERTO COSTA</b> (Bloco/PT - PE) – ... muito maior do que a dos próprios homens. Portanto, trata-se também de, no dia de hoje, nós nos comprometermos com a luta para que nenhum dos direitos das mulheres brasileiras possa vir a ser retirado por este Governo golpista e sem voto que aí está.</p> <p>598. Quero, por último, fazer coro com os meus colegas de Parlamento nesta homenagem justa e necessária que leva o nome de Bertha Lutz, uma das maiores figuras do movimento feminista no Brasil, fundadora da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, ainda em 1919, época em que brigar por igualdade ou, pelo menos, pela redução do abismo de desigualdade entre homens e mulheres era uma afronta.</p> <p>599. Quero saudar aqui também as vencedoras desse prêmio no ano corrente: ...</p> <p style="text-align: center;">600. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p style="text-align: center;">601. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>602. <b>O SR. HUMBERTO COSTA</b> (Bloco/PT - PE) – ... Denice Santiago Santos do Rosário, de Salvador; Diza Gonzaga, do Rio Grande do Sul; Raimunda Luzia de Brito, do Mato Grosso do Sul; Tati Bernardi, de São Paulo; e finalmente Isabel Cristina, de Aimorés, Minas Gerais.</p> <p>603. E dizer, concluindo, que é hora de reverenciar as mulheres, mas muito mais do que isso é hora de aprofundar a discussão em torno desse abismo que ainda persiste em relação a homens e mulheres, que persiste no trabalho, em casa, na representatividade política, que persiste na falta que ainda temos de políticas públicas voltadas para reduzir, como deveriam, essas desigualdades e dirigidas para setores historicamente excluídos da nossa sociedade.</p> <p>604. Mais do que nunca é hora de...</p> <p style="text-align: center;">605. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p style="text-align: center;">606. <i>(Soa a campanha.)</i></p>
15:16 R	<p>607. <b>O SR. HUMBERTO COSTA</b> (Bloco/PT - PE) – Mais do que nunca, é hora de dizer que não aceitamos mais esse tipo de discriminação, que vamos combatê-la com todas as forças. Essa luta, antes de ser uma bandeira só das mulheres, é um dever de todos os seres humanos. Somente assim teremos um mundo e um país mais digno e mais justo, um país no qual ninguém seja preterido por sua condição social, raça e tampouco por seu gênero.</p> <p>608. Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidenta, pela tolerância. <i>(Palmas.)</i></p> <p>609. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Parabenizar o Senador Humberto Costa também pelo importante pronunciamento que faz nesta sessão alusiva ao Dia Internacional da Mulher.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>610. Convidamos agora, com muita satisfação, o Senador Paulo Paim.</p> <p>611. Queremos registrar, com muita alegria, a presença de Filomena Barros, Presidente da Anato (Associação Nacional dos Auxiliares e Técnicos em Odontologia), associação esta que representa mais de 180 mil profissionais, dos quais 80% são mulheres, Senador Paim.</p> <p>612. Com a palavra o Senador Paim.</p> <p>613. <b>O SR. HÉLIO JOSÉ</b> (PMDB - DF. <i>Fora do microfone.</i>) – Sr<sup>a</sup> Presidente, só para confirmar se sou o próximo inscrito.</p> <p>614. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Sim.</p> <p>615. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco/PT - RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senadora Fátima Bezerra, que preside esta sessão, na parte da manhã, eu participei de inúmeros atos. Participei de dois na Câmara dos Deputados, um aqui no Interlegis, e depois vim para cá e fiquei desde às 10h30 assistindo ao debate.</p> <p>616. Fui chamado, no meio dessa correria entre um ato e outro, para ir à CCJ. Quem me chamava era o Presidente da CCJ, o Senador Edison Lobão, que me disse o seguinte: "Senador, venha para cá rápido, porque você é relator de um projeto que vai garantir – quando houver duas vagas para o Senado – que uma vaga seja para um homem e a outra para uma mulher". Muito bem. Desloquei-me correndo, como sempre. Não sou mais um guri. Cheguei na CCJ e me plantei lá. Pedi pela ordem, tentei explicar a correria em que eu estava e me disseram: "Calma, Paim, fique tranquilo aí, porque o projeto vai ser votado em seguida". Esperei. Disseram que havia um acordo de todos os partidos. Se assim não fosse, eu iria cuidar da vida. Essa irresponsabilidade de fazer acordo e não cumprir é que me deixa chateado.</p> <p>617. Senador Hélio José, ou qualquer Senador que esteja aqui, o que eu disser para vocês eu vou cumprir, mas vou cumprir mesmo, doa a quem doer. Mas chegou, na última hora, o Senador Roberto Rocha, que simplesmente disse: "Não, não vou deixar votar". Para que fazer isso? Então, me avisasse, porque a gente tem mais o que fazer na Casa! Se quem não tem o que fazer gosta de agir assim, que vá agir! Mas eu não sou de duas palavras. Lamento muito, Senador Roberto Rocha. Eu espero, Senador Roberto Rocha, assim mesmo, que você devolva o projeto, já que pediu vista, e o Senador Lobão disse: "Olha, é regimental. Havia um acordo..." Conversei ali com Deus e o mundo, mas me disseram: "Olha, romperam o acordo". O que vão fazer? As mulheres todas lá. Disseram que romperam o acordo.</p> <p>618. Então, Senador Roberto Rocha, quando você combinar alguma coisa comigo, me cobre se eu não cumprir. Inclusive, vou falar da CPI, que já está com quase 40 assinaturas e eu preciso de 27. Se um Senador falar comigo e me disser: "Paim, vou tirar o nome". O que eu vou fazer? Eu vou atender ao pedido do Senador, por um motivo dele. Não sei qual é, mas vou cumprir. É claro que eu gostaria que ninguém me pedisse para tirar o nome. E os Senadores sabem que, antes de entregar – estamos com quase 40 nomes –, eu vou cumprir o que falei com cada um, porque eu só sei agir assim. Eu não sei agir meio no espírito de "se ele sair, a gente faz; se não, a gente não faz". Não consigo.</p>
15:20 R	<p>619. Senador Hélio José, conversei com você. Você perguntou para mim: "Como é que está a assinatura?" Eu disse: "Já temos em torno de 36, 37" – sei lá quanto era –, "e precisaríamos de 27". Você ainda perguntou: "Os dois Senadores de Brasília já assinaram?" "Já assinaram." "Conte comigo também" – você me disse francamente. Pronto!</p> <p>620. Para que agir assim, Senador Roberto Rocha? Nós todos falamos tanto das mulheres, defendemos as mulheres, e, no momento de buscar uma igualdade entre homem e mulher aqui no Senado, acertados com todos os partidos, para que fazer isso? Sessão de homenagem é bonito, mas acordo, quando interessa a mulheres e homens também, nós temos que cumprir. É o mínimo que se exige</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>de um homem público. Faço este desabafo. A Senadora Gleisi Hoffmann estava lá e também me disse que o acordo estava firmado e foi rompido na última hora por um Senador.</p> <p>621. Então, faço um apelo ao Senador no sentido de que devolva o pedido de vista para a gente votar na próxima terça ou quarta, porque não podemos também só votar coisas de interesse das mulheres no dia 8 de março. É claro que o dia 8 de março é importante, mas, para mim, dia das mulheres são todos os dias.</p> <p>622. Agora, eu quero, usando meus últimos cinco minutos, dirigir-me ao Presidente Temer. Presidente Temer, eu sei que você, em sua consciência, sabe que essa reforma da previdência não vai passar. Não vai passar! Já temos aqui as informações de companheiros de todos os partidos; declarações de Parlamentares do PMDB, declarações de Parlamentares do DEM, declarações de Parlamentares do PTB, declarações de Parlamentares do PDT, que dizem que como está não dá, não vai passar.</p> <p>623. Então, nós todos que estamos aqui hoje homenageando as mulheres... Dizer que mulher é igual ao homem em todo sentido? Mulher fica com um filho nosso por nove meses na barriga. É isso mesmo: na barriga, nove meses. Você já ficou, Presidente Temer, como uma mulher, com um filho por nove meses na barriga? Não ficou. Sua mãe ficou, sua avó ficou, sua esposa deve ter ficado. Então, a onda que eu vi, nos atos de que participei, é de que você não gosta das mulheres. E eu, sem nenhuma segunda intenção, disse o seguinte: nós todos temos que gostar das mulheres. São nossas companheiras, nossas mães. Elas nos deram a vida. Para que ter essa prática de retirar o que nós – eu fui Constituinte, Senador Hélio José – escrevemos lá na Constituição que eram esses cinco anos. Quando há separação, quem fica e normalmente briga como uma leoa para ficar com os filhos? Não somos nós homens, não. Não! Noventa por cento são as mulheres. Quem neste País é considerado chefe de família? Homem ou mulher? É a mulher. E vocês sabem que isso é real. O número de mulheres... Salário: em média, a mulher, neste País, considerando negras e brancas, ganha a metade do que ganha um homem.</p>
15:24 R	<p>624. Eu cheguei a ousar – já falei lá no Interlegis e repito aqui: "Presidente Temer, reflita bem. Você está provocando o povo brasileiro". E aqui não é aquela história de nós e eles, quem é contra o <i>impeachment</i> ou favorável ao <i>impeachment</i>. Senador Ciro Nogueira, agora mesmo eu falava com V. Ex<sup>a</sup> e dizia: aqui não é uma questão partidária, não é uma questão partidária! É defender o interesse do povo brasileiro, e com essa reforma como está não dá.</p> <p>625. Eu peço que você retire essa proposta. Retire e vamos começar um debate de baixo para cima aqui dentro do Congresso. Essa proposta não passa. Houve inúmeros projetos, com a experiência que eu tenho aqui na Casa, sobre os quais eu disse: não passa. Não passa e não passa! Como eu sabia que o <i>impeachment</i> ia passar. Você acha que eu não sabia? Como eu sabia que a PEC 55 ia passar. Em algum momento vocês me ouviram dizer aqui que não ia passar? Eu nunca disse, porque eu sabia que ia passar. Mas a reforma da previdência é um inferno. Quem votar nela está mandando o povo brasileiro para o inferno. Acaba a previdência. E ainda diziam hoje, pela manhã, que não abrem mão do maior problema, que é 49 e 65, calculem o cidadão com 62 anos. O que o empresário vai fazer na hora de demitir? Um de 30, 40 ou um de 62? O de 62. E quem é que vai empregá-lo? Ninguém. Então, ele nunca vai chegar a 49. Não vai se aposentar nunca, nunca. Ele vai pagar a vida toda e não se aposenta.</p> <p>626. A questão das mulheres do campo é mais grave ainda: elas começam a trabalhar com 12 anos. Só as mulheres, mais do que eu, podem falar o que significa a situação das mulheres nessa reforma. Elas são as mais prejudicadas! É não gostar das mulheres quem fizer isso.</p> <p>627. Eu sei que todo o povo brasileiro gosta das mulheres. Elas são, de fato, diferentes. Eu pergunto: sabe o que é uma menstruação? Eu não sei, mas sei</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>que acontece. Pode ser forte essa expressão? Pode ser, mas é a realidade das mulheres. Tenho liberdade de dizer isso, porque sou homem. Não sou uma mulher e tenho a liberdade de dizer isso.</p> <p>628. Não considerar a realidade da mulher? Quem é que cuida da casa? Em 90%, é a mulher, não adianta. O ideal seria que fossem os dois, mas em 90% é a mulher. Quem dá uma atenção especial para os filhos nossos e os filhos do povo brasileiro e quem normalmente adota até filho dos mais pobres?</p> <p>629. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>630. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco/PT - RS) – Se não for a mulher, com aquela sensibilidade dela, não serão adotados. E por que fazer isso? Eu digo: por amor de Deus, Presidente Temer, retire essa proposta, reflita bem e retire.</p> <p>631. Eu duvido de que alguém consiga explicar que essa reforma é verdadeira. Ela não é verdadeira. Ela falta com a verdade, e a verdade é muito forte. Quem está me ouvindo pela TV Senado sabe que eu estou falando só a verdade. Sabe!</p> <p>632. Vamos instalar, então, essa CPI. E, como não é partidário, vamos pegar os últimos 20 anos, doa a quem doer, e vamos investigar. Para onde foi o dinheiro da seguridade? Para onde foi o dinheiro de tributação sobre lucro e faturamento, PIS/Pasep, jogos lotéricos, contribuição de empregado e empregador? E todo aquele negócio que fazemos, como, por exemplo, se você vai fazer uma casa, você paga a previdência</p> <p>633. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>634. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco/PT - RS) – Senadora, um minuto é o suficiente.</p> <p>635. Para onde foi todo o dinheiro?</p> <p>636. Nem os governos militares – nós que estamos aqui há anos, sabemos, eu faço agora, no dia 15, 67 anos – fizeram um crime contra o povo brasileiro como esse. Idêntico a esse, não! Todos os Presidentes militares respeitaram a Seguridade. Sarney respeitou; Collor respeitou; Itamar, que está lá no alto, respeitou; Lula respeitou; Dilma respeitou. Por que você, Presidente Temer, vai entrar para a história – não estou aqui discutindo o <i>impeachment</i> – como o homem que acabou com a Previdência no Brasil, ferindo de morte a própria seguridade e entregou para o sistema financeiro?</p>
15:28 <b>R</b>	<p>637. É claro – e é a minha última frase, Presidenta – que, quando o camarada percebe que vai pagar e não vai se aposentar, ele vai fazer o quê? Fundo de pensão privado. Entregou para o sistema financeiro tudo. E o orçamento da nossa seguridade, pegando a Previdência, é maior do que o da maioria de todos os Países da América Latina.</p> <p>638. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>639. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco/PT - RS) – Eu digo a maioria, e não todos.</p> <p>640. É claro que os bancos estão de olho, na sua ganância, como urubu na carniça, para pegar o dinheiro e dane-se o povo brasileiro.</p> <p>641. Não passará! Não desafie o povo brasileiro. Por isso, às vezes, fico na dúvida – na dúvida mesmo – sobre o que poderá acontecer se quiserem fazer passar essa reforma. Ninguém sabe. Esse povo vai dizer que tudo tem limite.</p> <p>642. E aí todos se uniram: professores; policiais civis, que perdem a especial; metalúrgicos, que perdem a especial; a construção civil; quem trabalha com produtos químicos, que perdem a especial. Todos perdem.</p> <p>643. Permita apenas, Presidenta, que eu diga esta frase. Perguntaram-me – e estavam aqui hoje os militares: "Paim, você não acha que foi uma sacanagem não terem colocado também os militares?" Não acho, não, porque a reforma é tão perversa que eu não quero colocar os militares dentro dela.</p> <p>644. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>645. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco/PT - RS) – Eu quero é que tirem os civis. Não me adianta nada eu colocar os militares.</p> <p>646. Estou solidário, sim, à Marinha, ao Exército, à Aeronáutica, às Brigadas Militares. Não tem que entrar nessa reforma mesmo. É suicídio, é suicídio! É por</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>isso que eu não quero botar ninguém dentro. Eu quero tirar todos aqueles que poderão ser atingidos por ela. É por isso que eu estou trabalhando, e não só eu. Só a CPI já vai ter 40 assinaturas. Houve Senador que me disse o seguinte: "Paim, eu não assinei porque você não veio pedir para mim", e é verdade. Então, estou falando Senador a Senador para assinarmos essa CPI. A Câmara está fazendo outra específica. Há outra mista, a pedido do povo. O povo quer que se investigue, e não é esse ou aquele partido. Querem que se investiguem as contas da seguridade.</p> <p>647. Os dados e os números quem me dá são os Procuradores da Fazenda, que estou aqui trazendo – trouxe ontem diversos; é a Anfipe, são os auditores fiscais</p> <p>648. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>649. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco/PT - RS) – Eles é que estão trazendo os dados e pedem para eu ler na tribuna.</p> <p>650. Sabem o que eu li ontem aqui, que até me assustou? E aqui concluo, prometo, Presidenta. Eu falava que poderia ser de um trilhão a dívida dos grandes devedores da União. Disseram: "Não, Paim. São quase 2 trilhões, é de 1,8 trilhão". É 1,8 trilhão, 2 trilhões. Só a Previdência são 500 bilhões.</p> <p>651. Enfim, Presidenta, obrigado.</p> <p>652. Vida longa às mulheres do Brasil e do mundo não só hoje, mas em todos os dias! <i>(Palmas.)</i></p> <p>653. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Fátima Bezerra. Bloco/PT - RN) – Parabéns, Senador Paim.</p> <p>654. Nós vamos chamar o Senador Hélio José. Vou passar a coordenação dos trabalhos para a Senadora Gleisi, mas, antes, Senador Paim, quero saudá-lo pelo importante pronunciamento que V. Exª acaba de fazer.</p>
15:32 <b>R</b>	<p>655. A voz do Senador Paim, ao tratar do tema da reforma da previdência, fala muito forte, cala muito forte no coração do povo brasileiro, dos trabalhadores e das trabalhadoras, pelo quanto ele se dedica a esse tema, pela trajetória que ele tem de luta em defesa da classe trabalhadora brasileira. É uma referência para nós.</p> <p>656. Então, é um discurso muito importante. Aliás, vai nos dar a honra e a alegria de estar em Natal conosco dia 24, Senadora Gleisi, junto com o Deputado Vicentinho, quando nós estaremos lá realizando mais uma audiência pública com o tema da reforma da previdência.</p> <p>657. Quero também comungar da indignação do Senador Paim quando aqui lamentou profundamente que o projeto de lei que trata de ampliar a participação das mulheres na política não tenha sido aprovado hoje na CCJ, quando todas nós Senadoras, lideradas pela Senadora Gleisi, ocupamos a CCJ hoje e lá conseguimos, sim, que só fossem pautados projetos de lei que dissessem respeito à cidadania das mulheres e conseguimos aprovar quatro projetos, Senador Hélio José, muito importantes. Infelizmente, exatamente o projeto que diz respeito à ampliação da participação política das mulheres foi suspenso. Isso é mais um fator a explicar por que as mulheres vivem ainda nessa invisibilidade do espaço público, inclusive aqui dentro: de 81 cadeiras, só há 14 Senadoras.</p> <p>658. Concluo – permita-me –, registrando a presença do Vice-Prefeito lá de Natal, o Deputado Álvaro Dias.</p> <p>659. Com a palavra, o Senador Hélio José.</p> <p>660. Passo a coordenação da Presidência da Mesa para a Senadora Gleisi Hoffmann.</p> <p>661. <b>O SR. HÉLIO JOSÉ</b> (PMDB - DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Quero cumprimentar S. Exª, nossa Presidente, Senadora Gleisi Hoffmann, nossa querida Senadora Fátima Bezerra, que acabou de falar, demais Senadores e Senadoras aqui presentes, nossos ouvintes da TV e Rádio Senado.</p> <p>662. Gostaria de fazer um rápido comentário sobre o que foi falado antes de eu</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>pronunciar meu discurso.</p> <p>663. Com relação à minha assinatura na previdência, é óbvio. Eu sou servidor público concursado e há uma inquietação no País levantada. Então, precisamos apurar a situação. Nós estamos aqui para apurar. Por isso é que eu decidi assinar a CPI proposta pelo nosso nobre Senador Paulo Paim. Acho que quem não deve não teme. Não temos que ter medo de apurar e demonstrar a situação. Já falei ao Presidente Temer antes de a reforma vir para cá que eu não concordava com mexer na regra do jogo depois de o jogo ter começado, que não iria votar nada que fosse para alterar o jogo aqui no Senado. Para frente, eu estou pronto para discutir. Mudou a longevidade. Mudou um monte de coisas. Podemos discutir qualquer questão. Mas creio que as pessoas que estão há dez, quinze, vinte, trinta anos trabalhando já entraram numa certa regra que nós temos que respeitar, nobre Presidente, Senadora Gleisi Hoffmann.</p> <p>664. Com relação aos projetos das mulheres, eu tenho um projeto importante que não foi pautado nesta sessão de hoje, mas que precisa ser pautado o mais brevemente possível, que é o projeto que torna crime enquadrado na Lei Maria da Penha o crime de vizinhança. A senhora sabe o tanto que as mulheres são vítimas dessa questão. Na delegacia de polícia, é enquadrado crime de vizinhança, então não se registra queixa, é só briga de vizinho. E V. Ex<sup>a</sup> sabe o que causa isso: são despesas de mudança, constrangimento e uma série de questões e sofrimento para a mulher. E algumas pequenas exceções atingem o homem também, porque o assédio vem de ambos os lados. Então, essa questão do crime de vizinhança ser enquadrado na Lei Maria da Pena é fundamental.</p>
<p>15:36</p> <p>R</p>	<p>665. Eu gostaria que V. Ex<sup>a</sup>, como Líder das Mulheres e como abrange mais as mulheres do que os homens essa questão, ajudasse a também pautar, prioritariamente, esse projeto, cuja Relatora é a nossa querida Senadora Simone Tebet, e aprovar na CCJ, para que rapidamente façamos essa justiça e para que pare de haver tanta mulher, ou homem mesmo, tendo que mudar do seu local por crime de vizinhança e por coação que as pessoas sofrem. O.k., nobre Senadora?</p> <p>666. Quero entrar aqui no tema desta longa sessão, mas uma sessão importante e fundamental. Também me inscrevi logo no início, mas, corretamente, a prioridade era para nós ouvirmos as mulheres; hoje, as mulheres foram totalmente hegemônicas, com muita exatidão. Eu faço, amanhã, 57 anos de vida, amanhã é meu aniversário, um dia após o dia das mulheres. É com muita satisfação que estou aqui para comemorar esta data e não poderia deixar de me inscrever.</p> <p>667. Hoje, nobre Presidente, nobres Senadores e Senadoras aqui presentes, celebramos aquela que, a meu ver, é a mais importante das sessões especiais do Senado Federal, a que se destina à comemoração do Dia Internacional da Mulher e à entrega do Prêmio Bertha Lutz.</p> <p>668. Das injustiças do nosso mundo, o machismo encontra-se entre as mais cruéis, porque, como o racismo, como o antissemitismo, como a homofobia, o machismo atinge a pessoa não por algo que ela tenha feito, e, sim, pelo que ela é. É um comportamento que ataca a essência humana das pessoas, um comportamento genocida na minha visão. E o que há de singular no caso do machismo, nobre Senador Capiberibe, é que agride uma minoria que não é numérica, porque as mulheres são uma parcela expressiva da sociedade. No Brasil, inclusive, elas compõem a maior parte da população, são uma "minorias maioria", por assim dizer, e, ainda assim, são uma minoria do poder, nobre Senadora Gleisi Hoffmann.</p> <p>669. Essa é uma conclusão elementar, nem se precisa olhar muito longe para chegar até ela. Por exemplo, na política, isso se evidencia pela representação desproporcional das mulheres no Congresso, a Casa do povo por excelência – que é o Congresso, aqui, nosso Senado. Aqui, no nosso Senado, nós temos</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Senadoras brilhantes, como a nobre Senadora que está presidindo a Mesa, Gleisi Hoffmann, a Senadora Ana Amélia, a Senadora Ângela Portela, a Senadora Rose de Freitas, a Senadora Vanessa Grazziotin, a Senadora Simone Tebet, a Senadora Marta Suplicy, a Senadora Kátia Abreu, a Senadora Lídice da Mata, a Senadora Regina Sousa, a Senadora Fátima Bezerra, a Senadora Maria do Carmo e a querida Senadora Lúcia Vânia. Então, temos aqui um grupo seletivo de Senadoras da República, que muito abrilhantam os trabalhos aqui. O ideal seria que houvesse, pelo menos, 42 Senadoras – já que mais da metade da população brasileira é de mulheres –, refletindo a distribuição de gênero da população, o que seria mais claro. Mas nós estamos longe disso e, na Câmara dos Deputados, a distância ainda é maior.</p> <p>670. Algo semelhante se dá na esfera econômica. Já é um truísmo que as mulheres recebem, em média, um salário menor – 76% do salário dos homens, segundo pesquisa do IBGE de 2015. Vejam só a injustiça: é como se o trabalho de um homem valesse mais que o de uma mulher, independentemente do resultado. Isso sem falar nas demais manifestações da ideologia do machismo na nossa sociedade: casos de misoginia, violência doméstica, agressões sexuais, objetificação do corpo feminino, entre outras tristes incidências, nobres Senadores e Senadoras.</p>
<p>15:40</p> <p>R</p>	<p>671. Claro, é muito positivo que esses temas estejam sendo discutidos hoje em dia, mas o fato é que o fenômeno persiste. Uma das piores coisas da injustiça é que ela é teimosa, nobre Senador Garibaldi Alves. Uma das piores coisas da injustiça é que ela é teimosa. E teimosa mesmo.</p> <p>672. Sr<sup>as</sup> Senadoras, Srs. Senadores, demais convidados, o avanço da causa feminista tem abordado esse problema da assimetria básica entre os gêneros. Nesse sentido, o dia de hoje, 8 de março, o Dia Internacional da Mulher, fundado por movimentos sociais no início do século XX e reconhecido pelas Nações Unidas, é uma data redentora. Ela visa a promover a luta por uma sociedade que encontre a harmonia na justiça de gênero. E, acho que não preciso dizer, essa é uma luta de mulheres e também uma luta de homens, porque a luta contra a injustiça é uma luta de toda a humanidade.</p> <p>673. Nós, nobre Presidente, Senadora Gleisi Hoffmann, aqui, no Senado Federal, comemoramos o Dia Internacional da Mulher com o Diploma Bertha Lutz, uma honra permanente a uma das maiores figuras do feminismo no Brasil. A cada ano, o Diploma Bertha Lutz homenageia nomes de destaque no ativismo pela igualdade de gênero, pelos direitos humanos e pelo progresso social no País. Costuma ser muito difícil indicar as vencedoras desse prêmio. Cada vez mais, as mulheres têm superado velhos preconceitos para desenvolver seus próprios projetos para a comunidade. A variedade entre as agraciadas deste ano demonstra como as mulheres têm avançado em todas as frentes no Brasil. E avançam por seus méritos próprios, por sua luta.</p> <p>674. Nós temos uma militar, a Major Denice do Rosário, cuja coragem tem ajudado muito as mulheres baianas vítimas de agressão. Nós temos, por exemplo, uma empreendedora social, a Sr<sup>a</sup> Diza Gonzaga, que buscou forças na tragédia familiar para mobilizar pela paz no trânsito e pela valorização da vida. Nós temos uma advogada e acadêmica, a Dr<sup>a</sup> Raimunda de Brito, que milita pela educação e pelos direitos dos negros e das mulheres. Nós temos uma jornalista e escritora, a Sr<sup>a</sup> Tatiane Bernardi Pinto, cujo instigante trabalho artístico lança uma luz original sobre a experiência feminina. E nós temos uma diplomata, uma negra, a Embaixadora Isabel Cristina de Azevedo Heyvaert, a quem eu, como integrante do Conselho do Diploma Bertha Lutz, tive a honra, nobre Presidente, de indicar para receber essa premiação.</p> <p>675. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>676. <b>O SR. HÉLIO JOSÉ</b> (PMDB - DF) – É uma mulher de muitos méritos a Embaixadora Heyvaert; difícil listá-los todos. Ela é a atual Embaixadora do Brasil</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>na Sérvia, já foi Embaixadora na Etiópia e já desempenhou uma série de relevantes funções no meio diplomático, incluindo a de Adida Cultural em Lisboa, a de Conselheira no Haiti, a de Chefe de Promoção Comercial em Milão, na Itália, entre outras atribuições importantes. Foi o que me levou, inclusive, a indicar o nome da nossa querida Embaixadora, que teve o mérito, entre 20, quase 30 indicadas, de receber a premiação.</p> <p>677. Além disso, já trabalhou na Missão do Brasil nas Nações Unidas e atuou junto à União Africana para analisar o cumprimento da Resolução 1.325 da ONU, que prescreve a adoção de perspectivas de gênero nas missões de paz da organização.</p> <p style="text-align: center;">678. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>679. <b>O SR. HÉLIO JOSÉ</b> (PMDB - DF) – Estou quase concluindo, nobre Presidente. Falta apenas um pedacinho.</p> <p>680. Por todos esses importantes serviços, foi condecorada com a Ordem de Rio Branco, no grau de Grande Oficial, e com a Medalha Almirante Tamandaré, do Ministério da Defesa.</p>
15:44 <b>R</b>	<p>681. Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Bertha Lutz foi uma valente, uma desbravadora, uma mulher que, muito à frente do seu tempo, abriu o seu próprio caminho em meio à densa selva da vida. As mulheres premiadas hoje, a Embaixadora Isabel, a Major Denice, a Sr<sup>a</sup> Diza, a Dr<sup>a</sup> Raimunda e a Sr<sup>a</sup> Tatiane, seguiram o seu exemplo na construção de uma carreira ou um trabalho social de sucesso. Mas o êxito, por mais fulgurante que seja, não deve ofuscar as barreiras que elas tiveram de superar em sua trajetória. O machismo continua a ser um dos maiores obstáculos à construção de uma sociedade livre, justa e solidária no Brasil e no mundo.</p> <p>682. Concluindo, neste 8 de março, véspera, como falei, do meu aniversário, que é dia 9 de março, nós renovamos nossos votos para combater todo esse machismo, todo esse preconceito. Como disse anteriormente, a injustiça é teimosa, mas mais perseverantes seremos nós. Pela luta das mulheres, um dia teremos um mundo onde haverá hegemonia do respeito e da igualdade entre homens e mulheres.</p> <p>683. Vivam todas as mulheres do mundo, em especial as mulheres da minha Brasília, de minha casa – a minha esposa, Edy; minhas filhas, Maira, Isabella e Potira; minha mãe, D. Vicentina; e minhas duas irmãs – e todas as mulheres que nos rodeiam no dia a dia, que são maioria dentro dos nossos lares. Que Deus nos abençoe e nos ilumine sempre nesta caminhada.</p> <p>684. Muito obrigado, nobre Presidente, pela tolerância.</p> <p>685. <i>(Durante o discurso do Sr. Hélio José, a Sr<sup>a</sup> Fátima Bezerra deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Sr<sup>a</sup> Gleisi Hoffmann.)</i></p> <p>686. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Obrigada, Senador Hélio José. Parabéns pelo pronunciamento.</p> <p>687. Queria passar a palavra agora ao Senador Antonio Carlos Valadares. <i>(Pausa.)</i></p> <p>688. <b>O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES</b> (Bloco/PSB - SE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, Senadora Gleisi Hoffmann, Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup> Senadoras, daqui desta tribuna, eu quero manifestar o meu apoio ao movimento das mulheres neste Dia Internacional dedicado a elas. Meus parabéns às Parlamentares, às representantes de entidades e a todas as brasileiras.</p> <p>689. Parabenizo em especial as mulheres dedicadas que hoje receberam nesta Casa o Diploma Bertha Lutz, em reconhecimento ao que contribuíram para a defesa dos direitos das mulheres e às questões de gênero no Brasil. Obrigado à policial Denice Santiago, à ativista Diza Gonzaga, à Embaixadora Isabel Heyvaert, à ativista Raimunda Luzia de Brito e à jornalista Tatiane Bernardi.</p> <p>690. Embora a luta pela cidadania e pela igualdade de oportunidades seja diária, é fundamental manter a mobilização. É preciso chamar constantemente a atenção</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>dos governos e da sociedade para a ainda inaceitável situação de preconceito e discriminação, discriminação social e econômica, de violência e de ódio que atinge a população feminina mundial.</p> <p>691. A história de luta das mulheres, que aqui foi discutida e debatida, é marcada pela determinação. Tomou força no século XIX, quando as barreiras impostas por uma sociedade machista, patriarcal foram sendo rompidas pela conquista feminina do direito ao voto e pelo acesso crescente ao mercado de trabalho.</p>
<p>15:48</p> <p>R</p>	<p>692. Vieram os anos 80, e os movimentos de luta por direitos da mulher se expandiram de forma mais organizada e atuante. De lá para cá, foram muitos os avanços, embora, sem dúvida, grandes entraves e dificuldades persistam.</p> <p>693. Ainda está distante de efetiva aplicação o inciso I da nossa Constituição cidadã, segundo o qual homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações. O dispositivo constitucional, creio, só não se tornou letra fria e morta pela firmeza e coragem das mulheres.</p> <p>694. E o Parlamento brasileiro tem grande responsabilidade nessa batalha cotidiana pela equidade, ao mesmo tempo em que precisa levantar a voz a cada tentativa de retrocesso. E, embora ainda estejamos em desonrosa posição, quando se trata da representatividade feminina neste Congresso Nacional, é preciso ressaltar a tenacidade da mulher nesta Casa, aqui no Senado.</p> <p>695. Ainda são poucas, mas como são fortes e aguerridas as Senadoras! A atuação de nossas Senadoras abrilhanta o Parlamento, e estou certo de que é motivo de orgulho para todos nós, brasileiros e brasileiras. Elas não fogem aos desafios, as nossas Senadoras. E aproveito para dizer que muitos homens, no Parlamento e na sociedade, são parceiros na busca da equidade, e eu me incluo entre eles.</p> <p>696. O mundo nos mostra qual o caminho. As mulheres estão cada vez mais dominando espaços. Tivemos a primeira Presidente da República; vocês estão no comando de grandes empresas, lideram instituições, são trabalhadoras rurais, domésticas, mecânicas, médicas, engenheiras, enfermeiras; enaltecem a literatura, a música, as artes. Enfim, todos os setores da nossa sociedade mostram uma crescente e significativa representação feminina, como na educação.</p> <p>697. Uma pesquisa publicada no dia de hoje mostra que as mulheres já representam mais de 49% do mercado de trabalho mundial, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), mas ainda têm pouca representatividade em cargos de liderança. No Brasil, somam 16% das posições de liderança, até acima da média global, mas ainda abaixo do que seria o ideal, o que nos leva a falar dos desafios do discriminador mercado de trabalho. As mulheres ainda são submetidas, em regra, a jornadas mais longas, em ambiente de desigualdade salarial. As mulheres trabalham, em média, 7,5 horas a mais que os homens por semana.</p> <p>698. De acordo com a Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (Cepal), apesar da inserção crescente no mercado, especialmente nas últimas décadas, as mulheres podem ganhar até 25% a menos do que os colegas homens, em condições semelhantes. Os percentuais diferem, e já li que chegam a 70% em algumas funções.</p> <p>699. Acrescente ao cenário o fato de que são as mulheres as vítimas primeiras das crises econômicas.</p>
<p>15:52</p> <p>R</p>	<p>700. No Brasil, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, divulgada em fevereiro, foram expressivas as diferenças na taxa de desocupação entre homens e mulheres, no quarto trimestre de 2016: entre os homens, 10%; entre as mulheres, 13%. A discriminação corporativa se associa à mais cruel realidade das mulheres em busca de espaço.</p> <p>701. Falo do machismo, cultura velhaca que persiste tentando enquadrar a mulher no inaceitável papel de submissão. E o pior: ainda matando-a. Pesquisa do instituto Datafolha mostrou que 85% das mulheres ainda se sentem inseguras no</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Brasil, com medo de serem estupradas. Os números falam em um assassinato de mulher a cada hora e meia no Brasil. Outra pesquisa do Datafolha, também publicada no dia de hoje, mostra que, no ano passado, 503 mulheres foram vítimas de agressão física a cada hora no País. Isso representa 4,4 milhões de brasileiras. Se forem adicionados os casos de agressões verbais, o índice de mulheres que se disseram vítimas de algum tipo de agressão, em 2016, sobe para 29%.</p> <p>702. O machismo, a misoginia, o feminicídio, devem ser combatidos e punidos sem tréguas. Graças ao atento desempenho das nossas Parlamentares, associado à pressão legítima e urgente das mulheres brasileiras, já temos leis e instrumentos para conter essas estatísticas alarmantes, vergonhosas, inaceitáveis. Ontem mesmo este Plenário aprovou projeto, garantindo atendimento especializado pelo SUS às mulheres vítimas de violência doméstica e sexual.</p> <p>703. Para encerrar, Sr<sup>a</sup> Presidente, novamente quero parabenizar esse ser tão especial para todos nós, as mulheres do Brasil e do mundo inteiro. Elas estão no caminho certo. Que ninguém se engane quanto à força e determinação da mulher para vencer a violência, o preconceito, a discriminação e a diferença. Tudo isso, temos certeza absoluta, as mulheres vencerão.</p> <p>704. Obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.</p> <p>705. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Obrigada, Senador Antonio Carlos Valadares. Foi muito importante o seu pronunciamento. Agradeço.</p> <p>706. Passo a palavra agora ao Senador Eduardo Amorim.</p> <p>707. Só lembrando que hoje nós tivemos decisões importantes na Comissão de Constituição e Justiça, que já foram aqui externadas por várias Senadoras. Foi uma reunião histórica, onde aprovamos cinco projetos de lei que dialogam com as reivindicações das mulheres e com a seguridade dos direitos das mulheres. Eu queria agradecer muito à Comissão de Constituição e Justiça e também às Senadoras que se uniram em torno desses projetos, para que fossem aprovados.</p> <p>708. Com a palavra V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Senador.</p> <p>709. <b>O SR. EDUARDO AMORIM</b> (Bloco/PSDB - SE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente, Senadora e colega Gleisi Hoffmann.</p> <p>710. Sr<sup>as</sup> Senadoras, Srs. Senadores, ouvintes da Rádio Senado, todos os que nos assistem pela TV Senado, todos os que nos acompanham pelas redes sociais neste dia tão especial.</p>
15:56 <b>R</b>	<p>711. Hoje, Dia Internacional da Mulher, é na verdade uma data que marca a luta pela igualdade entre homens e mulheres. Na verdade, dia da mulher são todos os dias. Apenas estou repetindo o que já foi dito aqui por muitos – entendo assim. Luta essa que data desde meados do século XVIII e, ao longo da história, muitas mulheres morreram em busca de dignidade, de melhores condições de vida, de trabalho e igualdade de direitos. Mas, lamentavelmente, quase três séculos se passaram e a realidade está longe de ser igualitária. Muito longe.</p> <p>712. Ao longo do tempo, a luta trabalhista continuou por vários anos durante os séculos XIX e XX, e a onda de protestos se intensificou, tornando-se mais forte ainda com a chegada da Primeira Guerra Mundial, espalhando-se mundo afora. No nosso País, essa luta ganhou força com o movimento das sufragistas, nas décadas de 20 e 30 do século passado, que conseguiram, depois de muitos protestos, o direito ao voto em 1932.</p> <p>713. Sr<sup>a</sup> Presidente, colegas Senadores, somente em 1945 a Organização das Nações Unidas assinou o primeiro acordo internacional que assegurava princípios de igualdade entre homens e mulheres. Entretanto, foi a partir da década de 60 que o movimento feminista ganhou mais adeptos. E, no ano de 1975, foi declarado oficialmente o Dia Internacional da Mulher. Dois anos depois,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>o dia 8 de março foi reconhecido oficialmente pela ONU.</p> <p>714. No Brasil, a nossa Constituição cidadã de 1988 retirou uma visão de caráter meramente assistencialista aos direitos das mulheres e deu maior potencial aos direitos fundamentais da pessoa. Entretanto, lamentavelmente, o que observamos na prática é ainda um verdadeiro desrespeito aos direitos das mulheres, em várias instâncias da vida cotidiana.</p> <p>715. Atualmente, apesar de alguns progressos, as mulheres ainda recebem salários substancialmente inferiores – como muitos já disseram aqui – aos homens em posições semelhantes, representam a maioria dos trabalhadores em empregos com baixos salários e lutam para ascender às posições de liderança. A Professora do programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia, Maíra Kubik Mano, cita que – abro aspas – "as mulheres ocupam uma posição inferior, em termos de hierarquias sociais, e a violência é um modo de manter a mulher nessa posição" – fecho aspas –, o que é muito triste.</p> <p>716. E por falar em violência, Sr<sup>a</sup> Presidente, a violência contra as mulheres precisa ser entendida e enfrentada não como um problema de ordem privada ou individual, mas como um fenômeno estrutural, de responsabilidade da sociedade como um todo. Para se ter a dimensão deste problema, a Organização Mundial da Saúde definiu a violência contra as mulheres como – abro aspas – "um problema de saúde global de proporções epidêmicas." Fecho aspas.</p> <p>717. No Brasil, o instituto Datafolha divulgou a pesquisa intitulada "Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil", realizada a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, onde aponta que, por hora, mais de 500 mulheres sofrem agressão física, e uma a cada três brasileiras, com 16 anos ou mais, já foi xingada, ameaçada, agarrada, perseguida, esfaqueada, empurrada ou chutada nos últimos 12 meses.</p>
16:00 R	<p>718. Lamentavelmente, no meu Estado, em Sergipe, a situação não é distinta dos demais Estados brasileiros. Lá, segundo dados da Secretaria de Estado da Segurança Pública, só este ano dez mulheres foram assassinadas.</p> <p>719. Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, é urgente que se coloque em prática políticas públicas efetivas, para o enfrentamento da violência contra a mulher, com investimentos maciços em centros especializados, com pessoal treinado para o acolhimento à mulher agredida, com capacitação permanente de todos os profissionais envolvidos no atendimento, na interiorização de delegacias da mulher, dentre tantas outras ações.</p> <p>720. Entretanto, Sr<sup>a</sup> Presidente, apesar desse quadro lastimável, no Brasil os últimos anos foram marcados por importantes iniciativas governamentais, especialmente no campo legislativo – como a senhora já bem citou aqui, ao aprovarmos hoje diversos projetos na CCJ –, para enfrentar o problema da violência contra as mulheres.</p> <p>721. A Lei Maria da Penha, por exemplo, foi considerada pela ONU uma das três leis mais avançadas de enfrentamento à violência contra as mulheres do mundo. Repito: uma das três leis mais avançadas de enfrentamento à violência contra as mulheres do mundo. Contudo, no ano em que a Lei Maria da Penha completa dez anos de vigência, percebemos que ainda há muito para ser feito.</p> <p>722. Antes de finalizar, eu gostaria de homenagear as bravas, dedicadas e competentes colegas Senadoras, como as duas que estão, neste momento, presidindo esta sessão, e falar do meu sincero respeito e admiração pela atuação parlamentar de V. Ex<sup>as</sup>. V. Ex<sup>as</sup>, de fato, defendem a ideologia em que acreditam, sempre procurando manter o respeito entre todos nós, colegas. E, por intermédio de V. Ex<sup>as</sup>, eu gostaria também de homenagear aquelas que trabalham comigo no gabinete, que nos suportam no nosso dia a dia. Sei que não é fácil. Cito aqui aquela que nos ajuda a fazer esta palavra, esta fala, este discurso, a Ariadne, que está ali, uma colega competente, a Mile, a Dani e todas</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>as outras – não quero ser injusto, por não citar o nome de todas, mas não dá tempo –, que nos toleram, mas que, sobretudo, entendem que o mandato é uma missão.</p> <p>723. Para finalizar, Sr<sup>a</sup> Presidente, eu gostaria de reiterar aqui o convite para a sessão solene em homenagem ao Dia Mundial do Rim, que acontecerá amanhã, às 9h, neste plenário, nesta Casa. O Senado, mais uma vez, abraça essa causa. O Dia Mundial do Rim é celebrado em todo o mundo na segunda quinta-feira de março, e o Senado tem cumprido essa missão nos últimos anos. E o tema neste ano é: "Doença Renal e Obesidade. Estilo de vida saudável para rins saudáveis."</p> <p>724. O Dia Mundial do Rim no nosso País é coordenado pela Sociedade Brasileira de Nefrologia e tem como principal objetivo aumentar a consciência da importância dos rins para a nossa saúde global e para reduzir a frequência e o impacto da doença renal e seus problemas de saúde associados.</p> <p>725. Pela indiscutível relevância do tema, porque são mais de 120 mil brasileiros que, dia sim, dia não, Senadora Gleisi Hoffmann, passam por uma máquina de hemodiálise...</p>
16:04 R	<p>726. Eu sei que todos nós conhecemos e sabemos do sofrimento de muitos, mas eu, como médico, sei que é algo extremamente difícil. É muito difícil, é como ter perdido parte da sua liberdade, é trocar a sua liberdade pela manutenção da vida. Ele não pode se afastar ou se deslocar da máquina por mais de 100km ou 200km, pois ele tem compromisso marcado, inadiável, dia sim, dia não, com a máquina.</p> <p>727. O País, o nosso Brasil, tem dado bons exemplos, como o Hospital do Rim em São Paulo, que é um dos hospitais que mais faz transplante de rim no mundo. Aqui faço uma homenagem ao amigo, colega e grande profissional que é o Prof. Medina, um abnegado, um...</p> <p style="text-align: center;"><i>728. (Soa a campanha.)</i></p> <p>729. <b>O SR. EDUARDO AMORIM</b> (Bloco/PSDB - SE) – ... médico na essência da palavra, um médico vocacionado, um daqueles que atendem e que procuram tratar por vocação, por missão. Que bom que o temos tratando dos nossos renais crônicos no Hospital do Rim em São Paulo. Como o Dr. Medina, com certeza, existem centenas Brasil a fora, e muitos deles estarão aqui, nessas cadeiras, amanhã.</p> <p>730. Por isso, insisto no convite não apenas para todos os colegas Senadores, mas para toda a imprensa e para todos aqueles que estão nos ouvindo ou que nos assistem neste momento: venham assistir, vamos discutir essa problemática, porque só quem passa por isso ou quem acompanha um renal crônico sabe do sofrimento que é, mas eles merecem ter dias melhores. Infelizmente, hoje, o que se paga por uma hemodiálise está muito longe de ser realmente o custo efetivo do procedimento. Amanhã discutiremos tudo isso. É imprescindível a participação de cada um dos colegas.</p> <p>731. Muito obrigado.</p> <p>732. <b>O Sr. Garibaldi Alves Filho</b> (PMDB - RN) – Senador Eduardo Amorim.</p> <p>733. <b>O SR. EDUARDO AMORIM</b> (Bloco/PSDB - SE) – Pois não, Senador Garibaldi.</p> <p>734. <b>O Sr. Garibaldi Alves Filho</b> (PMDB - RN) – Se a Senadora Gleisi permitir...</p> <p>735. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Com certeza, Senador.</p> <p>736. <b>O Sr. Garibaldi Alves Filho</b> (PMDB - RN) – Eu queria me associar às palavras de V. Ex<sup>a</sup>...</p> <p>737. <b>O SR. EDUARDO AMORIM</b> (Bloco/PSDB - SE) – Muito obrigado, Senador.</p> <p>738. <b>O Sr. Garibaldi Alves Filho</b> (PMDB - RN) – ... e dizer que V. Ex<sup>a</sup> está fazendo justiça ao papel da mulher na nossa sociedade. Foi o que se ouviu desde as 11h de hoje, quando se iniciou esta sessão. Falou-se aqui da luta da mulher para se igualar ao homem com relação ao seu trabalho, à sua trajetória de vida. Eu quero dizer que, no campo político, o meu Estado, o Estado da Senadora</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Fátima, o Estado do Senador José Agripino, tem uma tradição que eu considero relevante. O Rio Grande do Norte – eu já tive a oportunidade de dizer isto, mas nada como dizer neste dia – teve o pioneirismo de ter a primeira mulher eleitora; depois, o Rio Grande do Norte avançou mais e teve a primeira prefeita eleita; e, depois, nós tivemos um avanço ainda maior, porque a primeira Deputada eleita no Brasil foi uma mulher, como esses primeiros exemplos que eu lhe dei. Então, eu queria me congratular...</p> <p style="text-align: right;"><i>739. (Soa a campainha.)</i></p>
<p>16:08</p> <p><b>R</b></p>	<p>740. <b>O Sr. Garibaldi Alves Filho</b> (PMDB - RN) – ... com as mulheres, com a Bancada feminina do Senado e dizer que hoje, na Comissão de Justiça, nós tivemos a aprovação de cinco propostas em favor dessa igualdade de direitos, o que significa dizer que é realmente um avanço esse que o Senado consolidou hoje. Por outro lado, ainda falando do meu Estado, são 167 Municípios. Pois bem, no Rio Grande do Norte, se elegeu o maior número de prefeitas na eleição passada. Foram 29 prefeitas eleitas. Então, eu queria aqui realçar isso e me associar às palavras de V. Ex<sup>a</sup>.</p> <p>741. <b>O SR. EDUARDO AMORIM</b> (Bloco/PSDB - SE) – Muito obrigado, Senador Garibaldi, pelas palavras.</p> <p>742. Obrigado, Senadora Gleisi, pela tolerância.</p> <p>743. Talvez seguindo o exemplo do seu Estado, Senador Garibaldi, o meu também tem o privilégio de ter uma mulher na Bancada do Senado, assim também como o Estado da Senadora Gleisi. Somos dos poucos Estados que temos na nossa Bancada representante feminina.</p> <p>744. Muito obrigado, Presidente.</p> <p>745. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Parabéns, Senador Eduardo Amorim, pelo seu pronunciamento. Agradeço as palavras de reconhecimento às nossas Senadoras. Estamos aqui ao lado de V. Ex<sup>as</sup> sempre discutindo os temas relevantes do País. Eu quero expressar minha solidariedade nessa situação que V. Ex<sup>a</sup> colocou, que será objeto, amanhã, de uma audiência aqui. Com certeza, nós precisamos nos unir para melhorar a vida dessas pessoas.</p> <p>746. Eu queria também agradecer ao Senador Garibaldi pelas palavras que disse aqui para as mulheres e pelo seu apoio, hoje, na Comissão de Constituição e Justiça, para aprovação de projetos tão relevantes para os direitos das mulheres.</p> <p>747. Eu quero passar a palavra, agora, para o Senador Lasier Martins e, em seguida, para o Senador Jorge Viana.</p> <p>748. <b>O SR. LASIER MARTINS</b> (Bloco/PSD - RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente dos trabalhos, Senadora Gleisi Hoffmann; Senadores e Senadoras, telespectadores, ouvintes, eu bem que gostaria que a minha homenageada ainda estivesse presente, mas foram tantas horas de homenagens neste dia marcante. Lembrem que, na manhã de hoje, recebemos, aqui neste plenário, o maior público deste ano. Neste ano de 2017, nunca houve tanta gente neste plenário, exatamente para participar das homenagens ao Dia Internacional da Mulher. É um dia, portanto, engalanado, florido e de justas homenagens.</p>
<p>16:12</p> <p><b>R</b></p>	<p>749. A pessoa a quem me refiro, Presidente, é uma das mulheres mais admiradas do meu Rio Grande do Sul. E por que é admirada? Porque é uma combativa defensora da vida humana, principalmente da vida dos jovens. Trata-se da arquiteta gaúcha Diza Gonzaga, que sofreu a desventura de perder um filho, Thiago Gonzaga, de 18 anos, ainda no ano de 1995, em um acidente automobilístico. A Diza viveu trágicos momentos, inclusive o de acompanhar a remoção do corpo do filho em uma das ruas de Porto Alegre naquela noite, fato que foi extremamente marcante e que despertou a comoção no Rio Grande do Sul por tratar-se de uma família muito conhecida. O esposo da Diza e pai do</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>menino falecido, o Prof. Régis Gonzaga, é um professor de cursinhos pré-vestibular e de escolas muito conhecido no Rio Grande do Sul. A Diza, uma mulher muito forte, a partir daquele triste evento, criou um programa educativo, que se ampliou nesses últimos 20 anos. Há cerca de 10 anos, tive a oportunidade, inclusive, como jornalista, de participar de uma reportagem nas dependências da Fundação Thiago Gonzaga, em que mostrávamos pela televisão o que era a fundação e como funcionava. E ela tem crescido cada vez mais de lá para cá. Diza Gonzaga é uma heroína, porque, a partir da perda do filho, passou a se dedicar à preservação dos filhos dos outros. Ela criou um verdadeiro batalhão de jovens cadastrados – hoje em torno de 20 mil – que, todas as noites de sexta-feira e de sábado, percorre os bares e restaurantes de Porto Alegre advertindo os jovens de que não devem dirigir automóvel se beberem.</p> <p>750. Inclusive, Sr<sup>a</sup> Presidente, em 2016, ano passado, quando a entidade, a Fundação Thiago Gonzaga, comemorava os seus 20 anos, o Departamento de Trânsito do Rio Grande do Sul (Detran) divulgou dados de uma redução de acidentes de trânsito fatais: foram 14,4% menos mortes e 16,1% menos acidentes fatais em 2015, na comparação com 2014. Esse resultado alcançado foi também atribuído em boa parte às campanhas educativas promovidas pela Fundação Thiago Gonzaga, criada pela Diza, que esteve, durante várias horas de hoje, aqui à Mesa do Senado, como uma das homenageadas.</p> <p>751. Eu quero, nesta oportunidade, saudar as mulheres, particularmente as mulheres do nosso Senado – são 12 Senadoras, entre as quais a Presidente dos trabalhos, Gleisi Hoffmann –, e, na pessoa da Diza, cumprimentar todas as mulheres gaúchas e brasileiras. Que o seu exemplo de superação, dedicação e amor possa inspirar a todos nós no dia a dia.</p> <p>752. Muito obrigado.</p> <p>753. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Parabenizo, Senador, a sua fala, o seu pronunciamento. Tive oportunidade também, de manhã, quando falei aqui, de parabenizar a Diza pelo prêmio recebido, com certeza com grande merecimento. Agradeço suas palavras.</p>
16:16 <b>R</b>	<p>754. Passo a palavra agora ao Senador Jorge Viana.</p> <p>755. <b>O SR. JORGE VIANA</b> (Bloco/PT - AC. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Querida Presidente, Senadora Gleisi Hoffmann; Senadora Fátima, colega, companheira de luta; Regina; demais Senadoras e Senadores aqui presentes; Senadora Maria do Carmo, que está aqui presente; funcionárias, servidoras da Casa; eu não poderia deixar de vir à tribuna. Já fiz uma postagem na minha página, no meu Twitter, já participei da CCJ hoje, ajudando, com o meu voto, a tirar das gavetas propostas que garantem direitos às mulheres, já tive um encontro no meu gabinete com as mulheres que me ajudam a fazer o meu mandato aqui, em Brasília – tenho também as que me apoiam lá, em Rio Branco –, e vim aqui também participar da sessão do Bertha Lutz, o prêmio.</p> <p>756. Eu queria parabenizar as organizadoras, os organizadores. Graças à determinação das mulheres Senadoras, das nossas servidoras – agora chegou também outra lutadora, que é a Vanessa Grazziotin –, graças a vocês, nós estamos tendo um 8 de março diferente. Eu parabenizo vocês. Senão, seria a mesmice, com a mesma desculpa: "Dia das Mulheres deve ser todo dia". Os que não querem discutir, aprofundar, analisar as diferenças que ainda temos, os erros que ainda cometemos, normalmente, vêm com esse discurso de que Dia de Mulher é todo dia. Não. Se nós tivermos os 8 de março reproduzidos como estamos tendo hoje, certamente, Senadora Lúcia Vânia, que eu aproveito e cumprimento também, nós vamos modificar, sim, a legislação brasileira, os costumes e essa convenção moral que nós estabelecemos na relação homem-mulher na sociedade. Não é mais que isso, não; é convenção.</p> <p>757. Eu estou muito contente, estou orgulhoso do trabalho das mulheres Senadoras,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>apesar de lamentar serem tão poucas. Nós temos 11% do Senado de mulheres. A sociedade tem quase 51% de mulheres. Por que só 11% de mulheres aqui no Senado? Na Câmara Federal, é ainda pior: 9% de representação. Já fizemos cota para os partidos, mas não é levada a sério.</p> <p>758. Eu digo como um testemunho meu. Sou de uma Bancada que é a Bancada que mais tem participação das mulheres na Câmara e no Senado, que é a Bancada do Partido dos Trabalhadores, e vejo a disposição, a capacidade, a determinação de conciliar o inconciliável de minhas companheiras Senadoras: a casa, o trabalho, os sonhos e o mandato de Senadora da República.</p>
<p>16:20</p> <p>R</p>	<p>759. Quantas vezes vi minha querida colega Líder Gleisi passando por situações gravíssimas, sofrendo injustiça e conseguindo encontrar forças não sei aonde, porque acho que nós, homens, não temos essa capacidade, para enfrentar de cabeça erguida tudo e todos. É um exemplo!</p> <p>760. A nós não cabe a maternidade, Senador Capi. Já é uma escolha para quem tem fé. Certamente, quem tem fé vai dizer: "Mas Deus vai botar nos fracos a natividade, a possibilidade da criação?" Não.</p> <p>761. Agora, o que essa convenção moralista fez no mundo? Pegou a mulher, que já tem tarefas que só ela pode exercer em casa, na família e, em vez de valorizar isso, o que nós fizemos? Depreciamos isso. Então, na relação do trabalho as mulheres ganham menos, na hora de ocupar espaços importantes, elas ocupam menos. E qual é a diferença? Hoje, mudou muito. Houve tempo em que as mulheres não podiam sequer votar. Hoje, elas são a maioria dos que se formam.</p> <p>762. Eu tenho duas filhas e uma netinha, sou minoria na minha casa, e sou orgulhoso disso, tenho orgulho de ser minoria. Fico feliz que Deus me deu essa possibilidade, querida Perpétua. Chegou uma mulher acriana lutadora, que está sentada ao lado da nossa Senadora Regina. Mas acho que há muita coisa errada na nossa sociedade.</p> <p>763. Eu apresentei três propostas. Relembrei essas propostas na Comissão de Constituição e Justiça. Duas delas dizem respeito à participação das mulheres na condução das Casas Legislativas: um decreto legislativo, que tem como Relator o Senador Pimentel, em que eu proponho que se garanta a participação das mulheres, mudando os Regimentos do Senado e da Câmara, na Mesa Diretora.</p> <p>764. O Senado Federal, nesta Legislatura, não tem nenhuma mulher na Mesa Diretora. Acho isso um equívoco, uma falha, um erro nosso. Mas apresentei outro, Senadora Gleisi, Presidente desta sessão. Apresentei uma PEC em 2016, dia 29 de novembro, que torna o crime de estupro, que é hediondo e inafiançável, imprescritível.</p> <p>765. O art. 5º da Constituição estabelece os direitos e obrigações do cidadão. No inciso XLII, estou fazendo uma pequena modificação, mas é muito importante. A modificação é juntar com a prática do racismo, que é imprescritível e a ação de grupos armados, que é imprescritível, o crime do estupro. E por que isso? Pelas especificidades desse crime.</p> <p>766. Muitos casos acontecem no seio da família, dentro de casa, envolvendo pessoas próximas. As mulheres têm medo, têm receio ou não têm coragem de criar um ambiente na sua amizade, na sua família para esse crime.</p>
<p>16:24</p> <p>R</p>	<p>767. Muitos casos acontecem no seio da família, dentro de casa, envolvendo pessoas próximas. As mulheres têm medo, têm receio ou não têm coragem de criar um ambiente na sua amizade, na sua família para esse crime. Então é necessário que ele não prescreva. É necessário, porque, Senadora Gleisi, eu fui levantar os números. Em 2015, Senadora Ângela, nós tivemos, no Brasil, registrados 45 mil estupros, mas há um problema: os estudos mostram que apenas um terço dos estupros são registrados. É o típico crime de agressão à mulher. O que pode machucar mais uma mulher do que isso? A mulher, que tem a capacidade da criação. O que mais pode ferir de morte uma vida futura do que</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>o crime do estupro? E, quando vai fazer o estudo, a gente vê que, no fundo, Senador Capiberibe, em 2015, não foram 45 mil. Variou de 140 mil a 450 mil estupros no Brasil, porque menos de um terço das pessoas que foram vítimas desse crime procuram algum auxílio de força policial.</p> <p>768. Diante disso, o Brasil é um dos países campeões do crime de estupro. Por isso estou fazendo uma proposta. Faço um apelo para que, imediatamente...</p> <p style="text-align: center;">769. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>770. <b>O SR. JORGE VIANA</b> (Bloco/PT - AC) – Hoje foi designada a Senadora Simone Tebet. Estou confiante de que ela, que sempre teve compromisso com as boas causas, faça o seu relatório nos ajudando a fazer essa mudança na Constituição, tornando o crime de estupro um crime imprescritível. Só isso! Se, dez anos depois, quinze anos depois, uma mulher que foi vítima do estupro criar coragem, reunir as condições para fazer a denúncia, que essa denúncia venha. É uma necessidade que esse crime seja assim, tratado dessa maneira.</p> <p>771. Queria também, para concluir, dizer que fico triste em abrir os jornais e ver que o Carnaval no Brasil, uma festa que eu sempre adorei - este ano não participei de nada de Carnaval, mas sempre gostei muito de Carnaval, muito mesmo, eu me entrego ao Carnaval –, no Carnaval do Rio de Janeiro, a cada quatro minutos uma mulher é agredida. De sexta-feira até quarta-feira de cinzas, a cada quatro minutos, uma mulher é agredida. Isso não tem nenhum sentido. Isso não é algo civilizado. Isso não é festa da alegria. É tortura.</p> <p>772. Eu queria parabenizar as colegas Senadoras, o Presidente Eunício, a todos nós, de certa forma, por termos feito, aqui no Senado, um 8 de março diferente. Foi diferente! Foi diferente pela determinação das nossas Senadoras, das nossas servidoras. Foi diferente, porque nós, homens, nos somamos a vocês para fazer uma agenda diferente...</p> <p style="text-align: center;">773. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>774. <b>O SR. JORGE VIANA</b> (Bloco/PT - AC) – ... uma sessão diferente, um funcionamento do Senado diferente.</p> <p>775. Então, concluo dizendo que fiz uma postagem agradecendo às mulheres do Acre, cumprimentando todas as mulheres que lutam, que nos ajudam a construir um mundo melhor, um Acre melhor, um Brasil melhor.</p>
16:28 <b>R</b>	<p>776. Fiz homenagem às nossas mães, mulheres, índias, às mulheres, todas elas, independentemente da função que desempenham na sociedade. Mas há uma que unifica todas elas, que é a de serem mães, filhas, irmãs.</p> <p>777. Volto a repetir, eu tenho a felicidade de ter duas filhas. Deus me deu duas filhas e uma netinha. Para mim, são as minhas joias raras.</p> <p>778. Eu queria aproveitar para cumprimentar as Senadoras que organizaram este 8 de março...</p> <p style="text-align: center;">779. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>780. <b>O SR. JORGE VIANA</b> (Bloco/PT - AC) – ...cumprimentar todas as funcionárias aqui do plenário do Senado Federal, que trabalham na TV Senado, que trabalham na Rádio Senado, que nos ajudam nos nossos gabinetes a fazer com que, de alguma maneira, mesmo nestes tempos de dificuldades em que a esperança vai embora, em que a desconfiança reina, possamos renovar o nosso espírito de fé e de confiança de termos uma sociedade melhor, mais justa, em que as mulheres nos ajudem a sair da crise.</p> <p>781. Lamentavelmente, o Brasil cometeu uma agressão com a uma primeira mulher Presidente da República. O resultado foi terrível. O Brasil vive a maior crise econômica, a maior crise política, e a situação, que era apenas de uma crise política, de descontentamento pelo resultado de uma eleição, virou um caos, uma depressão na sociedade. Refiro-me à Presidente Dilma. Teve seus erros, teve suas graves falhas, mas não podia ter sido punida da maneira como foi...</p> <p style="text-align: center;">782. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>783. <b>O SR. JORGE VIANA</b> (Bloco/PT - AC) – ...porque uma injustiça foi cometida.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>784. Então, que todos nós, homens e mulheres, tiremos exemplos positivos desses atos que foram cometidos. Que possamos olhar para os lados, para trás, sempre olhando para frente. O que cada um de nós pode fazer para que o Brasil tenha uma sociedade de homens e mulheres que trabalhem juntos, que vivam em harmonia e que enfrentem juntos os desafios do nosso povo e do nosso País?</p> <p>785. Parabéns a todas as mulheres por este merecido, aqui no Senado, 8 de março de luta, de busca de conquistas e de enfrentamento das tentativas de tirar direitos das mulheres, como é o caso de uma reforma da previdência que quer condenar as mulheres, como faz o Governo Michel Temer, a não ter sequer o direito a uma aposentadoria.</p> <p>786. Muito obrigado, Presidente. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>787. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Parabenizo o Senador Jorge Viana pelo pronunciamento e também pela apresentação dos projetos. Aliás, pedimos hoje na CCJ a designação de relatorias. Tenho certeza de que conseguiremos ter uma tramitação célere desses projetos, que são muito importantes.</p> <p>788. É muito bom contar com companheiros como V. Exª, aliás com os nossos companheiros de Bancada, que se preocupam muito com este tema, militam junto conosco e defendem o direito das mulheres.</p> <p>789. Parabéns e muito obrigada pelas suas palavras, Senador Jorge.</p> <p>790. Passo a palavra agora à Senadora Lúcia Vânia.</p>
16:32 <b>R</b>	<p>791. <b>A SRª LÚCIA VÂNIA</b> (Bloco/PSB - GO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Srª Presidente, Gleisi Hoffmann, cumprimento as componentes da Mesa, Senadora Vanessa Grazziotin, Senadora Ângela, Senadora Fátima e Senadora Regina. Cumprimento os Srs. Senadores, a Senadora Maria do Carmo, cumprimento os nossos convidados.</p> <p>792. Eu gostaria de abrir o meu discurso cumprimentando o Senador que me antecedeu, Senador Jorge Viana, pelo seu discurso e, principalmente, por se mostrar aqui um cúmplice dessa luta das mulheres. É preciso que nós tenhamos, num dia como este, uma reflexão, e essa reflexão não pode partir apenas das mulheres. É preciso que os homens se engajem nesta luta e sejam como o Senador Jorge Viana se apresentou aqui: um companheiro, um parceiro dessa luta. Parabéns, Senador Jorge Viana! Acredito que V. Exª representa a grande maioria dos Senadores desta Casa.</p> <p>793. <b>O Sr. Jorge Viana</b> (Bloco/PT - AC. <i>Fora do microfone.</i>) – Obrigado, Senadora.</p> <p>794. <b>A SRª LÚCIA VÂNIA</b> (Bloco/PSB - GO) – Srª Presidente, neste Dia Internacional da Mulher, momento em que todas nós refletimos sobre questões relacionadas à igualdade de gênero, discriminação e violência sofrida pelas mulheres em todo o mundo, fatores essenciais para que tenhamos uma sociedade mais justa e democrática, quero chamar a atenção para os reflexos da participação feminina no mercado de trabalho. E o faço aqui em nome do meu Partido, o PSB, representando, sem dúvida nenhuma, todos os Srs. Senadores do meu Partido e também a Senadora Lídice da Mata, companheira.</p> <p>795. As pesquisas domiciliares mostram que, no Brasil, houve um aumento na parcela relativa feminina na força de trabalho. Entre 2000 e 2015, esse percentual subiu de cerca de 40% para 50%. Essa proporção, no entanto, continua bem abaixo da registrada em outros países desenvolvidos ou mesmo emergentes. Na China, por exemplo, cerca de 75% das mulheres em idade ativa, isto é, entre 15 e 64 anos de idade, estão inseridas na força de trabalho, percentual equivalente ao de países como Estados Unidos e Austrália.</p> <p>796. Outras constatações importantes não apenas no Brasil como em outros países são a baixa presença de mulheres em cargos elevados da Administração Pública e privada; disparidades na remuneração entre homens e mulheres; participação mais concentrada das mulheres em setores de menor produtividade das economias; níveis de desemprego entre as mulheres acima dos registrados</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>entre os homens; e recolocação no mercado de trabalho mais difícil para as mulheres que se encontram na situação de desempregadas.</p> <p>797. Recentemente, muitas ideias têm surgido para contornar, por exemplo, a baixa participação feminina nos cargos de liderança. Inclusive, tem aumentado o número de pessoas a defender cotas para a presença de mulheres em conselhos de administração de empresas. Pessoalmente, acredito que esse pode ser um caminho, mas acho que o mais importante seria a implementação de medidas que viessem a desenhar políticas públicas que atuem sobre os elementos que inibem a presença das mulheres no mercado de trabalho ou mesmo em cargos de direção.</p> <p>798. A literatura acadêmica é farta de material a respeito dos determinantes da participação feminina na força laboral. Há trabalhos que sugerem que a presença das mulheres no mercado é influenciada não apenas pelo diferencial de salários frente aos homens como também pela discriminação por parte dos empregadores.</p>
<p>16:36</p> <p>R</p>	<p>799. Quanto ao efeito da participação feminina sobre a desigualdade de rendimentos, os resultados sugerem que, à medida que cresce a importância dos rendimentos do trabalho da mulher na família, há um aumento na contribuição para a desigualdade de renda domiciliar <i>per capita</i>.</p> <p>800. Outros trabalhos mostram que a participação feminina no mercado de trabalho constitui um importante elemento para retirar famílias da condição de pobreza. Isso porque alguns determinantes da participação feminina atuam de forma mais intensa nas famílias de estratos inferiores de renda. No Brasil, com efeito, a participação feminina na força laboral sobe continuamente ao longo dos estratos de renda familiar <i>per capita</i>.</p> <p>801. Em linhas gerais, os determinantes da participação feminina na força de trabalho estão associados a questões socioculturais, religiosas, nível de desenvolvimento econômico do País e natureza de funcionamento do mercado de trabalho.</p> <p>802. A partir do conhecimento desses determinantes e dessas evidências empíricas dos trabalhos acadêmicos, a função dos gestores públicos é atuar sobre tais elementos inibidores da participação feminina no mercado de trabalho não apenas para reduzir a pobreza nas sociedades como também para aumentar o potencial de crescimento das economias.</p> <p>803. Em nosso País, penso ser importante o foco em políticas públicas, especialmente na área de educação, como o aumento na oferta de creches e de assistência às crianças de famílias mais pobres. Alguns resultados de trabalhos acadêmicos indicam que a presença de filhos em idade pré-escolar e de crianças até dez anos de idade constitui obstáculo ao ingresso feminino na força de trabalho. Atuar sobre o entorno familiar em que a mulher se encontra deve, portanto, ser um dos objetivos dos formuladores de políticas públicas. A maior disponibilidade de creches tende a oferecer substitutos para o tempo da mulher dedicado aos filhos menores, especialmente em famílias de menor poder aquisitivo, criando melhores condições para o resgate dessas famílias da condição de pobreza.</p> <p>804. Srs. Senadores e Senhores convidados, neste Dia Internacional da Mulher, eu quis trazer uma reflexão sobre a necessidade de aumentarmos a presença feminina no mercado de trabalho no Brasil. A análise comparativa dos números com outros países evidencia o espaço que temos que avançar nessa matéria.</p> <p>805. Aumentar o engajamento das mulheres no mercado de trabalho geraria múltiplos efeitos positivos para o nosso País, propiciaria o aumento da oferta de trabalho na economia, contribuiria para reduzir a desigualdade de renda na sociedade e, o mais importante, aumentaria o senso de inclusão das mulheres em uma sociedade mais democrática e justa.</p> <p>806. Para finalizar, quero citar Simone de Beauvoir: "É pelo trabalho que a mulher</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta".</p> <p>807. Muito obrigada, Sr<sup>a</sup> Presidente. (<i>Palmas.</i>)</p>
<p>16:40</p> <p>R</p>	<p>808. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Parabéns, Senadora Lúcia Vânia, pelo seu pronunciamento.</p> <p>809. Passo a palavra agora à Senadora Rose de Freitas.</p> <p>810. Aproveito, enquanto a Senadora Rose de Freitas chega à tribuna, para fazer um complemento à fala da Senadora Lúcia Vânia citando Simone de Beauvoir. Uma frase de que gosto muito, que acho que complementa o que V. Ex<sup>a</sup> disse: "Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida". É exatamente isso que estamos fazendo hoje.</p> <p>811. Com a palavra a Senadora Rose de Freitas.</p> <p>812. <b>A SR<sup>a</sup> ROSE DE FREITAS</b> (PMDB - ES. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Tem uns óculos aqui, eu acho que é da Lúcia Vânia.</p> <p>813. Eu queria inicialmente saudar todas as mulheres que aqui se encontram, as que não se encontram, as que nos ouvem. Saudar, não posso deixar, por coincidência da data, aniversaria minha mãe. Eu vou dizer 91 anos, mas eu vou dizer 93, ela vai dizer 91, então, vou ficar com os 90, porque é melhor para todos nós, porque quero tê-la muitos anos na minha vida. E dizer o seguinte – 8 de março, Lídice, você foi Constituinte. Aqui temos algumas mulheres Constituintes: a Lídice, essa guerreira; não sei se a Lúcia Vânia foi; mas Benedita, que esteve aqui, foi –, dizer que em 8 de março nós estamos sempre aqui assumindo a tribuna, falando das mulheres, Senador, falando das nossas lutas, manifestando as nossas vontades, os nossos sonhos, reconhecendo as nossas conquistas, falando em defesa da igualdade, contra a violência, repudiando a violência que cresce a cada dia, principalmente no meu Estado, falando de toda forma de discriminação contra as mulheres, da sobrecarga do nosso trabalho e defendendo sempre nas leis, nos discursos a questão da igualdade.</p> <p>814. Ao longo desses anos, Lídice, nós celebramos conquistas, nós cobramos compromissos, nós nos mobilizamos, nós nos defendemos, nós exigimos respeito, choramos por cada mulher vitimada pela violência doméstica, pela violência no trabalho, na rua, na fragilização da mulher só e exclusivamente pela sua condição de mulher, que ainda insistem em colocar assim, e não sendo assim.</p> <p>815. Outro dia eu liguei a televisão à tarde, num sábado – o que é coisa rara que eu faça –, eu liguei por acaso e tinha músicas, mulheres cantando. E os versos que as mulheres colocavam na música, Senadora Regina, me chamaram muito a atenção. Eram versos traduzidos na forma musical da expressão da verdadeira cultura da luta da mulher seja pelo seu homem, pelo seu trabalho, pelo seu direito, pelo seu respeito, pelo seu amor, pela sua alegria, pela sua tristeza, mas eram todas mulheres verbalizando culturalmente aquilo que explodia no peito de tantas mulheres há tantos anos e a toda hora.</p>
<p>16:44</p> <p>R</p>	<p>816. É impossível falar de mulher, falar de todas as mulheres, de qualquer mulher, sem falar do amor, da fraternidade que a mulher tem. Essa é a fundamental diferença, Senadora Vanessa, ainda que a gente possa erguer nossa voz repudiando tudo aquilo que acontece. E nós fazemos isso no Estado do Espírito Santo, permanentemente, contra toda forma de agressão. Aqueles que tentam anular a integridade da mulher todo dia, toda hora, não reconhecem o valor que tem um companheiro, uma sociedade, uma instituição, uma associação. Reconhecer a dignidade das mulheres, que é tão simples, tão importante!</p> <p>817. Eu vejo às vezes... E vocês que estão aqui no Senado devem pensar: nós estamos no Senado Federal, uma casa importantíssima, que faz parte do Congresso Nacional. Não pensem que cada mulher que esteja aqui – Regina,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Lídice, Gleisi, Vanessa –, que nós não travamos lutas cotidianas para abrir espaço com as mãos, rasgando com a nossa dignidade, da política que construímos através do voto, para chegarmos aqui e podermos dizer que estamos representando sobretudo as mulheres. Não tem sido fácil. Parece que há uma resistência orgânica em que as pessoas lutam contra um fato inexorável, contra uma marcha, uma caminhada que não se interrompe de maneira nenhuma, por nenhuma atitude.</p> <p>818. Quem é que vai dizer que vai mudar a Previdência deste País sem ouvir as mulheres? Quem pode olvidar o que as mulheres estão dizendo hoje sobre as leis que são construídas e que as colocam de lado, à margem dos seus direitos, sem reconhecer a importância que nós temos?</p> <p>819. Quem faz isso pode até não saber ouvir, pode até não saber sentir, mas, com certeza, vai saber ver. Porque a cada dia que você abre uma porta em qualquer repartição pública, em qualquer instituição bancária, em qualquer sindicato, você encontra uma mulher ali sentada.</p> <p>820. Há retrocessos. A Mesa desta Casa não tem uma mulher. Eu lembro que eu fui a primeira mulher, em cento e oitenta e tantos anos, Senador, eleita para a Vice-Presidência do Congresso Nacional e Vice-Presidência da Câmara. A primeira mulher em 180 anos!</p> <p>821. Quando as mulheres estavam ali, nós estávamos até falando: "mulheres unidas jamais serão vencidas", eu lembrava assim: será que alguém se recorda que foi tão recente que as mulheres tiveram o direito de votar? Será? Em 1932. Será que as mulheres se lembram do quanto nós travamos para, na Constituinte, escrever um capítulo da titularidade da terra, Presidente Eunício? A mulher vivia naquele pedaço de terra, trabalhadora rural, trabalhador rural, mas, quando o homem morria, ela era expulsa da terra com seus filhos. Foi na Constituinte que nós conseguimos escrever o direito à titularidade da terra. Emenda minha, nem me lembrava mais. São tantos anos, né, Lídice?</p>
<p>16:48</p> <p>R</p>	<p>822. Então, o que nós estamos fazendo aqui? Nós não estamos fazendo nenhum oba-oba. Nós não estamos aqui fazendo loas de uma mulher para a outra. Nós estamos aqui sentados dentro do Congresso Nacional, na presença do Presidente do Congresso Nacional, do Líder do PMDB, do Líder da Rede, dos Líderes de outros partidos que aqui estão presentes para dizer, para relembrar, na verdade, a taxa do feminicídio. É possível nós convivermos, reconhecermos e olharmos que 4,8 para cada 100 mil mulheres – a quinta maior taxa do mundo, segundo dados da Organização Mundial de Saúde – são acometidas pela violência física, pela morte. Outras não posso nem descrever aqui o tipo de violência.</p> <p>823. Ainda assistimos novelas. Os enredos das novelas nos apaixonam tanto, mas, se você olhar o conteúdo dessas novelas, atrás do texto, está sempre uma mulher,...</p> <p style="text-align: center;">824. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>825. <b>A SRª ROSE DE FREITAS</b> (PMDB - ES) – ... que é submetida a uma determinação superior de uma cultura que nós não sabemos de onde vem.</p> <p>826. E, agora, vêm me falar, Senadora Lídice, que as mulheres têm igualdade salarial. Não há um estudo que comprove isto; não há um estudo. Até, outro dia, no jornal <i>O Globo</i>, saiu uma historinha de uma pessoa, de um trabalhador, que chegou dizendo que vinha reivindicar o direito de maternidade. E o moço perguntou: "Por quê?" "Não, porque eu quero reivindicar, as mulheres têm direito à licença maternidade e eu sou pai, quero ter o direito à licença maternidade igual ao das mulheres." "Qual o tempo? Vinte dias? Está certo, o senhor tem direito." "Não, eu quero seis meses." E o patrão disse para ele que não seria possível. Então, ele chamou uma mulher para substituir e deu a licença para ele. No final das contas, ele disse assim: "Só que você vai ter o mesmo salário que a mulher quer vai lhe substituir, que vai ficar no seu lugar. Ela passa a ter o seu</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>salário." "Não, isto não está certo." Ele falou: "Mas se você está dizendo que quer tudo o que a mulher está conquistando agora, reconheça que elas conquistaram e não levaram muito das suas bandeiras."</p> <p>827. Está aí a questão do salário, que nos humilha e nos degrada a cada dia. Aqui, Senadora ganha igual a Senador, mas não é igual lá fora. Não é igual lá fora! Para a mesma função, igual, no mesmo departamento, há salários diferenciados. E nós convivemos e dizemos aqui que por lei não pode ser assim. Sem lembrar, Senador Renan Calheiros, Líder do PMDB, presente a esta sessão, que esses comportamentos se arrastam, que nós estamos cansadas de dizer que a Lei Maria da Penha tem que ser cumprida, é um avanço reconhecido mundialmente, mas ela não é cumprida. Ainda existe juiz que...</p> <p style="text-align: center;">828. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>829. <b>A SRª ROSE DE FREITAS</b> (PMDB - ES) – ... senta na cadeira e diz: "Não vou fazer."</p> <p>830. Então, em vez de dizer parabéns, eu prefiro dizer o <i>slogan</i> que uma mulher me disse no elevador: "Nós não temos que dizer parabéns, apesar de termos conquistado algumas dessas nossas bandeiras importantes e tê-las implantado dentro do Parlamento e na sociedade. A palavra que nós temos que dizer aqui às milhões de mulheres, às que são condenadas a abandonar até o mercado de trabalho, sair para outros lugares porque não há emprego para elas e, quando oferecem, não dá para o próprio sustento... <i>(Pausa.)</i></p> <p>831. Eles estão felizes assim porque hoje é o Dia das Mulheres; com certeza!</p> <p>832. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Eu gostaria de pedir silêncio ao Plenário. Nós temos uma Senadora na tribuna.</p> <p style="text-align: center;">833. <i>(Soa a campanha.)</i></p>
16:52 <b>R</b>	<p>834. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Srs. Senadores, por favor. É uma sessão de homenagem às mulheres. A Senadora Rose de Freitas está usando a palavra.</p> <p>835. V. Exª tem a palavra garantida, Senadora.</p> <p>836. <b>A SRª ROSE DE FREITAS</b> (PMDB - ES) – Eu agradeço a V. Exª. Eu vou concluir. <i>(Palmas.)</i></p> <p>837. O que não falta na Gleisi é a postura firme no comando. Ela é uma mulher que merece ser homenageada.</p> <p>838. Então, eu queria encerrar dizendo o que a ascensorista me disse. Ela disse... Eu disse: "Eu não sei dar parabéns pelo Dia das Mulheres." Ela falou assim: "Nem eu sei receber. Mas eu diria assim: força, coragem e para frente." E eu acrescentei: "E se algum homem puxar a sua camisa atrás, bate na mão dele e continua seguindo, porque o que está para vir aqui nessa jornada de luta e determinação das mulheres vai ser escrito com a nossa força, com o nosso trabalho, com a nossa coragem e a nossa dignidade."</p> <p>839. Muito obrigada.</p> <p style="text-align: center;">840. <i>(Soa a campanha.) (Palmas.)</i></p> <p>841. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Parabéns, Senadora Rose de Freitas.</p> <p>842. Aliás, a Senadora Rose de Freitas foi a primeira Presidenta da Comissão Mista de Orçamento aqui do Congresso Nacional, companheira de grande luta; e constituinte também. Mas foi a primeira Presidenta da Comissão.</p> <p>843. <b>A SRª ROSE DE FREITAS</b> (PMDB - ES) – Essa parte você pula, que foi há muitos anos. Mas quero dizer que foi com muita honra, ao lado de muitas mulheres valiosas, como a Senadora Lídice, que aqui se encontra.</p> <p>844. Muito obrigada.</p> <p>845. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Muito bem, obrigada. <i>(Palmas.)</i></p> <p>846. Eu queria anunciar aqui a presença da federação das mulheres do Rio Grande do Sul, na pessoa da Franciele; da Federação das Mulheres Paulistas, a Eliane;</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>da federação das mulheres do Rio de Janeiro, a Elza;... (<i>Palmas.</i>)</p> <p>847. ... da Federação das Mulheres do meu Estado, o Paraná, a Alzimara Bacellar; da federação das mulheres de Santa Catarina, a Gerusa; Federação de Mulheres de Goiás, a Jucilene; da Confederação das Mulheres do Brasil; e da Associação das Mulheres de Campinas. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>848. Eu passo agora a palavra à Senadora Maria do Carmo.</p> <p style="text-align: center;">849. (<i>Tumulto no recinto.</i>)</p> <p>850. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Muito bem. Isso mesmo! (<i>Palmas.</i>)</p> <p>851. Senadora Maria do Carmo, que vai fazer uso da palavra da sua Bancada, V. Exª tem a palavra.</p> <p>852. <b>A SRª MARIA DO CARMO ALVES</b> (Bloco/DEM - SE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Srª Presidente, eu peço licença à senhora para eu falar daqui.</p> <p>853. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Pois não. V. Exª tem a palavra assegurada.</p> <p>854. Eu pediria silêncio ao Plenário para nós ouvirmos a Senadora Maria do Carmo.</p> <p>855. <b>A SRª MARIA DO CARMO ALVES</b> (Bloco/DEM - SE) – Srª Presidente, eu quero cumprimentar as Senadoras que compõem a Mesa, as Senadoras hoje aqui no plenário. Quero cumprimentar também todas as mulheres que estão aqui, cumprimentar as mulheres do meu Estado, o Estado de Sergipe, porque hoje é com muita satisfação que estou aqui, ao lado de todas vocês, comemorando mais um 8 de março, Dia Internacional da Mulher.</p> <p>856. Esta data é crucial para que tenhamos a oportunidade de discutir temas importantes no que diz respeito à mulher. E o nosso papel como Senadoras é estimular, incentivar e defender sempre a mulher brasileira, para que seja respeitada em suas casas, no mercado de trabalho e na sociedade.</p>
16:56 <b>R</b>	<p>857. Já tivemos grandes avanços no decorrer dos anos, como a Lei Maria da Penha, que protege a mulher da violência doméstica, que, infelizmente, ainda é um pesadelo para 30% das mulheres brasileiras, conforme dados divulgados hoje pelo Datafolha.</p> <p>858. Hoje demos mais um passo importante, um passo importantíssimo contra o preconceito descabido que se manifesta no mundo corporativo. A CCJ aprovou, na manhã de hoje, um projeto de lei de minha autoria, que defende um percentual mínimo de 30% de participação das mulheres nos conselhos de administração das empresas públicas e sociedades de economia mista. A Senadora Vanessa Grazziotin foi a relatora do projeto, que fez um relatório excepcional.</p> <p>859. Srªs e Srs. Senadores, países como a Noruega e a França já possuem leis que incentivam a participação da mulher em conselhos de administração. E acredito que o Brasil está no caminho certo para promover a igualdade de gênero no mercado de trabalho. Dessa forma, eu gostaria de parabenizar mais uma vez as minhas colegas Senadoras por abraçarem essa causa. E parabenizo também as mulheres agraciadas com o Diploma Bertha Lutz e, claro, toda mulher que neste momento está no seu trabalho, na sua casa e na sua luta diária.</p> <p>860. Somos muitas, não somos fracas e seguiremos sempre firmes e em frente.</p> <p>861. Muito obrigada. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>862. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Agradeço à Senadora Maria do Carmo.</p> <p>863. Parabenizo a Senadora pela iniciativa do projeto – que foi aprovado hoje na CCJ em caráter terminativo, vai à Câmara – que define o percentual mínimo de participação de mulheres nos conselhos de administração das empresas públicas. Nós brigamos muito pela representatividade das mulheres nos cargos públicos, nos cargos do Executivo e do Legislativo, e as nossas empresas não tinham ainda essa definição.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>864. Eu queria informar ao Plenário que nós já nos encontramos no horário regimental para abrirmos nossa sessão deliberativa; inclusive, o Presidente Eunício se encontra aqui em plenário desde as 16h para fazer essa abertura. Entretanto, eu queria fazer um apelo a V. Ex<sup>a</sup>, Presidente Eunício. Hoje é um dia muito especial, um 8 de março diferenciado. Nós tivemos uma sessão na Comissão de Constituição e Justiça que foi histórica. Quero agradecer a todos os Senadores que lá estiveram, o Senador Lobão. E queria fazer um apelo para que V. Ex<sup>a</sup> permita que nós prossigamos com esta sessão, aqui, em homenagem às mulheres. Nós temos mais, pelo menos, 12 Senadores e Senadoras inscritos. E, para nós, termos essa sessão hoje dedicada exclusivamente às mulheres é muito importante, ainda mais dentro de um movimento do 8 de março em que as mulheres de mais de 50 países chamaram a uma greve de mulheres em todos os setores. Acho que seria uma forma de o Senado da República, de o Parlamento brasileiro colaborar com essa luta, somar-se à luta das mulheres que agora também estão nas ruas, pelo Brasil. Então, eu gostaria de fazer esse apelo a V. Ex<sup>a</sup> para que a gente pudesse ouvir todos os Senadores que estão inscritos.</p>
<p>17:00</p> <p>R</p>	<p>865. <b>O SR. EUNÍCIO OLIVEIRA</b> (PMDB - CE. Sem revisão do orador.) – Senadora Gleisi, que preside esta sessão, ontem, na reunião de Líderes, por iniciativa das mulheres – de V. Ex<sup>a</sup> e de outras mulheres que compõem esta Casa –, nós fizemos uma pauta dedicada às mulheres, do ponto de vista de quatro, cinco projetos que nós aprovamos na tarde/noite de ontem para homenagear as mulheres do Brasil e para, não digo apenas homenagear, buscar o mínimo de equilíbrio ou para se chegar ao equilíbrio desejado nessa relação homem-mulher.</p> <p>866. Embora tenhamos uma pauta importante no dia de hoje, inclusive a questão da repatriação, não seria eu aqui que iria tirar o brilhantismo desta festa que se iniciou aqui às 11h da manhã e prossegue até este horário. Então, eu vou aguardar até a última oradora, até o último orador inscrito. Se for o caso e houver tempo, faremos a Ordem do Dia. Senão, chamarei numa outra ocasião a Ordem do Dia.</p> <p>867. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Obrigada, Senador Eunício, pela compreensão. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>868. Nós já temos a Ordem do Dia marcada para amanhã, quinta-feira, e tenho a certeza de que todos estaremos aqui presentes para cumprir o nosso trabalho.</p> <p>869. Muito obrigada.</p> <p>870. Passo a palavra agora à Senadora Ângela Portela.</p> <p>871. <b>A SR<sup>a</sup> ÂNGELA PORTELA</b> (Bloco/PT - RR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup> Senadoras, assim como a nossa Presidenta, a Senadora Gleisi, nesta sessão eu também quero agradecer ao Presidente Eunício, a todos os Senadores que, desde ontem, têm dado total liberdade para que nós possamos votar e aprovar projetos de interesse da mulher brasileira aqui no plenário do Senado. E hoje, na CCJ, nós conseguimos aprovar, com o apoio de todos os Parlamentares, de todos os Senadores, cinco projetos muito importantes e que têm sido uma luta muito forte da Bancada Feminina aqui no Senado Federal.</p> <p style="text-align: center;">872. (<i>Soa a campanha.</i>)</p> <p>873. <b>A SR<sup>a</sup> ÂNGELA PORTELA</b> (Bloco/PT - RR) – Então, nós agradecemos ao Senador Eunício, nosso Presidente, por essa abertura, por esse espaço que você está nos dando para que nós possamos falar, protestar, mostrar a importância do 8 de março, o Dia Internacional da Mulher, e registrar que este 8 de março é diferenciado dos anos anteriores, porque marca uma greve geral de mulheres, em todo o Planeta, que protestam contra a violência, contra o preconceito, contra o racismo, contra a xenofobia, a intolerância, o patriarcado e todas as formas de retrocesso.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>874. O Senado tem seu papel nessa luta, inclusive organizando esta sessão solene em que reconhece grandes nomes da luta feminina em nosso País. O Senado homenageia, de forma especial, as vencedoras do Prêmio Bertha Lutz. E eu tive a oportunidade e a honra de ser, durante dois anos seguidos, a Presidente dessa premiação Bertha Lutz, em que a gente teve a oportunidade de homenagear várias mulheres do meu Estado de Roraima que também deram a sua contribuição imensa para as mulheres brasileiras.</p> <p>875. A premiação com o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz faz parte das celebrações do histórico Dia Internacional da Mulher, institucionalizado no Brasil em 1975. Essa data se tornou um símbolo da ação por mais direitos, mais respeito e mais cidadania. Passou a ser um marco, também, de lutas por bandeiras históricas das mulheres, como o fim da violência de gênero ou o aumento de nossa representação política.</p>
<p>17:04</p> <p><b>R</b></p>	<p>876. Com este prêmio, criado há 14 anos, o Senado Federal reconhece o trabalho de mulheres, de guerreiras que se destacam pela valiosa contribuição que prestaram e continuam a prestar à conquista dos direitos da mulher e às questões de gênero no Brasil.</p> <p>877. Brasil integra-se a esse movimento de caráter mundial em que as mulheres enfrentam ameaças ressurgidas nas maiores potências do Planeta. Resgatam, assim, o caráter reivindicatório e contestador desta data histórica. Resgatando o caráter de luta do 8 de março, milhões de mulheres protestam hoje contra o desemprego e a violência de gênero. Protestam também contra o desmonte da previdência social, patrocinado pelo Governo Temer. A proposta em discussão no Congresso Nacional é um ataque sem precedentes aos direitos sociais, conquistados há décadas. É também um ataque aos direitos das mulheres, muitos deles historicamente reconhecidos e conquistados com muitas lutas.</p> <p>878. A proposta de reforma previdenciária tem entre seus pilares igualar a idade mínima de 65 anos para homens e mulheres. Esta proposta é cruel para com as mulheres brasileiras. As mulheres arriscam-se, na prática, a perder o direito à aposentadoria. Como suportarão passar a vida cumprindo uma jornada dupla – e às vezes, tripla – de trabalho, até chegar ao dia em que cumprirão todas as novas exigências para se aposentar?</p> <p>879. Sr<sup>a</sup> Presidenta, no meu Estado de Roraima, além de lutar contra os ataques aos direitos trabalhistas e previdenciários, as mulheres enfrentam também a violência doméstica, sexual e de gênero.</p> <p style="text-align: center;"><i>880. (Soa a campanha.)</i></p> <p>881. <b>A SR<sup>a</sup> ÂNGELA PORTELA</b> (Bloco/PT - RR) – No estudo "Panorama da Violência contra as Mulheres no Brasil", produzido pelo Observatório da Mulher Contra a Violência em Roraima, aparece uma assustadora taxa de 9,5 homicídios por 100 mil mulheres! É a maior do Brasil! Essa taxa supera a taxa média nacional, que é de 4,6 homicídios por 100 mil mulheres.</p> <p>882. Estudo inédito da Procuradoria da Mulher do Senado, com base em indicadores nacionais e estaduais, mostra ainda que, em 2014, Roraima exibiu uma taxa de estupros superior ao dobro da taxa deste tipo de crime em todo o País – o dobro!</p> <p>883. Mas nós também temos boas notícias, apesar desses números que nos assustam. As boas notícias são em relação à presença das mulheres nos espaços de poder. Somos hoje governados por uma mulher: Suely Campos é hoje a única governadora de Estado do País.</p> <p style="text-align: center;"><i>884. (Soa a campanha.)</i></p> <p>885. <b>A SR<sup>a</sup> ÂNGELA PORTELA</b> (Bloco/PT - RR) – Nossa Capital, Boa Vista, é administrada por uma mulher, Teresa Surita. Além da capital, nós temos mais 14 Municípios, e mais 3 mulheres administram os Municípios do interior. O Amajari é administrado pela Vera Lúcia Araújo Cardoso; o nosso Município de Caracaraí está com Maria do Perpétuo Socorro de Lima Guerra; e Mucajaí, com Eronildes</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Aparecida Gonçalves. A Presidente do Tribunal de Justiça de Roraima é a Desembargadora Elaine Bianchi; a também Desembargadora Tânia Vasconcelos assumiu a presidência do Tribunal Regional Eleitoral do Estado pela segunda vez. A Defensora Pública-Geral do Estado de Roraima é Terezinha Muniz de Souza Cruz, especialista no combate à violência contra crianças e adolescentes. A jurista Elba Amarante é Procuradora-Geral do Ministério Público.</p>
17:08 <b>R</b>	<p style="text-align: center;"><i>886. (Soa a campanha.)</i></p> <p>887. <b>A SR<sup>a</sup> ÂNGELA PORTELA</b> (Bloco/PT - RR) – Também a Superintendência da Polícia Federal em Roraima está a cargo de uma mulher: Rosilene Gleice Duarte Santiago. Sandra Mara de Paula Dias Botelho é a Reitora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima.</p> <p>888. Com tantas mulheres – e mulheres com qualificação, garra e talento – em postos-chave de poder, temos a convicção de que esse quadro de discriminação e de violência será revertido em nosso Estado.</p> <p>889. Assim é que, para enfrentar os crimes contra as mulheres, teremos brevemente em nosso Estado a Casa da Mulher Brasileira, que será inaugurada ainda neste semestre com serviços especializados e multidisciplinares de acolhimento e atendimento às vítimas da violência doméstica, sexual e de gênero.</p> <p style="text-align: center;"><i>890. (Soa a campanha.)</i></p> <p>891. <b>A SR<sup>a</sup> ÂNGELA PORTELA</b> (Bloco/PT - RR) – A Casa desenvolverá políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres, oferecendo às vítimas condições necessárias para a superação de seus traumas, além de conquista da sua autonomia. Lembro aqui que a Casa da Mulher Brasileira foi um projeto implantado em todas as capitais brasileiras pela Presidenta Dilma Rousseff. Teremos também na Casa da Mulher Brasileira uma Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) para garantir a prevenção, proteção e investigação dos crimes; um juizado especializado na violência doméstica e familiar contra a mulher.</p> <p>892. Também contaremos com uma promotoria especializada do Ministério Público para promover ação penal nos crimes de violência contra as mulheres e o Núcleo Especializado da Defensoria Pública para orientar mulheres e seus direitos.</p> <p>893. A Casa da Mulher Brasileira prevê ainda o apoio do Abrigo de Maria para acolher as vítimas e a denominada Sala Lilás, que proverá atendimento humanizado às mulheres e a seus filhos.</p> <p style="text-align: center;"><i>894. (Soa a campanha.)</i></p> <p>895. <b>A SR<sup>a</sup> ÂNGELA PORTELA</b> (Bloco/PT - RR) – Queria, para finalizar, agradecer à Comissão de Constituição e Justiça, que hoje deu uma demonstração, por parte de todos os seus Senadores, do compromisso que neste 8 de março marca a mulher brasileira.</p> <p>896. Muito obrigada. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>897. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Obrigada, Senadora Ângela Portela. Parabéns pelo pronunciamento e por sua atuação nesta Casa. Foi Relatora de um projeto de minha autoria que foi aprovado hoje, a Patrulha Maria da Penha. Agradeço muito.</p> <p>898. Quero passar a palavra agora ao Senador Capiberibe e gostaria de pedir ao Plenário, por se tratar de uma sessão especial, diferenciada, de homenagem às mulheres, que nós pudéssemos prestar atenção aos oradores da tribuna nesta data tão importante.</p> <p>899. <b>O SR. JOÃO CAPIBERIBE</b> (Bloco/PSB - AP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, que não me ouçam até compreendo, mas que os homens não ouçam as mulheres isso é imperdoável. Numa sessão destinada às mulheres, os homens têm que ficar calados e têm que ouvir, no mínimo.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>900. Mas queria cumprimentá-las, essas mulheres combativas que admiro muito. Posso até divergir das posições, Sr<sup>a</sup> Presidente Gleisi Hoffmann e todas as Senadoras que estão na Mesa, mas eu aqui declaro minha admiração pela combatividade de vocês aqui neste Plenário. As mulheres brasileiras estão muito bem representadas aqui, no Plenário do Senado Federal.</p>
<p>17:12</p> <p>R</p>	<p>901. Eu diria que, neste Dia Internacional da Mulher pesam ameaças muito grandes sobre todas as mulheres brasileiras, que são a reforma da previdência e a reforma trabalhista promovidas pelo Governo Temer, que vão retirar direitos das mulheres, que serão as mais penalizadas por essas reformas. Diante de tantas lutas históricas por igualdade de direitos, o que vemos hoje é um brutal retrocesso da sociedade brasileira.</p> <p>902. As mulheres são responsáveis pelo sustento de 40% das famílias e possuem, muitas vezes, tripla jornada. Pela proposta do Governo, as mulheres vão se aposentar com 65 anos e com 25 anos de contribuição, como os homens. Agora, vamos comparar a jornada de trabalho das mulheres com a jornada de trabalho dos homens. Isto é uma brutal injustiça! Não levam em consideração essa jornada de trabalho e também a precariedade do trabalho das mulheres. As mulheres dificilmente conseguem comprovar os anos necessários para a aposentadoria, e se aposentam por idade.</p> <p>903. Esses dados são retirados do Anuário da Previdência Social.</p> <p>904. Existe também outro dado que vale a pena ser levado em consideração: no caso das trabalhadoras rurais, elas começam a trabalhar muito cedo, com entre 10 e 12 anos de idade. Imaginem se elas tiverem que trabalhar até os 65 anos! Não vão conseguir, até porque há região do nosso País em que a expectativa de vida está abaixo de 65 anos.</p> <p>905. Assim, não podemos nos contentar com as medidas propostas pelo Governo, que quer nos convencer de que serão boas. Na verdade, o que está por trás da reforma da previdência nada mais é que a privatização da previdência pública. Na prática, essa reforma significa a retirada de direitos e afeta diretamente a vida das mulheres, e não podemos ficar calados.</p> <p>906. Eu acompanhei os discursos de todos e todas que passaram por esta tribuna e fiquei muito feliz com a homenagem prestada às mulheres e também com a solidariedade às mulheres, e passei a entender que todos aqueles que subiram a esta tribuna, que homenagearam e que reconheceram a desigualdade de gênero, que reconheceram a discriminação que as mulheres sofrem, todos os Parlamentares que passaram por esta tribuna, definitivamente, a partir deste momento, estão comprometidos em combater esse retrocesso em relação aos direitos das mulheres. Seria inadmissível, depois de ter ouvido discurso, desta tribuna, defendendo os direitos das mulheres, alguém votar para aprovar a reforma da previdência, que é um brutal retrocesso desses direitos. Quem veio a esta tribuna discursar está comprometido em combater essa reforma, Sr<sup>a</sup> Presidente. O que avaliza a política é a palavra. Como alguém sobe a esta tribuna para manifestar solidariedade às mulheres, para reconhecer as desigualdades de gênero e, na hora de votar naquilo que é uma injustiça e que cassa direitos das mulheres, vota a favor? Isto é incompreensível, se a palavra é o que avaliza a política. Portanto, quem subiu a esta Tribuna está comprometido em combater essa reforma que é um retrocesso, um atraso para a sociedade brasileira.</p>
<p>17:16</p> <p>R</p>	<p>907. Eu queria homenagear todas as mulheres por sua luta histórica e incentivá-las a seguirem esse combate.</p> <p>908. Ainda hoje, conversando com a minha assessora de plenário, a Cristiane, ela me disse: "Ontem eu saí daqui às 21h. Cheguei em casa para preparar o jantar dos meus filhos, preparar o almoço do dia seguinte e voltar ao trabalho".</p> <p>909. Como é que pode a gente querer equiparar a nossa jornada de trabalho de homens com a jornada de trabalho das mulheres? É uma questão que está no</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>nosso cotidiano. Não dá para ignorar essas diferenças.</p> <p>910. Portanto, faço um apelo a todos os Parlamentares, Deputados, Deputadas, Senadores e Senadoras: que combatamos essa reforma da previdência e a reforma trabalhista, porque isso é retirar direito das mulheres.</p> <p>911. Muito obrigado, Presidente. (<i>Palmas.</i>)</p> <p>912. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Agradeço ao Senador Capiberibe pelo discurso e pela solidariedade. E V. Exª tem inteira razão, quem subiu a esta tribuna para se solidarizar com as mulheres não pode concordar com a reforma da previdência que está em tramitação no Congresso Nacional, porque é uma reforma essencialmente contra as mulheres.</p> <p>913. Com a palavra o Senador Randolfe Rodrigues.</p> <p>914. <b>O SR. RANDOLFE RODRIGUES</b> (Bloco/REDE - AP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Srª Presidente, Senadora Gleisi Hoffman, Senadora Fátima, Senadora Ângela Portela, em especial as Srªs Senadoras, senhoras e senhores que assistem a esta sessão, é fundamental, na data de hoje, em especial para ser destacado na data de hoje, não só ressaltar o papel, a função, a atribuição das mulheres na sociedade; aliás, o princípio da data de hoje é o reconhecimento de uma sociedade desigual que temos. A condição de ser feminista não é condição apenas para as mulheres, é uma condição também para os homens. Aliás, qualquer homem que prega uma sociedade igualitária tem que, por excelência, nos atos e nas atitudes, ser feminista.</p> <p>915. O Dia Internacional de Paralisação, que ocorre hoje no País, mobilizado pelas mulheres brasileiras e mulheres de todo mundo, é primeiro para destacar as diferenças que existem ainda hoje, em pleno século XXI, e a opressão ainda existente de homens sobre mulheres, a sociedade misógina, sexista, que ainda temos não só no Brasil, mas em todo o mundo.</p> <p>916. Por isso, há uma atitude simples que deveria ser a atitude de todos nós Parlamentares homens, e tomei como iniciativa em nosso gabinete hoje, liberar do ponto, facultar o ponto a todas as mulheres do meu gabinete e do escritório em Macapá para que elas participem das mobilizações do 8 de março. Essa atitude deveria ser uma atitude do Poder Público, do Governo Federal, e aqui do Senado, e que essa atitude fosse repetida nos próximos anos. A data de hoje tem que ser referenciada como Dia Internacional de Mobilização e de Paralisação das Mulheres para denunciar a sociedade sexista, misógina e machista que nós temos, mais ainda no Brasil.</p>
17:20 <b>R</b>	<p>917. Nós temos um país de traço patriarcal, um país legatário da herança portuguesa, um país que, na sua primeira ordem jurídica civil, viu-se, as Ordenações Filipinas tratavam a mulher e o escravo negro como coisa. Aliás, o crime de adultério, para a mulher, era apenado com a morte; e, para o homem, era perdoado. Era assim o trato das Ordenações Filipinas, a primeira ordenação jurídica civil existente.</p> <p>918. Nós temos por legado um machismo intrínseco à sociedade brasileira, que é legatária de uma tradição patriarcal e patrimonialista portuguesa. São traços profundos em nossa sociedade. Assim também são legados disso as reformas propostas pelo Governo do Senhor Michel Temer, em especial, Senadora Gleisi, a reforma previdenciária. Eis aí uma reforma machista, misógina e sexista, porque o princípio elementar que está consoante na nossa Constituição, que assegura às mulheres terem aposentadoria diferente dos homens e jornada de trabalho diferente dos homens, é constante no <i>caput</i> do art. 5º.</p> <p>919. O <i>caput</i> do art. 5º não é uma declaração apenas de que todos são iguais perante a lei; é uma declaração que, para ser efetivada, pressupõe que a desigualdade é existente na sociedade brasileira e que o Estado brasileiro precisa tomar atitudes de afirmação em relação àqueles que, historicamente, foram desigualados, ao longo do tempo, ao longo da História. Por isso, o princípio da igualdade positiva, consonante no <i>caput</i> do art. 5º, pressupõe o</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>seguinte: tratar desigualmente os desiguais na medida em que se desigualem.</p> <p>920. É por isso e em decorrência disso que assegurar, no Regimento Interno do Senado, uma resolução que garanta que temos de ter mulheres na Mesa Diretora não é favor; é por isso que proposta de emenda constitucional que assegura que, nas vagas em disputa ao Senado, haja, pelo menos, uma vaga para ser ocupada pelas mulheres não é favor; é por isso que as quotas de participação de mulheres não são favor. É direito conquistado ao longo do tempo; é consonante com a execução do <i>caput</i> do art. 5º tratar os desiguais desigualmente na medida em que se igualam, porque a tradição da formação da sociedade brasileira, do Estado patriarcal, misógino e machista, foi a exclusão das mulheres, foi tratá-las como coisa. É por isso que se precisa de políticas afirmativas de inclusão de direitos. E é por isso tem significado de diagnóstico esse 8 de março de 2017, com a palavra de ordem "nenhum direito a menos", porque, em pleno século XXI, são os direitos das mulheres que estão sob ameaça.</p> <p>921. Vejam a reforma da Previdência, ao eliminar o bônus concedido às mulheres no tempo de contribuição e idade de aposentadoria! Quando os formuladores, os machistas formuladores dessa reforma a elaboraram, desconsideraram a realidade existente hoje no mercado de trabalho, desconsideraram as condições desfavoráveis enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho. Já foi dito aqui, por homens e mulheres nesta tribuna, que a jornada de trabalho das mulheres nunca é a mesma dos homens; a jornada de trabalho das mulheres é sempre tripla, às vezes, quádrupla, enquanto a jornada de trabalho dos homens é sempre menor.</p>
<p>17:24</p> <p>R</p>	<p>922. A outra questão quanto a esse aspecto, além disso, os números dão conta concretamente disso, ao igualar a aposentadoria por 65 anos para homens e para mulheres, ocorre uma violência contra um direito conquistado historicamente. Mais grave é essa violência contra as mulheres trabalhadoras rurais, que não terão, nunca, condições de chegar aos 65 anos de idade com direito à aposentadoria.</p> <p>923. A outra questão nesse aspecto é a desigualdade existente e evidente no mercado de trabalho. É óbvio que os traços machistas das políticas do Estado brasileiro implementaram maiores dificuldades para as mulheres terem acesso ao mercado de trabalho do que os homens. Eu estou falando do século XIX? Não, eu estou falando do século XXI. São os dados do IBGE que dão conta disso.</p> <p>924. A taxa de desemprego entre as mulheres sempre é maior. A última PNAD do IBGE diz que, entre as mulheres, a taxa de desemprego é de 8,7%, enquanto, entre os homens, a taxa de desemprego é de 5,2%. É um mercado de trabalho sexista por excelência, que paga uma média de salário de R\$1,8 mil para os homens e de R\$1,25 mil para as mulheres. Por isso que as condições são diferentes, são desiguais.</p> <p>925. Há desigualdade também na jornada de trabalho: cerca de 90% das mulheres ocupadas em atividades urbanas em 2014, ainda segundo essa própria PNAD, cuidavam dos afazeres domésticos. São 90% das mulheres. No caso dos homens, é de 52%. Na agricultura, é mais dramático: 96% das mulheres ocupadas cuidavam também dos afazeres domésticos. Na agricultura, no campo, é somente a 48% dos homens que também se atribui essa responsabilidade.</p> <p>926. As mulheres ocupadas em média consomem 19,21 horas por semana nos afazeres domésticos, enquanto os homens, só 5,1. Querer igualar aposentadoria de mulheres com a dos homens chega a ser de uma maldade atroz, chega a ser de uma perversidade atroz, chega a ser a mais grave medida machista, sexista e misógina que já houve na História brasileira desde o Império, desde as Ordenações Filipinas.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>927. Os números aprofundam muito mais isso: a jornada de afazeres domésticos das mulheres é de 54,7 horas semanais; os homens trabalham em média 46,7. Exatas, as mulheres trabalham, exatas, 8 horas a cada semana. A mulher ocupada acima de 16 anos trabalha ainda mais: em média quase 73 dias – 73 dias! – a mais que os homens em um ano.</p> <p>928. Por outro lado, a jornada remunerada das mulheres é inferior a dos homens: 35,5 horas, enquanto 45,6 horas para os homens. Ou seja, as mulheres trabalham mais, e recebem menos, por estarem no mercado de trabalho. A desigualdade já existe, o sexismo já existe, a misoginia já existe no mercado de trabalho.</p> <p>929. E o Governo do Sr. Temer, que assume, Senadora Gleisi, após impitimar uma presidente mulher da República, apresenta uma reforma previdenciária aprofundando o fosso, ampliando as desigualdades. Repito: é a mais sexista e misógina medida contra as mulheres que já houve na história republicana.</p>
<p>17:28</p> <p><b>R</b></p>	<p>930. Por isso, Sr<sup>a</sup> Presidente, o aumento de 15 para 25 anos o tempo mínimo de contribuição na aposentadoria por idade trará para obviamente às mulheres maiores dificuldades. No exercício simples com as médias nacionais, podemos pensar em situações em que a desigualdade se ampliará e se aprofundará no acesso ao mercado de trabalho, no cumprimento da jornada e na remuneração.</p> <p>931. Por isso, Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>as</sup> Senadoras, hoje se espera de nós, homens, mais do que palavras. Subir a esta tribuna e se pronunciar, como estou fazendo, é, para nós, a mais fácil das atitudes. Esperam-se gestos concretos, ações concretas, medidas concretas.</p> <p>932. Eu espero que, no próximo dia 8 de março, todos colegas Senadores, o próprio Senado, e não só, também Governos Municipais, Estaduais e Federais, facultem o ponto para que as mulheres possam participar dos atos, manifestações e mobilizações. É o mínimo. Eu espero mais que isso: eu espero sinceramente que essa reforma aqui apresentada, Sr<sup>a</sup> Presidente, contra os trabalhadores, contra o povo brasileiro, sexista, misógina, machista seja – num gesto concreto dos Srs. Senadores; este é um gesto que podemos fazer –, seja barrada aqui no Senado e no Congresso Nacional. Isso é ter coerência com o que foi dito no dia de hoje nesta tribuna e a prática concreta. (<i>Palmas.</i>)</p> <p style="text-align: center;">933. (<i>Manifestação da galeria.</i>)</p> <p style="text-align: center;">934. (<i>Soa a campainha.</i>)</p> <p>935. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Gleisi Hoffmann. Bloco/PT - PR) – Parabéns, Senador Randolfe Rodrigues, grande companheiro sempre junto nas causas e nas batalhas da luta das mulheres e junto também nesse enfrentamento contra a reforma da Previdência!</p> <p>936. Eu quero passar a palavra ao Senador Fernando Bezerra e também convidar a Senadora Ângela Portela para assumir a Presidência da Mesa.</p> <p>937. Com a palavra, o Senador Fernando Bezerra.</p> <p>938. <b>O SR. FERNANDO BEZERRA COELHO</b> (Bloco/PSB - PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente, Gleisi Hoffmann.</p> <p>939. Na realidade, a Liderança do PSB já se expressou desta tribuna, por meio da palavra da Senadora Lúcia Vânia, mas eu subo a esta tribuna para homenagear, hoje e em todos os dias do ano, as mulheres do meu Brasil, do meu Estado de Pernambuco e da minha cidade de Petrolina. O 8 de março é um dia simbólico em que paramos para reconhecer o amor, a coragem, a garra, a dedicação, o trabalho e as inúmeras conquistas daquelas que do trabalho e em casa constroem dia a dia, todos os dias, o nosso grande País. Desde o direito ao voto até a licença-maternidade, as cadeiras do Parlamento e a proteção assegurada por leis, como Lei Maria da Penha, as mulheres vêm ampliando o espaço delas na sociedade brasileira.</p> <p>940. Contudo, elas merecem muito mais: remunerações condizentes com a função</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>que desempenham e de acordo com a formação, a capacidade e o desempenho profissional. Sou Autor de um projeto de lei para que a gente possa acabar com essa discriminação em que as mulheres que exercem o mesmo trabalho, aqui no Brasil e lá fora, e sobretudo aqui, sejam remuneradas com valor abaixo ao do gênero masculino. Elas, mulheres, merecem jornadas menos exaustivas, porque, como disse, o trabalho delas não se encerra ao final do expediente; merecem poder levar um filho ao médico sem serem retaliadas ou julgadas; merecem dar pausas para o tempo que a maternidade exige e retornar de cabeça erguida ao trabalho; merecem ser mais reconhecidas por tanto se doarem aos filhos, às famílias e a toda a sociedade; devem ser tratadas com respeito e igualdade em todos os aspectos em que não há diferenças entre mulheres e homens.</p>
<p>17:32 R</p>	<p>941. Nosso papel, neste Parlamento, é atuar na construção de leis que deem mais garantias a essas mulheres brasileiras, que, dia a dia, edificam o Brasil. A entrega do Prêmio Bertha Lutz, neste dia 8 de março, é uma justa homenagem ao Dia Internacional da Mulher. Parabênizos a todas as mulheres agraciadas com o prêmio, um marco na luta pela afirmação dos direitos das mulheres.</p> <p>942. Mas quero, Sr<sup>a</sup> Presidente, homenagear, aqui e agora, duas mulheres pernambucanas, duas grandes mulheres. A primeira, uma amiga que a vida me proporcionou, a jornalista combativa, a Deputada aguerrida, a Deputada Cristina Tavares, do PMDB, de Pernambuco. Constituinte como eu fui, ela empunhou grandes bandeiras do desenvolvimento de Pernambuco, na defesa do Estado democrático, mas, sobretudo, na defesa dos direitos das mulheres em Pernambuco e no Brasil.</p> <p>943. Quero, de igual forma, homenagear aqui uma líder política de Petrolina e de Pernambuco, que já se foi, mas que foi uma grande militante do Partido dos Trabalhadores. Foi vice-prefeita comigo em Petrolina, foi Deputada Estadual, foi professora dedicada, lutadora na defesa do magistério, que foi a companheira Isabel Cristina. Em nome dessas duas grandes mulheres, eu quero me associar nessa grande homenagem que o Senado Federal presta às agraciadas com o Prêmio Bertha Lutz.</p> <p>944. Permitam-me, meus companheiros Senadores e Senadoras, em nome da minha mãe, Lizete; da minha esposa, Adriana; da minha sogra, Dona Evangelina; da minha neta, Maria Teresa; e em nome da Secretária da Mulher do meu Partido Socialista Brasileiro, Dora Pires; quero saudar todas e cada uma das mulheres que trabalham, muitas vezes, em condições adversas, que nos dedicam amor, nos ajudam na caminhada diária da vida e fortalecem o nosso País.</p> <p>945. Muito obrigado.</p> <p>946. <i>(Durante o discurso do Sr. Fernando Bezerra Coelho, a Sr<sup>a</sup> Gleisi Hoffmann deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Sr<sup>a</sup> Ângela Portela.)</i></p> <p>947. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Ângela Portela. Bloco/PT - RR) – Muito obrigada, Senador Fernando Bezerra, por seu pronunciamento, neste dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher.</p> <p>948. Convido para fazer o uso da palavra o Senador Wellington Fagundes.</p> <p>949. É muito bom a gente ver aqui a presença dos Senadores, homenageando e reconhecendo a importância da mulher brasileira.</p>
<p>17:36 R</p>	<p>950. <b>O SR. WELLINGTON FAGUNDES</b> (Bloco/PR - MT. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Quero aqui cumprimentar todos os companheiros Senadores, em especial as nossas Senadoras, inicialmente o nome da Senadora Ângela Portela, que aqui preside a sessão, neste momento.</p> <p>951. O Dia Internacional da Mulher é, sem dúvida, um importante momento de reflexão em muitos aspectos, principalmente sobre a condição humana, sobre a nossa realidade social, econômica, ideológica e até mesmo cultural. Dentro dessa reflexão, tratamos da luta pela igualdade de direitos ao respeito, à</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>dignidade, à educação, à moradia, à saúde, ao trabalho, à justiça, à cidadania, entre outros. Como se vê, há muitas lutas, há muitos desafios ainda. Esse, claro, é o meu entendimento.</p> <p>952. A busca por uma sociedade mais igualitária – um desejo de todos nós democratas – passa, senhoras e senhores, necessariamente, pelo reconhecimento do papel da mulher e da sua importância não apenas como mãe ou esposa mas como o alicerce fundamental de uma sociedade. Essa missão, todavia, não é apenas de um agrupamento ou de um coletivo, muito menos de um esforço individual: trata-se de um trabalho a ser concluído por todos, mulheres e homens juntos, como requer a origem da humanidade. Começamos dentro de casa, no lar, na família, passando pela escola e daí por toda a vida.</p> <p>953. Nesse sentido, eu não tenho dúvidas em afirmar que as mulheres são as grandes protagonistas das últimas décadas. É notório – e só não vê quem não quer – que os avanços nas conquistas têm ajudado na construção de um mundo melhor e mais responsável, em todos os sentidos.</p> <p>954. O Senado, diga-se de passagem, tem atuado nessa direção. Ontem mesmo, neste plenário, vários projetos voltados para a assistência e a proteção da população feminina foram aprovados. Garanto a vocês que esses e muitos outros avanços não são mera concessão, mas a confirmação da espetacular necessidade de ajustarmos as regras à nossa realidade.</p> <p>955. Quero aqui, com isso, também cumprimentar todas as Senadoras. Faço questão de citar aqui a nossa companheira Kátia Abreu, a Maria do Carmo Alves, também a nossa Senadora Rose de Freitas, que foi minha companheira por muito tempo como Deputada Federal. Quero aqui cumprimentar também a Senadora Simone Tebet, a Senadora Fátima Bezerra, a Marta Suplicy, a Ana Amélia, por sua grande liderança, a Ângela Portela, que agora aqui está presidindo, e a Gleisi Hoffmann, que estava agora há pouco também na Presidência. Quero cumprimentar a Senadora Lídice da Mata e a Senadora Lúcia Vânia. Elas são de partidos diferentes, uma Bancada unida na defesa dos interesses das mulheres, que é, a meu ver, o interesse de toda a sociedade brasileira, que deseja se consolidar como sociedade justa e, claro, cada vez mais fraterna.</p> <p>956. Atos como a entrega do Diploma Bertha Lutz é referencial, porque contribui, de forma eloquente, para o avanço na luta pela igualdade de gênero. Com essa honraria, o Senado diz em alta voz que reconhece, entre tantas, pessoas que dedicam os seus melhores esforços e, em muitos casos, suas vidas inteiras a uma visão de mundo em que homens e mulheres partilhem dos mesmos direitos, da mesma justiça, do mesmo espaço e do mesmo respeito.</p>
17:40 <b>R</b>	<p>957. Tive a satisfação de compor o Conselho do Diploma Bertha Lutz nesta edição e tenho certeza de que falo por todos os seus membros quando elogio de público a liderança da Senadora Simone Tebet, Presidente do Conselho, que conduziu os trabalhos do colegiado com muita competência, profissionalismo e o cuidado que lhe são sempre peculiares.</p> <p>958. Às escolhidas muito obrigado por dedicarem seu tempo, seu suor, sua inteligência e sua garra à defesa dos direitos iguais para homens e mulheres. Muito obrigado por tornarem o mundo um lugar melhor em sua luta. Obrigado por, dia após dia, pouco a pouco, aperfeiçoarem o ambiente social em que vivemos e abrirem nossos olhos para nossas próprias imperfeições. Quero aqui, então, agradecer à D. Diza Gonzaga. Obrigado também à Isabel Heyvaert. Obrigada à Raimunda Luzia de Brito e obrigado à Tati Bernardi Teixeira Pinto.</p> <p>959. O Diploma Bertha Lutz, que concedemos às senhoras, é uma homenagem simples, mas necessária, pois é mais um reconhecimento do trabalho das mulheres como as senhoras, mulheres que fazem a diferença, mulheres que transformam nossas vidas, mulheres que se destacam na luta por um mundo melhor.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>960. Muito obrigado a todas as mulheres brasileiras. De forma especial, meu carinho às mulheres de Mato Grosso, tão fortes, lutadoras e desbravadoras. Quero aqui, principalmente em nome da minha esposa, agradecer também, Mariene de Abreu; à minha sogra, D. Almerita. Quero aqui também agradecer...</p> <p style="text-align: center;">961. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>962. <b>O SR. WELLINGTON FAGUNDES</b> (Bloco/PR - MT) – ...às minhas cinco irmãs. Não posso aqui falar hoje em nome da minha mãe, D. Minervina, uma mulher simples que saiu da Bahia para Mato Grosso, numa luta difícil para criar sete filhos, com muita dificuldade. Mas, felizmente, graças à sua luta, conseguiu deixar aqui uma história muito grande na terra de reconhecimento não só da minha família mas também da nossa cidade natal, Rondonópolis.</p> <p>963. Quero aqui agradecer, por fim, a todas as mulheres, em nome também das esposas dos meus companheiros: primeiro suplente de Senador, Dr. Jorge Yanai, a Marina Yanai; e também à esposa do meu segundo suplente de Senador, Prof. Manoel Motta, a Luzia Aparecida do Nascimento, que representa...</p> <p style="text-align: center;">964. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>965. <b>O SR. WELLINGTON FAGUNDES</b> (Bloco/PR - MT) – ...no meu Estado do Mato Grosso o movimento das mulheres negras, principalmente através da Unegro, um movimento em que a Luzia tem feito com que as mulheres, principalmente negras, com tanta desigualdade, possam também buscar a sua conquista.</p> <p>966. Por fim, quero dizer a todas as mulheres que contem comigo sempre para a luta por um mundo mais justo e fraterno, que tenho absoluta certeza só será construído com ampla e ativa participação de todas vocês mulheres.</p>
17:44 R	<p>967. Quero aqui dizer que sei que vocês podem muito, mas muito mesmo, melhorar o Brasil, inclusive parar o Brasil, se vocês quiserem.</p> <p>968. Parabéns! <i>(Palmas.)</i></p> <p>969. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Ângela Portela. Bloco/PT - RR) – Muito obrigada, Senador Wellington Fagundes.</p> <p>970. Agradecemos suas palavras, seu pronunciamento atencioso e carinhoso com as mulheres do Senado e do Brasil.</p> <p>971. Senador Paulo Paim.</p> <p>972. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco/PT - RS. Sem revisão do orador.) – Srª Presidente, agradeço a boa vontade de me conceder a palavra. Eu já falei na tribuna, quero só homenagear as mulheres de uma forma bem concreta: para a CPI da Previdência – o que demonstra que mulher não tem medo, é corajosa –, da Bancada Feminina de 13 mulheres aqui da Casa, 12 mulheres assinaram já a CPI. Que os homens sigam o exemplo das mulheres. Palmas às mulheres! Investiguem tudo! <i>(Palmas.)</i></p> <p>973. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Ângela Portela. Bloco/PT - RR) – Parabéns às mulheres! Parabéns ao Senador Paulo Paim!</p> <p>974. Com a palavra o Senador Pedro Chaves.</p> <p>975. <b>O SR. PEDRO CHAVES</b> (Bloco/PSC - MS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Srª Presidente, Srªs Senadoras, Srs. Senadores, convidados, ouvintes da TV Senado e da Rádio Senado, o nosso boa-noite.</p> <p>976. Muito me honra ocupar esta tribuna para refletir sobre o Dia Internacional da Mulher. Início a minha reflexão afirmando que, além de uma data comemorativa, o dia 8 de março remete ao empoderamento, à mobilização, à luta das mulheres por igualdade de direitos. Direitos que, por muito tempo, foram sistematicamente negligenciados.</p> <p>977. Tenho muita admiração pelo legado de luta das mulheres que, na segunda metade do século XIX, lideraram ações políticas em defesa das suas mais justas reivindicações. Com destemor e ousadia, elas conseguiram abrir um caminho novo que está permitindo avanços fundamentais na vida das mulheres.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>978. Vejo que as novas tecnologias e o acesso da mulher à educação formal se converteram em aliados importantes da luta por espaços que, até então, eram reservados exclusivamente aos homens.</p> <p>979. Sou entusiasta do protagonismo da mulher. Elas estão rompendo as amarras criadas pela sociedade patriarcal. Hoje em dia, podemos encontrar mulheres comandando empresas de engenharia, de informática, de construção civil, hospitais, aviação, mineradoras, nas Forças Armadas, entre outras atividades estratégicas do mundo globalizado.</p> <p>980. As mulheres também ocupam a maioria das vagas das universidades. Elas representam 55,1% dos alunos de todo o País e 58,8% dos universitários que concluem o ensino superior. Na pós-graduação, por exemplo, as mulheres representam 53,5% dos mestres do País. Eu fui reitor e vi, com enorme satisfação, as mulheres ocupando a maioria das vagas na graduação, no mestrado e no doutorado.</p>
<p>17:48</p> <p>R</p>	<p>981. É extremamente positivo o que está acontecendo com as mulheres. Temos que comemorar esse feito, embora as diferenças entre os gêneros ainda persistam.</p> <p>982. Em relação à posição das mulheres nos campos profissional e econômico, mesmo elas já tendo superado o nível de escolaridade dos homens, trabalhando a mesma carga horária e com a mesma competência, ainda recebem salários menores. De acordo com dados do IBGE, em 2015, as mulheres receberam, em média, 76% do salário dos homens.</p> <p>983. Outra mostra de desigualdade entre os gêneros no mercado de trabalho é a menor presença de mulheres em cargos de gerência ou direção. Em 2015, 6,2% dos homens ocupavam esses cargos entre o total de trabalhadores acima de 25 anos. Entre as mulheres, o percentual baixa para 4,7%. Além de haver menos mulheres em cargos de chefia, elas também ganham menos, recebendo em média 68% dos salários dos homens.</p> <p>984. Ainda em relação à luta por respeito e igualdade de direitos, há que se questionar por que, mesmo com a Lei Maria da Penha, a violência contra as mulheres no Brasil aumentou nos últimos anos.</p> <p>985. Segundo levantamento recente realizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas do Senado, uma em cada cinco mulheres considera já ter sofrido algum tipo de violência. Resultados semelhantes foram encontrados em pesquisas realizadas pelo Instituto DataSenado, em 2015: 18% das mulheres entrevistadas afirmaram já terem sido vítimas de algum tipo de violência doméstica, seja ela física, sexual, psicológica, moral ou patrimonial. De acordo com o Mapa da Violência de 2015, a taxa de homicídios de mulheres no País, entre os anos de 2006 e 2013, aumentou em 12,5%.</p> <p>986. Outra questão incômoda refere-se à representatividade feminina na política, na qual o processo de ascensão, infelizmente, é muito lento. O resultado das eleições de 2016 mostrou que houve um retrocesso na representatividade feminina tanto no Executivo quanto no Legislativo.</p> <p>987. Dados da Fundação Herbert Daniel, com base nas últimas eleições, indicam que, para cada nove homens eleitos, apenas uma mulher se elegeu prefeita no primeiro turno das eleições de 2016. Nas 5.509 cidades brasileiras em que as eleições foram definidas no primeiro turno, apenas 637 estão sendo comandadas por mulheres. As mulheres ocupam, então, apenas 11,6% das prefeituras. Os dados mostram a diminuição no número de eleitas em comparação com as eleições de 2012, no qual 664 mulheres foram escolhidas para prefeituras, o equivalente a 12,03%.</p> <p>988. A diminuição da representatividade feminina também aconteceu na eleição de Mato Grosso do Sul, meu Estado. Em 2008, foram eleitas nove prefeituras. Em 2012, oito mulheres. E em 2016, apenas sete mulheres.</p>
<p>17:52</p>	<p>989. Aqui no Senado Federal, por exemplo, a representação feminina é de pouco mais de 10%; na Câmara dos Deputados, elas representam menos de 10%. A</p>

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>cota partidária se mostrou uma boa iniciativa no sentido de equalizar a representação parlamentar das mulheres, mas, infelizmente, não foi o suficiente. Uma grande parcela das mulheres candidatas disputa as eleições apenas para cumprir a cota oficial que a legislação eleitoral exige de cada agremiação ou coligação partidária. Elas entram nesse processo com poucas chances de ser eleitas.</p> <p>990. Os vários séculos em que a mulher ficou fora da atividade política criaram barreiras culturais concretas, que precisam ser removidas. A presença sensível, porém determinada e combativa, da mulher no processo de geração de riqueza e de decisão política é fundamental para o desenvolvimento de uma nação justa e igualitária.</p> <p>991. Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>as</sup> Senadoras, Srs. Senadores, convidados e convidadas, nesta data em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, aproveito para expressar todo o meu respeito e admiração pelas mulheres. Respeito e admiração que aprendi com minha mãe, D. Joana, mulher de fibra e de grande força espiritual, e que foram consolidados na convivência com minha querida esposa, Reni.</p> <p>992. Por fim, elegi versos de autoria da grande escritora Cora Coralina, dedicados ao tema, para encerrar a minha fala:</p> <p>993. <i>Eu sou aquela mulher</i>  994. <i>a quem o tempo muito ensinou</i>  995. <i>Ensinou a amar a vida</i>  996. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>997. <b>O SR. PEDRO CHAVES</b> (Bloco/PSC - MS) –  998. <i>e não desistir da luta,</i>  999. <i>recomeçar na derrota,</i>  1000. <i>renunciar a palavras</i>  1001. <i>e pensamentos negativos.</i>  1002. <i>Acreditar nos valores humanos</i>  1003. <i>e ser otimista.</i></p> <p>1004. Parabéns a todas as mulheres de Brasília, do Mato Grosso do Sul e do País!  1005. Muito obrigado. Era isso.</p> <p>1006. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Ângela Portela. Bloco/PT - RR) – Muito obrigada, Senador Pedro Chaves. Parabéns!</p> <p>1007. Eu quero registrar a presença da nossa querida Deputada Federal Janete Capiberibe e chamar para fazer o uso da palavra o Senador José Agripino.</p> <p>1008. <b>O SR. JOSÉ AGRIPINO</b> (Bloco/DEM - RN. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente Ângela Portela, Sr<sup>as</sup> Senadoras, Srs. Senadores, quero cumprimentar de forma especial as mulheres que comparecem a esta sessão especial de homenagem à mulher, no dia em que se entrega o Prêmio Bertha Lutz a mulheres que foram escolhidas por voto dos Senadores, por merecimento, por serviços prestados, por identidade com causas, por brilhantismo de atuação.</p> <p>1009. São mulheres de diversas regiões, como a baiana Denice Santiago; como Diza Gonzaga, gaúcha; como a mato-grossense do sul, conterrânea da Senadora Simone Tebet, Raimunda Luzia de Brito, membro de muitas organizações não governamentais, de muitos movimentos sociais, uma mulher de muito brilho e de muita atuação; da Tati Bernardi, paulista, e da Isabel Cristina, de Minas Gerais. Elas são homenageadas neste dia 8 de março pelo Senado da República, com a outorga do Prêmio Bertha Lutz, como merecedoras de destaque e de atuação.</p>
17:56 R	<p>1010. E nesta sessão de homenagem a que fiz questão de comparecer, eu queria fazer também as minhas homenagens. Primeiro de tudo, fazer o destaque, Senador Lindbergh, Senador Magno Malta, de iniciativa que tomei há mais de um mês. Eu tenho uma boa relação com a direção do Facebook. Era preciso</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>fazer alguma coisa que tivesse repercussão nacional, que chegasse às pessoas pelas redes sociais, e o Facebook é um grande elemento de informação e de comunicação. Fizemos, em parceria com o Facebook, a escolha de várias mulheres que se destacaram na geração de emprego por vocações naturais.</p> <p>1011. A exposição fotográfica está feita, e eu convido os Senadores e aqueles que estão nos ouvindo a conhecerem, no túnel de ligação do Anexo com este plenário, por fotografia e por registro de atuação, uma dezena de mulheres, uma por uma, exemplo a exemplo, que se destacaram como microempresárias, como pessoas que foram capazes de, com uma vocação natural, gerar emprego e se promover na sua sociedade.</p> <p>1012. Nada melhor do que você dar relevo à mulher naquilo em que ela brilha. As outorgadas do Prêmio Bertha Lutz são expoentes dignos de registro, mas aquelas mulheres que o Facebook fez com que o Brasil conhecesse, e cujas fotografias estão no túnel que liga o Anexo IV a este plenário, são dignas também da homenagem dos Senadores e do Brasil, porque são pessoas simples, são todas pessoas muito simples, e que foram capazes de, com a sua habilidade pessoal, com uma vocação, com imaginação, com imaginiosidade, produzir negócios, pequenos negócios, capazes de gerar o seu próprio sustento e capazes de gerar alguns empregos a mais.</p> <p>1013. Que bom se esses exemplos se multiplicarem às dezenas, às centenas, aos milhares, porque, aí sim, a mulher – que é, por natureza, sensível; que é, por natureza... E eu dou este exemplo pela experiência que eu tenho. Eu já fui duas vezes governador e tive auxiliares mulheres. E, como governador, eu convivi com muitas mulheres que ocuparam funções de gestão pública com muito brilho, com muita sensibilidade e com muita capacidade de fazer e com muita obstinação por fazer.</p> <p>1014. Então, dar conhecimento ao País daqueles exemplos de sucesso, de geração de emprego, de imaginiosidade, que estão postos por fotografias no túnel, é uma forma que eu encontrei de homenagear a mulher brasileira de todos os Estados, de todas as raças e de todas as condições pessoais, condições econômicas e financeiras pessoais. Foi a forma que eu encontrei de mostrar ao Brasil, ao lado das premiadas com o Prêmio Bertha Lutz, mulheres anônimas que estão no Brasil brilhando à sua maneira.</p>
18:00 R	<p>1015. E uma outra homenagem que eu também quero prestar é a uma potiguar: ela se chama Clara Camarão. Ela era uma mulher de origem indígena e viveu nos anos 1600, no lado esquerdo do Rio Potengi. Ela se casou com Felipe Camarão, o índio Poti. Eu sou potiguar, quem nasce no Rio Grande do Norte é potiguar, e é potiguar porque a origem de tudo, no meu Estado, era a tribo dos potiguares.</p> <p>1016. Clara Camarão foi uma mulher, Senadora Lúcia Vânia – que preside a sessão neste momento –, uma mulher valente. Casada com Felipe Camarão, que foi um líder e um defensor da Província do Rio Grande do Norte contra os holandeses, ela, num momento ou numa época em que a mulher pouco significado podia ter em matéria de comando, exerceu o comando. Ela foi uma guerreira, era uma mulher valente, ela organizava milícias de mulheres. Ela foi casada com Felipe Camarão, que é o símbolo do meu Estado. Felipe Camarão era o índio Poti, um exemplo que foi homenageado. Inclusive, ela foi exemplo homenageado ainda ontem ou anteontem neste Senado.</p> <p>1017. E eu trago para a minha homenagem às mulheres esta mulher símbolo do meu Estado: Clara Camarão, uma indígena de origem, que foi alfabetizada, foi educada em padrões religiosos; casou-se com Felipe Camarão; foi uma líder, foi uma organizadora de defesa do território potiguar; e é uma das referências que, neste momento, eu tenho, como potiguar e como norte-rio-grandense, muito orgulho em lembrar.</p> <p>1018. Que esta homenagem que se presta, neste momento, à mulher brasileira tenha também como exemplo e símbolo Clara Camarão, uma potiguar que</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>merece o respeito do Brasil.</p> <p>1019. <i>(Durante o discurso do Sr. José Agripino, a Srª Ângela Portela deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Srª Lúcia Vânia.)</i></p> <p>1020. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Lúcia Vânia. Bloco/PSB - GO) – Agradeço ao Senador José Agripino, e passo a palavra ao Senador Renan Calheiros.</p> <p>1021. <b>A SRª GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco/PT - PR. Sem revisão da oradora.) – Senadora Lúcia Vânia, se me permite, e também pedindo permissão ao Senador Renan Calheiros, eu queria somente fazer um registro aqui – até porque nós temos agora a Marcha das Mulheres e vamos encontrá-las aqui na saída do Congresso –, um registro que eu julgo de maior importância e que tem a ver com uma mulher, com uma menina: uma moça de 22 anos que está presa desde novembro, a Fabiana. Ela está presa sob a alegação de que cometeu crime. Ela é do movimento dos sem-terra e está presa no Paraná. Eu fui visitá-la e eu queria pedir muito: nós estamos numa campanha para libertar Fabiana. Não há por que uma menina de 22 anos ficar presa, como está a Fabiana. Aliás, existem ela e mais seis companheiros, sendo um vereador, o mais votado da cidade de Quedas do Iguaçu.</p> <p>1022. Eu estou apresentando um requerimento aqui de solidariedade à Fabiana, à sua família e ao MST. Essa prisão, no nosso entendimento, é para caracterizar a criminalização do movimento social. Nós não podemos aceitar isso. Lutar por terra, por moradia, por teto não é crime. Portanto, a gente pede que libertem a Fabiana. E peço aqui o apoio de todos Senadores e Senadoras. Que, nesta data de 8 de março, nos unamos nesta corrente. O movimento está fazendo também uma grande campanha pela internet, uma grande campanha nas redes, e eu gostaria muito que as pessoas pudessem se unir pela liberdade de Fabiana.</p> <p>1023. Obrigada.</p> <p>1024. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Lúcia Vânia. Bloco/PSB - GO) – Com a palavra o Senador Renan Calheiros.</p>
18:04 <b>R</b>	<p>1025. <b>O SR. RENAN CALHEIROS</b> (PMDB - AL. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Srª Presidente, Srªs Senadoras, Srs. Senadores, é comum, Senadora Lúcia Vânia, comum e recomendável que as instituições promovam anualmente atos e solenidades em homenagem ao Dia Internacional das Mulheres. Apoio enfaticamente todos eles, e não é de hoje, Senadora Lúcia Vânia, mas desde as mobilizações contra a carestia, dos movimentos de mulheres nos anos finais da ditadura, até hoje.</p> <p>1026. Por falar em carestia, eu queria dizer que a declaração do Presidente Michel Temer não foi feliz ao dizer que a mulher serve para controlar preços nos supermercados. <i>(Palmas.)</i></p> <p>1027. Ela serve também para isso, mas não apenas para isso.</p> <p>1028. O Senado Federal, nos últimos anos, vem dando a sua contribuição à luta das mulheres pela igualdade e pelos seus direitos de cidadãs. São propostas, Srª Presidente, legislativas da maior relevância e às quais eu me associo pelo orgulho que esta Casa carrega – e dizia isso há pouco ao Presidente Eunício Oliveira – por ter dedicado o melhor dos seus esforços políticos à causa das mulheres.</p> <p>1029. Estão aí hoje normas consolidadas, conquistas inegáveis como a lei que tipifica o feminicídio, a regulamentação da profissão de empregada doméstica, que igualou os direitos trabalhistas, a lei que assegura às mulheres a reconstrução da mama após a cirurgia de câncer pelo SUS, a lei que agrava as penas para o crime de estupro, o Estatuto da Juventude, que melhora a proteção legal das jovens brasileiras, entre tantas outras.</p> <p>1030. Dentre todas as iniciativas adotadas por este Senado da República para assegurar igualdade de gênero, carrego comigo, para o resto da minha vida, com orgulho indescritível, a Lei Maria da Penha, aprovada durante a minha primeira gestão à frente da Mesa desta Casa. Obviamente, compartilho essa</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>honra com todos os Senadores e com todas as Senadoras da Casa, que compreenderam a importância de uma norma como essa, assim como concordaram com a criação da Procuradoria da Mulher, órgão permanente desta instituição destinado a debater a questão feminina e a construção de uma sociedade em que todos, independentemente do sexo, tenham os mesmos direitos.</p> <p>1031. Mas ainda, Sr<sup>a</sup> Presidenta e Srs. Senadores, é preciso avançar muito. Tão importante quanto as conquistas do retrovisor, como está na moda dizer, é a ampliação da presença feminina no Congresso Nacional. O déficit de mulheres na política é um desafio para todos nós. É lamentável que o Brasil ainda esteja na lanterna do <i>ranking</i> de igualdade entre homens e mulheres na política. Em todo o Brasil, as mulheres ocupam menos de 10% das prefeituras, e apenas 12% dos vereadores são do sexo feminino. Na Câmara Federal, temos apenas 44 mulheres no rol de 513 Deputados. No Senado, Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, com 81 componentes, temos tão somente 13 mulheres.</p>
<p>18:08</p> <p>R</p>	<p>1032. A baixa representação política das mulheres brasileiras está na contramão do protagonismo feminino, apesar do nível de escolaridade maior do que dos homens e de terem, em média, 11 anos de estudo a mais do que nós. Esse é o atual panorama com o qual não podemos concordar. E, para que as mudanças ocorram com a maior celeridade possível, o Senado Federal tem se esforçado no aprimoramento do nosso marco legal a respeito da igualdade de direitos, estimulado a criação de mecanismos que proporcionem mais oportunidades às mulheres, e acolhido iniciativas de outras instituições que tenham também o objetivo de aumentar a presença das mulheres na política nacional.</p> <p>1033. A desproporção que se constata, Senadora Ângela Portela, num simples passar de olhos, se repete e se multiplica pelo País afora nas Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais. Precisamos ver com bons olhos todas as iniciativas que tenham como meta igualar o quantitativo de mulheres ao de homens em qualquer âmbito da vida nacional. As Casas Legislativas precisam, como todos sabem, dar o exemplo, ou pelo menos precisam mostrar ao País que estão sinceramente empenhadas em mudar a realidade atual, francamente desfavorável às mulheres. As mulheres brasileiras devem ter voz e voto no Congresso Nacional.</p> <p>1034. Na última eleição municipal – me permitam citar um dado de Alagoas –, Alagoas exibiu uma peculiaridade quanto ao número de mulheres eleitas: 21 prefeitas de vários partidos; dos 38 prefeitos eleitos nos 102 Municípios pelo PMDB diretamente, dez são mulheres, um universo de 26%. É um número, Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>s</sup> Senadoras, ainda longe do ideal, mas é alvissareiro porque acena para o futuro das mulheres de Alagoas.</p> <p>1035. Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, o meu Estado de Alagoas, que agora em 2017 comemora, Senador Otto Alencar, os 200 anos de sua emancipação política, reverencia grandes figuras femininas que fizeram por merecer seu lugar na história de Alagoas e na história do Brasil. Somos, orgulhosamente, a terra de Dandara, mulher de Zumbi dos Palmares e mãe de seus três filhos, que com ele lutou para defender o Quilombo dos Palmares.</p> <p>1036. Alagoas é a terra de uma mulher como Rosa da Fonseca, a matriarca que incentivou cinco de seus filhos, todos militares, para irem à guerra, a Guerra do Paraguai. Chorou a morte de três deles, e os outros dois voltaram como heróis pela bravura em combate – um deles, Deodoro, seria mais tarde o proclamador da República e o primeiro Presidente da República do Brasil.</p> <p>1037. Reverenciamos, em Alagoas, a revolucionária Ana Lins, de São Miguel dos Campos, que teve uma atuação destacada na luta pela Emancipação, em 1817, e mais tarde na Confederação do Equador, em 1824.</p>
<p>18:12</p>	<p>1038. Temos orgulho das mulheres alagoanas que se destacaram nas artes, como Linda Mascarenhas e Anilda Leão no teatro; as mestras Virgínia, Hilda, Vitória e</p>



Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>tantas outras nos folguedos populares; Leureny Barbosa na canção; Maria Mariá, de União dos Palmares, professora, jornalista, historiadora e folclorista. Lily Lages, médica e primeira deputada estadual de Alagoas.</p> <p>1039. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1040. <b>O SR. RENAN CALHEIROS</b> (PMDB - AL) – No esporte, Alagoas se enche de alegria por ter dado ao futebol brasileiro e ao futebol mundial a grande Marta, eleita cinco vezes a melhor jogadora de futebol pela FIFA.</p> <p>1041. Somos a terra de mulheres que lutaram pela liberdade, contra a ditadura e sofreram as perseguições da época, como Selma Bandeira, Gastone Beltrão, Maria Yvone Loureiro e Alba Correia.</p> <p>1042. São muitas as mulheres alagoanas que servem, como dizia, de exemplos históricos, mas permitam-me sintetizar as homenagens em uma delas: uma mulher de aparência pequenina e frágil, que foi uma gigante de persistência, de fibra e de amor ao próximo. Estou falando da Dr<sup>ª</sup> Nise da Silveira.</p> <p>1043. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>1044. <b>O SR. RENAN CALHEIROS</b> (PMDB - AL) – Já termino.</p> <p>1045. Nise da Silveira é espantosamente pioneira, atrevida, desbravadora.</p> <p>1046. Com apenas 16 anos, Senadora Lúcia Vânia, Nise da Silveira saiu de um colégio de freiras, em Maceió, e, corajosamente, meteu-se onde não era chamada: foi cursar Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia – e isso em 1921. Nise da Silveira era a única moça entre os 157 homens da turma que se formou em 1926. Foi uma das primeiras graduadas em Medicina no Brasil. Sua vida profissional e a contribuição para a ciência, sobretudo a humanização do tratamento psiquiátrico, estabelecem o seu papel na história no Brasil e nos cinco continentes.</p> <p>1047. Nise da Silveira é revolucionária pela criação do Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952, no Rio de Janeiro, e da Casa das Palmeiras, também no Rio de Janeiro, de 1956; pelo pioneirismo na pesquisa das relações emocionais entre pacientes e animais; pelos livros escritos, pela pintura, pela quantidade de conhecimento que disseminou.</p> <p>1048. Nise da Silveira sofreu na pele o tacão do arbítrio. Foi presa política na ditadura do Estado Novo, durante um ano e meio. Na prisão, conheceu um sertanejo conterrâneo chamado Graciliano Ramos, e ficaram amigos, muito amigos. A convivência é relatada em <i>Memórias do Cárcere</i>. Mais tarde, Graciliano, depois de passar outra temporada preso na Ilha Grande e já em liberdade, criaria uma personagem inspirada na amiga Nise da Silveira. Nasceu então a Princesinha Caralâmpia, protagonista do romance infantil <i>A Terra dos Meninos Pelados</i>.</p>
18:16 R	<p>1049. Por tudo isso, sintetizo com muita satisfação, na figura de Nise da Silveira, a homenagem a todas as mulheres que honram a nossa querida Alagoas, e sobretudo ao gênero feminino, com sua história de vida, com sua história de trabalho.</p> <p>1050. Por isso, desde 2001, o Estado de Alagoas homenageia, a cada ano, dez mulheres que se destacam na nossa terra com a Comenda Nise da Silveira. Em 2006, eu tive a honra e a alegria, ainda como Presidente do Senado Federal, de instituir nesta Casa, com o apoio da Mesa Diretora e dos Senadores, a Comenda Nise Magalhães da Silveira, que será concedida anualmente a três personalidades que, como ela, tenham contribuído para a humanização dos tratamentos de saúde.</p> <p>1051. Era, portanto, Senadora Lúcia Vânia, o que tínhamos a dizer.</p> <p>1052. Aproveitando apenas a oportunidade, na presença das Senadoras e dos Senadores, para lembrar algumas das medidas, rapidamente, no âmbito da administração do Senado Federal, que foram postas em prática nesses últimos quatro anos: a criação da Procuradoria Especial da Mulher; a instalação da Comissão Mista de Combate à Violência contra a Mulher, presidida pela</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Senadora Simone Tebet; a criação do Observatório de Violência Contra a Mulher, também preenchendo um vazio na própria Lei Maria da Penha, que, repito, aprovamos na minha primeira vez como Presidente do Senado Federal; o Programa Mãe Nutriz, com redução de jornada de trabalho de servidores após a licença-maternidade, que estejam amamentando, e a inauguração da sala de apoio à amamentação; o Senado recebeu o selo de compromisso com a equidade da Secretaria de Políticas para as Mulheres, cujo objetivo é incentivar as instituições públicas e privadas a promoverem a igualdade de oportunidade no ambiente de trabalho; concurso de vídeo por celular com o tema <i>Mulher e superação da violência</i>; destinação de 2% das vagas aos novos contratos de mão de obra terceirizada às mulheres vítimas de violência.</p> <p>1053. Como medidas legislativas, nós aprovamos aqui, no plenário do Senado Federal, muitas. Permita-me, Sr<sup>a</sup> Presidente citar apenas algumas.</p> <p>1054. A política nacional de informações estatísticas relacionadas à violência contra a mulher.</p> <p>1055. Projeto de Lei nº 9, que trata da frequência a centros de educação e de reabilitação para agressores.</p> <p>1056. Projeto de Lei da Câmara nº 62, aprovado aqui, que estipula direitos e garantias para as advogadas gestantes, lactantes e adotantes e dá outras providências.</p> <p>1057. Proposta de Emenda à Constituição nº 99, de 2015, que dispõe sobre a licença-maternidade em caso de parto prematuro.</p> <p>1058. Projeto de Lei do Senado nº 156, de 2015, que estabelece o direito de as mães amamentarem seus filhos durante a realização de concursos públicos na Administração Pública direta e indireta dos Poderes da União.</p> <p>1059. Projeto de Lei do Senado nº 515, que institui o ano de 2016 como o Ano do Empoderamento da Mulher na Política e no Esporte.</p>
18:20 R	<p>1060. Projeto de Lei da Câmara nº 59, de 2014, também aprovado aqui no Senado, que disponibiliza, em âmbito nacional, número telefônico destinado a atender denúncias de violência contra a mulher.</p> <p>1061. Projeto de Lei da Câmara, também aprovado aqui, nº 76, de 2014, que veda o trabalho da gestante ou lactante em atividades, operações ou locais insalubres, sem prejuízo do salário.</p> <p>1062. Projeto de Lei do Senado nº 374, de 2014, que assegura a realização de mamografia em todas as mulheres na faixa etária definida pelo gestor federal do SUS.</p> <p>1063. Projeto de Resolução do Senado nº 2, que cria a Procuradoria Especial da Mulher no Senado Federal.</p> <p>1064. Projeto de Resolução do Congresso Nacional nº 5, de 2013 (Resolução do Congresso Nacional nº 1, de 2014), que cria a Comissão Permanente Mista de Combate à Violência contra a Mulher. Instalamos – repito – essa Comissão em 2015.</p> <p>1065. Projeto de Lei do Senado nº 520, que garante a reserva de vagas para gestantes e mulheres acompanhadas de criança de até um ano e meio de idade em estacionamentos públicos.</p> <p>1066. Projeto de Lei do Senado nº 298, também aqui aprovado, de 2013, que dispõe sobre a criação do Fundo Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres e dá outras providências.</p> <p>1067. Projeto de Lei do Senado nº 296, de 2013, também aprovado aqui em 2013, que institui o auxílio transitório decorrente do risco social provocado pela situação de violência doméstica e familiar contra a mulher.</p> <p>1068. Projeto de Lei do Senado nº 294, de 2013 – e, como os demais, também aprovado no plenário do Senado Federal – que estabelece o encaminhamento da ofendida ao abrigo, que deverá ser comunicado, em 24 horas, ao juiz, ao Ministério Público, para análise imediata dos requisitos da prisão preventiva</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>do agressor.</p> <p>1069. Projeto de Lei do Senado nº 292, de 2013, que inclui o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio.</p> <p>1070. Projeto de Lei da Câmara nº 16, de 2013, que permite à mulher, em igualdade de condições, proceder ao registro de nascimento do filho. Isso também, na oportunidade, foi um grande avanço.</p> <p>1071. Projeto de Lei da Câmara nº 3, de 2013, que torna obrigatório, na rede hospitalar do Sistema Único de Saúde (SUS), o atendimento emergencial, integral e multidisciplinar às vítimas de violência sexual.</p> <p>1072. Proposta de Emenda à Constituição nº 43, que acrescenta entre os objetivos da assistência social o amparo à mulher vítima de violência.</p> <p>1073. Projeto de Lei do Senado nº 443, de 2011, que altera a Lei Maria da Penha para garantir à mulher vítima de violência doméstica o recebimento de benefício eventual e altera a Lei nº 8.742/93 (Lei Orgânica da Assistência Social), para definir o termo "situação de vulnerabilidade temporária".</p> <p>1074. Projeto de Lei da Câmara nº 2, de 2011, que proíbe as empresas privadas e os órgãos e entidades da Administração Pública, direta e indireta, de adotar qualquer prática de revista íntima de suas funcionárias e de clientes de sexo feminino.</p>
<p>18:24</p> <p><b>R</b></p>	<p>1075. Projeto de Lei da Câmara nº 21, de 2012, que assegura o direito da parturiente de possuir um acompanhante durante o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato.</p> <p>1076. Projeto de Lei da Câmara nº 22, que dispõe sobre a licença à gestante e à adotante, as medidas de proteção à maternidade para militares grávidas e a licença-paternidade, no âmbito das Forças Armadas.</p> <p>1077. Projeto de Lei do Senado nº 75, de 2012, que estabelece a assistência à saúde integral, promovida pelo Poder Público, à presa gestante, bem como para vedar a utilização de algemas em mulheres em trabalho de parto.</p> <p>1078. Projeto de Lei do Senado nº 109, de 2012, que institui o Fundo Nacional de Amparo a Mulheres Agredidas.</p> <p>1079. Projeto de Lei da Câmara nº 62, de 2009, complementar, aprovado no Senado – a Senadora Lúcia Vânia lembra muito bem, de 2014 – que estabelece que o direito de estabilidade provisória seja assegurado a quem detiver a guarda do filho nos casos em que ocorrer o falecimento da genitora.</p> <p>1080. Portanto, Srª Presidente, eu tenho muita satisfação de ter, de uma forma ou de outra, como Líder ou como Senador, ou mesmo como Presidente desta Casa, colaborado para que essa pauta de interesse das mulheres tenha avançado durante esses últimos anos no Brasil.</p> <p>1081. E o Senado é, sem dúvida nenhuma, de todas as instituições da República, a que mais fez – e me permitam esse elogio – o dever de casa, com muita satisfação, desde a última medida que nós votamos, a medida de ontem aqui, que atualizou a Lei Maria da Penha, à própria aprovação da Lei Maria da Penha, que foi uma iniciativa deste Congresso Nacional e que ficará marcada para o resto da vida do funcionamento desta Casa.</p> <p>1082. Muito obrigado a todos.</p> <p>1083. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Lúcia Vânia. Bloco/PSB - GO) – Agradeço o Senador Renan Calheiros. Quero, nesta oportunidade, cumprimentá-lo pelo apoio que a sua gestão deu aos pleitos da Bancada Feminina e dizer que V. Exª marcou a sua gestão com atenção muito especial às mulheres brasileiras. Parabéns, ex-Presidente e hoje Líder do PMDB!</p> <p>1084. <b>O SR. RENAN CALHEIROS</b> (PMDB - AL) – Muito obrigado.</p> <p>1085. <i>(Intervenção fora do microfone.)</i></p> <p>1086. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Lúcia Vânia. Bloco/PSB - GO) – Pela ordem...</p> <p>1087. <b>O SR. RANDOLFE RODRIGUES</b> (Bloco/REDE - AP. <i>Fora do microfone.</i>) – Srª Presidente, serei bem breve.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>1088. O Presidente Renan destacou e lamentou, e muito bem o fez, a frase...  1089. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1090. <b>O SR. LINDBERGH FARIAS</b> (Bloco/PT - RJ) – Ainda está sem som! <i>(Pausa.)</i></p> <p>1091. <b>O SR. RANDOLFE RODRIGUES</b> (Bloco/REDE - AP. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, é rapidamente.</p> <p>1092. É que o Sr. Presidente Renan Calheiros destacou ainda há pouco, e muito bem o fez, lamentou, a frase triste ainda há pouco do Senhor Presidente da República. Ocorre, Sr<sup>a</sup> Presidente, que cada vez piora mais. O medievalismo do Presidente da República foi capaz de, numa só tarde do Dia Internacional da Mulher, fazer, pronunciar duas manifestações amplamente sexistas. A última está agora na <i>Folha</i>, o Senhor Presidente da República, Senador Lindbergh, diz – abre aspas: "Tenho convicção do que a mulher faz pela casa", diz Temer no Dia da Mulher. Ou seja, o medievalismo, o sexismo, o machismo do Senhor Presidente da República, no Dia da Mulher, cada vez só piora. É lamentável, Presidente, é lamentável.</p> <p>1093. <b>O SR. LINDBERGH FARIAS</b> (Bloco/PT - RJ. <i>Fora do microfone.</i>) – Presidente.</p> <p>1094. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Lúcia Vânia. Bloco/PSB - GO) – Agradeço, Senador Randolfe, e passo a palavra ao Senador José Medeiros.</p>
18:28 <b>R</b>	<p>1095. <b>O SR. JOSÉ MEDEIROS</b> (Bloco/PSD - MT. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.</p> <p>1096. Quero, de início, já cumprir meu objetivo aqui, que é parabenizar e homenagear a todas as mulheres. Desde que entrei aqui no Senado, tenho tido uma participação, inclusive participando dos congressos da Procuradoria da Mulher em todos os Estados.</p> <p>1097. Mas queria lamentar, Sr<sup>a</sup> Presidente, que hoje, o Dia Internacional da Mulher, o dia que era para serem feitas aqui homenagens às mulheres, com raras exceções, foi usado para fazer ataques. O Dia Internacional da Mulher foi usado simplesmente como biombo. Eu não vi imagem mais clara do retrato do que sofrem as mulheres, porque até o seu dia foi usado para fazer ataques políticos. Mas é próprio: quem não respeita velório não vai respeitar o Dia Internacional da Mulher.</p> <p>1098. Eu vi aqui, e tiraram as frases – eu estava lá agora há pouco na homenagem que o Presidente Michel Temer fez às mulheres –, aí pinçaram de todo um contexto e tiraram um texto pequenininho, tiraram fora do contexto e disseram que o Presidente fez um ataque às mulheres.</p> <p>1099. Ora, ouvi hoje o dia inteiro aqui pessoas dizendo: "As mulheres têm, inclusive, de receber salário a mais, porque elas trabalham fora e trabalham em casa!" E eu quero que um venha me dizer aqui em qual casa neste Brasil que as mulheres não administram tudo. Cuidam dos filhos, sim, preocupam-se até com os adolescentes maiores, com os jovens. Aliás, qual mãe não se preocupa? Quantas mães que não ficam, Senadora Lúcia Vânia, acordadas até que o último filho chegue em casa, que a galera hoje vai para a balada, e a mãe fica ali preocupada? É próprio da mãe.</p> <p>1100. E o discurso do Presidente era nessa linha de que, se o lar está bem estruturado, deve-se muito às mulheres. E é uma verdade. Eu sou filho de uma família de nordestino, e minha vó teve 23 filhos. E, se eu estou aqui nesta cadeira hoje, é por causa daquela velhinha. Meu avô vinha para Goiás, Senadora Lúcia Vânia, para o Mato Grosso, e ela ficava lá no Rio Grande do Norte com os 23 filhos. Concordo plenamente com o Presidente: se não fosse minha vó, esses 23 tinham morrido. Aliás, morreram dez.</p> <p>1101. Mas tiraram a frase do contexto e disseram que ele falou que a mulher serve para fazer a compra no supermercado. Não foi verdade. Eu estava lá e ele fez tudo dentro de um contexto. Citou todas as qualidades das mulheres e falou: "E tem mais...", no sentido de que quem mais entende de economia neste País hoje</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>não são os economistas; quem mais tem o <i>feeling</i> de tudo que está acontecendo são as mulheres. É mentira? Não é mentira.</p> <p>1102. Lembro-me do Dilson Funaro, quando lançou um dos planos econômicos, ele dizia o seguinte: "Nós temos que pegar a economia da dona de casa, nós temos que ter as nossas donas de casa fiscalizando." Por quê? Não vamos fugir à realidade, tomara que mude, que a gente veja os homens fazendo compra, mas não vejo ninguém, homem nenhum fazendo compra, não. Quem faz é a mulher, sim, quem fica fazendo as compras são as mulheres. Espero que mude.</p> <p>1103. Lá em casa é diferente, porque há uma japonesa muito brava, e ela me arrasta e faz eu ir fazer junto. A minha utilidade lá é pagar e carregar as compras.</p>
<p>18:32</p> <p>R</p>	<p>1104. Mas o que acontece? Eu sinto que, nesse debate, não se está aqui a homenagear as mulheres, infelizmente. Sinto muito que, no velório da Dona Marisa, poucos foram ali para homenageá-la, foram ali para falar de Temer. Tudo neste momento é biombo para falar do Temer. Por quê? Porque se precisa de algum pano de fundo, porque o telhado é de vidro. Então, eu preciso ou das mulheres ou de um velório famoso. Eu preciso de alguma coisa para atacar.</p> <p>1105. Mas esqueçam. Não é Temer que vocês estão destruindo. Eu não votei no Temer; vocês o escolheram e disseram que era bom. O que está em jogo aqui, senhores, é o futuro deste País, e eu não vejo ninguém preocupado com isso; é preocupado em se lançar Seu Lula antes para poder fugir do Moro. Aliás, está o depoimento do Lula marcado, e eu estou vendo que já estão fazendo sabe o quê, Senadora Simone Tebet? Estão ajuntando um monte de gente para ir pressionar o juiz. Isso é ou não é obstrução de Justiça?</p> <p>1106. Então, o que se está aqui é 2018. Aí vêm falar que o Presidente mandou a mulher para o supermercado. É mentira. Eu estava lá presente, na primeira fila. Se tivesse, eu seria o primeiro a falar: "Falou. Foi retrógrado", mas não foi.</p> <p>1107. Nós estamos sem credibilidade, e não é só o PT, somos todos nós aqui, porque a classe política brasileira começou a mentir e faz tempo. Eu quero atacar o outro, eu invento uma mentira – e as pessoas veem, as pessoas hoje se informam. E mentira tem um problema: uma hora a verdade aparece, e é por isso que o Partido que mais tinha credibilidade neste País hoje ficou igual àquele sal insípido de que diz na Bíblia: para nada mais presta a não ser para ser pisado pelos homens. Não sou eu que estou falando, não; todo mundo pisa. O PT virou a Geni. Mas quem fez isso? Foi a oposição? Não. O PT se construiu e se desconstruiu.</p> <p>1108. Vieram hoje alguns discursos aqui, Senadora Simone Tebet, que eu não consigo engolir. Desculpem-me! Eu tenho que fazer esse contraponto. Eu tinha que estar aqui homenageando. Estamos aqui diante dessas flores bonitas, mas elas não representam o que foi esta sessão aqui hoje.</p> <p>1109. O que eu sinto é que quiseram passar que a Presidente caiu, porque era mulher. Não é verdade. Não é verdade. Aliás, a Presidente, durante muito tempo, foi tida como a gerentona, uma mulher competente. Agora, quando o governo não deu certo, ela respondeu como qualquer um governante responderia. Igualdade perante a lei é isso. Art. 5º da Constituição: igualdade, nós somos todos iguais perante a lei. Agora, é essa igualdade que nós estamos buscando, e a Presidente Dilma não caiu, porque era mulher. Eu tenho que fazer este contraponto: não caiu porque era mulher; a Presidente Dilma caiu porque teve problemas nas suas contas e problemas gravíssimos.</p> <p>1110. Eu vi hoje aqui algumas pessoas que nem são desta Casa virem aqui com essa gritaria, fazer apitação, dizer que foi misoginia, que foi isso e que foi aquilo. Não foi. "Ah! A Presidente honesta caiu, porque era mulher e sem ter cometido nenhum crime." Não é verdade. O crime da Presidente foi um crime administrativo, foi uma falha administrativa, um ato infracional gravíssimo.</p> <p>1111. A maior empresa do mundo, a chamada Enron, se arreventou, porque</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>maquiava, porque pedalava nos seus balanços. Aliás, o <i>slogan</i> da empresa era o seguinte: "Pergunte por quê!", porque ela era quem pagava mais dividendo. Quem investia na Bolsa ganhava muito, e, de repente, quando realmente alguém decidiu perguntar por quê, descobriram que os balanços eram maquiados.</p>
<p>18:36 R</p>	<p>1112. O Brasil era cantado em verso e prosa até poucos dias, como um arroubo, algo grande na economia. Estávamos aí cantados em verso e prosa. E aí alguém resolveu perguntar por que os nossos balanços só davam superávit. Porque eram maquiados. E ficou aquele rombo.</p> <p>1113. Nós pagávamos duas contas com um dinheiro só. Esse foi o problema. O problema pelo qual a Presidente Dilma caiu foi o seguinte, foi a tempestade perfeita, que é o tripé que sustenta qualquer Governo, seja ele monarquia, seja o que for é: economia forte, apoio popular e base política.</p> <p>1114. A Presidente perdeu o seu apoio dentro do seu Partido. Por quê? Porque era para o Lula ser o candidato. Esse era o acordo. Cresceram os olhos. Rui Falcão foi para um lado e uma turma para o outro. Eles se dividiram, brigaram. A Lava Jato foi tocada dentro do Ministério da Justiça. Todo mundo sabe disso ali. Tocaram fogo no próprio paiol. Tocaram fogo na lona do circo, não deram conta de apagar, e agora ficam querendo culpar os outros. É lógico que, como luta política, esse discurso faz sentido.</p> <p style="text-align: center;">1115. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1116. <b>O SR. JOSÉ MEDEIROS</b> (Bloco/PSD - MT) – Mas não venham usar o Dia das Mulheres para fazer isso aqui. Já há todos os outros dias para ficarem falando isso aqui, na tribuna. Agora, no Dia das Mulheres, que era para ser uma homenagem às mulheres, não. E vêm fazer proselitismo. Deixem o Temer! Ataquem o Temer outro dia!</p> <p>1117. Outra coisa são as mulheres defendidas aqui, no dia a dia da política. Arrebrantar com a imagem da Marcela Temer é normal. Tudo pode. Arrebrantam com elas nas redes sociais. Se é companheira, aí, sim. É deplorável o que aconteceu com Maria do Rosário. É deplorável o que aconteceu com Maria do Rosário. Agora, eu vejo indignação só quando é com as companheiras. Então, é preciso parar com a hipocrisia. O problema aqui é a hipocrisia. Não tenho orgulho de bater e não fico feliz em fazer essas pontuações aqui.</p> <p>1118. Só mais um minuto, Senadora, e já termino.</p> <p style="text-align: center;">1119. <i>(Interrupção do som.)</i> 1120. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1121. <b>O SR. JOSÉ MEDEIROS</b> (Bloco/PSD - MT) – Não faço aqui discurso de moralidade, discurso de ética, porque acho que isso é básico para nós chegarmos aqui. Agora, quem vestir roupa da Marinha tem que ficar longe da lama. E o Partido dos Trabalhadores foi quem fez esse discurso o tempo inteiro. Apontava o dedo para todo mundo, pedia <i>impeachment</i> até do Presidente do Corinthians. Aí, o que aconteceu? Aconteceu com eles.</p> <p>1122. Olha, o PT para bater não tem dó. Mas, na hora em que leva um arranhãozinho, é uma choradeira, um berreiro. Parece pela de porco. Eu nunca vi. Agora, ao se passar por vítima, é uma coisa de louco. Se nós não fizemos o contraponto aqui, em 2018, estão todos aí falando que foram vítimas. É essa cantilena mesmo. Cantilena de golpe, de não sei o quê. Não houve nada disso. Todo mundo acompanhou. Então, cada vez que vierem fazer uma mentira aqui, vou contar dez verdades.</p> <p>1123. Essa história que houve aqui...</p> <p style="text-align: center;">1124. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1125. <b>O SR. JOSÉ MEDEIROS</b> (Bloco/PSD - MT) – ... de misoginia, de que o Governo é machista, vou contar, já encerrando, nesses últimos 50 segundos, Senadora, que Michel Temer – não sou procurador dele – foi o primeiro a montar em São Paulo a delegacia da mulher. Hoje, em todo o país, existe uma delegacia da mulher. Michel Temer foi quem abriu a primeira delegacia neste</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>País.</p> <p>1126. Quando ele era Presidente da Câmara, ele foi quem instalou a Procuradoria da Mulher na Câmara. Isso são atos. Isso demonstra se ele é machista, se é misógino ou não.</p> <p>1127. Então, Senadora, eu agradeço pela paciência. Desculpe-me a indignação.</p>
<p>18:40</p> <p>R</p>	<p>1128. Eu queria me penitenciar com as mulheres, porque eu gostaria de ter feito um discurso hoje só para homenageá-las, mas faço esse discurso para pedir desculpa, primeiro, por boa parte dos colegas ter usado a tribuna aqui para fazer as mulheres, mais uma vez, de escada...</p> <p style="text-align: center;">1129. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1130. <b>O SR. JOSÉ MEDEIROS</b> (Bloco/PSD - MT) – ...para falar mal dos outros e não para homenageá-las como elas merecem.</p> <p>1131. De resto, quero parabenizar a Senadora Lúcia Vânia, a Senadora Simone Tebet, a Senadora Marta Suplicy, a Senadora Regina Sousa, a Senadora Fátima Bezerra, a Senadora Gleisi Hoffmann e a Senadora Vanessa Grazziotin. E que no próximo ano a gente possa realmente fazer uma audiência para homenagear as mulheres brasileiras.</p> <p>1132. Muito obrigado, Senadora.</p> <p>1133. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Lúcia Vânia. Bloco/PSB - GO) – Agradeço ao Senador José Medeiros e passo a palavra agora ao Senador Lindbergh Farias.</p> <p>1134. <b>O SR. LINDBERGH FARIAS</b> (Bloco/PT - RJ. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Srª Presidente, eu acho interessante que alguns Senadores dizem que utilizaram este espaço, que tinha que ser um espaço só para homenagear as mulheres, e acabam eles mesmos fazendo um discurso aqui do fla-flu político. Agora, esta aqui é uma Casa política, sim.</p> <p>1135. Eu quero começar neste dia de hoje homenageando a Presidenta Dilma Rousseff, que, para mim, continua sendo uma Presidenta eleita democraticamente pelo povo brasileiro. E não adianta protestarem aqui, porque esse golpe contra a Presidenta Dilma foi um golpe recheado de machismo e de misoginia.</p> <p>1136. Eu quero aqui homenagear todas as mulheres de todos os partidos, mas a resistência a esse golpe que houve aqui no nosso País teve a cara de Senadoras mulheres, valentes, bravas, e tenho muito orgulho de fazer parte da Bancada com elas e de conviver aqui no Senado. Sem desmerecer nenhuma Senadora, mas eu queria fazer um aplauso especial para as Senadoras Kátia Abreu, Lídice da Mata, Vanessa Grazziotin, Gleisi Hoffmann, Regina Sousa, Ângela Portela e Fátima Bezerra. Foram elas que nos lideraram, Senador Paulo Paim, em todo aquele processo de resistência.</p> <p>1137. Eu sei que tem muita gente arrependida do que houve no País, do que a gente está enfrentando, o aprofundamento da crise econômica. Agora, não é natural, num dia como este, o Presidente da República fazer um pronunciamento, o Presidente Temer... Está aqui na <i>Folha de S.Paulo</i>, como falou o Senador Randolfe, a declaração é a seguinte: "Tenho convicção do que a mulher faz pela casa". Essa é uma declaração do século XIX, que não entende o que nós somos hoje, os avanços, as conquistas das mulheres. E tem outra que eu tiro do jornal <i>O Globo</i>, Senador Armando Monteiro: "Na economia também a mulher tem grande participação. Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes de preços dos supermercados do que a mulher".</p> <p>1138. Esse é o Presidente da República que assumiu depois de um golpe. E a gente viu o que fizeram contra a Presidenta Dilma: machismo, sim; misoginia, sim. Montou um governo só de homens. Foi preciso uma pressão gigantesca para colocarem a Ministra da AGU agora, depois de tudo isso. E vai entrar para a história como o maior ataque da história aos direitos das mulheres, porque é isso que está na reforma da previdência. Não adianta esconderem, não adianta escamotear, é o maior ataque aos direitos das mulheres brasileiras essa</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	reforma da previdência.
18:44 R	<p>1139. Esse dia de hoje aqui – tem razão o Senador que me antecedeu – virou, sim, o dia de protesto contra essa reforma da previdência, contra as reformas, isso no Brasil inteiro. No Brasil inteiro, marchas hoje discutindo reforma da previdência também.</p> <p>1140. Essa PEC 287 quer colocar o homem e a mulher para se aposentarem com a mesma idade, 65 anos, sem levar em conta e em consideração a jornada dupla das mulheres. Nessa segunda-feira, o IPEA divulgou uma pesquisa. O nome da pesquisa é “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça”, com base em séries históricas de 1995 a 2015, da Pnad do IBGE. Em 2015, a jornada total média das mulheres era 53,6 horas, enquanto a dos homens era de 46,1 horas. Ou seja, a mulher trabalha 7,5 horas a mais por semana do que o homem.</p> <p>1141. E aqui eu me recordo de uma outra declaração extremamente machista, desta vez do Ministro da Saúde, Ricardo Barros, que, em determinado momento, deu a seguinte declaração: “Os homens trabalham mais, são os maiores provedores das famílias e, por isso, cuidam menos da saúde”. Não, Sr. Ministro da Saúde, as mulheres trabalham 7,5 horas a mais por semana do que os homens. É a dupla jornada!</p> <p>1142. Também é revelado que essa realidade é vivida por 90% das mulheres que responderam o questionário dessa pesquisa. Não levar isso em consideração e dizer que é razoável equiparar idade de aposentadoria, sem levar em consideração os serviços prestados na dupla jornada feminina é uma grande injustiça, para não dizer um grande roubo.</p> <p>1143. Assim também eu chamo a atenção, no dia de hoje, para o descaso com os professores e as professoras da educação básica no País, na qual 80%, Senador Paulo Paim, são mulheres, Senador Dário Berger. E a Organização Mundial de Saúde reconhece o direito à aposentadoria especial pelo desgaste físico, psicológico, inerente à profissão, que ainda é agravado pelas condições do sistema público de ensino. Com a reforma, não se aposentarão mais com a idade diferenciada, enquadrando-se na regra geral da reforma os 25 anos de contribuição e a idade mínima de 65 anos. E para ter aposentadoria integral, como sempre fala o Senador Paulo Paim, vão ter que trabalhar 49 anos ininterruptos. Ou seja, para se aposentar aos 65, tem que começar aos 16. E todos no Brasil sabem que ninguém trabalha 49 anos de forma ininterrupta, tem período que a pessoa sai do trabalho, faz trabalho informal. Então, na verdade, ninguém se aposenta neste País com menos de 70 anos, até as nossas professoras, as quais eu quero trazer a minha homenagem no dia de hoje.</p> <p>1144. Essa reforma é uma lástima e também afeta as trabalhadoras rurais, que produzem alimentos para este País e têm um cotidiano de trabalho muito pesado. Não haverá mais aposentadoria especial a partir de idade em que se reconhece socialmente o declínio da capacidade laboral, será tudo com base na regra geral do tempo de contribuição e idade mínima.</p>
18:48 R	<p>1145. As viúvas pensionistas também perderão muito com essa reforma. As que perderam o companheiro receberão apenas 60% do valor – 50% pelo serviço do marido e 10% por dependente. A partir daí, 10% por cada filho.</p> <p>1146. E mais: não poderão se aposentar pelos serviços prestados ao lar para não acumular pensão e aposentadoria. As demais donas de casa, Senador Paim, das quais são exigidos 15 anos de contribuição, também cairão na regra, que não deveria se aplicar a todos sem perceber o quão específico é cada caso. De modo geral, as mulheres são as mais afetadas com essa reforma que tira direitos e coloca em voga a saúde de nossas companheiras.</p> <p>1147. No quesito retrocesso, ainda podemos falar das mudanças feitas no Minha Casa, Minha Vida. O Governo Temer instalou o que estão chamando de "minha mansão, minha vida", elevando as Faixas 2 e 3 de renda, que são abrangidas. No programa, quando executados por Lula e Dilma, os imóveis da primeira faixa</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>eram inscritos em nome das mulheres e deram moradia a 2,7 milhões de famílias, beneficiando mais de 10 milhões de pessoas.</p> <p>1148. Está mais do que claro que a prioridade deste Governo é suprimir os direitos sociais conquistados durante os governos de Lula e Dilma – e conquistados também a partir da Constituição de 1988. Pensem bem que esse programa, presente em 96% dos Municípios brasileiros, gerou, até 2016, 5 milhões de empregos na construção civil.</p> <p>1149. Eu falo tudo isso, Sr. Presidente, para dizer que, quando a gente olha o perfil deste Governo – montado, naquele primeiro momento, afastando uma Presidente eleita democraticamente –, constituído sem uma mulher – agora colocaram a Ministra da AGU –, isso contrasta muito com o que acontece hoje no Canadá, onde o Primeiro-Ministro, um jovem, Justin Trudeau, fez um governo paritário: metade do seu governo é composto de mulheres. E fizeram ao Justin Trudeau uma pergunta: "Por que metade do seu governo é composto de mulheres?" Ele simplesmente respondeu: "É porque estamos no século XXI".</p> <p>1150. Parabéns a todas as mulheres que estão lutando neste País e no mundo. Hoje houve um salto internacional dessa luta. É uma luta mundial, é um movimento. Muitas mulheres paralisaram suas atividades, não estão fazendo tarefas domésticas, estão dividindo...</p> <p style="text-align: center;">1151. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1152. <b>O SR. LINDBERGH FARIAS</b> (Bloco/PT - RJ) – ...estão deixando para os seus maridos, para os seus companheiros.</p> <p>1153. É importante que essa luta pelo feminismo, pela liberdade das mulheres, seja uma luta também assumida por homens, que têm que entender que a liberdade das mulheres é fundamental para construirmos um mundo diferente, com mais justiça.</p> <p>1154. Então, é por isso que eu trago aqui essas palavras. Eu pensei em não falar, Senador Armando Monteiro, porque hoje o dia era de protagonismo das mulheres. Eu só falei porque elas insistiram que nós tínhamos que falar também, apoiando-as.</p>
18:52 <b>R</b>	<p>1155. E eu trago aqui – e encerro novamente –, com muito orgulho, desta Tribuna, eu homenageio essa mulher guerreira, valente e honesta: Dilma Vana Rousseff. Ela merece, sim, ser lembrada neste dia de hoje, porque ela foi vítima de um golpe machista, baseado em misoginia, como está claro nas declarações desse Presidente impostor, Michel Temer, que, no dia de hoje, mostra...</p> <p style="text-align: center;">1156. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>1157. <b>O SR. LINDBERGH FARIAS</b> (Bloco/PT - RJ) – ...que, no dia de hoje, mostra a sua limitação com declarações que parecem vir do século XIX.</p> <p>1158. Viva o dia 8 de março!</p> <p>1159. <i>(Durante o discurso do Sr. Lindbergh Farias, a Srª. Lúcia Vânia deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Srª Marta Suplicy.)</i></p> <p>1160. <b>A SRª PRESIDENTE</b> (Marta Suplicy. PMDB - SP) – Obrigada, Senador Lindbergh.</p> <p>1161. Com a palavra o Senador Magno Malta.</p> <p>1162. <b>O SR. MAGNO MALTA</b> (Bloco/PR - ES. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente... Srª Presidenta, não, Presidente mesmo. Negócio de Presidenta, esse trem acabou, só o Lindbergh que estava lembrando aqui agora.</p> <p>1163. Srª Presidente, ficou bem nessa cadeira, no Dia Internacional da Mulher, Senadora Marta Suplicy.</p> <p>1164. Srs. Senadores, Deputado Eros, aqueles que nos veem nas redes sociais, nos ouvem na Rádio Senado, na TV Senado, é uma sessão solene de homenagem às mulheres, dia 8, Dia Internacional da Mulher. Eu jamais cometeria o erro de politizar este momento.</p> <p>1165. Eu quero usar este momento para falar de minha mãe, D. Dadá, para falar</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>das mulheres deste País, das dadás do Brasil, das guerreiras, das anônimas. Parabéns às que já são famosas e que foram citadas aqui, porque têm o nome inscrito na sociedade, ou na história brasileira ou na história do mundo.</p> <p>1166. Podia muito bem eu, hoje, glamurizar Golda Meir, aquela que, na formação do Estado judaico, antes de subir o último degrau da escada do avião, disse: "Nós formaremos a nossa nação, ainda que custe o preço do nosso sangue". Quando David Ben-Gurion manda Golda à América, porque o país havia sido criado em 1948 com o voto minerva do Brasil, para criar a nação. Golda Meir.</p> <p>1167. Mas eu quero falar é de Dadá, minha mãe, Dadá Pereira de Souza, de Souza. Quero falar para as pereiras do Brasil, para as de souza do Brasil, mulheres anônimas, que deram à luz na mão de uma parteira, e algumas numa roça qualquer, depois de um dia debaixo do sol, com uma enxada na mão, ou de uma funcionária pública que foi obrigada a dar à luz quando não havia ainda licença-maternidade, dentro de um ônibus, atendida pela polícia, as mulheres policiais, as anônimas que fazem a guerra a partir da família.</p> <p>1168. Digo a partir da família, Senadora Marta, porque a dádiva de uma mulher é o útero. Hoje é o Dia Internacional da Mulher, por que nós vamos politizar? Evocar a memória de lixos passados para justificar posição política? Eu quero falar hoje é de quem dá à luz.</p>
<p>18:56</p> <p>R</p>	<p>1169. O útero foi a grande diferença quando Deus criou o homem e a mulher. Essas mulheres que geraram, deram à luz e investiram a sua vida na criação dos seus filhos, mesmo iletradas ou letradas – quando eu falo iletradas, eu estou homenageando as milhares de dadás deste Brasil sem letra. Dadá era até analfabeta profissional; mãe era analfabeta profissional.</p> <p>1170. Eu quero homenagear essas que ensinaram os seus filhos a amar a Deus; que ensinaram os filhos a cantar o Hino Nacional; a dar a benção às pessoas, aos mais velhos; que ensinaram aos filhos que o vício faz mal. É para essas que eu quero falar.</p> <p>1171. Estou falando para a sua mãe que morreu na roça, cidadão que está me vendo. Para a sua mãe, porque tudo que você é hoje foi pelos puxões de orelha para te levar para a igreja, para te manter sentado no banco, agarrada no teu braço. Como Dadá fazia com um irmão que eu tinha chamado Júnior e que ficava igual a uma barata dentro da igreja: mãe puxava-o pelo braço, agarrava aqui, do lado dela não saía, e ele hoje dá graças a Deus. Eu quero agradecer a Deus porque Dadá me corrigiu.</p> <p>1172. Aqui votou-se a Lei da Palmada, a lei mais inconsequente, mais absurda, mais criminosa que já vi na minha vida. A Bíblia diz que um filho sem correção é a vergonha do seu pai e a decepção da sua mãe. Eu honrei a minha mãe porque fui corrigido. Tornei-me amigo das pessoas, aprendi a regra da convivência – respeitar os outros –, porque a analfabeta Dadá me ensinou. Então, neste Dia Internacional das Mulheres, é dela que eu tenho que me lembrar. Ela já se foi: Deus tirou Dadá de mim aos 57 anos de idade. Mas a Bíblia me garante que eu vou encontrá-la, como milhões de brasileiros que conhecem Deus e que já perderam pai e mãe, perderam a mãe, a sua referência maior.</p> <p>1173. A referência de uma criança começa no útero, em primeiro plano; no segundo plano, no peito, quando se é amamentado, essa ligação no seio da mãe; em seguida, com a disciplina. Por que nós temos tantos jovens indisciplinados, tantos jovens tocando fogo nas ruas, queimando escolas, invadindo escolas? É porque aqueles que usam um momento como este para pregar a política ensinaram essas "crianças" – entre aspas – a desonrar família, a desonrar casamento, a desonrar a vida. Graças a Deus eu tive mãe! Graças a Deus eu tive D. Dadá!</p> <p>1174. Homenageando D. Dadá, Senador Medeiros, eu me lembro da minha avó, D. Martinha. Lá no interior da Bahia, na cidade de Macarani, ainda jovem, aquela índia, casada com um negão, Enoque – é meu avô, ouviu? Eu estou falando</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>negão, mas ninguém vá querer me processar por negócio de racismo, porque ele é meu avô, e eu sou filho de preto e sou preto também; estou falando negão aqui e daqui a pouco entra aí uma corregedora e diz que eu estou quebrando o decoro –, aquele negão Enoque. E, quando o pastor Rosivaldo, um jovenzinho...</p> <p>1175. Desceu, Paim? Preste a atenção em mim, Paim, você que tem dois filhos pastores.</p> <p>1176. <b>O Sr. Paulo Paim</b> (Bloco/PT - RS. <i>Fora do microfone.</i>) – Com certeza, com orgulho!</p> <p>1177. <b>O SR. MAGNO MALTA</b> (Bloco/PR - ES) – Uma pastora e um pastor.</p> <p>1178. <b>O Sr. Paulo Paim</b> (Bloco/PT - RS. <i>Fora do microfone.</i>) – Três.</p> <p>1179. <b>O SR. MAGNO MALTA</b> (Bloco/PR - ES) – Três, três. E eu tenho a alegria de conviver e de ser amigo de seus filhos, da sua família.</p> <p>1180. E lá a minha avó, naquele dia, ao conhecer a Bíblia, mudou de vida, porque aquele que entra em contato com essa palavra nunca mais será o mesmo. É por isto que as pessoas correm tanto, elas preferem citar Nostradamus: "Você viu o que fulano falou? Você já leu Paulo Coelho e Dalai Lama?"</p>
<p>19:00</p> <p><b>R</b></p>	<p>1181. Com todo o respeito, todo mundo parafraseando esse livro que rompeu com a história, o Evangelho de Cristo Jesus. Eles preferem debochar e preferem <i>glamourizar</i> o homem – meros mortais que minha mãe, Dadá, dizia que depois que morrem não prestam nem para fazer sabão. É, quando ela conheceu esse Evangelho, a nossa vida mudou. Mudou a vida de mãe, mudou a vida das minhas tias.</p> <p>1182. Neste Dia Internacional da Mulher, eu não posso esquecer do passo mais importante que aquela mulher, a minha avó, Dona Martinha, deu. E digo para o Brasil que eu só estou aqui hoje porque ela deu aquele passo, o passo pelo Evangelho de Cristo. Assim, a minha mãe já era adulta, e foi assim que fomos criados.</p> <p>1183. A despeito... A sociedade é a mesma, o coração do homem não mudou. Aquilo que falam hoje de imoralidade não é nada mais, nada menos do que a velha imoralidade. O coração do homem sempre foi o mesmo, mas eu tinha mãe, eu tive mãe – Dona Dadá.</p> <p>1184. Neste Dia Internacional da Mulher... Eu sei que você conhece mulheres famosas, grandes mulheres, e os programas de televisão estão aí mostrando, chamando-as de heroínas. Há uma menina que agora largou o marido e casou com outra mulher e virou heroína da Nação; da Nação, da Nação! Mamãe, me acode! Tudo que eu preciso ver daqui para a frente é chover para cima, porque o resto eu já vi.</p> <p>1185. Mas hoje é dia, meu amigo...</p> <p style="text-align: center;">1186. <i>(Soa a campainha.)</i></p> <p>1187. <b>O SR. MAGNO MALTA</b> (Bloco/PR - ES) – ... de você lembrar da sua mãe. Ligue para ela. Tu moras longe? Ligue para ela. Moras perto? Vá lá. Jante com ela. Vá! Fique com ela. Hoje é o dia da sua mãe! Se você não a tem mais, passe essa mensagem de vida para seus filhos, para suas filhas.</p> <p>1188. Então, lembrando dessa mulher que foi tudo para mim, eu abraço as mulheres do Brasil. Tenho algumas mulheres na minha vida: a minha esposa, a Lauriete, uma mulher de Deus, que faz um serviço dos mais dignos, de vida, pregando paz, levando paz e esperança neste País para milhões de pessoas, milhares de pessoas, com um talento que Deus deu a ela, pois canta por este País e abençoa as pessoas, não com a voz, mas com a palavra, palavra de vida. Então, eu te homenageio hoje pela mãe que você é, a minha esposa querida.</p> <p>1189. As minhas filhas...</p> <p style="text-align: center;">1190. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>1191. <b>O SR. MAGNO MALTA</b> (Bloco/PR - ES) – Magda, a minha primogênita. Tive o prazer de cuidar, de dar papinha – sei fazer –, de lavar fralda; não havia descartável na época. Tinha os dedos todos comidos de lavar aquelas fraldas de</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>pano. Fazia mamadeira, botava para dormir. Ah, minha filha, ensinei-a a amar a Deus! Quanto orgulho eu tenho de você! Então, te homenageio neste dia.</p> <p>1192. Minha filha Karla, a mãe da rainha Ester. Minha filha, receba o meu abraço. Ensinei-a a amar a Deus. Cuidei. Fiz mamadeira, fiz papinha. Ensinei-a a amar a Deus. Peguei no colo. Ajudei a arrancar os primeiros dentes. Ah! Hoje, neste dia, você é mãe e eu só quero que você faça reverberar o que sua avó plantou em mim e eu plantei em vocês: amor a Deus...</p> <p>1193. <i>(Interrupção do som.)</i></p>
<p>19:04</p> <p><b>R</b></p>	<p>1194. <b>O SR. MAGNO MALTA</b> (Bloco/PR - ES) – ... e respeito.</p> <p>1195. Minha filha Jaysline, minha pérola negra, eu te abraço, te beijo. Que Deus te dê sabedoria, minha filha, e te cubra no teu crescimento.</p> <p>1196. A minha netinha Ester... Essa princesa vai fazer nove meses, mas em todo Dia Internacional da Mulher, enquanto ela viver – ouviu, Karla? –, eu quero que ela se lembre, porque nesse dia é preciso se lembrar, de quem nos proporcionou a vida.</p> <p>1197. Senadora Marta, eu abraço V. Ex<sup>a</sup> – as outras Senadoras aqui não estão –, desejando, neste Dia da Mulher, como mãe que V. Ex<sup>a</sup> é, conhece seus filhos, como mulher da vida pública, uma mulher que luta pelo que acredita... E nós temos que respeitar quem luta pelo que acredita, embora estejamos em lugares diferentes e opostos no que acreditamos, mas aqui nós precisamos respeitar quem acredita no que prega, só não podemos respeitar em Mandrake.</p> <p>1198. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>1199. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1200. <b>O SR. MAGNO MALTA</b> (Bloco/PR - ES) – Mas eu abraço V. Ex<sup>a</sup>. As nossas Senadoras outras não estão aqui, mas, citando o nome de V. Ex<sup>a</sup>, cada Senadora que é mãe, cada Senadora que veio aqui pela vida do voto e que nas ruas lutou, pregou sua mensagem muitas vezes escarnecida, abraçada por outros, zombada por outros – mas não chegou aqui porque alguém nomeou.</p> <p>1201. Neste dia, Senadora Marta, o meu desejo é que Deus abençoe a sua vida, Deus abençoe a sua casa, a sua família, como a de todas as outras Senadoras e dos Senadores; suas filhas, Senadores, suas esposas, suas mães, as mulheres das suas vidas, das suas famílias. É preciso que hoje, no Dia Internacional da Mulher, nós nos lembremos dessas mulheres que significaram para a nossa vida, para a nossa formação e para a nossa história.</p> <p>1202. Por isso, agradeço por esta oportunidade. Agradeço por esta oportunidade de lembrar à Nação que quem tem mãe tem um tesouro.</p> <p>1203. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1204. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Marta Suplicy. PMDB - SP) – Obrigada, Senador Magno Malta.</p> <p>1205. Com a palavra o Senador Ronaldo Caiado; em seguida, o Senador Armando Monteiro.</p> <p>1206. <b>O SR. RONALDO CAIADO</b> (Bloco/DEM - GO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, Senadora Marta Suplicy, Sr<sup>as</sup> Senadoras, Srs. Senadores, quero inicialmente cumprimentar a iniciativa de podermos fazer hoje uma sessão especial em homenagem ao Dia Internacional da Mulher e dizer que, neste momento, acredito eu que todos nós queremos reverenciar a mulher, Senadora Marta. A mulher que em todos os quadrantes deste País tem mostrado a sua capacidade, a sua força de transformar e de fazer.</p> <p>1207. Eu venho de um Estado onde as mulheres sempre tiveram uma posição de muito destaque e também de realce. Cora Coralina foi uma mulher à frente de seu tempo. Cora Coralina debatia, discutia e, ao mesmo tempo, avançava nos direitos, nas prerrogativas das mulheres.</p>
<p>19:08</p>	<p>1208. No meu Estado, era muito comum a ausência do homem naquela época em que tínhamos a capital no Rio de Janeiro; ou, senão, quando havia as atividades</p>

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>mais na área da agricultura, a ausência no dia a dia das atividades, como também da orientação da família. A formação do nosso Estado tem muito de matriarcal. Nós temos uma influência enorme da mulher mãe, da mulher esposa, das filhas, daquela que realmente nós sabemos o quanto é importante. Deus deu à mulher a condição maior de poder gerar vidas, de poder ter uma sensibilidade mais aguçada, de ter uma coragem ímpar, principalmente na defesa da sua família, daquilo em que realmente ela acredita e tem as suas convicções.</p> <p>1209. A mulher transforma. A mulher muitas vezes cedeu o espaço para poder se ocupar mais vezes de outras atividades, mas jamais a mulher se omitiu – tanto é que eu acredito que, se mudarmos as regras eleitorais, nós teremos, como já temos hoje em muitos países da Europa, um percentual de mulheres no Parlamento até superior ao de homens.</p> <p>1210. Posso dizer que, na minha área da Medicina, nos resultados hoje dos vestibulares, a presença da mulher é muito maior que a presença do homem. Na área da pesquisa também é impressionante o avanço e a capacidade da mulher de se colocar e de mostrar o quanto ela pode produzir.</p> <p>1211. Levantamentos, Presidente, feitos pelo Banco Mundial e também pelo Credit Suisse mostraram que, com o desempenho das mulheres à frente de várias empresas ou diretorias, os resultados são enormemente superiores aos resultados daquelas que são muitas vezes dirigidas por nós.</p> <p>1212. Eu tenho a convicção de que, no dia de hoje, a mulher brasileira, diante de todas as dificuldades que nós enfrentamos, de uma crise que afeta o dia a dia da família, tem sido o sustentáculo, tem sido exatamente a voz de ânimo para fazer com que os jovens continuem acreditando cada vez mais neste País e na capacidade de produzirmos melhores dias para esta nossa Nação.</p>
19:12 R	<p>1213. Ao encerrar, quero dizer que a homenagem que faço... Eu tenho a ousadia de me lembrar da imagem, da figura de minha querida mãe, infelizmente já não mais conosco, lembrar o apoio que recebo da minha esposa, Gracinha, das minhas filhas Anna Vitoria, Maria e Marcela. Enfim, eu quero nesta hora, com muita emoção – eu que sei e que tenho uma condição especial por ter o apoio na minha casa de tantas mulheres –, dizer que nada melhor na vida do que ter essa convivência que nos alavanca, que nos estimula e que cada vez nos respalda nos momentos mais difíceis.</p> <p>1214. A você, mulher, os meus cumprimentos. Parabéns, de coração, por esse dia especial. Indiscutivelmente, temos que cumprimentá-las durante todos os dias do ano. Parabéns.</p> <p>1215. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Marta Suplicy. PMDB - SP) – Obrigada, Senador Caiado.</p> <p>1216. Está acontecendo uma coisa interessante, porque eu não ouvi todos os depoimentos das mulheres e nem todos os dos homens, mas dos que eu ouvi, foram poucas as mulheres que se referiram às mães e dos homens que eu tenho escutado, todos reverenciam a genitora. Isso é motivo para a gente pensar no sentido que foi colocado mais em relação a uma reverência à figura materna, ao carinho. Eu estou aqui porque minha mãe foi quem me ensinou o amor dado pela mãe, o aconchego da família e menos foi colocado em relação às conquistas das mulheres. Não estou dizendo que é certo ou errado. É uma constatação que eu estou fazendo do pouco que eu ouvi das mulheres e dos homens que aqui falaram.</p> <p>1217. Agora vamos ter a palavra do Senador Armando Monteiro e vamos ver se continua com essa ênfase ou se vamos ter uma outra abordagem.</p> <p>1218. <b>O SR. ARMANDO MONTEIRO</b> (Bloco/PTB - PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Eu queria saudar a nossa colega eminente Senadora Marta Suplicy, que tão bem representa nesta sessão a representação feminina aqui do Senado. Eu queria, através da Senadora Marta Suplicy,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>cumprimentar essa tão expressiva e qualificada representação das mulheres aqui no Senado, aqui nesta Casa. Permitam-me aqui saudar as Senadoras Fátima Bezerra, Ângela Portela, Lídice da Mata, Regina Sousa, Lúcia Vânia, Rose de Freitas, Ana Amélia, Gleisi Hoffmann, Kátia Abreu, Maria do Carmo Alves, Simone Tebet e Vanessa Grazziotin.</p> <p>1219. Eu queria, Presidente Marta Suplicy, desta sessão solene, cumprimentando as Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores aqui presentes, dizer que duas datas hoje me trazem aqui a esta tribuna e que têm um significado muito especial.</p>
<p>19:16</p> <p>R</p>	<p>1220. Nesta semana, Senadora Marta, Pernambuco comemora o bicentenário da Revolução de 1817, um dos mais expressivos movimentos da história brasileira, um movimento de ideário republicano, autonomista, federalista, que representou algo muito importante, ou seja, um movimento que transpôs a barreira meramente conspiratória, à época, e obteve êxito no seu objetivo revolucionário, posto que durante 75 dias se instalou uma república em 1817 neste País, antecipadora dos ideais republicanos, algo que ocorreu 72 anos antes da Proclamação da República.</p> <p>1221. E nesta data, especialmente, em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, eu não poderia deixar também de saudar aqui mulheres pernambucanas, bravas mulheres pernambucanas que deram também o extraordinário contributo, cada uma a seu tempo, para que Pernambuco pudesse consolidar essa marca, que é a marca do pioneirismo, da altivez, do irredentismo que marca a identidade do povo de Pernambuco.</p> <p>1222. Quando, por exemplo, eu falava da Revolução de 1817, teríamos que lembrar de Bárbara de Alencar, uma mulher que conjugava ousadia, sonho e que era natural lá do sertão de Pernambuco, de Exu, embora tivesse também atuado no Ceará, naquela região fronteira lá do Araripe. Então, antes do feminismo e do empoderamento da mulher, que são termos contemporâneos e que não estavam tão presentes no radar dos pensadores iluministas do Século XIX, a nossa revolução de 1817 consagra na sua história a participação de uma mulher, de uma brava mulher, sertaneja de Exu, que lutou para livrar a província da opressão da coroa portuguesa.</p> <p>1223. Quero também aqui homenagear outras grandes figuras femininas de Pernambuco, por exemplo, evocando Maria Amélia de Queiroz. Maria Amélia foi uma importante abolicionista do Estado de Pernambuco. Alfabetizou negros após a abolição da escravatura, ensinou os trabalhos manuais e técnicas que lhes ajudariam a encontrar trabalho e se manter quando o escravagismo foi proibido. Naquela época, inclusive, já colaborava para jornais e disseminava pensamentos que hoje perfeitamente se harmonizam com a luta das mulheres deste tempo.</p> <p>1224. Evocar as mulheres de Tejucupapo, que marcaram a história de Pernambuco durante o período de luta contra a invasão holandesa. Essas mulheres puderam, num episódio singular da nossa história, evitar que os holandeses pudessem, ocupar uma vila onde hoje está a cidade de Goiana. Portanto, foi um belo exemplo da força e da capacidade de luta da mulher pernambucana.</p> <p>1225. A exemplo dos outros colegas que me antecederam, eu não poderia deixar também de evocar aqui algumas figuras que estão muito presentes na minha vida e que são referência, e mais do que isso, inspirações. A minha mãe, Maria do Carmo, uma mulher forte, que ainda conduz assim com muito carinho e, ao mesmo tempo, com muita força a nossa família, e que tem sido um esteio da nossa família. Quero também aqui lembrar da minha companheira, Mônica, e das minhas filhas, Cecília e Sophia.</p>
<p>19:20</p> <p>R</p>	<p>1226. Portanto, nesta data eu me associo às homenagens que esta Casa, em muito boa hora, presta à mulher do Brasil, na certeza de que nós precisamos, efetivamente, com a inspiração e o exemplo das mulheres, edificar uma sociedade mais justa que possa, de alguma maneira, incorporar valores que a</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>mulher brasileira tão bem encarna. Que possamos, a partir daí, construir uma sociedade mais cordial e uma sociedade mais justa.</p> <p>1227. Muito obrigado, Senadora Marta, pela tolerância.</p> <p>1228. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Marta Suplicy. PMDB - SP) – Obrigada, Senador Armando Monteiro.</p> <p>1229. Passo a palavra, agora, ao Senador Raimundo Lira; depois, ao último orador do dia, Senador Roberto Rocha.</p> <p>1230. Passo a Presidência ao Senador Paulo Paim, porque vou ter que me retirar.</p> <p>1231. <b>O SR. RAIMUNDO LIRA</b> (PMDB - PB. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidenta, Marta Suplicy, agora sendo substituída por outro amigo, o Senador Paulo Paim, na Presidência. Fiz questão de referenciar a Senadora Marta porque hoje é o dia em que as mulheres estão recebendo todas as nossas homenagens pela importância que têm em nossa vida.</p> <p>1232. Sempre tenho dito que tive muita sorte na convivência com as mulheres. Tive uma relação muito estreita com minha mamãe, Francinha Lira; depois, há 47 anos, mais 3 anos de namoro e noivado, com minha querida esposa, Gitana; depois a convivência com minha filha única, Isabela, uma menina extraordinária, mãe de dois filhinhos, meu netinho e minha netinha. Foram pessoas importantes na minha vida pessoal, Senador Paulo Paim.</p> <p>1233. Da mesma forma, as mulheres têm sido importantes na minha vida profissional. Como empresário, sempre procurei dar todas as oportunidades às mulheres. O que você tem de mais importante na empresa são os recursos financeiros, do ponto de vista material. Nas minhas empresas, os recursos financeiros quem controlava, quem administrava, sempre foram mulheres, porque elas são mais detalhistas, são mais fiéis, elas se apegam mais à empresa e, portanto, nos transmitem um grau de confiança muito elevado.</p>
19:24 <b>R</b>	<p>1234. E aqui no Senado Federal Silvia Suassuna é a minha chefe de gabinete, o que mostra o meu apreço e a minha confiança pelo trabalho das mulheres.</p> <p>1235. E aqui eu vou ler um pouco, nesse dia em que todos nós estamos homenageando as mulheres, as nossas mais próximas e as mulheres brasileiras e as mulheres paraibanas. Nós verificamos hoje que 52%, 53% das estudantes universitárias já são mulheres, o que mostra que, apesar de muitos problemas na relação social com as mulheres, nós verificamos que nós somos um país aberto e que nós estamos avançando nessa relação com as mulheres. Elas estão dia a dia ocupando mais espaços e, na medida em que vão ocupando esses espaços, logicamente, Senador Paim, elas vão conquistando novos degraus, e nós temos que estar com essa mente aberta, para que exista, na diferença que existe entre o homem e a mulher, o máximo de igualdade nas oportunidades que o País oferece aos seus filhos.</p> <p>1236. A cada ano, no Dia Internacional da Mulher, que comemoramos hoje, saudamos o magnífico e crescente papel das mulheres na sociedade contemporânea e renovamos votos que celebram maior solidariedade entre os seres humanos, independente do gênero.</p> <p>1237. O Senado entrega hoje o Diploma Bertha Lutz a cinco mulheres que contribuíram para a defesa dos direitos das mulheres e questões de gênero no Brasil.</p> <p>1238. A premiação, que ocorre anualmente, recebe o nome da Deputada Federal Bertha Maria Júlia Lutz, falecida em 1976, uma das pioneiras do feminismo no Brasil e líder na luta pelos direitos políticos igualitários. Ela se empenhou pela aprovação da legislação que deu às mulheres o direito de votar e de serem votadas.</p> <p>1239. Parabenizo as cinco agraciadas: Denice Santiago Santos do Rosário, Diza Gonzaga, Isabel Cristina de Azevedo, Raimunda Luzia de Brito e Tatiane Bernardi Teixeira Pinto.</p> <p>1240. Todos os anos reforçamos nosso desejo de que a convivência plena entre</p>

Horário	(Texto com revisão.)
19:28 R	<p>iguais – não importando o gênero da pessoa – deve ser um guia para uma sociedade mais evoluída. A mulher e a sua condição têm sido assuntos preocupantes em todo o mundo, principalmente pela complexidade da sua posição dentro da sociedade e a sua devida valorização.</p> <p>1241. No Brasil não é diferente. A própria legislação brasileira demonstra isso. A violência de gênero que atinge as mulheres, conjuntamente com as restrições impostas pela maternidade, os salários mais baixos que os salários dos homens pelo mesmo esforço laboral são sinais que reafirmam abertamente que o preconceito e a discriminação quanto ao gênero ainda persistem nos setores e mentes mais atrasadas do nosso País.</p> <p>1242. Alertamos para o fato de que mais de 500 mulheres foram agredidas fisicamente por hora no ano passado, no Brasil. Esse número é ainda maior quando se trata de violência verbal e psicológica. Uma em cada três mulheres já disse que sofreu algum abuso psicológico, verbal ou físico no ano passado. A pesquisa é do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.</p> <p>1243. Uma das formas, Senador Paim, de reduzir essa violência é a mídia brasileira criar na cabeça das pessoas a convicção de que um dos atos mais desprezíveis do ser humano é a covardia. No momento em que a sociedade brasileira esteja convencida de que bater numa mulher, de que agredir uma mulher de qualquer forma é um ato de extrema covardia que tira do homem qualquer dignidade que eventualmente ele possa ter será um grande passo para reduzir a violência. Então, na medida em que o homem se sinta um ser humano desprezível, indigno e covarde, com certeza, esses atos de violência contra as mulheres vão diminuir.</p> <p style="text-align: center;"><i>1244. (Soa a campainha.)</i></p> <p>1245. <b>O SR. RAIMUNDO LIRA</b> (PMDB - PB) – Porque ninguém quer ser reconhecido na sociedade como um indivíduo covarde, um indivíduo sem honra, um indivíduo sem dignidade.</p> <p>1246. Vivemos um processo muito lento de valorização feminina que vem sendo exposto e resolvido a duras penas, com trabalho diário de inúmeras entidades e órgãos que atuam em prol da mulher e também da confecção de uma legislação mais inteligente, no que tange à punição com maior rigor aos abusos cometidos no âmbito da questão de gênero. A Lei Maria da Penha, um dos diplomas legais mais importantes da história brasileira recente, é um verdadeiro símbolo da luta das mulheres por justiça, respeito e dignidade. Hoje temos a oportunidade de homenagear também a vida e a luta da guerreira que emprestou seu nome à lei e que, sem sombra de dúvida, é a grande responsável por sua criação: Maria da Penha Maia Fernandes, a farmacêutica que fez de sua tragédia pessoal o início de um movimento que revolucionou a luta contra a violência doméstica no Brasil.</p>
19:32 R	<p>1247. Maria da Penha levou mais de uma década para conseguir mover as lentas engrenagens da Justiça brasileira e para condenar seu agressor à prisão. A emblemática trajetória dessa corajosa nordestina, ao mesmo tempo em que expôs questões alarmantes da violência doméstica no Brasil, também representou, portanto, uma esperança em relação ao futuro da questão no nosso País. Dedicamos o dia de hoje para enaltecermos esses avanços, as conquistas da emancipação da mulher e a luta pela igualdade plena entre os sexos.</p> <p>1248. Nos dias atuais, são diversas as empresas e instituições que são conduzidas e chefiadas por mulheres que exercem suas atividades com muita competência e sensibilidade. Tais profissionais de sucesso têm provado que a capacidade feminina não se submete a constrangimentos preconceituosos, mas aos resultados de seu trabalho. A discriminação será banida, dia após dia, pela meritocracia, independentemente de gênero.</p> <p>1249. Na política, vemos surgir lideranças femininas proeminentes. Já temos governadoras, prefeitas e Parlamentares, cujo desempenho comprova a necessidade e a premência da participação da mulher na vida pública e política. Na minha querida Paraíba, são 39 prefeitas eleitas que estão trabalhando duro</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>pelo crescimento de seus Municípios.</p> <p>1250. E aqui eu aproveito a oportunidade para dizer que, agora há pouco, eu liguei para a jovem prefeita de Monteiro, no interior da Paraíba. Por que Monteiro? Porque sexta-feira o Presidente Temer vai em comitiva à Paraíba, até Campina Grande, de lá vamos nos deslocar até a cidade de Monteiro para inaugurar a chegada das águas da transposição do Rio São Francisco na cidade de Monteiro. E é lá onde essa jovem prefeita é a administradora, a Lorena. E teve a sua antecessora também prefeita, e por isso eu liguei para a Lorena, para, em nome dessas 39 prefeitas, homenageá-la, e por esse grande fato histórico, que é a chegada das águas da transposição do Rio São Francisco na cidade de Monteiro.</p> <p>1251. Hoje a mais alta corte do País, o Supremo Tribunal Federal, é presidido pela Ministra Cármen Lúcia, representação máxima da competência, do carisma e da liderança eminentemente feminina. Portanto, não me canso de enfatizar que a mulher está cada vez mais contribuindo para um mundo mais justo, digno e fraterno.</p> <p style="text-align: center;">1252. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1253. <b>O SR. RAIMUNDO LIRA</b> (PMDB - PB) – E aqui presto uma homenagem especial às paraibanas e às mulheres da minha vida: minha mãe, Francinha Lira; minha esposa, Gitana, minha companheira de uma vida inteira; minha filha Isabella; e minhas netas, Vitória, Marita e Marina, minha alegria de todos os dias.</p> <p>1254. Muito obrigado a todos os telespectadores da TV Senado, e os meus agradecimentos pela atenção das Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores.</p> <p>1255. Muito obrigado, Sr. Presidente.</p> <p>1256. <i>(Durante o discurso do Sr. Raimundo Lira, a Sr<sup>a</sup> Marta Suplicy deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Paulo Paim.)</i></p>
19:36 <b>R</b>	<p>1257. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco/PT - RS) – Muito bem, Senador Raimundo Lira.</p> <p>1258. Chamamos, neste momento, o Senador Paulo Rocha. <i>(Pausa.)</i></p> <p>1259. O Senador Paulo Rocha já anunciou que não virá. Então, chamo o Senador Roberto Rocha.</p> <p>1260. Em seguida, o Senador Cassol, como último orador inscrito.</p> <p>1261. Meus cumprimentos, pelo pronunciamento, ao Senador Raimundo Lira, brilhante como sempre.</p> <p>1262. <b>O SR. ROBERTO ROCHA</b> (Bloco/PSB - MA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Paulo Paim, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, eu quero, em breves palavras, fazer uma saudação também à mulher brasileira, à mulher maranhense.</p> <p>1263. Eu quero saudar todas as mulheres aqui, colegas Senadoras, que conosco dividem essa atribuição de representar os nossos Estados no Senado Federal. Presto, na figura da Senadora Marta, que estava conosco até há pouco, a homenagem, em nome de quem cumprimento todas as Senadoras do Senado Brasileiro, do qual, com muito orgulho, também faço parte.</p> <p>1264. Quero cumprimentar, para homenagear, as mulheres da minha família: a minha mãe e a minha esposa. Quero cumprimentar as mulheres que trabalham conosco, no Senado Federal, na pessoa da Carol, que está ali, e em nome de quem cumprimento todas as mulheres que trabalham conosco nos gabinetes de Brasília, de São Luís e de Imperatriz, no Maranhão.</p> <p>1265. E, claro, quero fazer uma saudação também muito especial à mulher maranhense, na figura da quebradeira de coco-babaçu. Para mim, é quem tem a cara, o rosto, a face da mulher maranhense. Eu sei que centenas de milhares estão labutando no dia a dia e que merecem hoje e todos os dias as nossas homenagens.</p> <p>1266. Sr. Presidente, o mundo inteiro celebra hoje o Dia Internacional da Mulher.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Para muitos ainda é uma data apenas para realçar o significado da presença feminina. Se assim fosse, seria tão somente uma ocasião para homenagens, mas a verdade é que esta data é muito mais que isso. Ela faz parte de uma ação estratégica afirmativa para chamar a atenção para os terríveis problemas que afligem, em boa parte, todas as mulheres do Planeta: questões como a violência contra a mulher, a divisão sexual do trabalho, a precarização do trabalho feminino, a jornada tripla, a disparidade salarial, a criminalização do aborto, para citar alguns exemplos.</p> <p>1267. Recolhi de um interessante artigo publicado pela jornalista Letícia Sorg, do jornal <i>Estadão</i>, uma lista de motivos que respondem à singela pergunta: por que precisamos celebrar o Dia da Mulher? Em primeiro lugar, porque as mulheres trabalham, em média, sete horas a mais que os homens, a cada semana. Considerando a jornada dentro e fora de casa, elas somam 53,6 horas de trabalho; e os homens, 46,1. Mesmo trabalhando mais, elas ganham, em média, 75% do salário de um homem no mesmo cargo e ainda encontram muito mais obstáculos para subir na carreira. Elas ocupam hoje 58% dos postos de estagiários, mas apenas 11% dos conselhos de administração.</p>
<p>19:40</p> <p>R</p>	<p>1268. Outro dado impressionante: quatro mulheres morrem por dia no Brasil por complicações do aborto e 200 mil são internadas por ano ao tentar interromper a gravidez. O quadro da violência doméstica não é menos grave: 38% das mulheres assassinadas são mortas pelos próprios parceiros. É a quinta maior taxa de feminicídio do mundo. Segundo os números oficiais, uma mulher é estuprada no Brasil a cada 11 minutos. Considerando que muitas deixam de denunciar a violência, a frequência pode ser de um caso por minuto, ou mais de meio milhão de mulheres vítimas a cada ano.</p> <p>1269. A representação política também é muito desigual. Apenas 10% dos Parlamentares e 5% dos chefes de Estado são mulheres. Isso dá ao País a posição de número 86 num <i>ranking</i> de 140 países. Considerando todos os outros critérios – como acesso a saúde, educação, crédito e situação no mercado de trabalho –, o Brasil está em 79º na lista da desigualdade de gênero, atrás da maioria dos países da América do Sul. São esses números chocantes que devemos realçar no dia de hoje, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores.</p> <p>1270. Que a luta das mulheres prossiga sem trégua, todos os dias do ano, para que o Dia Internacional da Mulher venha a ser um dia de celebração e júbilo, e que esses números da desigualdade de gêneros sejam coisa verdadeiramente do passado!</p> <p>1271. Muito obrigado.</p> <p>1272. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco/PT - RS) – Cumprimento o Senador Roberto Rocha.</p> <p>1273. Permita-me, Senador Roberto Rocha, vou ser muito direto e tranquilo, dizer a V. Ex<sup>a</sup> que fiquei muito chateado hoje lá na CCJ, porque eu tinha entendido que havia um acordo. E depois me disseram que V. Ex<sup>a</sup>, por uma questão de orientação partidária, teve que pedir vista ao projeto que iria garantir que, quando houver eleição de dois Senadores, um tem que ser uma Senadora. Então, eu só queria dizer a V. Ex<sup>a</sup> que esse momento a gente relatou aqui, mas o apelo que fica é só esse. Eu quero falar aqui primeiramente a todo o País, a todos os que assistem à TV Senado e viram o meu ponto de vista. De forma tal que a gente possa, na próxima terça-feira ou quarta-feira, apreciar a matéria e votar. E espero, claro, com o apoio de V. Ex<sup>a</sup>.</p> <p>1274. É um pedido que estou fazendo. Não é uma crítica; é um pedido.</p> <p>1275. <b>O SR. ROBERTO ROCHA</b> (Bloco/PSB - MA) – Com certeza, Sr. Deputado Paulo Paim; desculpe, Senador Paulo Paim. Fomos Deputados juntos com muito prazer e satisfação.</p> <p>1276. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco/PT - RS) – Fomos Deputados juntos e sempre estivemos na mesma trincheira.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>1277. <b>O SR. ROBERTO ROCHA</b> (Bloco/PSB - MA) – Sei do trabalho, da dedicação, do zelo no exercício dos seus mandatos. Eu acho que essa é uma matéria importante. Cumprimentei o Autor e o Relator. Porém, me achei no dever de contribuir com a matéria, uma vez que eu não tinha participado dessa discussão.</p> <p>1278. De tal modo que eu usei o instrumento regimental para que a gente pudesse, na Bancada do nosso Partido, discutir o assunto e colocar, claro, o mais breve possível, para ser deliberado.</p> <p>1279. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco/PT - RS) – Como eu entendi lá que, devido à importância do tema, sendo hoje 8 de março, foi para uma vista coletiva, acho que podemos, então, fazer um acordo de V. Ex<sup>a</sup> dar a sua opinião na próxima reunião.</p>
19:44 R	<p>1280. <b>O SR. ROBERTO ROCHA</b> (Bloco/PSB - MA) – Mas é claro.</p> <p>1281. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco/PT - RS) – Tranquilo.</p> <p>1282. <b>O SR. ROBERTO ROCHA</b> (Bloco/PSB - MA) – Evidentemente, sem nenhum problema.</p> <p>1283. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco/PT - RS) – Com o apoio da Senadora aqui do nosso lado, que disse: "É importante a opinião dele, Paim."</p> <p>1284. O.k, Senador? Nos encontramos lá, então, na terça-feira e tenho certeza de que a sua opinião será favorável.</p> <p>1285. <b>A SR<sup>a</sup> MARTA SUP LICY</b> (PMDB - SP. <i>Fora do microfone.</i>) – Tem um microfone?</p> <p>1286. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco/PT - RS) – Eu passo para você aqui já, as mulheres presidem sempre. E eu fico aqui.</p> <p>1287. (<i>O Sr. Paulo Paim deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Sr<sup>a</sup> Marta Suplicy.</i>)</p> <p>1288. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Marta Suplicy. PMDB - SP) – É um comentário.</p> <p>1289. A importância deste projeto é que, segundo todos os estudos, se não for aprovado alguma coisa dessa natureza, Senador, vai ser somente em 2118 que nós vamos conseguir não a paridade, mas 30%. Então, parece razoável que a gente consiga caminhar nessa direção, porque hoje os partidos, com toda a questão da lei e tal, o tribunal mais vigilante, nós temos menos laranjas e tudo mais, mas os partidos realmente não dão oportunidade à mulher e ainda dizem que a mulher não quer. É claro que a mulher não quer, ela não tem a mínima chance de ganhar, ela não tem recursos, ela não tem apoio partidário e está ali numa lista que não está levando a nada. E eu falo isso porque fui autora das cotas. São décadas mostrando que isso não adiantou.</p> <p>1290. As cadeiras, o que vai acontecer? Os partidos políticos vão ter uma preocupação muito maior, porque eles vão procurar mulheres para ganhar a eleição, porque é uma cadeira para cada partido. Eles vão procurar mulheres que, além de mulheres qualificadas – e hoje muitas das que concorrem são qualificadas –, vão ser mulheres que estão lá para ganhar. E vão ser suprapartidárias, as que forem as dez mais votadas serão as que vão entrar.</p> <p>1291. Então, eu acho que, neste sentido, nós vamos fazer um trabalho, Senadora, Senador, para a gente conseguir fazer o pleito, porque acho que será para 2026, está longe, mas nós pensamos que dessa forma talvez a gente consiga fazer alguma mudança aqui no Senado.</p> <p>1292. Vocês têm visto que as Senadoras são poucas, mas muito aguerridas, dão muito trabalho aqui, mas é para o bem da sociedade.</p> <p>1293. Obrigada e desculpe-me esta intervenção aqui no meio.</p> <p>1294. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco/PT - RS. <i>Fora do microfone.</i>) – As mulheres mandam hoje.</p> <p>1295. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Marta Suplicy. PMDB - SP) – Agora vamos escutar... O Senador Ivo Cassol ainda não falou, falou?</p> <p>1296. Então, agora, com a palavra e desculpe-me esta interrupção, afinal é o nosso</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>dia.</p> <p>1297. <b>O SR. ROBERTO ROCHA</b> (Bloco/PSB - MA) – Senador Cassol, permita-me, só para poder, em homenagem à Senadora Marta, fazer, em 30 segundos, um comentário sobre a fala dela.</p> <p>1298. A minha intenção é apenas trazer luz para essa importante proposta, considerando que já existe, no art. 10, §3º, da Lei 9.504/97, um dispositivo que trata da questão das cotas de gênero, estabelecendo o mínimo de 30% e o máximo de 70%. É claro que nós estamos tratando, neste caso, do que está na lei, de cotas de eleições proporcionais. Neste caso nós estamos tratando de eleição majoritária, apenas essa combinação de fatores que eu gostaria de estudar melhor.</p> <p>1299. Muito obrigado, companheiro.</p> <p>1300. <b>O SR. IVO CASSOL</b> (Bloco/PP - RO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – O.k? Obrigado.</p> <p>1301. É com alegria que eu quero aqui cumprimentar, especialmente neste dia especial, o Dia Internacional da Mulher, das mulheres, a minha mãe, Elga Cassol, que, neste instante, neste momento, está lá na cidade de Santa Luzia d'Oeste, na linha 45, na antiga Vila Cassol, onde nós começamos, em 1977, em nome dela, dessa mulher guerreira, lutadora, que dá um exemplo de vida não só para mim, como filho, mas para minhas irmãs e para toda a família, para os netos. Mesmo com setenta e poucos anos de idade, parece que não se cansa. Ao mesmo tempo, essa mulher guerreira é um exemplo de vida, determinação e sangue.</p>
<p>19:48</p> <p>R</p>	<p>1302. Então, aqui, minha mãe, que está me assistindo... Falei com ela agora há pouquinho, por telefone, porque ia usar a tribuna e parabenizar, em nome da minha mãe... Tudo o que aprendi na vida e carrego aqui, como representante do povo do Brasil, especialmente do povo do Estado de Rondônia...</p> <p>1303. Não seria diferente aqui, Srª Presidente, Senadora Marta. Eu também, em seu nome, cumprimento as demais mulheres da Nação, especialmente as do seu Estado de São Paulo. Mas eu queria também aproveitar este momento de homenagem... Essa mulher guerreira, essa mulher lutadora, que aceitou, lá no passado, em 1978, começar a namorar esse rapaz, um jovem sonhador. Em 1980 – dia 23 de fevereiro agora, eu e minha esposa Ivone fizemos 37 anos de casados. Nós temos três filhos: o Júnior, casado com a Ecclesiane, outra mulher guerreira também. Tenho dois netos: o Ivo Neto e a Angelina. Também tenho a minha filha Juliana, com dois filhos: o Enzo e a Alicia. Tenho também minha filha caçula, Karine, casada e, com certeza, sonhando em constituir uma família. Então, a minha esposa, Ivone, é uma pessoa de coração extraordinário, porque, na atual conjuntura em que vivemos, a gente se dispõe 24 horas por dia, 7 dias por semana, 30 dias por mês a estar na política, ajudando e participando de todos eventos na sociedade. Essa guerreira, a Ivone Mezzomo Cassol, minha esposa, Srª Presidente, toda segunda-feira sai comigo de Rondônia, por Porto Velho ou Cacoal, e vem junto comigo a Brasília. Ela fica comigo aqui em Brasília na segunda-feira, na terça-feira, na quarta-feira. Na quinta-feira, a gente volta para o Estado de Rondônia.</p> <p>1304. Digo o seguinte... Às vezes o pessoal está assistindo e fala: "Bom, o Ivo Cassol é Senador, então quem está pagando passagem da esposa dele, Ivone, é o Senado". Não, não é verdade. Quem paga passagem da Ivone para me acompanhar toda semana... Não é fácil enfrentar três, quatro horas de avião nesse percurso, ao mesmo tempo deixando os netos para trás e acompanhando o marido. Mas a minha esposa está certa, porque essa mulher guerreira, no dia a dia, continua a luta e continua junto com aquele que ajudou a constituir família e fazer, do suor e do sonho, a realidade do povo no Estado de Rondônia.</p>
<p>19:52</p>	<p>1305. E toda conquista que consegui como político, como prefeito, como Governador do Estado de Rondônia e agora como Senador, eu quero aqui, em</p>

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>homenagem às mulheres, especialmente a todas as mulheres do Estado de Rondônia, em homenagem à minha mãe, Elga Cassol, às minhas irmãs, Jaqueline, a nossa caçula, que é determinada, arrojada, à Ivone, à minha nora, às minhas filhas, deixar esse legado positivo.</p> <p>1306. Alguns homens costumam dizer que atrás de um grande homem tem uma grande mulher. Eu digo o contrário, Sr<sup>a</sup> Presidente. As mulheres não estão atrás, as mulheres estão ao lado de um grande homem. E se eu sou, fui ou estou sendo um grande homem na vida política, como político, ou mesmo na vida empresarial, é porque tenho a minha esposa ao meu lado. Ela está do meu lado, nunca está atrás. Nem eu estou na frente e nem ela está atrás.</p> <p>1307. Então, em nome delas que deixo o meu abraço.</p> <p>1308. Eu vi a Sr<sup>a</sup> Presidente, Senadora Marta, conversando sobre esse projeto em que foi pedido vista para poder aumentar a vaga para as mulheres. Eu quero dar aqui a minha opinião pessoal, à qual tenho direito como Senador. Quero dizer que a nossa legislação, por mais que a gente crie aqui mecanismos para as mulheres ocuparem espaço, mas se nós não fizermos uma campanha, se nós não fizermos um movimento para que as mulheres ocupem esse espaço, não adianta criar, porque fica vazio.</p> <p>1309. Eu vou dar um exemplo para a senhora aqui. Sou Presidente de Honra do PP do Estado de Rondônia. Nas eleições municipais e estaduais, a gente tem dificuldade para colocar as mulheres, porque, por mais que existam algumas que saem, que se expõem, que se colocam à disposição, pela tarefa do dia a dia, pelos filhos, por tudo que tem junto, mesmo com a legislação que permite que 30% das mulheres ocupem o espaço nessa vida política, nessa conjuntura, tanto na Câmara, para disputarem as vagas de igual para igual, muitas vezes há dificuldade para preencher essas vagas. E não é porque os homens atrapalham, não. No Estado de Rondônia, como líder e como Senador, e a Jaqueline, a minha irmã, Presidente, que é mulher, é guerreira, foi minha secretária, minha irmã caçula, correu atrás, buscou, incentivamos, fizemos encontros. A Senadora Ana Amélia, do Rio Grande do Sul, do Paim, que é a nossa Presidente da Fundação Milton Campos, liberou recurso para fazer eventos para motivar as mulheres a participarem mais.</p> <p>1310. Então, o que quero pedir neste momento, neste dia especial, por mais que estejamos aqui empenhados em melhorar as leis e facilitar, não basta, Senadora Marta, só colocar aqui no Senado. Nós precisamos também aumentar o número de mulheres lá na Câmara. Nós precisamos também, nesse mesmo projeto de lei, aumentar o número de mulheres nas câmaras municipais, nas assembleias legislativas. Por que vamos tratar só o Senado de forma diferenciada, quando as mulheres estão em todos os lugares? Quando as mulheres fazem parte de nossa vida? Quando as mulheres fazem parte do dia a dia e estão do nosso lado? Não estão atrás, como disse, e nem nós estamos na frente, mas estão do nosso lado.</p> <p>1311. Então, o que precisamos, nesse projeto de lei, é consolidar, desde as câmaras municipais, desde as prefeituras, pois só há uma vaga, não há como escolher se é homem ou mulher, quem escolhe é a sociedade, mas nós precisamos é que mais mulheres participem, que mais mulheres venham ao encontro no atendimento, na aclamação da população, porque a mulher tem o coração mais flexível, a mulher tem o coração, não é que seja mais doce, mas o seu coração, por ser mãe, por ser avó, por ser tudo, ela compreende muito mais quando nós, homens, muitas vezes somos muito rápidos e muitos práticos.</p>
19:56 R	<p>1312. Portanto, é fundamental, Senadora Marta, nós começarmos, aqui pelo Senado, a fazer campanhas, a fazer algum caminho em que as mulheres participem mais. Porque a política, a administração de uma empresa, a administração de um Município, no Legislativo ou no Judiciário ou no Ministério Público, não têm que ser pautadas somente por maioria de homens. Não! Que</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>ocupem mais espaços!</p> <p>1313. E por que ocupem mais espaços? Porque a quantidade e a qualidade da capacidade das mulheres são idênticas às dos homens. Nós somos seres humanos, e cada um com as suas potencialidades.</p> <p style="text-align: center;">1314. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1315. <b>O SR. IVO CASSOL</b> (Bloco/PP - RO) – E nós temos, Srª Presidente... A maioria dos nossos habitantes são mulheres, são do sexo feminino.</p> <p>1316. Então, é isto que é importante: essa conscientização. E este dia 8 de março – que eu não considero o dia internacional, eu considero todos os dias, todas as semanas, todos os meses e todos os anos – é o Dia Internacional das Mulheres.</p> <p>1317. Então, fica aí o meu abraço em homenagem à minha mãe, Elga Cassol; à minha esposa, Ivone; e, em nome da Jaqueline, às minhas irmãs; enfim, a todo mundo.</p> <p>1318. Eu queria aproveitar também aqui, antes de encerrar: nós temos um evento na segunda-feira, em Rondônia, com o Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Blairo Maggi, nosso Senador e colega aqui, que vai chegar às 16h no aeroporto de Porto Velho. Estará, junto com o Ministro, também, o secretário que faz parte do Ministério, o Coronel Novacki...</p> <p style="text-align: center;">1319. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1320. <b>O SR. IVO CASSOL</b> (Bloco/PP - RO) – ...para que a gente possa fazer um evento junto com todos os prefeitos, junto com todos os secretários de agricultura do Estado e com o setor produtivo de Rondônia.</p> <p>1321. E aqui ainda, Srª Presidente, eu vou pedir agora mais cinco minutinhos, porque eu gostaria, somente, de concluir – sai um pouco da homenagem especial, mas eu queria aqui pedir essa compreensão.</p> <p>1322. Muitas vezes, a imprensa nacional divulga os processos dos políticos, mas, quando o político tem sucesso, vence o processo, na maioria das vezes, a imprensa sequer coloca em destaque quando um político, representante do povo, tem uma vitória. E ontem eu tive uma vitória. Não é eu, Ivo Cassol, que teve vitória: quem teve foi a minha família inteira, porque a gente divide as alegrias, divide os apertos. Mas, especialmente, essa vitória foi do povo do Estado de Rondônia.</p> <p style="text-align: center;">1323. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1324. <b>O SR. IVO CASSOL</b> (Bloco/PP - RO) – O TSE, ontem, Srª Presidente, absolveu, por unanimidade, a minha pessoa. Havia um processo de cassação do meu mandato, impetrado contra mim pelo Ministério Público e pela coligação comandada pela ex-Senadora Fátima Cleide, em que eu coloquei mais de 228 mil votos à frente, coloquei o dobro de votos à frente dela. Não satisfeitos, entraram na Justiça porque eu participei de um culto evangélico do apóstolo Valdemiro Santiago, na cidade Rolim de Moura.</p> <p>1325. Nesse culto, eu entrei calado e saí mudo. O que eu fui lá pedir foi oração. Eu acho que isso não é pecado em lugar nenhum. O mínimo que as pessoas podem fazer é agradecer a Deus, agradecer a essas pessoas, a essas lideranças religiosas. Que orem pelas nossas autoridades, que orem não só pelo Senador Ivo Cassol mas por todos os Senadores, para o Presidente da República, para o prefeito, por todo mundo. E, ao mesmo tempo, eu sei o sacrifício do povo do meu Estado de Rondônia, pelo que passou e por que passa todo esse tempo. Ao mesmo tempo, quando acontece uma vitória igual à que eu tive ontem, em compensação, os adversários, os inimigos colocam mais dez processos no nosso lombo.</p> <p>1326. Eu sempre digo e continuo dizendo: aquele que tem coragem de mudar, de fazer as mudanças e as transformações, se tiver medo nunca tem sucesso.</p>
20:00	<p>1327. Hoje, na situação em que a gente vive, em que tudo é judicializado; hoje, por qualquer coisa, infelizmente, a gente é denunciado, muitas vezes sem sequer haver uma prova contra. E nos meus processos, Srª Presidente, eu não tenho</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>nenhum por roubo, eu não tenho nenhum por desvio de dinheiro, eu não tenho nenhum por subfaturamento, eu não tenho nenhum por pagamento de obra que não foi executada. Os meus processos são por enfrentamento. Os meus processos são em defesa do povo, para que as coisas aconteçam. Então, ao mesmo tempo, eu sei que incomodo a muitos.</p> <p>1328. Da mesma maneira como, no passado, Sr<sup>a</sup> Presidente ...</p> <p style="text-align: center;">1329. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1330. <b>O SR. IVO CASSOL</b> (Bloco/PP - RO) – ... não tive apoio onde tinha que ter apoio. Eu gravei os Deputados do meu Estado, denunciei-os – isso passou no Fantástico, isso passou na mídia –, e hoje boa parte deles está cumprindo pena e outros fugiram, estão no globo, rodando por aí. E não desisto disso.</p> <p>1331. Mas, ao mesmo tempo, quero agradecer ao povo do meu Estado e dizer que, com certeza, por mais que isso seja das mãos do homem, eu quero aqui agradecer porque foi feita justiça. E é isso que eu busco. Eu não busco nada mais que isto: eu só busco justiça. Com certeza essa justiça está vindo pelos homens, mas principalmente porque os amigos, as amigas, especialmente as mulheres, as senhoras do círculo de oração, estão indo à igreja ou mesmo em casa, de joelhos, nas suas orações, pedir pelo Ivo Cassol. Porque hoje o povo de Rondônia, quando fala em governador, quando fala de prefeito de Rolim de Moura, tem saudade da pessoa,...</p> <p style="text-align: center;">1332. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1333. <b>O SR. IVO CASSOL</b> (Bloco/PP - RO) – ... do ex-Governador Ivo Cassol. Nos quatro cantos do Estado de Rondônia, se a eleição fosse hoje, Presidente Marta, nobre Senadora, se a eleição fosse hoje eu teria mais de 80% dos votos. Não sou eu que estou falando, é só fazer pesquisa. Isso se deve ao trabalho que eu fiz nos oito anos e à maneira como o Estado está abandonado, hoje, sem credibilidade.</p> <p>1334. Mas eu agradeço esse carinho que as pessoas têm e sempre tiveram por mim. E eu nunca tive vergonha. E sempre com muita humildade, eu venho aqui de público, desta tribuna do Senado, mais uma vez agradecer a cada um dos meus amigos, das minhas amigas, dos homens e das mulheres, principalmente do círculo de oração, que vão à igreja e sempre têm orado. E com certeza o maior advogado é Ele, o nosso Pai Celestial – Ele que sempre tem me cuidado, tem me guiado, tem me fortalecido e me dado força, saúde e paz, porque do resto a gente corre atrás.</p> <p>1335. E viva o Dia Internacional da Mulher!</p> <p>1336. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Marta Suplicy. PMDB - SP) – Obrigada, Senador Ivo Cassol.</p> <p>1337. Eu gostaria de dizer uma palavra. Logo que V. Ex<sup>a</sup> mencionou a questão da... Como foi uma sessão muito informal, houve uma conversa com o Senador Rocha, com o Senador Paim, que estava presidindo, e aí V. Ex<sup>a</sup> entrou também na conversa. E foi muito bom, porque nos propiciou uma reflexão que é algo muito comum que nós, mulheres, escutamos dos políticos: "Vocês não querem." V. Ex<sup>a</sup> até mencionou a sua filha, que se dedicou a buscar candidatas, mas as mulheres não queriam. Eu acredito que isso é absolutamente verdadeiro. A maioria das mulheres não quer e elas têm toda a razão em não querer. Sabe por quê? Porque elas vão concorrer para não ganhar. Elas vão concorrer para fazer número. Elas não têm oportunidade igual, não têm o recurso dos candidatos, não têm o apoio do partido e elas realmente, passado o tempo, perceberam isso. E com as cotas – fui eu que fiz as cotas, vinte anos atrás – nós achamos que isso tenderia a mudar. O que nós percebemos é que as mulheres não são tontas. Elas não querem mais fazer esse papel. Elas querem ter o direito de concorrer e poder ganhar.</p>
20:04	1338. Como nós percebemos que fizemos várias tentativas e isso não foi possível nesta sociedade, que ainda é bastante machista, nós resolvemos ter outra

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>atitude, Senadoras e Deputadas. Estamos propondo essa possibilidade de cadeiras. Não é mais cota para poder concorrer, porque isso nós vimos na prática por mais de uma década: não funciona.</p> <p>1339. Agora, quero que V. Ex<sup>a</sup> volte a Rondônia e pergunte a essas mulheres se, com garantia de cadeiras, elas não vão se matar para saber quem vai entrar – vão. Vão porque aí é alguma coisa em que elas têm certeza que vão ter uma oportunidade, uma oportunidade de concorrer com seus pares, com as mesmas oportunidades. Isso vai fazer uma enorme diferença. E as pesquisas mostram que, se não fizermos uma ação afirmativa, que é o nome que se dá a isso, nós vamos demorar no Senado para ter... Do jeito que a coisa anda, nós vamos demorar até 2118 para termos não uma equidade de 50%, mas 30% de mulheres – e isso não quer dizer que sejamos melhores ou piores.</p> <p>1340. Eu acho que V. Ex<sup>a</sup> mencionou – e eu gostei muito dessa parte – que a mulher tem outra experiência. A mulher tem outra experiência: nós cuidamos nos idosos, nós cuidamos das crianças, nós cuidamos dos doentes. Essa experiência – que não é de uma geração, é uma experiência de séculos – nos faz trazer para o Senado Federal alguma coisa diferente da experiência masculina. Nem melhor, nem pior: diferente. É isso que nós queremos.</p> <p>1341. Quando V. Ex<sup>a</sup> diz: "Tem que começar nas câmaras, tal...", Senador, o senhor provavelmente não estava aqui no dia da votação. Nós votamos o projeto, o projeto que dá agora cadeiras às mulheres Deputadas. Passou neste Senado, está na Câmara. Nós vamos ter no primeiro ano 10% de cadeiras – cadeiras, não é mais vaga para concorrer – para as Deputadas; depois de quatro anos, 12%; depois de mais quatro anos, 16%; e, aí, a gente espera que as mulheres prossigam já com uma possibilidade muito mais forte do que tivemos até hoje. Acredito, Senador, que essas discussões vão correr aqui no Parlamento e espero que nós possamos criar uma sensibilidade na Casa.</p> <p>1342. Agora nós estamos fazendo um debate, mas está muito bom, acho que aqui ninguém está reclamando. Então, nós podemos ouvir V. Ex<sup>a</sup>. Deixa eu pôr o tempo aqui. Vou pôr quatro minutos e...</p> <p>1343. <b>O SR. IVO CASSOL</b> (Bloco/PP - RO) – Obrigado.</p> <p>1344. Sr<sup>a</sup> Presidente, Senadora Marta, eu quero dizer o seguinte: que eu participei, votei. Eu dei como exemplo os 30% que já existem e as dificuldades que a gente tem. Do meu ponto de vista, quatro, seis, dez é pouco para as mulheres, quando as mulheres, na verdade, são 51%; do sexo feminino, as mulheres, nossas jovens, as meninas, as moças, todas e os homens são 49%. Não se passaram esses índices para o IBGE.</p> <p>1345. O que eu estava dizendo aqui, e vou voltar a frisar, é o exemplo do Estado de Rondônia: não foi falta de dinheiro. A minha irmã, por exemplo, a Jaqueline, era candidata a Governadora; a minha esposa era candidata ao Senado; e não foi por falta de dinheiro. E as outras que foram candidatas a deputadas federais na nossa coligação, não foi por falta de dinheiro, porque a distribuição foi igual. Lá eu fiz diferente e quero deixar aqui bem claro para o pessoal que está me assistindo em Rondônia e assistindo no Brasil: eu não sou nenhum cacique a nível nacional, mas no nosso Estado de Rondônia eu sempre fiz a campanha pautada e privilegiando com igualdade.</p>
20:08 R	<p>1346. Se um homem tinha direito a R\$1 ou um santinho, a mulher também tinha. Portanto... E não é porque era minha esposa e vice-versa. Se perguntar para a minha esposa hoje – ela está em casa e está me vendo; Senadora Marta, a senhora a conhece –: "Ivone, você topa vir novamente a ser candidata?", ela não quer nem por encomenda, porque o jogo é bruto, o jogo é pesado. Na política, infelizmente, há muita podridão. Há muita podridão. É verdade. Eu falo isto porque me enoja muitas vezes a maneira como é. Eu estou aqui defendendo a fosfoetanolamina, e aí vêm os laboratórios e vêm esses esquemas, esses caras que só pensam em dinheiro... É podridão, é podre! Então, muitas vezes, a</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>mulher, com o coração que tem, dos idosos, tudo que a senhora falou, ela não quer se expor, não quer ir mais longe. Ela falou: "Não, me deixa aqui cuidando da família."</p> <p>1347. Então, o que nós precisamos fazer? Na verdade, não basta só lei. Nós precisamos de mais do que a lei; nós precisamos começar a fazer igual... Nós já começamos com a Senadora Ana Amélia em Rondônia, com a Fundação Milton Campos, a preparar essas jovens que estão na faculdade para que elas ocupem esse espaço, porque, antigamente, uma jovem de 17, 18 anos se preocupava em ter um bom casamento; hoje, não, ela se preocupa primeiro em ter uma formação para depois ir buscar a constituição de uma família.</p> <p>1348. Mas, aproveitando para encerrar aqui, Senador Paim, o senhor começou com a CPI, e eu subscrevi junto com o senhor essa CPI... Vamos deixar bem claro: nós não estamos aqui para atrapalhar o Governo Federal, a pessoa do Presidente, de maneira nenhuma. Eu acredito que a reforma da previdência tem que existir, mas eu não posso concordar com a reforma da previdência com tantas empresas grandes, milionárias, sonogando encargos sociais.</p> <p style="text-align: center;">1349. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>1350. <b>O SR. IVO CASSOL</b> (Bloco/PP - RO) – A exemplo disso, há, no meu Estado de Rondônia – não vou mais dar nome aqui... Só para concluir, para fortalecer. Portanto, Senador Paim, nós precisamos da reforma da previdência? Precisamos, mas precisamos também saber quem são os maiores devedores de encargos sociais, aqueles que não pagam impostos, que usam firmas laranjas, que usam pessoas inocentes e deixam os encargos sociais para trás. Há muitos no meu Estado de Rondônia, há muitos no Brasil, e nessa CPI nós vamos apurar isso.</p> <p>1351. Pode ter certeza de que eu estarei junto com o senhor, junto com o povo brasileiro, para que a gente possa, acima de tudo, cortar onde há essa sonogação... E o pior não é isso. Sabem o que é? Essas empresas têm concessão pública federal, têm concessão pública de transporte.</p> <p>1352. Vou encerrar aqui, Presidente. Só um minuto.</p> <p>1353. Elas têm concessão pública. Não dá para aceitar. Elas mudam de nome, o Poder Público dá concessão, e o débito continua.</p> <p>1354. Pois não, Senador Paim.</p> <p>1355. <b>O Sr. Paulo Paim</b> (Bloco/PT - RS) – Senador Cassol, menos que um minuto. Primeiro, quero dizer que V. Ex<sup>a</sup> foi um dos primeiros a apoiar...</p> <p style="text-align: center;">1356. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>1357. <b>O Sr. Paulo Paim</b> (Bloco/PT - RS) – Senadora Marta, com alegria, hoje eu vi que a Bancada feminina... Eu diria que toda ela, porque a única Senadora que falta assinar disse que até amanhã fala comigo. Toda a Bancada feminina está apoiando a CPI, mostrando a coragem das mulheres. V. Ex<sup>a</sup> me deu esse relato, e V. Ex<sup>a</sup> foi corajoso: "Pode dizer o nome dos Parlamentares, e diga que eu disse," – eu preferi não dizer até nós instalarmos a CPI – "dos que devem mais de R\$1 bilhão." Recebem do trabalhador, sonogam e não pagam à Previdência. É por isso que é importante instalar a CPI. Concluindo, Senadora, hoje nós temos 41 assinaturas; precisávamos de somente 27, e tenho certeza de que vai chegar, no mínimo, a 45 ou 50, porque outros Senadores – como, hoje, o Senador Caiado e outros – me procuraram e já assinaram. Essa CPI não é ideológica, não é partidária, é para investigar as contas da Previdência. Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>! Parabéns, Senadora Marta!</p>
20:12 <b>R</b>	<p>1358. <b>A SR<sup>a</sup> PRESIDENTE</b> (Marta Suplicy. PMDB - SP) – Muito obrigada ao Senador Cassol e ao Senador Paim.</p> <p>1359. Antes de encerrar, eu gostaria de dizer, falar uma última palavra. Hoje nós aprovamos vários projetos relacionados às mulheres, aos direitos das mulheres. Mas eu não poderia terminar este dia sem dizer da minha alegria: depois de uma luta de 30 anos, nós aprovamos aqui, na Comissão de Constituição e Justiça, o</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>casamento homoafetivo. Essa foi uma luta que eu, pessoalmente, na minha vida coloquei como uma das reivindicações que gostaria de conquistar no sentido de cidadania plena a todos os cidadãos.</p> <p>1360. Em 1980, isso começou na <i>TV Mulher</i>. Eram palavras que não se podia pronunciar, nesse sentido: um assunto tabu. Já como Deputada, em 1995, nós fizemos o primeiro projeto, muito tímido, porque a palavra casamento não poderia ser usada – era parceria civil entre pessoas do mesmo sexo –, que foi votado numa comissão especial com a representação de quatro comissões e está até hoje no plenário.</p> <p>1361. Só voltou a ser falado em 2011, quando o Supremo Tribunal Federal se posicionou em relação ao direito homoafetivo na união estável, equiparando-a à união estável de heterossexuais e ampliando o conceito de família para o novo século, quando as famílias são compostas de muitas formas. Depois disso, alguns cartórios se negavam, criavam problemas para cumprir essa determinação. Foi feita uma resolução pelo Conselho da Justiça dizendo que os cartórios tinham de cumprir o que foi determinado pelo Supremo, inclusive o casamento homossexual.</p> <p>1362. Agora, como resolução não é lei e pode mudar, em 2011 eu fiz uma lei, um projeto de lei, para que fosse transformado em lei o que o Supremo havia decidido, e o casamento. Isso foi em 2011. Isso foi votado na Comissão de Direitos Humanos e só hoje ele foi votado aqui no Senado Federal, na Comissão de Constituição e Justiça – com um relatório irretocável, brilhante, do Senador Roberto Requião, a quem eu agradeço, que fez um substitutivo maravilhoso –, e vai realmente agora poder iniciar uma tramitação quando for para a Câmara, porque nesta Casa já é terminativo. Nós temos simplesmente, na semana que vem... Essa é uma lei suplementar, quando há um substitutivo; ele vai ser votado, mas eu tenho a alegria de dizer que ele foi aprovado sem nenhum voto contrário e com uma abstenção. Então, é um dia de muita alegria para mim e espero que na Câmara nós possamos ter um bom debate e um bom resultado.</p> <p>1363. Eu quero dizer que a Presidência neste momento comunica que a sessão do Senado Federal prevista para hoje está cancelada e – é uma brincadeira que eu vou fazer – as mulheres hoje tomaram posse do Senado. Nas comissões, na Comissão de Constituição e Justiça, que é a única que está, até agora, funcionando, as mulheres fizeram a pauta e aqui, por gentileza do Senador Eunício e iniciativa da Bancada das mulheres, foi permitido que hoje nós só falássemos de mulheres. Então, nós comunicamos que a sessão não vai ter Ordem do Dia, e informamos que está convocada para amanhã a sessão deliberativa extraordinária – com votação, então –, às 11h da manhã, mantendo-se a pauta prevista para hoje. Vai haver a mesma pauta amanhã, em votação.</p> <p>1364. A Presidência agradece às autoridades e a todos que nos honraram com suas presenças e declara a sessão encerrada.</p> <p style="text-align: right;">1365. <i>(Levanta-se a sessão às 20 horas e 16 minutos.)</i></p> <p><b>1366. DISCURSO ENCAMINHADO À PUBLICAÇÃO, NA FORMA DO DISPOSTO NO ART. 203 DO REGIMENTO INTERNO DO SENADO FEDERAL, PRIMEIRO SUBSIDIÁRIO DO REGIMENTO COMUM.</b></p>

ANEXO B- Notas Taquigráficas<sup>25</sup>: Senado Federal- 09 de março de 2017



**SENADO FEDERAL**  
**SECRETARIA-GERAL DA MESA**  
 SECRETARIA DE REGISTRO E REDAÇÃO PARLAMENTAR  
 3ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA  
 55ª LEGISLATURA  
 Em: 9 de março de 2017  
 (quinta-feira)  
 Às 11 horas  
**20ª Sessão Deliberativa Extraordinária**

Horário	(Texto com revisão.)
11:40 <b>R</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Há número regimental.</li> <li>2. Sob a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão deliberativa e iniciamos os nossos trabalhos.</li> <li>3. A Presidência comunica ao Plenário que há expediente sobre a mesa, que, nos termos do art. 241 do Regimento Interno, vai à publicação no <i>Diário do Senado Federal</i>.</li> </ol>
11:44 <b>R</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>4. Encontra-se na Casa o Sr. Airton Sandoval Santana, primeiro suplente do Senador Aloysio Nunes Ferreira, que acaba de assumir o Ministério das Relações Exteriores, da representação do Estado de São Paulo, convocado em virtude do afastamento do titular.</li> <li>5. S. Ex<sup>a</sup> encaminhou à Mesa o original do Diploma, que será publicado na forma regimental e demais documentos exigidos por lei.</li> <li>6. Airton Sandoval foi eleito Deputado Federal pela primeira vez em 1974, pelo MDB de São Paulo. Exerceu quatro mandatos consecutivos na Câmara dos Deputados como Deputado Federal. Nas eleições de 90, foi eleito suplente e assumiu a vaga de Luiz Carlos Santos em 1993.</li> <li>7. Sandoval foi Secretário-Geral do PMDB de São Paulo até 2010. Em 2010, foi eleito primeiro suplente do Senador Aloysio Nunes Ferreira. Em 2017, com a efetivação de Aloysio no Ministério das Relações Exteriores, assume agora o cargo de Senador da República.</li> <li>8. Designo a comissão formada pelos Srs. Senadores Roberto Rocha, Tasso Jereissati e Elmano Férrer para que conduza S. Ex<sup>a</sup> ao plenário, a fim de prestar o compromisso regimental.</li> <li>9. <i>(O Sr. Airton Sandoval Santana é conduzido ao plenário e presta, perante a Mesa, o compromisso.)</i></li> <li>10. <b>O SR. ATAÍDES OLIVEIRA</b> (Bloco Social Democrata/PSDB - TO) – Pela ordem, Sr. Presidente.</li> </ol>

<sup>25</sup> **Fonte:** <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/s/4043>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>11. Gostaria de solicitar a minha inscrição para uma comunicação inadiável.</p> <p>12. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – V. Ex<sup>a</sup> será inscrito posteriormente.</p> <p>13. <b>O SR. HÉLIO JOSÉ</b> (PMDB - DF) – Sr. Presidente, posteriormente ao nosso nobre Senador Ataídes, também gostaria de me inscrever para uma comunicação inadiável.</p> <p>14. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – A Presidência solicita que todos permaneçam em posição de respeito.</p> <p>15. O Sr. Airtton Sandoval.</p> <p>16. <b>O SR. AIRTON SANDOVAL SANTANA</b> – Prometo guardar a Constituição Federal e as leis do meu País, desempenhar fiel e lealmente o mandato de Senador que o povo me conferiu e sustentar a união, a integridade e a independência do Brasil.</p> <p>17. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Declaro empossado no mandato de Senador da República o nobre Sr. Airtton Sandoval Santana, que, a partir deste momento, passa a participar dos trabalhos da Casa, adotando o nome parlamentar de Airtton Sandoval.</p> <p>18. Sobre a mesa, comunicação de filiação partidária e nome parlamentar que será publicada na forma regimental. (<i>Palmas.</i>)</p>
<p>11:48</p> <p><b>R</b></p>	<p>19. <b>O SR. ROBERTO ROCHA</b> (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - MA) – Sr. Presidente, pela ordem, uma comunicação.</p> <p>20. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Pela ordem, Senador Roberto Rocha.</p> <p>21. <b>O SR. ROBERTO ROCHA</b> (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - MA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Ao tempo em que cumprimento o Senador Sandoval, dando-lhe as boas-vindas a nossa Casa, quero também, com muita alegria, parabenizar o Senador Hélio José, que hoje completa mais uma primavera.</p> <p>22. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – A Mesa cumprimenta e parabeniza o inquieto e atuante Senador Hélio José. Meus parabéns, da parte da Mesa!</p> <p>23. Item 1 da pauta. Proposta de Emenda à Constituição nº 61, de 2015, tendo como primeira signatária a Senadora Gleisi Hoffmann, que altera o art. 166 da Constituição Federal, para autorizar a apresentação de emendas ao projeto de lei do orçamento anual diretamente ao Fundo de Participação dos Estados e do Distrito Federal e ao Fundo de Participação dos Municípios.</p> <p>24. Parecer sob nº 539, de 2015, da CCJ. Relatora: Senadora Marta Suplicy, favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta.</p> <p>25. (É a seguinte a matéria apreciada:</p> <p style="text-align: center;"><b>26. PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 61, DE 2015</b></p> <p>27. Quarta sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 61, de 2015, tendo como primeira signatária a Senadora Gleisi Hoffmann, que altera o art. 166 da Constituição Federal, para autorizar a apresentação de emendas ao projeto de lei do orçamento anual diretamente ao Fundo de Participação dos Estados e do Distrito Federal e ao Fundo de Participação dos Municípios.</p> <p>28. Parecer sob nº 539, de 2015, da CCJ, Relatora: Senadora Marta Suplicy, favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta.)</p> <p>29. Foram protocolizadas as Emendas nºs 2 e 3, de Plenário, que estão disponibilizadas no sítio da tramitação da matéria.</p> <p>30. Quarta sessão de discussão da proposta, em primeiro turno.</p> <p>31. Não havendo Senador inscrito para discutir a matéria, a matéria constará da Ordem do Dia da próxima sessão deliberativa para prosseguimento da discussão.</p> <p>32. Item extrapauta.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>33. Eu consulto o Senado. É o Projeto de Lei da Câmara nº 146, de 2015, de nº 228, de 2007, da Casa de origem, que institui o Dia Nacional de Combate à Sífilis e à Sífilis Congênita. O parecer é favorável sob o nº 46, de 2016, da Comissão de Educação. O Relator foi o Senador Eduardo Amorim. Não foram oferecidas emendas perante a Mesa.</p> <p>34. (É a seguinte a matéria apreciada:  35. <b>PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 146, DE 2015</b></p> <p>36. Discussão, em turno único, Projeto de Lei da Câmara nº 146, de 2015 (nº 228/2007, na Casa de origem), <i>institui o Dia Nacional de Combate à Sífilis e à Sífilis Congênita</i>.</p> <p>37. Parecer favorável, sob nº 46, de 2016, da CE, Relator ad hoc: Senador Eduardo Amorim.)</p> <p>38. Discussão do projeto em turno único.</p> <p>39. Alguém deseja discutir o projeto? (<i>Pausa.</i>)</p> <p>40. Não havendo quem queira discutir o projeto, está encerrada a discussão.</p> <p>41. Eu coloco em votação.</p> <p>42. As Sr<sup>as</sup> Senadoras e os Srs. Senadores que o aprovam permaneçam como se encontram. (<i>Pausa.</i>)</p> <p>43. Aprovado o projeto, a matéria vai à sanção.</p> <p>44. Será feita a devida comunicação à Câmara dos Deputados.</p> <p>45. Encerrada a Ordem do Dia.</p> <p>46. Existem oradores inscritos.</p> <p>47. <b>A SR<sup>a</sup> GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PR) – Pela ordem, Senador Eunício.</p> <p>48. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Pela ordem, Senadora Gleisi.</p> <p>49. <b>A SR<sup>a</sup> GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PR. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) – Obrigada.</p> <p>50. Eu, na realidade, queria, antes que V. Ex<sup>a</sup> saia da sessão e nós continuemos os debates, fazer novamente um agradecimento público a V. Ex<sup>a</sup> e a todo o Senado da República pelo dia de ontem, pela compreensão dos Senadores para que nós pudéssemos fazer uma sessão estendida de comemoração ao Dia Internacional da Mulher, que começou cedo, com a entrega do prêmio Bertha Lutz, a colocação de todos os Senadores, a solidariedade, e também a sessão especial, na Comissão de Constituição e Justiça, em que nós aprovamos cinco importantes projetos relativos às mulheres. O Senado da República, ontem, se destacou no Dia Internacional da Mulher.</p>
11:52 <b>R</b>	<p>51. E queria também aqui agradecer à edição do <i>Jornal do Senado</i> e parabenizá-la, porque está muito bonita, uma edição histórica com as fotos das mulheres, das manifestações. Eu acho que o Senado realmente prestou uma homenagem, mas, mais do que isso, foi um espaço para que apresentássemos a nossa luta, as nossas bandeiras, aquilo que nós precisamos encaminhar para melhorar a vida das pessoas e das mulheres.</p> <p>52. Eu, depois, vou usar a tribuna, infelizmente, para lamentar as colocações do Presidente da República, que estão bem contraditórias ao que esta Casa fez ontem. Mas eu não poderia deixar aqui de registrar como foi importante a postura de V. Ex<sup>a</sup> e o apoio que nós tivemos dos nossos colegas Senadores.</p> <p>53. Muito obrigada.</p> <p>54. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Senadora Gleisi, no dia anterior, por solicitação justa e correta das mulheres, nós fizemos aqui uma tarde de matérias de interesses das mulheres, para que a gente possa, com isso, buscar esse equilíbrio que é não apenas desejável, mas necessário.</p> <p>55. Portanto, eu acho que o Senado, ontem, não perdeu uma sessão deliberativa. O Senado ganhou, ontem, algo que pode ficar nos <i>Anais</i> desta Casa e pode ficar registrado como talvez a maior sessão solene, a mais completa sessão solene, a</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>mais movimentada sessão solene, que não foi uma sessão solene apenas em homenagem às mulheres. Os Senadores todos participaram aqui, mostrando que esta é uma Casa da Federação, mas é uma Casa que representa o povo brasileiro, é uma Casa que respeita as minorias e, fundamentalmente, respeita as mulheres, que são maioria no Brasil.</p> <p>56. Então, eu dizia aqui ontem, de cima desta mesa, quando abria os trabalhos, que não pode existir apenas o dia 8 de março como símbolo de defesa das mulheres. Nós temos que utilizar os 365 dias do ano, as 24 horas desses 365 dias para buscarmos a igualdade de sexo, de gênero e também de condição econômica e financeira das pessoas que nasceram e vivem neste País.</p> <p>57. Portanto, Senadora, não há nada que agradecer, apenas o registro. Acho que o <i>Jornal do Senado</i>, hoje, fez exatamente a demonstração de o que é a convivência democrática e o respeito àquilo que deve ser o ninho, a direção do Parlamento brasileiro.</p> <p>58. Eu fiquei muito feliz de poder, como Presidente, ter cedido aqui todo o espaço. Pedi desculpas aos Senadores e às Senadoras que tinham interesse em matérias que precisavam ser deliberadas na tarde de ontem. Pedi desculpas ao nosso hoje Senador Airton Sandoval, que tomaria posse no dia de ontem, para que ele tomasse posse no dia de hoje e esta sessão realmente ficasse como uma sessão histórica na vida política brasileira.</p> <p>59. Portanto, a Mesa ficou feliz por ter tido essa atitude não apenas com as mulheres, mas com todos aqueles que compreendem que nós precisamos ter essa luta permanente pela igualdade.</p> <p>60. <b>O SR. WALDEMIR MOKA</b> (PMDB - MS) – Senador Eunício.</p> <p>61. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Senador Moka, pela ordem, tem a palavra V. Ex<sup>a</sup>.</p> <p>62. <b>O SR. WALDEMIR MOKA</b> (PMDB - MS. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Senador Eunício, eu quero também me congratular pela sessão de ontem. É importante o registro que foi feito aqui, além de ser uma coisa curiosa, porque as mulheres são a maioria absoluta da população, e elas são mães do restante. Nós somos educados, em 90%, por mulheres, por professoras. Nós temos sempre de prestar atenção a isso. É uma oportunidade de se render homenagem, mas, como disse V. Ex<sup>a</sup>, a homenagem tem de ser feita todos os dias. Eu aproveito aqui para, em nome de minha mãe, D. Ramona, que recentemente perdi, saudar as minhas filhas e todas as mulheres que compõem este imenso País.</p> <p>63. A minha fala, Sr. Presidente, é no sentido de saudar um companheiro com quem tive oportunidade de conviver ainda quando Deputado Federal e que, hoje, para nossa honra, se integra à Bancada do PMDB, que é Airton Sandoval. V. Ex<sup>a</sup>, certamente, também conviveu com o Sandoval na época da Câmara dos Deputados. Então, em nome da Bancada do PMDB, quero dizer a esse extraordinário companheiro: seja bem-vindo, Senador Airton Sandoval.</p>
11:56 R	<p>64. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Eu gostaria de fazer, antes de dar a palavra ao primeiro orador inscrito, um registro referente à tarde bonita de ontem.</p> <p>65. Senadora Gleisi, sobre o prêmio Bertha Lutz recebido ontem pela contemplada Denice Santiago Santos do Rosário, que é baiana, formada em Segurança Pública e em Psicologia e major da PM, quem havia feito a indicação dessa brilhante brasileira da Polícia Militar do Estado da Bahia teria sido a Senadora Lídice da Mata. A Mesa, por não ter a informação completa, cometeu ontem o equívoco de não convidar a Senadora Lídice da Mata para fazer a entrega, como fiz com os demais membros que indicaram nomes que foram aprovados para o prêmio Bertha Lutz.</p> <p>66. Portanto, a Mesa, de público, numa sessão deliberativa, pede desculpas sinceras à Senadora Lídice da Mata, porque era ela quem deveria ter feito a</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>entrega do Diploma a essa senhora, que presta tão relevantes serviços ao povo da Bahia.</p> <p>67. Então, a Mesa pede escusas, mesmo na ausência da Senadora Lídice da Mata, e convida o próximo orador inscrito, Senador Antonio Carlos Valadares.</p> <p>68. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Presidente Eunício, permite-me usar a palavra pela ordem?</p> <p>69. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Pela ordem, pede a palavra o Senador Paulo Paim.</p> <p>70. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Presidente, eu sei do esforço de V. Ex<sup>a</sup>, mas quero aqui fazer um apelo, de público, aos Líderes. Não dá mais para não instalar as comissões, Presidente. Eu, para ter uma ideia, Presidente, estava sendo indicado para ser Presidente de uma comissão. Eu abri mão da Presidência para ver se fazem essa composição, porque falamos que tudo ocorre depois do Carnaval. Já passou o Carnaval há muito tempo.</p> <p>71. Eu queria muito fazer o apelo. Eu sei que V. Ex<sup>a</sup> tem a mesma visão que eu, mas faço um apelo, de público, para ver se, terça-feira, nós instalamos as comissões, para começarmos a trabalhar normalmente aqui na Casa, porque ficamos, pela manhã, todos como um zumbi, procurando o que fazer, quando poderíamos estar nas comissões trabalhando normalmente, pelo número de projetos que V. Ex<sup>a</sup> tem encaminhado às comissões.</p> <p>72. Eu sei que o meu apelo é o mesmo de V. Ex<sup>a</sup>. Eu quero me somar a V. Ex<sup>a</sup> nesse esforço, para ver se, terça-feira, instalamos as comissões.</p>
<p>12:00</p> <p>R</p>	<p>73. <b>O SR. HÉLIO JOSÉ</b> (PMDB - DF) – Presidente, pela ordem, Sr. Presidente.</p> <p>74. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Pela ordem, Senador Hélio José.</p> <p>75. <b>O SR. HÉLIO JOSÉ</b> (PMDB - DF. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sobre o tema que V. Ex<sup>a</sup> falou antes, da nossa querida Senadora Lídice da Mata, sinceramente eu fui o responsável, o indicador da nossa querida Embaixadora Isabel Cristina, trabalhei muito, consegui a indicação da Isabel Cristina para ganhar o prêmio.</p> <p>76. Senti-me muito honrado, em plenário, de a Dr<sup>a</sup> Zilda, sua sogra, ser a entregadora do prêmio – que caberia a mim, no caso, como indicador, como proponente do nome da Isabel Cristina – para a nossa querida Embaixadora Isabel Cristina, porque é uma pessoa merecedora, uma negra, uma excluída, hoje uma Embaixadora do Brasil num país tão importante como a Sérvia e Montenegro. Teve uma história muito bonita com seu sogro. A participação aqui da D. Zilda, da D. Mônica, de todo mundo nesse evento, em que nós reconhecemos o trabalho da nossa querida Embaixadora Isabel Cristina, me deixou muito honrado.</p> <p>77. Creio também que a nossa querida Lídice da Mata, com a justa manifestação que V. Ex<sup>a</sup> colocou, entende que foi muito bem entregue o prêmio também para a nossa indicada lá da Bahia, em que todos nós, inclusive, votamos aqui nesta Casa.</p> <p>78. Muito obrigado, Excelência.</p> <p>79. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Eu agradeço, Senador Hélio José.</p> <p>80. Antes de passar para o próximo orador, já lhe passo a palavra, só para dizer ao Senador Paulo Paim que nós fizemos uma reunião de Líderes terça-feira. Esta Presidência fez, como colocou V. Ex<sup>a</sup>, um apelo aos Líderes para o encaminhamento das comissões.</p> <p>81. Para nossa alegria, para nossa alegria, eu recebo agora a comunicação do Secretário-Geral da Mesa, Dr. Bandeira, de que os nomes para as comissões já foram encaminhados à Mesa. Portanto, a Mesa, para não fazer a leitura dos nomes, que já foram, determina à Secretaria-Geral da Mesa a publicação.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>82. Portanto, a partir da segunda-feira que vem, a partir da terça-feira, o mais idoso da comissão vai ter a prerrogativa regimental de instalar as comissões temáticas da Casa, pela indicação. Essas indicações não foram feitas de ofício pela Mesa e pela Presidência; são indicações feitas pelos Líderes, com os devidos encaminhamentos, prevalecendo aquilo que é o ideal nesta Casa, que é o acordo de harmonia, quando não se utiliza apenas a proporcionalidade. Mas é perfeitamente legítimo, correto, transparente o acordo entre Lideranças com determinadas comissões sendo ocupadas por determinados membros dessas próprias comissões indicadas.</p> <p>83. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Muito bem, obrigado, Presidente. Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.</p> <p>84. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Eunício Oliveira. PMDB - CE) – Portanto, determino à Secretaria-Geral da Mesa que faça a publicação dos nomes indicados para as comissões. Já podem ser instaladas a partir de terça-feira, para que eu possa cumprir, Senador Paim, Senadoras e Senadores, aquilo que disse quando pedia o voto de V. Ex<sup>as</sup>.</p>
<p>12:04</p> <p>R</p>	<p>85. Dizia eu que gostaria de não trazer matérias para a Mesa que não fossem matérias debatidas pelas comissões temáticas da Casa, mesmo por aquelas comissões especiais, formadas por importantes juristas, por importantes especialistas – mesmo essas comissões. A Mesa, de ofício, determinará que, sempre que possível, sejam encaminhadas para o debate nas comissões técnicas da Casa, porque entendo eu que, nas comissões técnicas, há a proporcionalidade de indicações dos partidos políticos e é lá que se deve fazer o efetivo debate para, depois, complementarmos aqui neste plenário.</p> <p>86. Passo a palavra ao próximo orador inscrito, Senador Antonio Carlos Valadares, por até 20 minutos.</p> <p>87. <b>O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES</b> (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - SE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, telespectadores da TV Senado, ouvintes da Rádio Senado e aqueles que nos acompanham nas redes sociais, depois da lamentável sequência de rebeliões e massacres ocorridos nos presídios de vários Estados no mês de janeiro, subi a esta tribuna para falar do flagelo do nosso sistema prisional. Denunciei aqui os velhos problemas negligenciados, como a superlotação, a falta de estrutura e a incapacidade do Estado brasileiro de assegurar condições mínimas de dignidade aos que estão sob sua custódia.</p> <p>88. Volto hoje ao tema, municiado por dados novos e importantíssimos, frutos de um relatório sobre a situação dos presos no Brasil, elaborado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), a pedido da Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministra Cármen Lúcia, iniciativa tomada justamente em resposta à sucessão de episódios de violência e descontrole.</p> <p>89. É de fundamental importância analisarmos o resultado do levantamento feito pelo CNJ. Segundo esse relatório – pasmem, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores –, o País tem hoje 654.372 pessoas presas. Desse total, 433.318 já foram condenadas, isto é, 66%, enquanto 221.054, 34%, portanto, estão em situação provisória. Vejam que indicador alarmante: a cada três pessoas, uma está aguardando julgamento, e o tempo médio de espera é de no mínimo um ano.</p>
<p>12:08</p> <p>R</p>	<p>90. Sou sergipano. Estou ciente da crise por que estamos passando no Estado de Sergipe, ocasionada por absoluta falta de prioridade do Governo do meu Estado. Fico constrangido em citar nossas estatísticas.</p> <p>91. Sergipe é hoje o Estado mais violento do Brasil. Triste título! Agora, a partir do levantamento do CNJ, vem outro dado estarrecedor, lamentável, envolvendo o meu querido Estado de Sergipe. Ficamos sabendo que lideramos outro lamentável indicador. Do total de 4.401 presos no meu Estado, 3.624 são provisórios, o que representa nada menos do que 82% da população carcerária. Esse é um dado colhido de um levantamento, como eu disse, feito pelo CNJ</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>(Conselho Nacional de Justiça), por determinação da Presidente Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal.</p> <p>92. Aqui, nesse relatório de informações, no Estado de São Paulo, por exemplo, que é o Estado mais populoso da Federação brasileira, 15,32% daqueles que estão encarcerados correspondem aos presos provisórios. Vejam a comparação: São Paulo, Estado mais populoso da Federação, tem 15,32% de presos provisórios. Qual é o percentual de presos provisórios em relação aos presos encarcerados no Estado de Sergipe? Oitenta e dois vírgula trinta e quatro por cento. Está aqui a estatística que foi feita pelo CNJ mostrando a degradação do sistema prisional brasileiro, notadamente no Estado de Sergipe e no Estado de Alagoas, que ocupa o segundo lugar nessa escala, com 80,92% dos presos provisórios. O terceiro em matéria de aprisionamento de pessoas em situação provisória é o Estado do Ceará, com 66,92%, Estado do meu querido amigo Tasso Jereissati. No Estado da Bahia, são 59,54%, e assim por diante. Todos os Estados da Federação brasileira estão aqui listados neste levantamento feito sob o comando da Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministra Cármen Lúcia. É um absurdo!</p>
<p>12:12</p> <p>R</p>	<p>93. O objetivo do levantamento merece aplausos e todo o nosso apoio. A intenção foi traçar um plano para acelerar a ação judicial nos Estados. Os números reforçam que a iniciativa vem em boa hora. O Tribunal de Justiça de Sergipe, por exemplo, já anunciou a realização de mutirão e antecipação de audiências, entre outras providências.</p> <p>94. É cristalino, Sr. Presidente, que dar agilidade aos processos de julgamento dos casos de presos provisórios configura uma das chaves da redução da superlotação. Basta dizer que o número de presos provisórios praticamente alcança o do déficit de vagas, algo em torno de 200 mil, mas eu preciso alertar aqui que a iniciativa de agilizar a situação desse contingente imenso de presos provisórios pode cair por terra, se tornar inócua ao longo do tempo se não vier acompanhada de uma reavaliação profunda do nosso modelo prisional de encarceramento em massa. Essa política já se mostrou ineficiente e equivocada não apenas por contrariar princípios humanitários e conquistas civilizatórias, mas também por fortalecer as facções do crime organizado, favorecer a arregimentação de novos criminosos e tornar o sistema mais caro e menos eficaz na recuperação dos condenados. Não há chance de ressocialização. Ademais, são conhecidos os reflexos no aumento da violência nas cidades.</p> <p>95. A situação lamentável de nosso sistema prisional já chamou a atenção, inclusive, da Organização das Nações Unidas (ONU), que, recentemente, citou a violência nas prisões brasileiras como um dos motivos de preocupação em relação às violações aos direitos humanos no mundo. Em discurso na sede das Nações Unidas, em Genebra, na quarta-feira, o Alto Comissário de Direitos Humanos da entidade, Zeid Al Hussein, destacou que o Brasil é hoje um dos 40 pontos de preocupação no Planeta. Vejam, senhores! Citando as mortes de detentos nos confrontos em janeiro, Zeid, conforme publicado na imprensa, ressaltou que a violência criminal generalizada combinada com deficiências do sistema judicial e operações de segurança têm impactado de forma severa e mortal a administração prisional.</p>
<p>12:16</p> <p>R</p>	<p>96. Repito aqui o que já disse em outra ocasião: no Brasil, prendemos muito e prendemos mal. O País tem a quarta maior população carcerária do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, da China e da Rússia. E o que mais preocupa é a tendência histórica de crescimento. Entre 2005 e 2014, a população carcerária teve um aumento médio de 8% ao ano – isso depois da aprovação da Lei de Drogas –, enquanto o crescimento populacional nesse período ficou na média de apenas 1%. Enquanto o número de prisões aumentou em 8%, a população cresceu 1%.</p> <p>97. Em Sergipe, que trago mais uma vez, para minha tristeza, como exemplo, são</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>mais de dois presos por vaga. O Estado precisaria mais do que dobrar o número de vagas para zerar o déficit. Com todo o encarceramento, contudo, Sergipe, como já disse, é hoje o Estado mais violento do Brasil, com o índice de 57,3 mortes violentas e intencionais para cada grupo de 100 mil habitantes. Não foi por outra razão que eu e os demais Senadores de Sergipe fomos ao Ministro da Justiça pedir a inclusão da capital, Aracaju, no Plano Nacional de Segurança Pública – e como fomos atacados pelo Governador, porque apenas cumprimos nosso papel de representantes do nosso Estado, preocupados com a situação de violência, de criminalidade que assola o Estado de Sergipe.</p> <p>98. Sr. Presidente, as alternativas existem e precisam ser consideradas. É possível reverter a atual situação? Digo que sim, mas é preciso conjugar esforços, reconhecer a responsabilidade das três esferas de Poder: Executivo, Legislativo e Judiciário.</p> <p>99. Em primeiro lugar, não vejo outro caminho, senão construir um sistema mais racional, que pondere a necessidade de encarceramento com a perspectiva de eficácia dessa medida extrema, reservando a prisão àqueles que realmente não são capazes de permanecer no convívio social, que são violentos, que são criminosos, que não têm piedade, que tiram a vida do cidadão e da cidadã sem mais nem menos, até por um simples celular.</p> <p>100. A propósito disso, a calibragem entre pena e crime foi um tema que levantei recentemente aqui, em discurso que aqui fiz durante a sabatina do ex-Ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, quando da indicação para a vaga de ministro do STF. O ex-Ministro da Justiça defendeu aqui, nesta Casa, um sistema mais racional, com o estabelecimento, por exemplo, de prazos para as prisões preventivas, porque, na opinião dele, é preciso desafogar o sistema criminal, e argumentou que o limite de tempo deve ser proporcional à gravidade do crime cometido. Também proporcional à gravidade do crime devem ser as penas. Nessa ocasião, o Ministro foi claro ao defender que a lei, de forma objetiva, diferencie, por exemplo, o usuário do traficante de drogas.</p>
<p>12:20</p> <p><b>R</b></p>	<p>101. Hoje, se discute se a Lei de Drogas não é fator adicional para o aumento da população carcerária, como foi observado recentemente pela ONG Human Rights Watch. De acordo com a entidade, esse salto teria ocorrido, porque a Lei de Drogas endureceu as penas aplicáveis aos traficantes e não ofereceu critérios objetivos para diferenciar o grande do pequeno traficante, nem o pequeno traficante do usuário de drogas. E, não mera coincidência, o CNJ nos trouxe a informação de que, entre as causas das prisões provisórias no Brasil, em primeiro lugar, está justamente o tráfico de drogas. São 29% do total de casos.</p> <p>102. Defendo que, no Parlamento, pensemos em alterações legislativas que reservem a prisão para os crimes violentos ou que causem danos significativos à coletividade. Para crimes não violentos, de pouca repercussão na vida social, seria muito mais efetivo adotar como regra, em vez do encarceramento, medidas alternativas à prisão, como o monitoramento eletrônico, restrições de direitos, multas, participação em atividades educacionais e reparação do dano como medida de extinção da punibilidade.</p> <p>103. É claro que a revisão da lei não exime de responsabilidade o Estado, que precisa garantir que os presídios tenham uma estrutura mais adequada para separar os presos e que disponham de equipamentos de segurança para o trabalho dos agentes penitenciários. O número de servidores por unidade prisional também deve ser ampliado. As cenas chocantes intencionais das últimas rebeliões e motins por diversos Estados nos alertam para essa necessidade.</p> <p>104. O Presidente da República, Michel Temer, anunciou, em janeiro, a liberação de recursos do Fundo Penitenciário Nacional na ordem de R\$1,2 bilhão e de recursos para a construção de pelo menos cinco novos presídios federais</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>destinados a chefes das organizações criminosas. Foi anunciada também a liberação de R\$150 milhões para a instalação de bloqueadores de celulares em 30% dos presídios de cada Estado, para evitar que lideranças do crime, mesmo presas, continuem a agir de dentro das instituições. Espero que esses recursos sejam efetivamente aplicados na construção de um outro modelo prisional.</p> <p>105. Espera-se ainda, Sr. Presidente, a ação dos governos estaduais. No meu Estado, enquanto o direito de ir e vir está ameaçado e as famílias estão assustadas, a imprensa nacional divulgou que a penitenciária erguida com recursos do Governo Federal no Município de Areia Branca, no Estado de Sergipe, ainda está inoperante, não está funcionando. Enquanto isso, no Complexo Penitenciário de São Cristóvão, ainda no Estado, existem 2.700 presos imprensados em uma estrutura construída para abrigar 800 pessoas. Vejam o nível de responsabilidade de um governo que recebe de mãos beijadas do Governo Federal...</p> <p style="text-align: center;">106. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>107. <b>O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES</b> (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - SE) – ... uma penitenciária construída com o dinheiro da sociedade, que até agora não funciona, porque os móveis ainda não foram comprados.</p>
<p>12:24</p> <p><b>R</b></p>	<p>108. O Ministério da Defesa colocou recentemente as Forças Armadas à disposição dos governadores. O Ministério da Justiça criou uma espécie de força nacional para penitenciárias, que é o Grupo Nacional de Intervenção Penitenciária, mas é medida emergencial e não substitui, portanto, a responsabilidade dos governos estaduais sobre o tema.</p> <p>109. Já estou encerrando, Sr. Presidente. Gostaria que V. Ex<sup>a</sup> me concedesse mais dois minutos para encerrar.</p> <p>110. Enfim, estão sendo adotadas iniciativas importantes neste Governo do Presidente Temer para ajudar a debater e a debelar a crise, mas é fundamental que deixemos apenas de apagar incêndios. Está claro que, no momento, estamos perdendo a guerra da segurança pública, e os mais de cem mortos nas últimas rebeliões não nos deixam esquecer que nos encontramos diante de um barril de pólvora e que a criminalidade no Brasil é uma verdadeira guerra civil não declarada. A solução é modernizar e humanizar as condições do sistema prisional e promover um combate tenaz àqueles que persistem nas organizações criminosas.</p> <p>111. Para finalizar, falo novamente, Sr. Presidente, da minha angústia, mas também da esperança de que um dia o Estado brasileiro possa dizer que, no Brasil, o sistema prisional é eficaz na recuperação e na reinserção social de detentos. Esse é certamente um horizonte distante, mas perfeitamente alcançável. É necessária, porém, uma conjugação de esforços. O Poder Público poderá oferecer soluções satisfatórias a essa grave situação que envergonha, apavora e ameaça a sociedade brasileira.</p> <p>112. Por fim, Sr. Presidente, espero que a Câmara dos Deputados, que recebeu o projeto da audiência de custódia de minha autoria, que foi relatado pelo Senador Humberto Costa e aprovado por este Plenário, se debruce sobre a matéria e a aprove com a maior urgência, porque a adoção da audiência de custódia, sem dúvida alguma, vai ser um modo, um mecanismo importante para a redução do encarceramento em nosso País, para só deixar na cadeia os criminosos que merecem estar lá.</p> <p>113. Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.</p> <p>114. <i>(Durante o discurso do Sr. Antonio Carlos Valadares, o Sr. Eunício Oliveira, Presidente, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Acir Gurgacz.)</i></p> <p>115. <i>(Durante o discurso do Sr. Antonio Carlos Valadares, o Sr. Acir Gurgacz deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Thieres Pinto.)</i></p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>116. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Thieres Pinto. Bloco Moderador/PTB - RR) – Obrigado, Senador Carlos Valadares.</p> <p>117. A palavra ao Senador Ataídes Oliveira, PSDB, de Tocantins. O senhor está com a palavra, Senador.</p>
<p>12:28</p> <p>R</p>	<p>118. <b>O SR. ATAÍDES OLIVEIRA</b> (Bloco Social Democrata/PSDB - TO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Obrigado, Senador Presidente Thieres.</p> <p>119. Venho hoje à esta tribuna para falar um pouco sobre o discurso que o Presidente Michel Temer fez no dia de ontem com relação ao Dia Internacional da Mulher, que virou uma verdadeira celeuma na imprensa e também junto à oposição aqui no Senado Federal e também na Câmara Federal. Eu percebo que houve uma distorção tremenda no que o Presidente colocou, e quero então fazer um esclarecimento sobre os fatos.</p> <p>120. Sr. Presidente, eu começo dizendo que as palavras do Presidente, destacando o papel da mulher nos afazeres domésticos e na fiscalização dos preços nos supermercados, não foram apenas mal interpretados pela chamada "patrulha feminista". Se assim fosse, seria até compreensível, em um dia em que a luta pela igualdade de gênero faz com que esse debate se torne mais acirrado.</p> <p>121. O grande problema é a má-fé política na distorção do discurso do Presidente Temer, que, em momento algum – repito, em momento algum – menosprezou o papel feminino e a força crescente das mulheres no mercado de trabalho, na política, na cultura e também em outras áreas. Longe de ser um discurso machista, as palavras do Presidente da República apontam, isso sim, a dura jornada de trabalho enfrentada pela maioria esmagadora das mulheres brasileiras, obrigadas a se desdobrar entre tarefas domésticas e profissionais, porque a grande carga de trabalho doméstico ainda recai, lamentavelmente, sobre as mulheres.</p> <p>122. Vale ressaltar os dados levantados por pesquisa recente do Ipea, que diz que 90% das mulheres declararam fazer atividades domésticas. No caso dos homens, o índice caiu para 53%. É o Ipea que está dizendo que as mulheres declararam que fazem as suas atividades domésticas, e os homens tão somente 53%.</p> <p>123. Outra pesquisa, Sr. Presidente, feita pela Confederação Nacional de Dirigentes Logistas, revela que 36,4% dos homens casados ou em união estável dividem igualmente as responsabilidades da casa com as mulheres. E não estamos falando aqui, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, do número crescente de lares chefiados por mulheres no Brasil. Hoje, por exemplo, já são 40% das mulheres firmes, corajosas e determinadas. Não estamos citando tampouco o enorme número de mulheres discriminadas no mercado de trabalho ou de mulheres obrigadas a deixar o emprego porque não têm com quem deixar os seus filhos; porque precisam cuidar de algum parente idoso, doente ou por aí fora.</p>
<p>12:32</p> <p>R</p>	<p>124. Aí vai outro dado avassalador: cerca de 70% das mulheres estão fora do mercado de trabalho. Aqui eu quero dizer – e tenho dito – que, na geração nem-nem, essa geração de 15 a 29 anos que nem trabalha, nem estuda no País, que são mais de 12 milhões de jovens, as mulheres representam 71% desses nem-nem, e a maioria delas é do lar, está cuidando da casa e dos seus filhos. E em certo momento aqui, Senador Lasier, eu falei sobre essas mulheres que estão no nem-nem, que nem estudam nem trabalham, sobre por que elas hoje estão em casa: porque elas não têm uma oportunidade, elas não têm um curso técnico, elas não têm um curso de qualificação profissional para conseguir um trabalho, para conseguir um emprego.</p> <p>125. Eu disse aqui, à época, repetidamente, que o Sistema S, que recebe mais de R\$30 bilhões em tributos para oferecer cursos gratuitos ao trabalhador, na verdade, não o faz. Só para se ter uma ideia, uma dona de casa, lá no Estado do Tocantins, para fazer um curso de cabeleireira no Senac, tem que pagar</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>R\$1.680. Ou seja, impossível.</p> <p>126. Portanto, nossos jovens – não só os nem-nem, mas as nossas mulheres, que querem entrar no mercado de trabalho – precisam de uma oportunidade, de um curso profissionalizante, caso contrário, elas terão, lamentavelmente, que cuidar da casa. Eu tenho defendido e tenho falado muito com os dirigentes do Sistema S para que eles disponibilizem cotas para essas mulheres fazerem seus devidos cursos e se qualificarem.</p> <p>127. Pois bem. Vivemos num País machista? Vivemos, sim, não dá para negar isso. É impossível. Isso vai mudar, evidentemente, e precisa mudar rapidamente. Mas vivemos, sim. Não cabe a governo algum negar essa realidade. Pelo contrário, é preciso encarar essa cultura machista de frente para tentar mudá-la na prática, no dia a dia.</p> <p>128. Num País dividido por paixões políticas, todo cuidado é pouco para não se deixar levar pela má-fé que costuma movimentar o jogo do poder. Ou não é pura má-fé negar o papel feminino na fiscalização dos preços? Porque o Presidente disse que a mulher é um termômetro dessas variações de preço no supermercado – isso é fato, não há como negar; são as majorias, conforme o próprio Ipea disse, que vão, sim, aos supermercados –, mas de produtos e serviços em geral também.</p> <p style="text-align: center;">129. <i>(Soa a campanha.)</i></p>
<p>12:36</p> <p><b>R</b></p>	<p>130. <b>O SR. ATAÍDES OLIVEIRA</b> (Bloco Social Democrata/PSDB - TO) – Não é porque elas frequentam mais os supermercados, não! É porque uma característica feminina óbvia é o olhar mais atento e detalhista que o do homem.</p> <p>131. Por exemplo, na minha casa, a minha esposa, extremamente ativa, é empresária, está fazendo o seu segundo curso superior. Quando as pessoas vão ao supermercado fazer as compras – as nossas funcionárias –, ela acompanha rigorosamente, Senador Lasier, essas compras junto aos supermercados. Isso é normal, porque a mulher, eu repito, é detalhista, é criteriosa nos seus afazeres. Então, não foi pecado nenhum o Presidente Temer ter colocado, em seu discurso, que as mulheres são o termômetro dessa verificação de preço junto a supermercado. Eu queria, Sr. Presidente, deixar isto muito claro: que não vejo pecado algum na fala do Presidente Temer.</p> <p>132. E, para encerrar, quero ressaltar que é puro preconceito, é puro machismo relegar a segundo plano, a administração de uma casa, a criação dos filhos, as tarefas que sustentam o dia a dia de uma família. E, por acaso, donos de casa são cidadãos, cidadãs de segunda categoria? Essa é a minha indagação.</p> <p style="text-align: center;">133. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>134. <b>O SR. ATAÍDES OLIVEIRA</b> (Bloco Social Democrata/PSDB - TO) – Repito: ou, por acaso, donas de casa são cidadãs de segunda categoria? Claro que não!</p> <p>135. Portanto, Sr. Presidente, agradeço a atenção e volto, então, a ratificar as minhas palavras: não houve pecado nenhum na fala do Presidente Temer no dia de ontem, no Dia Internacional da Mulher, quando ele se referiu a controle de custos de supermercado.</p> <p>136. Muito obrigado, Sr. Presidente.</p> <p>137. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Thieres Pinto. Bloco Moderador/PTB - RR) – Obrigado, Senador Ataídes Oliveira.</p> <p>138. Com a palavra o Senador Paulo Paim. Como houve uma permuta com o Senador Lasier Martins, o senhor tem a palavra, Senador, por 20 minutos.</p> <p>139. Na sequência, a Líder Gleisi Hoffmann, e, após, o Senador Hélio José.</p> <p style="text-align: center;">140. <i>(Intervenções fora do microfone.)</i></p> <p>141. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Thieres Pinto. Bloco Moderador/PTB - RR) – Espere um pouquinho, Senador. Já, já o senhor fala.</p> <p>142. O.k.</p> <p>143. Então, na sequência, o senhor, Senador. Está bom?</p> <p>144. Com a palavra, Senador.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>145. <b>O SR. LASIER MARTINS</b> (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PSD - RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, Sr. Presidente dos trabalhos, (<i>Fora do microfone.</i>)</p> <p>146. Senador Thieres Pinto, eminente Senador do nosso Estado de Roraima, Sr<sup>as</sup> Senadoras, Senadores. Também aproveito para cumprimentar o aniversariante de hoje, Senador Hélio José, sempre sorridente, sempre otimista, sempre disposto, companheiro desta Casa e muito estimado por todos.</p> <p>147. Eu queria dizer, Sr. Presidente, que a notícia do início da sessão de hoje foi uma notícia boa do Presidente do Senado, Senador Eunício, de que, finalmente, foram compostas as comissões temáticas do Senado.</p>
<p>12:40</p> <p>R</p>	<p>148. Houve uma demora incrível, parece que inusitada na história desta Casa. Afinal, estamos hoje já no dia 9 de março e com trabalhos nesta Casa desde 1º de fevereiro, e não temos ainda as comissões funcionando, a não ser a CCJ, que agiu a toque de caixa, como se costuma dizer, para referendar a escolha do novo Ministro do Supremo Tribunal Federal, o Dr. Alexandre de Moraes.</p> <p>149. Mas, agora, com essa informação do Presidente, que esteve aqui compondo a Mesa até há pouco, finalmente vamos começar a trabalhar na produção de matérias, porque há uma escassez de matérias para deliberação e votação aqui no Senado, o que foi dito, aliás, pelo próprio Presidente Eunício quando da sua posse e em reunião com os Líderes.</p> <p>150. Aproveito para lembrar aqui que o nosso eminente Presidente Eunício, em seu primeiro pronunciamento, disse que estaria aqui para trabalhar em sintonia com os anseios da sociedade, o que começa a se confirmar já com a notícia de hoje.</p> <p>151. Tenho mania de jornalista, Presidente Thieres, de anotar o que as outras pessoas dizem. Como a minha vida é pautada por décadas no jornalismo, anotei algumas dessas frases do Presidente. Disse ele também que não seria apenas o Presidente da Casa, mas alguém que representaria do sentimento dos Senadores e das Senadoras. Disse também o Presidente Eunício – e estou recapitulando isso porque quero me referir a três matérias urgentes que precisamos encarar aqui no Senado –, no seu primeiro pronunciamento como Presidente, que "ser ágil, ser contemporâneo e sobretudo ser transparente nas ações legislativas é o desafio que a sociedade brasileira nos cobra e nos impõe".</p> <p>152. Acrescento eu agora, nesta oportunidade, que a sociedade cobra e impõe a cada um de nós, Senadores desta Casa, e nós temos a obrigação de atender a essa justa cobrança da sociedade brasileira da forma mais apropriada, ágil, contemporânea e, como disse o Presidente, transparentemente. Afinal, é a razão de estarmos aqui.</p> <p>153. E estou dizendo essas coisas, Sr. Presidente Thieres, porque nós temos algumas matérias urgentes e esperamos que elas comecem a entrar em discussão. Uma delas é a PEC do Senador Alvaro Dias, que diz respeito à discussão sobre o fim do foro privilegiado. Nós precisamos, de uma vez por todas, discutir nesta Casa o que é um dos anseios da sociedade brasileira. E o Presidente nos garantiu, sob o apoio uníssono desta Casa, que precisávamos corresponder às expectativas dessa sociedade, que agora está a clamar pela discussão e pelo fim do foro privilegiado.</p> <p>154. Há outra matéria, inclusive, que tem apoio de todos os Líderes desta Casa. Assinaturas foram buscadas por mim e por minha assessoria no sentido de que se coloque em discussão aqui, porque já passou pela CCJ, a matéria referente à forma de indicar os Ministros do Supremo Tribunal Federal.</p>
<p>12:44</p> <p>R</p>	<p>155. É uma discussão que a sociedade brasileira está exigindo. Nunca, na história do Supremo Tribunal Federal, discutiu-se tanto o trabalho da Suprema Corte, ora por insatisfações com pronunciamentos de alguns dos seus Ministros, ora por decisões, mas sobretudo, pela lentidão. Recorde-se, por exemplo, que, com relação à consagrada Operação Lava Jato, enquanto o Juiz Sergio Moro já</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>decidiu e condenou, em dois anos, 116 réus, o Supremo não decidiu, não condenou ninguém até agora. Então, esta é uma exigência também: vamos discutir o Supremo Tribunal Federal. E a PEC 35 está pronta para discussão.</p> <p>156. E uma outra, Sr. Presidente, diz respeito à Lei Kandir, porque o Supremo Tribunal Federal, depois de longo tempo com a matéria disponível, decidiu, em novembro, no apagar das luzes do ano judiciário, decidiu em novembro – se nem todos sabem, estou aqui recapitulando –, o Plenário do Supremo Tribunal Federal decidiu que o Congresso foi omissivo. O Congresso foi omissivo por ainda não ter cumprido a determinação da Emenda Constitucional nº 42/2003, 2003! Treze anos de apatia, de omissão.</p> <p>157. A partir de uma ação direta de inconstitucionalidade por omissão, ajuizada pelo Pará, com a participação de outros 15 Estados, entre eles, o meu Estado do Rio Grande do Sul. Entre outros Estados, também Minas Gerais. E aí, Sr. Presidente, o Supremo deu o prazo de 12 meses, que já está contando desde novembro, para que a nova lei seja aprovada. Se isso não ocorrer, isto é, se esta Casa aqui, Senador Dário Berger, se esta Casa aqui não agir para regulamentar a Lei Kandir, a atribuição passará ao Tribunal de Contas da União, para fixar o valor a ser transferido aos Estados e ao Distrito Federal. E vale observar que, em nenhum lugar, está dito que esse ressarcimento será integral, mas isso terá de ser discutido por nós aqui no Senado.</p> <p>158. Portanto, este é mais um apelo que faço ao Presidente da Casa, Senador Eunício, para que tome as devidas providências, para que, aqui no Senado, enfrentemos, depois de 13 anos de indiferença, de alheamento, de omissão, que decida sobre a regulamentação da Lei Kandir, porque essa lei é de extraordinária importância. Relembrando, segundo estudos da Receita Estadual do meu Estado, que é um dos mais endividados atualmente, um estudo de 2015, o Rio Grande do Sul recebeu da União R\$369,8 milhões para esse fim, em 2015.</p>
<p>12:48</p> <p>R</p>	<p>159. As perdas brutas com a desoneração, porém, teriam totalizado R\$4,295 bilhões – R\$4 bi! Então, recebe R\$369 milhões, mas as perdas foram de R\$4,295, gerando uma perda líquida, apenas no ano passado ou no ano de 2015, de R\$3,925 bilhões. Isso é praticamente R\$4 bilhões de perdas com a Lei Kandir no ano de 2015.</p> <p>160. Ao todo, nos 20 anos de vigência da lei, a Receita Estadual do Rio Grande do Sul alega que o Estado tenha sido compensado em apenas 20,3% das suas perdas brutas. O rombo, de 1996 a 2015, seria de R\$27,2 bilhões em valores nominais. Mas, observem, senhores telespectadores da TV Senado – por todo o Brasil e particularmente lá no meu Rio Grande do Sul, onde a TV Senado é muito assistida –, em valores nominais corrigidos, a perda, em 20 anos, do Rio Grande do Sul é de R\$48 bilhões! Isso é praticamente equivalente à dívida do Rio Grande do Sul, o que permitiria uma compensação, isto é, o crédito do Rio Grande do Sul com a Lei Kandir é igual ao que deve, R\$48 bilhões.</p> <p>161. Nesse período, foram apresentados vários projetos no Congresso Nacional, mas nenhum deles anda, tudo parado. Por isso, repeti aqui frases do nosso novo Presidente, que prometeu agilidade e transparência para que esses grandes temas sejam trazidos para a discussão.</p> <p>162. Nesse período, foram apresentados sobre a Lei Kandir vários projetos ao Congresso Nacional com o objetivo que ainda aguardam votação. Destaco três deles: o PLS 312, de 2013, de autoria do nosso grande Senador Pedro Simon, de 2013; o PLS 288, de 2016, de autoria do Senador Wellington Fagundes; e o PLS 346, do ano passado, da Senadora Simone Tebet. Este último prevê o encontro de contas – que interessa muito a Estados, como o Rio Grande do Sul, como Minas Gerais, como Mato Grosso, entre outros – entre o que os Estados e a União devem um ao outro.</p> <p>163. Por isso, Sr. Presidente, se o Congresso Nacional não agir será atropelado pelo Supremo Tribunal Federal, ou, então, pelo Tribunal de Contas da União,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>que assumiria essa tarefa. É muito importante que venha para a discussão não apenas a PEC do fim do foro privilegiado, a discussão sobre a forma de indicação do Supremo Tribunal Federal, mas a Lei Kandir. São temas prementes, urgentes que nós precisamos enfrentar.</p> <p>164. Por isso, abri as minhas declarações, as minhas manifestações aqui da tribuna, relembro o que nos garantiu o novo Presidente do Senado, para que tenhamos uma nova dinâmica. E que se enfrentem os grandes problemas nacionais, o que a sociedade brasileira vem nos cobrando e nos impõe!</p>
<p>12:52</p> <p>R</p>	<p>165. E é, nessa expectativa, que aguardamos para os próximos dias – já saudando, finalmente, depois de um mês e uma semana, coisa inédita, inusitada, no que se refere a atrasos – a formação das comissões temáticas que serão instaladas na próxima terça-feira. E, aí, sim, finalmente, ao que tudo indica, o Senado Federal passará a andar efetivamente.</p> <p>166. E vou aproveitar esses próximos dias para fazer contatos com os nossos Senadores cujos Estados também têm créditos junto à Lei Kandir, como o Senador Anastasia, de Minas Gerais; com o Senador José Medeiros, do Mato Grosso; com a Senadora Lúcia Vânia, do Estado de Goiás; com o Senador Wellington, do Mato Grosso. Enfim, precisamos cumprir com a nossa obrigação de bem representar aqui os nossos Estados, e, como bem disse, o Presidente do Senado, sermos fiéis, cumprirmos aquilo que a sociedade nos cobra e nos impõe.</p> <p>167. Obrigado, Sr. Presidente.</p> <p>168. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Thieres Pinto. Bloco Moderador/PTB - RR) – Obrigado, Senador Lasier Martins, pelo seu pronunciamento.</p> <p>169. Passo a palavra, falando pela Liderança do PMDB, ao Senador Hélio José. V. Ex<sup>a</sup> tem a palavra, Senador, por 20 minutos.</p> <p>170. <b>O SR. HÉLIO JOSÉ</b> (PMDB - DF. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Quero cumprimentar o nosso nobre Presidente, Senador Thieres, de Roraima; cumprimentar a Senadora Gleisi Hoffmann e agradecê-la pela permuta na fala. As minhas quatro mulheres, mandatárias do meu juízo, já estão no restaurante me esperando, para comemorar que, no longínquo ano de 1960, no dia 9 de março, eu nasci. Então, hoje faço 57 anos. Obrigado, nobre Senadora Gleisi, pela deferência de ter permutado comigo.</p> <p>171. Eu vim aqui saudar dois grandes aniversariantes que passei parabenizando esses dias. São aniversariantes próximos de mim. São dois homens importantes de Brasília. Eu vi aqui citá-los, falar sobre isso, porque eu acho que o aniversário, a data natalícia, é muito importante para todos nós. Por isso, cumprimento todo o Brasil que está nos ouvindo pela TV e Rádio Senado, em Brasília, todos os aniversariantes de março, de fevereiro, dizendo que é com muita alegria que nós, piscianos, que somos muito emotivos, estamos aqui falando.</p> <p>172. Em 1958, nobre Presidente, época difícil, com ruas abertas no meio do Cerrado, muita poeira, falta de água, de iluminação, de comércio, apesar de tudo, havia alegria, satisfação, por se estar ajudando a construir a nossa Capital, Brasília, a capital da esperança de um novo Brasil. Cerca de um mês após a mudança dos primeiros barracos, Taguatinga já contava com mais de 5 mil pessoas. Em Taguatinga, onde há o Bazar Estrela. E, no final de 1958, o primeiro traçado da cidade projetada para 30 mil habitantes estava totalmente ocupado. Isso na querida Taguatinga.</p> <p>173. Entre esses milhares de pessoas transferidas, havia muitos irmãos da Igreja Assembleia de Deus, vindos de diversas Regiões do País. Esses pioneiros alugaram um galpão na antiga QR 6, hoje QSB 6, em Taguatinga, onde instalaram a primeira Congregação da Sede da Cidade Livre. O salão já não comportava a quantidade de fiéis. Dali, nobre Senador Dário Berger, passaram ainda por mais alguns locais, como a Vila Mathias, uma vila importante de</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	Taguatinga, na QI 7, atual QNB 7.
12:56 <b>R</b>	<p>174. E, nesse novo local, a Assembleia de Deus lá de Taguatinga, viveu um grande crescimento. Várias congregações surgiram, uma vez que a cidade explodiu e já contava com cerca de 150 mil habitantes. Taguatinga é a terceira maior cidade do Distrito Federal hoje: há Ceilândia, Brasília, Taguatinga.</p> <p>175. Mudaram-se para um lugar maior, ali na CNB 10, e, em 1979, a Igreja se instalou no endereço em que está até hoje – QNJ, Área Especial 4. É bom ressaltar que, na QNJ, foi onde passei os meus primeiros dias aqui em Brasília, quando estava crescendo Brasília. Cheguei aqui muito novo. Tenho 57 anos. Faz 50 anos que moro no Distrito Federal, e a QNJ tem um pouco mais de tempo.</p> <p>176. Então, para mim, inclusive, hoje, vou comemorar o meu aniversário em Taguatinga, porque foi ali que comecei a minha vida política, onde fui Presidente de Núcleo do Partido dos Trabalhadores; depois, Presidente do Partido; Secretário-Geral. Foi lá onde comecei na política de Brasília e do Brasil, na querida Taguatinga. Ou seja, são quase 60 anos de luta e quase 40 anos, neste atual local de luta, assim como esta pessoa que estou homenageando na Assembleia de Deus.</p> <p>177. Não se pode deixar de mencionar os nomes dos pastores que muito ajudaram no crescimento e consolidação do campo de Taguatinga, dentre eles, no caso da Assembleia de Deus, o Pastor Geraldo, o Pastor Arlindo Pereira Silva, o Pastor João Feliciano Batista, o Pastor Divino Gonçalves e o Pastor Benedito Domingos, ex-Governador do DF, ex-Deputado Federal, que muito colaborou também na construção da sede da Assembleia de Deus na QNJ.</p> <p>178. Hoje, são mais de 150 igrejas, sendo 53 subseções, 98 congregações, com aproximadamente 15 mil membros e 1,5 mil obreiros, trabalhando unidos por um propósito.</p> <p>179. No último dia 19, como já disse, tive a oportunidade de participar de uma grande festa, com um culto de ação de graça, pelo aniversário do atual Presidente do Campo ADTAG, do pastor Gilson Ferreira Campos, com a presença do Presidente Nacional da Convenção das Assembleias de Deus, no Campo Madureira no Brasil, o Bispo Pastor Manoel Ferreira.</p> <p>180. O nosso querido Gilson Ferreira Campos, nascido em 19 de fevereiro de 1958, é natural do Rio Grande do Norte, filho de Maria Augusta Campos e Manuel Ferreira de Lima. Veio para Brasília no ano de 1979, com muitos outros lutadores nordestinos – participa do rol de membros da Igreja Assembleia de Deus desde 1982 –, foi consagrado pastor em 2002 pelo Pastor Divino, à época, Presidente do Campo, ou seja, uma longa caminhada até aqui. Grande homem, íntegro, trabalhador, exemplo entre a igreja e a comunidade, casado com a Pastora Dorca de Souza Costa Campos há 32 anos – três filhos e um neto.</p> <p>181. Quero registrar aqui os meus parabéns pelo aniversário do Dr. Gilson, pelo relevante trabalho que tem feito. Sabemos que a igreja desempenha uma fundamental influência no desenvolvimento da sociedade, com a sua contribuição no serviço social, distribuição de cestas básicas, apoio aos necessitados e auxílio geral à população carente.</p> <p>182. Tive o privilégio de estar lá, participar do almoço, participar de toda aquela celebração e ver o tanto que a unidade religiosa faz bem. É por isso que o Brasil é um país laico. Eu apoio sinceramente.</p>
13:00 <b>R</b>	<p>183. São muito importantes os templos religiosos. É muito importante a participação religiosa das pessoas, porque cada um precisa acreditar em alguma coisa. Eu, sinceramente, não tenho discriminação. Apoio os templos religiosos, as igrejas e fiz questão aqui, mesmo sendo católico, de fazer este registro importante dessa obra da Assembleia de Deus de Taguatinga, do Pastor Gilson, e do trabalho que tem sido feito pela sociedade.</p> <p>184. Para finalizar – falei que eram dois homens e que tive o privilégio de participar</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>de dois grandes aniversários –, o histórico e fundador de Brasília, nosso querido Pastor Orcival Pereira Xavier, de outra igreja, da ADEB, da igreja evangélica Assembleia de Deus, de Brasília, que é um ramo diferente da Madureira.</p> <p>185. O nosso querido Pastor Orcival Xavier, Presidente da COMADEBG (Convenção dos Ministros Evangélicos das Assembleias de Deus de Brasília e de Goiás), tem uma biografia linda. Ele nasceu em 21 de fevereiro de 1956, em Paracatu, próximo a Brasília – mais um que veio para cá nos ajudar a construir Brasília. Eu sou de Goiás, nobre Senador Dário Berger. Eu sou de Corumbá, de Goiás. V. Ex<sup>a</sup>, se não me engano, é de São José, Santa Catarina, não é isso? Quer dizer, a gente vai se juntando para formar este Brasil grande. O nosso querido Pastor Orcival Xavier, como falei, mineiro, é filho de Renaldino Pereira Xavier e de Maria Pereira Xavier da Silva. Converteu-se em 1967, juntamente com seus pais, época em que se mudaram para Brasília e fixaram residência na Vila IAPI, que, depois, se transformou em Ceilândia, a maior cidade do Distrito Federal. Lá passou a congregar. Posteriormente, essa vila foi transferida para a nova cidade-satélite de Ceilândia. Em 1978, embora tenha se afastado da igreja por algum tempo, meu querido Pastor Orcival Pereira voltou aos caminhos do Senhor aos 22 anos de idade. Retornando à igreja, passou a congregar na congregação da QNM 7, onde trabalhou como professor e superintendente da Escola Bíblica Dominical, tesoureiro e presidente de mocidade. Em 1980, assumiu a direção da congregação do Setor O, com a junção da 7 e do Setor O, e foi escolhido, por unanimidade, para assumir a direção da EQNM 08/10, lá em Taguatinga, Ceilândia, sendo consagrado presbítero em 1983. Em 1984, deixou a direção dessa congregação e foi residir em Cuiabá, Mato Grosso. Em setembro de 1985, retorna a Brasília e assume a congregação do Setor M Norte, onde permanece por um ano e meio. Nesse período, juntamente com sua esposa, passa pela amarga experiência da perda de sua primeira filha. Em 8 de fevereiro de 1987, assume a congregação da Asa Norte, aqui em Brasília. Em 21 de abril do mesmo ano, é consagrado pastor. Seu trabalho na congregação da Asa Norte foi marcado pela decisão de cerca de 500 pessoas, mais de 200 irmãos batizados no Espírito Santo, 70 pessoas batizadas nas águas e pela abertura de várias congregações. Então, é uma pessoa que tem um trabalho maravilhoso.</p> <p>186. Com a renúncia do Pastor Evonir Teixeira da Fonseca, o Pastor Orcival é eleito, em 1º de abril de 1989, com apenas 33 anos, Presidente do Ministério. Tomou posse na Assembleia de Deus no dia 22 de abril do mesmo ano, juntamente com o Vice-Presidente, Pastor João Antônio de Miranda.</p> <p>187. Nesses anos de liderança, o Pastor Orcival colaborou em muito para a expansão do Ministério, de cujas realizações, entre outras, destacam-se a posse do lote em Sobradinho, uma cidade importante aqui de Brasília, cuja demanda se arrastou por quase 30 anos; a aquisição de vários lotes, depois, em Samambaia, outra cidade de Brasília, e em vários assentamentos; e o lançamento da pedra fundamental da construção da congregação da Asa Norte.</p>
13:04 <b>R</b>	<p>188. São muito importantes os templos religiosos. É muito importante a participação religiosa das pessoas, porque cada um precisa acreditar em alguma coisa. Eu, sinceramente, não tenho discriminação. Apoio os templos religiosos, as igrejas e fiz questão aqui, mesmo sendo católico, de fazer este registro importante dessa obra da Assembleia de Deus de Taguatinga, do Pastor Gilson, e do trabalho que tem sido feito pela sociedade.</p> <p>189. Para finalizar – falei que eram dois homens e que tive o privilégio de participar de dois grandes aniversários –, o histórico e fundador de Brasília, nosso querido Pastor Orcival Pereira Xavier, de outra igreja, da ADEB, da igreja evangélica Assembleia de Deus, de Brasília, que é um ramo diferente da Madureira.</p> <p>190. O nosso querido Pastor Orcival Xavier, Presidente da COMADEBG (Convenção dos Ministros Evangélicos das Assembleias de Deus de Brasília e</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>de Goiás), tem uma biografia linda. Ele nasceu em 21 de fevereiro de 1956, em Paracatu, próximo a Brasília – mais um que veio para cá nos ajudar a construir Brasília. Eu sou de Goiás, nobre Senador Dário Berger. Eu sou de Corumbá, de Goiás. V. Ex<sup>a</sup>, se não me engano, é de São José, Santa Catarina, não é isso? Quer dizer, a gente vai se juntando para formar este Brasil grande. O nosso querido Pastor Orcival Xavier, como falei, mineiro, é filho de Renaldino Pereira Xavier e de Maria Pereira Xavier da Silva. Converteu-se em 1967, juntamente com seus pais, época em que se mudaram para Brasília e fixaram residência na Vila IAPI, que, depois, se transformou em Ceilândia, a maior cidade do Distrito Federal. Lá passou a congregar. Posteriormente, essa vila foi transferida para a nova cidade-satélite de Ceilândia. Em 1978, embora tenha se afastado da igreja por algum tempo, meu querido Pastor Orcival Pereira voltou aos caminhos do Senhor aos 22 anos de idade. Retornando à igreja, passou a congregar na congregação da QNM 7, onde trabalhou como professor e superintendente da Escola Bíblica Dominical, tesoureiro e presidente de mocidade. Em 1980, assumiu a direção da congregação do Setor O, com a junção da 7 e do Setor O, e foi escolhido, por unanimidade, para assumir a direção da EQNM 08/10, lá em Taguatinga, Ceilândia, sendo consagrado presbítero em 1983. Em 1984, deixou a direção dessa congregação e foi residir em Cuiabá, Mato Grosso. Em setembro de 1985, retorna a Brasília e assume a congregação do Setor M Norte, onde permanece por um ano e meio. Nesse período, juntamente com sua esposa, passa pela amarga experiência da perda de sua primeira filha. Em 8 de fevereiro de 1987, assume a congregação da Asa Norte, aqui em Brasília. Em 21 de abril do mesmo ano, é consagrado pastor. Seu trabalho na congregação da Asa Norte foi marcado pela decisão de cerca de 500 pessoas, mais de 200 irmãos batizados no Espírito Santo, 70 pessoas batizadas nas águas e pela abertura de várias congregações. Então, é uma pessoa que tem um trabalho maravilhoso.</p> <p>191. Com a renúncia do Pastor Evonir Teixeira da Fonseca, o Pastor Orcival é eleito, em 1º de abril de 1989, com apenas 33 anos, Presidente do Ministério. Tomou posse na Assembleia de Deus no dia 22 de abril do mesmo ano, juntamente com o Vice-Presidente, Pastor João Antônio de Miranda.</p> <p>192. Nesses anos de liderança, o Pastor Orcival colaborou em muito para a expansão do Ministério, de cujas realizações, entre outras, destacam-se a posse do lote em Sobradinho, uma cidade importante aqui de Brasília, cuja demanda se arrastou por quase 30 anos; a aquisição de vários lotes, depois, em Samambaia, outra cidade de Brasília, e em vários assentamentos; e o lançamento da pedra fundamental da construção da congregação da Asa Norte.</p>
13:08 <b>R</b>	<p>193. Vou ali atender o convite, a convocação da minha esposa e das minhas três filhas para o nosso almoço.</p> <p>194. Agradeço aos nossos Senadores Dário Berger, Vicentinho Santos e Lúcia Vânia, partícipes desta sessão, além do nosso Presidente, o Senador Thieres.</p> <p>195. Muito obrigado.</p> <p>196. Era isso que eu teria que pronunciar por hoje.</p> <p>197. Agradeço, mais uma vez, a Deus e aos céus por ter tido a possibilidade de ter nascido e hoje estar fazendo o meu aniversário de 57 anos.</p> <p>198. Obrigado.</p> <p>199. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Thieres Pinto. Bloco Moderador/PTB - RR) – Agradeço ao Senador Hélio José, do PMDB do Distrito Federal.</p> <p>200. Com a palavra S. Ex<sup>a</sup> a Senadora Gleisi Hoffmann, que falará pela Liderança do PT. A Sr<sup>a</sup> Senadora tem 20 minutos.</p> <p>201. A Presidência designa os membros da Comissão Permanente nos termos do expediente encaminhado às Lideranças.</p> <p>202. Requerimentos nºs 91, 95, 96 e 104, de 2017, dos Senadores Ronaldo Caiado, Vicentinho Alves, José Maranhão e Ângela Portela, que solicitam, nos termos do</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>art. 40 do Regimento Interno do Senado Federal, licença dos trabalhos da Casa para participar de missão oficial no exterior e comunicam, nos termos do art. 91, inciso I, do Regimento Interno que estarão ausentes do País no período da missão.</p> <p>203. As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que os aprovam permaneçam como se encontram. <i>(Pausa.)</i></p> <p>204. Aprovados.</p> <p>205. A Secretaria da Ata individualizará as tramitações das proposições.</p> <p>206. Com a palavra, Senadora. A senhora tem 20 minutos e falará pela Liderança do PT do Estado do Paraná.</p> <p>207. <b>A SR<sup>a</sup> GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PR. Como Líder. Sem revisão da oradora.) – Obrigada, Sr. Presidente, Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup> Senadoras...</p> <p>208. <b>O Sr. Dalirio Beber</b> (Bloco Social Democrata/PSDB - SC) – Senadora...</p> <p>209. <b>A SR<sup>a</sup> GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PR) – Pois não.</p> <p>210. <b>O Sr. Dalirio Beber</b> (Bloco Social Democrata/PSDB - SC) – Se permitir, apenas queria registrar a presença da rainha e das princesas da nossa Oktoberfest de Blumenau, que hoje estão aqui no Distrito Federal, em Brasília, para participar do ato que culminou com a assinatura da declaração da outorga do título de Capital Nacional da Cerveja, de autoria do Deputado Décio Lima, na Câmara Federal – ele que foi prefeito da cidade de Blumenau durante dois mandatos. Tivemos o privilégio, até com a sua contribuição, Senadora Gleisi, de aprovar, no dia 16 de fevereiro, aqui no Senado, esse projeto de lei que hoje foi sancionado pelo Presidente da República. Por isso, contamos com a presença da rainha e das princesas aqui na cidade de Brasília, visitando o nosso Senado Federal. Obrigado pela oportunidade.</p> <p>211. <b>A SR<sup>a</sup> GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PR) – Pois não.</p> <p>212. <b>O Sr. Dário Berger</b> (PMDB - SC) – Senadora Gleisi.</p> <p>213. <b>A SR<sup>a</sup> GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PR) – É claro.</p>
13:12 <b>R</b>	<p>214. <b>O Sr. Dário Berger</b> (PMDB - SC) – Por gentileza, peço um minuto de atenção, com a aquiescência do Presidente, porque se trata de um momento diferente, vamos dizer assim, uma vez que Santa Catarina e Blumenau expressam a sua beleza com a nossa rainha e com as nossas princesas que representam uma das colônias alemãs mais consagradas de Santa Catarina. Eu sou oriundo, as minhas origens são da primeira colonização alemã de Santa Catarina, que se instalou em São Pedro de Alcântara. Posteriormente, veio mais uma leva de alemães, dentro os quais estava o Dr. Blumenau, que se instalou em Blumenau, cidade que recebe o seu nome em homenagem a ele. E Blumenau é um dos centros econômicos e sociais destacados de Santa Catarina. Além disso, evidentemente, honra-nos a presença aqui de sua rainha e de suas princesas e, sobretudo, do nosso Senador Dalirio Beber, que é de Blumenau. Esteve também aqui hoje o seu prefeito em evento do qual participamos: a sanção da lei que estabelece Blumenau como a Capital Nacional da Cerveja. Isso é muito importante, porque uma das maiores festas brasileiras acontece hoje exatamente em Blumenau, a Oktoberfest. Ela surgiu para unir a sociedade após uma grande tragédia que aconteceu – não me recordo da data – em função das enchentes, que, diga-se de passagem, são constantes naquela região. Isso uniu toda a sociedade e se transformou nesse momento que permitiu – através de um projeto do Deputado Federal Décio Lima, um dos Deputados mais atuantes que temos em Santa Catarina, inclusive do seu Partido, Senadora Gleisi, e que teve como Relator no Senado o Senador Dalirio Beber – que nós pudéssemos hoje estar comemorando um ato simples e singelo, mas de repercussão social,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>política e turística muito importante para Santa Catarina, especialmente para Blumenau. Então, eu quero me congratular com o Senador Dalirio, com o Prefeito Napoleão Bernardes e com todo o povo de Blumenau por essa conquista, na certeza de que esse será um marco importante do desenvolvimento turístico daquela região. Muito obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.</p> <p>215. <b>A SR<sup>a</sup> GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PR) – Quería parabenizar o Senador Dário e o Senador Dalirio por Blumenau ter se tornado a Capital Nacional da Cerveja. Eu estava de manhã com o Deputado Décio num evento do nosso Partido, e ele saiu de lá rapidamente exatamente porque ia para a sanção desse projeto. Lembro-me de quando o Senador Dalirio nos pediu para colocar em votação na Ordem do Dia, extrapauta, esse projeto de lei. Então, parabéns! Eu os acompanho muito, nós do Paraná somos vizinhos de Santa Catarina. Já estive na Oktoberfest. Quero cumprimentar também as meninas que representam aqui a festa, desejando muito sucesso e que esse título realmente possa trazer muitas alegrias e benefícios para a cidade.</p> <p>216. <b>O Sr. Dalirio Beber</b> (Bloco Social Democrata/PSDB - SC) – Com certeza. Gostaria de agradecer as palavras do nosso colega Senador Dário Berger e, sobretudo, também agradecer ao Presidente do momento aqui no Senado e à nossa Senadora Gleisi, que contribuiu, ela e o Senador Cássio, naquela oportunidade, para permitir que nós pudéssemos ter a aprovação do projeto no Senado, exatamente num período em que se realizava, lá na cidade de Blumenau, o Festival Brasileiro da Cerveja. Nós tivemos um concurso para eleger a melhor cerveja que reuniu mais de dois mil rótulos. Eram 61 jurados representando 20 países. Ou seja, foi um evento de qualidade, algo que é realmente a praxe do trabalho dos blumenauenses e de todos os catarinenses, especialmente em função de suas origens, lá em 1850, quando o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau chefou uma delegação de alemães que veio ajudar, a convite do governo brasileiro, no processo de colonização do nosso País. Fincaram as raízes, apesar das adversidades, das inúmeras enchentes que o Vale do Itajaí, sobretudo Blumenau, enfrentou; foram teimosos no sentido de permanecer e de construir alternativas para ser a cidade de Blumenau que todos nós amamos.</p>
<p>13:16</p> <p><b>R</b></p>	<p>217. <b>A SR<sup>a</sup> GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PR) – Retomo aqui, então, Sr. Presidente, Srs. Senadores, quem nos ouve pela Rádio Senado, quem nos assiste pela TV Senado, o nosso pronunciamento na data de hoje, no dia 9 de março.</p> <p>218. Subo a esta tribuna, Sr. Presidente, para anunciar que, na semana que vem, vou protocolar um requerimento a essa Mesa com base no art. 222 do Regimento Interno do Senado da República, que diz o seguinte:</p> <p>219. <i>Art. 222. O Senador poderá apresentar requerimento de voto de aplauso, congratulações, louvor, solidariedade ou censura [...].</i></p> <p>220. <i>§ 1º Se disser respeito a ato público ou a acontecimento de alta significação nacional ou internacional, o voto de aplauso, congratulações, louvor, solidariedade ou censura poderá, mediante requerimento subscrito por um terço da composição da Casa, ser encaminhado em nome do Senado Federal, após sua aprovação pelo Plenário.</i></p> <p>221. O requerimento que eu gostaria de apresentar na data de hoje é um requerimento de repúdio, mas, como me falta esse instrumento no Regimento Interno do Senado, vamos apresentar aqui um voto de censura, com base no art. 222, ao discurso do Presidente Michel Temer no dia de ontem, 8 de março de 2017, em pretensa homenagem ao Dia Internacional da Mulher, solenidade que era para fazer exatamente a homenagem, em que expôs o conceito machista, enaltecendo apenas o papel doméstico das mulheres.</p> <p>222. Houve Senadores aqui que falaram em defesa do Presidente, dizendo que as</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>críticas que ele está recebendo nas redes sociais, que nós estamos fazendo são de uma patrulha feminista.</p> <p>223. Não é verdade, se pegarmos os jornais hoje, articulistas homens estão criticando o Presidente. Aliás, um articulista que é muito conhecido, Josias de Souza, jornalista, no seu blogue, fala exatamente que o Presidente Temer fez uma anti-homenagem às mulheres. Não me parece que o jornalista Josias de Souza pertença a alguma patrulha feminista.</p> <p>224. O que o Presidente Michel Temer fez é indefensável. Ele tenta se retratar hoje nos jornais, aliás, não é nem nos jornais, mas nas redes sociais, colocando no Twitter, nas redes sociais que vai sempre lutar pelos interesses, pela defesa das mulheres, pela igualdade de condições no trabalho doméstico e no trabalho fora de casa, mas acho que a situação já demonstrou bem o conceito que ele tem em relação à mulher e ao conceito que ele tem em relação à família e à responsabilidade de homens e mulheres nos cuidados da casa e nos cuidados dos filhos.</p> <p>225. Nós estamos, Sr. Presidente, na segunda década do século XXI. Nós mulheres persistimos na luta pela conquista do direito de igualdade em todas as frentes, contra o machismo, a misoginia e todos os retrocessos que tentam nos impor no Brasil e no mundo, Senadora Lúcia Vânia. No processo histórico, o avançar não prescinde do reconhecimento das conquistas já efetivadas pelas que nos antecederam, e foram muitas.</p>
<p>13:20</p> <p>R</p>	<p>226. Hoje, o lugar da mulher é onde ela quiser, exercendo a profissão que desejar, definindo os rumos da sua vida em todos os aspectos se assim quiser, sem qualquer tipo de dependência ou interferência do homem. A busca pela ocupação dos espaços é tarefa cotidiana. Pensar em uma mulher vinculada apenas ao papel do lar é retroceder a história em pelo menos 70 anos.</p> <p>227. Por isso, o discurso proferido ontem pelo Presidente Michel Temer no evento que convocou no Palácio do Planalto, supostamente para homenagear o Dia Internacional da Mulher, foi um insulto. Um insulto para nós, mulheres, e um insulto para a sociedade; um insulto contra a história, um insulto contra as nossas conquistas, um insulto contra a nossa inteligência e a nossa participação social.</p> <p>228. Do discurso, que foi uma agressão a nós, mulheres, às nossas lutas e nossas conquistas, é importante destacar os seguintes trechos que disse o Senhor Presidente. Vamos lá. Diz ele:</p> <p>229. <i>Eu digo isso com a maior tranquilidade, porque eu tenho absoluta convicção, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela, o quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos. E, portanto, se a sociedade de alguma maneira vai bem, quando os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada educação e formação em suas casas. E seguramente isso quem faz não é o homem, isso quem faz é a mulher.</i></p> <p>230. [...]</p> <p>231. <i>A queda da inflação que nós estamos assistindo, a queda dos juros, o superávit recorde da nossa balança comercial, o crescimento do investimento externo, tudo isso significa empregos. E significa também que a mulher, além de cuidar dos afazeres domésticos, vai vendo um campo cada vez mais largo para o emprego.</i></p> <p>232. Temer reduziu as mulheres ao único papel de desempenho no lar, mostrando ignorância e desconhecimento do dado de mulheres no mercado de trabalho e mostrando uma postura sexista de que os cuidados com os filhos e com os afazeres domésticos não cabem também aos homens.</p> <p>233. E eu quero aqui fazer um registro: não é demérito nenhum o trabalho de dona de casa e o trabalho do lar, como é chamado vulgarmente na nossa sociedade. O que é demérito é a sociedade não reconhecer esse trabalho como essencial ao desenvolvimento humano, aliás, à organização da própria sociedade, não</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>reconhecer esse trabalho financeiramente, economicamente.</p> <p>234. Tanto eu acho relevante, que fui autora aqui de emendas em medidas provisórias para regulamentar o que nós conseguimos colocar na nossa Constituição em 2005, que foi a aposentadoria das donas de casa, o primeiro reconhecimento econômico-financeiro de um trabalho que dá sustentação à sociedade como nós a conhecemos, porque as mulheres lavam, passam, cozinham, cuidam dos filhos, e nem sequer recebem "muito obrigado". Aí vão ser valorizadas porque fazem isso no Dia Internacional da Mulher? É de uma pobreza de espírito imensa!</p> <p>235. Eu duvido que ele diga alguma vez – a mulher dele eu não sei se faz os trabalhos domésticos – à empregada, à pessoa que cuida ou ajuda a cuidar do filho "muito obrigado", porque geralmente isso não acontece. Nem marido, nem filho, ninguém reconhece o trabalho doméstico, porque ele não tem valor econômico.</p> <p>236. Eu quero aqui relembrar uma pesquisa feita pela Universidade Federal Fluminense, por três professores – dois professores e uma professora –, que disseram, Sr. Presidente, que, se nós contássemos esse trabalho para o PIB brasileiro, nosso PIB seria incrementado em 12,5%, ou seja, é um trabalho que não é computado, mas tem valor econômico.</p> <p>237. Se as mulheres tivessem que ser remuneradas por fazer o trabalho doméstico, teriam que ganhar, no mínimo, R\$1.500 por mês, mas não ganham, nem à aposentadoria tinham direito. Nós conseguimos colocar na Constituição o direito à aposentadoria, regulamentamos. Hoje, a mulher tem que trabalhar 15 anos, ter 65 para se aposentar, sendo dona de casa, mulher de baixa renda, e paga apenas 5% por mês em relação ao salário mínimo de contribuição do INSS.</p>
<p>13:24</p> <p><b>R</b></p>	<p>238. Mas esse Presidente, que deu essa declaração aqui, vangloriando as mulheres porque trabalham em casa, está acabando com a aposentadoria especial das donas de casa. Poderia, pelo menos, deixar a aposentadoria especial das donas de casa, já que V. Ex<sup>a</sup> reconhece que esse é o papel fundamental da mulher – e é um papel fundamental para o desenvolvimento da sociedade, porque, sem esse trabalho, nós não teríamos a sociedade edificada como está.</p> <p>239. Só que agora nós temos outro momento histórico, agora os homens têm que dividir com as mulheres o trabalho de casa, têm que dividir o cuidado dos filhos. Ora, sobrava às mulheres cuidar dos filhos e da casa, porque elas não tinham outra opção, Senador Dário; se lhes dessem outra opção antes, se as mulheres pudessem, no século passado, no início do século passado, ir para as universidades, ser alfabetizadas... Porque as mulheres nem sequer eram alfabetizadas, Senador Dário! O papel da mulher era sair da mão do pai para ir para mão do marido, e chamava o marido de senhor. Era assim que acontecia. Eu me lembro da minha vó, que não é tão tarde assim na história, que chamava de senhor, porque a mulher era quase uma extensão da propriedade privada do homem. Aí querem dizer que a mulher não pode desempenhar outro papel. Não pode, porque não teve oportunidade.</p> <p>240. Veja agora, Presidente, que nós temos oportunidade de ir para as universidades, temos oportunidade de ir para o mercado de trabalho, temos oportunidade de fazer um curso profissionalizante, temos oportunidade de estudar. Onde as mulheres estão? São a maioria nas universidades. As mulheres dão resposta a muitas áreas no mercado de trabalho como maioria. Vamos ver nos cursos de Engenharia, Medicina. Eram proibidas as mulheres na ciência. Aliás, nós somos homenageadas, as mulheres estão ganhando prêmios nas ciências. E essas mulheres que fazem esse trabalho fora de casa fazem também o de dentro de casa. Estou acostumada a ver mulheres que exercem funções de comando, de direção, ou essas profissões, que cuidam dos filhos, sim, que lavam louça, sim. Eu faço isso na minha casa nos finais de semana, à noite; agora, meu marido também faz, o Paulo também cuida das crianças,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>também lava a louça, também divide comigo. É sobre isso que estamos falando, está mudando a relação da sociedade.</p> <p>241. Então, não pode um Presidente do século passado – que, aliás, foi responsável por tirar a primeira mulher da Presidência da República – cometer esse absurdo no Dia Internacional da Mulher e achar que está tudo bem. Não está tudo bem! Sabe por que não está tudo bem? Porque essa visão, que é a visão dele, a visão real dele, é a visão que está dirigindo as políticas públicas deste País, Senador Dário, e essas políticas públicas para as mulheres são destruídas.</p> <p>242. O que ele fez quando entrou na Presidência? Desestruturou a Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, tirou do <i>status</i> de ministério. Isso, por acaso, resultou num valor menor para o Orçamento da União? Não, porque ele manteve a Secretaria lá, só que num papel reduzido. Cortou os seus custeios, que não significam absolutamente nada para o Orçamento. São pequenininhos, mas eram custeios essenciais, que serviam, por exemplo, para fazer o funcionamento da Casa da Mulher Brasileira, que nós, com a Presidenta Dilma – eu era Ministra-Chefe da Casa Civil –, lançamos com o Programa Mulher, Viver Sem Violência. Nós temos hoje Casa da Mulher Brasileira em Curitiba, Brasília, São Luís, Campo Grande. A de Brasília está fechada por falta de recursos. E não foram inauguradas ainda as de Fortaleza, São Paulo e Boa Vista, porque ele não está colocando custeio.</p>
<p>13:28</p> <p>R</p>	<p>243. Nós fizemos, Senador Dário, os ônibus e também os barcos para levar aos lugares com mais dificuldades serviços básicos para as mulheres na questão da Previdência Social, de retirada de documentação, de orientação de trabalho, emprego e renda. Eles estão parados. Estão parados. Por quê? Porque não há custeio. O Governo Federal cortou, os Municípios não têm condição, e os Estados também não. Quanto custa isso? É um mínimo em termos de orçamento, mas dava às mulheres condições dignas para elas pudessem ter acesso à cidadania.</p> <p>244. Olhe, Sr. Presidente, é com muita tristeza que eu vejo o desmonte que ocorre neste Governo, que tem essa concepção aqui, que faz uma homenagem ao Dia da Mulher dizendo que cabe a elas, tão somente a elas cuidar da casa e criar os filhos. É com imensa tristeza que eu vejo o desmonte das nossas políticas públicas.</p> <p>245. Nós conseguimos retirar, Sr. Presidente, 36 milhões de pessoas da miséria neste País com programas de distribuição de renda, com salário mínimo, que foi valorizado, e com o Bolsa Família, que era um complemento de renda. Noventa e dois por cento dos beneficiários do Bolsa Família, Senador Cidinho, são mulheres, porque, se tinha face a pobreza neste País, a face era feminina, feminina e infantil. Quando você olha, são as pessoas que mais sofrem, mulheres e crianças, porque nunca tiveram lugar na sociedade, nunca tiveram destaque para políticas públicas. É recente a nossa participação no público, muito recente. As mulheres entraram no mercado de trabalho em massa depois da Segunda Guerra Mundial. Aliás, durante a Segunda Guerra Mundial, porque não havia homens para trabalhar nas fábricas. É isso que aconteceu. Ou seja, a necessidade masculina nos colocou no mercado de trabalho, que sempre foi de muita luta para nós.</p> <p>246. E, aí, agora que conquistamos esses programas, vemos isso sendo desmanchado e este Presidente cortar agora 450 mil Bolsas Famílias, exatamente num momento em que nós estamos com recessão e com desemprego.</p> <p>247. Nós tivemos 11 milhões de pessoas beneficiadas pelo Minha Casa, Minha Vida. Noventa por cento desses beneficiários da menor faixa de renda, o Minha Casa, Minha Vida 1, são mulheres. E nós fizemos questão de criar uma lei, com a Presidenta Dilma, que exigisse que o título da casa ficasse no nome das mulheres. Sabe por quê, Presidente? Porque, às vezes, quando ficava no nome</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>dos homens, geralmente ele vendia e deixava as mulheres com os filhos na mão, se separava, ia embora e largava. Parou esse problema. Hoje temos uma garantia para que as mulheres tenham casa. Eu espero que ele não revogue essa lei por achar que o marido é o chefe da família única e exclusivamente, porque é bem capaz de fazer isso.</p>
<p>13:32</p> <p>R</p>	<p>248. Nos governos Lula e Dilma, 9,5 milhões de pessoas cursaram o Pronatec, e 59% são mulheres. E 4 milhões de pessoas chegaram à universidade apenas por dois programas, Prouni e Fies, e de 53% a 59%, entre esses dois programas, são mulheres.</p> <p>249. De 1,2 milhão de cisternas instaladas no Semiárido brasileiro, 94% foram em nome de mulheres.</p> <p>250. Assim, as políticas que nós fizemos nos governos do Lula e da Dilma foram políticas direcionadas às mulheres. Para quê? Para melhorar as condições de vida, já que eram elas as mais afetadas com a pobreza; para poder dar condições de que a mulher também tivesse influência na sociedade, fosse dona do seu nariz, tivesse o seu dinheirinho, conseguisse ter uma segurança familiar. Foi isso que nós fizemos, porque nós nunca achamos que lugar de mulher é só em casa e cuidando dos filhos. Nós sempre achamos que cuidar da casa e cuidar dos filhos é uma responsabilidade da família, de homens e mulheres. E a mulher tem, sim, o seu espaço na sociedade, para participar – tem que ter – em condições de igualdade com os homens.</p> <p>251. Para atender a Lei Maria da Penha, no Pacto pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, que foi assinado com os Estados, nós construímos uma rede de serviços. E o Ligue 180, que antes era restrito ao Governo Federal, passou a atuar em toda essa rede e realizou, em dez anos, de 2006 a 2016, 4,7 milhões de atendimentos. O Ligue 180 é diretamente direcionado para a questão da violência contra a mulher. Isso é para ver o nível de violência que nós temos ainda. E a maioria dessa violência é doméstica, por essa concepção de que há uma hierarquia entre homens e mulheres, de que o homem é o chefe da casa, o provedor da família, de que à mulher cabe cuidar dos filhos e da casa e de que ela depende financeiramente dele e, então, é logo quase que uma extensão da sua propriedade. É por essa visão que nós temos esses níveis absurdos de violência, porque o que você faz com a propriedade? Você a usa como melhor lhe convier. Então, bater, agredir, jogar fazem parte do uso que você tem com um objeto.</p> <p>252. É muito triste isso que nós tivemos. O que reflete essa fala do Presidente da República é exatamente o machismo impregnado na nossa sociedade. Por isso, não podemos deixar passar em branco e achar que ele, com desculpas, vai corrigir isso. Esta Casa aqui tem a obrigação de se manifestar em relação a essa fala, principalmente depois do que fizemos ontem, do que realizamos ontem no Senado da República, onde diversos Senadores subiram a esta tribuna – eu diria quase que a totalidade dos Senadores subiu a esta tribuna – para fazer homenagem às mulheres, para falar da importância da participação das mulheres, para fazer uma homenagem às Senadoras. Esta Casa parou ontem. A Mesa ficou composta de mulheres. Falamos sobre os nossos temas, mas sobre os temas do Brasil, sobre os temas que envolvem a vida das pessoas, porque, quando falamos sobre o interesse das mulheres, nós estamos falando sobre o interesse de todos. Quando falamos da saúde, da luta que nós temos, é a saúde dos nossos filhos, é a saúde dos nossos companheiros.</p> <p style="text-align: center;">253. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>254. <b>A SRª GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PR) – Quando brigamos pela educação, é a educação dos nossos filhos, é a educação da nossa família, é a educação das nossas filhas. Quando viemos aqui e dizemos que um governo não pode fazer a reforma da previdência, nós estamos lutando por nós, sim, Sr. Presidente, estamos lutando para que não</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>percamos o nosso direito com tanta luta conquistado durante todos esses anos, mas também pelos nossos companheiros, que também vão perder direitos. Quando uma mulher entra na luta, ela entra na luta para melhorar a vida da sociedade.</p>
<p>13:36</p> <p>R</p>	<p>255. Eu quero fazer um pedido aos meus pares aqui – nós já temos 15 assinaturas nesse requerimento de voto de censura –, a todos os Senadores que, ontem, com tanto brilho, com tanta efetividade, homenagearam as mulheres e aqui estiveram neste plenário, se revezando nesta tribuna, para dizer da importância que tem a mulher participar socialmente, seja no mercado de trabalho, seja na...</p> <p style="text-align: center;"><i>256. (Soa a campanha.)</i></p> <p>257. <b>A SRª GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PR) – ... política, seja nas lutas sociais. Eu quero que esses Senadores assinem o voto de censura, porque nós vamos precisar de 27 assinaturas. Eu pretendo que, com isso, possamos protocolar na terça-feira e trazer para o centro do debate o machismo e a misoginia que ainda impregna a sociedade brasileira.</p> <p>258. Muito obrigada, Sr. Presidente.</p> <p>259. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Thieres Pinto. Bloco Moderador/PTB - RR) – Obrigado, Senadora Gleisi Hoffmann, do PT, do Paraná.</p> <p>260. Passo a palavra à Senadora Lúcia Vânia, do PSB, do Goiás. Na sequência, o Senador Cidinho. V. Exª tem a palavra.</p> <p>261. Quero fazer um registro de que estiveram no plenário a Rainha Bruna Ponchielli, a 1ª Princesa Vanessa Salvador e a 2ª Princesa Bianca Tribess da 34ª Oktoberfest de Blumenau, que hoje foi sancionada como a Capital Nacional da Cerveja. Parabéns, Blumenau! Parabéns, toda Santa Catarina.</p> <p>262. <b>A SRª GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PR) – Permite-me, pela ordem?</p> <p>263. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Thieres Pinto. Bloco Moderador/PTB - RR) – Com a palavra a Srª Senadora.</p> <p>264. <b>A SRª GLEISI HOFFMANN</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PR. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) – É só um minutinho, Senadora Lúcia Vânia. É muito rápido.</p> <p>265. Eu só me esqueci de fazer um registro da tribuna. Eu não poderia deixar de registrar aqui as manifestações que nós tivemos ontem das mulheres por todo o Brasil. Foram manifestações lindíssimas. Na semana que vem, quero trazer aqui as fotografias. Todo mundo está vendo nas redes sociais: milhões de mulheres foram às ruas não só no Brasil, mas em vários países do mundo. Foi lindíssimo ontem o movimento de mulheres.</p> <p>266. Eu não tenho dúvidas de que as mulheres estão sendo precursoras da luta e vão ser as grandes protagonistas dessa luta contra os atrasos e contra a retirada de direitos da sociedade brasileira, dos trabalhadores e trabalhadoras.</p> <p>267. Obrigada, Senadora Lúcia Vânia.</p> <p>268. <b>A SRª LÚCIA VÂNIA</b> (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - GO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, Srªs e Srs. Senadores, no momento em que celebramos a melhora de alguns fundamentos da economia brasileira, como o arrefecimento dos índices de inflação e a queda na taxa Selic, gostaria de aproveitar a manifestação do Senador Fernando Bezerra na tribuna desta Casa em 16 de fevereiro passado para reforçar a necessidade de o Governo ajustar as taxas de juros associadas aos Fundos Constitucionais de Financiamento do Norte, Nordeste e Centro-Oeste a essa nova realidade.</p>
<p>13:40</p> <p>R</p>	<p>269. De acordo com a pesquisa Focus, um levantamento semanal de projeções dos principais indicadores de economia realizado pelo Banco Central, a inflação esperada para o fim de 2017 está em 4,36%, segundo informações atualizadas até 3 de março. Para 2018, a inflação esperada pelos analistas de mercado é de</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>4,5%.</p> <p>270. A convergência dos índices de inflação para o centro da meta defendida pelo Conselho Monetário Nacional é resultado do trabalho feito pela diretoria do Banco Central, assim como dos esforços realizados pelo Governo para transmitir aos agentes o compromisso com a melhora do quadro fiscal da economia.</p> <p>271. A comunicação do Banco Central sugere que os juros básicos da economia continuarão a cair em ritmo elevado nos próximos meses. Isso impõe a necessidade de o Ministério da Fazenda adequar os juros reais associados às linhas de empréstimos dos fundos constitucionais de desenvolvimento regional.</p> <p>272. O ajuste nas taxas de juros desses fundos é importante para que empresários, pequenos produtores e comerciantes possam não apenas reduzir os níveis de endividamento, como também investir nos seus negócios para gerar emprego e renda, impulsionando a retomada da economia no Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste.</p> <p>273. O Governo tem realizado esforços para melhorar o quadro fiscal da economia, buscando adequar o crescimento das despesas ao comportamento das receitas, que foram extremamente atingidas pela recessão econômica.</p> <p>274. Ao mesmo tempo em que demonstra preocupação com a estabilidade do quadro macroeconômico, o Ministério da Fazenda tem sinalizado que promoverá esforços para avançar uma agenda de medidas microeconômicas, de modo a melhorar o ambiente de tomada de decisão para empresários e consumidores, além de elevar a produtividade da economia. Como exemplo, cito a intenção do Banco Central e do Ministério da Fazenda em debater medidas para reduzir o <i>spread</i> bancário e, conseqüentemente, as taxas finais de empréstimos para pessoas físicas e jurídicas.</p> <p>275. Os esforços para estabilizar a economia e a intenção de adotar medidas de cunho microeconômico estão inseridos em um contexto mais amplo, de garantir a manutenção dos juros em níveis mais baixos e similares aos observados em outras economias emergentes.</p> <p>276. Por fim, destaco que o Senado Federal, ao longo dos dois últimos anos, tem realizado ações para aliviar a crise econômica por que passa o nosso País, especialmente no que diz respeito às finanças públicas dos entes federados. Reitero aqui meu compromisso com essa agenda e afirmo que pretendo realizar o que for necessário para que possamos criar as condições para a tão necessária e esperada retomada do crescimento da nossa economia.</p> <p>277. Sr. Presidente, com essas ações, a exemplo do que fizemos aqui no passado com a Agenda Brasil, ao fazer uma agenda com temas microeconômicos, nós estaremos colaborando com a decisão do Banco Central no sentido de reduzir os juros e voltar a economia a crescer, gerando o tão sonhado emprego. É inquietante para esta Casa, é inquietante para o País, para aqueles que têm função pública, assistir passivamente o nosso povo brasileiro conviver com 12 milhões de desempregados.</p>
13:44 <b>R</b>	<p>278. É preciso que se faça, o mais urgente possível, um esforço para que os empregos voltem à nossa sociedade, os empregos voltem ao povo brasileiro.</p> <p>279. Deixo aqui o meu compromisso e, principalmente, a minha decisão de, diariamente, buscar alternativas para que possamos oferecer soluções adequadas e resultados efetivos para aqueles que esperam desta Casa responsabilidade e trabalho.</p> <p>280. Muito obrigada, Sr. Presidente.</p> <p>281. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Thieres Pinto. Bloco Moderador/PTB - RR) – Obrigado, Senadora Lúcia Vânia, do PSB, do Goiás.</p> <p>282. Com a palavra o Senador Cidinho Santos, do PR, de Mato Grosso. Senador, o senhor tem a palavra.</p> <p>283. <b>O SR. CIDINHO SANTOS</b> (Bloco Moderador/PR - MT. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Thieres, que, neste momento,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>ocupa a Presidência do Senado Federal, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, na semana passada, nós tivemos aqui na tribuna alguns colegas criticando a decisão do Ministro Blairo Maggi e da Camex de autorizar a importação de uma cota de café para atender este momento de entressafra no Brasil. E eu já estava inteirado sobre o assunto, procurei me inteirar de forma mais efetiva, para vir aqui hoje fazer com umas colocações necessárias para que possamos esclarecer a população brasileira.</p> <p>284. Em primeiro lugar, Presidente, quero lamentar que, muitas vezes, aqui no Senado Federal ou até na Câmara, vemos muitas pessoas defendendo corporações, defendendo entidades, mas se veem muito poucas pessoas defendendo realmente quem nos colocou aqui, que é o povo. Nesse caso específico do café, eu não vi ninguém aqui levantar a palavra e dizer-se preocupado com aquele que gosta de tomar o seu cafezinho do dia a dia, com o preço que está nos supermercados, com aumento todo dia. Preocupam-se com o produtor, eu acho que tem que se preocupar mesmo; preocupam-se com a indústria, também acho que tem que se preocupar; mas nós também temos que nos preocupar com quem paga a conta, com quem é o nosso consumidor, e quem paga são essas pessoas. Então, eu lamento que, às vezes, as pessoas – eu assisto –, aqui na tribuna ou até nas comissões, façam várias defesas, mas a defesa do povo pouca gente faz aqui no aqui, no Senado Federal. Isso tem que mudar.</p> <p>285. Nesse caso do café, vou aqui agora tentar ser bem breve nas minhas explicações.</p> <p>286. A eventual proibição das importações de café do Vietnã, recentemente liberadas, atenta aos acordos da Organização Mundial do Comércio e compromete a ofensiva brasileira para o aumento das exportações, que se baseiam nessas regras para ter acesso aos mercados internacionais, aos produtos do agronegócio.</p>
13:48 <b>R</b>	<p>287. O impacto da eventual proibição arbitrária poderá afetar diversas outras cadeias produtivas que se utilizam desse acordo para fazer comércio internacional. Ou seja, a partir do momento em que nós proibimos que se faça a importação para atender o mercado, nós estamos possibilitando que também outros mercados proibam as exportações dos produtos brasileiros.</p> <p>288. Além disso, não é compatível com a postura do maior exportador e produtor mundial de alimentos – no caso, o nosso Brasil.</p> <p>289. Nessas condições de restrições, sem fundamentação técnica, para as importações, o Brasil pode ser acionado pelo órgão de solução de controvérsias da OMC e ser condenado por esse tribunal, com grandes custos ao País e sua credibilidade internacional, como também até mesmo ao Erário público, a exemplo do que aconteceu com os Estados Unidos no painel do algodão, no qual, recentemente, o Brasil teve um ganho, e os Estados Unidos tiveram que pagar aos produtores de algodão do Brasil um valor considerável.</p> <p>290. Em matéria sanitária, foram realizadas pelo MAPA várias análises, que estavam todas em conformidade com o SPS e também com as regras da OMC.</p> <p>291. Qualquer interrupção nas importações atenta a diversos artigos da Organização Mundial do Comércio, inclusive o fato de que as medidas devem ser na medida necessária para a garantia da proteção fitossanitária e não pode ser utilizada como barreira encoberta ao comércio internacional.</p> <p>292. Além disso, diversos outros artigos do acordo podem ser invocados no Tribunal Internacional da OMC, levando a uma possível condenação do Brasil.</p> <p>293. Outros acordos da OMC porventura violados por medida arbitrária de restrição às importações podem ser facilmente acionados também na OMC.</p> <p>294. É certo que a importação de café conilon pelo Brasil não penaliza a produção nacional, apenas complementa o consumo.</p> <p>295. O Ministro Blairo Maggi agiu com visão de administrador do complexo</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>agropecuário. Afinal, a oferta do café conilon foi reduzida nesta safra. De posse dos dados sobre produção e consumo dessa variedade de café e da importância do café conilon na cafeicultura nacional, o Ministro Blairo agiu de maneira a controlar a importação de café, evitando a internação além do necessário ao que o Brasil precisa neste momento. Assim, submeteu ao Decex o aumento da alíquota de importação de 10% para 35% e inclusão do grão na lista de exceção para 1 milhão de sacas, durante quatro meses apenas no período de entressafra, de fevereiro a maio, com alíquota de importação de 2%.</p> <p>296. É visto no panorama atual que a produção de café conilon no Brasil, até a safra 2015, foi, em média, de 12 milhões de sacas. O Espírito Santo, maior produtor brasileiro, colhia 9,3 milhões de sacas. A Bahia e Rondônia, 2,4 milhões de sacas de café. Esse volume histórico atendia o consumo de 10 milhões de sacas.</p> <p>297. Com a crise climática no principal Estado produtor, a produção caiu bastante: em 2015, para 7,7 milhões de sacas e, em 2016, para 5 milhões de sacas.</p> <p>298. Apenas nesses dois anos, a diminuição da produção no Espírito Santo foi de 5,7 milhões de sacas de café. Pior ainda é que, para 2017, a estimativa de colheita é no máximo de 5,3 milhões de sacas. Assim, a produção nacional foi afetada. Em 2015, caiu para 11,1 milhões de sacas de café, em 2016, para 8 milhões de sacas. A perda acumulada nesses dois anos em relação à média das safras 2012 a 2014 foi de 4,8 milhões de sacas.</p> <p>299. A situação se mostra tão grave que os preços de venda do café conilon atingiram cotações mais elevadas que os do café arábica. Historicamente, o preço do conilon é de 30% a 50% mais baixo que o do arábica, em virtude de esse produzir melhor qualidade da bebida. A situação não deverá ser resolvida na safra 2017, vista a estimativa de produção, que deverá ser de 9,6 milhões de sacas.</p>
<p>13:52</p> <p><b>R</b></p>	<p>300. Esse foi o foco da crise de abastecimento do conilon. Quando o assunto foi apresentado ao Ministro Blairo Maggi, os representantes dos produtores do Espírito Santo informaram que havia um estoque nas mãos do produtor, empresas e cooperativas de 3,7 milhões de sacas de café no Estado.</p> <p>301. Comparando com a produção e o consumo durante a safra, esse número pareceu superestimado. Então, com a preocupação de garantir transparência, o Ministro Blairo Maggi determinou à Conab uma auditoria no estoque privado no Estado do Espírito Santo.</p> <p>302. Com a equipe de especialistas, a Conab mapeou a existência de 1,7 milhão de sacas no Estado, quantidade compatível com a produção e o consumo. Na Bahia, foram 432 mil sacas e, em Rondônia, apenas 20 mil sacas. Então, foi informado que tinha um estoque de 3,7 milhões de sacas, quando na verdade possuía apenas 1,7 milhão de sacas no estoque.</p> <p>303. Com esse volume de estoque total de 2,140 milhões de sacas no Brasil todo, foi estimado um déficit nacional de 1,2 milhão de sacas de café para atender o mercado interno até o início da próxima safra, que se inicia em junho. Por isso, a decisão acertada do Ministro Blairo Maggi de autorizar a importação.</p> <p>304. A importação do café conilon é importante no Brasil principalmente para a indústria do café solúvel, que é a sua principal matéria-prima, e também para a torrefação no preparo dos diferentes <i>blends</i> para os diferentes gostos do consumidor brasileiro.</p> <p>305. O Brasil é o principal exportador mundial de café solúvel. Essas exportações geram cerca de US\$600 milhões de receita anual. O café solúvel brasileiro está presente em mais de 75 países. Com a dificuldade de encontrar matéria-prima nacional, o café conilon, as indústrias de café solúvel foram pressionadas a reduzir suas exportações, diminuir seus empregos e assim, conseqüentemente, diminuindo renda e também diminuindo impostos pagos aos Governos estaduais, Federal e municipais.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>306. Em janeiro de 2017, as vendas externas caíram 36%, em relação ao mesmo período do ano passado. Passaram de 5,8 milhões de toneladas para 3,7 mil toneladas. Apenas nesse mês, a perda de receita foi de algo como R\$10 milhões para essas empresas.</p> <p>307. É verdade que situações como essa acontecem no mercado de <i>commodities</i> agrícolas, porém, para o café, o fato é agravado pelo crescimento da concorrência externa na produção do café solúvel.</p> <p>308. No Vietnã, que é o grande produtor de conilon, o crescimento médio da produção de solúvel nos últimos seis anos foi de 86%; na Rússia, de 16%; e, na China, de 20%. Já, no Brasil, o crescimento foi somente de 0,9%. Ou seja, estamos patinando na produção de café conilon, enquanto nossos concorrentes estão voando.</p> <p>309. Arriscamos perder a posição de maior exportador de café solúvel para os países da Ásia, que estão atraindo, pelas facilidades encontradas nesses países, as grandes empresas do setor, como Nestlé e a Tata. Esse é um estrago e um dano para os produtores brasileiros, que dependem da indústria para consumir o que produzem suas lavouras.</p>
<p>13:56</p> <p>R</p>	<p>310. Assim, a medida tomada pelo Ministro Blairo Maggi, com o apoio da Camex, teve a visão estratégica de garantir a viabilidade da indústria de café solúvel e de torrefação, que são as principais compradoras de produção.</p> <p>311. Manter bloqueadas as importações no primeiro momento pode ser visto como proteção ao produtor do café conilon, porém, ainda na safra 2018, a normalização da produção poderá criar uma crise econômica para os produtores pela redução das atividades da indústria do café solúvel como compradora.</p> <p>312. Quanto às alegações de haver risco à sanidade vegetal da cultura com a entrada desse produto provindo do Vietnã, afirma-se que são precauções de alta relevância levadas em consideração pelo Ministério da Agricultura. Para isso, o Ministério elaborou e publicou a Instrução Normativa nº 7, que resguarda esse risco, definindo parâmetros e normas para a análise de todo café que for importado. Essas condições estão respaldadas nos acordos internacionais de que o Brasil é signatário, da Organização Mundial do Comércio e da FAO.</p> <p>313. O café só será importado mediante a comprovação do atendimento aos requisitos fitossanitários seguros garantidos pelo MAPA. Caso se constate o descumprimento de tais requisitos ou intercepte praga quarentenária, o carregamento é destruído ou devolvido. Portanto, toda importação de grãos crus de café é segura e garantida pelo Ministério da Agricultura, não tendo risco para a sanidade vegetal da produção agrícola do País, conforme texto publicado pela Secretaria de Defesa Agropecuária do MAPA.</p> <p>314. Esse não é o único produto que o Brasil produz e do qual procede à importação. Maçã, pera, cacau e tantos outros são trazidos de fora, e há produção nacional, sem que tenha ocorrido qualquer ocorrência de pragas ou de doenças vindas do exterior.</p> <p>315. Considerando a manifestação contra a importação feita pelos representantes dos Estados do Espírito Santo e de Rondônia, o Presidente Michel Temer, num gesto de preocupação, solicitou a suspensão temporária da possibilidade de importação para tratar com as partes envolvidas, de maneira a ampliar o esclarecimento sobre o assunto.</p> <p>316. Assim, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, é importante ressaltar que todas as precauções quanto à quantidade, à qualidade e à defesa sanitária com relação à vinda de pragas e de doenças foram tomadas pelo Ministério da Agricultura. Não foi uma decisão impensada do Ministro Blairo Maggi ou apressada, mas amparada em análises técnicas e econômicas, sem prejudicar os produtores de café conilon no Brasil. Muito pelo contrário, Blairo Maggi procura fortalecer a cadeia do agronegócio como um todo e também a do café neste momento de crise de abastecimento, garantindo o equilíbrio produtivo das indústrias do setor. Se nós</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>não tivermos café este ano para as indústrias produzirem e elas fecharem, se no ano que vem nós tivermos uma boa safra não vai adiantar muito, porque as nossas indústrias vão estar fechadas e não haverá para quem vender esse café.</p> <p>317. Nós precisamos, como disse no início, pensar na cadeia como um todo, pensar no produtor rural, pensar na indústria, mas principalmente pensar no consumidor, que é quem está pagando a conta no momento, com os preços altos do café nas prateleiras dos supermercados.</p> <p>318. Era só isso que eu tinha a colocar, Sr. Presidente.</p> <p>319. Muito obrigado.</p> <p>320. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Thieres Pinto. Bloco Moderador/PTB - RR) – Obrigado, Senador Cidinho Santos, que representa o Estado do Mato Grosso pelo Partido PR.</p> <p>321. Com a palavra o Senador Paulo Paim, do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Partido dos Trabalhadores.</p> <p>322. O senhor tem 20 minutos, Senador.</p>
14:00 <b>R</b>	<p>323. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Srs. Senadores e Sr<sup>as</sup> Senadoras, queria fazer um comentário sobre um evento que tivemos, hoje pela manhã, lá na Câmara dos Deputados, com a presença de Deputados e entidades da sociedade civil.</p> <p>324. Lá, Sr. Presidente, para mim, ficou claro – eu, que participei, como Presidente da Frente Parlamentar Mista de Deputados e Senadores, porque presido ou coordeno a Frente Parlamentar Mista, em defesa da Previdência, junto com o Deputado Arnaldo Faria de Sá, mas coordeno também a Frente Parlamentar Mista, em defesa dos direitos dos trabalhadores, junto com o Deputado Vicentinho – que as entidades que estavam lá, dezenas de entidades, sala lotada, estão muito preocupadas com duas questões: primeiro, com a reforma da previdência – por isso, duas –, mas também preocupados com a reforma trabalhista.</p> <p>325. Segundo eles, a reforma da previdência a população já incorporou. Ela sabe que é uma proposta cruel, uma proposta que deixa todos sem direito ao benefício. Eles ouvem das bases, nas ruas, nas fábricas, nos campos, no serviço público, na área privada, que o empregador, depois dos 60 anos, demite mesmo, não fica com o cidadão lá até os 70, 80 anos, porque entende ele que não vai produzir.</p> <p>326. Estava lá o Artur, que é Presidente do Fórum dos Trabalhadores, que engloba 18 confederações e 4 centrais sindicais. Ele esteve visitando recentemente – ele é o Presidente da Confederação dos Trabalhadores na Alimentação – um espaço de trabalho de um frigorífico. Ele dizia que a atividade, porque lá é tudo com aquelas correias – por exemplo, o frango vai passando, e o cara vai cortando a asa, pegando o pescoço e tal, e fazendo o corte devido para empacotar e mandar –, no pique da correia, que leva seja frango, seja porco, seja gado, tudo retalhado, o empregador mantém o trabalhador durante cinco anos, porque são cinco anos que o camarada resiste naquele pique de linha, bem dizer, naquele pique de produção, lembrando o Charlie Chaplin. Quem viu o filme do Charlie Chaplin, Tempos Modernos, se não me engano, é aquele estilo. Charlie Chaplin, lá atrás, já previa o futuro. Então, naquela produção, o cara não aguenta mais do que cinco anos. Depois de cinco anos, ele é demitido. Não é que ele tenha de ter 60 ou 55 anos. Ele demite aquele, depois de cinco anos, e coloca um outro de 30, 35 anos.</p> <p>327. Então, ele dizia: como é que um trabalhador vai chegar a 65, 70 anos, para poder se aposentar? Não vai se aposentar nunca! Mas, mesmo assim, percebeu ele e dizia, pelo roteiro que fez, junto com outros sindicalistas e líderes da sociedade civil, que os movimentos foram do mais alto nível em matéria de mobilização – milhares de pessoas nas ruas, não só do Rio Grande, mas</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	também de outras partes do País.
14:04 <b>R</b>	<p>328. Mas ele dizia que essa mobilização tem que ser incorporada, e assim também eu entendo, com a reforma trabalhista; que a reforma trabalhista é tão grave quanto a reforma previdenciária, pois, pela reforma trabalhista em debate... E aí falaram juizes do trabalho, falou a Anamatra (Associação Nacional de Magistrados da Justiça do Trabalho), falaram juizes da América Latina, eles relatavam que, se a reforma trabalhista for aprovada – que ela é um complemento da outra na visão daqueles que querem aprovar as duas reformas –, os trabalhadores poderão se preparar, porque essa história do negociado sobre o legislado, do trabalho intermitente, significa receber praticamente o trabalho por hora. Aí, sim, o décimo terceiro, as férias, as horas extras... Não há hora extra, fica tudo no banco de horas, um dia tu trabalhas duas horas, mas no outro dia tu podes trabalhar 18 horas. As férias com mais um terço, tudo isso entra em xeque, o Fundo de Garantia...</p> <p>329. Como é que fica tudo isso? Se vale o negociado, e não vale mais a lei, como é que fica a licença-maternidade? Nós ontem homenageamos aqui as mulheres numa sessão durante todo o dia. Como é que fica a licença-paternidade, que para mim tem a mesma intenção e a mesma extensão, que é para cuidar das crianças? Como é que fica a situação das domésticas e da lei recentemente aprovada por nós todos aqui se agora vai prevalecer o negociado sobre o legislado?</p> <p>330. Lá ficou acertado que a sociedade civil... E eu, agora, nos roteiros que farei, como agora... Neste fim de semana que vem, eu estarei em Ijuí, Panambi e Santo Ângelo; no outro fim de semana, estarei no Paraná, em dois eventos no Paraná; no outro, estarei no Rio Grande do Norte e na Paraíba, fazendo esse debate sobre a reforma da Previdência e a reforma trabalhista.</p> <p>331. A própria CPI que temos pedido... Já contamos com 42 assinaturas de Senadores e de Senadoras. Aliás, achei importante a Bancada Feminina, praticamente toda ela, só falta uma Senadora das 13, a assinar, mostrando a fibra, a coragem e a resistência da mulher brasileira, que quer que se investigue tudo. Pode-se fazer uma retrospectiva dos últimos 20 anos para provar o quanto a nossa Previdência é superavitária.</p> <p>332. Também lá foi, mais uma vez, reafirmado: se a Previdência tivesse déficit, como seria possível tirar 30% via DRU desse orçamento? Se a Previdência tem déficit, por que abriram mão da contribuição do empregador em inúmeros casos, que era de 20% sobre a folha, e agora passou a ser de 1,5% ou de 1% sobre o faturamento? Por que a próxima reforma tributária, que está sendo trabalhada, ou manipulada, já retira totalmente a contribuição do empregador sobre o faturamento e sobre a folha também, e cria uma espécie de CPMF, que vai apenas jogar mais ônus para toda a população, inclusive para os mais pobres, que vão pagar também?</p> <p>333. Todos nós sabemos, como me disse um grande empresário um dia, aqui mesmo, numa conversa, num alto nível... Ele disse: "Paim, pode ter certeza, toda vez que aumentar imposto, isso vai para o preço final do produto, não tem jeito, até para manter o negócio de cada um." Então, se vai para o preço final do produto, vai para o arroz, vai para o feijão, vai para o pão, vai para a casa própria, vai para a luz, vai para o final, alguém vai ter que pagar, e quem paga é a população.</p>
14:08 <b>R</b>	<p>334. Então, saímos dessa reunião mais preocupados ainda com as ditas duas reformas.</p> <p>335. E a orientação – que alguns dizem que é minha, mas não é minha; é do conjunto da sociedade, que não está aceitando – é dialogar, e não é crime isso, é democrático e legítimo. É dialogar com cada Senador, com cada Deputado, Estado por Estado, para que ele não vote de forma favorável a essas duas reformas, porque eles trarão, sem sombra de dúvida, um prejuízo enorme para a</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>nossa gente.</p> <p>336. Como foi dito lá, só quem sai bem dessa jogada – porque é uma jogada – são os banqueiros. O lucro dos banqueiros no Brasil é fabuloso. Não é nem ao empresário que isso vai fazer bem; é o banqueiro mesmo que vai se dar bem. Ele já praticamente está demitindo todo mundo, entrando em um sistema de nova tecnologia, computação, robótica, cibernética, enfim, tudo na base da automação. Há banco que tinha 10 mil trabalhadores, e hoje tem 1 mil, 2 mil, e vai reduzir cada vez mais.</p> <p>337. Então, o sistema financeiro vai se dar bem em todas as hipóteses e ainda vai ficar recebendo. Eu vi hoje em matéria de jornal que os fundos de pensão privados já triplicaram em matéria de investidores, porque a pessoa se assusta com essa dita reforma, sabe que com ela nunca mais vai poder se aposentar e vai procurando outra forma de apontar para perspectiva futura.</p> <p>338. Mas só que eu digo que é um investimento de risco. Se o fundo aplica mal, como aplicaram mal alguns fundos, inclusive estatais, vai à falência e não tem nada de volta. Estamos vendo diversos fundos em que o trabalhador já não recebe nada, porque o fundo foi para a falência. Esse reflexo que fizemos lá temos de fazer aqui também.</p> <p>339. Quero homenagear muito as mulheres no dia de ontem. As mulheres, ao contrário do que alguns dizem, foram às ruas no dia de ontem. Elas se manifestaram aqui também. Eu participei de três eventos: um no Interlegis, que é aqui ao lado; outro na Câmara, que também é aqui ao lado; e em outro, aqui no plenário. Eu participei dos três eventos.</p> <p>340. Agora, as mulheres nas ruas... Vimos em Porto Alegre mais de 5 mil mulheres nas ruas; em São Paulo, o número ultrapassou 10 mil. Tivemos também Minas, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia... Tenho tudo aqui, em um documento que vou deixar entregue à Mesa, como foi a manifestação das mulheres no Brasil.</p> <p>341. Mas essa articulação das mulheres ultrapassou as fronteiras. No Rio Grande do Sul tivemos um grande destaque. Acho que foi um dos Estado onde houve mais mobilização. As mulheres pararam inclusive uma ponte sobre o Rio Guaíba – as mulheres pararam. Interditaram o tráfego por um longo período.</p> <p>342. Tivemos também a Praça da Sé em São Paulo; no Rio de Janeiro, na Candelária; em Brasília, aconteceu junto ao Museu Nacional da República. Aqui há uma centena de cidades brasileiras onde aconteceram essas mobilizações.</p> <p>343. Mas as manifestações das mulheres não ocorreram só no Brasil, Presidente. Também nos Estados Unidos, na Índia, as mulheres foram às ruas para defender os seus direitos não só sobre previdência e trabalhistas, mas à liberdade e a salário igual do homem.</p>
<p>14:12</p> <p><b>R</b></p>	<p>344. Por exemplo, em Nova York, o chamado Touro de Wall Street ganhou companhia. A estátua de uma menina destemida desafia um dos maiores símbolos do poder e da influência, principalmente do poder financeiro. O monumento pede mais e mais mulheres ocupando os seus espaços, como eu, que tentei aprovar aqui, no dia 8 de março, na CCJ, mediante um acordo: quando há duas vagas no Senado, que seja uma mulher e um homem. Mas, infelizmente, na última hora – eu até falei com o Senador aqui no plenário –, acho que numa posição, na minha avaliação, claro, precipitada, falei aqui e depois conversei com ele também, ele teve espaço para dialogar, e ele acabou pedindo vista, quando havia acordo de todos os partidos. Infelizmente, isso aconteceu. Eu espero que ele devolva o projeto para a gente votar na próxima terça.</p> <p>345. Em Paris, milhares de mulheres se reuniram na Praça da República. Em Roma, na Itália, o dia foi celebrado com assembleias, movimentos de mobilização, greves em diversos setores da área pública e da área privada. Centenas de mulheres se reuniram em frente ao famoso Coliseu, falando sobre igualdade salarial, exigindo os mesmos espaços que o homem no Parlamento e também</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>na área privada e no serviço público.</p> <p>346. Na Turquia, mulheres curdas lembraram as vítimas da violência com cartazes, exigindo direitos iguais. Também houve manifestações na Austrália, Coreia do Sul, Indonésia, Rússia, Ucrânia, Irlanda, Argentina, Índia, Polônia, Líbano e Afeganistão. Enfim, ao redor do globo, as mulheres se uniram nessa linha de exigir direitos no mundo do trabalho, exigir direitos pela tripla jornada que elas exercem em relação ao benefício da aposentadoria – que aqui, no Brasil, querem tirar. É uma diferença mínima de 5%, já falei sobre isso ontem.</p> <p>347. Enfim, as mulheres deram o recado. Espero que os homens tenham a mesma coragem das mulheres, que deram uma lição a nós outros tantos, no Brasil e no mundo, para que, efetivamente, a política seja mais humanitária, mais sensível, mais responsável, e sempre com o olhar para o outro. Quando você não quer fazer o bem, olhe para o outro a quem você está fazendo o mal e você há de perceber que aquilo não é correto.</p> <p>348. Sr. Presidente, quero ainda, depois desse comentário que fiz sobre o primeiro pronunciamento, usar os últimos cinco minutos, dizendo que fiquei muito... A bem-dizer, fiquei chateado, triste, mas senão não seria do combate de fazer... Como se fala, de irmos à luta. O Ministro Ives Gandra derrubou a liminar que garantia a divulgação das empresas autuadas pela prática do trabalho escravo. Ministro Ives Gandra. Mas para que esconder? Falamos tanto de transparência, inclusive aqui dentro, de acabar com o voto secreto – e acabamos em grande parte.</p> <p>349. Olha, se a empresa é condenada, porque tinha trabalhadores sob regime de escravidão, por que não dizer o nome da empresa? Qualquer Parlamentar que cometer algum tipo de deslize, tem mais é que dizer o nome mesmo. Cada voto no painel, eu não vejo problema de ser dito. Cada um tem que assumir sua responsabilidade, e fica no painel, a imprensa divulga.</p>
<p>14:16</p> <p>R</p>	<p>350. Por quê, Ministro? Explique-me por quê. Eu estou disposto a conversar com V. Ex<sup>a</sup>. V. Ex<sup>a</sup> quer vir ao meu gabinete? Quer que eu vá ao seu gabinete? Quer vir a uma audiência pública? Eu o convido para falar com os juízes todos que estão indignados com essa posição assumida pelo Presidente. Os juízes discordaram.</p> <p>351. Lamento profundamente a decisão do Ministro Ives Gandra Martins Filho, Presidente do Tribunal Superior do Trabalho, que, a pedido da Advocacia-Geral da União, derrubou a liminar que obrigava o Ministério do Trabalho a divulgar, até terça-feira passada, dia 7, o cadastro de empresas autuadas pelo Governo, pela prática do trabalho análogo à escravidão, conhecida como a lista suja do trabalho escravo. Lista suja, pessoal, seja Parlamentar, seja quem for, seja gente do Executivo, do Legislativo, do Judiciário... E por que da área privada não? Olha bem: lista suja do trabalho escravo, e a gente não pode ficar sabendo quem é.</p> <p>352. Em nota oficial, quero aqui cumprimentar o Presidente Nacional da Anamatra, a Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho, na figura do Presidente Germano Siqueira. Disse o Presidente Germano Siqueira que a decisão é um equívoco, é um retrocesso, é um atraso. É um absurdo nós não sabermos quem pratica o trabalho escravo no Brasil. Para ele o que se pretende é ocultar os fatos, corroborando prática vexatória contra os direitos humanos, contra os trabalhadores do campo e da cidade.</p> <p>353. Senador Paulo Rocha, V. Ex<sup>a</sup> foi o grande autor – e eu reconheci aqui da tribuna, me lembro –, numa parceria com Ademir Andrade, mas V. Ex<sup>a</sup> que ficou aqui, ficou trabalhando até que aprovou a PEC do trabalho escravo. E, baseado nessa PEC, que é fundamental, nós criamos, nós todos, num acordo, a lista suja daqueles que têm trabalhadores sob regime de escravidão. Agora, o Presidente Ives Gandra resolveu que não, que a lista é secreta. Essa história de secreta não aguento mais. Diz mais o Presidente da Anamatra: "Criar aparentes novos critérios para divulgação da lista não representa mais que embaraços</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>injustificáveis a algo que já foi parametrizado de forma simples pelo Supremo Tribunal Federal." Fecha aspas.</p> <p>354. Sr. Presidente, com a suspensão da liminar, a lista suja, que não é atualizada desde dezembro de 2014, ficará, pelo menos, mais 120 dias sem ser divulgada. A lista suja, divulgada desde 2013, é reconhecida pela ONU (Organização das Nações Unidas) como o modelo de combate à escravidão contemporânea em todo o mundo.</p> <p style="text-align: center;">355. (Soa a campanha.)</p> <p>356. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Os países de outro mundo divulgam; o Brasil resolveu não divulgar. Veja o atraso para onde nós estamos caminhando. A partir dela, empresas e bancos públicos podem negar crédito, empréstimo e contrato àqueles empresários do campo ou da cidade que usam os trabalhadores como escravos.</p> <p>357. Sr. Presidente, mais um minuto e eu termino.</p> <p>358. Em 2016, o Ministério do Trabalho atualizou os parâmetros para inclusão na lista suja, cuja entrada está vinculada à aplicação de um auto de infração específico para condições análogas às de um trabalho escravo.</p> <p>359. Conforme a OIT (Organização Internacional do Trabalho), no Brasil, desde 1995, em 2 mil operações realizadas, foram encontrados e libertados 50 mil trabalhadores.</p> <p style="text-align: center;">360. (Soa a campanha.)</p>
<p>14:20</p> <p>R</p>	<p>361. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – A Walk Free estima que no Brasil, em 2015, mais de 160 mil trabalhadores se encontravam nesta mesma situação. Cento e sessenta mil, em 2015, no trabalho escravo.</p> <p>362. Lembro aqui que, na tarde da última segunda-feira, dia 6, o Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região, Desembargador Pedro Luís Vicentin Foltran, negou o pedido do Ministério do Trabalho para suspender a obrigatoriedade de publicação imediata da lista suja. O nobre Desembargador entendeu que não há como reconhecer que a divulgação do documento ocasione grave lesão à ordem pública, como afirmou a União. Infelizmente, o Tribunal Superior do Trabalho cassou essa decisão, por intermédio da figura do seu Presidente. Disse o Desembargador, abre aspas: "Impedir a divulgação do cadastro, como registrado na decisão liminar, acaba por esvaziar, dia a dia, a política de Estado de combate ao trabalho análogo ao de escravo no Brasil".</p> <p>363. Infelizmente, o Presidente do Tribunal...</p> <p style="text-align: center;">364. (Interrupção do som.)</p> <p style="text-align: center;">365. (Soa a campanha.)</p> <p>366. <b>O SR. PAULO PAIM</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Infelizmente, a boa intenção do Desembargador foi sustada pelo Presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST), porque ele suspendeu a decisão.</p> <p>367. Ministro Ives Gandra, eu espero que V. Exª revise essa posição, porque é um homem católico apostólico romano, um homem que, segundo informações que eu tenho, acredita em Deus. Quem acredita em Deus não pode ser contra a liberação da lista suja dos nomes que mantêm os trabalhadores sob escravidão. Eu sou também católico e não consigo entender. Não consigo mesmo entender.</p> <p>368. Fica esse apelo aqui, meus queridos Senadores e Senadoras. E vamos torcer para que a lista suja seja divulgada, doa a quem doer. Quem explora o trabalhador...</p> <p style="text-align: center;">369. (Interrupção do som.)</p> <p>370. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Thieres Pinto. Bloco Moderador/PTB - RR) – Senador Paulo Paim, obrigado pelo seu pronunciamento.</p> <p>371. Passo a palavra agora ao Senador Wellington Fagundes, de Mato Grosso. Está com a palavra, Senador.</p> <p>372. <b>O SR. WELLINGTON FAGUNDES</b> (Bloco Moderador/PR - MT. Pronuncia o</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Meu caro companheiro Senador Thieres, quero aqui agradecer ao Senador Paulo Rocha por permitir que eu possa falar antes dele, mesmo ele estando no plenário há mais tempo.</p> <p>373. Sr. Presidente, nós acabamos agora de ter uma longa audiência sobre a MP 752. Essa MP trata exatamente das concessões rodoviárias, ferroviárias e aeroviárias. A finalidade dessa medida provisória é autorizar a prorrogação e também a relicitação de contratos de parceiras no rodoviário, ferroviário e aeroportuário, como eu disse.</p> <p>374. Sr. Presidente, as regras são restritas a todos os empreendimentos federais que fazem parte do programa de parceira do PPI. E o objetivo do MP é viabilizar a realização de novos investimentos em concessões existentes no setor de transporte do Brasil.</p> <p>375. Todos sabem que hoje o grande gargalo que todos nós vivemos é a questão da infraestrutura da logística do Brasil. E eu quero aqui também falar como Presidente da Frente Parlamentar de Logística dos Transportes e Armazenagem. É oportuno que esteja aqui o nosso companheiro Senador Paulo Rocha, porque, há poucos dias, nós tivemos um problema seriíssimo lá na BR-163. E o Senador Paulo Rocha sabe do nosso trabalho conjunto da Bancada de Mato Grosso, junto com a Bancada do Pará, no sentido de melhorar essa questão da nossa infraestrutura.</p>
<p>14:24</p> <p>R</p>	<p>376. E aqui eu quero dizer, Sr. Presidente, que a BR-158, que era, de um modo geral, ainda tem um espaço, um problema lá que é da Reserva Marãiwatsédé, essa BR funciona, já existe no Mato Grosso há mais de 40, 50 anos. Foi criada uma reserva em cima da rodovia, e isso tem impedido que a gente possa concluir toda a BR-158, que no Pará já estava pronta há muito tempo. Mas principalmente o trecho de Vila Rica até a divisa do Pará, com muito trabalho conseguimos concluir. Agora no final do ano passado, estivemos lá com o Ministro dos Transportes para inaugurar esse trecho.</p> <p>377. A BR-158 é uma estrada tronco da região do Araguaia, do Estado de Mato Grosso, que é uma nova fronteira agrícola. E o nosso escoamento dessa produção vai exatamente para o Pará. Lá, através da Ferrovia Norte-Sul ou chegando até o Porto de Itaqui, no Maranhão.</p> <p>378. Portanto, esse trabalho de parceria com a Bancada do Pará tem sido uma constante nossa aqui no Congresso Nacional. Da mesma forma que a BR-163. Ela é extremamente importante para Mato Grosso e muito importante também para o Pará.</p> <p>379. Então esse trabalho conjunto... E aí, Senador Paulo Rocha, eu quero aqui dizer, porque esta semana eu ouvi o Governador querendo imputar, o Governador do meu Estado, o Mato Grosso, que é do PSDB, querendo imputar a responsabilidade que o governo não... A responsabilidade do DNIT, principalmente ao Senador Wellington Fagundes, que essa estrada não é concluída no Estado do Pará.</p> <p>380. Todos nós sabemos que essa estrada foi dogma por muitos anos, e eu tive a oportunidade inclusive de conversar com o Presidente Fernando Henrique, por que não se fazia o asfaltamento da BR-163. E à época o Presidente Fernando Henrique disse: "Olha, Deputado, as resistências internacionais são muito grandes." E muitos governos antes prometeram a BR-163, e não foi construída. Aliás, muitos anos ela ficou paralisada. O que tinha sido construído foi exatamente no governo militar. Uma estrada extremamente importante, que é a ligação exatamente de Cuiabá a Santarém.</p> <p>381. O governo do Presidente Lula recomeçou essa obra. Mesmo ele tendo ido a Mato Grosso na campanha, não prometeu que executaria a BR-163. E avançou muito.</p> <p>382. E aí, por isso eu quero colocar aqui que a minha posição sempre foi de buscar, independentemente de quem fosse o governo, buscar as melhorias para o nosso</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Estado e principalmente para a nossa região. E conseguimos avançar bastante.</p> <p>383. O nosso Partido, o PR, assumiu a responsabilidade de estar à frente do Ministério dos Transportes, tanto no governo Lula, no da Presidente Dilma e hoje com o Governo Michel Temer. E aprendemos muito durante todo esse tempo. Não só aprendemos, como também conseguimos executar muito na questão da BR-163.</p> <p>384. Não só a BR-163. Quero dizer que no meu Estado, o Estado de Mato Grosso hoje, as rodovias federais melhoraram, e melhoraram muito. Todas as rodovias estão com contratos de manutenção e construção de alguma delas. A 242 hoje está com problema de impedimento na área ambiental. Nessa 158, temos o problema na reserva, como eu disse aqui, Marãiwatsédé.</p>
<p>14:28</p> <p>R</p>	<p>385. A 174, que foi um convênio com o Governo do Estado, também da mesma forma o Governo do Estado de Mato Grosso não conseguiu realizar, concluir as licenças ambientais, mesmo a Bancada de Mato Grosso colocando ano passado um volume de recursos bastante considerável, o Governo do Estado, com dinheiro na conta, não conseguiu executar nada. Então, não dá para se ficar acusando esse ou aquele governante que é responsável principalmente por um problema pontual naquele momento.</p> <p>386. Hoje a BR-163, no Estado do Pará, é uma causa de Mato Grosso e é uma causa dos paraenses, sim. E temos trabalhado em conjunto durante esse longo tempo aqui. E, aí, tenho certeza de que o Senador Paulo Rocha vai falar depois e ele vai falar também da sua luta. Conseguimos já, nesse trecho de aproximadamente 900km, faltam 100km para ser concluídos.</p> <p>387. Agora, o que acontece neste momento? A produção da Região Norte buscou os portos do Arco Norte, e isso foi um trabalho conjunto nosso. Se existe porto hoje em Miritituba, foi um trabalho conjunto nosso, junto ao Ministério dos Transportes, junto à Secretaria de Portos.</p> <p>388. E, hoje, felizmente, temos outra boa alternativa para escoar a produção da Região Norte e Mato Grosso, graças a esse trabalho conjunto que realizamos. Não conseguimos concluir tudo, faltam 100km, só que a produção de Mato Grosso, como nós temos a ferrovia Ferronorte que está na sua capacidade de escoamento em 100%, mas exatamente pelos problemas advindos de São Paulo. No Estado de Mato Grosso, a ferrovia é moderna, consegue andar a uma velocidade de mais de 80km, chega a São Paulo e está o gargalo.</p> <p>389. Vamos responsabilizar agora o Estado de São Paulo por não conseguir resolver os problemas das travessias urbanas para chegar ao Porto de Santos? Não. Nós temos é que trabalhar em conjunto para que a gente encontre uma solução. E é isso que estamos fazendo, principalmente como Presidente da Frente Parlamentar de Logística, fazendo audiências incansáveis, reuniões, como a de agora. Acabamos de sair de uma reunião de mais de quatro horas para tratar dessa MP, para encontrar uma solução de podermos fazer com que as concessões sejam mais realidade em nosso País.</p> <p>390. Portanto, quero aqui colocar, Senador Paulo Rocha, que esse trabalho conjunto que a gente vem realizando vamos intensificar, sim, a bem do Brasil, independentemente de cor partidária, sem ficar aqui acusando esse ou aquele. Nós temos é que nos unir e principalmente os dois Governos também têm responsabilidade, o Governador do Pará, o Governador de Mato Grosso, não no sentido de executar, mas no sentido de trabalhar politicamente para que os recursos possam ser garantidos, facilitar exatamente, facilitar para que as obras sejam executadas.</p> <p>391. Por isso é que quero aqui repetir: não posso concordar com a atitude do Governo do Estado de Mato Grosso de ter lá mais de R\$100 milhões há dois anos, quase três anos parados, dizendo que iria fazer auditoria, mas nem consegue realizar os projetos.</p>
14:32	392. Da mesma forma, a questão da 174. Não posso concordar com que tenhamos

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>recursos liberados para construção do Hospital Universitário de Cuiabá, o novo hospital, com mais de R\$80 milhões na conta, Senador Paulo Rocha, que o Governo Federal – e aí foi o governo da Presidente Dilma – liberou, e o e o Governo do Estado ficou na responsabilidade de colocar a sua parte, e até hoje a obra está lá paralisada.</p> <p>393. Então, não dá – e quero aqui responder diretamente ao Governador Pedro Taques do meu Estado – para ficar aproveitando a estrutura do Governo, principalmente através da imprensa, para querer esconder os seus problemas. Hoje, há gente morrendo nos hospitais em Cuiabá por falta de atitude do Governo do Estado. Hoje, temos lá uma obra extremamente importante que é contorno norte de Cuiabá paralisada, por falta de decisão e por falta de iniciativa do Governo do Estado.</p> <p>394. Agora, o problema do Pará não é problema só do Pará; é problema do Brasil. E, como mato-grossense, sei a importância que representa não só aquilo que já conquistamos com a efetivação dos portos do Arco Norte, principalmente lá, em Miritituba, para diminuir o custo do produtor brasileiro e mato-grossense que lá está, bem como também, claro, vamos trabalhar nessa parceria para que criemos mais alternativas.</p> <p>395. E aí temos outro problema, Senador Paulo Rocha. Lembro-me de que, quando o Ministro Neri estava à frente do Ministério, várias reuniões fizemos para encontrar uma melhor solução para o momento do escoamento da safra. O que acontece no Brasil? No Brasil, nós não temos praticamente armazéns.</p> <p>396. Então, o produtor que está no Estado de Mato Grosso, no Centro-Oeste, como ele não consegue armazenar o produto, fica refém das grandes <i>tradings</i> nacionais e internacionais e tem que entregar o produto na colheita. Portanto, esse produto é entregue. Como nós tivemos também um excesso de caminhões no Brasil, os caminhões são usados e utilizados para serem os armazéns. Aí o produtor está ali colhendo e tem que entregar a sua produção, porque grande parte dessa produção também já foi financiada, principalmente pelas grandes <i>tradings</i>. E aí não se faz uma regulação, principalmente de armazenar a carga, para que o produtor possa vender o produto na hora certa e possa, inclusive, escolher, tendo essa condição, a hora certa para vender e, inclusive, para onde vai vender o seu produto.</p> <p>397. Por isso, eu quero aqui lembrar e elogiar o papel do Ministro Neri quando, à época, discutiu e, inclusive, fizemos a chamada estação pulmão. Então, existiu uma programação para liberar a carga, para que não tivéssemos esse congestionamento, como aconteceu na BR-163, de quase 5 mil carretas e ali, em pontos de atoleiro, virou praticamente uma convulsão.</p> <p>398. E aí não dá para dizer que a culpa é desse ou a culpa é daquele. Na verdade, falta, sim, um planejamento do Governo. E o Governo Michel Temer, principalmente hoje, tem o apoio da grande maioria. No caso do Mato Grosso, temos só um Parlamentar que é do PT; o resto todos estão apoiando, inclusive o Partido do Governador, que é o PSDB.</p> <p>399. Então, não dá para ficar aqui colocando a responsabilidade nesse ou naquele. A responsabilidade é de todos nós, homens públicos eleitos pelo voto de confiança da população, como eu sempre tenho dito. O voto é uma confiança que o eleitor deposita no político, e a única forma que temos para retribuir essa confiança é com o trabalho.</p>
14:36 R	<p>400. Por isso, quero aqui, de público, colocar que a nossa posição de vigilância não é para ficar buscando sensacionalismo através da imprensa, mas muito mais de buscar o resultado para que o cidadão que está lá produzindo, derramando o seu suor, às vezes até o seu sangue, tenha realmente um retorno através, nesse caso, da infraestrutura eficiente.</p> <p>401. Eu quero, então, dizer que, na MP 752, estamos como membros, representando também o Bloco Moderador, Presidente Thieres, para que a</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>gente possa dar mais celeridade, dar condições para que as concessões no Brasil tenham principalmente segurança jurídica. Eu, inclusive, sou autor da PEC 32, no sentido de fazer com que contratos de longo prazo, de 20, 30 anos não possam ser alterados por decreto ou por qualquer decisão de um Governo de plantão. Não, nós temos de dar segurança jurídica para que o capital nacional e o capital externo venham investir para gerar mais emprego, gerar mais oportunidades, principalmente nesse momento de crise.</p> <p>402. Quero concluir, Presidente, dizendo que, nesses vinte e cinco anos em que estou no Congresso Nacional, já vivemos várias crises: em uma hora, é uma crise política; em outra hora, é uma crise econômica. Nós estamos presenciando, há dois anos, aliás, depois da eleição, as duas crises, a crise política e a crise econômica. É claro que não vamos solucionar os problemas econômicos deste País se não resolvermos a crise política. Acabamos de passar por mais um <i>impeachment</i> e ainda não conseguimos resolver os problemas políticos deste País.</p> <p>403. Então, cabe, sim, o diálogo, a perseverança, para que a gente possa trazer mais esperança, principalmente ao cidadão que está lá esperando resultado. Não adianta bate-boca político, não adianta conversa, nhem-nhem-nhem. Nós temos de trabalhar e buscar, acima de tudo, as soluções para aqueles que estão lá produzindo, gerando riqueza para este País.</p> <p>404. Muito obrigado, Sr. Presidente.</p> <p>405. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Thieres Pinto. Bloco Moderador/PTB - RR) – Muito obrigado, Senador Wellington Fagundes, Líder do Bloco Moderador.</p> <p>406. Passo a palavra ao Senador Paulo Rocha, do PT do Pará. Com a palavra, Senador.</p> <p>407. <b>O SR. PAULO ROCHA</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Eu queria, Sr. Presidente, saudar a todos e a todas e fazer um comentário sobre a intervenção do Senador Wellington Fagundes. Além de tudo aquilo que ele colocou, o problema da logística e da infraestrutura do nosso País, eu acho que devem ser uma preocupação de todos nós Senadores, porque representamos a Federação, os problemas de alguns atrasos na participação da economia mundial de que o Brasil participa, principalmente nessa questão dos grãos, do minério e de tantas outras riquezas que exportamos, participando da economia global do mundo.</p> <p>408. É fundamental também, Senador Wellington, além de avançar nessas questões para resolver os problemas dos chamados gargalos da infraestrutura, pensar a questão dos portos no chamado Arco Norte, para a Amazônia. Temos de adicionar aí outro problema que é a questão do chamado modal rodoviário. Fazer uma estrada na Amazônia de mil quilômetros, de quinhentos quilômetros, de trezentos quilômetros, como há lá, mesmo que hajam grandes investimentos federais, não se está levando em conta a problemática e a especificidade da Amazônia, o problema das chuvas e o problema do próprio solo.</p>
14:40 R	<p>409. Fazer o escoamento de cinco mil caminhões diariamente, Presidente, que é o que acontece na BR-163 a que ele se referiu, é um processo em que não há estrutura que aguarde. Assim, além de recuperar e de concluir a BR-163, nós temos de avançar num outro modal, aí, sim, que leve em consideração o chamado custo Brasil, que é a ferrovia para poder transportar grandes cargas, na realidade da Amazônia. Portanto, os investimentos têm de ser em outro modal de transporte, para não só resolver o problema do transporte, mas também o problema do chamado custo Brasil, que é a nossa logística mais adequada para chegar aos portos e fazer as exportações das nossas riquezas.</p> <p>410. Mas é verdade o que falou aqui o Senador Fagundes: essa Frente Parlamentar que ele preside tem um papel muito importante aqui, no Congresso Nacional, para trazermos esse debate e, através da intervenção parlamentar, buscarmos soluções para esses problemas que são antigos no nosso País.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>411. Outra coisa que eu queria comentar é o tema que o companheiro Senador Paulo Paim trouxe: a questão do trabalho escravo. Quando nós chegamos aqui, a partir da Comissão do Trabalho lá na Câmara Federal, da qual, na época, o Paim era o Presidente e eu era Vice-Presidente, começamos esse debate sobre a relação capital e trabalho. Naquele tempo, ninguém acreditava que existia trabalho escravo no Brasil.</p> <p>412. Com a minha experiência – vim lá no Norte, principalmente do Pará, onde havia grandes conflitos de terra – e a realidade que eu trouxe para cá, acabamos transformando a Comissão do Trabalho numa caixa de ressonância desses problemas. E foi aí que tomamos a iniciativa de aprovar leis importantes: a questão do trabalho, a PEC, que foi um outro grande avanço muito importante do trabalho escravo, etc.</p> <p>413. É verdade que, por esse trabalho nosso, ainda no governo Fernando Henrique Cardoso, foi criado, dentro do Ministério do Trabalho, o grupo móvel que era exatamente para poder fazer a fiscalização, a partir de Brasília, da questão do trabalho escravo. Nessa época, conquistou-se também a questão da lista suja, que era um processo não só de publicizar o que realmente existia no nosso País, mas fazer com que se cumprisse a lei então recentemente aprovada.</p>
<p>14:44</p> <p>R</p>	<p>414. Então, Paim, o que traz para nós o seu pronunciamento aqui é que não basta só aprovar as leis, mas, depois, há todo um processo não só nosso aqui dentro, mas também da própria sociedade organizada, para fazer com que as nossas leis sejam cumpridas no País e processar as mudanças que nós vamos fazendo através do processo da democracia que conquistamos no nosso País.</p> <p>415. Então, Paim, conte conosco. Quem sabe, Paim, vamos voltar de novo aos velhos tempos de, por iniciativa nossa, criarmos subcomissão na CAS e lá na Comissão de Direitos Humanos que trabalhe não só a questão do trabalho escravo, mas também – que é uma das coisas que estou tomando iniciativa – a do trabalho infantil, porque também é muito recorrente no nosso País o uso das crianças e dos jovens ainda em fase de preparação, para avançarmos nessas questões do trabalho infantil também. Por isso, quem sabe, vamos tomar a iniciativa de criar subcomissões nessas duas comissões para tratar especificamente desses temas.</p> <p>416. <b>O Sr. Paulo Paim</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Senador Paulo Rocha, eu estava aqui pensando em fazer um aparte a V. Ex<sup>a</sup>, mas aproveitei o momento da tosse, enquanto eles não alcançam um copo d'água, para fazer este rápido aparte. Primeiro, cumprimentar V. Ex<sup>a</sup>. Eu tratei deste tema do trabalho escravo hoje na tribuna. É um tema que V. Ex<sup>a</sup>, aqui na Casa, domina como ninguém, porque V. Ex<sup>a</sup> tem uma história. V. Ex<sup>a</sup> relatava as suas lutas ainda quando sindicalista, como líder no seu Estado, combatendo o trabalho escravo, muitas vezes, sendo ameaçado, sendo tratado quase à bala pelos capangas dos grandes daquele Estado. V. Ex<sup>a</sup> agora aponta aqui outros caminhos. Fiquei muito feliz e vamos trabalhar com essa ideia junto com a Senadora Regina Sousa, que vai ser a nossa Presidenta. Eu, com muito orgulho, serei Vice dela, por vontade da nossa Bancada, já que – é verdade – eu não poderia ser Presidente nem que quisesse, porque venceram os meus dois anos e tenho que esperar mais dois para poder ser novamente. Vamos levar essa sugestão que V. Ex<sup>a</sup> aponta de montarmos lá uma subcomissão de combate ao trabalho escravo. Ao mesmo tempo, eu queria aproveitar este momento para dizer a V. Ex<sup>a</sup>, que sempre me incentivou muito e foi um dos primeiros quando nós falamos, da questão da CPI da Previdência. Nós já estamos com 42 assinaturas. Eu tenho certeza de que os Senadores não vão se intimidar e seguirão a mesma linha que as mulheres tomaram. Nós temos 13 mulheres na Bancada, e 12 já assinaram. Eu tenho certeza de que nós vamos instalar a CPI durante o mês de março. Que essa CPI investigue tudo que há sobre a previdência. E por que falo em um aparte ao seu trabalho escravo? Porque</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>quem tem trabalhador sob trabalho escravo não paga a previdência! E aqui eu lia hoje que pode haver 150 mil ainda no Brasil sob trabalho escravo. E ele não paga nem o direito para o trabalhador. Não paga o fundo de garantia, não paga a previdência, não paga décimo terceiro, não paga férias, não paga nada. Por isso, é trabalho escravo. E, se nós combatemos o trabalho escravo, estaremos também legalizando a situação de milhares de trabalhadores que poderão, então, começar a pagar mais para a Previdência, e nada melhor que a CPI da Previdência para investigar tudo isto: quem paga, quem não paga, quem sonega, quem rouba, quem frauda e para onde vai, como dizem os auditores, os procuradores federais da Fazenda: eu li ontem, na tribuna, que eles dizem que são R\$2 trilhões – R\$1,8 trilhão –, R\$2 trilhões que a União tem a receber. Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>, que é nosso Líder aqui no Congresso e tem feito um trabalho brilhante, que orgulha não só os trabalhadores do campo e da cidade, enfim, todos os setores da sociedade, como o seu querido Estado do Pará, em que estive duas vezes com V. Ex<sup>a</sup>.</p>
<p>14:48</p> <p>R</p>	<p>417. <b>O SR. PAULO ROCHA</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PA) – Senador Paulo Paim, chame-me para compor a CPI da Previdência. Com certeza, estaremos lá no <i>front</i>.</p> <p>418. Mas eu tinha me inscrito para falar sobre a questão do dia 8, das lutas das mulheres. Como não tive oportunidade de falar ontem, porque priorizamos que as companheiras ocupassem todo o tempo para poder tratar das suas lutas, eu queria falar um pouco ainda sobre essas questões e fazer um comentário.</p> <p>419. O nosso <i>Jornal do Senado</i> noticiou ontem as lutas das companheiras e destacou uma questão fundamental que foi aprovada na CCJ ontem. Diz assim: "Avança a união entre as pessoas do mesmo sexo". Uma lei aprovada ontem, que vai ao encontro, hoje, da evolução da sociedade e do processo que se estabelece no nosso País, uma sociedade democrática, plural, de avanços importantes. E, aí, fazer um contraponto aqui com o pronunciamento do Presidente Temer, quando ele trata a mulher como realmente preparada para tomar conta da casa – uma contradição e os atrasos que vêm de um Presidente ilegítimo e que está no lugar errado. Não sei como fizeram essa conspiração para poder derrubar uma Presidenta eleita democraticamente para poder dirigir os problemas do nosso País, processaram o golpe na democracia e colocaram um Presidente que, cada vez mais, vai demonstrando o atraso que ele significa para o nosso País. Ele perdeu uma grande oportunidade de ficar calado ontem.</p> <p>420. Então, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, neste momento em que o conservadorismo mostra suas garras contra os direitos sociais e trabalhistas, reprime e criminaliza os movimentos sociais e populares, as mulheres, nas diferentes regiões do País, saíram às ruas, ontem, junto com companheiras do movimento feminista e da Frente Brasil Popular, para denunciar o quanto a proposta da reforma da previdência irá afetar a vida da classe trabalhadora e em particular das mulheres, especialmente as trabalhadoras rurais.</p>
<p>14:52</p> <p>R</p>	<p>421. No Congresso brasileiro, em sua tendência retrógrada impulsionada por um grupo de Parlamentares, tramita hoje a PEC 287, que, entre as suas alterações, propõe igualar homens e mulheres na aquisição do direito à aposentadoria, ou seja, 65 anos. Isso significa que as mulheres perderão o benefício atual de redução de cinco anos para dar entrada na aposentadoria por idade, além da redução de cinco anos que possuem na concessão de aposentadoria por tempo de contribuição. Isso nada mais é do que um grande retrocesso nos direitos sociais conquistados pelas trabalhadoras.</p> <p>422. Para as trabalhadoras e os trabalhadores rurais, a PEC ainda é mais nefasta, na medida em que impõe várias mudanças que dificultam e restringem o acesso à aposentadoria. Milhões de trabalhadores e trabalhadoras do campo que quiserem se aposentar com um salário mínimo necessitarão contribuir por no mínimo 49 anos, situação quase impossível de ocorrer nas condições de</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>trabalho do campo.</p> <p>423. O Governo simplesmente ignora que as trabalhadoras do campo, além de todas as dificuldades que enfrentam no mercado de trabalho, como salários mais baixos e cargos de menor expressão do que os dos homens, são também responsáveis pelas tarefas domésticas e pelos cuidados com os filhos, o que implica, na maioria das vezes, dupla ou tripla jornada de trabalho, muito superior à dos homens.</p> <p>424. Não dá para aceitar o argumento do Governo ilegítimo e de seus aliados de que as mulheres vivem em média mais tempo do que os homens e de que elas já ocupam igualmente os postos de trabalho. Esses argumentos não levam em conta que grande parte dessas trabalhadoras estão na informalidade ou em condições precárias de trabalho. Muitas vezes são as únicas mantenedoras da família. Não bastasse isso, têm uma diferença salarial de cerca de 30% em relação aos homens, dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2015, que mostra que as brasileiras seguem trabalhando mais, ganhando menos e ocupando as piores vagas. Essa situação tende a piorar com as políticas que está implementando o Governo ilegítimo.</p> <p>425. O Governo diz que essa reforma é para garantir a aposentadoria para todos e todas no futuro. Isso é mentira! A Previdência Social não é deficitária. O que ocorre é que querem passar um déficit para a Previdência, para que esse dinheiro seja utilizado no pagamento de dívidas contraídas junto aos bancos, além de facilitar a entrada da previdência privada.</p> <p>426. Não podemos aceitar essa reforma que tirará direitos assegurados na Constituição. Nenhum direito a menos é o grito da classe trabalhadora, das mulheres e da juventude. Nenhum direito a menos são os protestos que estão ecoando nas ruas. Começaram ontem, dia 8, e vão avançar, no dia 15 de março, em todo o País, com o chamado dia de luta do movimento sindical puxado pelas centrais sindicais.</p> <p>427. É por isso, Sr. Presidente, que milhares de mulheres, mães, professoras, intelectuais, operárias, camponesas e tantas outras, no dia de ontem, deixaram de lado as suas atividades profissionais para marchar, denunciar e exigir respeito às suas histórias, respeito às suas atividades, respeito às suas profissões, respeito à sua trajetória, respeito às suas opções sexuais, respeito ao domínio do seu corpo e respeito aos espaços e direitos duramente adquiridos.</p>
<p>14:56</p> <p><b>R</b></p>	<p>428. É sempre bom lembrar, Sr. Presidente, que o Dia Internacional da Mulher é celebrado no dia 8 de março, momento de grandes perseguições na história da luta da classe trabalhadora, das operárias e das mulheres.</p> <p>429. Um desses momentos aconteceu há 214 anos, em 1857, quando trabalhadoras fabris de uma indústria têxtil em Nova York, em greve pela diminuição da jornada de trabalho, foram trancadas. Ali, houve um grande incêndio, que provocou a morte de centenas de operárias.</p> <p>430. Outro que merece destaque ocorreu na Rússia em 1917, quando trabalhadoras russas do setor de tecelagem entraram em greve por melhores condições de vida e de trabalho contra a entrada de seu país na Primeira Guerra Mundial. Este movimento, embora a data tenha sido oficializada somente em 1921, foi considerado como um dos primeiros momentos que ficou conhecido como Pão, Paz e Terra...</p> <p style="text-align: center;">431. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>432. <b>O SR. PAULO ROCHA</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PA) – ... uma luta mobilizada pelas operárias russas daquela época.</p> <p>433. Por isso, é fundamental destacarmos o dia 8 de março como um dia de grande luta das mulheres em todo o mundo. Por isso, estamos aqui para homenagear este dia, mas também para ajudar na mobilização, na luta das mulheres pelos direitos iguais, que estamos conquistando no nosso País.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>434. Que possam, portanto, em todos os Estados, as mulheres estar mobilizadas na ajuda também com o movimento sindical, para rechaçarmos qualquer perda de direitos, seja na Previdência...</p> <p style="text-align: center;">435. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>436. <b>O SR. PAULO ROCHA</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PA) – ... seja nas leis trabalhistas, que, por ventura, o Governo ilegítimo esteja tentando golpear mais uma vez.</p> <p>437. A violência machista, como o estupro e o assédio contra as mulheres brasileiras, não é brincadeira neste País. O mais grave é que o Brasil é o quinto País com maior taxa de feminicídio do mundo.</p> <p>438. Por tudo isso, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, eu, que fui criado por uma mulher corajosa, guerreira, quero prestar a minha homenagem e a minha solidariedade à luta de todas as mulheres na figura da minha mãe, a D. Astrogilda, mulher humana, ativa, generosa, daquelas que buscam seu espaço na sociedade machista e conservadora.</p> <p style="text-align: center;">439. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>440. <b>O SR. PAULO ROCHA</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PA) – Paim, a minha mãe teve 17 filhos lá no Pará e criou todos com grandeza, responsabilidade e guerra. Fui o primeiro, portanto dei continuidade à luta dela, metendo-me no movimento sindical. Virei Deputado e agora estou Senador da República, homenageando essa guerreira, que infelizmente não teve o orgulho de me ver como Senador.</p>
15:00 R	<p>441. Ela me ajudou a me eleger Deputado Federal por cinco mandatos, mas não me viu como Senador. Mas estou aqui para prestigiar também a luta das mulheres brasileiras na pessoa da D. Astrogilda. Como dizia Rosa Luxemburgo: estamos juntos "por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres".</p> <p style="text-align: center;">442. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>443. <b>O Sr. Paulo Paim</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Senador Paulo Rocha, sei que o Presidente vai ser tolerante. É uma quinta-feira, o plenário está praticamente vazio, então que possamos dialogar por alguns minutos a mais sobre o tema que V. Ex<sup>a</sup>, no final do seu discurso, introduziu, que é a reforma da previdência e a reforma trabalhista. Eu dizia antes da tribuna, e repito agora dialogando com V. Ex<sup>a</sup>: essa é uma proposta que nunca foi vista neste País, nunca. Desde 1500 até hoje, nunca ninguém apresentou uma proposta tão perversa contra a nossa gente em matéria de direito previdenciário e no mundo do trabalho, da nossa CLT, nunca. Alguns perguntam por que a gente faz CPI só agora. É porque nunca ninguém fez uma loucura dessa.</p> <p style="text-align: center;">444. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>445. <b>O Sr. Paulo Paim</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Sempre falamos que a Previdência é superavitária e, conseqüentemente, os governos sempre a foram mantendo. Este governo, e somente este... Senão eu poderia ter feito CPI na época do Itamar, do Sarney, do Collor, do Fernando Henrique, do Lula ou da Presidenta Dilma. Não a apresentei porque nunca vi tanta irresponsabilidade em matéria de direitos do nosso povo trabalhador, homens e mulheres, como V. Ex<sup>a</sup> destaca muito bem. Essa proposta assim não passará, é impossível! Não passará nem na Câmara – não estou na Câmara, mas vou lá todos os dias –, nem no Senado. Faremos um grande movimento agora, no dia 15, que já vai começar no dia 14, quando a OAB e os advogados do Brasil farão uma caminhada desde a OAB até aqui, o Congresso, para dizer "não" à reforma da previdência, "não" à reforma trabalhista. Nesse dia vamos também fazer um grande ato...</p> <p style="text-align: center;">446. <i>(Soa a campanha.)</i></p> <p>447. <b>O Sr. Paulo Paim</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – ... que está sendo organizado lá na Câmara dos Deputados – V. Ex<sup>a</sup>, eu sei, já</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>está avisado. Nós iremos lá para a Câmara, haverá um grande ato lá contra a reforma, com hora para começar, mas sem hora para terminar. Dia 15 é a greve geral; dia 31, outro grande movimento em todo o País. Pode ter certeza: não daremos trégua, não daremos trégua. Faremos o bom combate de dia e de noite, em cada Município, em cada Estado e aqui, dentro do Parlamento. Será o bom combate na linha democrática, no campo das ideias, mas a população tem que saber como é que Senadores e Deputados vão votar. Não há como esconder, aquele painel ali é totalmente transparente: votou, no outro dia está nas redes sociais. Aliás, no outro dia não, no mesmo dia, em poucas horas, está nas redes sociais. Faremos...</p> <p style="text-align: center;"><i>448. (Interrupção do som.)</i></p> <p>449. <b>O Sr. Paulo Paim</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Por isso, eu sei que estaremos entrincheirados, aqui e lá nas ruas, defendendo a nossa gente.</p>
<p>15:04</p> <p><b>R</b></p>	<p>450. <b>O SR. PAULO ROCHA</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PA) – E o fundamental também, Paim, como se diz no meio da "peãozada", é que esse Governo está se achando, porque, de uma tacada só, ele quer acabar com os avanços da CLT, com os avanços da Constituição de 1988, que nós conquistamos – e V. Ex<sup>a</sup> estava aqui mandado pela "peãozada" como Deputado constituinte –, e querem acabar com o legado dos últimos avanços do nosso governo que nós construímos.</p> <p>451. Para isso, o fundamental é entender o seguinte: o movimento sindical está sendo provocado – e dia 15 será uma resposta – para que articulemos o conjunto da organização da sociedade, para poder pressionar os Parlamentares no sentido de não deixar passar esses golpes nos direitos e avanços sociais...</p> <p style="text-align: center;"><i>452. (Soa a campainha.)</i></p> <p>453. <b>O SR. PAULO ROCHA</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PA) – E outra coisa é fundamental, Paim, dizer, através da televisão – o que já estamos fazendo: que isso não é apenas de interesse da classe trabalhadora diretamente, do movimento sindical, mas daqueles Parlamentares que têm relação municipalista com os nossos prefeitos e vereadores, Elmano – o senhor que foi Prefeito da capital do Piauí. É fundamental chamar a atenção para o fato de que essa reforma da Previdência, os cortes de direitos e redução do salário mínimo têm a ver diretamente com a economia dos nossos Municípios, do nosso interior, porque o comércio, a economia desses Municípios...</p> <p>454. <b>O Sr. Paulo Paim</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Depende dessa...</p> <p>455. <b>O SR. PAULO ROCHA</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PA) – ... envolve a questão.</p> <p>456. E quem tem renda nos Municípios?</p> <p style="text-align: center;"><i>457. (Interrupção do som.)</i></p> <p>458. <b>O SR. PAULO ROCHA</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - PA) – Depende do salário mínimo, é o aposentado, é o trabalhador e a trabalhadora rural, são os pescadores.</p> <p>459. Tudo isso está sendo colocado em xeque, portanto é fundamental também que os nossos vereadores e prefeitos, principalmente do interior, daquela economia lá de baixo do nosso interior, se mobilizem, porque essa questão da Previdência, do corte das aposentadorias e do aumento de idade no processo da conquista da aposentadoria tem a ver também com a vida econômica de cada Município do interior do nosso País.</p> <p>460. Por isso, eu queria saudar aqui e repercutir essas questões no nosso plenário do Senado Federal.</p> <p>461. Muito obrigado, Sr. Presidente, pela atenção.</p> <p>462. <i>(Durante o discurso do Sr. Paulo Rocha, o Sr. Thieres Pinto deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Paulo Paim.)</i></p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>463. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Senador Paulo Rocha, quero cumprimentar V. Ex<sup>a</sup>.</p> <p>464. V. Ex<sup>a</sup> tem toda razão. O Fundo de Participação dos Municípios não leva para a cidade mais do que leva a própria Previdência, via aposentados e pensionistas: 70,5% dos Municípios brasileiros dependem mais dos pagamentos feitos para aposentados e pensionistas do que do próprio FPM.</p> <p>465. Por isso, é fundamental que trabalhem com a ideia de avançarmos na linha de que não sejam aprovadas nem essa reforma da Previdência, nem a reforma trabalhista.</p> <p>466. Senador Reguffe, com a palavra. O Senador Elmano Ferrer também? Eu não tenho pressa, só queria saber se V. Ex<sup>a</sup> concorda que o Senador Reguffe seja o primeiro e, em seguida, V. Ex<sup>a</sup>... (Pausa.)</p> <p>467. Senador Reguffe com a palavra.</p>
<p>15:08</p> <p><b>R</b></p>	<p>468. <b>O SR. REGUFFE</b> (S/Partido - DF. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, apenas para fazer o registro de que eu assinei o requerimento de pedido de uma Comissão Parlamentar de Inquérito proposta por V. Ex<sup>a</sup> para que se investigue o rombo da previdência social no Brasil. Eu considero isso de suma importância neste momento em que estão debatendo a previdência neste País. É importante que se investigue o chamado rombo da previdência, de onde ele veio, o que está envolvido nisso. Então, eu assinei o seu requerimento com pedido de uma investigação sobre esse assunto. Eu considero importante que se faça isso, importante que esta Casa cumpra seu papel, investigando isso, até porque há uma série de empresas que devem uma fortuna para a previdência social brasileira, não pagam, e o Estado brasileiro, muitas vezes, é negligente na hora de cobrar essa dívida. Então, acho que é preciso investigar isso, é preciso investigar com detalhe, com profundidade isso. A minha assinatura está feita no requerimento de V. Ex<sup>a</sup> para que seja instalada essa comissão para se investigar.</p> <p>469. Muito obrigado.</p> <p>470. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Eu o cumprimento. V. Ex<sup>a</sup> é um homem de postura e, com muita firmeza, foi um dos primeiros, quando o procurei: "Qual é o objetivo, Paim?" Eu disse: "É investigar onde está a corrupção, onde está o desvio, que anistias deram indevidamente". Abriram mão de contribuição de muita gente que devia estar contribuindo, que nós ajudamos a colocar na Constituição. Nós estamos com 42 assinaturas, é preciso 27. O Senador Elmano Férrer também assinou. Temos conversado muito sobre essa questão, não é, Senador Elmano? Enfim, o Senador Eunício já se posicionou. Líderes sindicais foram dialogar com ele, e S. Ex<sup>a</sup> disse: "Não há problema nenhum. Havendo 27 assinaturas, eu peço para instalar. E investigar, é para investigar mesmo".</p> <p>471. Eu tenho certeza de que, se depender de mim – geralmente o autor do requerimento é aquele que preside ou relata –, V. Ex<sup>a</sup> cumprirá um papel fundamental naquela comissão.</p> <p>472. <b>O SR. REGUFFE</b> (S/Partido - DF) – Senador Paulo Paim, sem querer interromper V. Ex<sup>a</sup> na Presidência...</p> <p>473. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Faça questão do seu aparte.</p> <p>474. <b>O SR. REGUFFE</b> (S/Partido - DF) – Apenas quero reiterar aqui o que está escrito: a partir do momento em que há 27 assinaturas, um terço dos membros desta Casa, a Comissão Parlamentar de Inquérito tem que ser instalada. Então, não há por que não se instalar essa comissão imediatamente. Acho que temos que cobrar isso, porque é o que diz o marco legal. Com 27 assinaturas, um terço dos membros, nós temos o direito de instalar essa comissão e investigar isso.</p> <p>475. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Exatamente, Senador Reguffe. O Senador Eunício foi</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>nessa mesma linha, porque disseram que ele não ia instalar. "Não tem nada disso, não", disse ele. Estando as assinaturas, como V. Ex<sup>a</sup> agora reafirmou, a CPI vai ser instalada. Temos 42, precisa-se de 27.</p> <p>476. Queria também cumprimentar V. Ex<sup>a</sup> quando V. Ex<sup>a</sup> lembra os nomes. Eu repeti aqui e vou dizer de novo: os 500 maiores devedores começam com o Itaú, com Vale do Rio Doce; infelizmente, pegam Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, e por aí vai indo. Agora, lá na CPI, nós vamos saber exatamente. Eu recebi ontem um documento do Ministério Público da Fazenda. Eu falava que a dívida é mais ou menos de 1 trilhão. Eles disseram: "Não, Paim, é de 2 trilhões." É exatamente 1,89 trilhão que a União tem a receber e não entra. Só para a previdência, especificamente, porque há a questão da seguridade, são 426 bilhões. E, com a dita reforma, fala-se em economizar 65 bilhões.</p>
<p>15:12</p> <p>R</p>	<p>477. Por isso, para nós todos que vamos nos debruçar sobre esse tema, não temos que ter receio da CPI. Instalem e pronto!</p> <p>478. Eu dizia antes, Senador Roberto Rocha, que eu não entrei com pedido de CPI em outros tempos, porque ninguém fez, na nossa avaliação, uma loucura tão grande como essa. Nem os Presidentes militares, nem o Sarney, nem o Collor, nem o Itamar – que já faleceu –, nem o Lula, nem a Dilma. Ninguém fez! Então, o ataque ao direito ao nosso povo é tão grande que, por isso, pegou a mobilização em todo o País.</p> <p>479. Eu falava agora da tribuna sobre a mobilização das mulheres, inclusive aqui em Brasília. Foi exemplar. Aqui dentro do Congresso, tivemos três atos, três atos grandes. Eu tive a satisfação de participar dialogando, mas, nas ruas, foi mais bonito ainda – Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia. As mulheres deram o tom de que essa reforma não pode passar. E, para mim, não passará.</p> <p>480. Eu achei muito interessante uma frase que ouvi hoje pela manhã de uma mulher – e digo o nome dela: a Fattorelli, da Dívida Cidadã –, que disse: "É tirar o povo para idiota". Então, a campanha agora é: "Não tirem o povo para idiota. Essas duas reformas não podem passar".</p> <p>481. Enfim, já falei até demais.</p> <p>482. Eu passo a palavra ao Senador Fernando Férrer.</p> <p style="text-align: center;">483. <i>(Intervenção fora do microfone.)</i></p> <p>484. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Esse Fernando é Elmano... Ainda bem que, agora, o Paulo Rocha me ajudou aqui... O Roberto Rocha me ajudou. E há a história do Paulo Rocha também. Então, é Roberto Rocha e o Elmano Férrer. Muito bem, Senador Elmano Férrer.</p> <p>485. <b>O SR. ELMANO FÉRRER</b> (PMDB - PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Meu nobre Presidente Paulo Paim, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, eu queria apenas fazer alguns registros – inclusive, uns, desagradáveis; outros, bons.</p> <p>486. Eu começaria, Sr. Presidente, dizendo que todo o Estado do Piauí, segunda-feira próxima passada, acordou de forma triste com o fechamento de uma empresa – por sinal, de um grande grupo nacional –, uma empresa instalada há mais de 21 anos com incentivos fiscais da Sudene, uma empresa do Grupo João Santos, que detém mais de dez empresas produtoras de cimento por esse Brasil afora. O Piauí, na segunda-feira, acordou tomando conhecimento de uma nota pública da Itapissuma – fábrica de cimentos, fechada naquele Estado após 21 anos de funcionamento –, que convocava seus 526 funcionários, servidores, empregados, trabalhadores, para uma reunião no centro social, em seu clube social, instalado lá em Fronteiras, no Piauí, para dar a demissão desses mais de 526 empregados, 526 trabalhadores. Foi isto: demissão.</p>
<p>15:16</p>	<p>487. Isso é muito triste, num momento em que o País tem, em dados oficiais, quase 13 milhões de desempregados, e é uma indústria instalada na região semiárida,</p>

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>numa região já sofrida, por vários aspectos, desde a escassez de água a um comércio fruto de uma agricultura ainda de subsistência. Isso trouxe um choque brutal na vida de mais de 3,5 mil pessoas, pois isso foi um abalo para a cidade de Fronteiras do Piauí, de Pio IX e para todo o entorno daquela região do Semiárido, com reflexo profundo na vida social, das famílias e, sobretudo, do próprio Estado. Essa fábrica do Grupo João Santos, a Itapissuma, fabricante do Cimento Nassau, estava instalada, como disse anteriormente, há mais de 21 anos, como fruto dos incentivos fiscais da Sudene com vistas, à época, a reduzir o desnível regional entre a Região Nordeste e a região centro-sul. Então, isso trouxe um impacto muito grande não só naquela região, mas em todo o Estado do Piauí, especialmente na região semiárida, porque a indústria de cimento é uma indústria germinativa. Dela se origina uma série de outras atividades econômicas que produzem indiretamente uma série de serviços através de vários segmentos produtivos da região.</p> <p>488. E fazemos isso sabendo, em princípio, que o próprio Governador do Estado e outros segmentos ligados à Federação das Indústrias do Estado do Piauí e à Associação Comercial e Industrial da região se mobilizam...</p> <p style="text-align: center;">489. <i>(Interrupção do som.)</i></p> <p>490. <b>O SR. ELMANO FÉRRER</b> (PMDB - PI) – E, juntamente com segmentos do setor produtivo, se mobilizam com vistas a uma saída para esse surpreendente acontecimento que abala a economia e, sobretudo, a vida das pessoas, das famílias das cidades de Fronteiras, de Pio IX, de São Julião e até daquela região limítrofe com o Estado do Ceará, como é o caso do Município de Campos Sales.</p> <p>491. <b>O Sr. Roberto Rocha</b> (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - MA) – Senador Elmano.</p> <p>492. <b>O SR. ELMANO FÉRRER</b> (PMDB - PI) – Pois não, meu nobre Senador Roberto Rocha.</p> <p>493. <b>O Sr. Roberto Rocha</b> (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - MA) – Senador Elmano, eu quero cumprimentá-lo pela oportunidade da fala de V. Ex<sup>a</sup>, que traz um assunto que nós do Maranhão, do outro lado do Rio Parnaíba, conhecemos também na própria pele. O Grupo Nassau, do Estado de Pernambuco, tem no Estado do Piauí essa fábrica que está sob ameaça de paralisação, o que causará certamente inúmeros prejuízos à economia do Estado do Piauí, como também do Estado do Maranhão.</p>
15:20 R	<p>494. <b>O SR. ELMANO FÉRRER</b> (PMDB - PI) – Codó, não é?</p> <p>495. <b>O Sr. Roberto Rocha</b> (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - MA) – No Município de Codó, há uma fábrica do mesmo grupo, que está agonizando, passando pelas mesmas dificuldades. E, a propósito da oportunidade da conveniência do discurso de V. Ex<sup>a</sup>, brilhante representante do Estado do Piauí nesta Casa, nós queremos sugerir que a Bancada do Piauí e a Bancada do Maranhão aqui no Senado Federal, junto com o Governador do Piauí, o Governador do Maranhão, quem sabe com o apoio do Governador de Pernambuco, possamos promover algum tipo de encaminhamento que possa dar algum tipo de fôlego para que essa empresa não venha a fechar suas portas, porque eu quero deixar claro que, se isso acontecer, quem menos deverá sofrer são os donos. A Fábrica Itapicuru, de Codó, está lá há décadas. O Deputado Clodomir Paz, Deputado por muitos mandatos (hoje a sua esposa, Graça Paz, é Deputada Estadual), que, para minha satisfação e orgulho, é o meu chefe de gabinete no Maranhão, foi gerente dessa fábrica lá nos anos 70 para 80, ainda muito jovem. Então, essa fábrica é fonte de muita inspiração para grandes e pequenos empreendimentos no Estado do Maranhão, de modo que eu sei da importância dela para o Estado do Piauí, como sei da importância para o Estado do Maranhão. O fato é que nós temos que juntos buscar alguma maneira. Eu não sei o que o Governador do Piauí está fazendo. Eu sei da capacidade e do dinamismo do Governador Wellington Dias e quero até saber</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>de V. Ex<sup>a</sup> depois o que é que eventualmente pode estar sendo feito no Piauí e que não está sendo feito no Maranhão, ou vice-versa, para que nós possamos juntos dar as mãos e ajudar a socorrer uma empresa que emprega e é responsável pela promoção do desenvolvimento tanto do Estado do Piauí, quanto do Estado do Maranhão. E isso que terá certamente consequências, efeitos nefastos, ruins para o Estado de Pernambuco. Cumprimento, então, V. Ex<sup>a</sup> pela brilhante oportunidade do seu discurso.</p> <p>496. <b>O SR. ELMANO FÉRRER</b> (PMDB - PI) – Meu nobre Senador Roberto Rocha, eu incorporo a intervenção de V. Ex<sup>a</sup> ao nosso pronunciamento, ao tempo em que acolho e agradeço a sugestão de V. Ex<sup>a</sup> em relação ao Governador do Piauí, Wellington Dias, que já tem feito – eu tenho informações – algumas gestões no sentido de buscar alternativas à paralisação daquela grande e importante indústria. E, com os esclarecimentos de V. Ex<sup>a</sup> com relação à fábrica do mesmo grupo em Codó, creio que podemos, a partir da próxima semana, já que estou indo ao Piauí hoje buscar o Governador, nos articular e buscar um entendimento junto à sede do Grupo João Santos, em Pernambuco, e com o próprio Governador. Tenho até a informação de um entendimento prévio entre o Governador Wellington e o Governador Paulo Câmara, lá do Estado de Pernambuco, tratando dessa questão. Creio que nós os três Senadores do Piauí e os três Senadores do Maranhão, juntamente com a própria Bancada Federal, podemos fazer algo no sentido de, de forma coletiva, buscar uma saída para esse grave problema que vem acentuar o gravíssimo problema que vivem hoje os nossos Estados, a Região Nordeste e, especialmente, o Brasil, com relação à alta taxa de desemprego que nos castiga neste momento. Então, eu acolho a sugestão de V. Ex<sup>a</sup>. Vamos começar, a partir deste instante, um trabalho conjunto da Bancada aqui no Senado e na Câmara dos Deputados com os Governadores para buscarmos uma alternativa para esse grave problema que atinge não só os nossos Estados, mas especialmente a população dos Municípios onde estão instaladas as indústrias de cimento tanto de Fronteiras, no Piauí, como de Codó, no Maranhão. Vamos juntos buscar uma alternativa para esse grave problema que nos atinge.</p>
<p>15:24</p> <p>R</p>	<p>497. De outra parte, Sr. Presidente, eu queria também aproveitar essa oportunidade em que falamos de um assunto que nos entristece e também de outro que nos regozija, nos alenta, que é o resultado da produção agrícola dos cerrados do Piauí, creio também, dos cerrados do Maranhão que diz respeito à alta produção de grãos nesse ano agrícola 2016/2017.</p> <p>498. O Piauí está produzindo naquela região quase 4 milhões de toneladas de grãos, ao tempo em que, se temos esses resultados positivos, alvissareiros na região dos cerrados, no Piauí também, de outra parte, nós temos graves, gravíssimos problemas relacionados a recursos hídricos e abastecimento de água em muitos Municípios na região semiárida do Estado do Piauí. Enquanto nós temos uma produção de 3,5 milhões a 4 milhões de toneladas de grãos, nós temos também seriíssimos problemas relacionados ao escoamento daquela produção, ou seja, a BR-135, que no passado não muito distante, 40 anos atrás, era uma PI, a PI-4. Hoje, é a BR-135, ainda com as características técnicas de uma PI, ou seja, de uma rodovia com todas as especificações técnicas de uma estrada estadual, hoje uma estrada federal que, depois de 40 anos, ainda continua com as especificações técnicas de uma estrada estadual. Ou seja, o que é que nós observamos hoje? A cada semana, dois, três, quatro graves acidentes quando se cruzam aquelas carretas bitrens de alta tonelage escoando grãos, muitas vezes, cruzando com fertilizantes para a região do Cerrado com gravíssimos acidentes com mortes altíssimas e prejuízos também.</p>
<p>15:28</p> <p>R</p>	<p>499. O que isso quer dizer? Ao tempo em que há um esforço muito grande da iniciativa privada na produção de grãos, temos também resultados desagradáveis no que se refere à infraestrutura de estradas, de rodovias</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>federais da nossa Região. Daí porque, Sr. Presidente, desde 2015, estamos envolvidos numa luta junto ao Ministério dos Transportes, especificamente junto ao DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes). Foi concluído o estudo de viabilidade técnica, econômica e ambiental que vai permitir agora, depois de 40 anos, que aquela rodovia com as especificações técnicas de rodovia estadual passe para uma rodovia com as especificações técnicas de uma rodovia federal. Esse é o apelo que colhemos nesta oportunidade de uma produção significativa de grãos no Cerrado, para lutarmos cada vez mais para que criemos as condições técnicas e ideais para o tráfego e o escoamento da produção de grãos em uma rodovia federal.</p> <p>500. Outra colocação, outro registro que gostaríamos de fazer nesta tarde, diz respeito à questão do abastecimento de água na nossa capital, Teresina. Nós temos, Sr. Presidente, segundo dados que colhemos na imprensa, em portais e jornais de nossa cidade, nossa capital, Teresina, um dos maiores conjuntos habitacionais feitos com recursos do <i>Minha Casa, Minha Vida</i>, mais de 3 mil unidades habitacionais com quase 20 mil pessoas vivendo em um aglomerado habitacional urbano feito com recursos, com investimentos importantes, significativos, pelo Governo Federal, mas, lamentavelmente, desde o princípio, com problemas seriíssimos de abastecimento de água. Vejam que um aglomerado urbano de mais de 15 mil pessoas, como é o Jacinta Andrade, na região norte de Teresina, um conjunto habitacional financiado com recursos do Governo Federal, tem problemas gravíssimos de abastecimento de água para consumo humano. Há mais de vinte dias a população, que tem baixa renda, compra água mineral. Compra água, inclusive, levada para aquelas regiões em carroças. São coisas inconcebíveis nos dias de hoje. Então, isso traduz, Sr. Presidente, a minha, a nossa preocupação com a situação do Estado Brasileiro, aí envolvendo a União, os Estados Federados e os próprios Municípios, que hoje não atendem mais as mínimas necessidades das populações urbanas, não só relacionadas à questão da água, mas à questão da educação, especialmente da saúde pública e da insegurança.</p>
15:32 <b>R</b>	<p>501. Não posso falar de segurança onde predomina a insegurança pública. Isso eu vi com os meus próprios olhos, de minha sensibilidade, o problema da insegurança em todas as cidades deste País. Não há nenhuma cidade no Brasil, Sr. Presidente, em que nós podemos dizer que a população tem a segurança que merece ter. E isso traduz a falência do Estado brasileiro.</p> <p>502. Temos que reinventar, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Estado brasileiro. E, dentro da crise do Estado, a crise federativa. Os Governadores hoje, Sr. Presidente, são meros administradores de folha de pagamento – folha de pagamento dos Estados, das capitais, das cidades de porte médio e das cidades metropolitanas. Há uma verdadeira ausência do Estado brasileiro.</p> <p>503. Daí, Sr. Presidente, creio que é chegado – aliás, está passando – o momento desta Casa discutir este que, no meu entendimento, é um dos graves problemas que nós estamos vivendo. A par da crise econômica, social, dessas questões que V. Ex<sup>a</sup>, Presidente Paim, tem trazido a esta Casa, a questão da Previdência, das reformas estruturantes, da reforma da previdência, da reforma tributária, da reforma trabalhista e muitas outras questões que inquietam a todos.</p> <p>504. Nós temos que nos debruçar e reinventar este Estado que está aí. A população brasileira, Sr. Presidente, está descrente do Estado que tem. A população brasileira, Sr. Presidente,...</p> <p>505. <b>O Sr. Roberto Rocha</b> (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - MA) – Meu querido Elmano...</p> <p>506. <b>O SR. ELMANO FÉRRER</b> (PMDB - PI) – Pois não, nobre Senador.</p> <p>507. <b>O Sr. Roberto Rocha</b> (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - MA) – Meu querido Elmano, mais uma vez, eu quero ter o privilégio de participar e contribuir com o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>. Desta feita sobre um outro assunto que</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>considero igualmente importante: a segurança pública. Senador Elmano, V. Ex<sup>a</sup> está coberto de razão quando fala que o povo brasileiro, em qualquer canto deste País, está com uma sensação total de insegurança. Eu diria a V. Ex<sup>a</sup>, aos nossos colegas Senadores e ao País inteiro a minha percepção, nesse pouco espaço de tempo do problema. Durante muitos anos, décadas, o Brasil – que é um País muito jovem, que tem cento e poucos anos de República e menos de 40 de democracia, um País jovem, democracia muito jovem – discutiu os três problemas de maior grau de descumprimento: saúde pública, educação pública e segurança pública. Não resta nenhuma dúvida de que, nos últimos anos, nas últimas duas décadas, o Brasil deu um avanço grande na questão da saúde pública e da educação pública. Muito há o que fazer – muito –, mas não se pode desconhecer que muito foi feito nesses últimos 20 anos. Por quê? Porque o Brasil tomou a decisão correta de chamar os Municípios para ajudar na execução dessas duas políticas públicas – saúde e educação – e criou os fundos municipais de saúde e educação. Você não pode dar só ação. Também tem que dar a dotação orçamentária. Os Municípios e os Estados passaram a ter recursos para a saúde e para a educação. Há muito problema ainda por resolver, claro. Agora, a segurança pública, pela Constituição, art. 144, é competência dos Estados. Aos Municípios cabe fazer as suas guardas municipais na proteção do patrimônio público. A gente precisa refletir melhor sobre essa questão do sistema policial, porque parece que ainda vivemos uma ressaca do regime militar. Naquela época, a polícia era feita para proteger o patrimônio público até contra as pessoas. E agora não. É o contrário. E aí há uma guerra ideológica, muitas vezes, do pensamento de esquerda e do pensamento de direita em uma política que deveria ser de Estado. Muito bem, eu preciso colocar para V. Ex<sup>a</sup> que, na minha visão, há um problema aí que precisa ser enfrentado. A saúde e a educação, Senador Paulo Paim, são políticas executadas exclusivamente pelo Executivo. Já a segurança tem o Executivo e o Judiciário. Para municipalizar algumas ações de segurança pública, nós esbarramos numa dificuldade objetiva, porque no Brasil há juiz federal e estadual, mas não há juiz municipal. E todos os municípios são iguais perante a lei. Todos os municípios são iguais perante a Constituição. De todos esses problemas, eu vejo que o mais sério, o mais grave, não é o sistema policial. Venho de um Estado, o Maranhão, que tem a menor quantidade de polícia/cidadão do País, um para quase mil – 6 ou 7 milhões de pessoas e 7 mil policiais militares. Brasília tem um para duzentos e poucos. Então, o que trouxe ao maranhense uma sensação maior de insegurança? Foi o problema penitenciário de Pedrinhas. E o Maranhão tem a menor taxa de encarceramento do País. São cerca de 6 mil detentos – 6 mil detentos. São Paulo prende 10 mil por mês – 10 mil por audiência de custódia e solta quase a metade. São Paulo tem uma boa gestão na política do sistema carcerário, que precisa ser reconhecida, no sistema de segurança, tanto que a taxa de homicídio de São Paulo é seis vezes menor que Pernambuco hoje. É a menor do Brasil. Baixou de dez para oito a cada 100 mil pessoas. Tem 250 mil detentos e não tem esses problemas maiores na segurança pública, no sistema penitenciário. Eu vejo dois graves problemas no Brasil, meu querido Paulo Paim, que estão assim meio que escondidos a olhos nus, mas que são graves problemas que precisam ser desnudados: sistema previdenciário e sistema penitenciário.</p>
15:36 R	508.
15:40 R	509. E o sistema penitenciário, se está ruim, certamente vai ficar pior. Por quê? Porque nada resolve sem ser pela política, pela boa política. Se você for hoje a qualquer município do Piauí, do Rio Grande do Sul ou do Maranhão fazer uma penitenciária, a população vai para as ruas protestar. E quem, no Brasil, ouve

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>falar de Senador e Deputado fazendo emenda para construção de presídios? Ninguém, porque não está na agenda política o sistema penitenciário, o problema penitenciário brasileiro, só quando estoura. E eu deixo até uma reflexão para V. Ex<sup>a</sup> e nossos colegas: por que isso só acontece no mês de janeiro? Todos os problemas de explosão em penitenciárias, degolas e tal são no mês de janeiro. Eu não sei se é por causa do indulto de Natal, aquele momento de confraternização ou de sofrimento para muitos. Não sei. O fato é que o Estado brasileiro não está dando a devida atenção. E termino, cumprimentando V. Ex<sup>a</sup> pela oportunidade deste tema que me estimula muito ao debate. Por isso estou aqui dizendo que nós não podemos apenas cobrar do Executivo, seja federal, estadual ou municipal. Nós somos o poder, o Poder Legislativo, o poder originário, o poder que debate, mas o poder também que tem que tomar decisão. Muito bem. Segurança pública é responsabilidade dos Estados. Quem representa os Estados não é a Câmara dos Deputados, que representa as pessoas. Quem representa os Estados é o Senado Federal. Na Câmara dos Deputados, há uma Comissão de Segurança Pública, comissão permanente, fórum permanente. Pois, aqui no Senado, não há uma comissão para discutir o tema segurança pública, não há uma comissão permanente para discutir o combate às drogas. Se a droga é em relação ao consumo, é um problema de saúde, vai para a Comissão de Assuntos Sociais. Mas, se é em relação ao tráfico, que é o mais grave, onde é que se discute? Não há. Temos, no Senado, uma Subcomissão de Segurança Pública ligada à CCJ, que, neste mandato, sequer foi instalada e que deverá ser instalada nos próximos dias pelo Presidente, Senador Edison Lobão, atual Presidente da CCJ, com toda a boa vontade do nosso Presidente do Senado Eunício. De modo que eu quero deixar a V. Ex<sup>a</sup> os meus cumprimentos e um ombro amigo de alguém muito preocupado com essa questão da segurança pública em nosso País, até porque somos vítimas. Quanto mais se aumenta o cerco policial nos Estados do Sul – São Paulo, Minas, Rio de Janeiro –, quanto mais se reforça o sistema policial, duas consequências: pressiona-se o sistema prisional, porque vai prender mais, em vez de prender melhor, e essa marginalidade, essa bandidagem do Sul vai migrar para as cidades do Nordeste, como foi em Recife até há pouco tempo, que é uma explosão de problema, que o saudoso Governador Eduardo Campos enfrentou, como está acontecendo no Piauí, no Maranhão. Então, essas cidades estão muito menos aparelhadas, enfrentando gravíssimos problemas de segurança pública. Convoco V. Ex<sup>a</sup>, apreciador do tema, para que a gente some esforços no sentido de criar nesta Casa um fórum permanente para poder tratar da questão da segurança pública e, assim, termos muito mais autoridade para cobrar dos outros Poderes algumas providências. Parabéns!</p>
15:44 <b>R</b>	<p>510. <b>O SR. ELMANO FÉRRER</b> (PMDB - PI) – Agradeço, mais uma vez, a V. Ex<sup>a</sup> e incorporo a intervenção ao nosso pronunciamento. Inclusive, eu queria só aproveitar esta oportunidade para voltar a retomar essa questão relacionada ao Estado, à crise do Estado brasileiro.</p> <p>511. Todos nós sabemos que esse problema penitenciário, essa bomba de efeito retardado que já explodiu em algumas capitais e cidades brasileiras explodirá daqui para frente. Nós não temos, meu nobre Senador Roberto Rocha, planejamento mais neste País.</p> <p>512. Ontem, foram as crises nas penitenciárias; depois, foram nas Polícias Militares; e a última, aliás, no Espírito Santo, em que a gente, com tristeza, verifica que a hierarquia e a disciplina que devem prevalecer nas corporações militares não mais existem, e isso é grave. A disciplina e a hierarquia são a base, são o alicerce de qualquer unidade de segurança, quer seja nas Forças Armadas, nas Polícias Militares, nas Polícias Civis.</p> <p>513. A questão da droga: nós temos, meu nobre Senador, nobres Senadores, meu querido Presidente, 23 mil quilômetros de extensão de fronteiras, dos quais 16</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>mil quilômetros são fronteiras terrestres, aqui, em toda a América do Sul, com exceção de dois países: o Equador e o Chile. Os demais 7 mil quilômetros de fronteiras são fronteiras marítimas. Ou seja, 23 mil quilômetros de fronteiras.</p> <p>514. A quem compete a segurança? À União, à União. E é exatamente por essas fronteiras que entram as drogas, as armas, que geram 80% de todas as violências e crimes que ocorrem em todo o Território Nacional. Daí porque, meu nobre Senador Paim, nobres Senadores e Senadoras, nós temos que reformar, que modificar a nossa Constituição quando ela diz que a segurança pública é de responsabilidade dos Estados federados, quando o crime hoje, neste País, não tem mais fronteiras. Não há fronteiras. O crime se organizou de tal ordem que uma organização criminosa do Sul atua no extremo Norte. E, <i>mutatis mutandis</i>, como nós vimos agora em uma penitenciária de Natal, no Rio Grande do Norte, o Estado, que já não dominava mais a penitenciária de Natal, entra com aquelas – não sei nem o nome. Para separar uma facção criminosa de outra facção criminosa, implantou-se um muro no improvisado, separando uma instituição criminosa de outra.</p>
<p>15:48</p> <p>R</p>	<p>515. O Estado não tem mais nem o domínio, não tem mais força para manter uma penitenciária, porque ela é de domínio da criminalidade, de organizações criminosas. Esse é o fim do Estado, é um atestado de falência do Estado brasileiro. E isso se repete em todas as capitais deste País. É com grande tristeza que nós registramos isso, meu nobre Senador.</p> <p>516. Está chegando aqui o nosso ex-Governador e Senador Cássio Cunha Lima, que tem problemas dessa natureza em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba.</p> <p>517. Cabe a esta Casa buscar alternativas e soluções para problemas desta e de outras naturezas.</p> <p>518. Portanto, Sr. Presidente, aproveitando este registro que queríamos fazer com relação ao fechamento da fábrica de cimento da cidade de Fronteiras, do Piauí, da questão de água da capital do Estado do Piauí, banhada por um rio... Ora, se na capital do Piauí, a sede do governo do Estado, do Poder Legislativo, que abriga os órgãos federais, a gente vê a população padecer por quase um mês por falta de água, pergunto: e a região do Semiárido, onde não chove ou chove pouco? Se, na capital, na presença das mais altas autoridades do Estado, do Município e da própria União, a população priva-se com problemas de água, sem falar na energia, eu pergunto: e o Sertão?</p> <p>519. Com esses registros, Sr. Presidente, eu aproveitei a oportunidade também para fazer uma rápida incursão na crise do Estado brasileiro, que é um grande desafio que pesa sobre esta Casa da Federação.</p> <p>520. Eram esses, Sr. Presidente, os registros e os comentários que tínhamos a fazer na tarde de hoje.</p> <p>521. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – O Senador Elmano Férrer fez uma bela exposição, discutindo a questão da saúde, da segurança e principalmente dos presídios.</p> <p>522. No princípio de um Líder e um inscrito, como Líder, fala agora o Senador Cássio Cunha Lima.</p> <p>523. Está inscrito o Senador Acir Gurgacz.</p>
<p>15:52</p> <p>R</p>	<p>524. <b>O SR. CÁSSIO CUNHA LIMA</b> (Bloco Social Democrata/PSDB - PB. Como Líder. Com revisão do orador.) – Sr. Presidente Senador Paulo Paim, Sr<sup>as</sup> Senadoras, Srs. Senadores, telespectadores da TV Senado, ocupo a tribuna neste instante para deixar registrado nos <i>Anais</i> desta Casa o testemunho do mais escolhido e sincero agradecimento por uma conquista do povo da Paraíba e também de Pernambuco concretizada ontem: ontem, às 19 horas, chegavam ao nosso Estado da Paraíba as águas do Rio São Francisco. Às 2h45min da manhã, a cidade de Monteiro, acordada, esperava a chegada das águas.</p> <p>525. Neste instante, o agradecimento que faço é em nome de toda a população do</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Estado, que durante séculos lutou por essa conquista. Resta ainda o Eixo Norte, que está em execução, mas que será concluído até o final do ano – infelizmente, tivemos um atraso no andamento da obra pela desistência de uma das construtoras.</p> <p>526. Amanhã Sua Excelência, o Presidente Michel Temer, acompanhado do Ministro Helder Barbalho e de vários outros ministros, governadores, senadores, deputados, Parlamentares, mas principalmente do povo da Paraíba, estará inaugurando o Eixo Leste da transposição do São Francisco, às 15h, na cidade de Monteiro, onde será recepcionado pela Prefeita Anna Lorena, que esteve, inclusive, no Senado recentemente. Antes disso, passará por Campina Grande para visitar, a convite do Prefeito Romero Rodrigues e do Vice-Prefeito Enivaldo Ribeiro, o Complexo Habitacional Aluizio Campos, a maior obra do programa Minha Casa Minha Vida em andamento no País neste instante. São mais de 4,1 mil unidades, duas escolas, duas creches, praças, academia de ginástica, uma área para o jardim botânico da cidade, espaço para expansão comercial e industrial do Município de Campina Grande. De Campina Grande, o Presidente vai até Sertânia, em primeiro lugar, para inaugurar o trecho pernambucano do Eixo Leste, levando, ao abrir as comportas, a água para a cidade de Sertânia. Para se ter uma ideia, Sertânia hoje sofre um racionamento tão severo e rigoroso que a população daquela cidade pernambucana irmã, de povo honrado, povo bom, trabalhador, tem água um dia por semana, fora outras cidades que não têm água dia nenhum. Então, eu queria deixar aqui essa palavra de registro desse momento histórico.</p> <p>527. Eu o escuto dentro de instantes, Senador.</p> <p>528. Ontem, quero confessar, eu tive a maior emoção da minha vida pública. Já fui Prefeito, já fui Governador, já fui Deputado Federal, já fui Superintendente da Sudene, sou hoje Senador, mas nunca tive uma alegria tão intensa, tão genuína, tão forte como a que tive ontem com a chegada das águas do São Francisco ao nosso Estado. É algo difícil de descrever e talvez até impossível de compreender para quem vem de Estados onde a água é abundante, mas a Paraíba não tem um único rio perene, Senador Acir. A Paraíba, inclusive, em tupi, tupi clássico, é "rio ruim", é "rio não navegável". Nós não temos um único rio perene, mas passaremos a ter, porque, a partir da chegada da água em Monteiro, teremos a calha do Rio Paraíba perenizada para que essa água desague no Açude Boqueirão; depois, vá para o Açude Acauã e chegue ao Canal das Vertentes, num projeto de irrigação de 30 mil hectares, projeto concebido, idealizado e iniciado no período em que fui Governador e que está agora em fase de conclusão.</p>
15:56 R	<p>529. De forma tal que é um momento muito especial, e é por isso que eu faço esse pronunciamento improvisado, mas o faço para que fique registrado nos <i>Anais da Casa</i>.</p> <p>530. Escuto, com prazer, o Senador Roberto Rocha.</p> <p>531. <b>O Sr. Roberto Rocha</b> (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - MA) – Senador Cássio, cumprimento V. Ex<sup>a</sup> pela sua fala. Estão estampadas no rosto de V. Ex<sup>a</sup> a satisfação e a alegria de um homem público sério, nordestino, comprometido, desde muito novo, com a causa do povo do Nordeste, particularmente da Paraíba. Sou testemunha da sua história – e é bom falar da história quando somos sujeitos dela. Nós nos encontramos muito no PSDB e em vários caminhos dessa longa estrada. Quero me associar a essa alegria e cresce em mim a convicção de que no meu Estado, o Maranhão – que, ao contrário do Estado de V. Ex<sup>a</sup>, tem 60% das águas interiores do Nordeste, 12 bacias hidrográficas, mais de 5 mil quilômetros de rios perenes –, nós temos uma riqueza que, depois de nós maranhenses, é a maior de todas, e isso está mais uma vez comprovado com a satisfação de V. Ex<sup>a</sup>: a água. A segunda maior riqueza do Maranhão são as nossas águas. E eu quero aqui fazer um registro</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>para somar ao que V. Ex<sup>a</sup> diz. É o esforço de um Partido político que quero aqui reconhecer. O PDSB é muitas vezes discriminado por ser contra o Nordeste. Uma falácia! V. Ex<sup>a</sup> é um militante político social do PSDB, de muito tempo, que luta por essa causa. O Governador, hoje Senador, nosso colega Aécio Neves, quantas vezes foi com V. Ex<sup>a</sup> mesmo à Paraíba, tratando desse assunto? O Presidente Fernando Henrique Cardoso – eu era Deputado; e ele, Presidente – já lutava muito por isso. E agora o Governador Geraldo Alckmin, que mandou mais de 30 carretas carregadas de bombas quase do tamanho desta sala para poder antecipar a chegada dessas águas. Meus cumprimentos, portanto, a todos os políticos, líderes responsáveis do PSDB que ajudam a nós, o povo nordestino. E encerro dizendo que é com muita alegria que vejo que um projeto nosso, aprovado no Senado Federal e que está na Câmara, estende também até a Paraíba a área da Codevasf. Isso porque essa obra do Ministério da Integração Nacional, cujo Ministro é o nosso companheiro, amigo, Helder Barbalho, e com a Codevasf, da Presidente Kênia, vai precisar de manutenção, de custeio. E é preciso que a Codevasf esteja presente na Paraíba, porque senão a Codevasf não vai poder atuar. Em breve, esse projeto vai ser aprovado. Parabéns, Senador.</p> <p>532. <b>O SR. CÁSSIO CUNHA LIMA</b> (Bloco Social Democrata/PSDB - PB) – Agradeço, Senador Roberto Rocha, o seu aparte e escuto também o contrerrâneo, atuante, dedicado, comprometido Senador do nosso querido Piauí, Elmano, com muita atenção.</p> <p>533. <b>O Sr. Elmano Férrer</b> (PMDB - PI) – Eu queria também, meu nobre e estimado Senador Cássio, meu ex-chefe da Sudene... Sou testemunha da dedicação e do trabalho de V. Ex<sup>a</sup> não só como líder político, administrador em vários níveis na Paraíba, mas como responsável pela política de desenvolvimento regional, como Superintendente da Sudene, do esforço de V. Ex<sup>a</sup> com relação ao desenvolvimento regional, desde a industrialização do Nordeste, através dos incentivos fiscais, mas sobretudo nessa questão dos recursos hídricos da Região. Daí eu vejo, na fisionomia de V. Ex<sup>a</sup>, essa alegria, esse contentamento, que me extasia e extasia a todos nós, nordestinos, inclusive nós outros que também acompanhamos esse trabalho hercúleo com vistas a levar a água do São Francisco para o Estado de V. Ex<sup>a</sup>, a Paraíba, como o Rio Grande do Norte e o Ceará. Eu acho que isso traduz e materializa uma vitória de que V. Ex<sup>a</sup> foi partícipe ainda como jovem – jovem político, jovem administrador. Daí por que a alegria de V. Ex<sup>a</sup>, que eu compartilho também, como seu colega na época, como subordinado. Era nosso chefe naquela época. Por sinal, naquele momento, eu antevia que V. Ex<sup>a</sup> chegaria a governar a Paraíba. E hoje está aqui, nesta Casa da Federação, como um vitorioso pelo trabalho que realizou, não só pela Paraíba, e eu sou testemunha disso, mas pelo próprio Nordeste. Então, compartilho da alegria de V. Ex<sup>a</sup>.</p>
16:00 R	<p>534. <b>O SR. CÁSSIO CUNHA LIMA</b> (Bloco Social Democrata/PSDB - PB) – Muito obrigado. Agradeço profundamente, Senador Elmano, suas palavras sempre amigas, gentis, fraternas, solidárias, estimulantes. Estivemos juntos na Sudene, lado a lado, sem nenhuma distinção hierárquica. Pelo contrário: sempre tive, na sua contribuição, uma luz importante para a condução do nosso trabalho.</p> <p>535. Mas, para que eu não me prolongue, eu gostaria de registrar alguns agradecimentos por essa conquista. Aprendi com meu pai, desde cedo, que a obra pública não tem dono. Dono é o povo, que é beneficiário dela. Portanto, a transposição do São Francisco é a luta de muitos e a conquista de todos os nordestinos e brasileiros. Luta de muitos, conquista de todos. Mas esse tema da transposição começou a ser tratado ainda no Império. D. Pedro foi o primeiro a falar em transposição. Chegou a proclamar a conhecida frase de que venderia até a última joia da Coroa para levar água para o Nordeste brasileiro.</p> <p>536. Trazendo para um tempo mais recente, temos que lembrar a memória do</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Presidente Itamar Franco, que me nomeou para a Sudene. Foi no governo de Itamar Franco que o debate sobre a transposição ganhou força, ganhou volume, ao ponto em que, quando chegamos no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, dois Ministros da Integração paraibanos, Cícero Lucena, que foi Senador, ocupando a cadeira da Paraíba nesta Casa, ao lado de Fernando Catão, deram os primeiros passos, com os estudos iniciais e os projetos preliminares para o início da obra.</p> <p>537. Não há como deixar de reconhecer e proclamar o agradecimento ao Presidente Lula, que teve coragem, teve firmeza, teve capacidade política de fazer mais do que uma obra de engenharia civil: construir, com a ajuda indispensável do Vice-Presidente José Alencar, que precisa ser lembrado também, uma obra de engenharia política, uma vez que a obra da transposição enfrentava vários obstáculos e resistências.</p> <p>538. Há de se agradecer ao Ministro Ciro Gomes, que deu os primeiros passos também na execução da obra, ao lado do Presidente Lula.</p> <p>539. Há de se agradecer à Presidente Dilma, que, mesmo não tendo cumprido o cronograma, porque a obra já deveria estar pronta desde 2012 – estamos com cinco anos de atraso –, ofereceu, com o Ministro Fernando Bezerra, nosso colega aqui no Senado, Senador de Pernambuco, uma contribuição à obra.</p>
<p>16:04</p> <p>R</p>	<p>540. É claro que temos que agradecer ao Presidente Michel Temer, ao Ministro Helder Barbalho, que são os dois responsáveis pela conclusão da obra.</p> <p>541. O Presidente Michel Temer, ao lado do Ministro Helder, teve uma atenção desmedida com a obra, multiplicando os recursos. Muitos, muitos nem sequer acreditavam que a obra pudesse ficar pronta nessa quadra. E o Presidente merece, sim, o aplauso, o reconhecimento, o louvor, a gratidão, o abraço, o aperto de mão, o afago, o aceno de todo o povo paraibano, pernambucano, nordestino, por sua sensibilidade em garantir a conclusão dessa obra.</p> <p>542. É claro que cabe um agradecimento ao Governador Geraldo Alckmin, Governador do PSDB do Estado de São Paulo, que emprestou as bombas flutuantes, e essas bombas permitiram a chegada das águas com 45 dias de antecedência. Como eu disse no início desse pronunciamento, as águas do São Francisco aportaram em Monteiro ontem pela madrugada. Não fossem as bombas emprestadas, num gesto de extrema solidariedade do Governador de São Paulo, só daqui a mais 45 dias para frente. Acontece que o Açude Boqueirão, que abastece Campina Grande, está com apenas 3% ou 4%, no máximo, de sua capacidade, e entrará em colapso, no máximo, em 60 dias. Uma população de aproximadamente 1 milhão de pessoas sem água de forma nenhuma, sem uma gota d'água, é algo inimaginável, é algo inacreditável.</p> <p>543. Além do Governador Alckmin, nessa trajetória, é preciso lembrar o Deputado Marcondes Gadelha, que, na década de 60, 70, já defendia a obra.</p> <p>544. E deixei, por fim, até para que eu possa conter a emoção, para prestar a homenagem a meu pai, ao meu saudoso pai, que, tantas vezes, desta mesma tribuna, defendeu essa obra.</p> <p>545. Ontem, a minha assessoria me presentou com o resgate de alguns pronunciamentos que meu pai fez desta tribuna, defendendo a transposição. Ontem foi um dia de muita saudade, muita saudade mesmo. Eu me lembro dele constantemente. É difícil não me lembrar do meu pai quase todos os dias – digo todos os dias sem exagero. Mas ontem foi um dia especial, porque, além de rever as falas, os discursos dele, me vem à memória toda uma vida dedicada a essa causa, que não é só nossa. Essa obra não tem dono, essa obra não tem dono. Como ele próprio, Ronaldo Cunha Lima, dizia: "Obra pública não tem dono! Dono é o povo que é beneficiário dela".</p> <p>546. E acho que a melhor forma de homenagear a memória do meu pai, além de citá-lo, nesse instante, como um dos grandes baluartes dessa luta, é tentar reproduzir, de forma modesta, o que ele fez nesta tribuna quando declamou um</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>dos seus sonetos. Meu pai era um grande poeta, tinha sonetos belíssimos, tem poemas outros, tercetos. E, em um dos seus pronunciamentos, ele declamou, daqui, o soneto que começa dizendo, Senador Paim:</p> <p>547. <i>Quando o grito de dor do nordestino</i>  548. <i>Unir-se à voz geral do desencanto,</i>  549. <i>Esse eco de repente faz um canto,</i>  550. <i>E o canto de repente faz um hino</i>  551. <i>E puro como um sonho de menino</i>  552. <i>Será cantado aqui, em qualquer canto,</i>  553. <i>Porque é símbolo, estandarte e será manto</i>  554. <i>De um povo que busca o seu destino.</i>  555. <i>E quando este hino pleno de ideal,</i>  556. <i>Canção do povo em marcha triunfal,</i>  557. <i>For lançado ao sabor do seu destino,</i>  558. <i>Aí se saberá, sem ter espanto,</i>  559. <i>Que um eco de repente faz um canto,</i>  560. <i>E um canto de repente faz um hino.</i></p>
16:08 R	<p>561. Foi dessa forma que o poeta consolidou toda a sua luta, além de outros poemas que ele declamou aqui, outros sonetos. Eu acho que eu errei a terceira estrofe aqui do verso. Vou pedir desculpas. Depois, corrigimos. Estou contendo a minha emoção realmente.</p> <p>562. Enfim, para encerrar, Presidente, agradeço a sua generosidade com o tempo, a participação dos Senadores que enriqueceram este pronunciamento com seus apertes, a presença do Senador Acir.</p> <p>563. É um momento muito especial, de difícil descrição. É difícil encontrar as palavras para externar tudo aquilo que nós sentimos, porque é uma nova história, é uma nova etapa que nós começamos na nossa trajetória como paraibanos. É um novo tempo, é um novo momento. É uma nova vida.</p> <p>564. Se Deus quiser, no final do ano, o Eixo Norte estará também pronto. Estamos lutando por um ramal do Eixo Norte, para levar água até o Açude Coremas e Mãe D'Água, que são os dois principais açudes da Paraíba, que acumulam mais de 1 bilhão de metros cúbicos.</p> <p>565. Fica, então, essa expressão não minha apenas, mas de toda a Paraíba, que, uníssona, agradece a todos aqueles que, com o seu suor, com o seu trabalho, contribuíram para essa conquista que é de todos nós, que é do nosso povo, que é da nossa gente.</p> <p>566. Muito obrigado, Sr. Presidente.</p> <p>567. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Muito bem, Senador Cássio Cunha Lima, que, com a capacidade, a competência, a oratória de sempre, falou da transposição das águas do Rio São Francisco. Agrada-me muito quando vejo um pronunciamento suprapartidário, não ideológico, falando de todos os Presidentes que contribuíram para que a obra se tornasse realidade.</p> <p>568. Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>.</p> <p>569. <b>O SR. CÁSSIO CUNHA LIMA</b> (Bloco Social Democrata/PSDB - PB. <i>Fora do microfone.</i>) – Obrigado, Presidente.</p> <p>570. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Passo a palavra ao Líder do PDT, Senador Acir Gurgacz.</p> <p>571. <b>O SR. ACIR GURGACZ</b> (Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PDT - RO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, nossos amigos que nos acompanham através da TV Senado, nos ouvem através da Rádio Senado, ontem, Sr. Presidente, não tive oportunidade de usar a tribuna. Foi um dia muito lindo que aconteceu aqui no Senado, uma sessão muito bacana, muito bonita, e não tive oportunidade de</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>fazer a minha homenagem às mulheres.</p> <p>572. Em tempo, faço hoje o meu cumprimento a todas as mulheres pela passagem do Dia Internacional, que comemoramos ontem. Meus parabéns às mulheres pelas conquistas, independência e liderança familiar, lembrando que essa é uma luta diária das mulheres, que, com muita sensibilidade, força e coragem, estão superando os obstáculos para ocupar o seu devido lugar na sociedade.</p> <p>573. Junto-me à luta das mulheres por nenhum direito a menos e destaco que um desses direitos está ameaçado com a nova regra de transição proposta pelo Governo na reforma da previdência, que é regra de transição para as mulheres cumprirem a idade mínima de 65 anos para a aposentadoria.</p> <p>574. Eu entendo que não é esse o caminho e não é assim que nós vamos homenagear as mulheres. Como disseram ontem várias Senadoras, são muito bem-vindas as flores, os doces e os cumprimentos, mas precisamos de ações para realmente homenagear as mulheres.</p>
<p>16:12</p> <p><b>R</b></p>	<p>575. Mesmo considerando que hoje a expectativa de vida das mulheres é sete anos maior que a dos homens, a elevação proposta para as mulheres é superior à dos homens, ou seja, a idade mínima dos homens sobe de 60 para 65 anos e a das mulheres, de 55 para 65 anos. Portanto, minha proposta é que seja estabelecido o mesmo patamar de elevação de idade, ou seja, de cinco anos para os homens e também para as mulheres. Dessa forma, a idade mínima de aposentadoria das mulheres seria de 60 anos. Creio que, assim, estaremos estabelecendo uma igualdade de tratamento, um tratamento justo, preservando os direitos.</p> <p>576. Na manhã dessa terça-feira, Sr. Presidente, tivemos aqui no Senado, no auditório do Interlegis, um excelente fórum de discussão, promovido em parceria com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular e com a Sociedade Brasileira de Hemodinâmica e Cardiologia Intervencionista, sobre o envelhecimento da população brasileira e as políticas públicas de atenção à saúde na alta complexidade. Foi uma grande oportunidade para discutirmos com especialistas diversos temas relacionados à saúde pública para os idosos e para afirmarmos o nosso trabalho aqui no Congresso Nacional juntamente com os médicos e pesquisadores, as entidades de classe e também o meio jurídico.</p> <p>577. O Brasil apresenta um acelerado processo de envelhecimento, com transformações profundas na composição etária da sua população. Estima-se que o grupo etário de 60 anos seja de mais de 28 milhões de brasileiros, elevando-se em 2050 para 64 milhões de brasileiros. A ampliação do número de idosos e a maior utilização do sistema de saúde, consequência do maior tempo de vida e do aumento das doenças, configuram-se como grandes desafios para o sistema de saúde, demandando ações e políticas adicionais, bem como novas tecnologias em saúde.</p> <p>578. É nesse contexto que se situa também a reforma da previdência social, em discussão hoje na Câmara dos Deputados. Portanto, ao mesmo passo em que precisamos discutir profundamente a reforma da previdência, também precisamos aperfeiçoar as políticas públicas de saúde para os idosos e para esse cenário de envelhecimento da população brasileira. É verdade que são duas questões diferentes, mas que se cruzam, se complementam. E justamente por isso, precisam ser abordadas conjuntamente, para que a reforma da previdência possa, de alguma forma, assegurar mais recursos para a saúde pública brasileira, principalmente para a população idosa, aposentados ou não.</p> <p>579. Nas próximas semanas ou quando a PEC da reforma da previdência chegar ao Senado, vamos tratar com mais profundidade esse assunto, mas já adianto que, do jeito que o projeto foi apresentado pelo Governo, eu sou totalmente contra. Nós precisamos achar uma alternativa para a previdência. Entretanto, entendo que é necessário ajustar a previdência, mas não podemos retirar, de forma tão acintosa, direitos sagrados dos trabalhadores brasileiros.</p>
16:16	580. No que diz respeito à saúde da população idosa e ao direito de todos à saúde

Horário	(Texto com revisão.)
R	<p>pública, não apenas à saúde pública, mas a uma saúde pública de qualidade, renovamos o nosso compromisso e nos colocamos sempre à disposição de todas as entidades de classe da área da saúde, das universidades, de institutos de pesquisas e de todos os brasileiros e brasileiras, para reforçar a luta por uma saúde pública de qualidade no nosso País.</p> <p>581. No ano passado, trabalhamos intensamente na aprovação do Projeto 688/2015, de minha autoria, Sr. Presidente, que obrigará o SUS a fornecer, sem custos, aos pacientes idosos que sofrem de estenose aórtica degenerativa o implante de válvula aórtica através de cateter. Esse projeto foi aprovado nas comissões e também no plenário da Casa e agora está tramitando na Câmara dos Deputados, na Comissão de Finanças e Tributação. Fica aqui o nosso apelo, o nosso pedido para que os Deputados possam aprovar rapidamente esse projeto que é de grande valia para a população idosa que necessita dessa cirurgia, que necessita desse trabalho que é feito. A nossa expectativa é a de que ele seja aprovado logo na Câmara dos Deputados e vá direto à sanção presidencial.</p> <p>582. O implante da válvula aórtica, a famosa molinha que é colocada no coração, é feito atualmente pelo SUS através de cirurgia de peito aberto, com alto risco e redução da qualidade de vida do paciente após a cirurgia. E, se nós podemos fazer isso através de cateter, por que nós vamos colocar os nossos idosos fazendo uma cirurgia de alto risco, tirando uma qualidade de vida, quando é possível fazer através do cateter? Quando esse implante é feito através de cateter, no processo conhecido como cateterismo, além da redução do risco, o paciente ganha mais qualidade de vida. É um procedimento moderno e menos invasivo, feito rapidamente. A cirurgia é feita em até 90 minutos, e o paciente sente pouca dor e, no dia seguinte, pode ir para casa, completamente ao contrário do que é feito hoje pelo SUS, em que é completamente aberto o peito do paciente para colocar essa molinha no seu coração. Dessa forma, vamos salvar muitas pessoas, além de melhorar a qualidade de vida dos pacientes dessa doença que estreita o canal da válvula aórtica.</p> <p>583. Destaco o apoio da Sociedade Brasileira de Hemodinâmica e Cardiologia Intervencionista nas pessoas do seu Presidente, o Dr. Marcelo Cantarelli, e do Diretor Administrativo, o Dr. Marcelo Queiroga; e da Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular, na pessoa de seu Presidente, Dr. Fábio Jatene, e do Dr. Rogério Tadeu Tumelero, que muito nos auxiliaram com informações técnicas e foram os grandes responsáveis por esse projeto e pela aprovação aqui no Senado Federal. Agradeço também as homenagens recebidas dessas duas entidades, tanto a SBHCI e a SBCCV. E, mais uma vez, renovo meu compromisso de continuar trabalhando para a melhoria constante da saúde da população brasileira, principalmente os nossos idosos. O SUS precisa dar uma atenção especial aos idosos brasileiros.</p>
16:20 R	<p>584. Temos de fazer a reforma da previdência, temos de fazer esses ajustes, mas temos de também, paralelamente a esses ajustes da previdência, fazer um avanço no atendimento à população brasileira através do SUS. É necessário que isso aconteça. Não há uma ligação direta, mas há uma ligação indireta, pois, hoje, um dos maiores custos da população idosa é exatamente com saúde, com medicamentos, tratamentos, para que possam ter uma qualidade de vida boa nessa idade importante que é a melhor idade.</p> <p>585. Também, Sr. Presidente, é com alegria que recebo e comemoro a decisão do STF de isentar de impostos os <i>e-books</i>, os livros digitais. Essa é uma luta que iniciamos aqui, no Senado Federal, em 2010, quando apresentei o Projeto de Lei nº 144, de 2010, para atualizar a definição de livro, concedendo isenção também aos livros em formato digital, magnético ou ótico, incluindo os <i>tablets</i>. Essa política resultará numa redução de até 35% no preço dos livros eletrônicos e facilitará a distribuição desses livros e dos <i>tablets</i> nas escolas públicas em todo</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>o nosso País. Portanto, além de estimular o comércio, é uma medida que vai estimular a leitura de livros e modernizar a educação em todo o nosso País. Se não baratearmos o custo desses livros, desses <i>tablets</i>, desses <i>e-books</i>, nós vamos fazer com que apenas as pessoas que têm um poder aquisitivo elevado tenham acesso a esse instrumento que é da maior importância para a informação da população brasileira, principalmente os nossos jovens, os nossos alunos. É necessário que o Governo possa deixar à disposição de todos os alunos brasileiros os livros eletrônicos. Isso faz parte da modernidade, faz parte do avanço que o Brasil está tendo. Nós não podemos ficar para trás. O Brasil precisa continuar avançando, precisa acompanhar o que acontece no resto do mundo e não fazer isso de forma seletiva, mas fazer isso de forma total, para que todos os nossos alunos possam ter acesso a essa modernidade.</p> <p>586. Vamos continuar trabalhando com relação à regularização fundiária, com as questões das nossas BRs, como a duplicação da BR-364 e a reabertura da BR-319, que hoje está paralisada em função das fortes chuvas, mas os equipamentos já estão nas estradas. Acredito que, no mês que vem, possamos fazer mais uma diligência de Porto Velho a Humaitá, de Humaitá até Manaus, para acompanharmos a retomada dos serviços para a reabertura em definitivo da BR-319. A paralisação foi programada em função das fortes chuvas da Amazônia, mas é importante a retomada das obras para que possamos ter a reabertura em definitivo da BR-319.</p> <p>587. E nós continuamos trabalhando com relação à nossa ferrovia para que chegue a Porto Velho também. Teremos notícias, novidades, com relação a esse tema. O estudo de viabilidade para a construção dessa ferrovia já foi licitado e deve ser sancionado nas próximas semanas. Os serviços devem começar logo. É uma obra importante para o Estado de Rondônia, importante para o País. Nós teremos, este ano, a dragagem do Rio Madeira, o que vai aumentar em muito o trânsito de mercadorias, de grãos, tanto soja quanto milho, algodão também, via Porto Velho, através da Hidrovia do Madeira. A previsão é a de que se dobre o transporte de grãos através do Rio Madeira. Portanto, nós temos que preparar a BR-364 com a duplicação e também fazer com que a ferrovia chegue até Porto Velho para que possa diminuir o trânsito de caminhões pesados na BR-364.</p>
16:24 <b>R</b>	<p>588. Esses são alguns dos temas que nós continuaremos abordando neste ano de 2017, com uma ênfase muito grande na saúde pública, pois é uma situação bastante delicada o que passam as pessoas que precisam de atendimento médico nos postos de saúde, nos hospitais, nos hospitais especializados. Não há vaga, não há remédio, não há médicos. Nós vamos dar uma atenção especial para proporcionar um atendimento de qualidade a toda a população brasileira.</p> <p>589. Pela atenção, muito obrigado, Sr. Presidente.</p> <p>590. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Paulo Paim. Bloco Parlamentar da Resistência Democrática/PT - RS) – Muito bem, Senador Acir Gurgacz.</p> <p>591. Neste momento, passo a palavra ao nobre Senador Raimundo Lira.</p> <p>592. <b>O SR. RAIMUNDO LIRA</b> (PMDB - PB. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Paulo Paim, é sempre uma satisfação ocupar esta tribuna quando V. Ex<sup>a</sup> está presidindo esta Casa.</p> <p>593. Eu vou abordar aqui o assunto da transposição do Rio São Francisco, que é o assunto do momento para todos nós nordestinos, mas, antes, eu gostaria de fazer um pequeno pronunciamento a respeito da carga tributária no nosso País.</p> <p>594. Nós tomamos conhecimento, através da imprensa, de que existe uma comissão especial tratando da reforma tributária na Câmara dos Deputados e de que o seu Relator sugeriu a volta da CPMF. A CPMF, Presidente, foi o imposto criado num País subdesenvolvido, num País latino, que não foi aceito por nenhum outro país do mundo até hoje, apesar de ser a arrecadação mais fácil, mais barata e mais eficiente que existiu até hoje. Nada é mais fácil de cobrar do que a CPMF através da rede bancária, não tem custo para o país. E, mesmo</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>assim, nenhum país do mundo aceitou implementar esse imposto. Por quê? Porque existem dois símbolos nacionais de todos os países: um é a moeda e o outro é a bandeira.</p>
<p>16:28</p> <p>R</p>	<p>595. Então, nesses eventos, nessas manifestações, principalmente nos países árabes, vez ou outra nós presenciamos, através da televisão, grupos de manifestantes – e até na Europa já aconteceu isso – queimando a bandeira americana, que é um símbolo dos Estados Unidos, mas nunca presenciei – e acredito que nenhum das Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores ou o Sr. Presidente tenha presenciado – um grupo de manifestantes, em qualquer parte do mundo, queimando o dólar, a moeda americana. Isso quer dizer que a moeda termina sendo, efetivamente, o maior símbolo de representação do país, e a bandeira fica em segundo lugar, como uma coisa simbólica, uma referência cultural, uma referência histórica, mas, de fato, a grande referência do país é a moeda.</p> <p>596. E o Brasil, em virtude de possuir aqui no Território nacional uma quantidade muito grande de pessoas geniais, que sempre têm ideias geniais, criou a CPMF. O que é a CPMF? A CPMF é o imposto que o contribuinte, indistintamente, paga por usar a moeda nacional. Ou seja, se o brasileiro valoriza a moeda do País, que é o maior símbolo do País, se ele usa a moeda, ele é penalizado com o imposto, porque respeita a moeda do seu país. Você vê que nem o Estado Islâmico até hoje desrespeitou a moeda americana queimando o dólar. E nós, com a CPMF, tivemos a ousadia de desrespeitar a moeda nacional.</p> <p>597. Vou ser mais claro em relação a esse assunto. As quadrilhas que roubam medicamentos distribuem-nos nas farmácias. Como são medicamentos, como é uma mercadoria que não tem nota fiscal, eles entregam naquelas farmácias e recebem o pagamento em moeda corrente. Ou seja, as quadrilhas que roubam medicamentos no País não pagam CPMF, porque a sua transação é em moeda corrente, é em real.</p> <p>598. Os contrabandistas que contrabandeiam os cigarros, que dão um prejuízo muito grande – no fim do ano passado, eu e a Senadora Ana Amélia falamos aqui que o Brasil teve um prejuízo, em 2016, de R\$115 bilhões em função dos contrabandos –, esse setor privilegiado do País, no caso de implantação da CPMF, também não paga CPMF.</p> <p>599. Existe um sistema intensivo no País de escambo de mercadorias, ou seja, quadrilhas roubam veículos no País e trocam por drogas. É um escambo. Não há circulação de moeda, não há uso da rede bancária e, portanto, não se paga a CPMF. Quando se troca droga por armas, também não tem CPMF porque é um sistema de escambo.</p>
<p>16:32</p> <p>R</p>	<p>600. E toda essa movimentação de venda de drogas no País, essa distribuição de drogas no País também não paga CPMF, porque toda a movimentação é feita em moeda corrente ou troca de mercadoria por mercadoria.</p> <p>601. Isso quer dizer, em resumo, o seguinte, Sr. Presidente: se o cidadão, se o empresário, se o assalariado é honesto, é trabalhador, é formal, é correto, é legalizado, ele é punido com a CPMF. Portanto, eu fiquei muito triste quando vi o Deputado Federal propor o retorno da CPMF ao País. Não só por ser um imposto exótico – e repito, que só existe no nosso País – e por trazer grandes prejuízos à economia nacional mas, sobretudo, porque relembra um grande equívoco do Brasil de criar a CPMF. Então, isso nos envergonha. Inclusive, as pessoas dos outros países, dos outros sistemas econômicos, os bancos, as organizações internacionais ficam achando que nós brasileiros somos bobos de estar tratando ainda de um assunto desses.</p> <p>602. Então, eu quero aqui prevenir, mais uma vez, que esse imposto tem que ser repudiado, como foi pela maioria da população brasileira quando, no governo anterior, se pensou em implementar esse imposto que é, sem dúvida nenhuma, um castigo, uma punição para os brasileiros patriotas, honestos, corretos e que amam o País.</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>603. Agora eu quero, Sr. Presidente, falar um pouco da transposição do Rio São Francisco, de que Parlamentares paraibanos, nordestinos já falaram tanto – mas é um momento de tanta alegria, de tanto conagraçamento que nós não poderíamos deixar de falar a respeito desse assunto.</p> <p>604. Hoje nos faz lembrar o hino que foi criado há 70 anos, exatamente no dia 3 de março de 1947, pelo grande compositor e cantor Luiz Gonzaga e pelo compositor Humberto Teixeira, que foi o segundo hino nacional e o hino do Nordeste, que é a canção <i>Asa Branca</i>, que fala exatamente, de forma poética, a respeito de todos os problemas, os sofrimentos, as angústias por que tem passado o povo nordestino durante os períodos de seca. Então, quero aqui, neste momento, rememorar esse hino que consideramos como o hino nordestino. Nós temos o Hino brasileiro e temos o hino nordestino, que é a canção <i>Asa Branca</i>, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, que no dia 3 de março completou 70 anos.</p> <p>605. Antes de falar da transposição, quero me lembrar aqui dos seus precursores.</p> <p>606. Na Paraíba nós tivemos três precursores que sempre almejavam, que sempre desejaram a realização e a concretização dessa grande obra. E aqui quero me lembrar inicialmente do ex-Senador Marcondes Gadelha, que foi Senador comigo aqui nesta Casa, depois Deputado Federal; é uma grande liderança paraibana. E o Senador Marcondes Gadelha, não só na Paraíba, não só no Nordeste, mas no Brasil, foi o maior defensor da transposição do Rio São Francisco.</p>
<p>16:36</p> <p>R</p>	<p>607. Eu até faço um paralelo em relação à luta do Senador Marcondes Gadelha, porque foram duas lutas que tiveram sucesso e que, à época, eram tidas como ideias de sonhadores. Foi a renda mínima do Senador Suplicy – o Senador Suplicy batalhava tanto, falava tanto na renda mínima e nós, aqui no Senado, no Congresso Nacional, achávamos que era um sonho distante. E hoje o que deu estabilidade ao Nordeste nesses anos de seca, sem invasões, sem tumultos, foi exatamente o Bolsa Família, que não é mais nem menos do que a renda mínima preconizada pelo Senador Eduardo Suplicy. Da mesma forma, hoje nós verificamos, nós estamos sentindo, nós estamos sabendo e vivenciando a concretização da transposição do Rio São Francisco, que foi um sonho acalentado, um sonho trabalhado não só no discurso, mas em reuniões, em congressos e seminários do senador paraibano, do ex-Senador paraibano Marcondes Gadelha; portanto, ele merece todas as homenagens como um dos grandes precursores da transposição do Rio São Francisco.</p> <p>608. Queremos lembrar aqui também outro paraibano, que nós chamamos lá na Paraíba de caririzeiro, uma região com pouca densidade de chuva, uma região em que chove pouquíssimo. Foi também um sonho acalentado, lá na Paraíba, pelo Deputado Estadual Assis Quintans. Quintans merece, portanto, ser lembrado neste momento, ficar nos anais da história da transposição do Rio São Francisco como um paraibano que sempre acalentou esse sonho da transposição do Rio São Francisco.</p> <p>609. Quero aqui também falar de um outro sonhador, que tem a sua vida no Vale do Piancó, outra região muito seca, muito precária em relação à densidade pluviométrica, que é o Padre Djacy Brasileiro. Em todas as suas orações, em todas as suas pregações, ele também sempre foi visto como um grande sonhador deste grande empreendimento. E eu quero aqui mandar um recado, mais uma vez, como já o fiz, para o Padre Djacy Brasileiro: o seu segundo sonho também vai ser realizado, que é a construção do Ramal Piancó, uma continuidade do Eixo Norte que vai perenizar o Rio Piancó e levar água para as barragens, o conjunto de barragens Coremas-Mãe D'água, que é a maior acumulação de água do Estado da Paraíba, e que hoje está quase próximo de 2% a 3%, e foi construída e inaugurada em 1946. Esse conjunto de barragens foi inaugurado com capacidade de 1,333 bilhão de metros cúbicos e por mais de 20</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>anos foi a barragem de maior capacidade de acumulação do Nordeste brasileiro. Então, esse ramal Piancó vai exatamente levar água para esse conjunto de barragens.</p>
<p>16:40</p> <p>R</p>	<p>610. O excesso de água do conjunto Coremas-Mãe d'Água vai perenizar o Rio Piranhas, em direção ao Rio Grande do Norte, que, ao chegar no Rio Grande do Norte, recebe o nome de Piranhas-Açu, e vai levar água para a Barragem Armando Ribeiro, no Estado do Rio Grande do Norte, popularmente chamada de Barragem de Açu.</p> <p>611. Portanto, Padre Djacy Brasileiro, esse segundo sonho seu vai ser realizado como continuação da transposição do Rio São Francisco, logo após a conclusão do Eixo Norte – que vai demorar de seis a sete meses, em função de problemas técnicos em relação ao abandono da obra por uma grande construtora. Então, o Governo vai iniciar; esta é uma promessa, uma garantia do Presidente Temer e do atual Ministro Helder Barbalho, Ministro da Integração Nacional, que tem sido um grande batalhador e deu um ritmo diferente a essa obra da transposição do Rio São Francisco.</p> <p>612. Aqui eu gostaria de dizer e repetir o que já foi dito. Nesta madrugada, chegaram à cidade de Monteiro, no Cariri paraibano, as águas do Rio São Francisco. Amanhã estará presente em Monteiro o Presidente Temer, que vai com uma comitiva de Parlamentares paraibanos e nordestinos para marcar oficialmente a inauguração e a chegada da transposição do Rio São Francisco à cidade de Monteiro. É importante aqui lembrar, como já foi dito, que é de extrema importância essa chegada das águas porque, depois de Monteiro, vem a cidade de Camalaú e, em seguida, a cidade de Boqueirão, onde está a barragem que abastece mais de 1 milhão de habitantes, inclusive a cidade de Campina Grande, com 450 mil habitantes. Hoje, indiscutivelmente, o problema mais emergencial da questão hídrica do Nordeste brasileiro é a cidade de Campina Grande.</p> <p>613. Portanto, Senador José Maranhão, que está aqui chegando e foi, como governador, um dos governadores que mais se preocupou com a questão hídrica do Nordeste, implementando – parece-me – em torno de mil quilômetros de adutoras.</p> <p>614. <b>O SR. JOSÉ MARANHÃO</b> (PMDB - PB. <i>Fora do microfone.</i>) – Mil, duzentos e oitenta quilômetros.</p> <p>615. <b>O SR. RAIMUNDO LIRA</b> (PMDB - PB) – Mil, duzentos e oitenta quilômetros de adutoras.</p> <p>616. Portanto, o Senador José Maranhão é um profundo conhecedor da questão hídrica da Paraíba e, está, como todos nós, congratulando-se e vivenciando esse momento de alegria e de satisfação com a chegada das águas da transposição na cidade de Monteiro.</p>
<p>16:44</p> <p>R</p>	<p>617. Mas é importante também, Senador, feitas essas homenagens aos paraibanos, lembrar que essa obra teve início, essa obra arrojada, no governo do Presidente Lula. Ele tem de ser lembrado como o presidente que iniciou essa grande obra. Houve a continuidade no governo da Presidente Dilma e agora, no Governo do Presidente Temer, mercê de um esforço de todos os Parlamentares dos quatro Estados envolvidos, que vão ser beneficiados nesta transposição, que são: Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará... Houve um esforço conjunto de todos os Parlamentares, Senadores e Deputados, e esse trabalho sensibilizou o Presidente Temer para que ele aumentasse, de forma significativa, os recursos financeiros para que essa obra fosse acelerada e hoje tivéssemos a satisfação de falar na chegada das águas da transposição à cidade de Monteiro. Portanto, é de fundamental importância que todos os paraibanos, todos os nordestinos tenham pleno e total conhecimento do esforço que houve por parte do Presidente Temer para a aceleração desta obra.</p> <p>618. E repetindo o que já falou o Senador José Maranhão: essa obra não tem dono!</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>Ninguém no Nordeste brasileiro avoque o direito ou a paternidade dessa obra. Essa é uma obra do Nordeste, é uma obra do povo nordestino, é uma obra em que houve um conagraçamento de esforços de todos. Não conheço ninguém, nenhum Parlamentar da Paraíba, nenhum governador da Paraíba ou do Nordeste brasileiro que tenha feito qualquer gestão no sentido – neste momento, desde que iniciou essa obra – de prejudicar o andamento da transposição. Pelo contrário, houve um conagraçamento de todos no sentido de que essa obra se acelerasse e hoje se resolvesse essa questão emergencial, principalmente de Campina Grande, que é uma cidade com 450 mil habitantes, mais um conjunto de 17 Municípios, que totalizam mais de 1 milhão que dependem do Açude de Boqueirão e que hoje têm menos de 4% da sua capacidade.</p> <p>619. Então, nós estávamos, podemos dizer assim, no prazo máximo de chegada. Não poderia demorar nem 60 dias, porque Campina Grande iria entrar em colapso. As outras cidades ainda poderiam até ser resolvidas de forma precária, com carros-pipa. Mas uma cidade, uma metrópole como Campina Grande – com 450 mil habitantes e com um fluxo de pessoas de fora, de estudantes, de empresários, de comerciantes, de turistas, com um total de circulação em torno de 600 mil pessoas por dia – jamais poderia ter essa questão hídrica atendida de forma improvisada ou de forma precária, como é a questão da distribuição da água por carros-pipas.</p> <p>620. Portanto, quero aqui terminar o meu breve pronunciamento fazendo o meu conagraçamento, demonstrando a minha alegria, que é a mesma alegria de todos os paraibanos – seja do litoral, do Sertão, do Cariri ou do Curimataú, de todas as regiões paraibanas –, essa grande satisfação, essa alegria, esse contentamento de presenciarmos amanhã a inauguração oficial das águas da transposição, que chegaram nesta madrugada à cidade de Monteiro.</p> <p>621. Muito obrigado, Sr. Presidente.</p> <p>622. <i>(Durante o discurso do Sr. Raimundo Lira, o Sr. Paulo Paim deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Thieres Pinto.)</i></p>
16:48 <b>R</b>	<p>623. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Thieres Pinto. Bloco Moderador/PTB - RR) – Obrigado, Senador Raimundo Lira, pelo seu pronunciamento. PMDB da Paraíba.</p> <p>624. Passo a palavra ao Senador José Maranhão, PMDB da Paraíba.</p> <p>625. Senador, o senhor está com a palavra. O senhor tem vinte minutos.</p> <p>626. <b>O SR. JOSÉ MARANHÃO</b> (PMDB - PB. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, acometido de uma virose gripal, já há quase uma semana, que me atingiu sobretudo nas cordas vocais, eu gostaria de me reservar para fazer um pronunciamento mais detalhado, mais profundo e à altura do que representa a transposição do São Francisco para a Paraíba e para todo o Nordeste setentrional. No entanto, eu quero fazer aqui um breve registro, dada a importância desse evento.</p> <p>627. Amanhã, a Paraíba estará recebendo de braços abertos e corações transbordantes de alegria o Presidente Michel Temer, que vai fazer a entrega ao nosso Estado de mais uma etapa da transposição das águas do São Francisco. É evidente que, como a Paraíba tem dois braços da transposição, temos o Eixo Leste, que é esse que será inaugurado amanhã, e o Eixo Norte, que se destina ao Alto Sertão, em direção ao Rio Grande do Norte e ao Ceará.</p> <p>628. Mas, sem dúvida nenhuma, a nossa maior angústia em função da seca, que já nos assola há cinco anos, é exatamente o Eixo Leste. Esse, que o Presidente Temer, com a coragem, a decisão e a determinação de um verdadeiro estadista, entregará, sensibilizando-se com a situação da população que reside ali no Eixo Leste, que tem como centro uma das maiores cidades do Nordeste brasileiro, Campina Grande, que contribui para o desenvolvimento do nosso Estado e o desenvolvimento de todo o Nordeste, mas que está ameaçada de padecer de privação total de recursos hídricos. Digo isso porque é lógico que não seria humanamente admissível que se tivesse outra alternativa, senão a transposição</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>do São Francisco.</p> <p>629. Campina Grande e todo o Compartimento da Borborema, assim como 70% do território da Paraíba, estão encravados na região geologicamente classificada como Cristalino. É conhecido dos hidrogeólogos da ciência que, no Cristalino, não existem lençóis d'água subterrâneos. E é evidente que a única reserva que nós contávamos – e ainda contamos, embora precariamente –, o Açude Boqueirão, já estava no final da sua capacidade de fornecer água para o abastecimento de Campina Grande.</p>
<p>16:52</p> <p>R</p>	<p>630. Portanto, se não fosse a coragem, a determinação do Presidente Temer, evidentemente, amanhã nós não iríamos ter essa alegria, esse contentamento e, sobretudo, essa tranquilidade de estar recebendo água adequada nessa etapa, não para praticar irrigação, mas para socorrer as necessidades de consumo d'água da população, necessidades que são insubstituíveis. E, no caso típico da Paraíba, dificilmente existiria outra solução que não fosse essa que amanhã vai ser implementada, a transposição do São Francisco.</p> <p>631. Ainda no governo Dilma, eu fui convidado para integrar a comitiva de Sua Excelência, numa viagem que ela fez a Campina Grande, para inaugurar um conjunto habitacional. E ela me fez uma pergunta: "Senador, qual é o maior problema da Paraíba?" E eu, sem pestanejar, disse a ela: "Água de beber." Não é água para irrigação; não é água para fins industriais; não é água para as necessidades de higiene dos lares, não. É água de beber. Campina Grande está ameaçada de passar por uma grande tragédia. E aí eu descrevi a ela exatamente isso que acabei de falar aqui.</p> <p>632. Nós não temos água para socorrer a população. Eis que o único reservatório em condições de fazê-lo está pouco a pouco se esgotando.</p> <p>633. S. Ex<sup>a</sup> – eu vou fazer aqui um ligeiro comentário, e um comentário que faço com toda a isenção, porque vou dar o mérito ao seu dono –, o Senador Raimundo Lira, disse aqui, agora, o que sempre eu tenho dito: quem tomou a decisão de fazer a transposição, na história do Brasil, foi o Presidente Lula. E veja que eu sou adversário do Presidente Lula, mas a verdade precisa ser dita e ser reconhecida, porque este País não pode viver de enganação. Não é lícito que um homem público sonegue a verdade dos fatos, simplesmente porque está a serviço de um interesse político. Ele foi aquele que teve a coragem, a determinação de iniciar esse projeto, de adotar esse projeto que vinha desde o Império. Ninguém tem dúvida disso. A história registra. Ele foi o único que teve coragem de abraçar o projeto e dar a ele a necessária celeridade, rapidez na execução. Não pôde terminar no período de seu governo, mas deixou o projeto bem avançado. Eu não posso dizer o mesmo da Presidente Dilma. Ela não tratou essa questão com o zelo, com a consciência cívica que teve o Presidente Lula. E, por isso, nós chegamos ao Governo Temer ameaçados de passar por uma grande crise.</p>
<p>16:56</p> <p>R</p>	<p>634. Graças a Deus, o Governo de Temer teve a coragem de propiciar os recursos necessários para que a obra, em três turnos por dia, chegasse ao ponto em que está chegando, de modo que amanhã será a sua grande celebração.</p> <p>635. Então, eu quero registrar aqui esse fato, porque acho que é historicamente importante.</p> <p>636. Eu já ouvi, lá na Paraíba, muitas pessoas quererem assumir a autoria, a paternidade desse projeto. Esse projeto é grande demais para pertencer a uma só pessoa, para pertencer a um só partido, para pertencer a uma só liderança. Todos, sem exceção, colaboraram. Uns colaboraram mais, outros colaboraram menos, mas, na hora da alegria, da satisfação, até essa distinção, essa graduação de apoio, é bom que não se fale nela.</p> <p>637. Agora, eu queria registrar aqui um fato. Eu estou aqui, em mãos, com este fascículo que é o chamado Plano das Águas, que lá na Paraíba todo mundo conhece. Esse plano, modéstia à parte, foi concebido e executado no meu</p>



Horário	(Texto com revisão.)
	<p>governo. E qual foi a visão desse plano? A Paraíba é pobre de águas de subterrâneo; os abastecimentos d'água têm que ser feitos com a água de superfície, com as águas que estão nas barragens, nos açudes; mas acontece que, em muitos açudes – o exemplo maior disso é o Coremas-Mãe d'Água, que soma 1,28 bilhão de metros cúbicos –, essa água estava represada, sim. Mas há 70 anos ela estava represada, sem ter a necessária utilidade, porque os governantes não cuidaram de fazer a sua distribuição para os Municípios do entorno.</p> <p>638. Nós fizemos, então, o Plano das Águas e distribuímos as águas do Coremas-Mãe d'Água a todas as cidades no Vale do Sabugi, a partir da cidade de Patos, que é a maior do sertão da Paraíba, mas seguindo também na região de Espinharas – toda a região de Espinharas. E, neste momento, todos, mesmo com as dificuldades que estão aí, estão recebendo água em seus lares.</p> <p>639. E eu chamo para uma reflexão: se não fosse esse Plano das Águas, como estaria a Paraíba hoje, com a seca de cinco anos? Estaria toda condenada a utilizar água transportada em carro-pipa, com as interrupções inevitáveis, com os custos elevadíssimos e, sobretudo, com a qualidade comprometida para a saúde pública do povo.</p> <p>640. Então, nós fizemos essa adutora e fizemos mais cinco adutoras, somando, no total, 1.280km, para distribuir água dos mananciais já existentes na Paraíba e daqueles outros, como é o caso de Acauã, que nós realizamos em nosso governo.</p>
<p>17:00</p> <p>R</p>	<p>641. O que aconteceria com a transposição? A transposição chegará até Boqueirão. E depois de Boqueirão? Onde ficaria a água? Ficaria em Boqueirão. No máximo, chegaria a Campina Grande, porque já existe uma adutora de Boqueirão para Campina Grande. E os outros Municípios? Sem as adutoras, não iriam receber imediatamente as águas do São Francisco, porque estão no Planalto da Borborema e, por um princípio da Física, evidentemente, a água só sobe serra se for pressurizada em adutoras.</p> <p>642. Amanhã – não amanhã literalmente, mas daqui a 45 dias, quando a água chegar em Boqueirão –, os habitantes de Pedra Lavrada, que estão nos confins do Curimataú, do Cariri da Paraíba, estarão também recebendo água de Boqueirão, que será a água do São Francisco, porque nós tivemos a iniciativa de preparar a Paraíba para isso.</p> <p>643. Da mesma forma, quanto ao Plano de Integração da Bacia Hidrográfica de Acauã, que também serve a Campina Grande e serve a todas as cidades do Vale do Paraíba, a Paraíba estará também se beneficiando, porque, chegando a Boqueirão, chegará a Acauã, chegará ao Vale do Mamanguape e aos vales do Paraíba, entre o Açude de Araçagi – que nós construímos e que hoje é a salvação de toda a região do Brejo – e o Açude Acauã.</p> <p>644. Então, o que eu quero dizer com isso tudo... E até quero repetir uma frase aqui, da época em que estava no governo do Estado. Um dia, um jornalista de oposição, marcadamente radical, me perguntou, numa entrevista: "E o dinheiro da privatização da Saelpa, o que é que o senhor vai fazer com ele?" Eu respondi: "Eu vou fazer água." O dinheiro da Saelpa, que era a empresa de distribuição de energia do Estado e que foi privatizada dentro de um projeto nacional do qual não pudemos fugir, foi o recurso necessário para fazer toda essa obra de adução no Estado da Paraíba.</p> <p>645. Então, eu posso dizer hoje que, com o Plano das Águas, este plano a que eu estou me referindo, que foi concebido e realizado no meu governo, a transposição imediatamente vai ter grande utilidade. Aí se inclui também – o Senador Lira falou aqui sobre isso e falou oportunamente – o terceiro braço da adução da transposição na Paraíba, que é aquele ramal pequeno, para a importância que tem na vida econômica e social do nosso Estado, que fará a água da transposição cair no Rio Piancó. E, caindo no Rio Piancó, chegará ao</p>

Horário	(Texto com revisão.)
17:04 R	<p>Açude Coremas-Mãe D'Água, que hoje – graças a essa adutora a que estou me referindo – abastece a mais de 50 localidades, com água tratada, água limpa, água pura e abundante.</p> <p>646. Também se beneficiará com isso o Rio Grande do Norte, porque existe, no represamento do sistema Coremas-Mãe D'Água, um sangramento permanente, que cai no Rio Piranhas e termina no Rio Grande do Norte, no Açude Itans, que fica no Município de Caicó. Então, esse terceiro braço representa uma redenção extraordinária para a Paraíba, porque é a distribuição das águas do São Francisco. As águas do São Francisco não podem morrer no Boqueirão e não vão morrer, porque, chegando ao Boqueirão, a outra parte já está feita, a que me referi aqui. Mas, com esse terceiro braço, chegando ao Coremas-Mãe D'Água, ele vai terminar no Rio Grande do Norte, beneficiando também o Estado vizinho.</p> <p>647. Era este o registro que eu queria fazer: a Paraíba está preparada para receber a transposição do São Francisco, graças a Deus.</p> <p>648. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Raimundo Lira. PMDB - PB) – Muito bem, Senador José Maranhão. O depoimento de V. Ex<sup>a</sup> reforça a importância e a alegria de todos nós paraibanos e nordestinos em relação à chegada da transposição do Rio São Francisco.</p> <p>649. E aqui, antes de encerrar esta sessão deliberativa, eu gostaria de informar, especialmente aos paraibanos, sobre a duplicação da BR-230 no trecho Campina Grande e Praça do Meio do Mundo, que inclusive atendeu Campina Grande com a construção de três grandes viadutos: o Presidente da República, Michel Temer, amanhã, no evento da transposição, passaria também por Campina Grande e assinaria a ordem de serviço para essa obra. Ela foi adiada em função do consórcio que ficou em segundo lugar na licitação realizada dia 16 de dezembro aqui, em Brasília. Esse consórcio, não satisfeito por não ter ganhado a concorrência, entrou com um pedido de liminar na 5<sup>a</sup> Região da Justiça Federal, em Recife, e essa liminar foi despachada ontem. Portanto, o Presidente Temer ficou impedido de determinar o início desta grande obra, uma das grandes aspirações do povo da Paraíba, que é a duplicação da BR-230, de Campina Grande até Cajazeiras.</p> <p>650. Vamos aguardar, portanto, mais alguns dias, poucos dias, porque essa obra é uma realidade.</p> <p>651. <b>O SR. JOSÉ MARANHÃO</b> (PMDB - PB) – Não é de boa prática regimental apartear o Presidente. Portanto, eu não estou apartear V. Ex<sup>a</sup>, mas quero apenas dar um contributo para o assunto que V. Ex<sup>a</sup> está tratando aí, que é da maior oportunidade e importância para a economia e para o povo da Paraíba em geral. Esta estrada, a BR-230, que nasce em Cabedelo, é o quilômetro zero da Transamazônica. Essa estrada foi realizada pelo meu governo. Ronaldo a tinha iniciado, fez um pequeno trecho de uns cinco ou seis quilômetros, mais ou menos, e nós concluímos a estrada até Campina Grande.</p>
17:08 R	<p>652. Já quando eu fui candidato a Prefeito de João Pessoa, eu inseri no meu projeto de governo um item que era a construção da terceira e da quinta pistas, à direita e à esquerda, porque essa estrada entre Cabedelo e Oitizeiro, em João Pessoa, deixa de ser uma estrada interestadual para ser uma estrada interna, uma via pública do Município de João Pessoa, porque corta os bairros mais populosos, todo o litoral norte, distribui uma parte de seu tráfego para o litoral sul, mas passa nos dois maiores bairros de João Pessoa, que são os bairros de Mangabeira, Geisel e outros. Esses bairros têm uma população de 200 mil habitantes; portanto, é uma população muito importante.</p> <p>653. O que eu queria registrar aqui é o seguinte: às vezes, na política também existe aquela máxima de que quem ri por último ri melhor. Os meus adversários, na época em que eu estava fazendo a estrada, achavam que a estrada não tinha importância, que não tinha densidade e que havia outras obras mais prioritárias. E hoje está aí a realidade desmentindo aqueles pessimistas presságios de que</p>

Horário	(Texto com revisão.)
	<p>não havia necessidade. Ai da cidade de João Pessoa se não fosse a duplicação da BR-230, que desafogou todo esse tráfego, e de uma forma tão marcante que o tempo se encarregou de dizer que nós nos antecipamos ao futuro, esse futuro que está chegando agora graças às emendas da nossa Bancada, emendas de Bancada, propiciando os recursos já para fazer a terceira e a quinta pistas, ou seja, mais uma pista à direita e à esquerda. E, se Deus quiser e a Paraíba continuar crescendo, daqui a dez anos vamos fazer outras pistas, porque nosso Estado está fadado a crescer e a se desenvolver e não pode se contentar com soluções acanhadas.</p> <p>654. <i>(Durante o discurso do Sr. José Maranhão, o Sr. Thieres Pinto deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Raimundo Lira.)</i></p> <p>655. <b>O SR. PRESIDENTE</b> (Raimundo Lira. PMDB - PB) – Muito bem, Senador José Maranhão.</p> <p>656. Eu quero agora encerrar esta sessão deliberativa, porque não há mais nenhum orador presente.</p> <p>657. Muito obrigado.</p> <p style="text-align: right;">658. <i>(Levanta-se a sessão às 17 horas e 10 minutos.)</i></p> <p>659. <b>DISCURSO ENCAMINHADO À PUBLICAÇÃO, NA FORMA DO DISPOSTO NO ART. 203 DO REGIMENTO INTERNO.</b></p>